UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CARLOS ESTEVÃO FERREIRA CASTELO

EXPERIÊNCIAS DE SERINGUEIROS DE XAPURI NO ESTADO DO
ACRE E OUTRAS HISTÓRIAS

(versão corrigida)

São Paulo
Março, 2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**EXPERIÊNCIAS DE SERINGUEIROS DE XAPURI NO ESTADO DO
ACRE E OUTRAS HISTÓRIAS**

(versão corrigida)

Carlos Estevão Ferreira Castelo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História Social, do Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi

“De acordo”, em ____/____/2014.

São Paulo
Março, 2014

Para Aurélia Ferreira Castelo e Estevão Pereira
Castelo, meus pais. O início do caminho.

Para Cintia Pereira Castelo, Pedro Guilherme
Pereira Castelo e Júlia Pereira Castelo. Sem
vocês, nada feito.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo;

A todos os seringueiros e seringueiras de Xapuri/AC que produziram comigo essa pesquisa. Com especial carinho à seringueira Cecília Teixeira do Nascimento, que faleceu um ano após conceder seu relato para o presente trabalho;

À Universidade Federal do Acre (UFAC), e Universidade de São Paulo (USP), pela promoção, em parceria, do Doutorado Interinstitucional (DINTER);

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que viabilizou as viagens e estadas em São Paulo/SP, concedendo a bolsa;

Ao Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e dos Conflitos da FFLCH /USP (DIVERSITAS), onde obtive material para leitura, participei de importantes debates com seus pesquisadores, utilizei equipamentos de informática e sala para estudo.

À Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pró-Reitora de Pesquisas da Universidade de São Paulo (USP), que também contribuíram, de forma decisiva, para a realização do Doutorado em parceria com a UFAC;

À professora Zilda Iokoi, pela valiosa e essencial orientação. Também pelos ensinamentos e acolhimento em São Paulo;

Ao Professor Marcos Antônio da Silva, coordenador do DINTER na USP, pela contribuição ao projeto, ensinamentos e acolhida em São Paulo;

Ao Professor Savio da Costa Maia, coordenador do DINTER pela UFAC, pelas contribuições ao projeto e resolução eficiente das questões operacionais no Acre;

Aos professores Antônio de Almeida Junior (ESALQ/USP), Luis Guilherme Galeão Silva (Instituto de Psicologia/USP), Sérgio Bairon Blanco Sant'Anna (ECA/USP), Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron (FFLCH/USP) e Marcos Antônio da Silva (FFLCH/USP) pelos aprendizados nas disciplinas que ministraram e contribuições ao projeto da pesquisa;

Aos professores Renato da Silva Queiroz (FFLCH/USP) e Ariovaldo Umbelino de Oliveira (FFLCH-USP), pelas valiosas contribuições no processo de qualificação.

À Teresa Cristina Teles e Assad Abdalla Ghazal, pela disponibilidade e colaboração nas questões operacionais em São Paulo;

Aos amigos Mateus Barros, Cassia Milena e Diva Luisa de Luca, pela amizade, contribuições e caronas em São Paulo;

Aos professores doutorandos da UFAC que estiveram vinculados ao DINTER nesses quatro anos (2011-2014), pelas sugestões que melhoraram o meu projeto de pesquisa. Em especial aos Professores Eduardo Araújo Carneiro (UFAC), Geórgia Pereira Lima (UFAC) e Franciele Maria Modesto Mendes (UFAC).

RESUMO

CASTELO, Carlos Estevão Ferreira. **Experiências de seringueiros de Xapuri no Estado do Acre e outras histórias.** [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

Neste trabalho procura-se desenvolver reflexões acerca das mudanças nos modos de vida que os seringueiros de Xapuri/AC vêm experimentando desde o assassinato de Chico Mendes, em 1988. Neste sentido, as atenções e energias do estudo foram concentradas na tentativa de perceber, principalmente a partir de relatos coletados com moradores do Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira e Reserva Extrativista Chico Mendes, os novos temores, as novas experiências e os novos desafios, entre outras histórias experimentadas pelos seringueiros residentes nos locais pesquisados. Para isso, procurou-se estabelecer um diálogo com as experiências desses sujeitos sociais, objetivando traduzir, por meio de relatos colhidos, *in loco*, as vozes, os rostos e as vivências humanas na cena do estudo. A História Oral foi a estratégia metodológica principal utilizada para a obtenção das fontes. Entretanto, também fontes escritas foram utilizadas. A análise e o diálogo com as fontes apontam que as principais modificações no viver dos sujeitos pesquisados aconteceram, principalmente, após a chegada ao poder estadual de um grupo político denominado “Frente Popular do Acre”. Esse Governo, que se autodenominou “Governo da Floresta”, realizou investimentos patrocinados por organizações internacionais que trouxeram mudanças significativas no *modus vivendi* das pessoas do interior das matas xapurienses. Essas mudanças melhoraram a vida dos sujeitos, mas também trouxeram problemas, riscos e prejuízos. A possibilidade do desaparecimento dos seringueiros, deixando o território limpo para outras explorações, constituiu-se em uma das importantes questões que a pesquisa evidenciou e suscita no meio social da floresta xapuriense.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências, Seringueiros, Modos de Vida.

ABSTRACT

This work seeks to develop reflections on the changes in the lifestyles the rubber tappers from Xapuri/AC have been experiencing since the murder of Chico Mendes, in 1988. In this sense, the attention and the energy of the study were concentrated on trying to perceive, mainly from the reports of the dwellers of the Cachoeira Extractive Settlement Project and the Chico Mendes Extractive Reserve, the new fears, the new experiences and the new challenges, among other stories the rubber tappers residing in the surveyed areas have gone through. For this purpose, a dialogue was established with the experiences of those social subjects, aiming to translate, through the reports collected, in loco, the voices, the faces and the living experiences in the scene of the study. The Oral History was the main methodological strategy used to obtain the sources. However, written sources were also used. The analysis and the dialogue with the sources indicate that the major changes in the living of the studied subjects happened, primarily, after a political group called “Popular Front of Acre” came to power state. That Governance, which called itself “Government of the Forest”, sponsored investments held by international organizations which brought significant changes to the *modus vivendi* of the people from the interior of Xapuri’s forest. Those changes have improved the life of the subjects, but they also brought problems, risks and damages. The possibility of disappearance of the rubber tappers, leaving the territory clean for other holdings, constituted itself into one of the important questions that the survey evidenced and raises in the social environment of Xapuri’s forest.

KEYWORDS: Experiences, Rubber tappers, Livelihoods.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da Reserva Chico Mendes no Acre	30
Figura 2 - Mapa da Reserva Chico Mendes	31
Figura 3 - Croqui de localização (Rede 1 - Resex Chico Mendes)	32
Figura 4 - Localização do PAE Chico Mendes (ou Cachoeira)	34
Figura 5 - Croqui de localização (Rede 2 - PAE Cachoeira ou Chico Mendes)	35
Figura 6 - Trabalhadores reunidos em seringal (não identificado) do Município de Xapuri/AC para realizar um “empate”	42
Figura 7 - Capa da Edição número 16 do Jornal Varadouro	42
Figura 8 - Seringueiro defumando o látex para formar as “pélas” de borracha, técnica apurada com os indígenas	53
Figura 9 - Extração do látex da seringueira (<i>hévea brasiliensis</i>)	54
Figura 10 - Apresentação dos soldados da borracha para o embarque nos caminhões	56
Figura 11 - Reunião na casa da Sra. Valdiza, para a escolha da data de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia. Sindicato fundando no dia 21 de dezembro de 1975	67
Figura 12 - Manifestação de seringueiros em Xapuri/Ac, em dezembro de 1988	69
Figura 13 - Velório de Wilson Pinheiro (1980)	70
Figura 14 - Chico Mendes em reunião com representantes do BIRD	72
Figura 15 - Vista dos fundos da casa de Chico Mendes em dezembro de 1988	75
Figura 16 - Velório de Chico Mendes em Xapuri (Dezembro de 1988)	77
Figura 17 - Seringueiro Raimundo Souza do Nascimento	88
Figura 18 - Fachada da casa de Raimundo Souza Nascimento	91
Figura 19 - Fachada da casa de Raimundo Souza Nascimento	91
Figura 20 - Vista da colocação de Raimundo Souza Nascimento	94
Figura 21 - Seringueiro José Ribamar Silva Batista	95
Figura 22 - Taxa anual de desmatamento na RESEX Chico Mendes (1988 a 2010)	111
Figura 23 - Organizadores do “I festival de som e sol na praia do Amapá no Rio Acre”	113
Figura 24 - Logomarca do Governo Jorge Viana (1999/2002 e 2003/2006)	114
Figura 25 - Residência do seringueiro Manoel Pantoja da Silva	124
Figura 26 - Residência do seringueiro Manoel Pantoja da Silva	125
Figura 27 - Residência do seringueiro Jorge Monteiro da Silva	126

Figura 28 - Residência do seringueiro Aluísio Teles	126
Figura 29 - Lixo da colocação Fazendinha, no PAE Cachoeira	131
Figura 30 - Imagem de Santo na frente da Capela de “São João do Guarani”	134
Figura 31 - Seringueiro Raimundo Nonato Correia Dias	139
Figura 32 - Vista do roçado da colocação de Raimundo Nonato Correia Dias	140
Figura 33 - Vista da cozinha da residência de Raimundo Nonato Correia Dias	141
Figura 34 - Vista da cozinha da residência de Raimundo Nonato Correia Dias	143
Figura 35 - Vista do jirau da cozinha de Raimundo Nonato Correia Dias	144
Figura 36 - Padre Claudio Avalone (iniciou a Teoria da Libertação em Xapuri)	154
Figura 37 - Carro da NATEX coletando o látex no Ponto de Recolhimento (PR)	183
Figura 38 - Caminhão da SEAPROF coletando o látex no Posto de Recebimento	183
Figura 39 - Reserva Chico Mendes. Situação dos “varadouros” antes da implantação da NATEX	185
Figura 40 - Reserva Chico Mendes. Situação dos “varadouros” depois da implantação da NATEX	186
Figura 41 - Filhas do seringueiro Marivaldo Lima	190
Figura 42 - Antena parabólica na residência de Paulo Jorge na Resex Chico Mendes	191
Figura 43 - Carne salgada e exposta ao sol para conservação	192
Figura 44 - Livros didáticos e paradidáticos do “Projeto Seringueiro”	198
Figura 45 - Seringueiro Jorge Monteiro da Silva em sua cozinha concedendo a entrevista	230
Figura 46 - Utensílios da cozinha da casa do seringueiro Jorge Monteiro da Silva	232
Figura 47 - Mario Honorato de Souza, momentos antes de conceder seu relato	238
Figura 48 - Parede decorada da residência do seringueiro Mario Honorato	243
Figura 49 - Cozinha da residência do seringueiro Mario Honorato	244
Figura 50 - Portfólio de Investimento do Estado do Acre 2011- 2014	248
Figura 51 - Apoiadores e financiadores do Zoneamento Ecológico-Econômico	254
Figura 52 - Placa informando a existência de extração florestal no PAE Cachoeira	268
Figura 53 - Trator tipo skid em operação no PAE Cachoeira	269
Figura 54 - Criação de gado na Região do PAE Cachoeira	277
Figura 55 - Sede da Igreja Evangélica “Deus é Amor” (PAE Cachoeira)	278

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Casos de malária e leishmaniose na região pesquisada em Xapuri/AC (PAE Cachoeira e RESEX Chico Mendes)	201
---	-----

LISTA DE SIGLAS

ANAC - Agência de Negócios do Acre.

ANPUH - Associação Nacional de História.

AMOPREX - Associação dos Moradores da Reserva Chico Mendes/Xapuri.

AMPPAE-CM - Associação dos Moradores do Projeto de Agroextrativista Chico Mendes.

ASPF - Análise de Sistemas de Produção Familiar.

AVC - Acidente Vascular Cerebral.

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento.

BIRD - Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento.

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

CAEX - Cooperativa Agroextrativista de Xapuri.

CAPEB - Cooperativa Agroextrativista de Brasileia.

CCJSA - Centro de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas.

CEB - Comunidade Eclesial de Base.

CEF - Caixa Econômica Federal.

CDDPH - Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana.

COLONACRE - Companhia Desenvolvimento Agrário e Colonização do Acre.

CNS - Conselho Nacional dos Seringueiros.

CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

COOPERACRE - Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre.

CRM - Conselho Federal de Medicina.

CTA - Centro dos Trabalhadores da Amazônia.

CUT - Central única dos Trabalhadores.

CPT - Comissão Pastoral da Terra.

ECA - Escola de Comunicação e Artes.

EIR - Exploração de Impacto Reduzido.

EMATER/AC - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Acre.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

ESALQ - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz".

FETACRE - Federação de Trabalhadores na Agricultura do Acre.

FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

FPA - Frente Popular do Acre.

FUNTAC - Fundação de Tecnologia do Estado do Acre.

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

IFAC - Instituto Federal de Educação do Acre.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

IMAC - Instituto de Meio Ambiente do Acre.

INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza.

ITTO - International Tropical Timber Organization.

LATEMAC - Laboratório de Tecnologia de Madeira.

NATEX - Fábrica de Preservativos masculinos de Xapuri.

MFC - Manejo Familiar Comunitário.

MMA - Ministério do Meio Ambiente.

ONG - Organização não Governamental.

ONU - Organização das Nações Unidas.

OXFAN - Comitê de Oxford para o Combate à Fome.

PAE - Projeto de Assentamento Agroextrativista.

PDA - Plano de Desenvolvimento da Amazônia.

PDSA - Programa de Desenvolvimento Sustentável do Estado do Acre.

PDS - Partido Democrático Social.

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

PIN - Programa de Integração Nacional.

PFNM - Produtos Florestais Não Madeireiros.

PGC - Programa Grande Carajás.

PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária.

POLAMAZÔNIA - Programa de Polos Agropecuários e Agro-minerais da Amazônia.

POLONOROESTE - Programa de Desenvolvimento Integrado da Região Noroeste.

PPG7 - Programa Piloto para Conservação das Florestas Tropicais no Brasil.

PR - Ponto de Recolhimento.

PROTERRA - Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte do Nordeste.

PC do B - Partido Comunista do Brasil.

PDT - Partido Democrático Trabalhista.

PMN - Partido da Mobilização Nacional.

PPS - Partido Progressista Socialista.

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira.

PSB - Partido Socialista Brasileiro.

PT - Partido dos Trabalhadores.

PT do B - Partido Trabalhista do Brasil.

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro.

PV - Partido Verde.

REDD - Redução de Emissões por Desmatamentos e Degradação Florestal.

RESEX - Reserva Extrativista.

SEFE - Secretaria de Estado de Florestas e Extrativismo.

SEMA - Secretaria de Meio Ambiente do Acre.

SEMTA - Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia.

SNAPP - Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará.

SESP - Serviço Especial de Saúde Pública.

SISA - Sistema Estadual de Incentivos a Serviços Ambientais.

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

STTR - Sindicato de Trabalhadores Rurais.

SUCAM - Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.

SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

SUFRAMA - Superintendência da Zona Franca de Manaus.

SVA - Superintendência para o Abastecimento do Vale da Amazônia.

TRE/AC - Tribunal Regional Eleitoral do Acre.

UDR - União Democrática Ruralista.

UFAC - Universidade Federal do Acre.

UFMG - Universidade Federal da Grande Dourados.

UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

UFV - Universidade Federal de Viçosa.

USP - Universidade de São Paulo.

WWF - World Wildlife Fund.

ZEE - Zoneamento Ecológico Econômico.

ZFM - Zona Franca de Manaus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: SERINGUEIROS EM MOVIMENTO	47
1.1 Do <i>boom</i> da borracha ao assassinato de Chico Mendes (um retorno necessário)	50
1.2 “Chora o mundo inteiro, morre o Chico, o Chico-Rei Seringueiro”	74
CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS NAS FLORESTAS DE XAPURI	80
2.1 Ponderações sobre os relatos e memória	101
2.2 Práticas cotidianas nas florestas de Xapuri	104
2.2.1 A vida cotidiana nos anos da década de 1990	105
2.2.2 A chegada do Governo da “florestania” (1999)	112
2.2.3 Práticas cotidianas nos anos de “florestania” (1999 a 2012)	120
CAPÍTULO 3: MUDANÇAS NOS MODOS DE VIDA: NOVOS TEMORES, NOVAS EXPERIÊNCIAS, NOVOS DESAFIOS	137
3.1 Mudanças nos modos de viver	176
3.1.1 Os seringueiros em movimento: mudanças recentes nos modos de viver	181
CAPÍTULO 4: INSATISFAÇÕES, RESISTÊNCIAS, RISCOS E PREJUÍZOS DA “MODERNIDADE FLORESTÂNICA”	203
4.1 Compreendendo contextos: relações do “Governo da Floresta” com a ideologia neoliberal de “esverdeamento da economia” e o manejo “sustentado” de madeira no PAE Cachoeira	247
4.1.1 Ampliando a escala de observação: O Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7)	251
4.1.2 Reduzindo a escala de observação: o manejo “sustentado” de madeira	259

4.2 Insatisfações, resistências, tentativas de “fazer dinheiro” e outras lutas	271
4.2.1 “Fazendo dinheiro” com gado	275
4.2.2 Sobre o crescimento das igrejas evangélicas	278
4.3 Riscos, estratégias do capital, e prejuízos da “modernidade”: algumas considerações	280
CONSIDERAÇÕES FINAIS	284
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	291
ANEXOS	303

INTRODUÇÃO

Esta narrativa inicia-se com a informação que a temática escolhida para pesquisar possui relação direta com a trajetória de vida¹ do Autor. Por isso mesmo pode-se dizer que a escolha do tema não se deu por acaso. Desde os primeiros movimentos de planejamento da tese existia a certeza de que o estudo deveria tratar dos seringueiros² habitantes das florestas de Xapuri, no Estado do Acre.

Ainda, por ocasião do processo seletivo do curso, provocado por uma argumentação durante um debate na Universidade Federal do Acre (UFAC) sobre Francisco Alves Mendes Filho - Chico Mendes decidiu-se elaborar um projeto de pesquisa com o objetivo de estudar esse líder seringueiro no imaginário social. A intenção era estudar Chico Mendes, hoje herói nacional, no imaginário de seus companheiros (também seringueiros) participantes do fato histórico que ficou conhecido no Estado do Acre, no final da década de 1970, e início dos anos de 1980, como “movimento de resistência contra a expropriação das florestas”. Expropriação essa diretamente relacionada à estratégia da ditadura militar (instaurada no Brasil em 1964 e encerrada em 1985) que, naquele momento, buscava promover a ocupação econômica da Amazônia brasileira, em bases supostamente modernas.

A seleção para o doutorado aconteceu com essa ideia de pesquisa. Entretanto, ainda no primeiro ano de curso, por influência dos diálogos travados em “Seminários de Pesquisa” ofertados pela Universidade de São Paulo (USP), em Rio Branco/AC, como também pelas

¹ Nasci na cidade de Xapuri/AC em dezembro de 1966, e desde criança vivi num mundo urbano. Entretanto, os costumes; a alimentação; parte da educação familiar; as pescarias; as caçadas; o desejo constante de banhos de açude e de rio; o ir “pegar” passarinhos, etc., apontavam-me para o mundo dos seringais, espaço onde meu pai viveu sua infância e adolescência. Em casa acostumei a escutar histórias da floresta; do tempo do “ouro negro” (a borracha era chamada de ouro negro no período áureo da produção/primeiro ciclo da borracha - 1890 a 1912); do “mappinguari”; do “curupira”, e da “mãe da mata” (lendas que os seringueiros costumavam contar aos filhos, algumas delas aprendidas com os indígenas).

² Quando faço referência nesta pesquisa ao termo seringueiro, ou seringueiros, estou me referindo aos sujeitos que vivem ainda hoje nas florestas do Acre praticando a extração do látex de seringueiras (*Hevea brasiliensis*); coletando castanha (*Bertholletia excelsa* H.B.K); criando pequenos animais, principalmente para autoconsumo; praticando agricultura e pecuária de pequena dimensão, entre outras atividades. No tempo presente, na luta pela sobrevivência na floresta, todas essas tarefas podem ser realizadas por uma única pessoa. Entretanto, o seringueiro clássico, do primeiro “ciclo da borracha” na Amazônia, dedicava-se exclusivamente à produção de borracha. Alerto, ainda, que o uso da expressão foi feita não com a ideia de classificar e ou normalizar. Até porque o sujeito é proteiforme - ou seja: ele assume identidades. Na floresta, durante a pesquisa de campo, encontrei, por exemplo, o sujeito que corta seringa; o sujeito que corta seringa e recebe o “bolsa família”; que tem seu plantio de “roçado”; que é pai; que trai a esposa; que joga dominó; que faz “bico” vendendo sua força de trabalho a outros; que vai à igreja; que não vota em candidato A ou B; que joga futebol. Inclusive, alguns que fazem questão de dizer que são seringueiros, mas não trabalham mais cortando seringa. Também sujeitos que podem matar o próximo quando são ofendidos, mas que se dizem defensores da floresta. Não considerá-los como seringueiros significaria negar a historicidade de suas vidas.

diversas leituras realizadas durante as primeiras disciplinas cursadas (que, diga-se de passagem, abalaram muitas certezas), decidiu-se pela mudança no foco de abordagem.

A proposta inicial foi abandonada e optou-se por investigar possíveis mudanças nos modos de vida dos seringueiros de Xapuri, no Estado do Acre, após 1988. Apesar do novo direcionamento, como pode-se perceber, permaneceu-se no “universo das colocações e dos seringais”³. Tinha-se clareza, talvez pela forte herança familiar, que era sobre esses sujeitos que se tentaria fazer avançar o conhecimento histórico.

Comentando sobre temáticas de pesquisa, Emília Viotti da Costa certa vez afirmou que um dos “problemas para quem está fazendo uma tese é, exatamente, decidir o quê escrever”. Decisão que, segundo esta autora, “se torna bastante importante, na medida em que o pesquisador poderá ficar marcado pelas escolhas que realizar”⁴. E, no caso desta tese, acredita-se que a temática escolhida tenha sido pertinente. Inclusive, a decisão pelo tema, de certa maneira, também expressa à existência de um vínculo afetivo entre os relatos e a história de vida do Autor. Assim, diz-se que se fosse diferente, se não houvesse esse vínculo, talvez o liame entre a vida e o percurso da pesquisa não se encontrariam.

Foi assim que definida a temática principal a pesquisa foi iniciada. E o objetivo (ainda não muito claro no princípio) centrou-se na identificação e na realização de reflexões acerca das principais modificações após o ano de 1988 no viver dos seringueiros de Xapuri/AC.

Nessa perspectiva, no intuito de alcançar os objetivos delineados, a decisão, como se diz alhures, foi buscar compreender as possíveis mudanças, sob a ótica da experiência vivida e narrada pelos próprios sujeitos da ação histórica. Dessa maneira, a História Oral foi escolhida como aporte metodológico. Ou seja, a proposta seria dialogar com as vozes dos sujeitos seringueiros, bem como observar (e analisar) seus modos de vida⁵. Mas sempre com o firme cuidado de não tornar preponderante o econômico, nas relações cotidianas, em

³ Um seringal, durante os “ciclos da borracha” na Amazônia, foi conceituado por economistas e historiadores regionais (principalmente) como a unidade produtiva de borracha. Local onde se travavam as relações sociais de produção. Mas deve-se apontar que, em outros termos, poderia também ser concebido como o espaço na floresta onde os seringueiros desenvolviam (ainda desenvolvem) uma cultura. Sendo assim, falar de seringal seria o mesmo que falar do modo de vida do seringueiro, pois o espaço é algo indissociável desta categoria. Observa-se que um seringal, no *boom* da borracha, era formado por diversas colocações, que correspondiam às unidades de moradia dos seringueiros no seringal.

⁴ Emília Viotti da Costa realizou essas falas durante uma conferência ministrada aos alunos de uma das disciplinas que se cursou na USP, em 2012: “Conflitos Contemporâneos em Perspectivas I”.

⁵ Sobre o observar os modos de viver, Teresa Caldeira *apud* Albuquerque (2005) indica que o pesquisador deve entrar no cotidiano das pessoas. Sem os dados da observação e da vivência, não se consegue interpretar bem as entrevistas e, conseqüentemente, o que resulta desses relatos na vida das pessoas do lugar.

detrimento de elementos políticos e culturais, sob o risco de fragmentar a realidade histórica regional.

Para a sustentação do olhar neutro sobre a preponderância do econômico, as leituras realizadas nas obras de E.P Thompson (autor que se tornou uma das inspirações teóricas desse trabalho) sinalizaram que a separação entre cultura e vida material se constitui elemento fragmentador da realidade histórica e social. Por isso mesmo, a preocupação em não privilegiar a economia foi uma constante em toda a caminhada da pesquisa.

Portanto, desde o princípio, definiu-se que nesta tese os seringueiros deveriam ser tratados como sujeitos do processo, como protagonistas. Mas sem esquecer outras vozes, como bem ensinou Viotti da Costa (1998), autora que também se tornou referência teórica importante. Dessa forma, o estudo começou a ser desenvolvido com uma perspectiva que possibilitasse compreender:

- a) Como os seringueiros pensaram as mudanças que vivenciaram a partir de 1988;
- b) Quais conflitos enfrentaram;
- c) As principais mudanças ocorridas em seus modos de viver;
- d) As relações cotidianas no interior da floresta;
- e) As relações com a cidade;

f) Como olharam e passaram a se relacionar com os “novos tempos acreanos”, ditos de “florestania”. Assim, entre tantas outras questões que perpassaram seus cotidianos, nas últimas décadas. (vale observar, como será visto adiante, que o discurso nominado de “florestania” tornou-se forte no Estado do Acre, principalmente a partir do ano de 1999, com a chegada ao poder estadual de um grupo político liderando pelo Partido dos Trabalhadores - PT que se autointitulou “Governo da Floresta” ou “Governo da Florestania”).

Com o início do trabalho de “mato” e, principalmente, dialogando, criticamente, com os primeiros relatos que foram coletados na floresta, percebeu-se que as mudanças que se pretendia analisar eram múltiplas e significativas. Havia, portanto, muita coisa a ser estudada. Foi um momento decisivo, pois ficou claro que o trabalho carecia de maior delimitação.

A cada novo relato obtido, a cada nova experiência vivenciada nas florestas de Xapuri/AC, descobria-se que os sujeitos residentes nas duas áreas significativas escolhidas para trabalhar (Reserva Extrativista Chico Mendes - RESEX Chico Mendes e Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes - PAE Chico Mendes) estavam em um constante movimento de mudanças.

O avanço na pesquisa também tornava evidente que as principais modificações na vida dos seringueiros, no espaço temporal considerado, direcionavam para o período pós 1999. Ou seja, as políticas e práticas do “Governo da Floresta” precisariam ser analisadas.

Os colaboradores da pesquisa falavam de modificações provocadas pelas melhorias nos ramais; de mudanças provocadas pela chegada da luz elétrica (programa “Luz para Todos”); dos novos hábitos adquiridos por meio de programas televisivos, até então desconhecidos. Também não se podia desprezar os impactos sofridos na vida dos mais jovens, por força de programas educacionais. Todas essas ‘novidades’ e ‘transformações’ que os encantavam (algumas), e que os induziam à aquisição de coisas que sequer conheciam.

Uma experiência fantástica, por exemplo, foi a transformação de antigos varadouros⁶ em ramais trafegáveis no verão. Esse fato havia provocado o “encurtamento das distâncias” e tornado o transporte mais rápido no interior da floresta (e da floresta até a cidade de Xapuri). Com isso, o isolamento a que os seringueiros eram submetidos reduziu-se de forma importante, impactando, significativamente, em seus cotidianos. Também “novas” e “modernas” mercadorias passaram a ser colocadas à disposição das pessoas.

Então, à medida em que os relatos eram analisados, mostravam as ricas evidências sobre as modificações nos modos de se viver nas florestas de Xapuri/AC, assim, também, confirmavam a sinalização inicial de que as modificações mais significativas no período de análise haviam acontecido, principalmente a partir de 1999. As evidências repetidas não deixavam dúvidas de que os investimentos realizados pelo “Governo da Floresta”, na região, deveriam ser considerados como fundamentais na mudança do cenário da vida do lugar.

Mas, ao mesmo tempo em que coisas “boas” encantavam os seringueiros, descobriam-se impossibilidades de trocas; modificações em processos produtivos; mudanças intensas nas formas do uso da terra; proibições de exercer práticas antigas, etc. Mudanças, inclusive, nos sonhos dos mais jovens, que insistiam em comentar sobre desejos de “morar na cidade” e de “fazer uma universidade”.

As inquietações provocadas pelos relatos dos colaboradores, e pelas conversas com seus filhos, direcionaram para algumas possibilidades interpretativas e questionamentos: Não estaria em processo, nas matas de Xapuri/AC, um “movimento invisível” que “empurrava” as

⁶ Varadouros eram (ainda hoje os seringueiros utilizam essa expressão) pequenas estradas na floresta que ligavam o barracão (sede do seringal) às colocações (local onde o seringueiro reside. Representa o espaço principal da vida cotidiana e de trabalho dentro da mata); as colocações entre si; um seringal a outro, e os seringais até as sedes municipais (cidade). Através desses trechos, na época do “ouro negro”, passavam os comboios (de animais com cargas) que deixavam mercadorias para os seringueiros e traziam “pélas” de borracha para o barracão.

famílias para fora da floresta? Um novo aumento da concentração de terras pelo capital, na região, estaria acontecendo? O território estaria passando por um processo de esvaziamento?

Esses e outros questionamentos direcionaram a pesquisa para a busca de explicações não só sobre as mudanças em si (figura), como também (e principalmente) sobre “coisas” que poderiam estar por trás de outras (pano de fundo). Desse modo, a problemática central do trabalho foi refinada sendo a questão central definida da seguinte maneira: quais impactos os processos de modernidade (ou modernização) provocaram nos modos de viver dos seringueiros de Xapuri, no Estado do Acre, a partir do assassinato de Chico Mendes, em 1988, e quais os possíveis riscos envolvidos em tais processos?

Neste ponto vale observar que a expressão modernidade, devido ao caráter ambíguo e polissêmico do conceito (LOWY, 1992), pode provocar interpretações diversas. Dessa maneira, visando evitar confusões, cabe esclarecer que, nesta pesquisa, quando se usa o termo modernidade e/ou modernização, a interpretação está centrada em um conjunto de ações desenvolvidas na região acreana depois do assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, em dezembro de 1988. Processos que, principalmente após o ano de 1999, relacionaram-se com políticas e práticas implementadas pelo governo estadual e que objetivavam, entre outras questões, viabilizar “econômica e socialmente” territórios acreanos “protegidos” (Reservas Extrativistas e Projetos de Assentamento Agroextrativistas). Como será visto adiante, muitas dessas políticas e práticas foram enquadradas, conceitualmente, como “neoextrativismo” (melhoramento técnico, por dentro, do extrativismo de borracha e castanha).

Vale notar que, no caso acreano, as reservas e projetos de assentamento extrativistas resultaram de intensas lutas dos seringueiros contra outro processo modernizante (e expropriador) anterior. Neste caso, diretamente relacionado com a estratégia de “integrar para não entregar” do governo militar para a Amazônia, marcada por incentivos fiscais, creditícios, e por obras de infraestrutura como a “Transamazônica”. Inclusive, no caso específico do Acre, a modernização dos militares quase extinguiu os seringueiros enquanto categoria social como será visto no capítulo 1.

Isto posto, destaca-se que este trabalho também faz parte de uma autoavaliação crítica da trajetória do Autor como economista e professor de economia quantitativa na Universidade Federal do Acre (UFAC). Neste sentido, deve-se dizer que muitas das leituras realizadas abriram novas e interessantes possibilidades, inclusive para compreender os processos estudados.

Com respeito à relevância do trabalho, aponta-se que o mesmo diferencia-se de muitas interpretações encontradas nas pesquisas acadêmicas sobre a temática na região. Principalmente devido a maioria delas centra-se em análises estruturais/conjunturais, não apontando uma posição crítica do que era realmente (e ainda é) a vida dos sujeitos políticos e sociais protagonistas deste trabalho (os seringueiros). Portanto, na busca de um caminho diferente, e também por influências obtidas nas leituras de Albuquerque (2005), durante todo o desenvolvimento da pesquisa procurou-se ver os seringueiros como seres dotados de hábitos, costumes, crenças, que vivem contradições e experimentam condições objetivas na subjetividade de seus modos de ser. Sujeitos que se fazem seringueiros exatamente por suas diferenças e pluralidades.

Para caminhar nessa trilha foi fundamental adquirir maior sensibilidade sobre o viver regional. Notadamente para ser capaz de olhar as experiências contidas no vivido. Fato que aconteceu, principalmente, através das leituras das obras do autor E.P Thompson, considerado pioneiro da “história vista de baixo”. Inclusive, após as leituras desse importante pensador marxista inglês, passou-se a acreditar que até pode ser possível pesquisar a história da Amazônia, e de seus povos, sem o viés do tipo de história que o mesmo fez, embora seja um percurso muito mais difícil.

Deve-se acrescentar, ainda, que no esforço de pesquisa realizado, procurou-se demonstrar que na vida de cada um dos sujeitos envolvidos pulsam os ritmos da história. E, sendo assim, o movimento foi de tentar apresentar os seringueiros fazendo história, o tempo todo. Mas, dentro de condições que lhe são (e foram) dadas (VIOTTI DA COSTA, 1998). Isso tudo se tornou possível por meio do estudo das experiências, das práticas de subsistência, do cotidiano vivenciado, entre tantas outras questões que se fizeram presentes na vida dos sujeitos participantes desse fragmento de História Oral do Acre.

Apresentada essas primeiras considerações, nos dois tópicos a seguir destacam-se informações consideradas relevantes para a compreensão de alguns contextos relacionados com o período escolhido para a presente análise, com também sobre as escolhas e os aportes metodológicos utilizados para o alcance dos objetivos propostos.

O recorte temporal (1988-2012): alguns contextos

Após liderar os seringueiros contra o processo modernizante dos militares implementado na região Amazônica que, no Acre, promoveu a expropriação de muitas

famílias dos territórios que ocupavam desde o início do século passado, Francisco Alves Mendes Filho - o Chico Mendes - foi assassinado em 22 de dezembro do ano de 1988, na cidade de Xapuri/AC, a mando do fazendeiro Darly Alves da Silva. E, desde sua morte, muitas e relevantes mudanças passaram a acontecer no Estado do Acre (na floresta e na cidade). Nas cidades, principalmente na capital Rio Branco, nos dez primeiros anos, após a morte de Mendes (1988-1998), a população mais pobre (maioria) vivenciou anos difíceis. Anos que muitos conceituaram como de “esquadrão da morte” e “corrupção”.

O Palácio Rio Branco, sede do Governo, durante todo esse período foi ocupado por políticos de partidos ditos de “direita”. Inclusive um deles também foi assassinado. Em maio de 1992, o então governador, Edmundo Pinto de Almeida Neto, foi morto no hotel Della Volpe, em São Paulo, horas antes de depor na Comissão Parlamentar de Inquérito do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que apurava o desvio de verbas destinadas à construção de uma obra de infraestrutura em Rio Branco/AC, denominada “Canal da Maternidade”⁷.

Enquanto isso, no interior das florestas a vida também continuou sofrida após 1988, mesmo com a criação da Reserva Extrativista Chico Mendes no ano de 1990 (anexos). Reserva, deve-se anotar, que foi concebida e anunciada como a “reforma agrária dos seringueiros”. Seringueiros esses que precisavam prosseguir na luta pela sobrevivência, agora sem uma das mais importantes lideranças. Foi exatamente o que aconteceu, ou seja: as resistências, os avanços e os recuos continuaram.

Na cidade de Xapuri/AC, símbolo do “movimento de resistência contra a expropriação das florestas”, a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri (CAEX), organização que havia sido fundada poucos meses antes de Chico Mendes morrer, em busca da consecução e fortalecimento de seus objetivos socioeconômicos e com auxílio de organizações não governamentais (ONG’s) internacionais, consegue implantar uma usina de beneficiamento/descascamento de castanha. Era o ano da graça de 1990.

Com o objetivo de abastecer a usina com matéria-prima (castanha), a CAEX inicia o estabelecimento de um sistema de compras da produção diretamente dos “madrugadores da

⁷ De acordo com o Ministério Público Federal, foi por meio de um dossiê elaborado pelo Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), do Ministério da Justiça, que o esquadrão da morte no Acre se tornou público. O Dossiê foi encaminhado à Câmara dos Deputados, em 1998, informando sobre a atuação criminosa do então deputado federal Hildebrando Pascoal, no Estado do Acre. O documento relacionava o deputado a grupos de extermínio, crime organizado e narcotráfico. (Fonte: Ministério Público Federal. Esquadrão da Morte no Acre - Entenda o caso. Disponível em <<http://www.divulga-mpf.pgr.mpf.gov.br>> Acessado em 21/09/2012.

floresta”⁸ e, com esse procedimento, consegue alguns benefícios econômicos para os seringueiros da região, em razão, principalmente, do aniquilamento da influência de um sujeito social bastante presente nas matas xapurienses naquele momento: o “marreteiro”⁹.

Mas mesmo com a criação da Reserva Extrativista Chico Mendes e da CAEX a situação dos seringueiros de Xapuri continuou não sendo nada fácil. O isolamento, as doenças, e os preços em queda dos dois principais produtos oriundos da mata (castanha e borracha) não propiciavam rendimento suficiente para uma sobrevivência digna. Inclusive, muitas famílias abandonaram a floresta nesse período. Mudanças importantes estavam em processo nessa região do Acre, umas mais, outras menos visíveis.

E, assim, embora enfrentando dificuldades, os seringueiros que haviam permanecido nas matas, em busca da possível sobrevivência, continuaram extraindo o látex das seringueiras, tarefa importante para a produção de borracha. Eles também continuaram coletando castanha (que agora era vendida principalmente para a CAEX). Como nenhuma das duas atividades “dava conta de adquirir o básico” para o sustento da vida, os seringueiros passaram a intensificar a criação de gado, bem como de pequenos animais (maioria para autoconsumo). Também passaram a intensificar uma pequena agricultura comercial. Esses eventos foram observados por Ehringhaus (2005) que, inclusive, apontou seringueiros incorporando influências urbanas neste período.

Na academia era comum ouvir, na primeira década de 1990, que o extrativismo de borracha e castanha (dito tradicional) havia acabado. Que não possuía mais “viabilidade econômica”. Estudiosos do Brasil e do mundo questionavam a viabilidade da atividade em termos de economia, sustentabilidade social e ambiental¹⁰. Inclusive, alguns argumentavam que o extrativismo florestal “não madeireiro” não possuía condições alguma de diminuir a pobreza no longo prazo (BROWDER, 1990; HOMMA, 1992).

Entretanto, também nesse período, outras vozes sinalizavam em direções diferentes. Apontaram, por exemplo, para uma renovação no extrativismo tradicional, para um “neoextrativismo”, ou “extrativismo mais moderno”. Em outros termos, para um extrativismo melhorado tecnicamente¹¹.

⁸ Expressão apresentada por Polanco Ribeiro (2008), em sua dissertação de mestrado, para designar os seringueiros. O termo tem relação com o hábito de acordar cedo.

⁹ Os marreteiros eram sujeitos sociais que adentravam nas “colocações” comprando a produção dos seringueiros e, também, vendendo produtos industrializados. Sobre isso ver mais em Castelo (1991).

¹⁰ Fearnside (1989), Hecht e Cockburn (1990), Murrieta e Rueda (1995).

¹¹ Para maiores informações sobre o neoextrativismo ver REGO *et al.* (1996).

No ano de 1999 um grupo de jovens que se diziam apoiadores e sucessores do legado de Chico Mendes consegue ascender ao poder estadual, com o apoio da maioria dos seringueiros. Renovam-se as esperanças de muitos que viviam nas florestas. Esperanças de uma vida melhor e de “sair da crise”. Jorge Viana, um político do Partido dos Trabalhadores (PT) foi o Governador eleito. É com ele que funda-se o período denominado (pelo próprio Governo) de “Governo da Floresta” ou “Governo da Florestania”. E como será visto em maiores detalhes nos capítulos posteriores, as principais propostas de política para o que eles denominaram como “povos da floresta”, sustentavam-se, exatamente, no conceito do “neoextrativismo”.

Após a posse de Viana, várias iniciativas modernizadoras começam a ser efetivadas no Estado do Acre, visando à indução de um “novo modelo” de desenvolvimento. E nesse processo uma característica chamou a atenção: o desenvolvimento aparecia, com maior intensidade, adjetivado de “sustentável”. Esse “novo modelo”, de forma virtuosa, fazia a união entre as agendas ambiental, social e econômica. A saída para o Acre se desenvolver estaria, a partir do novo discurso estabelecido, no aproveitamento da única vantagem comparativa que o Estado possuía: a floresta. Para tentar dar conta de tudo isso é que foi criado o neologismo “florestania”.

O fato é que a crise do extrativismo tradicional (borracha e castanha) provocava tendências de mudanças no uso da terra. Mudanças essas que intensificavam as migrações do campo para as cidades e, ainda, provocavam aumentos de desmatamentos. Neste caso, devido à introdução de gado, mesmo em regiões onde a atividade era proibida, como na Reserva Extrativista Chico Mendes (MELO FITTIPALDY, 2012). Foi exatamente neste contexto que o “Governo da Floresta” iniciou o empreendimento de suas políticas, ações, e práticas ditas “neoextrativistas”. Segundo os gestores da época, um dos objetivos era “reverter a situação de crise dos seringueiros”.

Coincidentemente ou não, exatamente no mesmo período, observou-se, no Acre, um processo de heroificação de Chico Mendes no imaginário social, processo que culminou com a aprovação de um Projeto de Lei no Senado Federal (nº 326, de 1999). A exemplo de Plácido de Castro, Chico Mendes adentrava ao panteão dos heróis nacionais. O nome de Chico, ou mais precisamente o herói Chico Mendes, começava a ser firmado na “memória coletiva” da sociedade, parecendo se sobressair como marca cultural de um “novo Acre”, de um “Acre moderno”. Como ilustração da afirmativa, apresenta-se, a seguir, um fragmento de fala do

Governador Jorge Viana, por ocasião da comemoração dos 100 anos do Tratado de Petrópolis¹².

Não estamos celebrando algo morto, um passado longínquo e sem significação. Estamos dando vida ao nosso passado, reafirmando nossos símbolos, **nossos heróis e nossos mitos, unindo passado e presente e, assim, criando a possibilidade de um futuro [...]** Inspirados na força dos revolucionários, no exemplo dos autonomistas e nos ideais de Chico Mendes é que estamos trabalhando. (Fragmento do discurso do Governador do Acre Jorge Viana publicado pelo jornal “O Estado do Acre”, edição especial, 24 de Novembro de 2003, p.3). [grifo meu].

Após dois mandatos desse Governador, em 2007, assume Binho Marques, outro jovem pertencente à mesma aliança de partidos que haviam sustentado a eleição de Viana. Com ele o discurso da “florestania” parece perder força. Mas a atividade econômica de maior representatividade do dito “modelo de desenvolvimento sustentável” continuou sendo bastante incentivada: o manejo “sustentado” de madeira. Inclusive no antigo seringal Cachoeira, em Xapuri, onde Chico Mendes havia passado parte de sua vida.

No bojo das ações modernizadoras destacaram-se investimentos em unidades de produção industrial. Na região de Xapuri, por exemplo, uma fábrica de preservativos masculinos (NATEX), planejada ainda no Governo de Viana, foi inaugurada. Tratava-se da primeira no Brasil a utilizar látex de seringal nativo e que, segundo o discurso oficial, constituía-se em um claro exemplo dos novos tempos acreanos, dos tempos “modernos de florestania” ou de “neoextrativismo”.

Com a implantação dessa unidade de produção industrial impactos importantes passaram a acontecer na vida dos seringueiros, sob a área de influência dessa indústria, inclusive nos rendimentos (a fábrica passou a comprar látex de seringueiros que moravam a uma distância de 30 km dela). Um fragmento de relato do colaborador José Barbosa de Lima, que forneceu sua história para esse trabalho, no ano de 2012, ilustra, com clareza, esse impacto: “o preço do quilo de látex pago pela NATEX, na safra de 2011, em Xapuri, alcançou R\$ 7,80. Antes da fábrica, o preço não alcançava R\$ 2,00”.

Observa-se que para o látex chegar com qualidade até a porta da NATEX (requisito essencial para o processo produtivo funcionar com qualidade), era necessário viabilizar ramais. Junto com os ramais a energia elétrica também chegou à floresta (neste caso, através do programa “Luz para Todos” do Governo Federal). E com a energia, como era previsível, apareceu a televisão. Novas escolas e programas de saúde também foram implantados. Como

¹² Tratado firmado em 17 de novembro de 1903, que formalizou a incorporação do Acre ao Território Brasileiro.

pode-se notar, mudanças significativas no viver das populações da região estavam em ebulição.

Em 2011 assume o Governo Tião Viana, irmão de Jorge Viana. Tião era Senador da República e se candidatou ao Governo do Acre em 2010. Venceu as eleições com 50,51% dos votos. Nas falas do novo Governador era comum escutar que o “Estado estava se modernizando”, que havia sido “preparado para crescer” e que, a partir de então, a “indústria deveria também ser o foco”.

Da mesma forma do verificado nos governos anteriores (de Jorge Viana e Binho Marques), empréstimos de instituições multilaterais de crédito como o Banco Mundial (BIRD) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) viabilizavam a maioria dos investimentos realizados, ditos modernizadores. Entretanto, com Tião Viana, o “desenvolvimento sustentável” ganhou outros contornos e dimensões. Vale dizer: intensificaram-se nas terras acreanas discursos e práticas (construídos externamente) que defendiam a agregação de valor financeiro aos recursos e processos naturais ameaçados. O Acre, com esse Governador, entrava na era dos “serviços ambientais”, sendo a fixação do carbono nas florestas o primeiro “serviço” a ser precificado.

A História Oral como aporte metodológico: considerações

Na tentativa de compreender os encontros e desencontros, os avanços e recuos, as vitórias e as derrotas dos seringueiros de Xapuri/AC, após a morte de Chico Mendes, optou-se, como já sinalizado, por tomar a História Oral como fonte privilegiada. Não única, mas privilegiada. Segundo Bom Meihy e Holanda (2007) as fontes orais são consideradas importantes por possibilitarem abordagens que vão além das informações filtradas por documentos oficiais e oficializados. Para estes autores, é importante reconhecer na História os seres humanos, e não tratar as situações como se fossem movimentos institucionais.

O caminhar pela propositura da História Oral (para Paul Thompson, 1992, a primeira espécie de história), como será possível perceber no transcorrer do trabalho, possibilitou aos seringueiros de Xapuri/AC narrarem suas histórias, darem seus testemunhos contando parte de suas vidas, numa construção narrativa que trouxe à tona recordações e esquecimentos, presenças e ausências, todas vitais para a compreensão do processo histórico.

Observa-se que desde o início do planejamento da pesquisa, tinha-se a clareza que seria pela fala direta dos sujeitos seringueiros que poderiam ser captadas as diversas

dimensões a respeito das representações concernentes às suas resistências, aos seus modos de vida, as marcas de suas lutas. E assim foi feito.

Nas diversas leituras realizadas sobre a História Oral¹³ percebeu-se que a subjetividade que seria encontrada nos relatos tratar-se-ia de algo precioso, principalmente por dar conta mais sobre os significados do que sobre os eventos. Concluiu-se que nas narrativas estariam presentes não só fatos históricos, mas também esquecimentos, fantasias, sonhos, mentiras, etc. Compreendeu-se, que as narrativas não são o acontecido, mas uma versão - nem melhor nem pior - única, de vivências filtradas pela experiência e pelo tempo. Que os relatos não seriam fiéis do que se passou, de como se deram as coisas, mas momentos narrativos. Para Benjamin (1985), por exemplo, uma narrativa não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. A narrativa mergulha na vida do narrador, mas não a descreve, ou melhor, seu objetivo não é informar sobre ela.

Entre as abordagens da História Oral revisadas optou-se pelas estratégias propostas pelo Professor Jose Carlos Sebe Bom Meihy (FFLCH/USP). Muitas delas encontradas em seu livro *História Oral: Como fazer, como pensar*. Foi assim que no mês de outubro de 2011 realizaram-se as primeiras conversas informais com seringueiros habitantes das florestas de Xapuri, para agendamento das entrevistas, as chamadas “pré-entrevistas” (BOM MEIHY, 1996a).

Nessas conversas iniciais se constatou que na região existiam seringueiros com particularidades diferentes. Ou seja, famílias que praticavam além do extrativismo dito “tradicional¹⁴” outras atividades como o manejo “sustentado” de madeira. Também seringueiros que não trabalhavam com o manejo madeireiro, apenas extraíam látex e coletavam castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa H.B.K*), além de manterem um pequeno “roçado” onde praticavam pequena agricultura além de realizarem criações de pequenos animais. Verificou-se, ainda, que existiam seringueiros mais politizados que outros, devido à participação no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri (STTR de Xapuri), como

¹³ Utilizaram-se diversas referências bibliográficas indicadas em um curso sobre a História da História Oral, realizado na USP durante a ANPUH de 2011.

¹⁴ Rego *et al.* (1996) definem o extrativismo tradicional como a coleta de látex de seringueiras e castanha. O extrativismo renovado, ou “neoextrativismo”, aconteceria com melhorias técnicas do extrativismo tradicional. Exemplos de “neoextrativismo”: “couro ecológico”, ilhas de alta produtividade de seringueiras, etc.

também alguns com ligações fortes com o Governo do Estado do Acre e, ainda, com diferentes padrões de vida (nesse caso, devido às formas e quantidade de ganhos).

Essas constatações direcionaram para o que Bom Meihy (1996a) conceitua como “colônias” e “redes”. Dessa maneira, para a coleta dos relatos orais dos colaboradores seringueiros, estabeleceram-se duas redes: A rede de colaboradores 1 - formada por sujeitos residentes na região da Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX Chico Mendes), no Município de Xapuri/AC. E a rede de colaboradores 2 - formada por seringueiros residentes em colocações do antigo seringal Cachoeira (hoje Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira - PAE Cachoeira). Ressalte-se, ainda, que na região da rede 1 não se pratica (ainda) o manejo “sustentado” de madeira. Enquanto na rede 2 há essa prática.

Observa-se que muitos seringueiros da região da rede 2 conviveram com Chico Mendes nos “movimentos de resistência” contra a expansão da fronteira agrícola capitalista, na Amazônia, nos anos de 1970/80. Inclusive, alguns de seus familiares moram, ainda hoje, na região. No PAE Cachoeira é possível encontrar, ainda, uma quantidade grande de famílias que possuem relações fortes e próximas ao Governo do Estado do Acre (alguns são funcionários do Governo). Aqueles que trabalham com seringa (extração de látex) possuem um único comprador do “leite” (látex): a fábrica de preservativos NATEX. Essa unidade é administrada por uma organização governamental denominada Fundação de Tecnologia do Estado do Acre (FUNTAC).

Na região da rede 1 também constatou-se a presença forte do Estado (Governo do Acre), desde as primeiras conversas, mas não em todas as colocações. A presença do Governo Estadual é menos intensa em localidades mais distantes, principalmente nas áreas habitadas por famílias que não fornecem matéria-prima para a NATEX. O mesmo ocorre nas, e naquelas, localidades onde a energia elétrica (programa “Luz Para Todos”) ainda não chegou.

Para o conhecimento dessas comunidades, foi fundamental se fazer um agendamento de visitas. Elas tiveram início em outubro de 2011, quando se fez os agendamentos de entrevistas¹⁵. A partir de então foi possível coletar os relatos de dois colaboradores que se constituíram como “ponto zero” das redes 1 e 2. Obteve-se o relato de Dercy Perez de Carvalho Cunha, na época Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, e de

¹⁵ A maioria aconteceu durante uma audiência pública realizada na cidade de Xapuri, sobre a construção de uma ponte que, caso seja construída, permitirá acesso de caminhões à Reserva Extrativista Chico Mendes na região pesquisada - rede 1.

Luiz Targino de Oliveira, fundador dos sindicatos de trabalhadores rurais dos Municípios de Xapuri e Brasiléia.

Nascido no Ceará, Targino veio para o Acre após a segunda guerra mundial, no pós-período da “Batalha da Borracha” (sobre a “Batalha da Borracha” ver mais informações no capítulo 1). Hoje (2013), Targino está aposentado e vive na cidade de Xapuri. Entretanto, de 1954 até o início dos anos de 1980 teve valiosas experiências nos seringais, principalmente nos da região do antigo seringal Cachoeira.

Targino lutou contra a expulsão dos seringueiros das florestas ao lado de Chico Mendes nas décadas de 1970 e 1980. Em meio aos participantes do “movimento de resistência” é considerado figura expressiva. Conhece, “como ninguém”, as colocações e as pessoas residentes no PAE Cachoeira. Targino pediu para falar no mesmo dia em que foi solicitado o agendamento. E assim ocorreu.

Dercy Teles de Carvalho Cunha, diferente de Targino, nasceu em Xapuri, no seringal Boa Vista, colocação Pimenteira, distante dezoito horas de caminhada até a cidade. Dercy mora na cidade de Xapuri, mas até hoje (2013) possui uma colocação na Resex Chico Mendes (onde permanece por alguns períodos do ano). Participou da luta dos seringueiros contra a expropriação das terras nas décadas de 1970 e 1980, sendo uma das primeiras mulheres a se destacar no “movimento” (primeira mulher a ocupar a presidência do STTR de Xapuri).

Como se pode notar, buscou-se seguir a proposta de Bom Meihy. Dessa forma o grupo estudado foi constituído (a colônia) por seringueiros residentes nas florestas de Xapuri/AC, em duas localidades significativas: o Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira (PAE Cachoeira ou Chico Mendes¹⁶) e a Reserva Extrativista Chico Mendes. No caso da reserva, coletaram-se relatos somente de moradores das colocações localizadas dentro dos limites do Município de Xapuri/AC (a RESEX Chico Mendes engloba outros Municípios).

Sobre a Reserva Chico Mendes informa-se que é a maior da Amazônia, com um total de 976.570 hectares. É basicamente formada por antigos seringais. Dentro de seus limites (localizam-se entre os Municípios acreanos de Assis Brasil, Senador Guiomard, Xapuri, Brasiléia, Epitaciolândia, Sena Madureira e Capixaba) viviam, no início dos anos de 2000,

¹⁶ O PAE Cachoeira, oficialmente conhecido como PAE Chico Mendes, foi legalizado pela Portaria INCRA/SR-14/AC/Nº 158, de 08 de março de 1989 como Projeto de Assentamento Extrativista Chico Mendes. Porém, a portaria do INCRA nº 286 de 23 de outubro de 1996 resolve criar, em substituição à modalidade de Projeto de Assentamento Extrativista, a modalidade de Projeto de Assentamento Agroextrativista.

aproximadamente 9.000 pessoas, distribuídos em 45 Seringais e, aproximadamente, 1.100 colocações (CASTELO, 1999).

Na rede RESEX coletaram-se 12 relatos. Foram ouvidos seringueiros que residiam em localidades próximas da cidade, em distâncias médias e, também, em distâncias longas (no “fundo da reserva”). Falaram pessoas (2 mulheres e 9 homens, novos e velhos) que moravam em regiões onde existia luz elétrica e em regiões onde a energia ainda não chegou. Todos esses relatos tiveram por objetivo captar vozes de realidades diversas. Trabalhou-se somente com adultos (mais velho 72 anos e mais novo 25 anos), as crianças não participaram dos relatos.

As figuras apresentadas, a seguir, ilustram a localização da Reserva Extrativista Chico Mendes (observa-se que na figura 3 um croqui desenhado, à mão, por funcionários da Fundação Nacional de Saúde - FUNASA. Ele foi fundamental para encontrar as colocações no interior da floresta).

Figura 1 - Localização da Reserva Chico Mendes no Acre

Fonte: <http://www.lapa.ufscar.br/portugues/re_c_mendes.htm> Acessado em 15/09/2012.

Figura 2 - Mapa da Reserva Chico Mendes

Fonte: Laboratório de Geoprocessamento IBAMA/AC

Obs.: A área em vermelho corresponde aos seringais localizados dentro dos limites de Xapuri/AC.

Figura 3 - Croqui de localização das áreas pesquisadas (Rede 1 - Resex Chico Mendes)

Fonte: FUNASA/Xapuri (desenhado pelos agentes de saúde)

No caso do PAE Cachoeira (rede 2), Schmink *et al.* (2007) informam que no ano de 2000 havia um total de 87 famílias “assentadas”. Essa área corresponde a 24.898,20 hectares e seu perímetro é de 109.039,07 metros. Localiza-se no Município de Xapuri/AC, há aproximadamente 218 km da capital Rio Branco. O acesso se dá pela BR-317, na altura do Km 143, lado esquerdo, sentido Rio Branco - Brasileia, através do “Ramal do Cachoeira”. Da BR-317 até a sede da associação dos moradores deste PAE são 17 km. A sede da associação fica localizada na colocação denominada “Fazendinha” (SCHMINK *et al.*, 2007).

O PAE apresenta os seguintes limites e confrontações: ao Norte, Rio Ina, seringal Equador, Igarapé Coeba, seringal de São José; ao Sul, com o Rio Xipamano/República da Bolívia e Fazenda Porto Rico; ao Leste, com seringal São José e Rio Xipamano/República da Bolívia; ao Oeste, com a Fazenda Porto Rico, seringal Santa Fé, seringal Nova Esperança e Rio Ina (SCHMINK *et al.*, 2007).

De acordo com informações da Superintendência Estadual do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no ano de 2005 existiam 87 colocações no PAE Cachoeira. Se for considerado a média de indivíduos por família residente na zona rural do Estado do Acre, fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), têm-se uma estimativa para a população total de 390 habitantes.

Maria Luciana Gomes Verçosa, uma seringueira colaboradora desta pesquisa, que mora com seu marido e filho na região, informou que no ano de 2012 residiam no PAE Cachoeira 85 famílias. Desse total, coletou-se para essa tese relatos de 11,76% de seus chefes, ou seja, 10 seringueiros (5 mulheres e 5 homens - mais velho 86 anos e mais novo 27 anos).

Vale observar que o “Cachoeira” foi um seringal importante na região de Xapuri/AC, durante o *boom* da borracha. E o nome “Cachoeira” se referia a um posto de troca no Seringal, conforme informou Luiz Targino, em conversa anterior à gravação de seu relato. De acordo com Schmink *et al.* (2007, p.9) durante os anos de 1980:

[...] Cachoeira presenciou atos de violência e disputas pelo direito a terra. Em 1988, o fazendeiro pecuarista Darly Alves tentou desmatar e queimar uma parte das florestas de Cachoeira. Na tentativa de impedi-lo, os seringueiros do Cachoeira, com a ajuda de Chico Mendes, mobilizaram e realizaram um empate em abril daquele ano, impedindo os homens de Darly de entrarem no seringal. Um segundo empate logo se seguiu quando Darly tentou desmatar parte do Equador, um seringal vizinho. Em consequência desses confrontos, dois seringueiros foram seriamente feridos pelo filho de Darly, Olaci Alves. Em junho de 1988, o líder sindicalista Ivair Higino foi assassinado, supostamente por um pistoleiro de Darly. Logo depois, em Dezembro de 1988, Olaci assassinou Chico Mendes. Em resposta, à situação de violência crescente, em 1989, o governo (INCRA) desapropriou a área do seringal Cachoeira e o transformou em um PAE.

As figuras apresentadas a seguir indicam a localização do PAE.

Figura 4 - Localização do PAE Chico Mendes (ou Cachoeira).

Fonte: SCHMINK *et al.*, 2007

Figura 5 - Croqui de localização das áreas pesquisadas (Rede 2 - PAE Cachoeira ou Chico Mendes)
Fonte: FUNASA/Xapuri (desenhado pelos agentes de saúde)

Destaca-se que a coleta dos relatos foi realizada com total consentimento dos colaboradores. Em nenhum deles adotou-se a estratégia de utilizar um questionário e/ou roteiro com perguntas. Isso porque o foco da pesquisa sempre esteve na subjetividade e nas experiências de vida dos que decidiram colaborar e construir conhecimentos através desse trabalho.

Durante a coleta procurou-se sempre prestar atenção nos discursos, nos silêncios, nos olhares e nas alterações da paisagem. Isso por acreditar que o historiador precisa visualizar o lugar para poder entender o que está sendo dito. Entretanto, como o interesse centrava-se principalmente no modo de vida, isso supunha perguntar ou orientar o colaborador a falar sobre as várias dimensões do vivido. Ou seja, o lugar, o trabalho, os desejos, as dificuldades, o medo, as alegrias, os sonhos. E isso sempre era feito antes de ligar os equipamentos de gravação.

No início das entrevistas os colaboradores eram informados sobre coisas de interesse, ou seja, o lugar, o trabalho, os desejos, as dificuldades, o medo, as alegrias, os sonhos. Esse procedimento foi realizado em todas as conversas prévias. Mas procurava-se deixar que o colaborador escolhesse livremente o que dizer. Assim, ele estaria dando as prioridades que diziam respeito à sua própria vida e não às hipóteses da pesquisa.

Entretanto, nem toda às vezes acontecia como planejado. Mesmo com as orientações, quando o microfone e a filmadora eram ligados muitos ficavam tímidos e não falavam. Ficavam aguardando perguntas. Algumas vezes até solicitavam perguntas (“o que o senhor gostaria de saber?”). Alguns começavam a falar e logo finalizavam. Então, a estratégia com muitos foi estabelecer pequenos diálogos com vistas à obtenção dos relatos. Por isso mesmo, com alguns colaboradores foram realizadas perguntas sobre o viver na floresta. Inclusive, esse procedimento os motivava a falar com mais naturalidade. Em poucas situações sentiu-se a necessidade de aprofundar algumas questões apresentadas com outras indagações.

Apesar da orientação inicial, os colaboradores sempre começaram por onde queriam, paravam também quando queriam, e tiveram total liberdade durante o relato de interromper, silenciar, etc. A proposta foi ouvi-los, verdadeiramente (diferente de escutar). Fundamentalmente, o respeito foi mantido como princípio. Respeito às ideias e opiniões divergentes. No final, foi transcrito o diálogo. Registrou-se pela escrita o modo como cada um deles pretendeu se deixar ver.

No processo de passagem do oral para o escrito (transcrição), incluiu-se os erros de português, repetições, gírias, etc. Trabalho demorado, mais de grandes aprendizados. Após

essa etapa, centrou-se o esforço no sentido de dar à entrevista um caráter de texto fluído, visando favorecer a leitura (a “textualização”). Nesse momento adaptações na linguagem foram realizadas, mas com o devido cuidado para não eliminar a cultura dos colaboradores. Por isso mesmo foram mantidas expressões como “varadouro”, “estrada de seringa”, “beijo do ramal”, etc. O que se passou a ter, então, foram textos abertos para múltiplas interpretações. Não mais entrevistas. Em seguida, realizou-se a “transcrição”, que consiste na fase final da construção do texto, até a devolução.

Para Castro Barbosa (2009), o processo que compreende todo o trabalho, todos os procedimentos, desde o projeto até a construção das leituras é denominado “transcrição”. Segundo essa autora a “transcrição” corresponde em transpor em texto escrito o que foi dito verbalmente, mas não apenas o que foi dito palavra por palavra, é preciso incluir o significado dos gestos, das lágrimas, e mesmo o sentido que o narrador desejou passar em determinadas frases ou reticências. Transcriar teatralizando o que foi dito.

Para Bom Meihy e Holanda (2007) a “transcrição” traz em seu bojo três fundamentos: a colaboração, a mediação e a devolução. Por “colaboração” entende-se a relação estabelecida entre o pesquisador e o interlocutor, onde o segundo age em colaboração ao entrevistador, mais que prestar informações, ele acompanha o processo de formatação da pesquisa. Assim, o pesquisador assume o papel de mediador, possibilitando condições favoráveis à narração, estimulando o diálogo com perguntas abertas e anotando informações relevantes. O trabalho de colaboração é visto como coautoria, mas tendo o pesquisador as responsabilidades jurídicas sobre o projeto. O produto deste trabalho é a “devolução”, o retorno do material produzido para as pessoas ou grupos de colaboradores, fazendo com que a experiência da História Oral atravesse a academia em direção à coletividade, garantindo seu caráter público.

Juntamente com os relatos das histórias particulares dos sujeitos seringueiros, relatos de pessoas consideradas “especialistas”, também foram coletados (jornalistas, pesquisadores, etc.). Neste caso, o procedimento foi semelhante ao utilizado com os seringueiros. A diferença aconteceu no processo de devolução. No caso dos “especialistas”, a pedido da maioria deles, a devolução foi feita por e-mail. Essa não era a intenção inicial, mas quando os encontros para apresentar os relatos foram solicitados esse pedido apareceu. Apenas um dos colaboradores que recebeu a devolução dos relatos via e-mail recomendou alterações no texto encaminhado (Gomercindo Rodrigues), os demais nada modificaram (Altino Machado, Raimundo Claudio Gomes Maciel, Júlio Barbosa e Joaquim Vidal).

O retorno aos seringais foi iniciado 15 de dezembro de 2012 (para devolução dos relatos e obtenção de suas autorizações para o uso). Processo que se estendeu até dezembro de 2013. Nesses encontros, percebeu-se que a ideia do retorno do texto para cada um dos seringueiros se parece com o próprio trabalho realizado por eles. Da mesma forma que percebeu Nilson Santos, ou seja:

O interlocutor, por vezes, age como o próprio seringueiro. O texto a ser transcrito é a seringueira, e a faca afiada para não estragar a casca nem estragar as fibras da madeira vai desenhando cada traço em busca do leite, retirando as camadas de casca morta e musgo que se acumulam, desbasta, fere para dar vazão ao fluxo de leite, não para exaurir completamente, esfolia para provocar o surgimento da densa seiva, interfere na árvore para retirar dela sua fortuna. Não é possível conseguir o leite da seringueira sem toca-la, sem desrespeita-la, sem irrita-la, sem incomoda-la, não é deixando intocada que se obtém sua riqueza, mas é cravando com precisão a faca na sua casca que ela libera o leite. Não se contenta somente com uma ideia, com a abundância do leite por um fabrico, quer preservar a vida da árvore e a riqueza do narrador, garantindo-lhe presença e vida em abundância. O limite dessa intervenção deve ser buscado na seringueira, observando se é nova, velha, se saudável. A transcrição cessa quando o texto consegue ser compreensivo como a voz do narrador, mantidas as suas escolhas e enredos por reconhecer o leite, o fluido singular da vida no texto (SANTOS, 2002, p.47)

Outras fontes

Juntamente com os relatos das histórias particulares dos sujeitos seringueiros e das pessoas consideradas “especialistas”, foram também utilizadas outras fontes documentais. Analisaram-se atas do STTR de Xapuri; reportagens publicadas nos jornais locais; Leis e Decretos; Planos de Governo; informações e dados da FUNASA em Xapuri e, ainda, outros registros em espaços de memória diversos. Também os trabalhos acadêmicos publicados sobre os sujeitos da pesquisa se constituíram importantes fontes para o desenvolvimento da tese.

Sobre os jornais merece destaque especial o “Varadouro”, cujas matérias possibilitaram compreender a riqueza das informações e interpretações sobre as áreas de tensões que o Acre atravessou na década de 1970 e 80. Foram vinte e quatro edições publicadas, que podem ser encontradas digitalizadas no espaço de memória da “Biblioteca da Floresta”, localizada em Rio Branco/AC.

Ainda, sobre as fontes escritas, vale destacar duas pesquisas realizadas por alunos do curso de Ciências Econômicas da UFAC. Uma tratou da fábrica de preservativos NATEX (um diagnóstico), e a outra sobre a qualidade de vida dos seringueiros de Xapuri/AC, após a implantação dessa mesma fábrica.

Na verdade, todas as fontes utilizadas foram importantes para as questões propostas e serviram para situar, historicamente, os acontecimentos. Entretanto, procurou-se não cair na tentação positivista de deixar os documentos falarem por si. Observa-se que as entrevistas são sedutoras, comoventes e interessantes. Dão a dimensão da problemática do ponto de vista dos colaboradores, mas não se explicam como um todo, posto haver individualidades de olhar o mundo, a vida.

A Reserva Extrativista Chico Mendes e o Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes: surgimento e outras considerações

O surgimento das Reservas Extrativistas e dos Projetos de Assentamento Agroextrativistas no Estado do Acre deve ser entendido no contexto das mudanças drásticas nas relações de produção e trabalho dos seringueiros. Mudanças que provocaram alterações na “base produtiva” (tentativa de substituição do extrativismo por pecuária extensiva) e desencadearam uma violenta especulação pela terra na década de 1970 e 1980. Acontecimentos relacionados com o que Martins (1996, p. 29) chamou de “frente pioneira” ou “situação espacial e social que convida ou induz à modernização, à formulação de novas concepções de vida, à mudança social”.

A “frente de expansão agropecuária para a Amazônia”, promovida pelos militares, provocou a vinda dos “paulistas”¹⁷ para terras acreanas na década de 1970. Sujeitos que tinham como objetivo, principalmente, implantar a pecuária extensiva e/ou especular com a terra. Esse movimento, como já assinalado, provocou conflitos, mortes, e expulsões daqueles que habitavam as florestas (foram para a Bolívia¹⁸ e para as diversas cidades do Acre). Entretanto, muitos decidiram resistir. E fizeram isso principalmente de forma coletiva, através da organização e da sindicalização. Pode-se afirmar que foi exatamente nesse momento que apareceu o “movimento dos seringueiros”.

¹⁷ Segundo Pinheiro de Assis (s/d, p. 2) “a nomenclatura paulistas foi cunhada por jornalistas ligados à imprensa alternativa dos anos 70 e por lideranças dos movimentos sociais urbanos e rurais, para denominar empresários e fazendeiros de outros Estados que chegaram ao Acre a partir de 1971, adquiriram grandes áreas de terras, utilizando-se muitas vezes da violência, da grilagem e até assassinatos para ampliar seus latifúndios”.

¹⁸ O seringueiro Osmarino Amâncio Rodrigues, companheiro de Chico Mendes, observou em entrevista para jornal eletrônico de Rio Branco, que nas lutas travadas contra os paulistas, cerca de 40.000 seringueiros foram expulsos para a Bolívia (Osmarino desabafa e pede o fim da política de manejo que tira o seringueiro da floresta). Disponível em < <http://www.ac24horas.com/2011/10/08/4050/>>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

Como exemplo dos conflitos em terras acreanas, nesse período, pode-se citar a ação ocorrida no seringal Guanabara, no Município de Assis Brasil, denominada pelo Jornal “Varadouro” de operação “pega fazendeiro”. Como, também, o deslocamento de 304 homens para o Município de Boca do Acre/AM, para auxiliar grupos de posseiros que buscavam empatar os peões de fazenda na derrubada da mata (PAULA, 1991).

A reação dos seringueiros provocou por parte dos fazendeiros diversas estratégias de combate ao “movimento”, sendo a eliminação das lideranças a mais drástica delas. Foi assim que na noite de 21 de julho de 1980 três pessoas invadiram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia e eliminaram a tiros uma das principais lideranças do “movimento”: o sindicalista Wilson Pinheiro. Dois dias após, o fazendeiro Nilo Sérgio foi morto a tiros (principal suspeito da morte de Pinheiro). É importante notar que não existe comprovação sobre a culpabilidade de seringueiros na morte de Nilo Sérgio. Inclusive, segundo Gomercindo Rodrigues, um “especialista” que colaborou com essa pesquisa, existem relatos de que o mesmo foi eliminado pelos próprios fazendeiros, como “queima de arquivo”.

Os Governos do Estado do Acre e Federal, por serem coniventes e estarem defendendo os fazendeiros e madeireiros, quase nada faziam no sentido de amenizar os problemas advindos da “frente de expansão agropecuária para a Amazônia”. Uma das poucas estratégias adotadas relacionou-se com os projetos de colonização agrícola. Entretanto, esta alternativa mostrou-se falha, na medida em que os seringueiros saíam do interior da floresta para os projetos de colonização e, não adaptados, findavam por deslocarem-se para as periferias das cidades.

De outra parte, as mobilizações coletivas no campo cresceram e ganharam espaço fora do Estado, inclusive no exterior. Então, no ano de 1985, foi realizado o “Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros”, ocasião em que se discutiu, entre outros assuntos, a criação das Reservas Extrativistas (“a reforma agrária dos seringueiros”). Em 1988 esse debate é reforçado com o surgimento da “Aliança dos povos da Floresta”, cujo objetivo também se relacionava com a criação das reservas extrativistas (BATISTA *apud* CASTELO, 1999).

No ano de 1988 dois fatos pressionaram, politicamente, as autoridades Estaduais e Federais no sentido da criação de reservas extrativistas: a) a ocupação da sede do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) por seringueiros, no Município de Xapuri/AC, em represália a interferência da polícia no “empate” ocorrido no Seringal Equador. Eles exigiam explicações para a autorização da derrubada de 120 hectares de

floresta; b) o assassinato de Francisco Alves Mendes Filho (Chico Mendes), uma das maiores lideranças do “movimento”, com repercussão mundial. Em 1990, finalmente, outorgou-se o Decreto Presidencial que regulamentava a criação da primeira Reserva Extrativista no Acre. Reserva que recebeu o nome de Chico Mendes.

Sobre os “empates”, destaca-se que se tratava de uma das principais estratégias inventadas pelos seringueiros no “movimento de resistência”, para impedir a derrubada da floresta e, dessa forma, manter seus modos de vida. Na linguagem local “empate” era sinônimo de impedir. Da mesma maneira que os seringueiros empatavam as brigas, e empatavam outro seringueiro de coletar látex em árvores de seringueiras que não pertenciam às suas “estradas de seringa”, empatavam a derrubada e a queima da floresta pelos tais “paulistas”. Através dessas manifestações coletivas e solidárias (MAIA, 2009), os seringueiros impediram muitos fazendeiros de transformarem as florestas do Acre em pastos para seus bois.

O processo se iniciava com uma reunião de vários moradores, em um local previamente combinado, incluindo mulheres e crianças. Em seguida, todos marchavam para o local onde estava acontecendo a “derrubada” da mata. Chegando lá, formavam uma barreira humana entre as árvores e os peões (pessoas contratadas pelos fazendeiros para derrubar as árvores). Através do convencimento, os seringueiros tentavam persuadir os peões a não realizarem o serviço. A alegação era que o corte das árvores afetava suas possibilidades de sobrevivência. De acordo com Iokoi (1996, p.129), “Chico Mendes afirmava que em inúmeras vezes conseguiram a adesão dos peões, quando podiam explicar que a destruição da mata era também a de seus trabalhos”.

Acreditando que a fotografia possui grande valor interpretativo como objeto de análise, a seguir apresentam-se duas imagens que transmitem uma mensagem da força e da organização dos seringueiros no período de resistência contra os “paulistas”. Na figura 6 observam-se seringueiros reunidos em um seringal não identificado, no Município de Xapuri/AC, preparando-se para a realização de um “empate”. Na figura 7 (capa do número 16 do Jornal “Varadouro”, edição de outubro de 1979), mostra-se uma grande marcha para conter a derrubada de uma área de floresta próxima à cidade de Boca do Acre/AM.

Figura 6 - Trabalhadores reunidos em seringal (não identificado) do Município de Xapuri/AC para realizar um “empate”.

Fonte: Acervo digital do Memorial dos Autonomistas/Rio Branco/AC.

Figura 7 - Capa da Edição número 16 do Jornal Varadouro.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca da Floresta - Rio Branco/AC

É possível afirmar, portanto, que as Reservas Extrativistas foram idealizadas pelos seringueiros, em meio as suas organizações e lutas de resistência, contra a expropriação dos territórios que ocupavam. Proposta que, no princípio, foi imaginada como semelhantes às reservas indígenas, conforme pode ser visto no relato do seringueiro Raimundo Mendes de Barros, concedido para Montysuma (2003, p. 150-151).

[...] Eu me lembro muito, que eu junto com o Chico e outros companheiros, eu... A gente via falar nas reservas indígenas, que era o território dos índios e pode ter aparecido outra proposta de outras pessoas, não vou dizer que não apareceu, mas que eu junto com o Chico junto com outros companheiros nós fomos se não os primeiros, mas... Acredito que fomos os primeiros a achar que essa era a forma de resolver o problema, é do conflito de seringueiro e fazendeiro. Por quê? Nós discutimos... Eu me lembro que em 85 [1985] quando realizamos o primeiro encontro de seringueiros em Brasília [...]

A ideia das reservas evoluiu nas lutas e, através de contribuições teóricas de intelectuais como Orlando Valverde (já falecido), Carlos Walter Porto Gonçalves, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, entre outros, o conceito foi aprimorado. A ideia básica era a da autogestão, na qual os seringueiros seriam responsáveis pelas decisões sobre o território. Caberia ao Estado criar os meios necessários para garantir o que havia sido formulado e ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) o papel de supervisionar e acompanhar o cumprimento das condições estipuladas no contrato de concessão real de uso, que incluía o plano de utilização elaborado pelos seringueiros.

Assim, através do Decreto N° 99.144 de 12 de março de 1990, combinado com o Artigo 3° do Decreto n° 98.897 de 30 de janeiro de 1990, o Presidente José Sarney criou a Reserva Chico Mendes no Acre, apresentando uma possibilidade de terras públicas “de forma definitiva” para não indígenas. Abaixo, pode-se observar o que ficou estabelecido no Decreto n° 98.897.

Art. 4°. A exploração autossustentável e a conservação dos recursos naturais será regulada por contrato de concessão real de uso, na forma do art. 7° do Decreto-Lei n° 271, de 28 de fevereiro de 1967.

1°. O direito real de uso será concedido a título gratuito.

2°. O contrato de concessão incluirá o plano de utilização aprovado pelo IBAMA e conterá cláusula de rescisão quando houver quaisquer danos ao meio ambiente ou a transferência da concessão inter vivos.

Art. 5°. Caberá ao IBAMA supervisionar as áreas extrativistas e acompanhar o cumprimento das condições estipuladas no contrato que trata o artigo anterior (BRASIL, 1990).

Entretanto, quando ambientalistas do Ministério do Meio Ambiente (MMA) transformaram a proposta da Reserva Extrativista em “Unidade de Conservação Ambiental”

destruiu-se o conceito original. Principalmente devido à perda de autonomia dos seringueiros contida na nova proposta. As Reservas Extrativistas se tornaram “Unidades de Conservação”, subordinadas ao IBAMA, através da aprovação da Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Pode-se afirmar que com o SNUC aconteceu uma expressiva mudança na estrutura de gestão das reservas. Concretizada através da criação de um Conselho Deliberativo.

A partir desse evento, todas as decisões relativas ao território das reservas extrativistas passariam a ser tomadas por “Conselhos Gestores” e não mais pelos seringueiros como previsto anteriormente. O art. 18, § 2º da Lei 9.985 passou a estabelecer que:

[...] a Reserva Extrativista será gerida por um Conselho Deliberativo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área, conforme se dispuser em regulamento e no ato de criação da unidade (BRASIL, 2000).

Nos relatos coletados para esse trabalho apareceram muitas evidências acerca do problema da falta de autonomia dos seringueiros (principalmente dos moradores da Reserva Chico Mendes, em Xapuri), como pode ser ilustrado pelo fragmento da fala do seringueiro José Ribamar: “aqui quem manda é o IBAMA. Tudo o que é para fazer aqui tem que o IBAMA assinar. Se o IBAMA não assinar não é possível fazer nada”.

Através do Art. 17 do Decreto nº 4.340/2002, que regulamentou alguns artigos da Lei do SNUC, apresentou-se outra “inovação”, ou seja, a criação de um “chefe” para as unidades de conservação.

As categorias de unidade de conservação poderão ter, conforme a Lei no 9.985, de 2000, conselho consultivo ou deliberativo, que serão presididos pelo chefe da unidade de conservação, o qual designará os demais conselheiros indicados pelos setores a serem representados (BRASIL, 2002).

No caso dos Projetos de Assentamento Agroextrativistas (PAE's), pode-se afirmar que surgiram no Acre como alternativa de regularização da situação de muitos seringueiros que resistiram nos anos 1970 e 80 do século passado à expropriação de suas colocações. Os seringueiros apontaram os problemas e o INCRA decidiu implantar essa alternativa em áreas de conflitos sociais pela terra. Proposta que se desenvolveu no âmbito do Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), com assessoria do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Para Simione da Silva (2012) as proposições foram feitas no sentido de garantir a posse de

áreas próprias para seringueiros, sem a utilização de loteamentos convencionais até então empregados no processo de colonização da Amazônia.

Pelo já apontado, percebe-se que a região escolhida para pesquisar (no Município de Xapuri, no Acre) trata-se de um local onde aconteceu o principal cenário de montagem de conversas, de organização, de aglutinação e convencimento dos seringueiros para a resistência coletiva contra a expropriação acontecida no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980. Por isso mesmo, Xapuri é considerada área de significativa relevância na historiografia acreana.

Além disso, foi também nessa região que no início do século XX intensos conflitos fundiários entre brasileiros e bolivianos ocorreram durante a chamada “Revolução Acreana”. “Revolução” que teve como um dos resultados a tomada das terras onde hoje se localiza o Estado do Acre, terras que eram bolivianas desde o século XIX. A última fase da “Revolução” (ou fase mais sangrenta) iniciou em Xapuri quando Plácido de Castro acordou o intendente boliviano na madrugada de 6 de agosto de 1902: *“Não era temprano e tampouco fiesta, era uma revolução”*.

O Município foi “invadido” por nordestinos (cearenses em sua maioria) e comerciantes das mais variadas nacionalidades durante o período das “gordas vacas seringueiras”: sírio, libaneses, turcos, israelenses, espanhóis e portugueses. Adquiriu grande importância como centro econômico e cultural acreano e chegou a rivalizar com Rio Branco, a capital. Possuiu teatro, cassino, e a única “empresa aviadora” fora de Belém e Manaus: “A Limitada” (“casas aviadoras” eram estabelecimentos comerciais que despachavam mercadorias aos seringais mediante pagamento em “pélas” de borracha). No final do século passado, um ousado sujeito, simples e sem refinamento intelectual, de estatura mediana e um bigode característico, se destacou entre homens e mulheres que resistiam contra o processo de expropriação. Seu nome: Chico Mendes.

Como conclusão dessas considerações iniciais, aponta-se que a redação do texto da tese foi estruturado da seguinte maneira: No capítulo 1, intitulado “Seringueiros em Movimento”, a ideia básica foi fazer retornos a épocas anteriores à morte de Chico Mendes (1988), na tentativa de mostrar alguns contextos e as relações dos mesmos com o período escolhido para estudo.

A partir do capítulo 2 os temas abordados relacionaram-se diretamente com os relatos coletados. Foi através da análise crítica dos relatos dos colaboradores que surgiram os temas aprofundados. Dessa maneira, observando que colaboradores haviam destacado muitos

aspectos relacionados com seus cotidianos na floresta, e, ainda, percebendo que a análise da vida cotidiana ajudaria na elucidação da questão central pesquisada, direcionou-se o esforço neste capítulo para trabalhar esse tema. Inclusive, fazendo intenso uso das próprias vivências na floresta, durante o período da pesquisa de campo. Como poderá ser observado, a partir desse capítulo relatos completos de colaboradores são apresentados no texto. Relatos que contém histórias que se tornam, elas mesmas, epistemes nesta tese.

No capítulo 3 as preocupações centraram-se em apresentar as principais mudanças ocorridas na vida dos seringueiros após 1988, sempre seguindo as pistas encontradas nas falas. Também procurou-se mostrar as relações de cooperação (ou não) entre o “moderno” e o “não moderno”, assim como as injustiças que a modernidade capitalista pode muitas vezes trazer. Para fazer isso, os elementos chaves utilizados foram: a chegada da energia elétrica na floresta; a transformação dos “varadouros” em ramais trafegáveis; a maior oferta de educação, e a invasão da televisão nos lares seringueiros.

O capítulo 4 foi dedicado a estudar algumas temáticas que, pensa-se, também corroboraram de forma importante para a elucidação da questão principal. Entre elas, vale citar as influências das igrejas evangélicas no interior dos seringais e as atuais estratégias utilizadas pelos seringueiros para “fazer dinheiro”. Dinheiro que se tornou cada vez mais procurado na floresta, principalmente partir dos anos de 2000, para satisfazer os novos desejos e necessidades que surgiram. A televisão e a aproximação com a cidade (devido à transformação dos “varadouros” em ramais trafegáveis) mereceram destaque nesse processo.

Observa-se que durante as caminhadas na floresta, algumas vezes, deparava-se o pesquisador com clareiras na mata, locais onde era possível observar “toras de madeira” armazenadas. Quando se indagava aos seringueiros do que se tratava (principalmente na região do PAE Cachoeira) informavam que era devido ao “manejo sustentado de madeira”. Não raro, alguns colaboradores reclamavam da atividade (“espantava a caça”, “destruía os ramais”, etc.). Nas falas coletadas também apareceram diversas referências a essa atividade. Notam-se discordâncias, concordâncias, impactos, lucros obtidos, e também prejuízos relacionados com a atividade madeireira. Dessa forma, o Capítulo 4 também foi dedicado para tratar dessa questão. Não para apresentar considerações acerca da viabilidade ou inviabilidade (econômica) desse tipo de atividade, mas para buscar alguma compreensão sobre o que poderia estar por trás da questão maior. Principalmente dos riscos do aqui se denomina modernidade/modernização.

CAPITULO 1: SERINGUEIROS EM MOVIMENTO

Enxergamos a devastação florestal na Amazônia, mas não enxergamos a devastação humana e, até, institucional, que ocorre nas chamadas áreas pioneiras do país. Mal nos damos conta de que o avanço do capital sobre o sertão e a floresta, há choro e ranger de dentes, há morte e miséria, há violência e injustiça (MARTINS, 1982).

Nesta pesquisa, além de outras histórias, tratou-se das experiências dos seringueiros do Município de Xapuri, no Estado do Acre. Problematicaram-se questões relacionadas com os impactos e os riscos que a modernidade provocou em seus modos de viver no período de 1988 a 2012. A proposta foi identificar nesse espaço temporal novas resistências, novas lutas e mudanças constituídas no viver dos sujeitos que habitam as florestas da região, desde o final do século 19. Por isso mesmo decidiu-se, neste primeiro capítulo, estender as reflexões ao período anterior ao recorte temporal proposto. Acredita-se que sem esse movimento (de retorno) o estudo ficaria incompleto. Até porque os sujeitos pesquisados, desde que se tornaram seringueiros, sempre conviveram com formas de resistências, com lutas, e mudanças em suas vidas.

No início da implantação da frente de expansão extrativista da borracha no Acre a resistência ocorria, principalmente, de forma individual. Os seringueiros resistiam fugindo para outras colocações¹⁹, bebendo álcool, incluindo sujeiras nas “pélas” de borracha no trabalho de defumação - barro e pedaços de galhos - ou mesmo negociando parte da produção “por fora”. Experiências que, dia após dia, vivenciavam contra os “patrões seringalistas” (donos dos seringais), no espaço onde viviam. Espaço que Albuquerque (2005, p.35) definiu como “carregado de simbologias, contradições, vozes, solidão, vivacidade, tristezas e esperanças”.

¹⁹ De acordo com Montysuma (2003, p. 85) colocação significa “um termo que correspondia à unidade de moradia no seringal. Era composta basicamente pelo conjunto das estradas de seringa, mas envolvia também os castanhais, as áreas de caça, pesca e os maciços florestais que com o passar dos anos dos anos foram sendo apropriados à construção de roçados. Nas colocações era comum existir uma clareira contendo a casa do seringueiro, um casebre de palha para guardar mantimentos - paiol, e um segundo casebre de palha, o defumador, destinado à defumação do látex para a produção da borracha. A área de abrangência de uma colocação variava aproximadamente entre 300 a 800 hectares”. Nos dias atuais (2013) os seringueiros de Xapuri ainda utilizam o termo colocação para indicar suas unidades de moradia. Tanto dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes como no PAE Chico Mendes. De acordo com Alves de Souza (1996, p.56) “o termo colocação vem de colocar. Quando um seringueiro chegava pedindo para cortar seringa em um seringal ou quando era trazido para esse trabalho, o seringalista o colocava - daí, o termo colocação - em uma área que ficaria sob sua responsabilidade para produzir borracha. Nas colocações de seringa, os seringueiros não só produziam borracha. Eles também criaram e recriaram um modo de vida”.

Depois (principalmente nas décadas de 1970 e 1980), a resistência ganhou forma mais coletiva. Pela sindicalização, organização e “empates”, os seringueiros resistiram contra a expropriação de seus territórios levada a cabo pelo processo modernizante dos militares que buscava ampliar a fronteira agrícola para a Amazônia.

Foi relevante fazer retornos nesta primeira parte do trabalho também devido ao fato de algumas questões evidenciadas nos relatos dos colaboradores possuírem relações com as raízes históricas dos sujeitos pesquisados. Além de ajudar a cumprir uma das propostas estabelecidas no início da caminhada, ou seja, de colocar os seringueiros fazendo história, o tempo todo, dentro das condições que lhe foram (e lhes são) dadas.

Com respeito à revisão bibliográfica, deve-se anotar que no transcorrer do desenvolvimento da pesquisa surgiram diversas possibilidades de avançar na problematização acerca do que estava sendo investigado. As vivências na floresta, as falas dos seringueiros e as interpretações delas (realizadas também com base nas próprias experiências deste Autor), constituíram-se na base da revisão realizada. Em outros termos: a pesquisa é que deu fôlego à teoria.

Pode-se dizer que as teorias funcionaram como ferramentas para que se pudesse olhar a realidade social para além do senso comum. Elas ajudaram na problematização das questões, como afirmava desde o início do trabalho a professora Zilda Iokoi, orientadora da pesquisa. Inclusive, em um dos primeiros diálogos ela destacou que os conflitos e as desigualdades se colocam para o pesquisador a partir de bases teóricas e, deste modo, significam visões de mundo que diferenciam os historiadores em seu olhar para a vida social.

Segundo Zilda Iokoi o historiador olha segundo os fundamentos teóricos de suas escolhas que são visões de mundo e lugar social. Entretanto, não é possível encaixar a realidade na teoria. A teoria motiva a pensar e, deste modo, a criar novas possibilidades interpretativas dentro do próprio arcabouço teórico. Por isso, torna-se necessário olhar a partir de um lugar, mas mover esse mesmo olhar como se fosse por meio de um caleidoscópio. Ao girar o instrumento, o historiador verifica se ele aponta diferentes intensidades e se consegue ver a sobredeterminação de um nível do real sobre os outros. Ou seja: ele tem que reescrever a história.

Dessa forma, os tratos com as experiências sociais e com a cultura dos seringueiros direcionaram para E. P. Thompson como fonte teórica inspiradora, cujo foco da obra centra-se no fazer-se da classe - nas permanências e transformações nas relações sociais. Uma história, como já dito, “vista de baixo”. Outra referência importante, e da mesma forma fonte de

inspiração, foi o livro “*Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*”, da professora Emília Viotti da Costa. Neste caso, a influência se deu, principalmente, sobre como desenvolver uma narrativa histórica.

Além desses dois pensadores outras leituras ajudaram a analisar a realidade social para além do senso comum, dentre elas vale destacar o filósofo C. Turcke (2010), Appadurai (2009), Certeau (2011) e Van Dijk (2010). Utilizando a *Sociedade Excitada* de Turcke foi possível problematizar algumas mudanças no viver dos seringueiros de Xapuri/AC, relacionadas com a chegada da televisão na floresta (e seus milhares de estímulos).

Com respeito à Appadurai (2009), Certeau (2011) e Van Dijk (2010) pode-se dizer que o primeiro propiciou a reflexão sobre o silêncio e o ódio às minorias na contemporaneidade. O segundo, sobre as práticas culturais da contemporaneidade vistas pelo lado mais fraco (o da recepção anônima, da cultura ordinária, da criatividade das pessoas comuns). Já Teun A. Van Dijk, com seu *Discurso e Poder*, apontou para a necessidade de uma leitura crítica das fontes.

Os textos de Appadurai (2009) e Certeau (2011) também sinalizaram perspectivas sobre a importância da realização da produção de conhecimentos de forma partilhada (no caso dessa pesquisa, com os seringueiros).

Além das obras citadas, outras referências teóricas provocaram influências no desenvolvimento desse trabalho. Mencionam-se a obra de José de Souza Martins *Capitalismo e Tradicionalismo* (1975) e a de Boaventura Santos *Epistemologias do Sul* (2009). No caso do trabalho organizado por Boaventura Santos, em parceria com Menezes, abriu perspectivas e colaborou na problematização e no questionamento crítico do saber construído no “Centro/Europa” do “desenvolvimento sustentável”, que nos anos de 1990 apareceu no Estado do Acre como sendo a “salvação” para o problema da degradação e conservação ambiental na região. Discurso que o “Governo da Floresta” soube muito bem reproduzir em ambiente local e que, de acordo com os argumentos desenvolvidos no capítulo final, podem explicar algumas questões relacionadas com o objeto da pesquisa.

Além da perspectiva acima, deve-se dizer que os textos de *Epistemologias do Sul* chamam os pesquisadores para o combate, convidam para a produção de conhecimentos que possam dar voz aos que não as possuem. Por isso também esta pesquisa vincula-se a esse chamamento, até porque não objetiva gerar conhecimentos em defesa do já estabelecido.

Quanto ao livro de José de Souza Martins, especificamente o capítulo intitulado *Frente Pioneira: contribuição para uma caracterização sociológica*, foi importante no

sentido de ajudar a pensar questões relacionadas com o debate acerca da “frente pioneira” versus “frente de expansão”. Observam-se que os acontecimentos verificados no Acre, durante a década de 1970 e 1980 (que gerou o “movimento de resistência dos seringueiros”), como também a vinda de nordestinos para a região, no final do século XIX e início do século XX (conforme será visto ainda nesse capítulo), fazem parte dessa discussão.

Com respeito aos trabalhos de autores acreanos, atribuem-se destaque a três obras: *Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras*, de Albuquerque (2005); *Estado e Desenvolvimento insustentável na Amazônia Ocidental: dos missionários do progresso aos mercados da natureza*, de Paula (2003); e *A florestania, o desenvolvimento (in)sustentável e as novas fronteiras da sociodiversidade no vale do Rio Acre na virada do século XX: o caso dos trabalhadores extrativistas*, de Maia (2009). Essas pesquisas, originalmente defendidas por professores da Universidade Federal do Acre (UFAC), como dissertação de mestrado e teses de doutorado, também se constituíram em importantes referências e fontes inspiradoras para a construção da presente tese.

1.1 Do boom da borracha ao assassinato de Chico Mendes (um retorno necessário)

A Amazônia brasileira sempre teve a sua presença no cenário nacional atrelada aos recursos que podiam ser extraídos de sua floresta. No caso da região onde hoje se localiza o Estado do Acre, destaca-se que antes do surgimento da borracha, como matéria-prima estratégica para a grande indústria norte-americana e europeia, a região não despertava interesse (para a acumulação capitalista, é claro) e, inclusive, pertencia à Bolívia. Mas, a partir da segunda metade do século XIX a região tornou-se atrativa para as indústrias internacionais que se interessaram na extração do látex para a produção de borracha. No entender de Duarte (1987, p.110):

[...] na segunda metade do século XIX a região foi, aos poucos sendo ocupada por amazonenses, paraenses e cearenses, que subindo pelos afluentes do Amazonas e seus subafluentes, iam em busca da seringueira (*Hévea brasiliensis*), árvore gomífera da qual se extrai o látex, para fazer borracha. Aos poucos, todas as vertentes do Purus, Juruá, Acre, Iaco e outros rios, onde havia maior concentração de seringueiras, estavam ocupados por brasileiros.

A migração (notadamente de nordestinos) para as regiões dos rios Purus e Juruá, no Acre, aconteceu, principalmente, devido à descoberta da borracha como matéria-prima industrial. Foi o que fez crescer a demanda internacional pelo produto e provocou

investimentos externos nesta região. É sempre assim, quando há necessidade econômica o capital provoca “migrações forçadas ou voluntárias, em vista de satisfazer as necessidades de mão-de-obra em áreas geográficas específicas” (WALLERSTEIN, 2001, p.103).

Quando os ditos “civilizados” chegaram até a região do “Aquiry”²⁰, além das florestas, das seringueiras, das castanheiras e dos animais, encontraram os povos nativos que já viviam na floresta (EUCLIDES DA SILVA, 2009). De acordo com dados apresentados por Picolli (1992) viviam na região centenas de grupos tribais com contingente populacional estimado em 350.000 mil indivíduos. Homens e mulheres possuidores de tradições, valores, costumes e saberes, ou seja, com uma forma de viver na floresta estabelecida. Mas a chegada dos “barracões”, “batelões”, “rifles” e “porongas” provocou guerra. Na região do Acre tempos de mudanças se iniciavam.

Na verdade, “todo tempo é tempo de mudança - mas alguns são mais do que outros”²¹. Nas terras do “Aquiry” mudanças importantes estavam em processo com a chegada dos migrantes “civilizados”. “Todo tempo é tempo de conflito - mas há momentos históricos em que as tensões e conflitos isolados, que caracterizam a experiência cotidiana subitamente se aglutinam num fenômeno mais amplo e abrangente, que ameaça a ordem social”²². No “Aquiry” também era tempo de conflitos, onde alguns arriscavam suas vidas em nome do mundo nascente (nordestinos, paraenses, amazonenses, etc.) e outros em defesa do mundo que estava morrendo (indígena). Os não indígenas combateram os guerreiros tribais com o objetivo de eliminá-los e/ou submetê-los a uma nova forma de vida que precisava ser instalada. Na visão de Euclides da Silva (2009), outra sociedade é encravada em terras acreanas.

Os muitos migrantes que se tornaram seringueiros invadiram, com violência, as malocas indígenas. Invasões que a historiografia regional designou como “correrias”. A esse respeito, um relatório de autoria do Prefeito do Alto Purus (hoje Município de Sena Madureira, no Acre) publicado em maio de 1977, na primeira edição do Jornal “Varadouro”, é bastante esclarecedor.

Organizaram-se verdadeiras caçadas humanas [...] e, não raro, após sangrentos combates, os pretendidos civilizados e conquistadores regressaram às suas barracas, trazendo à guisa de troféu, os índios menores e moças, deixando estendidos no solo, mortos ou feridos, os indivíduos do sexo masculino da tribo, vítimas de sua cobiça e libidinagem.

²⁰ Nome que os indígenas davam à região onde hoje se localiza o Estado do Acre.

²¹ Viotti da Costa, 1998, p.23.

²² Idem, p.23.

Os indígenas eram valentes, fortes e saudáveis. Viviam em cabanas espaçosas e se alimentavam de caça e peixe, bebiam drogas de sua cultura para adivinhar onde se escondia a caça. Celebravam suas festas durante vários dias e formavam diversos grupos étnicos: “Caxinauás”, “Culinas”, “Catuquinas”, “Jaminauás”, “Campas”, “Mastanauás”, “Arauás”. Entretanto, muito disso acabou com a chegada dos não índios.

Portanto, a genealogia do Acre começa onde a história de inúmeros povos termina. E a literatura e a história oficial fazem de tudo para manter esse tema em “suspensão” (CARNEIRO, 2012). Inclusive, durante certo tempo, chegaram a afirmar a inexistência de nativos na região. Entretanto, não podendo mais negar os fatos, passaram a abordar o assunto na tentativa de justificá-lo. Segundo ainda Carneiro (2012) uns afirmaram que os indígenas morreram por mãos peruanas e bolivianas, outros que foram vítimas de conflitos intertribais. A narrativa mais audaciosa se limita a mostrar os nativos como agressores e o genocídio como prática defensiva. Por influência europeia (humanistas dos séculos XV e XVI) muitos acreditavam que o indígena era um ser “sem alma”, num estágio primitivo de humanidade. Não é por acaso que historiadores oficiais falam de uma pré-história do Acre.

Hoje, os inúmeros geoglifos encontrados em território acreano são provas incontestáveis da presença milenar do homem na região²³. Por isso mesmo é possível assinalar que os migrantes que se tornaram seringueiros não foram os primeiros. Antes de o Acre ser Acre o ser humano já habitava nesse espaço²⁴. Os indígenas, inclusive, muito contribuíram com os primeiros seringueiros, com os seus saberes. Mas sempre através de relações conflituosas, como bem ensina Antonacci (1994, p.252):

[...] os nordestinos dos primeiros seringais da Amazônia, quando se fizeram seringueiros, tiveram seu “saber-fazer” historicamente produzido nas conflituosas relações com os índios, rejeitando/incorporando/adaptando hábitos, crenças, saberes indígenas na aprendizagem do viver e trabalhar na mata, algo até então inusitado para retirantes da seca dos sertões. Na construção de seus relacionamentos no novo habitat, com os índios apuraram a técnica do corte da seringueira, da coleta do látex como de sua posterior defumação para formar as “pélas” de borracha. Mas dominados, os índios e sua cultura foram empurrados para o “fundo do seringal”.

²³ Os geoglifos são desenhos feitos na superfície da terra que só podem ser observados em áreas desmatadas e em posição aérea de longa distância. No Acre eles foram descobertos na década de 1970, quando a pecuarização ocasionou a devastação de milhares de quilômetros de floresta. As técnicas empregadas para a feitura das figuras ainda são desconhecidas. Sabe-se que tomam formas geométricas, zoomorfas e antropomorfas. Estudiosos afirmam que provavelmente foram feitos há mais de dois mil anos (CARNEIRO, 2012, p.52)

²⁴ Como visto, a população de indígenas foi estimada em 350.000 indivíduos. Mas em 2009, segundo o Boletim “Acre em Números” (2011), os indígenas eram aproximadamente 16.995 pessoas, distribuídas em 305 aldeias. No Município de Xapuri/AC não existe registros de população indígena.

A região do Acre passou a viver um novo tempo, com outros conflitos e outras resistências. Com novos (migrantes que se tornaram seringueiros) e velhos atores (indígenas que não foram dizimados). Iniciou-se o período do “ouro negro”, um tempo que muitos economistas e historiadores regionais enquadraram na expressão “primeiro ciclo da borracha”. A região então se configurou, do ponto de vista econômico, para o monoextrativismo gomífero (exploração de um único produto extraído da floresta. No caso, o látex para fazer a borracha). Neste sentido, contando com a mão-de-obra principalmente de nordestinos, a extração do leite (látex) das seringueiras para a produção de borracha começa a aumentar significativamente, chegando o Acre a ocupar o primeiro lugar entre as áreas produtoras do Brasil (DUARTE, 1987). A figura 8 ilustra o processo de fabricação de borracha (defumação do látex para transformação em “péla”).

Neste ponto abrem-se parênteses para uma rápida observação sobre a utilização da expressão “acreano” (com e) na narrativa desta tese. Mesmo o novo acordo ortográfico definindo a grafia “acriano”, com “i”, há um movimento questionando a mudança que atropela a cultura local. Dessa maneira, decidiu-se manter a forma antiga, acreano, com “e”, em solidariedade com os usos sociais das palavras que são tão ou mais importantes que a norma. Pois os homens fazem a língua e não a língua os homens, assim diz o primeiro gramático da Língua Portuguesa chamado Fernão de Oliveira, em 1532.

Figura 8 - Seringueiro defumando o látex para formar as “pélas” de borracha, técnica apurada com os índios.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico do Acre – FEM

O território acreano (e amazônico) pouco se beneficiou do *boom* da borracha. “Os maiores lucros sobre a produção gomífera eram auferidos pelo mercado externo” (COÊLHO *apud* CARNEIRO, 2012, p.49). Do caudaloso manancial de lucros que desembocavam na Inglaterra e nos EUA pouco ficava na região. Somente ficava por aqui o que era retido por meio de impostos sobre a exportação cobrados no Pará e no Amazonas e, ainda, os lucros comerciais adquiridos pelas “casas aviadoras”²⁵ e por alguns seringalistas bem-sucedidos.

No que se refere à produção de borracha utilizando o látex das seringueiras, vale observar que a árvore, quando cortada, produzia o leite (ver figura 9) que servia (ainda serve) para cicatrizar o ferimento causado pela secção. Para o ser humano, significava a possibilidade de produzir “pélas” a partir da substância que havia se tornado sinônimo de riqueza.

Figura 9 - Extração do látex da seringueira (*hévea brasiliensis*).

Fonte: Melo da Costa, 2000.

²⁵ As “casas aviadoras”, como já assinalado, eram estabelecimentos comerciais que abasteciam os seringais com mercadorias (sal, pólvora, banha, etc.) em troca da sua produção.

A exploração de borracha na Amazônia mantém-se dinâmica até por volta de 1912, quando acontece um deslocamento da produção para a Ásia, afetando drasticamente a região. Com esse evento, a maioria dos seringais que existiam passam a sofrer mudanças significativas.

Segundo Carneiro (2012), foi o botânico inglês Henry Wickham (1846-1928) que adentrou na Amazônia Brasileira, na segunda metade do século XIX, como “pesquisador” e contrabandeou do Pará cerca de 70 mil sementes de *havea brasiliensis*. Isso aconteceu no ano 1876, sendo as sementes encaminhadas para o *Royal Botanic Gardens* (Jardim Botânico Real) em Londres. Hoje, se sabe que a Malásia acabou sendo o destino das sementes. Por lá desenvolveram a produção de borracha “racional” que, anos depois, causou a derrocada da economia gomífera na Amazônia Brasileira.

Em crise, a atividade extrativista de borracha estagnou-se. Só voltando a apresentar alguns sinais de recuperação durante a segunda guerra mundial, no período designado pela historiografia regional como “Batalha da Borracha” (MARTINELLO, 1988). Durante a segunda grande guerra, possivelmente devido à ocupação dos seringais de cultivo na Malásia, pelos Japoneses, a região do Acre despertou novamente interesse da economia mundial como região produtora e exportadora de borracha para os países aliados que, capitaneados pelos Estados Unidos da América (EUA), confrontavam-se com o nazi-fascismo em expansão na Europa.

De acordo com Martinello (1988), no período de 1942-1950 foram “deslocados” do Nordeste para Amazônia, na condição de “soldados-seringueiros”, milhares de homens, visando atender o esforço de guerra. A “Batalha da Borracha” tratou-se, portanto, de uma operação montada pelo Governo Getúlio Vargas, visando garantir aos EUA (principalmente) matéria-prima estratégica durante a segunda guerra. Para essa “operação”, de acordo com (ANDRADE SILVA, 2005), foi montada uma rede de organizações pelo governo brasileiro e pelos americanos.

Os americanos participaram com a *Board of Economic Warfare*, a *Reconstruction Finance Corporation*, a *Rubber Reserve Company*, a *Defense Suplies Corporation*. Os brasileiros criaram o Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), a Superintendência para o Abastecimento do Vale da Amazônia (SVA), o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), o Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará (SNAPP).

Deu no Correio do Ceará:

Ainda na manhã de hoje, coincidindo com a estadia aqui do Coordenador de Mobilização Econômica, partiu de Fortaleza para Teresina uma caravana de 10 caminhões, transportando 315 trabalhadores recrutados em diferentes pontos do Estado. Estiveram presentes à partida desses novos soldados da borracha, os altos funcionários da SEMTA, que, no pouso do Prado, tomaram todas as providências para que tudo corra bem durante a longa viagem. Todos os trabalhadores partiram alegres e cheios de esperança no futuro melhor que os espera no El-dourado amazônico respondendo com demonstração de entusiasmo os gestos de despedidas dos que ficaram” (Fonte: extraído do Jornal Correio do Ceará de 21 de Abril de 1943)

Figura 10 - Apresentação dos soldados da borracha para embarque nos caminhões.

Fonte: Acervo do Museu de Artes da Universidade Federal do Ceará. Acervo digital do Memorial dos Autonomistas/Rio Branco-Ac

Em virtude dessa “operação de guerra”, o extrativismo (de borracha) no Acre e na Amazônia voltou a apresentar evidências de crescimento movido pela força de aproximadamente 50 mil nordestinos, 30 mil só do Ceará (ANDRADE SILVA, 2005). Período que foi denominado como “segundo ciclo da borracha”. Em 1953, influenciado por falsas notícias sobre melhorias de vida de nordestinos na Amazônia, o seringueiro Luiz Targino de Oliveira veio do Ceará para Xapuri/AC. Em 2011, na varanda de sua residência, emocionado, contou parte dessa história.

A nossa convivência no Ceará era trabalhar, naqueles senhores que tinham plantios de algodão, de carnaúba. Trabalhávamos no alugado. Para sobreviver, para tirar o sustento da minha mãe dos meus irmãos. Meus irmãos foram casando. O mais velho em 1953 no fim de 53. Tinha um tio meu por nome de Chaga Miguel que veio para o Amazonas umas três ou quatro vezes. Trabalhava, ganhava dinheiro e voltava para o Ceará. No fim do ano de 1953 ele veio para o Acre e eu vim junto. Ele era meu tio, era casado com a minha tia. Eu tinha 19 anos de idade. Vim direto em um navio, que navegava no oceano, no mar. Um navio de nome Cuiabá. Vim até Belém do Pará. Quando chegamos em Belém, nos hospedamos na hospedaria do Governo. Para esperar outro navio para o Acre. Com doze dias na hospedaria Tapanã chegou o navio de nome Jacinele. Embarcamos para o Acre. Navegamos nesse navio até o Município de Boca do Acre/AM. Na entrada do ano de 1954 passamos em Boca do Acre. O navio estava enfeitado de bandeiras para a entrada do ano. No primeiro dia do ano de 1954 saímos de Boca do Acre numa lancha por nome de Evandro Chagas. Até o Seringal Iracema. Quando chegamos no seringal, na rampa do Iracema, saímos da lancha para a terra. Fomos verificar se ficaríamos no seringal São Francisco do Iracema. Lá ficaram três pessoas, que vinham conosco. Ficaram duas primas minhas e um primo meu. Ficou também um rapaz casado por nome de João Aliseu, que era casado com a prima minha. O tio Chagas Miguel também ficou. Eu e meu tio fomos para Xapuri. Do Iracema para cá (Xapuri). Navegamos em outra chata de nome Itacoatiara. No dia 9 de Janeiro de 1954 chegamos a Xapuri. Eu desembarquei na frente do hospital. Nessa época, na beira do rio só existia o palanque (antigo porto de Xapuri – até hoje existe uma pequena edificação) e uma casa aonde hoje é loja do Doutor Marco Leite. Quem morava lá era o Senhor Dima, padastro do seu Guilherme Ferreira, pai do Zé Bobó. Seu Guilherme trabalhava com o Senhor Guilherme Zaire.

Observa-se que na região do Acre a produção de borracha durante os “anos de guerra” continuou sendo organizada de forma semelhante àquela do “primeiro ciclo”, ou seja, fundada em uma cadeia de fornecimento de mercadorias a crédito, que era baseada no endividamento prévio e contínuo do seringueiro com o patrão, a começar pelo fornecimento das passagens do Nordeste para a Amazônia. Antes mesmo de começar a extração do látex e da produção das “pélas”, o patrão fornecia todo o material logístico necessário à produção e à sobrevivência do seringueiro na mata.

Sobre esse tipo de organização da produção, conceituada como “sistema de aviamento”, deve-se assinalar que os seringueiros quando chegavam na Amazônia, principalmente durante o período do primeiro “ciclo”, eram cativos e viviam sobre as ordens de um patrão a quem pagavam renda. A maior parte de seus tempos de trabalho era dedicada à produção exclusiva da borracha, e o resultado de seus esforços somente poderia ser vendido ao “barracão do patrão”. Isso significava ter uma vida toda endividada, esperando por um saldo no final do ano que dificilmente acontecia. Nas cidades, os seringueiros somente iam duas ou três vezes ao ano, basicamente em datas religiosas.

Problematizando sobre o “sistema de aviamento” Martins (1995, p.10) nos informa que:

[...] se tornou não só um regime de exploração do trabalho, mas também um sistema de dominação política e de manifestação do poder pessoal. Na verdade, ele passou a regular inteiramente as relações sociais dos trabalhadores dos seringais, do trabalho à festa. Ele se firmou como um modelo de relacionamento entre o trabalhador e o patrão derivado da dominação de tipo patrimonial. No aviamento, o núcleo da relação de trabalho parece se constituir em variações de um duplo sistema de crédito sem dinheiro, bancário e comercial, em que os juros são cobrados extorsivamente ao longo da cadeia de financiamentos que vai da casa exportadora de borracha ao trabalhador do seringal [...]

Com o fim da guerra e a desocupação dos seringais de cultivo na Malásia o extrativismo gomífero na Amazônia estagnou-se completamente (por volta de 1950/60 os seringais já estavam totalmente decadentes). De acordo com fontes escritas consultadas, nesse período observou-se que os seringueiros aceleraram um processo de busca por mais autonomia (ALEGRETTI, 2002).

A figura dos “seringueiros autônomos” tornou-se frequente, que na verdade tratava-se de seringueiros que produziam e comercializavam borracha por conta própria, sem a dependência e o pagamento de renda para um patrão. Seringueiros que, além da produção de borracha, intensificaram a combinação de outras atividades produtivas como a coleta de castanha, a pesca, e a criação de pequenos animais. Isso conforme suas necessidades e características do mercado (ALEGRETTI, 2002).

Continuaram direcionando seus esforços para a produção de borracha, mas, agora, a venda do resultado de seus trabalhos não acontecia para um patrão específico e sim para “marreteiros” (em Xapuri, quando possível, vendiam também para comerciantes na cidade). Com os “marreteiros” a negociação se baseava, na maioria das vezes, através da troca direta (escambo). Trocavam borracha e/ou castanha por produtos industrializados. Raramente o dinheiro aparecia intermediando as trocas. Além disso, era também comum os “marreteiros” inflacionarem os preços dos produtos industrializados que levavam até o interior da floresta - sal, açúcar, pilha, munição, etc. (CASTELO, 1999)

Com o aprofundamento da crise, a cada dia mais seringais eram abandonados pelos seringalistas e, com isso, os seringueiros iam adquirindo maior “liberdade” para trabalharem a terra para si (passaram a ter um controle maior sobre as colocações). A borracha continuava sendo o produto principal, mais aumentos de produção de castanha passaram a ser observados, como também as criações de pequenos animais e o cultivo de roçados (milho,

feijão, macaxeira). Essa configuração caminha até os anos de 1970 do século passado quando mudanças importantes começam a ocorrer no Acre, agora transformado em Estado do Acre²⁶.

A seringueira Cecília Teixeira do Nascimento, que concedeu sua fala para essa pesquisa, na cozinha de sua residência, na colocação “Fazendinha”, localizada no PAE Cachoeira, relatou sobre suas experiências durante a passagem do “patrão” para o trabalho autônomo. Abaixo apresenta-se um pequeno fragmento de sua fala.

Quem era o patrão aqui no seringal Cachoeira era o Senhor Lamberto Ribeiro, aí trabalhamos com o seu Lamberto até ele vender o movimento, era ele e o Senhor Leônidas Ribeiro os patrões mais conhecidos aqui. Trabalhamos com eles muitos anos. Mas eles compraram o seringal Bahia e foram embora, ficamos sem patrão. De lá pra cá ficamos trabalhando assim, vendendo aonde era o melhor preço, comprando aonde era mais barato, e aqui ficamos o resto da vida. Quando chegamos aqui era cortando seringa direto, cortava seringa o ano inteiro. Quando era no final do ano a gente quebrava castanha. No outro ano continuava novamente, era todo tempo na seringa e na castanha. Aí os meninos foram indo embora e eu fui ficando, só eu e meu velho.

Em harmonia com o que apontou Simione da Silva (2013), pode-se dizer que o processo geral da formação da “Amazônia-acreana” deu-se a partir da dinâmica da fronteira econômica brasileira, em duas fases históricas: a ocupação inicial com a “frente pioneira” extrativista da borracha, a partir da década de 1870, e a também “frente pioneira” agropecuária, a partir do final da década de 1960.

Sobre a “frente pioneira” agropecuária, na Amazônia, pode-se afirmar que foi acelerada a partir de 1966, por iniciativa do Governo Militar (MARTINS, 1995). Sobre essa afirmação, esse autor observou que após o golpe de 1964 a ditadura militar que se instalou no Brasil, objetivando a “ocupação do território”, começou a introduzir diversas ações centradas principalmente em incentivos que visavam “ocupar e modernizar” a região amazônica. Os objetivos da ditadura e dos setores civis que a apoiava eram de natureza econômica, mas, também, sobretudo geopolíticos. Dessa forma, um processo modernizante apresentou-se com força na região, considerada a última fronteira a ser incorporada e explorada.

E essa ocupação e modernização da região tinha por lema “integrar” (a Amazônia ao Brasil) “para não entregar” (a supostas e gananciosas potências estrangeiras). Assim, os militares aceleraram a expansão da “frente pioneira”, principalmente através da concepção de incentivos fiscais. E a floresta, com as populações que aqui tinham morada, servia não apenas

²⁶ A criação do Acre Estado através de uma Lei assinada pelo presidente João Goulart e o Ministro Tancredo Neves, aconteceu em 15 de junho de 1962.

como habitat, mas como meio de vida (indígenas, seringueiros, etc.), passa a ser vista, então, como um obstáculo ao processo modernizante.

Na visão de Maia (2009, p.53) os militares viam

[...] esse território quase da mesma forma que os espanhóis e portugueses na época da colonização. Se aqueles tinham a região como *tierras no descubiertas*, os militares a viam como uma terra sem gente para acomodar uma gente sem terras” (MAIA, 2009, p. 53-54).

Essa visão lembra, no Brasil, os sem-terra do sul, sudeste e nordeste. Pois a importância atribuída à região Amazônica, pelos fardados, resulta de uma intrincada relação entre interesses e elementos simbólicos. Assim, a presença, aqui, não é entendida, apenas, como uma distribuição geográfica das tropas, mas compreende a dimensão material e simbólica da existência de uma unidade militar numa determinada localidade brasileira.

Tanto isso é verdadeiro que na proposta modernizadora dos militares, diversos instrumentos de intervenção foram utilizados. Nesse bojo, merecem destaque, segundo Maia (2009, p. 53-54):

- 1) “Operação Amazônia”, lançada pelo Presidente Castelo Branco, em 1º de setembro de 1966, visando através de uma nova e abrangente ação do Estado, modernizar a economia regional de acordo com relações tipicamente capitalistas, procurando inicialmente, como já se fizera no Nordeste, o caminho da substituição de importações de bens industriais, porém concentrando-se depois na agropecuária e agroindústria;
- 2) Programa de Integração Nacional (PIN), que tinha o objetivo de dar operacionalidade aos incentivos fiscais reorientando-os para a agropecuária e a agroindústria, com vistas à ocupação econômica e a absorção dos fluxos migratórios para atenuar os conflitos no Nordeste e Centro-Sul, promovendo a ocupação demográfica da Amazônia. Este programa foi criado pelo Decreto-Lei nº. 1.106, em 16 de junho de 1970;
- 3) Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e do Nordeste (PROTERRA) tinha como objetivo criar condições de acesso à terra aos trabalhadores rurais e pequenos proprietários minifundiários, melhorar as condições de emprego e de trabalho rurais e promover a agroindústria no Nordeste e na Amazônia;
- 4) Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (POLAMAZÔNIA), criado com a finalidade de promover o aproveitamento integrado das potencialidades agropecuárias, agroindustriais, florestais e minerais em áreas prioritárias da Amazônia, com investimentos públicos orientados para viabilizar a implementação de atividades produtivas de responsabilidade da iniciativa privada;
- 5) Programa de Desenvolvimento Integrado da Região Noroeste (POLONOROESTE), programa que visava apoiar a colonização oficial que se desenvolvia na década de setenta ao longo da rodovia Cuiabá - Porto Velho;

6) Zona Franca de Manaus (ZFM), mecanismo que criava incentivos com vistas à industrialização, via criação de um Distrito Industrial em Manaus. A Zona Franca teve sua abrangência ampliada com a criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), que estendeu suas ações para toda a Amazônia Ocidental;

7) Programa Grande Carajás (PGC), gigantesco projeto integrado de desenvolvimento (sic), abrangendo uma área de 900.000 Km², (área muito maior do que a de grande parte dos Estados brasileiros), criado com vistas à mineração, a agropecuária e a exploração madeiras para exportação. Dentre seus principais objetivos consta o de: “aumentar nossa capacidade de pagamentos externos, mediante a venda de minérios de ferro, minerais não ferrosos, produtos siderúrgicos, florestais, rurais e agroindustriais, agregando o máximo possível de elaboração com vistas a proteger o trabalho nacional”.

Para a estudiosa Antonacci (1994), nesse período, o projeto de desenvolvimento de grupos do centro-sul atingiu a região apoiado por incentivos fiscais, creditícios e instituições, promovendo uma verdadeira devassa através de projetos agropecuários, de mineração e de colonização. “Modernização” que provocou mudanças significativas nas bases produtivas e socioculturais da Amazônia.

Ainda sobre a ditadura militar, no Brasil, que se impôs pela força, por 21 anos, nunca é demasiado lembrar de seu “lado negro”. Ou seja, muitos que a combateram “foram eliminados ou perseguidos, pelas formas mais radicais da violência e da tirania aperfeiçoada em quase duas décadas de treinamento para a modernização da repressão” (IOKOI, s/d, p.16).

É nesse cenário que em 15 de março de 1971 Francisco Wanderley Dantas foi escolhido pelo presidente militar Emílio Garrastazu Médici para ser o segundo acreano a dirigir os destinos do mais novo Estado da Federação: o Acre. Talvez em busca de facilidades financeiras à sua administração, este Governador embarca na política da ditadura e passa a desencadear propagandas das terras “férteis e baratas” do Estado do Acre, no Centro-Sul do país, na tentativa de atrair pessoas para virem morar no Acre. Foi exatamente nesse momento que se intensificou o processo, já citado, de deslocamento dos sulistas para a região. Pessoas que os acreanos passaram a chamar de “paulistas”.

Muitos dos antigos seringais “trocam de donos”, bem como nesse período configuraram-se novas formas de exploração econômica das terras. Essas mudanças trazem consigo inúmeros problemas entre os seringueiros e os “novos proprietários”. A base produtiva acreana modificava-se (não totalmente) e inicia-se um novo tempo de mudanças. Um novo tempo de conflitos nas “terras do Aquiry”.

A questão central era que a atividade extrativista não se constituía em prioridade para as políticas modernizantes que moviam os interesses dos tomadores de decisão. Muito embora o extrativismo fosse responsável pela sobrevivência da grande maioria da população

do Acre e da Amazônia, ela não foi prioritária naquele momento. Dessa forma, com a economia empresarial da borracha em decadência e os seringalistas (donos dos seringais) numa situação de endividamento considerável, o surgimento de inúmeras áreas disponíveis para transações econômicas ganha força em mãos dos dominadores de então. Assim, na região do Acre a produção de borracha passou a ser substituída por uma atividade dita como mais “moderna”: a pecuária extensiva. Processo esse relacionado diretamente com uma nova rearticulação territorial do capitalismo no Brasil.

Dessa forma, com a impossibilidade de continuar vivendo da borracha, muitos seringueiros abandonaram as áreas mais centrais e rumaram para as de mais fácil acesso (“margens”). Nestas novas áreas passam a incrementar seus espaços de produção agrícola e de criação animal, mudando assim, aos poucos, o perfil de sua principal atividade econômica.

Nesse diapasão, se se olhar para o discurso dos militares de “ocupação dos espaços vazios”, mesmo com a Amazônia estando ocupada, a modalidade proposta de aceleração da “frente pioneira” parece contraditória. Ou seja, a ocupação se dava através da agropecuária, que era uma atividade econômica que dispensava mão-de-obra e esvaziava territórios.

Observa-se, ainda, que a região já era ocupada, segundo Martins (1995, p.3), por “dezenas de tribos indígenas muitas delas jamais contatadas pelo homem branco e, também, ocupada ainda que dispersamente por uma população já presente na área desde o século 18, pelo menos”.

No caso do Acre, os fazendeiros “paulistas”, com objetivos de implantação de pecuária extensiva e/ou simplesmente especular a terra (CASTELO, 1999), iniciam um processo de retirada dos antigos moradores. Com isso, os seringueiros que ainda permaneciam nas florestas passam a serem vistos como ameaças, como estorvos ao progresso. Famílias que há muito tempo ocupavam as matas acreanas são expulsas em função da mercantilização dos antigos seringais. A violência cometida antes com os indígenas voltava a se repetir, agora com os velhos (seringueiros) e os novos sujeitos (fazendeiros, peões, capatazes, pistoleiros).

A nova configuração da exploração intensifica transferências do domínio sobre os antigos seringais e provoca mudanças significativas nas esferas econômica e social, com reflexos importantes até os dias atuais. A floresta passa a ser derrubada de forma mais intensa para a implantação de fazendas de gado. De acordo com Iokoi (1996, p.129) “entre 1970/75, haviam sido destruídas, pelo fogo e motosserras, 180.000 seringueiras, 80.000 castanheiras e mais de 1.500.000 de árvores de madeira de lei”.

Muitos seringueiros são expulsos e mortos, famílias que viviam no interior da floresta migram para as cidades (do Acre e também para a Bolívia). O cotidiano das matas, silencioso e isolado, é substancialmente alterado pelos projetos de modernização propostos pelos militares. Na visão de Iokoi (1995, p.51) “... foi fruto desse processo que os rios passaram a ser contaminados, que a caça desapareceu, que os pássaros deixaram de fecundar”. A respeito desse período Costa Filho (1995), Cavalcante (1993) e Porfirio da Silva relataram que:

[...] as derrubadas da floresta para a formação de campos e pastagens foi violenta; grande quantidade de seringueiras, castanheiras, árvores de madeira nobre, entre outras espécies foram derrubadas para a instalação da pecuária. Além disso, os pecuaristas necessitavam de terras sem posseiros, pois a pecuária é uma atividade que ocupa pouca mão-de-obra (COSTA FILHO, 1995, p. 13).

[...] a desativação dos seringais e a implantação da pecuária extensiva de corte vai propiciar a formação de contingentes livres de posseiros, seringueiros, arrendatários, etc, que não mais ligados ao trabalho rural, vão migrar para as periferias das cidades (CAVALCANTE, 1993, p.10).

[...] os seringueiros não seriam mais vítimas apenas das intempéries naturais e da lógica econômica e política da economia do extrativismo. Neste instante, milhares de homens, mulheres e crianças seriam arrancados dos seringais pela crise da borracha, pelas políticas governamentais, pelos *bovinosman*, pelos próprios bovinos, pelas pastagens. Era a urbanização de Rio Branco entrando na modernidade, mesmo que extemporaneamente. Era um movimento contrário aos resultados da modernização selvagem da agricultura brasileira que levava o pequeno proprietário, o posseiro, e o parceiro miseráveis a aventurarem-se na fronteira agrícola. Por aqui os seringueiros, meeiros, aventuravam-se nas expectativas de urbanização do Estado, atraídos pelo surgimento das favelas, etc., era a fuga em direção ao paraíso perdido (PORFIRO DA SILVA, José. “Onde vamos passando? (parte II)”. In: Jornal a Gazeta, 5 de dezembro de 1998)

Mesmo com toda a violência que passaram a sofrer, os seringueiros decidiram lutar pela manutenção de seus modos de viver na floresta. Foi assim que o denominado “movimento de resistência”, contra a expulsão, teve início em terras acreanas. “Movimento” que, em seu primeiro momento, contou com o apoio da Igreja Católica e da Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). É importante dizer que nesse período o regime militar ainda mantinha o arbítrio, pois somente sofreu o primeiro impacto quando da aprovação da Lei de Anistia, em 1979 (IOKOI, s/d. p.17).

Têm-se, então, a partir desse impulso inicial, diversas formas de lutas contra a expropriação do então Território do Acre. E, dentre elas, merece destaque o “empate” (ato de impedir coletivamente o desmatamento dos seringais).

Assim, foi refletindo sobre esses momentos que, sentado na varanda de sua casa, o seringueiro Adelcir Ferreira da Silva, da “Colocação Altamira I”, localizada no PAE Cachoeira, lembrou esses instantes de conflitos e incertezas, de medo e esperança. Falou sobre sua experiência em um “empate” que denominou como “uma greve geral”:

Eu nasci aqui nesse seringal. Meu pai, na época, era comboieiro (conduzia tropas de mulas entre as colocações levando mantimentos para os seringueiros e trazendo borracha para o barracão) e trabalhava para o patrão. Tocava os burros que carregava os produtos. Quando fomos crescendo, o meu pai achou que não dava mais para viver de empregado e comprou a colocação Altamira I. Nessa colocação, eu e meu pai trabalhamos com borracha e castanha. Vivíamos tranquilo trabalhando, cortando seringa, fazendo borracha e coletando castanha. Até a aposentadoria do meu pai, que passou a colocação para mim. Eu passei a ser o dono. Fiquei trabalhando sozinho, até meus irmãos voltarem. Eles haviam saído. Voltaram para trabalhar comigo. Foi aí que chegou aquela época dos fazendeiros querendo comprar os seringais. Aí uma greve geral aconteceu aqui nesse seringal, para a gente pressionar o governo a desapropriar essa terra. Para a gente ficar aqui sem sair e sem desmatar. Essa greve demorou quase três meses, até que o Governo desapropriou. Ficamos aqui até agora.

O Boletim “Nós Irmãos”, editado pela Prelazia do Acre e Purus, em junho de 1974, é outra fonte histórica importante que ajuda a compreender e a refletir sobre a dimensão dos conflitos que estavam em curso naquele momento. Apontam, também, a posição desempenhada pela Igreja Católica, em meio a esse cenário.

Em face da grave situação criada pelo problema das terras no Estado do Acre e em particular no território desta Prelazia, a Igreja acre-puruense, não entrando no lado técnico deste problema, mas inspirada no Evangelho de Cristo, faz questão de dar a esse respeito suas diretivas para todo o povo de Deus. A problemática das terras preocupa em especial os posseiros, colonos e seringueiros que vivem na maioria das vezes há vários anos no interior de nossos seringais e colônias sobre quem pesa a ameaça de deixarem suas posses, sem perspectiva alguma de sobrevivência. Na realidade, com o passar dos dias, multiplicam-se os casos de posseiros, colonos e seringueiros que da maneira mais arbitrária e mesmo violenta vêm sendo expulsos de suas posses sem o menor respeito à dignidade da pessoa e mesmo às Leis vigentes. [...] A orientação da Igreja no que diz respeito aos posseiros é a seguinte: a) conscientizar os posseiros de seus direitos segundo as orientações do Incra sobre a posse da terra; [...] c) denunciar aos órgãos competentes, Incra, 4ª Cia, Polícia Federal, Polícia Militar, Secretaria de Segurança as arbitrariedades cometidas contra esses trabalhadores; d) defender mesmo na justiça indivíduos ou grupos quando nenhuma outra providência for tomada pelos órgãos de direito [...] (Boletim Nós Irmãos, Prelazia do Acre e Purus junho de 1974, *apud* Dourado de Souza, 2011, p. 62).

Ainda, sobre o papel da Igreja Católica no processo inicial de organização dos seringueiros acreanos para a “resistência”, o depoimento de Dercy Teles, concedido na sede

do STTR de Xapuri, em outubro de 2011, é bastante revelador. Abaixo, descreve-se um fragmento de sua fala:

Em 1978 inicia a Teologia da Libertação em Xapuri, e os padres começam a fazer visita às comunidades fundando grupos de evangelização. Que naquele tempo não eram comunidade, se chamavam seringais mesmo. Os padres fundavam os grupos de evangelização que eram aglomerados de pessoas da vizinhança para refletirem sobre a vida em torno do evangelho. Para rezar, e também fazer uma discussão a respeito de tudo o que estava acontecendo naquele momento. Nós não chamávamos de discussão política, apesar de ser política. É que não entendíamos essa palavra. Em 1978 o Padre Cláudio Avalone fez a visita no nosso seringal. Passou pela nossa casa e foi até o Seringal Barra. Fez um círculo. Ele entrou pelo Seringal Boa Vista, passou pelo Seringal Sibéria, Seringal Barra, e saiu pelo Boa Vista e pelo São João do Guarani, fazendo essa discussão e fundando os grupos de evangelização. Nessa viagem, eles fizeram uma reunião na nossa casa e fundaram o grupo de evangelização. Fui indicada pela a comunidade para ser responsável pela animação daquele grupo, fiquei com essa responsabilidade. Fiz algumas capacitações promovidas pela paróquia e acho, se não me falha a memória, que uns seis meses depois volta o Padre novamente. Nessa segunda visita veio acompanhado de uma pessoa do Sindicato. Nessa visita foi fundada uma delegacia sindical e as pessoas da comunidade, novamente, me indicaram como Delegada Sindical, já que eu era animadora de grupo.

Na visão de Iokoi (1996, p. 129), a Igreja Católica, através da Regional Norte 1, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), procurava desenvolver na região, nesse período:

[...] uma ação pastoral com o fim de atuar em duas frentes: aproximar seringueiros e índios, como vítimas dessa ação implacável e fortalecer organizações sindicais que pudessem constituir-se como frente institucional de luta na região. Foi um lento processo de articulação entre os dois grupos, uma vez que até então os moradores encontravam-se isolados na floresta, onde os filhos dos seringueiros não podiam sequer frequentar as escolas.

De modo que os vários trabalhos acadêmicos publicados sobre seringueiros, e analisados nessa pesquisa, apontaram para o fato de que o “movimento de resistência” contra a expulsão e desarticulação dos modos de viver na floresta acreana começou (de forma mais organizada) no Município de Brasiléia/AC, mais precisamente no seringal de nome Carmem (ver mais em CAVALCANTE, 1993). Foi naquele local que os seringueiros, liderados pelo sindicalista Wilson Pinheiro, iniciaram o desenvolvimento de suas lutas políticas de resistência à expropriação e proletarização. Resistência contra a política modernizante implantada pelos militares na Amazônia.

O seringueiro Júlio Barbosa, ex-prefeito de Xapuri, na varanda de sua casa, no chuvoso e quente janeiro de 2012, lembrou e relatou sobre os momentos iniciais da

“resistência dos seringueiros” (para ele marcantes), conforme pode ser visto no fragmento a seguir:

Em 72, quando começou de fato a chegada dos grandes pecuaristas vindo do sul aqui para nossa região foi um momento extremamente difícil, foi um momento onde, primeiro, não tínhamos sindicatos organizados, não tínhamos os seringueiros organizados, estávamos vivendo totalmente sobre a tutela dos patrões que tinha abandonado os seringais falidos. Seringais que passaram a ser ocupados por outro tipo de organização, ocupados por aqueles que desejavam implantar suas fazendas. Então, essa relação, esse primeiro momento, foi extremamente difícil. Lembro que de 1971 a 1974 não tinha sindicato organizado e a única instituição que os seringueiros, quando estavam se sentindo ameaçado, procuravam era a Prelazia. Na época não era nem Diocese. O bispo era o Dom Giocondo, não era nem Dom Moacir. Mais logo em seguida em 1972 já passou a ser Dom Moacir. Dom Moacir veio para o Acre e começou a inserir um grande desafio, que era de fortalecer o movimento e a consciência dos seringueiros contra aqueles que iam transformar seringais em grandes fazendas de gado. Eu vivi esse processo, no início inserido no grupo de jovens da igreja, que em Xapuri, inclusive, tinha entre os participantes o ex-prefeito Vanderlei Viana que era o grande militante do grupo de jovens. Ele resolver tomar outros caminhos na sua vida e na sua concepção de luta, e nós continuamos lutando e se organizando partidariamente sobre outra concepção. Estou falando do início dos anos 80, que era a época em que Chico Mendes foi vereador em Xapuri.

Depois de iniciado o processo, ele tornou-se vigoroso. E do calor das lutas surgiram importantes nomes e lideranças. De acordo com Camely (2009), os principais nomes de homens e mulheres que se destacaram foram: Wilson Pinheiro (assassinado), Osmarino Amâncio Rodrigues, Chico Mendes (assassinado), Raimundo Mendes de Barros, Dercy Telles de Carvalho Cunha, Simplício Pereira de Araújo, Luiz Targino de Oliveira, Ivair Higino de Souza (assassinado), José Conde de Andrade, João Ferreira Sena, Manoel Custódio da Silva, Antônio Miranda da Fonseca, Elias Gadelha, Osmar Facundo de Oliveira, Pedro Sebastião Rocha, Francisco Ramalho de Souza, Luiz Damião do Nascimento, Alberto Rocha Amorim, Antônia Pereira Vieira, Vicente Lira, Sebastião Marinho, Pedro Teles, João Monteiro, Paulo de Souza Silva, Antônia Ribeiro da Silva, Maria Lino dos Santos.

Figura 11 - Reunião na casa da Sra. Valdiza, para a escolha da data de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia. Sindicato fundado no dia 21 de dezembro de 1975. Início do processo de Organização e sindicalização dos seringueiros.
Fonte: Acervo de Terezinha Paiva. Foto obtida no cervo digital do Memorial dos Autonomistas/Rio Branco-AC

Observa-se que eram diversas as tensões e contradições existentes: tensões dos seringueiros com as autoridades constituídas do Estado, tensões entre os seringueiros e fazendeiros e entre peões de fazenda e seringueiros. Inclusive tensões entre os próprios seringueiros sindicalistas, como bem evidenciou Júlio Barbosa de Aquino, em seu depoimento, cujo fragmento aqui se descreve:

Em 1981, 82, nos começamos um movimento aqui em Xapuri que poucos se lembram, até porque têm poucos registros. Foi um movimento de oposição à Diretoria do STR de Xapuri, que era dirigido por uma pessoa que na minha concepção não era um pelego, mas não tinha muito pulso para enfrentar a opressão, a truculência do sistema. Então nos criamos em 1980, após a morte do Wilson Pinheiro, o movimento chamado oposição ao Sindicato e Xapuri. Foi um movimento importante da qual eu, Raimundo Barros, Pedro Telles e outras pessoas nos inserimos direto nesse movimento. O objetivo era ganhar o sindicato de Xapuri e dar uma nova direção, um novo direcionamento ao sindicato de Xapuri, porque daquele momento os seringueiros estavam tendo muitas derrotas, relacionadas com aquilo que nos chamávamos de pressão dos pecuaristas, relacionado à necessidade que eles tinham de vê as áreas dos seringais desocupados para poderem demarcar e derrubar. E o nosso sindicato não tinha muito pulso na direção naquela época, não tinham muito pulso para esse problema. Então nós criamos a oposição sindical, criamos a oposição sindical e graças a Deus em 82 conseguimos ganhar a direção do sindicato. A nossa primeira direção do sindicato dos trabalhadores rurais de Xapuri foi uma

mulher. Na luta de organização da oposição uma mulher se destacou, essa mulher é a Dercy, que hoje é presidente novamente do sindicato, e que faz oposição a nós. Faz oposição, isso é interessante frisar, ao projeto do governo do Estado, ao projeto do PT. Ganhamos o sindicato e ficamos de 82 a 83 com a Dercy. Observo que foi uma eleição transitória, porque ainda não tinha acabado o mandato de Luiz Damião. Fizemos uma pressão para mudar a direção do sindicato. Quando terminou em 83 o mandato de Dercy fizemos uma votação definitiva e Chico Mendes foi eleito presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Xapuri. Observo na eleição de 82 o Chico, que era vereador, foi candidato a deputado estadual pelo PT e perdeu a eleição. Por isso não concorreu a eleição do sindicato em 82. O Chico foi candidato a deputado estadual em 82 e perdeu, então nos começamos a trabalhar aqui em Xapuri e em 1983 o Chico foi candidato a Presidente do sindicato e nos ganhamos a eleição. O Chico dirigiu o sindicato como Presidente de 83 até 88, foi um período de 5 anos que ele dirigiu o sindicato e, naquele momento, eu também fui eleito secretário do sindicato. Ele era presidente e eu secretário, foram 5 anos que ele foi presidente do sindicato. Estou dizendo isso porque quando ganhamos a eleição em 83, fizemos duas coisas interessantes: reforçamos a luta de resistência contra o desmatamento em nossa região e começamos a construir uma proposta alternativa para um modelo de reforma agrária para nossa região. Isso foi extraordinário, foi aí que surgiu a ideia do debate sobre a questão da Reserva Extrativista.

Apesar da intensificação da violência, o “movimento de resistência” a cada dia ia se tornando mais vigoroso e mais organizado. Tendo como ponto de apoio concreto a ação da Igreja, por meio da Regional Norte 1 da CNBB (IOKOI, 1996). Do outro lado, os latifundiários também se organizavam. O auge da organização e ofensiva da parte dos latifundiários se deu com o aparecimento, no Acre, da União Democrática Ruralista (UDR).

Observa-se que a UDR era (ainda é) uma entidade de classe que reunia ruralistas. Teve sua primeira sede regional fundada em 1985, na cidade de Presidente Prudente - SP, e, posteriormente, no ano 1986, na cidade de Goiânia - GO. Em seguida, foi fundada a primeira UDR - Nacional, com sede em Brasília - DF. No Acre, a organização surgiu em 1988, tendo como principal dirigente o pecuarista João Branco (Fonte: Histórico da UDR. Disponível em <<http://www.udr.org.br/historico.htm>> Acessado em 23/09/2012). Para Viana & Alves (1991, p.3) a UDR no Acre:

[...] realizou leilões públicos, elegeu deputados, subornou a classe média e comprou metade da imprensa. Em 1988, no período de maior confronto, sentiu-se suficientemente forte para matar Chico Mendes. Alguns de seus aliados reconhecem hoje que pode ter sido um erro de cálculo.

A foto apresentada, a seguir, foi registrada em Xapuri/AC, logo após o assassinato de Chico Mendes, em dezembro de 1988. No local, atualmente, existe um monumento, em homenagem aos seringueiros mortos, denominado “Painel dos Mártires”. A fotografia é uma evidência clara sobre quem eram os inimigos dos seringueiros naquele momento.

Figura 12 - Manifestação de seringueiros em Xapuri/Ac, em dezembro de 1988. Fonte: Acervo da Comissão Pastoral da Terra – CPT. Foto obtida no acervo digital do Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural (Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour - FEM)

Após o assassinato de Wilson Pinheiro (morto em 21 de junho de 1980, com um tiro na nuca, pelas costas, a mando de latifundiários, quando estava reunido numa sala com outros dirigentes do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasileira/AC), a luta se ampliou. E os seringueiros, com apoio da CNBB, decidiram elaborar um dossiê sobre as arbitrariedades e lutas realizadas no Acre. Isso permitiu o acesso de informações por brasileiros e estrangeiros sobre os conflitos que ocorriam na região (IOKOI, 1996). De acordo com Simione da Silva (2013, p.24) a “terra, nesse momento, passava a ser medida por hectares e não mais pelas estradas e árvores como na colocação”.

Os seringueiros, especificamente os de Xapuri, começaram a chamar a atenção de organizações internacionais. Principalmente Organizações Não Governamentais (ONG's) ditas “ambientalistas” e/ou “ecologistas”. É importante notar que neste momento crescia, de forma significativa, principalmente entre a classe média estadunidense e europeia, as preocupações com a preservação/conservação do ambiente.

Figura 13 - Velório de Wilson Pinheiro (1980). Fonte: Acervo: Comissão Pastoral da Terra
Foto obtida no acervo digital do Memorial dos Autonomistas em Rio Branco-AC

O “movimento dos seringueiros” acreanos aproxima-se, então, dos defensores das questões ecológicas no mundo. E, não por acaso, no ano de 1987 o xapuriense Francisco Alves Mendes Filho - o Chico Mendes - recebe da Organização das Nações Unidas (ONU) o prêmio “Global 500”, concedido aqueles que se destacavam na defesa ambiental do planeta. Naquele mesmo ano, Mendes ganhou a “Medalha do Meio Ambiente” da organização *Better World Society*.

Para Maia (2009), a história desses seringueiros brasileiros invisíveis (ou não visíveis), que viviam embrenhados na floresta, somente foi revelada para o mundo quando construíram uma forma de se mostrarem. O fato é que existia uma necessidade de o “movimento dos seringueiros” avançar. E avançou, para além dos “empates”. Portanto, a aproximação com as questões ambientais pode ter se constituído em uma das formas de os seringueiros “se revelarem”. Observe-se que desde o momento em que resolveram resistir, de forma coletiva, contra a expropriação, os objetivos deles passaram por modificações, incorporações, e adaptações às conjunturas que o processo exigia.

Algumas evidências coletadas, em fontes escritas, indicam que os seringueiros do Acre fizeram uma leitura inteligente do contexto externo e, assim, aproveitaram, com sabedoria, a publicidade internacional adquirida com os “empates” para divulgar “mundo afora” o que alguns autores como Da Silveira (2012) conceituaram de “identidade seringueira”. Nesse processo, e através da colaboração de apoiadores do “movimento”, passaram a salientar suas histórias de luta e a destacar a aliança feita com a população indígena, bem assim com seus estilos de vida.

Esse movimento de aproximação com os ambientalistas e ecologistas pode corroborar na explicação do porquê desses sujeitos sociais e políticos passarem a ser vistos por muitos como “protetores da floresta”. Discurso que foi muito bem aproveitado tempos depois pelo “Governo da Florestania”, como será visto posteriormente.

Ainda, sobre a aproximação dos seringueiros com a ideologia ecológica/ambiental, é prudente observar o depoimento oral citado por Silva (2002). Depoimento de uma das importantes lideranças do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, naquele momento, o seringueiro Raimundo Mendes de Barros, primo de Chico Mendes.

Uma vez sabendo que aqui tava essa luta, no momento nós não tinha menor ideia que se estava fazendo um luta ecológica. Sabia sim que era uma luta pela sobrevivência. Então, vieram estas pessoas e começaram a pregar, com certeza para o Chico Mendes e ele passou para nós, dizendo que nossa luta não é só pela sobrevivência, mas também um luta em defesa do meio ambiente; isto era um luta ecológica isso e aquilo outro. O meu entendimento é este. O ecológico foi uma coisa que veio depois. A gente tava fazendo as duas coisas, mas o que a gente entendia era só uma; era a luta pela sobrevivência. Defender a sobrevivência para nós era defender a floresta, por que lá é onde tá seringueira, castanheira, o cacau, o bacuri que a gente come; onde tá a paca, o tatu, a cotia; onde tá o veado, a anta, a queixada; onde tá o igarapé que tem desde a piaba até o mandim, a traíra e tudo; e, além disso, a gente se serve das águas e, ainda pesca os peixes (Raimundo Barros. In. Silva, 2002, p. 55)

De outra parte, não se pode perder de vista haver controvérsias a respeito desse assunto. Bem como outras interpretações acerca dessa aproximação. Alguns trabalhos acadêmicos consultados apontam que os seringueiros foram, em realidade, utilizados como instrumentos de manobra das instituições internacionais, notadamente de ONG’s estadunidenses (CAMELY, 2009).

Outros atribuem essa aproximação exclusivamente à “perspicácia política” de Chico Mendes. Nessa linha de argumentação teria sido Chico Mendes, com sua habilidade, realizado uma leitura do mundo, no seu tempo, e criado certa unidade entre a luta dos seringueiros pela terra-floresta e a ideologia ambiental/ecológica (DA SILVEIRA, 2012). Talvez, por conta

disso, muitas das representações de Chico Mendes, no Acre atual, indicam que ele era, na verdade, um ecologista e não um revolucionário.

Figura 14 - Chico Mendes em reunião com representantes do BIRD em Washington (1988)

Fonte: Acervo Fundação Chico Mendes.

Na visão de Dom Moacir Grechi, um colaborador do “movimento dos seringueiros”, na época um conceituado Bispo da Prelazia do Acre, a proteção da floresta tornava-se importante naquele momento histórico e, sendo assim, Chico Mendes e os seringueiros do Acre agarraram essa oportunidade valiosa para “tirar a vela debaixo da mesa²⁷”.

As informações e dados coletados, durante o processo de pesquisa, direcionaram para concluir que as duas coisas podem ter acontecido no tocante ao movimento de aproximação dos seringueiros com a ideologia dita ambientalista/ecológica. A mesma opinião tem o

²⁷ A expressão “tirar a vela debaixo da mesa” foi proferida pelo Bispo Dom Moacyr, quando problematizava sobre a necessidade que os seringueiros tinham de visibilidade. Falou assim: “esses meninos colocaram uma vela acesa em baixo da mesa, e agora entenderam que uma vela acesa não pode ficar debaixo de uma mesa”. Essa informação foi coletada através de uma conversa que se teve com Adão Costa Silva, que estava presente quando a frase foi pronunciada. Conversa informal realizada em 15/04/2011.

seringueiro e ex-prefeito de Xapuri Júlio Barbosa de Aquino, como pode ser observada no relato que concedeu ao presente estudo, cujo fragmento apresenta-se abaixo:

Eu acho que nem uma tese nem outra estão erradas, nem a tese da contribuição das ONG's, nem a tese que as ONG's utilizaram os trabalhadores de Xapuri para seus propósitos. Aconteceram as duas coisas. Eu não sei como é que você vai poder sintetizar isso, como vai ficar depois, mais eu vou tentar ver se eu consigo esclarecer essa questão. Primeiro, e isso eu não falei na minha explanação inicial, em 1985 nós realizamos o primeiro encontro nacional do Conselho Nacional dos Seringueiros. A partir daí, em 86 e 87, anos para nós aqui em Xapuri muito tensos. Para Xapuri a tensão forte foi 1986, 1987 e 1988. Em 86 foi quando começou no eixo Rio-São Paulo e Rio Grande do Sul o chamado movimento ecologista. Eles criaram até um movimento chamado Salve a Amazônia. Nesse movimento tinha o Ministro Carlos Minc, o Alfredo Sirkis, o Fernando Gabeira e uma turma de São Paulo, ligada à USP de Piracicaba. Também uma turma ligada à Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Então essa turma criou o movimento ecologista. Mas esse movimento não foi criado vinculado ao movimento do Acre. É interessante recapitular e relatar sobre isso. Foi o seguinte: o Chico Mendes fazia a luta aqui em Xapuri, mas o Chico saía daqui de Xapuri onde era presidente do sindicato e também discutia lá em Brasília. Ia discutir em Sena Madureira, em Feijó, em Tarauacá. Ele foi até para Cruzeiro do Sul e Boca do Acre no Amazonas para colocar a discussão sobre a necessidade de organização e resistência dos seringueiros contra o desmatamento da floresta. O Chico tinha essa questão. Quando começou aquela discussão lá do movimento dos ecologistas no eixo do Rio São Paulo e no Rio Grande do Sul o que é que o Chico percebeu? Ele percebeu que aquele movimento poderia ser um grande aliado nosso, e isso é interessante lembrar, ele viu que eles poderiam ser um grande aliado da luta dos seringueiros aqui. Porque ele percebia que essa luta aqui era uma luta muito desigual, isso porque o governo, a justiça, todo mundo estava do lado dos pecuaristas, então era lutar, lutar, lutar, lutar e sempre perder. Nós perdemos muitas guerras, perdemos muitas lutas para a Fazenda Bordon, perdemos contra a Fazenda Nova Esperança, perdemos lá no Cachoeira, no Equador, ali naquela região toda, porque éramos muito sufocados pela justiça sempre ao lado dos fazendeiros. Na hora de tomar uma decisão, tomavam a decisão para o lado deles. Aí o Chico começou a ver que era importante procurar esse movimento que estava acontecendo no Rio de Janeiro, em São Paulo, para buscar apoio, e foi isso o que ele fez. É por isso que quando se olha os escritos, os noticiários, as revistas, observamos que teve um período em que Chico Mendes começou a viajar. O Chico foi para Washington e isso foi a primeira coisa, foi o primeiro impacto grande, positivo, que aconteceu. Em 1987 ele participou da assembleia anual do BID, eu participei em 1989 já sem a menor dificuldade, como dirigente do Sindicato de Xapuri. Eu participei de uma assembleia do BID em Amsterdam. O Chico, para conseguir participar em 87, para [...] ele entrar lá, só conseguiu entrar porque o Steven Swartz, um dirigente de uma ONG ambientalista americana, conseguiu colocar no Chico um crachá de jornalista, então ele não entrou com um crachá de dirigente sindical não, ele entrou com um crachá de jornalista. Ele entrou para entrevistar, e quando ele entrou para entrevistar, ele levou uma carta onde denunciava às atrocidades que estava acontecendo no Brasil, com o financiamento por parte do BID e do Banco Mundial, que era a pavimentação da BR-364. Por isso que a pavimentação da BR-364, de Rio Branco para frente, somente foi viabilizada depois que o Jorge Viana ganhou o governo. A BR não conseguiu andar por causa disto, e foi o Chico que conseguiu fazer essa denúncia e, a partir da denúncia dele, não durou uma semana e os bancos suspenderam todos os contratos que tinham com o governo brasileiro para fazer esses investimentos na região da Amazônia. Então, aquilo ali foi o primeiro evento. Logo a imprensa começou a bater forte e o Chico, com apoio do Steven Swartz, começou a construir esta aliança com as ONG's ambientalistas. O Chico do Acre, com o apoio da Mary Alegretti, do IEA de Curitiba, começaram a serem convidados para fazer debates em várias universidades. Diz-se isso para afirmar que, naquele

momento, o movimento ecologista e os ambientalistas desempenharam um papel extremamente importante, por tudo isso que esta acontecendo não só em Xapuri, ou no Acre, mais na Amazônia inteira. No segundo momento, após a morte do Chico, muitos ecologistas e outros não extremamente comprometidos com a causa começaram também a se envolver, começaram a querer inserir propostas, começaram a querer participar de um processo. E isso levou a uma situação que, inclusive, um determinado momento o movimento se dividiu. Então, isso foi extremamente grave, não se pode dizer que o movimento ambientalista não quis se aproveitar de uma situação de Xapuri, quis sim. E querendo se aproveitar só atrapalhou, não ajudou em nada. No primeiro momento o movimento ambientalista foi extremamente útil para chegar onde chegou. Essa é uma situação posta. Os livros, fala-se, agora, de literatura. Muitos livros foram escritos que falam sobre essa luta. Alguns falam indiretamente o que o Chico Mendes fez, sobre sua história, outros diretamente. Muitos livros não tem nada a ver com a realidade. Vejam, se se pegou o filme que foi feito de Chico Mendes não tem nada a ver com o que aconteceu. Assiste-se o filme por muitas vezes e, em nenhum momento, consegue-se identificar aquilo que de fato era a luta do Chico Mendes.

1.2 “Chora o mundo inteiro, morre o Chico. Chico-Rei seringueiro”²⁸

No final do ano de 1988, no dia 22 de dezembro, Chico Mendes foi assassinado. Era uma quinta-feira, exatamente três dias antes do Natal. O palco foi à bucólica cidade de Xapuri/AC. No final da tarde daquele dia os adolescentes saíam da escola e alguns jovens se deleitavam com o futebol na “quadra da rodoviária”, perto da Igreja Católica São Sebastião. Na rua do comércio, os lojistas buscavam alguns trocados atendendo os últimos clientes do dia. As donas de casas preparavam o jantar. Alguns maridos caminhavam em busca do pão nas duas únicas padarias da cidade. Tudo como todo dia. Nada indicava que naquele início de noite Xapuri sairia do anonimato.

No final da rua Dr. Batista de Moraes, Chico Mendes jogava dominó. A casa era de madeira, bem simples, de teto baixo. Chico sempre foi simples, e talvez essa tenha sido a sua maior qualidade. Adorava jogar dominó desde os tempos de seringal e, naquele dia, jogava com os policiais que o protegiam.

A última partida foi encerrada e Chico Mendes, de toalha no ombro, desceu as escadas rumo ao pequeno banheiro que ficava localizado no quintal de sua residência, para o banho costumeiro antes do jantar. Não conseguiu descer todos os degraus. Uma saraivada de chumbos voadores dilaceraram seu peito de 44 anos. Xapuri perdia mais um de seus filhos, e a floresta amazônica, talvez, um de seus maiores defensores.

²⁸ Parte da letra da música “Ao Chico”, feita em homenagem a Chico Mendes, pelo músico acreano Tião Natureza (*in memoria*).

A foto apresentada, a seguir, ilustra os fundos da casa de Chico Mendes e a escada onde ele tombou após ser alvejado pelo chumaço de chumbo que dilacerou seu peito.

Figura 15 - Vista dos fundos da casa de Chico Mendes, em dezembro de 1988. Na janela aparece Duda Mendes (de barba) um dos primos de Chico Mendes. Fonte: Acervo: Comissão Pastoral da Terra (CPT) Acervo Digital: Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural.

O Jornalista Altino Machado, também colaborador nessa pesquisa, foi impactado com a notícia de forma forte, igualmente foram todos aqueles que conheciam e admiravam Chico Mendes, naquele Acre do final dos anos de 1980. Machado relatou o acontecido da seguinte forma:

Eu trabalhava em casa naquela época, e pedi ao jornal que instalasse na minha casa um telex. Pois não tinha telex e tinha que usar o que ficava ali onde hoje é a Tv Aldeia em Rio Branco/Ac. Uma vez o jornalista Élcio Martins chegou e disse que ele iria lá usar o telex para mandar matéria. Disse-me que eu não poderia mais usar, pois era um aparelho público. Mas ele usava para a empresa que ele tinha, inclusive, os caras que vinham de fora como os redatores do Chico Anísio usavam. Pô! Quer dizer que os teus amigos podem e eu não posso, então tá! Aí, por conta disso, eu pedi para o jornal instalar na minha casa. Eu disse que não poderia ficar dependendo de órgão público. Até utilizei outras vezes o telex da Tv Acre (afiliada da Rede Globo). Mas não dava para continuar assim. Aí eles colocaram um aparelho de telex na minha casa. Um cara da Embratel chegou à minha casa umas três horas da tarde, puxou um fio e instalou. Era um Olivetti preto. Eu então mandei uma mensagem informando que o telex já estava positivo e operante. Estava funcionando. Quando

anoiteceu, umas sete e meia, oito horas, por aí, meu pai ligou e disse: você não soube meu filho o que aconteceu? Meu pai gostava muito dele, eu disse: - não. Meu pai falou: Mataram o Chico Mendes. Ai... Ai... Eu liguei para alguém, não sei se foi para o Gumerindo Rodrigues. Eu liguei para alguma pessoa, e consegui falar e confirmar. Peguei o telex e passei a escrever direto. Contar e falar quem era Chico Mendes. Mandeí um copião para o jornal. Eu lembro que no Jornal da Tarde deu a seguinte manchete: “assassinado o herói da Amazônia”. Manchete no Jornal da Tarde, do grupo Estado de São Paulo. O Estado de São Paulo não deu nada. Pediram para eu ir para Xapuri. Junto com o mesmo repórter Rubens Santos, que tinha vindo. Fomos para Xapuri e comecei a escrever. Era um período em que no Acre havia correspondentes dos jornais Estado de São Paulo, Globo, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Correio Brasiliense. Em Xapuri estavam todos esses correspondentes. Devido esse crime. Isso se manteve até o julgamento em noventa. Depois do julgamento aí houve uma refluxo.

Observem que o cenário se mostrava aterrador. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, membro do Conselho Nacional de Seringueiros e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), militante do Partido dos Trabalhadores (PT), Francisco Alves Mendes Filho, tinha a certeza que seria eliminado. Inclusive chegou a anunciar a própria morte. Mas Chico queria viver. Sabia que havia contrariado interesses vários, por isso poderia ser eliminado a qualquer momento. Permaneceu lutando até o fim. Foi sepultado em Xapuri/AC, e todos aqueles que acompanharam o cortejo até o cemitério da cidade, naquele dia sombrio, não tinham dúvidas: Chico Mendes tinha sido morto a mando do fazendeiro Darly Alves da Silva.

Institucionalmente mudanças aconteceram após a morte de Chico Mendes. As múltiplas pressões advindas de várias partes do Globo forçaram o Governo Federal a criar o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Criaram-se também Reservas Extrativistas (as RESEX's), como já apontado. O Governo Federal também instituiu a Política Nacional Integrada para a Amazônia Legal e a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) aprovou o Plano de Desenvolvimento da Amazônia (PDA).

O discurso do “desenvolvimento sustentável” começou a ganhar um maior corpo no Acre, discurso que passou a ser apresentado como a “nova e moderna” estratégia de desenvolvimento regional. Assim, o encontro entre a luta política e social dos seringueiros com causas ambientais estava consolidado.

Figura 16 - Velório de Chico Mendes, em Xapuri (Dezembro de 1988). Luiz Inácio Lula da Silva discursando durante o velório. Fonte: Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural – Fundação Elias Mansuor - FEM

Com a criação da Reserva Extrativista Chico Mendes e de Projetos de Assentamento Agroextrativistas a questão da terra no Acre pareceu ter sido parcialmente resolvida (de forma precária, diga-se de passagem). Talvez por isso, nesse período, observou-se uma redução nos focos dos conflitos fundiários. Mesmo assim alguns “empates” continuaram acontecendo, como bem observou Gomercindo Rodrigues, em seu relato (apresentado, na íntegra, no capítulo 4). Entretanto, no caso de Xapuri, as lutas dos seringueiros passaram a caminhar para questões de ordem mais econômico-produtivas, bem como de infraestrutura social.

Não por acaso Silva (2002) vai apontar que, a partir desse período, cursos de capacitação nas áreas de associativismo e cooperativismo foram bastante ofertados aos seringueiros acreanos.

As demandas relacionadas com cooperativismo e associativismo, sem dúvida, possuem relação com a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri (CAEX) que, como apontado na introdução, havia sido criada pouco antes de Chico Mendes ser assassinado. É mencionado em Castelo (1991, p. 29) que:

[...] a cooperativa vendia mercadorias para os seringueiros, mas somente para os que a ela se associam, uma das vantagens para eles é a possibilidade de comprarem mantimentos a preços vigentes no mercado, livrando-se dos preços exorbitantes cobrados pelos atravessadores/marreteiros que chegam a aumentar os preços das mercadorias em até 400%.

Comprando os produtos diretamente dos seringueiros a CAEX conseguiu eliminar a influência econômica dos intermediários (“marreteiros”). Entretanto, a Cooperativa não tinha condições objetivas de substituir a figura desses seringueiros na realização de outras atividades que exerciam quando adentravam nas colocações. Por exemplo: levar e trazer notícias de parentes da cidade; levar e trazer cartas; transportar medicamentos, etc. Inclusive, a chegada dos “marreteiros” na floresta, muitas vezes era motivo de festas. Fato que comprova o isolamento que esses sujeitos sociais estavam submetidos nesse período.

Dona Cecília Teixeira do Nascimento, moradora do PAE Cachoeira, ao falar de sua vida na floresta, apresentou informações sobre as dificuldades provocadas pelo isolamento. Falou de um tempo em que vivia “socada na mata”:

Hoje já tem um transporte melhor, a gente já anda de carro aqui para todo canto. Anda de moto, de bicicleta, conforme puder. Se precisa de alguma coisa tem como ir na rua comprar. Antigamente, a gente criava uma família socada nessas matas e não conhecia nem rua, porque não tinha nem como a gente sair.

Mesmo com a CAEX, a crise do extrativismo se aprofundava a cada dia na região de Xapuri/AC, devido às questões conjunturais relacionadas, principalmente, aos preços da borracha. Fato que tornava a sobrevivência bastante difícil. Para muitos da academia, como já assinalado, não havia mais solução para o extrativismo da Amazônia (HOMA, 1992). A criação e a posterior expansão das reservas extrativistas havia dado ao “movimento dos seringueiros” visibilidade internacional, entretanto, a redução dos preços da borracha (que,

neste momento, representava a principal fonte de ganhos nas florestas de Xapuri) complicava a sobrevivência dos seringueiros no interior da mata.

No ano de 1992 o Engenheiro Florestal Jorge Viana, atual Senador da República, consegue ser eleito Prefeito da capital do Acre, Rio Branco, pelo Partido dos Trabalhadores PT. Este político chega ao poder municipal apoiado por uma coligação de partidos intitulada “Frente Popular do Acre (FPA)” - a Vice Prefeita era do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) - afirmando ser defensor das causas de Chico Mendes e dos seringueiros, e, inclusive, com o apoio de grande parte deles. Em 1998, o poder Estadual é conquistado pela mesma “Frente”, então liderada pelo mesmo político, que se torna, naquela ocasião, Governador. O grupo intitula-se “Governo da Floresta” e inicia um conjunto de políticas denominadas, como sinalizado antes, de “florestania”.

Observa-se que neste período, além da queda nos preços da borracha, a situação dos seringueiros de Xapuri havia se agravado devido à suspensão de grande parte das políticas de proteção à indústria de borracha pelo Governo Federal, que estavam em vigor há décadas. Políticas relacionadas com créditos e incentivos fiscais. Foi nesse cenário que a “florestania” iniciou seus investimentos na região, com o objetivo de modernizar o extrativismo tradicional. Que para os idealizadores da “nova proposta”, era considerada atrasada e sem “viabilidade econômica”, mas que se fosse melhorada, tecnicamente, por dentro, poderia ser uma alternativa (“neoextrativismo”).

Isto posto, nos capítulos a seguir falam os seringueiros através da apresentação de seus relatos. Além da apresentação das vozes da floresta trava-se um diálogo com as mesmas, buscando colocar em relevo algumas das experiências vivenciadas por esses sujeitos no período escolhido para analisar.

Então, em busca de atender os objetivos propostos, inicia-se apresentando considerações sobre seus cotidianos para, em seguida, destacar as principais mudanças nos modos de vida que os relatos evidenciaram. No final, desenvolve-se uma argumentação procurando apresentar questões que podem estar escondidas ou camufladas por trás das mudanças. Entre elas os riscos da nova proposta de desenvolvimento sinalizado pela “florestania” (que semelhante a dos militares foi pensada dentro de uma perspectiva também “desenvolvimentista e modernizante”). Proposta essa ancorada em argumentos de que seria possível sim o desenvolvimento “sustentável” acontecer, entretanto, dentro dos marcos do capitalismo.

CAPITULO 2:CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS NAS FLORESTAS DE XAPURI

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para
contá-la.

Gabriel Garcia Márquez em “Viver para contar” (2003)

A história da humanidade e as práticas sociais de um povo sempre estiveram intrinsecamente marcadas e vinculadas à memória. Assim, a oralidade contribui para “documentar” o mundo, suas mensagens, suas experiências de vivências através de narrativas repetidas e mnemonicamente apreendidas. Hoje, estudiosos sociais, antropólogos e literatos reconhecem o caráter intelectual das narrativas orais. Estudá-las torna-se importante na apreensão de condutas, costumes e ações de determinados grupos ou de atos individuais isolados, motivados pela memória social.

E, aqui nesta pesquisa, à medida em que as narrativas dos colaboradores se constituíram em fonte principal para as reflexões, neste e nos próximos capítulos elas falam, inicialmente, dos narradores escolhidos dentre os demais para que suas histórias se constituam, em si mesmas, uma história em movimento, que não desconsidera o singular e o plural como parte do todo.

Observa-se que a escolha dos relatos, para apresentação em cada início de capítulo (a partir desse ponto), deu-se pela quantidade de evidências relacionadas com o tema tratado no capítulo. Foram escolhidas as narrativas que mais trouxeram elementos para o estudo. Isso não significa que os demais relatos não possuam importância. Todos os relatos coletados, e também os diálogos estabelecidos para a realização das gravações, foram relevantes. E os resultados, sem dúvida, ficaram marcados por uma relação de produção partilhada de saberes e conhecimentos.

Apontam-se que as histórias apresentadas nos relatos são histórias plurais, histórias “vistas de baixo”, construídas por diversas interpretações que, em alguns momentos, se contradizem e em outros se sobrepõem. São discursos realizados por sujeitos em determinado tempo e espaço. Pois acredita-se que a informação transmitida a partir da narrativa oral influencia a formação moral e intelectual, o conceito de moradia, a escolha profissional, o lazer, os padrões éticos, sua singularidade leva à construção social, seja ela de dimensões políticas, culturais ou econômicas.

É importante, nesta tese, ter as narrativas. E, para obtenção delas, produzidas por e com os seringueiros de Xapuri no Acre, foi fundamental estar presente entre eles. As

vivências e as experiências na floresta foram importantíssimas para a construção das análises, pois permitiram vivenciar o cotidiano de homens e mulheres que vivem no interior da floresta, com valores e comportamentos singulares. E, assim, com a colaboração dos seringueiros, deseja-se colocar em relevo muitas das mudanças acontecidas em suas vidas após 1988, além de outras histórias.

A presença do pesquisador entre os seringueiros permitiu, também, observar como suas experiências foram fundamentais para a construção das narrativas. Isso remeteu a Benjamin em *O narrador*, ele afirma “[...] que este retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (1985, p.201).

Nessa direção, a experiência que Edward P. Thompson trabalha numa perspectiva cultural, a experiência humana como mediação necessária entre o ser social e a consciência social. Para Thompson, é a experiência que dá cor à cultura, aos valores, e ao pensamento (1981, p.112). Afirma que as pessoas não experienciam apenas ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, mas experimentam sua experiência como sentimento e “lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou, na arte ou nas convicções religiosas” (1981, p.189-190).

A seguir, apresentam-se as experiências narradas por Maria Luciana Gomes Verçosa, seringueira, residente no PAE Cachoeira, Raimundo Souza Nascimento, da Reserva Extrativista Chico Mendes e José Ribamar Silva Batista, também morador da Reserva Chico Mendes:

MARIA LUCIANA GOMES VERÇOSA

Entrevista concedida em 26/05/2012 na colocação Boa Vista, localizada no PAE Cachoeira. Idade da colaboradora em 2012: 27 anos

Eu moro aqui, eu nasci e me criei no seringal Cachoeira. Não nessa colocação, n’outra colocação chamada Brasilzinho, já extremado com a Bolívia. Do Brasilzinho para o Rio Xipamano dá 40 minutos, depois já é a Bolívia. Eu nasci e me criei lá. Aos 14 anos eu me ajuntei. Meu esposo e toda família dele mora aqui. Daqui até o Brasilzinho são cinco horas de viagem. Eu me juntei e vim morar na colocação Pontão, próximo ao Cachoeira. Moramos lá

por dois anos. Depois meu marido trocou uma colocação por outra e vim morar aqui na colocação Boavista, que pertence ao meu sogro. Está com 10 anos que moro aqui.

Eu gosto daqui, para mim a zona rural é muito importante. Quando eu morava no Brazilzinho eu não tive oportunidade de estudar. A escola era muito longe, ficava distante cinco horas de viagem a pé, não tinha como estudar. Fiquei sem estudar até os 16 anos. Só se eu fosse para a cidade, mas naquele tempo os pais não deixavam. Hoje em dia não, a criança já vai para a cidade.

Fiquei sem estudar até me ajuntar, depois que casei. E como meu esposo nunca proibiu de estudar, daí eu fiz minha segunda série com 16 anos. Hoje tenho 27 anos. Nesse ano quero terminar meu primeiro grau. Já tenho minha filha com 9 anos, que está na quarta série. Aqui não tinha ensino médio, agora tem.

Nasci e me criei na floresta e gostaria de criar meus filhos todos aqui, porque aqui é muito bom. A gente planta arroz, milho, feijão e a mandioca. É do que nos alimentamos. Aqui também tem caças da mata que a gente mata, aqui tem nambu (ave típica da região amazônica, parecida com a galinha d'angola, de cor parda). Gosto daqui também devido a frieza. Porque aqui é frio. A gente vai para a cidade fazer a feira e sente a temperatura quente, que não é como a daqui. A noite é quente demais. É muito quente. Em Rio Branco é ainda mais quente. Aqui não, a noite é friozinho, e a gente dorme bem tranquilo.

Eu, desde pequena, tinha muita vontade de aprender a ler e escrever. Hoje já sei ler e escrever. Eu até já quis desistir dos estudos, mas meu esposo é muito bom para mim e sempre diz: “você não tinha vontade de estudar, então continua. Tu não estás indo bem?” Mas para a gente dar conta da escola, dos filhos, da casa, é muito trabalho. Continuo estudando e meu sonho é arrumar algum trabalho, mas aqui na mata mesmo. Aqui na comunidade mesmo. Quem sabe arrumar algum emprego aqui na mata.

Os professores daqui são todos da cidade, e falam para a gente: “quem sabe, depois vocês não se tornarão os professores daqui”. Mas para ser professor tem que ter muita paciência. Eu tenho muita paciência, mas o que eu gosto mesmo é de trabalhar na mata. Quando eu morava com meu pai, toda vida quebrei castanha. Só seringa eu não cheguei a cortar (sangrar a árvore), mas ia colher ajudando meus irmãos. A castanha até hoje vou com meu esposo colher quando está no tempo da castanha. Deixo meus meninos e vou.

Eu acho muito boa a vida da zona rural. Tem muitos que vem para cá e não gostam, tem outros que vem e não querem mais voltar. Aqui vem muita gente de fora, de São Paulo do

Rio de Janeiro. É boa demais a vida na floresta. Ave Maria! Toda vida achei muito bom aqui. Graças a Deus.

Durante a semana, quem estuda, estuda. Quem vai trabalhar, trabalha. É muito difícil ter festa aqui. Às vezes passa dois anos para ter uma festa aqui na comunidade. Mas o que a gente se diverte mesmo, no sábado e domingo, é com o futebol. Todo domingo tem futebol. A gente vai ali na colocação Fazendinha onde tem um campo e fazemos torneios. Vem gente de todas as comunidades. Se ajunta todo mundo ali. Aí é uma festa. Passamos todo o domingo jogando. Eu e meu esposo demos certo, porque ele gosta de futebol e eu também. Nossa diversão maior é o futebol. Festa é alguma vez que tem. Só quando tem um aniversário de uma menina de 15 anos, ou de qualquer idade mesmo, quando os pais resolvem fazer uma festa. Mas futebol tem sempre.

A dificuldade aqui é que ralamos bastante para conseguir o produto, que é difícil de vender. Aí a gente vai levando, vai passando devagar. Com o preço alto ou com o preço baixo. Aqui a gente vende a castanha e a seringa. Tem ano que meu esposo corta e tem ano que não corta, pois meu marido já pegou várias doenças e não pode forçar muito o corpo. Ele só trabalha em serviço leve. O serviço mais pesado que ele pega todo ano é a extração da castanha. Está com um ano que adoeceu de pneumonia e passou vários meses sem trabalhar. Quando um adoece aqui os outros ajudam. Uns vão ajudando os outros, com mercadoria, com dinheiro.

Quando você produz arroz aqui, quando tem produto para vender, tem que ir vender lá em Xapuri, na feira. Às vezes nem consegue vender tudo. Arroz, feijão, ou galinha, quem tem para vender. O pessoal está deixando de produzir por aqui, pois estão proibindo de colocar roçado, de queimar. Aqui mesmo nós não colocamos roçado. O IBAMA proíbe. Até quem tem cartão do IBAMA eles proíbem. E nós que não temos cartão é mais difícil ainda. Como a terra é do meu sogro não temos o cartão (do assentamento) do IBAMA. Então não podemos colocar roçado, fazer queimada. Só colocamos junto com o meu sogro, que tem o cartão do assentamento. Daí está se acabando a produção aqui, ninguém mais pode colocar roçado. Pouca gente está colocando roçado aqui. O pessoal está deixando de produzir, porque o IBAMA está proibindo colocar roçado com a queimada.

O que favorece mais os moradores desse local é no tempo da castanha ou da seringa. Aqui são quatro estradas de seringa. Os moradores agora vendem o leite (látex), não é mais a borracha em péla. Agora é mais fácil. Nessa colocação as estradas (de seringa) são do meu sogro, e do meu cunhado. Não temos a nossa parte porque não deu para dividir mais. Os pais

repartem a colocação com os filhos, dividem as estradas com os filhos aqui. Se fossem seis estradas a gente teria a nossa, pois ficariam duas para cada filho. Mas como só tinha quatro, ele dividiu com o filho mais velho. Por isso não temos estradas. Só moramos de agregados aqui. Ainda tem o filho mais novo, que quando casar ficará como nós, morando de agregado. Sem estradas, só ficamos morando de agregado.

Meu esposo fica trabalhando aqui e ali. Uma diária aqui e outra acolá. Não pode fazer o roçado, pois não tem o cartão. Se o pessoal for brocar e colocar fogo eles vem e multam. Principalmente se não for o dono. É uma multa grande. Eu fico pensando como eles podem proibir, se é disso que o seringueiro vive. Eu penso que eles não podem proibir. Como vamos viver? Porque o feijão hoje tá caro. O arroz também. Tá tudo caro. Hoje em dia tá ficando difícil comprar. Não são altas queimadas, é só para plantar e tirar o ano, para viver. O feijão tá caro porque não tem mais ninguém plantando. Antigamente era tudo barato porque tinha muita gente plantando. Daqui uns dias será o arroz. Só aqueles que teimam colocam seu roçadinho vão levando. Aqueles que têm emprego vão passando.

Depois que a luz chegou é uma coisa boa. Mas ela traz tanto bicho (pausa). Trás carapanã, catuki, borboleta. Antes, não tinha tanto inseto durante a noite. A luz atrai. Mas é maravilhosa a energia (luz) na mata. A gente passa o dia trabalhando e a noite a gente pode assistir a uma novela, o jornal. Só não acho mais legal pois eles disseram que a luz era para todos, mas aqui no Cachoeira, que tem 85 famílias, a metade não tem luz. Em muitos ramais a luz não chegou.

Aqui o pessoal mais adoece é de malária. Malária ataca muito aqui. Não ataca mais, pois o pessoal da SUCAM (hoje a Fundação Nacional de Saúde- FUNASA) vem de dois em dois meses colocar uma fumaça, um produto, para matar o mosquito. Daí passa muito tempo sem atacar. Depois que eles vieram fazer esse trabalho diminuiu a malária. Quando atacava muita gente adoecia.

Também o pessoal adoece de febre, de gripe. Porque o pessoal daqui é assim, trabalha na chuva, no sol. Meu esposo mesmo pegou pneumonia. Fomos ao médico e ele disse que é de um vírus. O médico perguntou se as pessoas adoecem muito onde moramos. Eu disse que não. A pneumonia é de um vírus, e quando pega numa pessoa adoecem várias.

Quando não tinha luz, chegava de noite e a gente jantava e ia dormir bem cedo. Alguns estudavam com a lamparina. Mas a gente ia dormir cedo. Quando hoje falta a luz, ainda temos a lamparina. Com a energia a gente vai dormir mais tarde. Pois depois da janta vamos assistir televisão. Antes, a gente dormia no mais tardar oito da noite, agora é dez, dez e

meia, assistindo TV. Os meninos dormem mais cedo, pois têm aula. Eles gostam mais de assistir de dia. Mas quando passa um filme bom eles querem ir até mais tarde. Mais eu não deixo porque não é bom. Daí eles se acostumam a dormir mais cedo.

Essa casa foi meu marido que fez, ele tirou madeira a pediu ajuda a um amigo para construir. Quem é agregado não ganha benefício do Governo, como a casa da Caixa Econômica Federal (referia-se ao programa denominado Crédito Habitação). A Caixa fornece o crédito, mas ninguém pega no dinheiro. Eles mandam as coisas para a pessoa fazer a casa. Pagar o serrador, pagar o brasilit. Mas quem é agregado não ganha. Agora veio o Bolsa Verde do Governo, veio para um monte de gente. Mais o meu não veio. Perguntei para o homem: “porque o meu não veio?” Ele perguntou pelo meu cartão. Eu disse que nós morava de agregado. Respondeu: “É por isso que não veio”. Aqui só se consegue as coisas se você tiver o cartão de assentamento, que comprove que você mora lá.

De dez anos para trás mudou bastante as coisas por aqui. Quando eu morava com meu pai só tinha ramal até a colocação Fazendinha. Aqui, por todo canto, não tinha ramal. Ali para dentro você andava a cavalo ou a pé. Agora não, tem ramal em todo canto. Você pode andar de moto, até de carro. Antigamente, até para comprar uma bicicleta era a maior luta. Agora até carro alguns seringueiros compraram. Aqui no Cachoeira, por todo canto, tem ramal. Por isso digo que mudou bastante.

Escola, por exemplo. De onde eu morava a escola ficava a cinco horas de caminhada. Hoje do lado onde eu morava tem escola. Hoje tem escola perto para todo mundo. Aqui no Cachoeira tem quatro escolas. Antes, a escola era longe. De primeiro era mais difícil. Eu achei que mudou bastante.

As casas eram somente de palha. De ripa. De paxiúba. Era muito difícil encontrar uma casa de madeira aqui no Cachoeira. Hoje não. Todo mundo tem suas casas de madeira, coberta de brasilit, ou de cavaco. A nossa casa aqui é só a área de brasilit. O resto é de cavaco. Muitos têm até casa de alvenaria aqui no PAE Cachoeira. Antes, a gente não tinha condições de ter uma casa de madeira. Não tinha condições. O dinheiro que a gente pegava era bem baratinho. O dinheiro da seringa, da castanha. Uma lata de castanha era R\$ 3,00, esse ano (2012) chegou a R\$ 22,00. O leite era transformado em borracha que custava R\$ 1,50 a péla grande. Hoje o produtor, só de leite (látex), faz R\$ 200, R\$ 300,00 por mês onde tem muita seringa. Antigamente não fazia nem R\$ 100,00. Foi tudo que já mudou. As coisas hoje tem mais valor do que antigamente.

O pessoal aqui também faz manejo. Manejo florestal. Mas no meu caso o manejo não era para existir. Não é porque não tenho colocação, mais não era para existir. O manejo é bom porque as pessoas vendem a madeira e pegam no dinheiro, mas derrubam as árvores. E para mim isso não era para existir. E quando for daqui uns tempos (pausa longa). Os filhos dos filhos vão viver de que?

No manejo todo ano pode tirar 10 árvores, e se for tirando todos os anos 10 árvores como vai ficar no futuro? Vai indo, vai indo e se acaba a floresta. Mas para os produtores eles acham bom porque é um dinheiro fácil. Com gado também é fácil fazer dinheiro, tem morador por aqui com até 50 cabeças de gado. Dá muito dinheiro.

Eles tiram com cuidado a madeira, mas o trator entra na mata e machuca as outras árvores. Eu acho que não era ideal, não sei não (pensativa). É bom por um lado porque o produtor pega em dinheiro, mas por outro a floresta está sendo destruída. Tem produtor que pega em 20 mil, 30 mil, mas eles recebem a madeira do produtor e depois de beneficiar eles ganham lá o dobro, ganham 50 mil, 100 mil com a mesma madeira. Então, o que tem de valor a gente tem que preservar.

Aqui no Cachoeira era para tá uma fazenda, os pecuaristas queriam comprar. Eu tinha três anos e meu pai contava que eles queriam comprar, mas os produtores não queriam vender. Então eles ameaçavam matar. Aqui teve um empate muito grande para conseguir o Cachoeira. Houve até a morte do Chico Mendes. Eles mandaram matar o Chico Mendes. Eu tinha três anos e meu pai, meus avós, minha mãe, contavam que eles ficavam a noite todinha acordados, pastorando. Pois eles queriam matar os produtores que não queriam vender as colocações. Eles queriam entrar na marra. Então, todos se combinaram e ficaram armados e não deixaram de jeito nenhum os pecuaristas entrarem. Por isso é que hoje temos o Cachoeira, se não isso tudo aqui onde nós mora era uma fazenda só. Eles teriam comprado e fariam fazenda.

Quando o Chico Mendes morreu eu tinha quatro anos. Meu pai conta que foi uma batalha grande. Foi em 1988. Eu sei a história porque meu pai conta. O Chico Mendes lutou muito junto com meu pai e os seringueiros. Agora a gente vive tranquilo aqui na Reserva. Desse tempo para cá virou Reserva e o IBAMA, o INCRA, cuida disso daqui. Ninguém mexe. Não pode vender o lugar, mas tem seringueiros que vão embora e vendem. Para isso é feito uma reunião com a comunidade, e se a comunidade concordar é possível vender. Mas tem que ser seringueiro, se for fazendeiro a comunidade não aceita. Antes de vender tem que

fazer esse processo todo, fazer uma reunião, esse processo todo. Se a comunidade aceitar vende, aí vem o outro.

Aqui tem muita ajuda entre as pessoas da comunidade. Por exemplo, se estou precisando de ajuda é só abrir minha boca, aí vem muitos ajudar. Eu sou feliz aqui na floresta. Graças a Deus. Eu já morei na cidade com meu pai quando tinha oito anos de idade, mas nunca gostei de lá não. Também já morei com meu esposo um ano e cinco meses, mas não gostei. Eu gosto mais daqui. Não gosto muito da cidade não. Só gosto de ir para a cidade passear ou fazer compras. Vou para um evento como o 7 de setembro (semana da Pátria), o 20 de janeiro (festa de São Sebastião). Para um evento eu gosto. Mas vou e volto. Só durmo uma noite ou duas, e volto.

Para morar mesmo eu posso até me acostumar, porque dizem que com tudo na vida a gente se acostuma, mas eu não gostaria de ir para a cidade não. Na rua eu me sinto presa. Porque você não vai ficar andando na rua de cara para cima, sem fazer nada. Na rua você só tem sua casinha ali mesmo, do lado já tem o vizinho, do outro lado é outro vizinho, na frente já é a rua. Daí eu me sinto presa.

Aqui na floresta não, a gente vai para o roçado, vai estudar, domingo tem a bola, tem o igarapé para lavar roupa, tem o evangelho lá distante, vai ao vizinho que é lá distante. Você anda para vários cantos. Na rua não, você fica presa e é uma quentura horrível, aqui não, é muito ventilado. É bom demais, eu gosto.

RAIMUNDO SOUSA DO NASCIMENTO

Entrevista concedida em 23/06/2012 no seringal Boa Vista, colocação Canindé 1. Reserva Chico Mendes. Idade 46 anos.

Meu nome é Raimundo Sousa do Nascimento, eu tenho cinco filhos. Estou com 30 anos que moro aqui. Estou com 46 anos. Quando eu chequei aqui era no tempo do marreteiro e do patrão. Agora as coisas estão mudadas, principalmente de 2005 para cá. A vida aqui antes era cortar seringa e fazer borracha (defumar o leite/látex e fazer a péla de borracha). Agora a gente continua na seringa, mas não faz mais a borracha. Agora eu só corto a seringa e vendo o leite para a fábrica de preservativo lá de Xapuri. Essa é minha produção aqui. Minha vida é essa.

Figura 17 - Seringueiro Raimundo Sousa do Nascimento.
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012
Raimundo (de chapéu), com dois de seus filhos.

Levanto quatro horas da madrugada para cortar a seringa na mata, fico até às três da tarde. Quando chego, muitas vezes vou para o mato dar uma esperada (caçar), porque aqui ninguém tem açougue, a carne é do mato. Minha vida é essa.

De 2005 para cá as coisas mudaram, apareceu o ramal, antes era o varadouro. No tempo do patrão era no varadouro, então mudou as coisas. Antes era no lombo de burro, agora tem o carro que vem até a porta. De qualquer maneira mudou as coisas. Morro aqui com meus cinco filhos e com minha esposa há 30 anos. Minha vida é essa de seringueiro batalhador, minha profissão é essa, trabalhar em roçado, plantar e colher, e ter uma vaquinha para tirar o leite para viver.

Aqui na minha colocação tem umas oito tarefas, oito hectares desmatadas. Tem uma fonte onde colete água. A alimentação do dia a dia é feijão e arroz com uma carninha do terreiro ou do mato, quando arranjo. Ainda tem caça, aqui e acolá ainda mato, mas às vezes demora uma duas semanas para matar alguma coisa. Peixe de açude não tem. Então a carne é de terreiro (galinhas, porcos) mesmo ou da mata. Para matar uma caça eu vou esperar na mata, fico algumas horas na mata, até oito dez da noite no máximo, não durmo lá. Às vezes quando mato, mato cedo, umas sete horas da noite. Então eu volto. Não tenho medo de ir à mata a noite não (risos). Se tiver medo o cara não vai atrás da caça.

Para se divertir só quando tem festejos por aqui, como o São João do Guarani, ou quando tenho condições vou até Xapuri. Não é todo tempo que tenho condições. Mais ou menos de três em três meses eu vou. Não ando direto lá, minha mulher é que vai mais para a cidade. De 2005 para cá as coisas mudaram mais, as crianças estudam. Elas iam daqui para o Guarani de pés (caminhando), o senhor viu a distância. Agora melhorou para eles, pois do ano passado para cá um carro entra aqui para buscar eles para a escola. O carro vem buscar de manhã e vem deixar à tarde. Eles estudam cinco horas por dia, cinco dias por semana. Por isso eles não cortam seringa comigo. Eles vão para a escola de segunda a sexta, só estão em casa sábado e domingo. Nenhuns dos meus filhos sabe cortar seringa.

No meu tempo não, desde que eu me entendi de gente não tinha essa facilidade de hoje. Então o que meu pai me ensinou foi cortar seringa. Foi o que eu aprendi. Era o que tinha para nós, aprender a trabalhar na seringa. Por isso hoje eu não sei ler, não sei escrever, porque antigamente o que tinha para nós era o pai ensinar a cortar seringa. Hoje para eles não. Tem o estudo. O Governo ajuda, doa o lápis, a caneta, tem a bolsa família que eles recebem. Dai só não estuda quem não quer. Porque hoje tá tudo na mão. No meu tempo não era assim. Eu comecei a cortar seringa com oito anos.

Todo dia meu pai me levava para cortar seringa, mesmo quando eu amanhecia com o corpo doído, o meu velho levava mesmo. Porque naquele tempo era o tempo do carrancismo, então tinha que obedecer. Eu tinha que ir, mesmo quando amanhecia cansado, ia obrigado, mas eu tinha que ir. Hoje não, está tudo mudado. Está tudo diferente. Então desde os oito anos eu corto seringa.

Energia aqui não tem. Só chegou até a colocação Guarani, e lá mesmo ficou. O projeto dizia que a energia era para ir até a beira do Espalha (igarapé), mas ficou no Guarani. Então quando é noite utilizo lamparina com combustol (pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível). Sete horas o pessoal está dormindo, pois não tem televisão, não tem energia, então dormimos cedo. Quando tem energia e televisão o pessoal se interte vendo um filme, uma coisa, mas como não tem, quando escurece, logo vamos dormir. Só rádio eu escuto aqui. Tem aquela rádio Ecoacre, que é a melhor do Acre. Eu escuto ela direto. Também escuto a rádio Difusora Acreana.

Quando adoece alguém aqui, uma criança, por exemplo, se tiver recurso a gente leva para a rua. Antigamente, quando não tinha ramal, a gente tinha que tirar o doente numa rede. Mais isso era antigamente. Quando não tinha ramal. Agora com o ramal a gente pede um

carro na rua e eles vêm buscar. Mas as doenças que acontecem mais para a banda de cá é a febre e a gripe.

Aqui na minha colocação eu tenho um roçado, mas só para consumo da família. Poucas vezes vendo alguma coisa. Tenho macaxeira, milho, arroz, feijão. Só quando sobra eu vendo. Mas é difícil sobrar. Pois só temos direito de derrubar para plantar quatro hectares, então não dá para ampliar a produção, daí não sobra. Eles proíbem derrubar. O IBAMA proíbe. Só permitem derrubar aquele limite.

Aqui não entrou aquele negócio de plano de manejo não (manejo madeireiro). Eles falam que tem um projeto para as bandas de cá. Mas ainda não chegou até aqui não. Eles falam que virá. Mas eu sou contra. Eu acho uma coisa muito errada. Como eles querem proibir da gente derrubar para plantar um pouquinho, para nossa sobrevivência, e vão permitir derrubar a mata para vender a madeira. Ali para o seringal Cachoeira, onde já fizeram plano de manejo, o pessoal diz que a mata virou só quicaça. (terra árida, chão ruim, cuja característica dominante é uma vegetação de mato baixo e espinhoso, espécie de capoeira). Aí eu acho muito errado. A caça vai embora, se muda, porque vai entrar o trator skide para puxar essa madeira, vai entrar caminhão. Só arranca madeira maior. Porque no roçado não, o cara coloca seu roçado e tira o legume com um dois anos e a mata fica lá. Ela volta da mesma forma, com quatro anos a mata já está da mesma forma para você trabalhar com ela de novo. O sistema aqui é esse, a gente planta um ano, dois anos e isola ela, com quatro anos já está boa de novo para plantar. Dessa forma não mexemos na mata virgem. Só no capoeirão para o roçado. Mata virgem não mexemos, fica só naqueles quatro hectares trabalhando.

Essa casa aqui eu fiz com o crédito habitação que o governo deu para os moradores da reserva. Eu gosto de morar nela. Gosto de morar aqui. Eu não gosto de morar em cidade não, fico muito agoniado na cidade. Não me dou em morar em cidade. Quando fico dois dias na cidade já quero voltar para a mata. Eu fui criado na mata e não me acostumo com a zuada da cidade. A água também para tomar banho na cidade é diferente. Aqui a gente usa água da fonte, não é aquela água de camburão véia da cidade não. Nunca é igual à água daqui. Então eu não penso em sair daqui. Vou ficar aqui até morrer. Quando eu morrer, se os meninos quiserem ficarão aqui, eu tenho três meninos, o lugar será deles.

Figura 18 - Fachada da casa de Raimundo Sousa Nascimento, construída com o “Crédito Habitação”, concedido pelo Governo.
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012.

Figura 19 - Fachada lateral da casa de Raimundo Sousa Nascimento.
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012.

Tenho um sonho de construir um açude aqui para criar peixe. E também dar uma arrumada no meu lugarzinho, que tem três estradas de seringa. Aqui, numa semana, eu consigo fazer 60 quilos de leite (látex). Entrego o leite de seringa no posto de recepção aqui. Daí a fábrica vem pegar. O caminhão da fábrica vem pegar no sábado e domingo. Antes eu defumava, agora só entrego o leite. Quando defumava eu usava o leite da caxinguba (nome popular de uma árvore da família das moráceas) para coalhar o leite. Na época um quilo de borracha era uma mixaria (valia pouco). Não estou nem lembrado mais quanto era. Hoje, um quilo de leite vendido para a fábrica sai a R\$ 4,50. Se eu fosse defumar o leite para fazer borracha hoje, conseguiria, no máximo, R\$ 2,00 pelo quilo de borracha. Para ver a diferença do látex para a borracha. Então, hoje tá melhor vender para a fábrica, para a gente fazer um dinheiro mais rápido.

Antes a gente vendia a borracha para o marreteiro, na realidade trocava por mercadoria. Os marreteiros vendiam a mercadoria pelo preço que eles queriam. Hoje não, a gente vende o leite, recebe o dinheiro e compra tudo na rua. Quando recebo um dinheiro bom vou à rua e compro logo para passar um mês, dois meses. Compro o açúcar, o sal, o óleo para se alumiar (combustível para a lamparina), o café, o sabão, o bombril, essas coisas de casa. Por que aqui eu não compro o arroz, a farinha, o feijão, a carne, é tudo daqui mesmo, da minha lavra.

No inverno é mais difícil, porque o ramal fica ruim. Mas esses anos até que deram uma arrumada no ramal. Ruim mesmo era na época do varadouro, eu caminhava 12 horas na mata até Xapuri. Saía com um animal para carregar as coisas. Saía daqui cinco horas da manhã e chegava seis, sete horas da tarde, caminhando direto. Não parava nem para comer. Era caminhando direto pelo meio desses igarapés aí. Hoje, com duas horas estou na rua. Você vai no dia e volta no mesmo. Então melhorou. De qualquer forma é uma facilidade maior na vista do que era. A dificuldade hoje é que não tenho meu transporte próprio, meu mesmo. Às vezes estou meio aperreado para ir à rua, mas dependo de outros. Se tivesse pelo menos uma moto. Mas não tive condições de comprar ainda não. Tenho que sair andando até topar um transporte.

Minha renda aqui é só do leite de seringa, castanha tenho pouco. A castanha, no ano que carrega bem, é possível quebrar até 80 latas. Mas a castanha não carrega igual todo ano. Tem ano que um pé dá e outro não. A castanha a safra é só uma vez. Já o leite é melhor. Corto até no inverno. Depende da fábrica. Se ela estiver pegando o leite direto eu corto até dezembro. Mas quando o leite está coalhando muito, ela (fábrica) para.

Quando a fábrica pega o leite (látex) direto eu corto até dezembro. Dai o inverno se intensifica e tenho que parar, só volto em abril, ou março. Nesse período coeto a castanha. A castanha começa a cair nesse período e inicio a quebra em fevereiro. Às vezes faço uma farinha e vou aguentando até chegar novamente o período de cortar seringa para a fábrica. A farinha levo até Xapuri para vender. Aqui é de segunda a sábado no trabalho. Por isso não quero participar dessa festa amanhã, que será de domingo para segunda (referia-se as comemorações do São João do Guarani, marcadas para Domingo). Amanhã tenho que trabalhar cinco horas da manhã, e não quero está ressaquiado. Amanhã, nessa festa, vai dar muita gente. Eu sou católico, mas aqui tem muitos evangélicos também.

Levanto quatro horas da manhã todo dia, para fazer uma farofa e ajeitar minhas coisas. Cinco horas eu saio para cortar. Começo o corte às vezes cinco horas e fecho o corte lá pelas nove dez horas. Daí chego na boca da estrada e volto colhendo o látex. Lá pelas três horas estou fechando a cuia. Só aí volto para casa trazendo o leite, em um saco de napa. Do saco, passo para o balde. Depois disso, lá pelas três, quatro horas, eu vou para o roçado trabalhar na minha roça. Só volto lá pelas cinco e meia, seis horas. Mas quando o serviço do roçado está muito pesado eu perco um dia de corte e fico só no roçado. Quando perco um dia, dois dias, a minha produção cai. Então tenho que recuperar no roçado vendendo o legume. Por mês, se eu cortar direto, todo dia, daria para fazer uns R\$ 2.000,00 (silenciou).

No futuro as pessoas não saberão mais o que é cortar seringa. As crianças não estão mais aprendendo essa função devido o estudo. Não sabem como é que se corta mesmo não. Tem cada rapagão que não sabe mexer com trabalho nenhum, é só estudar, estudar, e estudar. Tamanho homem, mas não sabem fazer nenhum serviço, fazer um paiol, um chiqueiro. Não sabem fazer nada, pois não foram criados trabalhando. Mas as pessoas que nem eu, que não tem estudo, pois não tiveram oportunidade, se não trabalharem vão morrer de fome.

Na mata, além da seringa e da castanha, tiro mais algumas coisinhas só para o consumo de casa. Um açaí, uma bacaba, mas só para o consumo de casa. Também uso o óleo da copaíba e o mel de abelha para fazer um remédio para a gripe. Tenho também uma hortazinha para ter um tempero, uma cebola. Já a carne de boi é difícil. Eu tenho nove cabeças de boi, mas como não posso desmatar para fazer pasto, quando aumenta e observo que o pasto não está dando tenho que vender. Aqui é mais fácil fazer dinheiro com gado. É mais rápido. Para a gente aqui dentro da mata pegar dinheiro mais rápido é o boi. Para quem não é aposentado, não tem uma finança. O boi é a forma mais rápida de fazer dinheiro.

Como eu disse, as coisas mudaram por aqui a partir de 2005. Veio o Crédito Habitação e as pessoas fizeram as casas, que antes eram construídas de paxiúba e de palha. Aí veio o ramal, a escola, os agentes de saúde que fazem visitas nas casas. De 2005 para cá melhorou muito e eu espero que melhore ainda mais no futuro.

Essa semana eu vi uma coisa esquisita dentro da mata. Fui esperar (caçar) com esse menino aí e ouvi um barulho esquisito. Ele estava com a rede dele baixa, aí veio aquele barulho, parecendo alguém carregando um saco. Tava perto da rede dele. Daí eu foquei a lanterna e vi uma coisa malhada. Não sei se era uma onça ou um gato. Mas estava pega não pega o meu menino. Então eu atirei e a coisa foi embora. Então chamei meu filho para voltar para a casa. Isso foi a coisa mais esquisita que eu vi até hoje na mata. Mas meu filho não escutou nada não. Assombração eu nunca vi na mata. Eu não acredito nisso, pois nunca vi nada. E eu só acredito no que vejo. Eu levo o meu menino para ele aprender a se virar na mata, ele estuda, mas tem que saber algumas coisas na mata. Posso adoecer ou ficar fora, e eles precisam se virar. Por isso estou levando esse para aprender a caçar.

Filho interrompe a conversa e fala: “eu ajudo meu pai, só quando eu estou muito cansado da escola e que não vou para o roçado. Também queria aprender a cortar seringa”.

Figura 20 - Vista da Colocação de Raimundo Sousa Nascimento.
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012.
Campo onde Raimundo cria nove cabeças de gado.

JOSÉ RIBAMAR SILVA BATISTA

Entrevista concedida em 15/06/2012 na colocação Maloca Queimada, seringal Floresta, Reserva Extrativista Chico Mendes. Idade do colaborador 42 anos.

Quando eu me entendi de gente (pausa). Eu sou nascido aqui de Xapuri mesmo, eu já nasci mesmo aqui na zona rural e tive bastante dificuldade para chegar até hoje. Quem mora na mata tem uma vida muito difícil, principalmente quem é seringueiro. O seringueiro tem uma vida muito complicada. É uma vida assim muito cansativa, de muito trabalho. Muita dificuldade para viver. O ganho não é bom.

Figura 21 - Seringueiro José Ribamar Silva Batista. Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012.
José Ribamar embaixo de uma laranjeira, onde concedeu seu relato.

Agora o ganho até que melhorou, porque o governo fez uma fábrica de preservativo aqui em Xapuri e a gente vende o leite de seringa para essa fábrica por um preço melhor, mas antigamente a gente defumava o leite (látex) e vendia borracha em pélas, e o preço era muito ruim. Eu já vendi borracha a R\$ 0,40 o quilo. As coisas na época eram caras e o preço das coisas que eu produzia era muito barato. Agora melhorou. O preço melhorou da borracha, e da castanha também. A gente ganha um pouco melhor, mas antigamente era difícil a vida na floresta.

Aqui na minha colocação de nome Maloca Queimada eu trabalho também com agricultura. Planto arroz e feijão, mas só para o consumo de casa. Eu vivo mesmo é de cortar seringa, esse é meu dia a dia, todo o tempo. Seringueiro é uma profissão que ninguém quer, mas é o jeito. Aqui a gente não tem outra solução. A gente vive de cortar seringa, mas vende uma galinha, um porco, um feijão e assim vou levando a vida.

Tenho dois filhos que estão estudando. Aqui vivo com minha mulher e dois filhos. Meus filhos não ajudam no trabalho porque estudam de segunda a sexta. Então, eu sou sozinho para trabalhar. A vida é assim mesmo, todo tempo na dificuldade. Quem mora na mata a vida é assim. A dificuldade de viver longe do Município. No inverno, a gente fica isolado devido o ramal. No inverno o ramal fica muito ruim, as dificuldades aumentam. No verão não, pois a gente passa com o transporte em qualquer canto, mas no inverno é muito ruim.

Tá com 37 anos que moro aqui nesse lugar. Mas de uns 25 anos atrás a dificuldade era muito maior. Muito maior mesmo. Agora, no presente, melhorou, vamos dizer uns 50%. Pois o governo deu o crédito para construir essas casas, o crédito habitação. Daí a gente mora numa casa boa hoje. O governo implantou o Luz para Todos e a gente hoje tem uma luzinha, uma aguazinha gelada para beber. Tenho a televisão para assistir as notícias do Brasil e do mundo né. Eu gosto de assistir as notícias. Por isso melhorou. Por um lado melhorou e por outro lado ficou a mesma coisa.

Para a gente brocar (capinar o roçado para o cultivo) é um sacrifício, para queimar é outro. É uma dificuldade para manter a família da gente. Para manter a família tem que plantar o arroz, o feijão, a macaxeira, mas o governo, o pessoal do IBAMA não deixar a gente queimar. Não temos um arado, um trator para preparar a terra, para brocar e queimar. E é isso. Essa é a nossa dificuldade. As outras coisas a gente vai levando devagarzinho. Vai levando. E é isso (silenciou).

Perguntado como é sua alimentação, respondeu:

A alimentação aqui é arroz e feijão. O seringueiro não tem um açougue. A gente que mora na mata tem que caçar, mata um porco, uma paca, um veado. Mas nem todo dia a gente mata. Quando mato a carne só dá para uma semana. Só para três ou quatro dias. Quando a carne se acaba a gente pode não conseguir caçar de novo, pois nem todo dia a gente consegue caça. Se o seringueiro tivesse açougue não, e se tivesse dinheiro era só ir lá e pegar. Mas o seringueiro não tem mercado, nem tem açougue. Não tem nada disso. O açougue do seringueiro é uma espingarda para ir caçar um bicho na mata. E o mercado é o dinheiro, se tiver dinheiro vai na cidade comprar. Mas o prato certo do seringueiro, como diz o ditado, o prato certo do caboclo da mata é o arroz com feijão.

Aqui eu trabalho muito. Acordo quatro horas da manhã para ir cortar seringa. É o dia todo andando. Se a estrada de seringa for grande, eu chego mesmo cinco horas da tarde. Eu saio cinco da manhã e volto cinco da tarde. Cinco da tarde estou de volta em casa. Todo dia é a mesma batalha. Também trabalho coletando castanha. Aqui onde moro tem pouca castanha, mais coletei algumas latas no inverno, no período que o ouriço cai. Eu vendo 100 latas, 110.

Quando chega o final de semana eu me divirto no futebol. Aqui o divertimento mesmo é o futebol no final de semana. A gente brinca de bola no final de semana. Esse é o nosso divertimento. Também quando vamos para Xapuri o pessoal toma uma cerveja, mas eu não, pois não bebo. A noite tem a televisão, mas aqui falta muito luz, fica de vinte dias sem luz. Ai meu Deus! Aqui falta direto. É um dia e dez não, principalmente no inverno. No verão até segura, mas no inverno (pausa). A gente passa de mês sem luz (silenciou).

Aqui, quando uma pessoa adoecia a gente carregava na rede. Agora, quando alguém adoece a gente avisa o pessoal do SAMU em Xapuri para vir buscar, mas isso é agora. Pois agora está bem elevado. Antes não. Daqui são 32 quilômetros até Xapuri e, antes, quando alguém adoecia, tinha que tirar a pessoa na rede. Quando meu pai adoeceu tive que levar ele até Xapuri na rede caminhando 32 quilômetros. Foram 10, 12 homens carregando ele na rede. A coisa era difícil, muito difícil.

Agora tá mais melhor, porque o governo colocou o programa Saúde Itinerante, de mês em mês. Eles vão para as comunidades todos os meses. Melhorou muito, pois a gente pega o remédio. Tem atendimento médico na comunidade do Guarani, na minha comunidade que é a Rio Branco também tem. Mas isso é agora, pois antigamente o negócio era muito difícil. Muito difícil, difícil, difícil.

Eu tenho 42 anos, nasci na mata e fui criado na mata. Eu conheço a mata. Eu sei bem o que é a mata. Sou filho de seringueiro e sou seringueiro. Eu sempre falo para cabras mais

novos do que eu: porque o governo não aposenta o seringueiro quando chega numa certa idade? Com 30 anos de trabalho a pessoa da cidade se aposenta e ganha um bom dinheiro. Como acontece com os policiais, com o pessoal que trabalha assim nas lojas. Tem um monte assim, que ganha um bom dinheiro quando é aposentado. O seringueiro era para ter uma aposentadoria quando trabalhasse 30 ou 40 anos. Sempre eu falo para os meus conhecidos que o governo, esse pessoal, era para imaginar uma aposentadoria para o seringueiro. Se o seringueiro comprovasse que cortou seringa de 30 a 40 anos deveria ter uma aposentadoria. Mas ninguém enxerga isso não. Com o seringueiro não acontece isso não. Ninguém enxerga isso não. De jeito nenhum. A aposentadoria que tem o seringueiro, que Deus o livre, é quando fica inválido. Se ele ficar aleijado, peleja, peleja e ganha aquele salário de invalidez. Ou mesmo de velhice. De outro jeito não. Não tem onde o seringueiro arrumar.

Perguntado sobre as doenças e religião, respondeu:

Aqui o pessoal adoece de muita coisa. Tem hepatite, tem malária, tem gripe, tem pneumonia, tem febre. Aqui tá dando muita pneumonia. Aqui tem muitas coisas. Principalmente hepatite. O pessoal adoece muito.

Sobre a religião eu digo que sou católico. E na comunidade tem evangelho de quinze em quinze dias. A gente faz aquela reunião aos domingos. A gente reza, mas de quinze em quinze dias. Vem o Padre Chagas de Xapuri.

Perguntado se pensa em sair da floresta, respondeu:

Eu não penso em sair daqui, pois aqui é difícil, mas na cidade grande é pior. Então é aqui e aqui mesmo. Meu sonho de vida aqui é melhorar. É melhorar mais, arrumar mais. A gente que mora na zona rural o melhorar é criar boi. Pois boi é dinheiro. Boi é ouro aqui. Quem tem boi no campo tem dinheiro no campo. Aqui na Reserva Extrativista é difícil, pois o pessoal não quer. O pessoal não deixa a gente brocar, não deixa a gente criar boi.

O pessoal não quer que a gente crie boi. Mas aqui, você tendo boi no campo tem dinheiro. Semana passada eu peguei dois bezerros e fiz R\$ 920,00. E fazendo outra coisa, para eu ganhar isso, teria que suar muito para ver um dinheiro desses. Com boi é mais fácil. É a coisa mais fácil que temos para fazer dinheiro. Com boi, com um ramal melhor, posso ter um transporte melhor, comprar uma moto melhor. Um sonho meu que tenho é ter um carrinho para levar minha família, para transportar minha família até a cidade e voltar, por enquanto tenho uma moto, mas sonho em ter um carrinho para transportar minha família até quando Deus quiser.

Meus filhos ficam o dia todo na escola, estudam de segunda a sexta. Eles chegam da escola quatro horas, cinco horas da tarde. Agora tem transporte para eles, mas antes era na pernada (caminhando). Eles pegam o carro aqui. Depois o carro vem deixá-los de volta. Melhorou esse lado. Agora tá melhor. Os meninos podem ir para a escola no transporte. Antes tinham que caminhar muito na floresta, da casa até a escola.

Vou para Xapuri algumas vezes, mas só para comprar coisas. Para passear não vou muito, pois não gosto de bebedeira e de farra. Estou indo hoje para o aniversário do bairro da Sibéria, mas vou primeiro fazer meus negócios. O que eu gosto mesmo é de futebol. Eu sou flamenguista desde a idade de sete anos. Sou fanático por futebol. Eu vejo os jogos pela televisão.

Meu filho de 13 anos, chamado Paulo Ricardo, desde que se entende por gente é flamenguista. Ele tem tudo do Flamengo, camisa, cueca, calção, chuteira, tudo do Flamengo. O outro, de seis anos, chamado Paulo Rondinele, é botafoguense. Eu, a mãe dele e o irmão somos flamenguistas, mas ele não. Não teve jeito. Ele é botafoguense. Quando o Botafogo está jogando ele para tudo para assistir. Fora a televisão eles gostam de se divertir com um som. Eu fui até a Bolívia, até a Zona Franca Boliviana, na cidade de Cobija, e comprei um aparelho de som moderno. Eles se divertem ouvindo música.

Aqui no meu lugar tem um açude, tem também uma vertente com água muito boa. Não tomo banho na vertente porque tenho banheiro dentro de casa, com uma caixa de água atrepada, daí puxo a água da vertente para a caixa, com uma bomba mergulhão. Meu roçado é para cá (apontou), minhas estradas de seringa são para aquele lado (apontou). Tem uma estrada de seringa para cá e duas para lá. O açude fica ali abaixo do campo de futebol (apontou para o campo, localizando o açude).

Aqui na minha colocação o tamanho é de 300 hectares. Aqui quem manda é o IBAMA. Tudo o que é para fazer aqui tem que o IBAMA assinar. Se o IBAMA não assinar não é possível fazer nada. Só a casa que eu fiz o ano passado foi o INCRA que assinou.

No meu roçado eu planto arroz, milho, feijão, bananeira. Tenho fruteiras, mas tudo é para o consumo de casa. Aqui tem muita caça também, tem de tudo, aqui só não tem índio. Tem onça, tem queixada, tem anta, tudo tem. Veado, porco, paca. Aqui tem muito. Agora todo mundo espera a caça em rede (o processo de caça de espera é aquele em que o caçador se coloca - ou posta - em local de visibilidade privilegiada sobre um ponto de alimentação, de água ou de passagem para poder observar, selecionar e abater o animal, seja ele de caça maior, seja de caça menor). Porque esperar em pau a onça pega muitos. A onça pegou muita

gente que esperava a caça em pau baixo. Por isso o pessoal aqui espera muito em rede. Coloca a rede alta para esperar a caça.

Eu já matei três onças grandes esperando numa caxinguba (*ficus insipida*, um fruto muito apreciado por veados, *Cervus elaphus ervidae*, animais ainda em abundância na selva amazônica). Ela veio e eu atirei nela daqui até essa bota aí (apontou). Ela só virou. Já vi também aquele negócio de parência (assombração). Eu estava esperando num jatobá, quando foi a boquinha da noite veio aquele olho assim (pausa). Veio, veio chegando para perto, pisando, aí eu foquei. Aquele olho veio e quando estava perto de atirar no olho veio um pensamento: se eu atirar no olho vou ficar assombrado. Então não atirei. Apaguei a lanterna e o olho desapareceu. Fiquei a noite toda e nenhuma caça apareceu. Quando foi no outro dia peguei uma febre. Fiquei três dias de febre, e até hoje estou por saber o que aconteceu. Eu conto essas histórias para os meus filhos, mas eles são medrosos. Eles fecham a porta e as janelas ficam com medo quando conto essas histórias a noite.

Hoje em dia os filhos da gente (pausa). O meu tem treze anos e não sabe o que é uma espingarda, um rifle. Nunca atirou, nem nada. Só vive de estudo. É melhor. Quando eu tinha a idade de nove anos já cortava seringa e já atirava. Já matava caça. Já trabalhava. Meu filho tem treze anos e nunca pegou numa espingarda para atirar. Nunca cortou uma madeira, nem na mata ele sabe andar. Veja a diferença que já tem. Com nove anos já trabalhava em roçado, já caçava, já fazia tudo. No meu tempo não tinha escola para estudar. Sou analfabeto, só sei assinar meu nome. Estudei até a quarta série. Quando tinha 19 anos é que fui começar a estudar, isso quando a primeira escola chegou por aqui. Mas parei. Porque por aqui ou eu estudava ou trabalhava. Daí tive que abandonar o estudo para trabalhar. Se não trabalhasse eu passava fome. Para estudar e trabalhar não dava. Como diz o ditado, tinha que pular de galho em galho que nem macaco. Eu pulei, abandonei o estudo para trabalhar. Hoje não, eu trabalho e meus filhos estudam.

Para o futuro de meus filhos eu espero que eles estudem, para que posam ter um futuro melhor. Para eles se tornarem bons professores, para se tornarem alguém na vida. Eu não quero que sejam como eu sou, um seringueiro como eu. Eu digo para eles: vocês estudem, vocês devem aprender, para na frente vocês terem um futuro melhor. Porque seringueiro é como diz o ditado. Só vive com uma cangalha nas costas (silenciou emocionado).

2.1 Ponderações sobre os relatos e memória

Sobre os três primeiros relatos apresentados vale comentar que o de Maria Luciana foi concedido numa tarde quente de verão amazônico do dia 26 de maio de 2012. Durante toda entrevista seu filho permaneceu ao lado. Ora observando, ora brincando no quintal. Observa-se que no dia da entrevista, com a cordialidade peculiar dos seringueiros xapurienses, Maria informou que queria “falar logo”. Mas, ao ser comunicada que sua voz seria gravada em vídeo, solicitou que “gostaria de se arrumar melhor”.

O relato de Raimundo foi concedido um dia (23 de junho de 2012) antes da festa em homenagem a “São João do Guarani”, considerado pelos seringueiros católicos de Xapuri como “Santo da Floresta”, mesmo sem reconhecimento oficial da Igreja Católica (ver anexo a lenda do “Santo da Floresta”). A entrevista foi agendada para acontecer na colocação Guarani, mas no dia marcado Raimundo não foi encontrado, somente sua esposa estava no local combinado. A mesma informou que o marido encontrava-se em outra colocação próxima. Raimundo foi encontrado caminhando no ramal com dois de seus filhos. Na varanda de sua casa, ao lado dos filhos e vestido com sua melhor roupa (estava a caminho dos preparativos para os “festejos de São João do Guarani”) relatou suas histórias.

A fala de José Ribamar foi concedida embaixo de um “pé de laranja”, em frente de sua residência na colocação Maloca Queimada, na Reserva Chico Mendes, no dia 15 de junho de 2012. Sem camisa, demonstrou bastante descontração, mesmo com o gravador ligado. José Ribamar falou de sua vida desde que se “entendeu por gente”. Em alguns momentos sua esposa aparecia na janela da casa para observar a conversa. Em outros momentos, a gravação era interrompida devido o barulho das motos que passavam no ramal. José Ribamar havia alertado: “temos que ter paciência, pois minha casa ficar no beijo do ramal e o movimento de motos por aqui é grande.”

Maria, Raimundo e José falaram da vida. Da vida vivida (alimentação, doenças, diversão, trabalho, etc.) e da vida sonhada (desejos, sonhos, aspirações). Também destacaram suas trajetórias (de onde vieram, para onde gostariam de ir e não ir - morar na cidade, por exemplo). Suas narrativas, como a de todos os outros sujeitos colaboradores dessa pesquisa, constituíram-se em verdadeiros convites a “passeios em suas memórias”. Por isso mesmo, o tema memória mereceu aqui uma pequena reflexão.

Ao ouvir os colaboradores narrando suas histórias, percebeu-se que, de fato, é por intermédio da memória que as pessoas tecem suas histórias. Comprovava-se, na prática, o que

havia sido lido na teoria. Para Castro Barbosa (2009), por exemplo, o ato de narrar é essencialmente recordar. E também recriar experiências, atribuindo-lhes valores à luz do presente, das crenças, ideologias e necessidades que ele comporta. Para essa autora, a memória é algo em constante construção, tanto a individual como a coletiva, algo inacabado e sempre sujeito a reformulações.

A referência inicial sobre a temática da memória foi Bosi²⁹, uma das primeiras indicações de leitura da orientação da pesquisa. Até então, talvez devido à formação em Economia, pouco ou quase nenhuma leitura havia sido realizada sobre esse campo. Então, através de Ecléa, chegou-se a outros autores que “centraram na memória suas reflexões”³⁰. Entre eles merecem destaque o filósofo Halbwachs, Henri Bergson, Pierre Nora, entre outros.

Pelas leituras realizadas foi possível perceber usos diferenciados do conceito produzido por historiadores, sociólogos, filósofos e etnólogos. Em Henri Bergson, por exemplo, podem ser encontrados dois tipos de rememoração:

[...] a lembrança-hábito e a lembrança que reconhece imagens e movimentos do passado, “*das quais uma imagina, a outra repete*”. O primeiro tipo, que se faz presente em ações e atividades da vida cotidiana, “*como o hábito, ela é adquirida pela repetição de um mesmo esforço*”. O segundo “*é como um acontecimento de minha vida; contém por essência, uma data, e não pode consequentemente repetir-se*”, ou seja, refere-se à recordação de um evento do passado. Bergson atribuiu à memória a capacidade de unir estes dois planos de experiência; além de permitir uma consciência espaço-temporal. Essa forma de caracterizar a memória e as lembranças, em especial a autonomia entre elas conceituada por Bergson, foi bastante criticada por pensadores como Benjamin e por autores mais recentes (Bergson, *apud* SALGADO RIBEIRO, 2007, p.184)

Já em Halbwachs (1990), observa-se uma preocupação com a memória coletiva. Para esse autor, por mais que a memória pareça expressar experiências individuais é constituída por estruturas sociais que antecedem ao indivíduo. Isso porque jamais “estamos sós”. Não existe o “ser” sozinho. Halbwachs elaborou o conceito de “comunidade efetiva”, como base para a formação da “memória coletiva”. Essa “memória coletiva” seria plural e múltipla. Para este pensador, a capacidade de se combinar diferentes formas faz com que a relação entre “memória individual” e “memória coletiva” nunca seja única e constante. Portanto, a memória seria construída por elementos externos - algumas vezes não vividos pelo indivíduo - que impregna e reconstrói a “memória individual”.

Na visão de Da Silveira (2012), Bergson parece preocupado em analisar a memória pura através de imagens individualizadas. Propõe-se a recompor a ação e, para tal, o centro

²⁹ Memória e Sociedade (2010)

³⁰ Bosi, 2010, p.39.

desta operação é o cérebro. E a representação surgiria no movimento ordenado pelo cérebro. Esta individualização da memória torna mais visível a separação entre suas ideias e as teses de Halbwachs. Entretanto, estas distâncias que os separam não os tornam excludentes.

No debate sobre memória também são comumente destacados Pierre Nora e Le Goff. Nora contribui com a noção de “lugar de memória” (um ponto em torno do qual se cristaliza uma parte da memória nacional). Já Le Goff (1996, p.423), define memória como:

[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria (...). Certos aspectos do estudo da memória, no interior de qualquer uma destas ciências, podem evocar, de forma metafórica ou de forma concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social. (LE GOFF, 1996, p. 423).

Neste trabalho, portanto, procurou-se valer de uma memória imbricada nos sentimentos dos seringueiros em relação à floresta; aos seringais de outrora; aos momentos conflituosos dos “empates” das décadas de 1970 e 1980; às suas memórias de infância e da lida, etc., para depois fazer uma aproximação das lembranças de um passado recente. Conforme ensina Seixas *apud* Da Silveira (2012, p. 13), ao afirmar que se a memória ata-se à percepção, “[...] ambas remetem à consciência. Sendo [...] impossível se imaginar um elo entre um antes e um depois sem um elemento de memória e, portanto, de consciência”.

É provável que ao concederem seus relatos os seringueiros de Xapuri/AC tenham também inventado, visto que a invenção é um processo que pode ser operado através da lembrança. Mesmo assim, isso não impossibilitou uma aproximação entre a memória e a história.

Feitas essas considerações, nos parágrafos a seguir apresentam-se reflexões sobre a vida cotidiana dos seringueiros moradores das florestas de Xapuri/AC. Para isso, os relatos concedidos foram à base da pesquisa (fontes principais do estudo). Mas também foi feito uso das próprias vivências “no mato” e, ainda, algumas fontes escritas. Aspectos importantes do cenário regional, no qual se situavam os seringueiros, no período analisado também foram destacados.

2.2 Práticas cotidianas nas florestas de Xapuri

Quando o trabalho de análise das falas dos colaboradores foi iniciado, percebeu-se, rapidamente, a intensidade de experiências relacionadas com a vida cotidiana dos seringueiros no interior da floresta. Constatação que direcionou para uma reflexão sobre a questão. Entretanto, também ficou claro que fazer análises sobre o cotidiano seria o mesmo que debruçar-se sobre pequenas partes de um grande mosaico, uma tarefa nada simples. Por outro lado, apesar da complexidade da análise, entendeu-se que fazer uma avaliação em escala reduzida possibilitaria uma gama bastante rica de conhecimentos e possibilidades para o estabelecimento de articulações, analogias, e contrastes com escalas maiores.

Sentiu-se que seria possível olhar a experiência desses indivíduos no sentido de conectá-los com a sociedade em geral. Dessa forma, a opção foi analisar a vida material dos seringueiros procurando fazer, como ensinou Viotti da Costa (1998), uma união da micro com a macro história. Na crença de que “[...] é impossível compreender uma sem a outra” (VIOTTI DA COSTA, 1998. p.19).

Procurou-se refúgio também em Certeau (2011), por perceber nos ensinamentos desse autor que é no cotidiano onde também se pode encontrar chaves de entendimento do conhecimento histórico. Conhecimento produzido pelos indivíduos, nas relações que estabelecem na sociedade. Compreendeu-se, se é que o entendimento da argumentação apresentada na *A invenção do cotidiano* foi correto, que os mecanismos de poder, de regulamentação e disciplinamento da sociedade é que tentam regular e controlar a vida dos seres humanos. Mecanismos e disciplinamentos que podem ser burlados por práticas, táticas, e estratégias de sobrevivência que os indivíduos criam na dinâmica cotidiana.

Vale lembrar que os seringueiros, em suas práticas diárias, sempre tentaram burlar as normas e os regulamentos de controle de suas vidas. No período do “patrão seringalista”, por exemplo, burlavam principalmente de forma individual colocando sujeiras nas “pélas” de borrachas, fugindo das colocações, entre outras estratégias, como assinalado no capítulo anterior. Depois, com os “empates”, a resistência se deu de forma coletiva, principalmente, onde os seringueiros buscaram se contrapor à expropriação de seus territórios, expropriação essa motivada e financiada pela política do governo militar para a Amazônia. No período escolhido para analisar (1988 a 2012), como será visto, o movimento de fuga dos controles e disciplinamentos continuou acontecendo.

Portanto, este capítulo foi construído na tentativa de responder temas relacionados à vida cotidiana dos seringueiros. Com o auxílio dos relatos e de fontes escritas, buscou-se evidenciar as estratégias de sobrevivência utilizadas no dia a dia das colocações; as formas de produção e a obtenção de ganhos; as atividades praticadas no “roçado” (o que os seringueiros produzem e como produzem); alguns hábitos e costumes (inclusive alimentares), bem como as formas de diversão e práticas religiosas, entre outras questões.

2.2.1 A vida cotidiana nos anos da década de 1990

Na tentativa de destacar as práticas cotidianas dos seringueiros de Xapuri, nos anos da década de 1990 (objetivo desse subitem), os relatos orais coletados na floresta propiciaram pistas importantes. Entretanto, analisando as transcrições das vozes coletadas, observou-se que evidências sobre as práticas cotidianas apareciam e se repetiam com maior intensidade no período pós 1999. Dessa maneira, para não deixar de evidenciar como faziam esses sujeitos no enfrentamento das dificuldades cotidianas, no interior da floresta, antes das “modernidades” do “Governo da Floresta” chegar (como se divertiam; o que produziam; como dividiam o tempo de trabalho; quais as práticas religiosas, etc.), optou-se pela utilização de fontes escritas com maior intensidade para analisar o período anterior a 1999. Quanto ao período pós 1999, os relatos orais constituíram-se nas fontes principais.

Observa-se, a partir dos relatos, que no início dos anos de 1990, após o assassinato de Chico Mendes, a produção de borracha e castanha (extrativismo tradicional) continuou sendo a principal fonte de ganhos para os seringueiros de Xapuri/AC, com a agricultura desempenhando um papel secundário (a produção agrícola maior era para autoconsumo). A produção de produtos agrícolas para o mercado, a criação de pequenos animais e, também, as atividades relacionadas com a pecuária aconteciam em intensidades pequenas (REGO *et al*, 1996).

Nota-se, também, nesse período, que os seringueiros haviam conseguido viabilizar a criação da Reserva Extrativista Chico Mendes e, com ela, adquiriram direitos de uso coletivo sobre áreas de floresta. A ameaça de expropriação e dos conflitos fundiários haviam diminuído. Entretanto, outros desafios estavam postos. O principal era o da sobrevivência.

Na luta pela sobrevivência na floresta, nos anos da década de 1990, os seringueiros, durante a seca (verão amazônico), continuaram acordando cedo para o “quebra-jejum” como sempre fizeram. Em seguida, se dirigiam aos “varadouros” em busca das árvores

(seringueiras) para sangrá-las. Através das “estradas de seringa” tinham se acostumado a percorrer (no início do século, de forma forçada³¹), em média, 20 km todos os dias. 10 km para ir até o final da “estrada” e 10 km para voltar. Na ida “sangravam as árvores” com a cabrita (espécie de faca). Na volta, com auxílio de uma tigela, coletavam o látex derramado (CASTELO, 1999).

Durante o inverno (novembro a março) dedicavam maior esforço para a coleta da castanha. Isso porque a queda dos ouriços iniciava-se (ainda inicia-se) a partir das primeiras chuvas. Ouriços que os seringueiros apanhavam na floresta, quebravam, e extraíam as amêndoas para uma provável comercialização. Observa-se que no “tempo das chuvas” amazônicas a água prejudica o látex extraído das árvores, coagulando-o, o que também explica o maior esforço despendido para a coleta da castanha nos meses invernosos.

Independente da estação, após a finalização das atividades extrativistas diárias, os seringueiros não paravam de trabalhar³². Isso porque ao retornarem do interior da mata dedicavam o restante do dia para atividades no “roçado” e, ainda, para manejarem pequenas criações. Na “boca da noite”, não todos os dias, costumavam sair para “esperar” (caçar). A carne de caça era imprescindível na garantia da energia necessária para a “lida” nesse período.

Sobre a caça de animais silvestres deve-se notar que nos anos de 1990 já era considerada uma atividade ilegal no Brasil. Entretanto, como apontaram os seringueiros Raimundo Nonato e José Ribamar, “na floresta não existe açougue”. Dessa maneira, pode-se afirmar que viver na e da floresta nesse período não era nada fácil, como nunca tinha sido antes. Os seringueiros de Xapuri/AC lutavam buscando a construção da sobrevivência que era possível, muitas vezes burlando proibições impossíveis de serem cumpridas.

Portanto, a necessidade de acordar cedo (“de madrugada”); o hábito de fazer um “quebra-jejum” (ou “merendinha”, como afirmou o seringueiro José Barbosa de Lima) antes da dura jornada diária; a caça de animais silvestres (realizada principalmente para autoconsumo pela necessidade de obter proteínas) e o trabalho no “roçado” eram práticas cotidianas frequentes nas florestas de Xapuri/AC, nos anos iniciais da década de 1990.

O pouco ganho obtido com a comercialização dos produtos extrativistas (castanha e borracha) propiciava recursos mínimos para aquisição de alguns bens industrializados como o

³¹ Como bem ensinou Roberto Santos (1980), em sua *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*, o sistema de aviamento pode ser considerado como disciplinador por excelência, na proporção em que funcionava como força coercitiva de subordinação do trabalhador ao barracão, através de eternas dívidas.

³² Sobre a jornada de trabalho dos seringueiros, em pesquisa de mestrado, Castelo (1999) constatou que os moradores da “Chico Mendes”, nos anos de 1990, trabalhavam 5,35 dias por semana, em média, com uma jornada, também média, de 10 horas/dia.

sal, o açúcar, a pilha para o velho rádio³³, e a munição para a espingarda. Os baixos rendimentos obtidos relacionavam-se com os preços da borracha que apresentavam tendência de queda considerável no mercado internacional, nesse período. Conjuntura que tornava a sobrevivência nas matas de Xapuri/AC, a cada novo dia, bastante complicada, mesmo após a criação da CAEX que, com já comentado, havia conseguido, através da compra direta da produção de castanha e borracha dos seringueiros, eliminar a influência dos “marreteiros”.

Ademais, a Cooperativa criada por Chico Mendes e seus companheiros, em 1988, propiciou, de fato, algumas melhorias aos seringueiros da região. Entretanto, não conseguiu avançar muito. Isso devido aos problemas de gestão da própria Cooperativa; aos boicotes dos administradores de instituições públicas em Xapuri (que por problemas de política partidária procuravam dificultar ao máximo as iniciativas dos seringueiros associados à CAEX), entre outras questões. Inclusive a situação dos seringueiros (e da Cooperativa) agravou-se bastante quando um grupo nacional exportador de castanha denominado “Mutran” colocou castanha contaminada no mercado internacional, dificultando, assim, as exportações desses produtos provenientes de Xapuri (CASTELO, 1991).

A partir do evento “Mutran”, os compradores passaram a exigir da CAEX certificados de qualidade. Documentos que a mesma tinha poucas condições de oferecer, principalmente devido aos elevados custos para suas obtenções. Na avaliação do colaborador Gomercindo Rodrigues, que assessorou Chico Mendes e a CAEX, apesar de todas as dificuldades que a Cooperativa enfrentou, sem ela, os seringueiros de Xapuri/AC teriam desaparecido nesse período³⁴.

Muitas evidências encontradas nas fontes escritas apontaram que foi no início dos anos da década de 1990, talvez forçados pelas circunstâncias, que os seringueiros que decidiram permanecer nas matas xapurienses³⁵ começaram a intensificar práticas de agricultura comercial (quando possível); aumentaram a criação de pequenos animais e, principalmente, a criação de gado. Mudanças (notadamente nos usos da terra) que fizeram crescer, de forma preocupante, os desmatamentos na região. Essa constatação é comprovada por diversos autores como Aguiar Gomes (2009), por exemplo.

³³ Antes da chegada da energia e da televisão, o rádio de pilha era muito utilizado pelos seringueiros.

³⁴ Castelo (1999) demonstrou as dificuldades que os gestores da Cooperativa Extrativista de Xapuri – CAEX enfrentavam para conseguir a documentação necessária para embarcar a castanha beneficiada que exportavam. Os representantes da Coletoria Estadual de Xapuri, por exemplo, chegavam a se esconder visando dificultar ao máximo o processo de liberação das notas fiscais. Esse trabalho evidencia, como motivo principal para as dificuldades, o fato de a CAEX “possuir relações com o Partido dos Trabalhadores”. Vale observar que nesse momento o Acre era administrado por partidos ditos “de direita”.

³⁵ Nesse período, muitas famílias migraram para as cidades procurando melhores dias de vida.

Nos “roçados” os seringueiros produziam feijão, arroz e a mandioca (utilizada também para fazer farinha). No entorno da residência, construída geralmente por eles próprios com a utilização de materiais que, em sua maioria, eram encontrados na própria floresta (madeiras, palhas ou cavacos para cobertura, paxiúba para o piso, etc.) criavam galinhas e porcos.

Diante de todos os avanços, mesmo com o crescimento verificado na agricultura e nas pequenas criações, as dificuldades de comercialização provocadas pelo isolamento faziam com que essas produções fossem destinadas quase que totalmente para o autoconsumo. Diferente do gado, que conseguia “sair da mata caminhando sozinho”. Sobre o isolamento a que os seringueiros eram submetidos, no período anterior à chegada do “Governo da Florestania”, muitas das falas coletadas no trabalho de campo evidenciaram os problemas dele decorrentes, como pode ser ilustrado através dos fragmentos de relatos apresentados a seguir.

Ave Maria, vou contar como era minha situação quando eu morava no outro seringal mais lá para dentro da mata. A gente possuía quatro animais de carga. Aí a gente cortava a seringa e colocava a carga nos bichos para chegar até aquele Xapuri. Para chegar lá eram quatro dias dentro da mata. Os animais chegavam lá e quando a gente tirava a carga eles se arriavam no chão de tão cansados. Antes mesmos de tirar a carga eles se deitavam. Era um sofrimento danado. Depois de dois dias a gente carregava de novo aqueles coitados, com os mantimentos para voltar. Era mais três, quatro dias até a colocação. E nas alagações era muito perigoso. (Jorge Monteiro da Silva, morador da Resex Chico Mendes).

Aqui temos que batalhar muito para conseguir as coisas, mas dificuldade mesmo não tem muito não como tinha antes. Eu nasci nesse lugar aqui mesmo. Mas já andei em outros lugares e voltei para cá. Dificuldade era ir para a rua quando não tinha ramal, de primeiro (antigamente) a gente gastava cinco horas de viagem até a rua. Agora com o ramal, como todo mundo já tem moto, é 30 minutos, 25 minutos (Fragmento do depoimento do seringueiro Marivaldo Lima, da Resex Chico Mendes).

Apesar do incremento da criação de gado para “fazer dinheiro”, era a produção para autoconsumo que garantia a vida nos anos de 1990 nas matas xapurienses. Os seringueiros consumiam basicamente farinha de mandioca, arroz, feijão, ovos e algumas hortaliças - plantadas em hortas nas proximidades da residência. Os cereais (arroz, feijão e farinha) eram consumidos quase que diariamente (não todos ao mesmo tempo). Para complementar a ingestão de proteínas as famílias seringueiras, como sinalizado, valiam-se das carnes de caça e dos pequenos animais criados no quintal. Neste caso, a frequência de consumo era semanal (CASTELO, 1999).

As casas das famílias possuíam três divisões básicas: sala, cozinha e quarto (localizado entre a sala e a cozinha). Na cozinha, na maioria das vezes, os seringueiros

construíam um fogão de barro e um “jirau” (onde os pratos e panelas eram lavados). Os materiais mais utilizados na construção eram a paxiúba (paredes e piso) e a palha (para cobertura). Pode-se afirmar que se tratava de uma arquitetura própria, que fugia aos padrões tradicionais (CASTELO, 1999).

No que diz respeito à saúde, essa população tinha grandes problemas quando as doenças apareciam, pois se fosse algo de maior gravidade a única saída seria transportar o doente até a cidade, carregando-o em uma rede, fazendo longas caminhadas na mata. Pode-se afirmar que a situação de saúde na região não era muito diferente da maioria dos moradores da zona rural brasileira. Esta informação é confirmada pelo Conselho Nacional dos Seringueiros - CNS *apud* Costa Filho (1995), onde é possível encontrar dados informando que 65,13% dos moradores das reservas extrativistas do Vale do Acre e Purus não possuíam acesso a postos de saúde. Dados confirmados também pela pesquisa do Instituto Sociedade População e Natureza - ISPN (1998), que apontaram apenas 31,7 % dos moradores da “Chico Mendes” com acesso a postos de saúde.

A pesquisa do ISPN (1998) revelou, ainda, que 75,6% das famílias residentes na Reserva Extrativista Chico Mendes não possuíam filtro de água em casa, e que somente 9,7% das casas possuíam privadas ou fossas. Também destacou que as famílias utilizavam a água que bebiam coletando-a diretamente do rio, do igarapé, córrego, vertentes e/ou nascentes localizados próximos às residências. Outro aspecto destacado, na mesma pesquisa, relacionava-se com o fato (ainda comum no tempo presente) de pessoas serem picadas por animais peçonhentos (aranhas ou cobras). Em resumo, as doenças que mais acometiam os seringueiros de Xapuri/AC, nos anos da década de 1990, eram: verminose, diarreia, doenças respiratórias, malária³⁶, leishmaniose, hepatite e alcoolismo.

As fontes escritas utilizadas deixaram claro que o isolamento; a falta de perspectivas; o pouco ganho proveniente das práticas extrativistas tradicionais, além de outras dificuldades, faziam parte do cotidiano dos seringueiros nos dez anos que se seguiram à morte de Chico Mendes. Talvez na tentativa de suavizar as dificuldades que enfrentavam na floresta, muitos se entregavam ao álcool.

Sobre o alcoolismo nos seringais, vale observar que no ano de 1999, em pesquisa de Mestrado³⁷, realizada com pessoas da região, Castelo (1999) observou que os seringueiros

³⁶ Nos anos 90 a malária era um problema considerável grave pela FUNASA nas matas de Xapuri, principalmente na região do PAE Cachoeira (ver evidências no depoimento de Joaquim Vidal, em anexo, coordenador da FUNASA em Xapuri/AC).

³⁷ Castelo (1999).

consumiam álcool 90° GL (produto para higiene e limpeza). Quando não ingeriam álcool puro, misturavam o produto com substâncias como pasta de dente, leite condensado, ou mesmo refresco em pó (“k’suco”). O álcool 90° GL era muito consumido porque se tornava difícil (e caro) adquirir as bebidas alcoólicas “comerciais” no interior da floresta.

Nos finais de semana, os seringueiros esqueciam a dureza da vida através do forró (tradição vinda do nordeste), e do futebol. Também faziam rezas e novenas. No que se refere às práticas religiosas, observa-se que estas sempre distinguiram a cultura dos habitantes da Amazônia. Em geral, os seringueiros da Amazônia sempre foram católicos, em sua maioria. Mas com uma concepção de universo impregnada de ideias e crenças derivadas do ancestral ameríndio³⁸. Como bem apontou Galvão (1976, p.2), “[...] um catolicismo marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de santos de devoção identificados à comunidade”.

Na pesquisa de Castelo, já citada, é possível constatar que a maioria (80%) dos seringueiros de Xapuri nos anos de 1990 se consideravam católicos, mas também devotavam com bastante fervor a um santo da comunidade (no caso, “São João do Guarani”) e/ou São Sebastião (santo católico padroeiro de Xapuri), o que comprova as afirmações de Galvão (1976). Sobre essa questão, nos anexos desse trabalho, como já apontado, apresenta-se a lenda de “São João do Guarani”, o “Santo da Floresta”. Lenda construída com bases nas conversas informais, com vários seringueiros, durante o trabalho de campo em diversos locais pesquisados, na reserva Chico Mendes.

Sobre o já comentado abandono de práticas extrativistas tradicionais em função de “novas atividades”, parece tratar-se de uma resposta dos seringueiros à conjuntura de crise do extrativismo naquela década. Como já dito, as fontes consultadas permitiram inferir que foi exatamente nesses anos onde ocorreu uma intensificação maior no uso da terra e, também, quando teve início a incorporação de influências urbanas. Inclusive, com o estabelecimento de segundas residências na cidade (EHRINGHAUS, 2005). O depoimento do experiente seringueiro Mário Honorato de Souza, apresentado, na íntegra, no capítulo 4, evidencia, claramente a questão das segundas residências.

Entre as atividades que começaram a substituir o extrativismo de borracha e de castanha no período, como assinalado, destacou-se a pecuária de pequeno porte. E com ela intensificaram-se os desmatamentos. A afirmação pode ser comprovada através na figura 22, construída com dados oficiais do Governo do Acre. Como pode ser analisado no dados

³⁸ Curupiras, caboclinhos da mata, visagens (pássaros ou veados com olhos de fogo), cobra grande, matintaperera (Galvão, 1976).

constantes na figura, mesmo com quedas posteriores, a tendência foi de crescimento nas taxas de desmatamentos na região, principalmente no período de 1996 a 2005.

Figura 22 - Taxa anual de desmatamento na RESEX Chico Mendes (1988 a 2010)

Fonte: ACRE (2010, p.25) *apud* MELO FITTIPALDY (2012)

As diversas falas dos colaboradores desta pesquisa também confirmaram o crescimento da pecuária. Criar boi tornava-se, a partir dos anos de 1990, uma atividade importante nas áreas pesquisadas em Xapuri/AC (para “fazer dinheiro mais rápido”). Melo Fittipaldy (2012, p.112) organizou alguns números em seu trabalho de Mestrado e concluiu que:

[...] no ano de 1992 (dois anos após a criação da RESEX), mesmo com toda a crise que já se abatia sobre o extrativismo, ele representava 62% do valor total da produção. Deste percentual, a borracha respondia por 35,2%, seguida da castanha com 25% e de outros produtos (frutos, óleos, resinas, açaí etc.) com apenas 1,8%. A segunda atividade mais importante era a agricultura, correspondendo a 29% da produção. A pecuária era a responsável por apenas 9% (4,2% - bovinos; 3% - suínos; 1,8% - aves). No ano de 2009, o levantamento socioeconômico realizado pela SEMA aponta uma diferença nesse quadro situacional, visto que a pecuária em 2010 já respondia por 35% da renda familiar, empatando com o extrativismo.

Ainda, sobre a questão das mudanças nas formas de uso da terra, vale acrescentar uma outra questão relevante como fechamento desse subitem, ou seja, provocaram alterações nas identidades desses sujeitos sociais tornando-as cada vez mais complexas e fragmentadas. Identidades que anteriormente eram fortemente enraizadas na história cultural da extração de látex e produção de borracha e no relativo sucesso das lutas pelo direito a terra (“empates” - criação das Reservas Extrativistas).

2.2.2 A chegada do Governo da “Florestania” (1999)

Cidadania? Isso é coisa de gente da cidade. Aqui na Amazônia o que nós precisamos é de florestania (ALVES, 2004).

Após uma década de repetidas derrotas para as forças políticas consideradas conservadoras, nas eleições estaduais de 1998, um grupo de jovens políticos, liderados por Jorge Viana³⁹, conquista o aparato político-administrativo do Estado do Acre, com um significativo apoio popular, inclusive dos seringueiros de Xapuri/AC. Esse grupo de jovens, que acabara de chegar ao poder, reivindicava a herança do “movimento de resistência” contra a expropriação da terra acontecido no final da década de 1970 e início dos anos de 1980. Essa mudança no quadro político aconteceu graças a uma ampla coalizão de doze partidos das mais variadas orientações ideológicas, incluindo o PSDB, à época arquirrival do PT em âmbito nacional.

E, naquela ocasião da mudança política, como visto, os seringueiros de Xapuri/AC enfrentavam problemas significativos para sobreviverem nas florestas. Dessa forma, afirmando que mudariam o cenário, os novos governantes começam a atuar reforçando um discurso de revalorização da “identidade seringueira” e, também, através das referências culturais locais, sobretudo aquelas associadas ao que eles denominaram de “povos da floresta” (representados nas populações indígenas, seringueiras e ribeirinhas em geral).

É importante notar que esse discurso já estava presente desde a campanha de Jorge Viana para Prefeito de Rio Branco, ainda em 1992. Inclusive, foi exatamente durante a campanha para a Prefeitura Municipal que a expressão “florestania” surgiu (neologismo citado desde o início dessa narrativa e que se tornaria uma espécie de marca do novo governo).

Segundo o colaborador Altino Machado, o termo apareceu pela primeira vez em uma conversa travada entre um amigo seu chamado Jorge Nazaré (morreu em 1999) e Antônio Alves⁴⁰. Nazaré e Alves falavam sobre as florestas e seringueiros e, numa certa altura, Nazaré disse assim: “ah! Então isso é florestania Toinho”. Antônio Alves teria gostado da palavra e tentado desenvolver um conceito. Segundo ainda Machado (ver relato completo nos anexos), Jorge Nazaré Guimarães Gama fazia teatro, participava da produção de festivais e produzia

³⁹ Jorge Viana foi eleito em uma coligação de partidos compostas por PT, PSDB (que indicou o vice Edson Cadaxo), PC do B, PDT, PSB, PPS, PV, PMN, PTB, PL, PSL e PT do B. Conjunto de Partidos unidos em uma frente denominada “Frente Popular do Acre”.

⁴⁰ Antônio Alves, na ocasião, era assessor da “Frente Popular do Acre”.

shows. Era um agitador cultural de sua época. Na foto apresentada, a seguir, Nazaré aparece ao centro (do lado de Altino Machado).

Figura 23 - Organizadores do “I Festival de Som e Sol na praia do Amapá no Rio Acre”.

Da esquerda para a direita: Zé Luiz, Jorge Nazaré e Altino Machado.

Fonte: <<http://altino.blogspot.com.br/2012/03/recorte-de-jornal.html>. Acesso em 19/03/2012>

Observa-se que a “florestania” procurava dar conta das políticas do governo que prometia contornar a crise do extrativismo através da implantação de melhorias técnicas no sistema tradicional de extração do látex e da coleta de castanha (melhorias técnicas que teóricos da Universidade Federal do Acre, ligados ao governo, denominaram como “neoextrativismo”). Em outros termos: a crise na floresta seria minimizada pela modernização do extrativismo tradicional.

A “nova e moderna proposta” também buscava conter o agravamento da devastação ambiental (que acontecia no Estado, inclusive dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes e dos PAE’s, como assinalado). Para tanto, os novos administradores do Acre implantariam um conjunto de medidas que, associadas ao discurso de valorização das tradições, da memória e da história local, poderia reverter as tendências e “tirar o Acre do atraso”. Uma “nova modernidade” se aproximava da floresta.

Como o Estado do Acre encontrava-se sem poupança interna, a saída foi recorrer a financiamentos externos. E, nesse processo, como será melhor detalhado no capítulo 4, o governo apregoa, na região, o discurso de um “novo” tipo de desenvolvimento (adjetivado de “sustentável”). Discurso construído em nível global, no âmbito da ONU, com apoio de

instituições multilaterais de crédito, e que havia se consolidado no Brasil principalmente a partir da ECO 92.

Sobre essa “tradução”, poder-se-ia inclusive pensar (utilizando aprendizados obtidos em Boaventura Santos, 2009) que o Acre, com a “florestania”, na verdade, estava “embarcando” em uma proposta neocolonial formatada pelos centros de pensamento das instituições multilaterais de crédito.

A logomarca do governo, criada na época, traduz, com bastante eficiência, a mensagem simbólica que os governantes desejavam passar com a “florestania” (figura 24). Que também pode ser interpretada como estratégia de legitimação da ideologia do dito “desenvolvimento sustentável”.

Figura 24 - Logomarca do Governo Jorge Viana (1999/2002 e 2003/2006)
Fonte: CARNEIRO (2012)

A maioria da população acreana aceitou sem quase nenhuma crítica o discurso da “florestania” (inclusive a maioria dos professores/pesquisadores da UFAC). Entre os seringueiros, principalmente entre as antigas lideranças do “movimento contra a expropriação”, foram poucos os que ousaram divergir. Entre as “vozes rebeldes” podem-se destacar as de Osmarino Amâncio Rodrigues (desde o início) e Dercy Teles (um pouco mais tarde). Afirmação comprovada no depoimento da própria Dercy Teles, apresentado na íntegra no capítulo 3 desta tese.

É notável que Guimarães Junior (2008) apresenta uma leitura crítica em relação a esses tempos acreanos. Inclusive destaca que uma das principais estratégias utilizadas pelo “Governo da Floresta”, para construir e afirmar seu “discurso identitário”, foi o controle dos meios de comunicação. Vejam-se, a seguir, o que este autor escreveu no resumo de seu trabalho.

Assim, apoiado numa enorme legitimidade política e no conceito permissivo de “desenvolvimento sustentável”, o governo põe em marcha um polêmico e

controvertido modelo de desenvolvimento embasado na exploração madeireira, por meio do chamado "manejo sustentável", no qual são enredadas inclusive as comunidades tradicionais, e cria as bases, legitimadas e legalizadas, para um avanço do capital privado sobre os bens públicos naturais. No lugar do debate, da democratização das políticas públicas e do exercício autônomo dos setores da sociedade civil, outrora cruciais para a vitória eleitoral, essa gestão constrói sua legitimidade apoiada, sobretudo, no controle dos meios de comunicação públicos e privados, mediante repasses de verbas para os empresários do setor, e a cooptação de lideranças sindicais e sociais. O controle da informação e das falas na esfera pública midiática torna-se o principal instrumento de afirmação de um discurso identitário fortemente legitimador, até o momento em que os sujeitos e vozes interditados irrompem a partir de outros canais de comunicação, expondo as contradições, as fissuras e a face autoritária desse discurso.

A popularidade de Jorge Viana e seu “Governo da Floresta” só cresciam, com poucos no Estado duvidando (ou questionando) sobre os rumos do propalado “desenvolvimento sustentável” estadual. Desenvolvimento (no caso do Acre), que era alardeado em todo o Brasil (e mundo) através do neologismo “florestania”.

A popularidade do Governador se devia também ao estabelecimento de um programa de obras públicas implementado nas principais cidades do Acre que, naquele momento, de fato, melhoraram as condições de vida de parte da população urbana. Mais especificamente dos moradores da cidade de Rio Branco (a capital). Obras realizadas através de financiamentos⁴¹ contraídos principalmente no mercado externo. Cujos projetos, em suas justificativas, repetiam como uma espécie de mantra as palavras: Chico Mendes, Xapuri e seringueiros.

Esse programa de obras (recuperação das estradas, aeroportos, escolas, delegacias e centros esportivos, etc.) gerou empregos e alguma renda para parte da população (principalmente para os empresários da Construção Civil). E, como consequência, provocou benefícios (aumentos de vendas) no comércio e também na indústria local. Inclusive, ao construir boa relação com os empresários, o governador Jorge Viana viu aumentar em mais de 200% a arrecadação própria de seu Governo (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS) conforme informações da Federação das Indústrias do Estado do Acre - FIEAC (2010).

Não por acaso, a “Frente Popular do Acre” conseguiu eleger a maioria dos Prefeitos do Estado, nas eleições de 2004, inclusive em cidades onde o Partido dos Trabalhadores nunca havia conseguido fazer sequer um vereador (segundo dados do Tribunal Regional

⁴¹ Dados da Secretaria de Fazenda do Estado do Acre (ACRE, 2011, p.13) revelam que os governos da “Frente Popular do Acre” contraíram mais de R\$ 1,6 bilhões com financiamentos (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, CEF, Banco Mundial, BID, entre outros).

Eleitoral - TRE/AC, foram 12 os prefeitos eleitos apoiados pelo Governo do Estado). Mas deve-se observar que os investimentos não só foram realizados nas cidades, nem poderiam, principalmente para um governo que se dizia “da floresta”.

No interior da mata várias iniciativas da “florestania” começaram a impactar a vida dos seringueiros, uma das primeiras foi criação da “Lei Chico Mendes”, que se destinava a revitalização da extração de látex para produção de borracha, bem como a extração de Produtos Florestais não madeireiros (PFNM). Exatamente os pilares da “identidade tradicional” do seringueiro.

A medida previa um pagamento adicional por quilo de borracha para aqueles que tivessem seus documentos e fossem membros de associações de produtores legalmente constituídas, conforme destacado por um relatório de pesquisa de iniciação científica de autoria de Joquebede de Oliveira da Silva, bolsista PIBIC/UFAC e Rubicleis Gomes da Silva, Professor do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas da Ufac.

A política de subsídios para a produção de borracha foi implantada no Acre pela Lei 1.277, de 13 de janeiro de 1999. Inicialmente, entre 1999 e 2001, o pagamento foi de R\$ 0,40 por quilo de borracha. A partir de 2002 esse valor subiu para R\$ 0,60 e em 2003 foi novamente reajustado para R\$ 0,70. Entre 1999 e 2006 houve um aumento médio de 49,62% no preço pago ao produtor, levando em conta o preço praticado no mercado. Entre os Municípios mais beneficiados com o programa de subsídio destacam-se Rio Branco, com 17,71% do valor investido, seguido por Xapuri, com 14,17% e Sena Madureira com 13,75%. O programa de subsídio para a produção de borracha no Acre foi uma resposta do governo estadual ao declínio da produção extrativista resultante da extinção do subsídio federal no início do governo Collor, em 1990. O fim do subsídio federal provocou uma crise sem precedentes nas áreas extrativistas do Acre. Uma dos aspectos negativos mais evidentes da crise foi a pressão migratória para os principais centros urbanos do Estado, principalmente a capital, Rio Branco. Muitos extrativistas que permaneceram na floresta abandonam a atividade para se tornar pequenos agricultores. Entretanto, a dificuldade de escoamento da produção agrícola das áreas extrativistas inviabilizou a permanência da maioria deles em suas propriedades, que foram vendidas para especuladores e fazendeiros. Com isso, vastas extensões de florestas nativas foram rapidamente convertidas em áreas de pastagens, especialmente na região leste do Estado (Fonte: OLIVEIRA DA SILVA, J. e GOMES DA SILVA, R., 2010, p.6).

Além dessa Lei, o “Governo da Floresta” criou organizações para se concentrarem no apoio da produção florestal e no marketing das empresas cujos produtos possuísem alguma relação com a política que se iniciava. Política que definia a exploração “racional da floresta” como uma espécie de saída única para o Estado se desenvolver, de forma “sustentável”, conforme o discurso. Como exemplo da afirmação, pode-se citar a criação da Secretaria de Estado de Florestas e Extrativismo (SEFE); uma rede de cooperativas regionais ligadas a uma organização de nível estadual denominada Cooperativa Central de

Comercialização Extrativista do Acre (COOPERACRE); a Agência de Negócios do Acre (ANAC), entre outras. Sobre a COOPEACRE Mouzinho Nunes (2008) informa que a mesma foi fundada em 2001, com o objetivo de se tornar um “modelo moderno” de organização no cenário extrativista do Estado.

Em 07 de abril de 2008 o “Governo da Florestania”, já comandado pelo Governador Binho Marques, inaugurava, em Xapuri, a fábrica de preservativos (a NATEX). Empreendimento que também provocou impactos significativos na vida dos seringueiros, principalmente quando iniciou a compra do látex de muitos na região. Observa-se que esta fábrica foi implantada visando produzir preservativos para venda exclusiva ao Ministério da Saúde do Governo Federal (ainda acontece dessa forma).

Com a NATEX alterou-se de forma importante o cotidiano dos seringueiros (daqueles sobre a área de influencia desta fábrica). Alterou, principalmente, porque eles não precisaram mais realizar o processo de defumação do látex para produzir as “pelás”, evento que modificou substancialmente o tempo de trabalho e, principalmente, as condições de saúde (a fumaça da defumação do látex para a produção das “pélas” prejudicava a visão), entre outras questões.

Além da NATEX, fábricas de processamento de castanha foram estabelecidas na região. Também se verificou fortes investimentos e incentivos no manejo “sustentável” de madeira (assunto que será detalhado no capítulo 4). Inclusive, em função do manejo madeireiro, criou-se, na cidade de Xapuri, um “Polo Moveleiro”, que segundo o discurso oficial objetivava processar madeira proveniente de “áreas protegidas”. O governo também implantou na terra de Chico Mendes uma “fábrica de pisos de madeira de alta tecnologia” e intensificou os incentivos para criação do que chamou de “polo de indústrias florestais de Xapuri”.

Sobre a “fábrica de pisos”, Mendonça da Silva (2011, p.23) em pesquisa realizada para sua monografia de conclusão do curso de Ciências Econômicas na UFAC informou o que segue.

No início de sua implantação a “Fábrica de Pisos de Xapuri” foi denominada de “Complexo Xapuri”. A ideia de seus idealizadores (Governo do Estado) era que empresas do Paraná e acreanas criassem um consórcio para administração da fábrica. A ideia saiu do papel e a estrutura física começou a ser construída no início do ano de 2006, com investimentos de mais de 32 milhões de reais provenientes do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). O Governo se responsabilizou pela construção do prédio e as instalações gerais. Após a conclusão das obras a proposta seria entregar a fábrica para o setor privado administrá-la, com pagamento de aluguel pelas instalações por um período de dois anos, esgotando esse prazo, os administradores privados deveriam pagar ao governo o equivalente a R\$

150.000,00 de aluguel mensal. A maioria dos equipamentos e máquinas foram adquiridos nos Estados de Santa Catarina e Paraná, com tradição neste tipo de empreendimento, de lá também trouxeram profissionais para iniciarem os trabalhos e capacitarem mão de obra local, com o objetivo de garantir o “bom funcionamento do empreendimento” e o “bom uso das máquinas e equipamentos”. Vale destacar que a fábrica dispunha de maquinários modernos, que precisaria ser manuseados e programados de forma correta para que não houvesse problemas. Em 22 de dezembro do ano de 2007, 18 anos após o assassinato de Chico Mendes, iniciaram-se os trabalhos na fábrica, sob a administração da empresa “Marinepar Indústria e Comércio de Madeiras LTDA”, da cidade de São José dos Pinhais/PR, que naquele momento era a acionista majoritária do consórcio. Entretanto, em menos de um ano o empreendimento abriu falência. O resultado foi a devolução das instalações para o Governo. Os reais motivos para os problemas até hoje não são conhecidos plenamente pelos acreanos. A empresa “Marinepar” voltou para seu Estado de origem e o Governo do Estado se responsabilizou pela manutenção do prédio, e pelos salários dos 30 funcionários que restaram. Logo que a empresa “Marinepar” abriu falência o Governo reformulou as bases do processo de concessão da fábrica, dando prioridade para empresas que já atuavam no Estado. Após novo processo licitatório, ganharam a concessão para administrar a fábrica as empresa “Ouro Verde Madeiras LTDA”, com 40% das ações (acionista majoritária), a empresa “Laminados Triunfo LTDA”, com 35% das ações e a empresa “Albuquerque Engenharia” com 25% das ações, todas atuantes no Estado do Acre e com experiência no setor a pelo menos 30 anos. A experiência no mercado acreano e o fato de trabalharem com produtos FSC (*Forest Stewardship Council*) foram os diferenciais no processo. A “fábrica de pisos” em Xapuri passou então a ser administrada pela nova formação das empresas citadas e deixou de ser um consórcio. Segundo as notícias divulgadas nos jornais locais, isso se deu devido ao fato do consórcio não possuir identidade jurídica. Dessa forma, foi criada uma SPE (Sociedade com Propósito Específico). Dessa maneira, a “nova empresa” passou a ter personalidade jurídica e foi denominada “Pisos Xapuri Importação e Exportação SPE LTDA”, inscrita no CNPJ 10.866.980/0001-63. A “Pisos Xapuri” possuía em 2010 cerca de 150 funcionários diretos, entretanto esse número chegava a 180 trabalhadores em épocas de exploração dos manejos, que começam, geralmente, no final de maio, época de verão na região. Os salários variavam de R\$ 600,00 a R\$ 8.000,00, dependendo da função e do desempenho de cada trabalhador. Os maiores salários estavam nas mãos dos profissionais de outros estados, com experiência maior no ramo. A carga horária de trabalho variava de oito a dez horas por dia. Em 2011 novamente mudanças aconteceram na gestão do empreendimento, com retirada dos sócios do negócio. Atualmente (2013) um empresário do Paraná de nome Lir Rufatto (“SR Moreira”, como é mais conhecido em Xapuri) administra a fábrica. São 66 trabalhadores diretos empregados, pois somente a serraria esta em funcionamento. A fabricação de “pisos”, “deck”, etc., está paralisada. Quando a fabricação voltar a funcionar, no início do verão amazônico, o número de funcionários deve ficar em torno de 150. A nova razão social da empresa é “Complexo Industrial Florestal Xapuri” com inscrição no CNPJ: 16.584.543/0001-33.

Além das políticas que procuraram promover a modernização nas práticas extrativistas (agora com a roupagem de um extrativismo renovado, ou “neoextrativismo”), o Estado investiu na celebração de uma história única enraizada na floresta que, segundo seus idealizadores, tinha como meta melhorar a autoestima dos habitantes das matas, anteriormente conceituados como “invisíveis, pobres e atrasados”.

Nesse sentido, na capital do Estado, em Rio Branco, realizou-se um conjunto de obras de revitalização do centro histórico da cidade (palácios, museus, bibliotecas, parques e mercados). Investimentos que celebravam forte sentido da autonomia do Estado, bem como a história dos seringueiros e suas capacidades de mobilização política. Tudo simbolizado pelas imagens de Chico Mendes (Chico agora era herói). Ações que conduz à reflexão sobre a questão dos usos políticos da memória, percebido através dos “lugares da memória” - pensando aqui no que Nora (1993) fala sobre a tentativa de fixar um estado de coisas - nas medalhas comemorativas, nos prêmios e praças em que se inscreve um passado idealizado em nosso presente.

Construíram, por exemplo, o parque Chico Mendes; um estádio “moderno” chamado “Arena da Floresta”; uma biblioteca pública denominada “Biblioteca da Floresta”, e reformaram o centro comercial histórico datado do “*boom* da borracha” (que passou a ser denominado de “Novo Mercado Velho”). Além disso, o Governo criou o Prêmio “Chico Mendes de Florestania”, que passou a ser concedido a cada ano no aniversário da morte do líder seringueiro.

No ano de 2009 o governo lançou outro grande programa chamado “Floresta Digital”, com o objetivo de fornecer acesso gratuito à *internet* sem fio para as cidades de todo o Estado (internet que, infelizmente, nunca funcionou corretamente até hoje).

No final do segundo ano do Governo Binho Marques, exatamente vinte anos depois da morte de Chico Mendes, Antônio Alves, um dos principais idealizadores da “florestania” foi agraciado com o prêmio “Chico Mendes de florestania”. Durante seu discurso desabafou:

[...] será que eu mereço esse prêmio? O que é que eu fiz nesses últimos 20 anos? Eu acho que erramos muito, e eu não tenho dúvidas de fazer uma avaliação pessoal e coletiva de que nós estamos em dívida. Agora mesmo existe uma tremenda confusão, o IBAMA está tentando promover uma despecuarização na Reserva Extrativista Chico Mendes, porque tem gente lá com 1.000 cabeças de gado. Como nós deixamos isso acontecer? Como nós deixamos essa população da Resex Chico Mendes, tão desassistida de alternativas, que eles tiveram que apelar para aquilo quanto o qual eles se insurgiram defendendo a floresta. A gente pode lembrar, sem dúvidas, que agora temos a fábrica de camisinha, o subsídio da borracha... Políticas interrompidas, descontinuas, espasmódicas. Nós não cuidamos de manter o foco permanente, o tempo todo. De quantas reuniões eu participei nos últimos tempos para definir política agrícola, nomeação de cargos, alianças políticas: incontáveis. De quantas eu participei nos últimos vinte anos para dizer o que devemos fazer com o extrativismo: muito poucas. Nós perdemos o foco. Nos desviamos da rota. Temos que reconhecer isso... Ou nós reconhecemos que nós não cuidamos de viabilizar as reservas extrativistas, que não cuidamos bem do legado de Chico Mendes, ou então nós vamos ter que dizer que estávamos errados: tá vendo como não dá certo. Nós estávamos enganados, o Chico estava enganado. Essa história de extrativismo não dá certo. Reserva Extrativista é uma estratégia política, no futuro isso vai se acabar de qualquer jeito, pois esse sonho de sustentabilidade [...] de que podemos viver na

floresta, desse jeito, isso não é verdade. Ou a gente reconhece isso, ou então a gente reconhece que fez mal feita a lição, para ter deixado as coisas chegarem ao ponto que chegaram. Para ter deixado a primeira Reserva Extrativista do Brasil, a do alto Juruá, ter chegado ao ponto de decadência de suas organizações que chegou.... eu lamento ter que fazer uma crítica tão dura a nós mesmos, mas acho que ela é necessária.

(Fonte: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=ckql48HjJ3E>. Acessado em 14/10/2012)

As evidências coletadas nas vozes seringueiras permitiram afirmar que as políticas implementadas pelo governo, que assumiu em 1999 (algumas apontadas nos parágrafos anteriores), impactaram de forma importante na vida dos moradores das matas de Xapuri. Pode-se dizer, inclusive, que contribuíram de forma relevante para muitas das mudanças observadas nos modos de vida dos seringueiros (as vozes coletadas na floresta comprovam a afirmativa, inclusive, também evidenciam que as modificações principais no período considerado para análise aconteceram após 1999). Com relação às práticas cotidianas, no tópico a seguir detalham-se algumas delas.

2.2.3 Práticas cotidianas nos anos de “florestania” (1999 a 2012)

Convivendo com os seringueiros nas matas de Xapuri no ano de 2012 e, ainda, analisando suas histórias concedidas para esta tese, foi possível constatar significativas modificações nas maneiras de se viver comparativamente às antigas práticas cotidianas que remontam do “primeiro ciclo da borracha” (principalmente a partir dos anos 2000). Entretanto, também permanências foram observadas. Muitas das atividades do dia a dia se mantiveram da mesma forma que aconteciam nos anos de 1990, como também no início do século. Algumas delas aprendidas, conforme Gomes de Souza (2013), com os pais, avós e bisavós, outras constituídas a partir de relações empíricas de “aprender fazer, fazendo”, resultante de trocas de informações por anos seguidos, que possibilitaram aos habitantes das florestas de Xapuri/AC, por exemplo, distinguirem em meio à maior biodiversidade do planeta a planta que cura determinada moléstia e outra, de aspecto físico bem semelhante, que envenena o desavisado que a utilize.

Alguns fragmentos de relatos ilustram a luta diária dos sujeitos seringueiros nos anos mais recentes. Falas que sinalizam para uma vida de muito trabalho. Como muitos deles afirmaram: “trabalho de sol a sol”.

Aqui eu trabalho muito. Acordo quatro horas da manhã para ir cortar. É o dia todo andando. Se a estrada de seringa for grande eu chego cinco da tarde. Eu saio cinco

da manhã e volto cinco da tarde. Cinco da tarde estou de volta em casa. Todo dia é a mesma batalha. Também trabalho coletando castanha. Aqui onde moro tem pouca, mais coeto algumas latas no inverno, no período que o ouriço cai. Eu vendo 100 latas, 110 latas... (Fragmento do depoimento de José Ribamar Silva Batista, seringueiro morador da Reserva Chico Mendes)

Levanto quatro horas da manhã todo dia, para fazer uma farofa e ajeitar minhas coisas. Cinco horas eu saio para cortar. Começo o corte muitas vezes cinco horas, e fecho o corte lá pelas nove, dez horas. Daí chego na boca da estrada e volto colhendo o leite (látex). Lá pelas três horas estou fechando a cuia. Só aí volto para casa trazendo o leite em um saco de napa. Do saco, passo para o balde. Depois disso, lá pelas três, quatro horas, eu vou para o roçado trabalhar na minha roça. Só volto lá pelas cinco e meia, seis horas. Mas quando o serviço do roçado está muito pesado, eu perco um dia de corte e fico só no roçado. Quando perco um dia, dois dias, a minha produção cai. Então tenho que recuperar no roçado vendendo o legume. Por mês, se eu cortar direto, todo dia, daria para fazer uns R\$ 2.000,00 (Fragmento do depoimento de Raimundo Sousa Nascimento seringueiro morador da Reserva Chico Mendes)

Observam-se pelos fragmentos de falas apresentados que o processo de corte do látex permaneceu exatamente como sempre foi. Entretanto, como o processo de defumação para a produção das “pélas” passou a não acontecer mais (agora o “leite” coletado é depositado em um balde para entregar em postos de recebimento da NATEX), os seringueiros de Xapuri passaram a utilizar parte do tempo que era dedicado à produção/defumação do látex para outras atividades no “roçado”.

Quando é época da castanha eu me levanto cedo, faço meu café, bebo, como uma merendinha e vou coletar a castanha. Quanto estou cortando seringa acordo também cedo, seis horas da manhã, faço meu café, como uma merendinha e vou cortar seringa. Extrair o leite. Fico até quatro horas da tarde, direto trabalhando. Quatro horas eu venho embora (José Barbosa de Lima, seringueiro do PAE Cachoeira)

Aqui na colocação todos os anos eu corto seringa. Mas quem trabalha com roçado só vai cortar seringa quando fez todo o serviço da lavoura branca. Colher o arroz, plantar o feijão. Depois disso é que nós começa a cortar seringa. Nessa época eu começo (referia-se a junho). Todo dia levanto cedo, dou comida aos bichos e vou para o roçado ou vou cortar seringa. Na castanha também é o mesmo processo. A gente é aqui extrativista. Aqui é borracha, castanha. Mas vendo animais também, um porco, uma galinha, é assim (João Batista Ferreira da Silva, morador da Resex Chico Mendes)

A coleta de castanha também continuou a ser praticada no inverno, sendo a maioria da produção vendida para a COOPERACRE (com a paralização das atividades da CAEX e da usina de beneficiamento de castanha que a mesma montou em Xapuri, os seringueiros passaram a vender a castanha para essa outra Cooperativa fundada pelo “Governo da Floresta”).

Eu levanto para trabalhar umas quatro horas da madrugada, saio para cortar seringa umas cinco horas e quando dá umas três da tarde estou de volta. No outro dia é a mesma coisa. Mas na seringa tem dia que a estrada (estrada de seringa - onde ficam as árvores) se torna menor em madeira (uma quantidade menor de seringueiras para extrair o látex), e noutro dia se torna maior. Então, não tem um horário certo. Mas tenho que sair cedo para dá conta. De manhã é obrigatório sair naquele horário certo. Quando chego em casa, uma ou duas da tarde, eu vou para o roçado. O almoço é lá na estrada de seringa mesmo, aquela farofinha fria mesmo. Então, corto as árvores (extraí a seringa) depois almoço, aí eu volto na estrada de seringa coletando o leite (látex). Depois trago tudo para cá e despejo no vaso. Aí é que vou para o roçado trabalhar nas roças. No roçado fico até cinco, cinco e meia. Quando a noite vem chegando eu volto para a casa para tomar um banho e tirar um cochilo, pois no outro dia tem de novo. Durmo cedo, mas tem dia que não durmo cedo não, pois vou para a mata esperar para matar um bicho para se alimentar no outro dia. Muitas vezes volto de madrugada. Vamos supor, às duas horas. Tem dias que nem durmo, pois chego da espera e já tenho que ir para a estrada cortar seringa. Não dá para a pessoa ter aquele sono. A dificuldade aqui é isso. É o alimento (Jorge Monteiro da Silva, morador da Resex Chico Mendes)

Durante o verão amazônico, nos anos recentes, os seringueiros continuaram acordando cedo na busca das árvores para sangrá-las. Entretanto, os relatos coletados sinalizaram que após a inauguração da NATEX, em Xapuri/AC, quem define mesmo o período de corte das seringueiras é o gerente da fábrica. Se a fábrica estiver com problemas de matéria-prima, mesmo no inverno, as seringueiras são sangradas (observa-se que a NATEX é a única compradora). Em conversa informal com o seringueiro de nome Branco, ainda por ocasião dos agendamentos das entrevistas, a seguinte frase foi relatada: “agora, a NATEX pensa que eu sou funcionário dela”.

As falas também deixaram claro que os seringueiros de Xapuri/AC, além de continuarem dedicando parte de seus tempos diários para atividades no “roçado”, continuaram realizando o manejo de criações (principalmente gado). E nas áreas onde a caça não “fugiu para o fundo da floresta” (ver mais sobre essa questão no capítulo 4), ainda costumam caçar (agora o hábito de “esperar” o animal durante a noite é menos intenso, pois afirmam que preferem caçar de dia).

A alimentação do dia a dia é feijão e arroz com uma carinha do terreiro ou do mato, quando arranjo. Ainda tem caça, aqui e acolá ainda mato, mas às vezes demora uma, duas semanas para matar alguma coisa. Peixe de açude não tem então a carne é de terreiro (galinhas, porcos) mesmo ou da mata. (Fragmento do depoimento de Raimundo Sousa do Nascimento seringueiro morador da Reserva Chico Mendes)

Na busca por evidências sobre a vida cotidiana, foi possível observar, nos relatos, que os seringueiros, ao fazerem referências ao passado, parecem procurar reconstituir lembranças do desenvolvimento de atividades que se mantém até hoje. De modo que passado

e presente quase sempre se apresentam articulados. As falas também deixaram claro que a dieta alimentar da atualidade não se diferencia, significativamente, do verificado nos anos da década de 1990. A modificação, segundo também as experiências na floresta, consiste na presença mais intensa de produtos industrializados comprados na cidade. Em outros termos: atualmente os seringueiros parecem depender mais do mercado (principalmente os que moram próximos da cidade).

O açougue do seringueiro é uma espingarda para ir caçar um bicho na mata. E o mercado é o dinheiro. Se tiver dinheiro para ir na cidade compra. Mas o prato certo do seringueiro, como diz o ditado, o prato certo do caboclo da mata é o arroz com feijão (José Ribamar, seringueiro morador da Reserva Chico Mendes).

A caça aqui é difícil, a gente para arrumar um rancho cria muito né, cria galinha, cria pato, cria porco, cria gado. A gente come mais é carne de boi. Aqui caça não tem mais mesmo, e caçar era um esporte muito bom. Pois de primeiro (antigamente), eu me alembro, quando o seu Leônidas morava aqui eu só vivia caçando com aquele menino dele, que gostava de caçar mais eu, o finado Guilherme. Nós só vivia no mato caçando, hoje ninguém caça. É até proibido ficar falando isso. Não precisa mais fazer isso (caçar), a gente come carne de criação de casa mesmo: galinha, porco. Aqui eu crio um gadozinho, vou economizando tudo e compro o que precisar, depois compro gado de novo, é assim. A gente comprava alimentação na cidade, mas agora a gente compra desse que chegou no carro aí, ele tem uma mercearia e vende de tudo de primeira. Aqui às vezes a gente compra em Brasília, compra em Rio Branco, compra em Xapuri (Francisco Teixeira Mendes, seringueiro do PAE Cachoeira).

Importante dizer que a partir da chegada da luz elétrica tornou-se possível, por exemplo, conservar os alimentos (onde a energia existe, a carne não é mais salgada). Com a eletricidade apareceu a televisão e, com ela, mais estímulos para o consumo de produtos que muitos sequer conheciam. O encurtamento das distâncias para Xapuri, provocado pela transformação de “varadouros” em ramais trafegáveis, também facilitou a aquisição de alimentos diferentes do que estavam acostumados a consumir (desde que possuam rendimentos para adquiri-los, é claro).

As moradias não são mais construídas pelos próprios seringueiros, agora, utilizando o “Crédito Habitação”, muitos contratam carpinteiros/pedreiros da cidade. Observa-se que a pesquisa sinalizou para significativas mudanças nos tipos de habitação nas áreas pesquisadas, comparativamente ao que predominava na década de 1990. Na maioria das colocações, tanto do PAE Cachoeira como da Resex Chico Mendes, observou-se que as casas, em 2012, em sua maioria, eram de madeira (algumas com partes de alvenaria) com cobertura de “brasilit”.

Nas cozinhas, o “jirau” ainda é facilmente encontrado. Já os fogões de barro (movidos à lenha), que eram bastante comuns em períodos passados, estão sendo substituídos, quando possível, pelo fogão a gás. As residências de paxiúba e palha só são frequentes em lugares onde a luz elétrica não chegou e/ou em regiões fora da área de influência da NATEX (mais distantes da cidade), conforme pode ser observado nas figuras apresentadas a seguir.

Figura 25 - Residência do Seringueiro Manoel Pantoja da Silva
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012.
Residência do Seringueiro Manoel Pantoja da Silva na Resex Chico Mendes (casa de paxiúba, coberta de palha e sem energia elétrica)

Figura 26 - Residência do Seringueiro Manoel Pantoja da Silva
Foto de Carlos Estevão F. Castelo/2012. Residência do Seringueiro Manoel Pantoja da Silva na
Resex Chico Mendes (não existe energia elétrica)

As mudanças no tipo de habitação devem-se, como assinalado antes, a um programa do Governo Federal chamado “Crédito Habitação”. Programa gerenciado pela Caixa Econômica Federal (CEF), que oferece financiamentos para os seringueiros construírem residências na floresta. Entretanto, nem todos conseguem esse crédito. Fato que, inclusive, provoca insatisfações e protestos. Algumas imagens capturadas nas andanças na mata evidenciam as afirmações sobre os novos tipos de habitações e utensílios mais “modernos”.

Figura 27 - Residência do Seringueiro Jorge Monteiro da Silva
Foto de Carlos Estevão F. Castelo. Cozinha da casa (de madeira) de Jorge Monteiro da Silva

Figura 28 - Residência do Seringueiro Aluísio Teles
Foto de Carlos Estevão F. Castelo/2012. Vista da sala da casa do seringueiro Aluísio, morador da Reserva Chico Mendes

Na dinâmica da vida cotidiana das famílias seringueiras, nos anos de “florestania”, destaca-se o enfrentamento que muitos necessitam fazer diante da leishmaniose. Doença grave, cuja incidência tem aumentado na região nos últimos anos. Para problematizar sobre essa questão, deixam-se de lado as estatísticas. Números que, muitas vezes, escondem a realidade experienciada. Sendo assim, informa-se sobre as experiências vivenciadas na colocação do seringueiro Manoel Pantoja da Silva, localizada na Resex Chico Mendes, onde, pela primeira vez, durante o trabalho de campo, a tão a temida “ferida braba” apareceu.

Neste local, deparou-se não com um número frio, coletado em alguma publicação especializada, mas com a vida sofrida. A mulher do seringueiro Pantoja, segundo o próprio relatou, “padecia dessa moléstia”. Inclusive, naquela semana, havia piorado muito, “pois tinha chupado um pedaço de cana”.

Observa-se que antes da gravação das narrativas uma conversa com os colaboradores sempre era realizada, momento em que eles ofereciam um “café fresquinho”, o que tornava, quase sempre, a prosa mais afetiva. Também não era raro um convite para caminhar até o “roçado”, ou mesmo até uma fonte próxima para mostrar onde retiravam a água para o consumo. Inclusive, muitas vezes, nessas caminhadas, era possível perceber o orgulho dos seringueiros pelo lugar onde moravam (principalmente os mais idosos). Não por acaso, muitos olhos brilhavam ao comentarem sobre o local onde viviam e sobre como era suas vidas na floresta.

Mas seu Pantoja estava triste em sua colocação naquele dia quente de 2012. Mesmo assim, ofereceu um suco “vermelho, que sua esposa havia preparado para o almoço”. Percebendo-se a situação da esposa desse seringueiro (que se encontrava deitada numa rede gemendo) compreendeu-se, de imediato, o motivo de sua tristeza: era a temida “ferida braba”.

Como informado, o chefe da FUNASA em Xapuri havia relatado, em sua entrevista, (ver fala completa nos anexos) uma enorme preocupação com a incidência da leishmaniose na zona rural de Xapuri/AC. Inclusive, explicou tecnicamente como a doença poderia ser transmitida. Em seu relato falou o seguinte:

Com relação a aspectos de saúde houve uma mudança na questão das doenças que a FUNASA é responsável. Antes o problema era a malária. Hoje, na área da reserva Chico Mendes e nas localidades vizinhas da reserva, temos a leishmaniose como um problema muito grande. É uma doença transmitida por um mosquito silvestre. O mosquito vivia lá no meio da floresta. Devido o homem está explorando o ambiente onde esses vetores vivem, eles passaram a migrar da mata para as proximidades das residências. As pessoas criam, dentro da reserva, gado, porcos e possuem animais domésticos. Esses animais são fonte de alimento para esses vetores. Os mosquitos são atraídos pelos animais e terminam por entrar em contato com os seres humanos. Estamos observando uma grande elevação dos casos da doença anualmente. Esse vai ser nosso desafio: combater essa doença. A gente tem lutado bastante, mas é muito difícil. Fazemos o trabalho de borrifação, intradomiciliar e o tratamento das pessoas doentes. O medicamento tem sua distribuição gratuita pelo centro de saúde. A pessoa vai ao médico, faz a coleta do material que vai para análise. Dando positivo, essa pessoa recebe o tratamento. Hoje o tratamento no seringal não é o ideal. O ideal seria que o paciente ficasse na cidade e lá fosse tratado. Mas nem todo mundo tem condições de ficar na cidade para tomar 40 ou 50 ampolas do medicamento. Eles alegam que o governo não dá condição para ficarem na cidade, e aí eles têm que levar o medicamento para o seringal. Então, não temos condições de acompanhar esse tratamento. Não tem como a gente acompanhar. Fica difícil saber se aquela pessoa doente realmente tomou a quantidade correta para curar e se foi orientada, após o término do tratamento, para retornar e verificar se está realmente

curada, para somente aí ser liberada. Mais de 99% não retorna e não temos como acompanhar essas pessoas (Joaquim Vidal, Chefe da FUNASA em Xapuri/AC)

Tristeza e apreensão foram os sentimentos diante da situação da família do seringueiro Pantoja. Também, iniciou-se a partir desse caso, preocupação com uma possível picada do “katuki”, o mosquito silvestre transmissor da doença do qual havia relatado o Coordenador Chefe da Funasa, em Xapuri. Sem dúvidas, o vetor encontrava-se presente naquela colocação. A realidade seringueira desnudava-se.

Não somente na casa de Pantoja vivenciou-se experiências e histórias sobre os sofrimentos provocados pela “ferida brava”. A leishmaniose, pelo percebido no “mato”, está aumentando a cada dia na região de Xapuri/AC e prejudicando bastante a vida dos que ali vivem (principalmente a das crianças). E o aumento de sua incidência, como bem afirmou Joaquim Vidal, parece possuir relação com as mudanças de uso da terra que, como já citado, se intensificaram nos anos de 1990⁴².

Um fragmento da fala do seringueiro João Batista Ferreira da Silva, morador da Resex Chico Mendes, deixa bastante claro a situação atual da doença na região, como também o sofrimento que a mesma provoca nas pessoas.

A questão da saúde aqui, se não for muito grave como uma febrezinha, a pessoa sai de moto para a cidade. Todo mundo tem seu transporte. Quando é grave a ambulância vem buscar, ou mesmo a polícia. **A doença que está mais frequente aqui é a leishmaniose. Está muito frequente essa doença aqui. Se você for ali na escola, na comunidade, verá que quase todo mundo tem essa doença [griso meu]** . Meus meninos já pegaram. Mais de uma vez. Várias vezes.

Atento as histórias e memórias dos seringueiros de Xapuri, sujeitos cuja multiplicidade de vivências e saberes a historiografia oficial muitas vezes tratou de colocar no mais profundo limbo (seus conhecimentos e iniciativas), percebeu-se como travaram, e ainda travam, uma batalha diária incessante pela sobrevivência e por uma vida melhor. No caso das doenças, além da leishmaniose, nos tempos atuais, muitos brigam contra moléstias mais modernas.

⁴² O mosquito sempre existiu no meio da floresta. Mas devido à exploração do ambiente pelo homem, ambiente onde os vetores vivem, eles passaram a migrar do interior da mata para as proximidades das residências. As derrubadas para implantação de pastos para gado parecem possuir relação com a afirmativa.

No período em que os “coronéis de barranco”⁴³ davam as cartas, e mesmo nos anos da década de 1990 do século passado, era a malária quem mais castigava. Entretanto, atualmente (2012), as evidências coletadas nos relatos deixaram claro que os seringueiros de Xapuri também sofrem com o colesterol; com o diabetes; com a pressão alta e, consequentemente, com todos os problemas cardíacos daí decorrentes.

Cortei seringa uns quinze anos, antes cortei num lugar chamado Meia Noite, também em um lugar na Bolívia chamado Cajueiro. Cortei em outra colocação chamada Bicho, e cortei ali perto dos 3 Corações, na extrema do Peru, num lugar chamado Espírita, mais o meu pai. Aí depois eu voltei para o Vinte (Km) da estrada velha. Moramos na extrema do Brasil com a Bolívia e lá cortei 10 anos na colocação do Hélio, a colocação chamava-se Rio Branco. Depois fui ali para a Tucunduba, e da Tucunduba eu estou aqui agora. Mais todo tempo sempre mexi com seringa. Só agora eu não estou mexendo, pois peguei uma doença nas pernas, uma doença que faz doer minhas pernas. Eu peguei colesterol, diabetes, pressão. Num tempo desses peguei começo de derrame também, fiquei com as mãos meio dormentes, mais sempre lutando (José de Lima Eduino, morador do PAE Cachoeira).

Aqui não tem posto de saúde não. Aqui tem umas pessoas que trabalham na saúde, mais só voluntários mesmo, andando por aí. Tinha um posto ali, mais já acabou e agora é uma casinha que vai entrar 12 computadores para os meninos estudarem, mas não tem posto de saúde não. As pessoas adoecem aqui desse negócio de pressão, desse negócio de colesterol alto, essas coisas, o pessoal aqui não pega doença muito não. Naquele tempo do seu Leônidas, eu não me lembro se existia esse tipo de doença não, eu nem ouvia falar nisso. Hoje em dia foi que o pessoal inventou isso, esse negócio de colesterol alto, pressão alta, pressão baixa, e parada cardíaca, antigamente se dava isso as pessoas morriam rapidinho. Mas dizem que só quem morria desse negócio era o pessoal rico, aqui morriam com malária (risos). Malária eu já peguei muito aqui, já peguei 10 malárias, mais o pessoal da SUCAM veio. Naquela época tinha SUCAM em Xapuri, e eliminaram as carapanãs que tinham e que dava doença em todo mundo, graças a Deus. Taí minha mãe, com 86 anos e ainda está aí durona, graças a Deus. Olha ali ela conversando. Pois é. (Francisco Teixeira Mendes, morador do PAE Cachoeira)

Antes do trabalho de “mato”, acreditava-se que era a malária o principal problema que os seringueiros enfrentavam nesse campo. Inclusive, foi sobre essa doença que mais informações foram buscadas antes de iniciar o trabalho na floresta, até por motivos de prevenção. Mas os relatos e a convivência com seringueiros, como visto, deixaram claro outra realidade.

O diálogo com as falas dos colaboradores direcionou para a busca de algumas possíveis explicações. Assim aconteceu o relacionamento das “novas doenças” com mudanças nos hábitos alimentares. Passou-se então a investigar o lixo nas colocações.

⁴³ “Coronel de Barranco” faz referência ao padrão seringalista que estabelecia seu barracão nas barrancas dos rios amazônicos, para facilitar o escoamento da borracha produzida no interior da floresta, bem como a chegada de mercadorias que abasteciam as “colocações” de seringueiros.

O lixo encontrado nas colocações sinalizou para algumas respostas. Confirmaram-se algumas alterações nos hábitos alimentares. Descobriu-se, por exemplo, garrafas de refrigerante, embalagens de embutidos, caixas de frango congelado, entre outros alimentos ditos industrializados. Principalmente nos locais mais próximas da cidade.

Aqui não tem posto de saúde não. Aqui tem umas pessoas que trabalham na saúde, mais só voluntários mesmo, andando por aí. Tinha um posto ali, mais já acabou e agora é uma casinha que vai entrar doze computadores para os meninos estudar, mas não tem posto de saúde não. As pessoas adoecem aqui desse negócio de pressão, desse negócio de colesterol alto, essas coisas, o pessoal aqui não pega doença muito não. Naquele tempo do seu Leônidas eu não me lembro se existia esse tipo de doença não, eu nem ouvia falar nisso. Hoje em dia foi que o pessoal inventou isso, esse negócio de colesterol alto, pressão alta, pressão baixa, e parada cardíaca, antigamente se dava isso as pessoas morriam rapidinho. Mas dizem que só quem morria desse negócio era o pessoal rico, aqui a gente morria com malária. (Fragmento do relato de Francisco Teixeira Mendes, do PAE Cachoeira).

Concluiu-se, portanto, que apesar da alimentação básica permanecer centrada no arroz, farinha de mandioca e feijão, a inclusão na dieta diária dos produtos “da cidade” certamente possui alguma relação com as “novas doenças”. Dieta que, como visto, passou a sofrer modificações a partir da chegada do ramal, da energia elétrica, bem como das melhorias obtidas nos ganhos dos seringueiros com a inauguração da fábrica NATEX nos arredores da cidade de Xapuri⁴⁴. Entretanto, isso aconteceu para aquelas famílias seringueiras que vivem em colocações próximas da cidade. Entre aquelas que estão no “fundo da reserva”, não se verificou alta incidência do que denominado aqui como “doenças modernas”.

As diversas falas coletadas dos seringueiros que moram em colocações próximas de Xapuri, e que possuem melhores condições de deslocamentos até a cidade (maioria fornecedores da NATEX), evidenciaram que são eles os que mais consomem bens industrializados e que, também, são os que mais sofrem de problemas como pressão alta, colesterol alto, derrames, e acidentes vasculares cerebrais (AVC).

⁴⁴ A NATEX foi inaugurada em abril de 2008. Compra látex de seringueiros residentes no PAE Cachoeira e Reserva Chico Mendes. Segundo informações da gerente da fábrica, colhida em conversas informais, sua área de influência atinge um raio de 30 km da porta da fábrica.

Figura 29 - Lixo da “Colocação Fazendinha”, no PAE Cachoeira.

Foto realizada pelo autor em 05/05/2012

Os modos de se viver na floresta e as práticas cotidianas dos seringueiros são bem detalhados pela colaboradora Maria Luciana, residente no PAE Cachoeira. Maria, ao contar sua história, em julho de 2012, deixou claro como era (e como é) a vida dos seringueiros em sua região. Evidenciou, por exemplo, o isolamento antes do ramal chegar; a falta e a distância das escolas; o quanto era “difícil encontrar casas de madeira”; o dinheiro “bem baratinho” que obtinham, entre outros aspectos. Essa colaboradora, é importante notar, possuía quatro anos de idade quando Chico Mendes morreu, em 1988. Portanto, pode-se inferir que suas lembranças sobre o passado vivido (“antigamente”), de forma comparativa com o presente, referem-se aos anos finais da década de 1980 e aos da década de 1990, quando ainda morava em companhia de seu pai. De suas lembranças “antigas”, o sacrifício e o sofrimento são fortes marcas.

Da mesma forma que acontecia antes da “florestania” chegar, os seringueiros de Xapuri, como contraponto para encarar “a dureza da vida”, continuaram se divertindo com o futebol, principalmente nos finais de semana (geralmente nos domingos). E entre os que não se tornaram “crentes” o hábito de utilizar bebidas alcoólicas também continuou forte.

No ano de 2012, na passagem pela colocação Guarani (Resex Chico Mendes) para acompanhar os festejos em homenagem a “São João do Guarani”, o “Santo da Floresta”, uma cena curiosa chamou a atenção: uma imagem de santo católico não identificado esculpida em frente da pequena capela estava com o braço quebrado (ver figura 30). Quando as crianças foram perguntadas sobre o que sabiam a respeito foram taxativas: “os crentes quebraram a imagem”. Nesse momento ficou evidente que, diferente do que acontecia na década de 1990,

a presença de igrejas evangélicas, com seus cultos e pastores, havia se tornando uma realidade no dia a dia dos seringueiros de Xapuri.

Aqui na minha casa nós somos católicos devotos do São João do Guarani, mas aqui nessa linha (apontou) são todos crentes. Tudo é crente ali. Tem três igrejas de crentes. Uma fica daqui a uma hora, outra com três horas, e outra lá no fundão. Eu não sei nem qual é a igreja dali. Não sei por que eu nunca fui lá. A turma é toda dividida. É a igreja cristã mulher? (perguntou para a esposa). É o professor Cremilton, aquele que era vereador em Xapuri, quem comanda aqui. O senhor conhece o Cremilton? Ele é quem comanda (fragmento do relato de Paulo Jorge Silva de Souza, morador da colocação Guarani na Resex Chico Mendes)

Amanhã vou participar da festa de São João lá no Guarani. Eu sou católico e vou participar. Era para ser hoje (sábado), mas o Padre Chagas veio aqui e conversou, pediu para ser amanhã (domingo). O senhor vem amanhã, para conversar mais e olhar o movimento? Mas tem outras igrejas aqui. Ali para a linha depois do Guarani quase todo mundo é crente. O pessoal da linha mudou rápido de uma religião para outra. Acho que foi um pastor que fica andando de casa em casa. Daí eles passaram para outra religião. Eles tiveram aqui convidando. Mas eu fiquei imaginando, desde pequeno estou nessa religião (católica), era a religião da minha mãe, do meu pai. Além disso, ninguém sabe qual é a certa mesmo. Então prefiro ficar nessa mesmo que estou. (fragmento do relato de Jorge Monteiro da Silva, morador da colocação Bonfim na Resex Chico Mendes)

Observa-se que os seringueiros que se dizem católicos, atualmente, costumam fazer reuniões quinzenais aos domingos. Sempre depois do futebol. Durante algumas vezes por ano um padre de Xapuri pode aparecer para celebrar missas. Já os que se declaram evangélicos, costumam “ler a palavra de Deus” nos cultos realizados pelas igrejas que frequentam (existem várias nas duas áreas pesquisadas).

Claudiana Pereira de Lima, moradora da colocação Bom Futuro 2, localizada na Reserva Chico Mendes, diz-se católica. No relato que concedeu é possível perceber detalhes sobre suas práticas religiosas.

Aqui também tem evangelho. Eu sou católica e na comunidade Rio Branco tem evangelho de quinze em quinze dias. As meninas que representam a igreja organizam um encontro de quinze em quinze dias, aí a gente frequenta. No final de mês tem missa, quando o padre Chagas de Xapuri vem rezar. Eu sempre frequento o evangelho e as missas (Claudiana Pereira de Lima)

Já o seringueiro Adelcir Ferreira da Silva, morador da colocação Altamira 1, localizada no PAE Cachoeira, diz-se evangélico. Segundo o que informou, costuma “ler a palavra de Deus” na Igreja “Deus é Amor”. Para ele, além de “ler a palavra”, a igreja que frequenta se constitui também local de diversão.

Para se divertir aqui dentro, o pessoal que nem eu, que sou evangélico, se diverte na igreja mesmo. Fazemos festa na igreja mesmo. Na igreja pentecostal Deus é amor. Tem muitos evangélicos aqui dentro do seringal. Tem a igreja Deus é Amor e a Assembleia de Deus. Também a Igreja Católica. As pessoas que não são evangélicos matam uma vaca, fazem uma festinha, fazem um churrasco. Gostam de um forró. Pegam a sanfona e fazem um forró. Quem é evangélico, às vezes, mata um pato, uma galinha, chama os vizinhos e comem, faz uma oração, lê a palavra de Deus, e se divertem na igreja mesmo, ou nos vizinho. Quem não é evangélico pega a sanfona, faz um farrozinho e dança. (Adelcir Ferreira da Silva)

No fragmento de relato de Adelcir Ferreira da Silva pode-se observar, além das práticas religiosas, evidências fortes de que o futebol continua se constituindo na atividade principal de diversão utilizada pelos moradores das florestas de Xapuri. Futebol que é praticado pelos mais velhos aos domingos, em colocações sedes denominadas “comunidades” (as crianças praticam quase que diariamente, sempre após a escola). Diferente do gosto pelo futebol, que não mudou nos últimos 25 anos, a preferência pelo forró está sendo substituída pela “música sertaneja”. Nesse caso, talvez devido às influências da televisão.

Os torneios de futebol representam, também, momentos de encontro, momentos para a troca de ideias e confraternização. Momentos onde os seringueiros rememoram e revivem coisas do passado. O que parece confirmar o entendimento de Bosi (2010, p.75) quando assinalou que “[...] coisas do passado podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas”.

Figura 30 - Imagem de Santo na frente da Capela de “São João do Guarani”

Imagem captada pelo autor, por ocasião da festa de “São João do Guarani” em 2012

Os relatos também permitiram sinalizar que os seringueiros de Xapuri, embora tenham experimentado (ainda experimentam) valores comuns em muitos dos seus modos de pensar e agir, no cotidiano atual apresentam uma multiplicidade de práticas que estão a apontar, a todo instante, para a necessidade de se olhar esses sujeitos não como um bloco homogêneo, e sim um olhar na sua pluralidade.

Foi assim, não por acaso, que no recorte temporal escolhido para analisar, constatou-se uma verdadeira multiplicidade de práticas cotidianas, que fizeram e fazem parte das dimensões do cenário dessas populações. Sendo os significados de seus afazeres, de suas tarefas, uma tradução real de suas formas de vida. Pois a vida não se separa do meio em que está inserido o ser humano. Então, sempre é preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade. Os que quiserem tratar separadamente da política e da moral nunca entenderão nada de nenhuma das duas, assim acredita-se. E esse estudo vem retratar essa compreensão.

Como já sinalizado, no interior das colocações, na luta diária pela sobrevivência possível, os seringueiros de Xapuri intensificaram, no início dos anos de 1990, a criação de gado. Viram que era bem mais fácil “fazer dinheiro” criando gado. Mesmo dentro de uma Reserva Extrativista. Atividade que só se expandiu após 1999.

No relato de José Ribamar, apresentado o início desse capítulo, percebe-se, claramente, que o colaborador possui consciência que o IBAMA proíbe esse tipo de criação

na Reserva Extrativista (mais de 30 cabeças), sabe que “o pessoal não quer que crie boi”. Mas, precisando sobreviver, compara os ganhos da pecuária com os que pode obter com a extração de produtos não madeireiros e não tem dúvidas: “[...] aqui, você tendo boi no campo, tem dinheiro [...] fazendo outra coisa, para eu ganhar isso, teria que suar muito [...] com boi é mais fácil”. E assim, de forma semelhante que acontecia no *boom* da borracha, transgressões e resistências principalmente individuais continuam sendo praticadas.

Dessa forma, para uma maior qualidade de vida, além de criarem gado visando aumentar ganhos, alguns estão praticando o manejo de madeira (no PAE Cachoeira, principalmente). Rendimentos que são complementados por políticas públicas federais como o programa “Bolsa Família” e aposentadorias (de “Soldado da Borracha”). Para alguns, inclusive, essas políticas constituem-se como as únicas fontes de ganhos monetários (na pesquisa de campo, em quase 100% das colocações visitadas, observou-se o recebimento do “Bolsa Família”).

Observou-se nos relatos, que além das modificações nas formas de ganho, a partir da chegada da energia elétrica, detectaram-se mudanças em algumas práticas rotineiras como o hábito de dormir cedo (com a televisão os seringueiros passaram a dormir mais tarde), na forma de tomar banho (agora, “todo mundo toma banho dentro de casa”), etc. A energia elétrica trouxe, ainda, outras possibilidades como a de “gelar uma água” e/ou “conservar uma carne”.

Quando a luz chegou melhorou bastante aqui no seringal. O problema da energia aqui no seringal é que sempre falta. Aqui e acolá cai um pau nos fios e a gente fica sem alumiar uns três ou quatro dias. Mas logo volta. Pelo menos a gente não compra mais querosene. Estava muito caro, a gente estava comprando o litro de querosene por 7,00 reais, e só um litro não dava para um mês. A gente cresceu em animação e em futuro de vida. A gente cresceu bastante. Eu acho que cresceu (Fragmento do depoimento de Marlene Teixeira, do PAE Cachoeira)

Com a energia a gente trocou a lamparina pela energia convencional. Agora podemos conservar uma carne no freezer, podemos puxar uma água com a bomba mergulhão, gelar uma água. Até máquina de lavar tem por aqui. Isso diminuiu muito alguns serviços, poupou muito serviço, principalmente da mulher que tinha que pegar água no igarapé e ficava perdendo tempo. Com a energia melhorou muito, mas a luz tem os problemas dela no inverno, pois a rede fica na floresta e quando começa a chover cai muita árvore em cima da rede. Aí apaga muito. Quem não tem rede elétrica tem placa solar e uma antena parabólica. Todo mundo aqui tem uma televisão e uma parabólica. Aqui na comunidade do Seringal Floresta é todo mundo. Também um motorzinho still para puxar água. Todo mundo toma banho em casa. Você conta as pessoas que não possuem. Antes tinha que ir à fonte tomar banho. Aqui a fonte é limpa, limpa. Água pura (João Batista Ferreira da Silva, morador da Resex Chico Mendes)

Como conclusão desse capítulo, apresenta-se um fragmento da voz de dona Cecília Teixeira do Nascimento, do PAE Cachoeira, que muito bem resumiu como é a vida atualmente (2012) na região. Essa voz revela mudanças acontecidas e transformações que encantaram os seringueiros, mas, ao mesmo tempo, também trouxe consequências e riscos, como serão apresentados nos capítulos seguintes.

A vida de hoje é por umas partes boa e por outras não [...] Hoje já tem um transporte melhor, a gente já anda de carro aqui para todo canto. Anda de moto, de bicicleta, conforme puder. Se precisa de alguma coisa tem como ir na rua comprar. Antigamente, a gente criava uma família socada nessas matas e não conhecia nem rua, porque não tinha nem como a gente sair. Hoje não, hoje já tem facilidade. Têm boas escolas nos seringais. Tudo isso hoje. Por isso eu digo que por umas partes está bom, por outras eu não acho que está bom. [...] Porque aqui e acolá tem certas passagens que a gente não se dá. Mais tudo está bem para mim, tudo é bom para mim. Não tem nada ruim (risos). Ainda mais agora que eu não tenho mais o que aspirar. Aspirar só o restinho da vida, não sei quantos anos ainda eu vou viver. Completei 86 anos dia 1º de janeiro e já estou beirando os 87, se eu alcançar. Pois é... (Fragmento do relato de Dona Cecília Teixeira do Nascimento, residente no PAE Cachoeira).

CAPÍTULO 3: MUDANÇAS NOS MODOS DE VIDA: NOVOS TEMORES, NOVAS EXPERIÊNCIAS, NOVOS DESAFIOS

A vivência é o que toca o sentido da vida
(Zilda Iokoi, falando na abertura do Curso sobre Pedagogia Griô – USP/2012)

Neste capítulo procura-se tecer, de forma mais detalhada, reflexões acerca das mudanças nos modos de vida que os seringueiros de Xapuri/AC vêm experimentando no período escolhido para a presente análise. Neste sentido, as atenções e energias de estudo foram concentradas para tentar perceber, principalmente, a partir dos relatos coletados, os novos temores, as novas experiências e os novos desafios, entre outras histórias de seringueiros após 1988. Para isso, realizou-se um diálogo com as experiências desses sujeitos sociais, de modo que eles se apresentem, no estudo, com suas vozes, seus rostos, e suas vivências.

Nesta parte, portanto, são apresentadas as experiências narradas por João Batista Ferreira da Silva e Raimundo Nonato Correia Dias, seringueiros residentes na Reserva Extrativista Chico Mendes, assim como as de Dercy Teles de Carvalho Cunha e Júlio Barbosa de Aquino⁴⁵.

Como anteriormente sinalizado, observa-se que durante o trabalho “de mato” sempre que as entrevistas eram finalizadas convites para almoçar ou fazer uma “merendinha” eram realizados pelos seringueiros. Também convites para conhecer melhor a localidade na companhia dos entrevistados eram costumeiramente feitos. Entretanto, com o seringueiro Raimundo Nonato Correia Dias foi diferente. Após perceber que os equipamentos haviam sido desligados, parecendo mais a vontade, não se levantou do chão da velha cozinha de paxiúba, de onde concedeu seu relato. Decidiu continuar falando de sua vida com uma riqueza bem maior de detalhes (comparativamente a fala que havia sido gravada). Suas histórias ficaram consideravelmente mais ricas após o desligamento dos equipamentos, e a decisão foi de não solicitar permissão para ligá-los novamente.

Raimundo então falou, muito. E também calou muitas vezes. Suas tristezas, suas alegrias, seus gestos silenciosos, indicaram uma significativa dimensão do viver nos seringais

⁴⁵ Dercy Teles é atualmente (2012) Presidente do STTR de Xapuri. Seu relato, como apontado no capítulo 1, constitui-se em uma das entrevistas considerada ponto zero na construção das redes dos colaboradores. Já Júlio Barbosa de Aquino, que também foi participante ativo do STTR de Xapuri, no final da década de 1990, conseguiu ser eleito Prefeito da cidade permanecendo nesse cargo por dois mandatos consecutivos (1997 a 2004).

de Xapuri. Contou, por exemplo, como sua mulher o havia deixado com três crianças pequenas: duas meninas e um menino recém-nascido. Falou ainda como fez para criar os três filhos sozinho na floresta, trabalhando muito. Inclusive, em alguns momentos, lágrimas marejaram em seus olhos.

De forma emocionante, o seringueiro Raimundo falou sobre os dois filhos que ainda estão sob sua proteção (9 e 13 anos). Observa-se, nele, um pai zeloso de três crianças, duas meninas e um menino. Entretanto, a filha mais velha foi levada pela mãe para Rio Branco/AC quando completou 14 anos. Raimundo informou que nunca mais viu essa filha pessoalmente, mas sabe onde se encontra em Rio Branco e, algumas vezes, chega a manter contato com ela através Radio Difusora Acreana. Sempre que se referiu a essa filha, expressou orgulho da mesma está estudando na capital. Entretanto, demonstrou tristeza quando confessou que sua ex-esposa levou a filha embora deixando as crianças menores com ele. Levou porque “a mesma já estava criada”.

No retorno às matas de Xapuri, para ler os relatos transcritos e obter as autorizações para utilização deles, novas conversas sobre a vida foram realizadas com Raimundo. Foi nesse momento que ele autorizou o uso, nesta tese, das conversas assinaladas acima (além de sua fala gravada). A imagem de Raimundo representa muito as experiências vivenciadas durante o trabalho de campo, bem como evidencia a heterogeneidade dos modos de vida daquelas populações rurais.

RAIMUNDO NONATO CORREIA DIAS

Relato concedido em 15/06/2012 na colocação Primavera, Resex Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. 43 anos era a idade do colaborador no momento da entrevista.

Meu nome é Raimundo. Eu vivo aqui sozinho com dois filhos. Um tem 10 anos e a outra 13 anos. Todo tempo cortei seringa. Desde os 14 anos eu corto. Aprendi com meu pai. Ele faleceu e eu fiquei com esse lugar. Até hoje eu vivo aqui, na colocação Primavera.

Acordo quatro horas da manhã para fazer um rango antes de ir cortar seringa. Depois de comer vou para a estrada cortar, e só volto meio dia. Não volto para colher o leite da seringueira no mesmo dia não. Só volto quando a borracha está coalhada na tigela, coalha na mata mesmo. Aí eu junto a seringa coalhada e vendo para o velho Manoel ali na frente

(Manoel mora em uma colocação próxima). Não vendo o leite para a fábrica de Xapuri não. Mas essa borracha coalhada no mato é barata, não é como a da fábrica. Essa daqui é R\$ 4,00 o quilo. O leite vendido para a fábrica é R\$ 7,80. Eu não vendo para a fábrica porque eles não têm baldes. É muito ruim, falta balde demais aqui. A fábrica não fornece, e o gerente não vai buscar. Aí o cara fica enrolado aqui. Porque quem corta seringa não pode ficar parado nenhum dia, porque precisa.

Além da seringa tenho roçado. Eu planto arroz, planto roça de macaxeira, planto feijão, banana, cana, abacaxi, tudo eu planto aqui. Depois que corto a seringa vou para o roçado. Pego duas horas no roçado e só largo as cinco, todos os dias. Se não o cara não dá conta do serviço, né? A produção é só para o consumo, pois não dá para vender. Eu sou sozinho aqui com esses meninos e não dou conta de vender. Não paro em casa, só trabalhando na seringa e no roçado, e não dou conta de fazer muito legume para vender. Não posso parar e ficar aqui para vender. E eles (filhos) também não ficam, pois passam o dia todo na aula. Saem sete da manhã e chegam só duas da tarde.

Figura 31 - Seringueiro Raimundo Nonato Correia Dias
Foto: Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

Figura 32 - Vista do roçado da colocação de Raimundo Nonato Correia Dias
Foto: Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

Perguntado sobre a alimentação, respondeu:

Aqui tem caça, mas eu não caço porque não tenho arma. Aqui só me alimento de arroz e farinha. Carne só aqui e acolá, só quando compro na rua. Carne de caça só se eu comprar de outros seringueiros daqui, pois não tenho arma. Eu só paro de trabalhar no domingo. Mesmo assim, no domingo, tenho que pegar no machado para tirar lenha para queimar no fogão. Tiro muita lenha para a semana toda, pois na semana estou cortando seringa e trabalhando no roçado e não dá para pegar no machado. Na semana, antes de sair para trabalhar, tenho que fazer a comida para os meninos.

Em Xapuri só vou aqui e acolá, para fazer compras. Aqui dentro as coisas são muito caras. Pelo menos lá compro uma farinha, pois não mexo aqui com farinha. Planto roça de macaxeira, mas os porquinhos do mato comem tudo. Compro em Xapuri mercadoria em geral. O leite, o açúcar, o café, a manteiga, o pão aqui para a gurizada. Quando estou com dinheiro, é só para comprar isso aí. Então espero o outro mês para ir de novo.

Figura 33 - Vista da cozinha da residência de Raimundo Nonato Correia Dias
Foto: Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

Meu dinheiro é só da borracha que vendo para o velho Manoel. E algumas vezes trabalho na diária para outros aqui, mas a diária não tem preço por aqui. É R\$ 25,00. (eventualmente vende sua força de trabalho para outros seringueiros, recebendo pelo dia de trabalho). O máximo que faço por mês com a borracha é R\$ 300,00. Corto até no inverno, pois vendo a borracha coalhada (coagulada). Também tem castanha. Às vezes eu quebro castanha aqui e acolá, umas 100 latas, quando dá preço eu faço uns R\$ 2.000,00 de castanha. Aí dá para fazer um dinheiro. Madeira não corto, o pessoal não deixa. O IBAMA não deixa, pois aqui é reserva, né. Aqui você não vende uma tábuia. Aqui ainda não tem manejo. Eles só deixam tirar madeira para a casa, mas desde que não seja tipo aguana. Essa madeira eles não deixam derrubar não (silenciou).

Perguntado se gosta de viver na floresta, respondeu :

Mas eu gosto de viver na floresta mermo, pois nasci e me criei aqui. Nunca me acostumei na rua. Minha mãe mora na rua, mas eu nunca me acostumei. Aqui eu acho bom, se preciso de uma caça do mato, vou lá e busco, planto um legume, uma roça. Lá na rua é tudo comprado. Mas como não tenho arma não estou caçando. Na mata eu só vi onça e cobra. Outras coisas esquisitas não. Assombração, por exemplo, eu nunca vi. Eu não acredito nisso não (risos), eu não tenho medo.

Também não tiro outros produtos da mata não (referia-se ao açaí, etc.). Aqui não tem venda para isso. Nem remédio eu tiro da mata. Quando alguém adoce aqui vou para a rua procurar um médico. Aqui não tem posto de saúde. Só na rua mesmo. Aqui tem que correr para a cidade. Eu passei dois meses agora na rua. Tomei uma injeção e travou uma perna,

passsei dois meses na rua. Eu passei baixo por dias. Mas aqui tem muito febre. Só tem febre, uma gripe. É o que acontece por aqui. Não tem outro tipo não.

Perguntado sobre os filhos.

Meus filhos não estão aprendendo a cortar seringa não, estão muito pequenos. Mas eu penso em ensinar.

Filha interrompe da porta: “eu não quero não”.

Mas meu filho de 10 anos vai cortar, eu vou ensinar. Ela (filha de 13 anos) não quer aprender não, ela quer é estudar direto. Eu penso que eles devem estudar para o futuro para frente. Você sabia que eu tenho uma filha sabida? Ela é sabida mermo. Ela mora em Rio Branco com a mãe. Ela mora lá. Ela tem 15 anos. Ela tá estudando lá. Depois que ela saiu daqui nunca mais veio aqui não. Ela mora por lá (silenciou emocionado).

Perguntado se frequenta alguma igreja, respondeu:

Eu não sou crente, mas eles fazem cultos aqui na minha casa direto. Todos os meses eles fazem. Eles aconselham muito para mim entrar na igreja, mas eu quero ficar assim mesmo, como estou. Silenciou novamente.

E sobre as dificuldades?

Uma grande dificuldade que temos aqui é que não tem um carro de feira. Se tivesse, a gente poderia enviar o que plantamos aqui para vender em Xapuri. A Prefeitura não manda para cá o carro da feira, só manda para o assentamento Tupá (um projeto de Assentamento Agrícola localizado próximo a Reserva Extrativista). Acho que é o INCRA que manda. Eles vão pegar lá a produção. Aqui não tem. Se não consumir a produção ela vai estragar. Que nem uma vez que eu perdi o arroz. Não tem transporte para levar para a rua vender. Não mexem com isso para cá não. E no inverno é ainda pior, pois não passa carro. Daqui são seis horas de pé até Xapuri. Saio cinco horas da manhã e chego uma da tarde, andando mesmo. Faço essa viagem e ainda trago o quiba nas costas (coisas que compra na cidade). Para cá tem muitos que fazem isso. Silenciou.

Perguntado se possuía energia elétrica, respondeu:

Tem energia, mas falta muito. Sempre falta. Tem semana que tem dois dias de luz e fica quatro sem vir. Com a luz melhorou porque o cara não gasta com querosene. Tem a lanterna que o cara carrega a bateria na energia, e quando falta usa a lanterna. Coloca na tomada a lanterna e ela carrega, quando apaga usa a lanterna. Dura uns três dias, aqui todo mundo usa essa lanterna. Eu aqui não tenho geladeira nem televisão, mas muita gente tem por

aqui. Nesse local eu só escuto rádio, direto. A FM lá de Brasília que pega bem aqui. Também pega a difusora de Xapuri, pega limpa, limpa, limpa. Pega mermo.

Figura 34 - Vista da cozinha da residência de Raimundo Nonato Correia Dias
Foto: Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

E os vizinhos?

Tenho uma vizinhança danada aqui, que me ajuda às vezes, outras vezes não. Passei dois meses doente e ninguém me deu uma ajuda aqui. Perdi um roçado inteiro de arroz. Adoei quando tomei uma injeção de benzetacil para acabar com uns tumores que tive. Aí travou tudo. A mulher lá de Xapuri aplicou errado. Eu passei vinte e oito dias sem andar. Depois só me arrastando mermo. Só agora que estou quase bom. E nesse tempo tive que ir vendendo alguma coisinha que tinha para sobreviver. Aqui não crio boi porque eles não deixam. E também eu sou sozinho e não dá para mexer com isso não. Meu menino está muito pequeno. Eles dizem que aqui é o centro da comunidade e não pode criar boi. Mas muita gente tem por aí.

Perguntado se estudou, respondeu ?

Não tive como estudar porque no meu tempo não tinha esse negócio de escola no seringal não. Meu pai era meio carrasco e eu tinha que trabalhar mesmo. Estou com 43 anos e nunca estudei. O negócio do meu pai era colocar todos nós para cortar seringa. Aqui eu

cheguei com oito anos. A colocação era do meu pai e a casa foi minha mãe que mandou construir. Fiz o Crédito Habitação (programa da Caixa Econômica Federal e do INCRA que concede crédito para moradores da reserva construírem casas), mais o meu não chegou ainda não. Quero fazer uma casa melhor do que essa. Eu estou saindo agora para vender essa borracha, acho que vai dar uns 100 contos.

Figura 35 - Vista do jirau da cozinha de Raimundo Nonato Correia Dias
Foto: Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

JOÃO BATISTA FERREIRA DA SILVA

Entrevista concedida em 15/06/2012 na colocação Taquari, Resex Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. Idade: 36 anos.

Eu sou Joao Batista Ferreira da Silva. Eu quase nasci e me criei aqui nessa colocação. Digo quase, porque quando eu era bem pequeno fui para uma outra colocação ali para o beijo do Igarapé Espalha (os seringueiros utilizam a expressão beijo quando querem dizer que algo fica perto, na beirada, no beijo). Depois voltamos para cá de novo. Eu era bem pequeno ainda. Mas quando eu me entendi de gente meu pai já cortava seringa e eu continuei com a mesma tradição que ele fazia. Cortar seringa, e também quebrar castanha. Então as coisas foram se desenvolvendo.

Depois arrumei família e construí esse meu lugarzinho aqui. Tenho uma família bem grande, um bocado de filho. E as coisas melhoraram muito em vista do antigamente. O acesso ao ramal melhorou. Não é muito bom, mas trafega de inverno a verão. Em seguida teve a luz no campo (programa do Governo Federal que levou energia para a floresta) que tira várias necessidades da gente. Depois da luz a gente passou a beber água gelada, lavar a roupa numa máquina, ver uma novela, uma notícia, um jornal na televisão.

A criação da fábrica de camisinhas em Xapuri junto com o incentivo do governo melhorou demais a vida da gente (quando falou de incentivo, referia-se a um subsídio pago pelo Governo Estadual pela produção de borracha). A saúde, a educação também melhorou. A gente não tem um ramal de boa qualidade, mas de 40 em 40 dias o pessoal da saúde vem fazer uma visita aqui. Aqui e acolá temos um atendimento de saúde. O pessoal da educação também faz palestras com pais de alunos, dizendo como deve ser e como é que não é. Eu não sou muito antigo, muito velho assim, mas com a experiência que tenho posso dizer que melhorou muito as coisas aqui.

Aqui na colocação todos os anos eu corto seringa. Mas quem trabalha com roçado só vai cortar seringa quando termina todo o serviço da lavoura branca né, quando termina de colher o arroz, plantar o feijão. Depois disso nós começa a cortar seringa. Nessa época eu começo (referia-se a junho). Todo dia levanto cedo, dou comida aos bichos e vou para o roçado, ou vou cortar seringa. Na castanha também é o mesmo processo também. A gente aqui é, vamos dizer assim: extrativista. Aqui é borracha, castanha. Mas vendemos animais também, um porco, uma galinha, é assim. (Silenciou)

E como se diverte?

O divertimento aqui é muito difícil. Só quando tem uma festa na comunidade. Dia de domingo é uma bola na comunidade (jogo de futebol). Tem umas festas, mas é difícil.

E a igreja, o senhor frequenta?

Eu sou católico e frequento na comunidade a igreja de quinze em quinze dias. Muitas vezes o padre de Xapuri vem, aí tem missa. Nós frequenta de quinze e quinze dias com as pessoas que são responsáveis pela igreja aqui na comunidade (quando se refere a comunidade, quer dizer, um conjunto de colocações próximas. Geralmente tem uma colocação sede onde fica a escola, às vezes um posto de saúde, um campo de futebol e um local para encontro religiosos).

Perguntado sobre o que espera do futuro, respondeu?

Eu espero que a coisa melhore por aqui. As coisas não estão cem por cento. Por isso espero que melhore. Veja, tem energia, mas ela não é cem por cento. No inverno a luz fica mais apagada do que acessa. O ramal também quero que melhore. E assim outras coisas que a gente tem no dia a dia, mas não tão cem por cento não. A saúde quero que melhore.

A questão da saúde aqui, se não for muito grave como uma febrezinha, a pessoa sai de moto para a cidade. Todo mundo tem seu transporte. Quando é grave a ambulância vem buscar, ou mesmo o carro da polícia. A doença que está mais frequente aqui é a leishmaniose. Está muito frequente essa doença aqui. Se você for ali na escola, na comunidade, verá que quase todo mundo tem essa doença. Meus meninos já pegaram. Mais de uma vez. Várias vezes.

Tem bastante aluno que estuda de manhã, e de meio dia para a tarde, eles descem para Xapuri para tomar o remédio que se chama ducatina, direto. Acho que agora tem uns três que estão tomando o remédio. E quando toma não pode beber água. Tem bem uns quatro que descem para Xapuri na parte da tarde para tomar o remédio contra a leishmaniose. É bastante aluno nessa situação. Outras doenças são a febre e a gripe. Também uma dorzinha no corpo. (silenciou)

Perguntado sobre seus rendimentos, respondeu:

Aqui tiro minha renda da borracha e da castanha. A coleta do leite (látex) dura uns três meses, começa em maio e termina em julho, só no verão. Já a castanha também é pouco tempo, uns três meses no inverno, aquela safrazinha. Aí a gente vai vivendo de um porco, de uma galinha, uma diária (trabalhar para outras pessoas, vender a força de trabalho para outros com pagamento por dia trabalhado). Quem tem boi vai vendendo um bezerro para sobreviver. Hoje eu não tenho mais, porque vendi todos.

Então a renda é da borracha, da castanha, da venda de um porco, uma galinha, e também da diária, porque eu trabalho de diarista por fora (vende sua força de trabalho para outros, fora de sua colocação). No roçado é só mesmo para o consumo. O que a gente faz no roçado é só mermo para o nosso consumo (no roçado costuma plantar arroz, feijão, macaxeira e fruteiras, como mamão e banana). Algumas vezes o que sobra a gente vende. Um feijão, por exemplo, agora está na safra. Quando a safra é boa tiro uns dois camburões de feijão para passar o ano e, se sobrar, eu vendo. As galinhas eu vendo um mês e outro não, quando estou necessitado eu vendo cinco, dez. O porco eu vendo um, dois. O tempo vai passando e a gente vive conforme o tempo.

Eu tenho oito filhos, o mais velho tem dezenove e o mais novo tem cinco anos. O último é o caçula. Todos estão quase criados. Todos estão estudando. Tudinho, tudinho, tudinho. Todos vão para a escola, só fica eu e a mulher. O mais novo não vai para a escola, mas a professora passa aqui ensinando. Passa dois dias por semana. Eu queria que todos ficassem aqui encostados da gente, mas nem tudo é como a gente quer. Minha filha, que já vai fazer 19 anos, está terminando o segundo grau. Já está lecionando aqui no Alfa 100 (programa de educação do Governo do Acre). Está estudando para a prova do ENEM. Ela se inscreveu para a prova do ENEM. O outro que tem 18 anos também já disse que quer sair para estudar fora, só vive falando que quer estudar fora. É assim, eles vão crescendo e querem sair, a pessoa vai ficando de maior (mais de 18 anos) e vai querendo sair, procurar seu rumo. Alguns querem ir para a cidade. Se fosse por mim ficariam aqui. Mas cada qual deverá procurar seu rumo.

Já eu gosto de morar aqui. Gosto mermo. De jeito nenhum quero ir para a cidade. Isso aqui era do meu avô. Meu pai comprou do meu avô. Aqui são cinco moradores nessa colocação. Tudo reunido aqui. Ninguém pensa em sair daqui, nunca eu vou sair daqui. É bom demais. Pertinho da rua. A gente tem uma motinha e vai de manhã para a rua, e quando é meio dia já está em casa. Tudo que tem na rua a gente tem aqui. Uma energia, um divertimento. As coisas que não tem aqui a gente vai lá na rua, e com duas horas já está em casa. Aqui eu vivo tranquilo. Porque vou sair do meu canto? Por que vou trocar pela cidade, se aqui eu vivo tranquilo.

Quando vou à cidade, depois da safra de castanha, eu faço uma feira maiorzinha. Com ela dá para aguentar até o meio do ano. Quando acaba a feira, aí já é a safra da seringa. Nos intervalos compro só o que é necessário: café, sabão, a água sanitária, os temperos. O resto tudo é daqui. Às vezes a gente trás um peixe, que aqui não tem, nem igarapé tem aqui.

Carne a gente consume mais a de porco e galinha. Mas mato a paca e a cutia na mata. Nessa época tá muito bom. Mas só no verão eu espero (caça), pois no inverno é difícil, fica tudo cheio de água. No verão é a época das comidas, as imbiribas estão todas arriando (imiribas, ou comidas, são árvores cujas sementes os animais se alimentam. Quando as sementes começam a cair no verão, atraem animais).

A gente vai cedo esperar o animal e antes das nove horas já estamos de volta.

E o senhor já viu alguma coisa esquisita na mata?

Assombração e nunca vi na mata. Às vezes fico duvidoso, pois as pessoas dizem que é real. Os mais antigos contava histórias, dizem que existe, aí o caba fica assim meio duvidoso. Mas eu nunca vi nada não. Só onça. Eu mesmo já matei uma. Tem muita onça por aqui, mas assombração eu nunca vi não. Fora disso (onça) nunca via nada não.

Solicitado para descrever o lugar, respondeu:

Aqui na colocação tem bastante nascente de água, mas açude nós não tem. Somos cinco moradores aqui, todos irmãos. Cada qual tem sua parte, cada qual tem suas castanheiras e suas estradas de seringa. Eu tenho três estradas de seringa, e as castanheiras que ficam em volta das minhas estradas eu posso coletar. Meu irmão tem ali para cima suas estradas e, da mesma forma, as castanhas que estão em volta das estradas dele ele coleta para quebrar e vender. A gente tem um acordo de nenhum mexer nas estradas e nas castanheiras um do outro. Mas quando é necessário, nós colabora um com o outro.

Quando minha safra é pequena, como nesse ano, e termino de coletar logo, vou ajudar os irmãos que tiveram uma safra maior. Também ajudo na safra do meu pai que mora ali para baixo. Não só na época da castanha, mas em todos os serviços. Na roça, na limpeza das estradas de seringa. E assim vamos ajudando um ao outro. Como acontecia na época do adjunto (grupo de seringueiros reunidos para auxiliar outros em alguma tarefa. Os seringueiros faziam adjuntos nos seringais para construir uma casa, por exemplo). Antes víamos aqueles adjuntos grandes, quinze homens colaborando para fazer um serviço. Hoje é mais difícil de vê isso. Mas quando temos um serviço meio avultado aqui, nós se junta e ajuda.

As crianças chegam da aula no meio da entrevista e João Batista comenta:

Aqui o divertimento deles (aponta para as crianças chegando) é bola (futebol). Toda tarde. Os meninos (filhos) quando chegam da aula vão brincar de bola até de noite. Mesmo quando escurece eles acendem uma luz e o pau quebra. Isso é todo dia. Ali nessa areia. É direto. E nos domingos eles vão ali para a comunidade, que tem campo e tem bola. Aqui o

divertimento deles é a bola. A noite tem a televisão, eles gostam muito, principalmente dos jogos nos dias de quarta-feira e domingo. Quase tudo são flamenguistas aqui (risos). Mas tem São Paulo e Fluminense. Mas a maioria é flamenguista (risos). Quando não tinha energia eles dormiam cedo, mas agora dá dez horas da noite e ainda estão na televisão.

Com a chegada da luz a gente trocou a lamparina pela energia convencional como a gente chama. Agora a gente pode conservar uma carne mais avultada no freezer, pode puxar uma água com a bomba mergulhão, gelar uma água. Até máquina de lavar tem por aqui. Isso diminuiu muito alguns serviços, poupou muito serviço, principalmente da mulher que tinha que pegar água no igarapé e ficava perdendo tempo.

Com a energia melhorou muito, mas a luz tem os problemas dela no inverno, pois a rede (elétrica) fica na floresta e quando começa a chover cai muita árvore em cima da rede. Aí apaga muito. Quem não tem rede elétrica tem placa solar e uma antena parabólicazinha. Todo mundo aqui tem uma televisão e uma parabólica. Aqui na comunidade do seringal Floresta é todo mundo. Também um motorzinho still para puxar água. Todo mundo toma banho em casa. Você conta as pessoas que não possuem. Antes, a gente tinha que ir até a fonte tomar banho. Aqui a fonte é limpa, muito limpa. Água pura.

Perguntado sobre as dificuldades que enfrenta, respondeu:

Sobre dificuldades, no momento eu nem tenho em mente alguma dificuldade (silêncio). No momento assim é difícil lembrar. Não lembro não.

Todos aqui cortam seringa?

Aqui nosso costume antigo é ser seringueiro. É nossa profissão. Todo mundo que eu conheço aqui corta seringa e coleta castanha, portanto todas são seringueiros. É a nossa profissão. Mas tem pessoas que não gostam de falar quando vem uma pessoa assim como o senhor. Mas eu pelo menos não sou assim. Digo que minha profissão é seringueiro. Não é nenhuma coisa doutro mundo. Pois corto três meses do ano, todos os anos. Quando não era leite (látex), era a borracha. Então, sou seringueiro desde os 12 anos de idade, quando passei a ser dono do meu nariz. Todo ano eu corto seringa. Então não vou trocar uma coisa que eu sou por outra coisa. Eu pelo menos tenho é orgulho de ser seringueiro. Não sei os outros, mas eu tenho orgulho de dizer que sou seringueiro.

Participa de atividades do sindicato?

De sindicato não participo, só da Associação aqui da Comunidade Rio Branco. Participo da Cooperacre do governo, da Cooperativa lá de Xapuri. Participo dos assuntos da AMOREX (Associação dos Moradores da Reserva Extrativista). Participo dos treinamentos

do governo e de algumas reuniões. Alguns assuntos. Vamos dizer assim, quando vem o pessoal do governo a gente participa, dos papos deles, das reuniões.

Conheci Chico Mendes do Sindicato, mas era pequeno naquela época dos empates. Os nossos pais é que eram da linha de frente. Mas vi ele muitas vezes. Meu pai era quem participava dos empates. Eu ficava em casa para cuidar da casa e dos menores. Lembro do Chico Mendes quando ia para a rua com o meu pai. Todas às vezes, meu pai ia lá na rua falava com ele. Lembro desses encontros.

E o senhor gosta de morar na floresta?

Eu gosto de morar aqui, não troco o seringal pela cidade. Nem penso em sair daqui. A pessoa que não tem saber, não tem o que fazer na rua, ficará de cara para cima. Já vi muitos se jogarem para esse meio de mundo e sofrerem muito. Mesmo os que possuem saber não consegue emprego. Tem pessoas que estão de cara para cima sem ter o que fazer, aí pega uma vagazinha de professor. Mesmo os que possuem saber estão desempregados. E eu que não tenho saber? Sair do seringal e fazer o quê na rua? A gente vê o sofrimento dos outros na cidade. Eu tenho o primeiro grau incompleto, não consegui fazer tudo, ficou faltando uma matéria de Português, pois arrumei logo família. Só sei assinar meu nome e ler alguma coisa. O negócio então é na mata mermo. Que na mata não precisa saber muito (saber formal, conhecimento formal). Mas algumas vezes faz falta. A gente já se enrola em muitas coisas aqui sem o saber. Imagine na cidade. Enquanto der para ir a gente vai (silenciou).

Essa casa foi o senhor que fez?

Essa casa aqui eu consegui através do Crédito Habitação da reserva Chico Mendes. Eu paguei uma pessoa para construir. Peguei o crédito e paguei. Através do INCRA. Tudo é através do INCRA, tanto faz na reserva que nem fora. Antes eu morava nessa outra casa (mostrou a casa ao lado) que foi construída pela Caixa Econômica Federal, aquele PSH (Programa Social de Habitação). Quando saiu esse crédito eu construí essa casa. O presidente da AMOREX (Associação dos moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes em Xapuri) às vezes diz que a gente pode pagar esse crédito, outras vezes que não. A gente que sempre vai lá ouve isso. Até agora não tem nenhuma proposta dizendo que deve pagar, tá nessa confusão.

Aqui o IBAMA e o INCRA é que autorizam tudo. Madeira não pode tirar. Castanheira e Mogno nem pensar. As outras madeiras só para o consumo, só para o serviço da gente. Um curral por exemplo. Para vender nem pensar. Só mesmo para uma construçãozinha. Gado também tem um limite, parece que só são permitidos 30 cabeças, parece. Mas têm

muitos que são teimosos, a Lei vai imprensando, mas eles não estão nem aí. Gado é melhor para fazer dinheiro. Se você tiver cinco sacos de farinha e for lá na rua atrás de pegar o dinheiro ninguém adianta. Mas se o cabra tiver um bezerro os caras já adiantam. Pode ir lá na rua. Se o bezerro tiver nascido ontem, eles pagam o mesmo preço do grande. Aí os cabras baseiam nisso.

Aqui já tive gado só para o leite. Quem cria muito é um dinheiro seguro, pode ir lá na rua que tem comprador. Se fizer cinco sacos de milho ou farinha e levar para a rua tem que deixar guardado lá, pois não vende. Eu faço farinha aqui e levo cinco sacos para Xapuri e só vendo dois. A gente anda naquelas bibocas todas em Xapuri e ninguém compra. Mas o bezerro vende até na barriga da vaca (risos). É mais fácil criar o boi. A vantagem do gado é essa. Por isso muita gente insiste em criar. Uma criação normal, um pasto bem dividido que não vai agredir a floresta. Aí ninguém será contra a pessoa criar um pouquinho. É contra só com aqueles que derrubam a floresta demais. Só planta o capim e não planta nenhum lavoura.

Eu tinha um pouco de gado, mas vendi tudo para plantar seringa. Fiz um financiamento. Plantei seringa e morreu tudo. Aí veio o trator e destocou todo campo. Fui até a cidade solicitar umas máquinas, mas não deu certo. O técnico da SEAPROF (Secretária de Estado de Produção Familiar) tinha saído de férias. Quando voltou a trabalhar não veio mais aqui. Aí o pasto tomou conta de tudo. Não deu mais para comprar o gado de volta. Nem o gado e nem a seringa. Eu tinha treze cabeças e vendi tudo para tocar esse plantio de seringa. Só sobrou um dinheirinho para comprar essa moto.

Fui no banco e desisti de tudo. Disse: risque isso aí. Fui na SEAPROF e desisti de tudo. Tinha que ir duas ou três vezes na SEAPROF em busca de ajuda, e o técnico não vinha. Até para desistir a SEAPROF está dificultando. Fui lá e disseram que será preciso emitir um laudo informando que desisti, assim eles enviariam um técnico aqui para emitir esse laudo. Mas até agora não mandaram. Quero montar uma lavoura branca, mas enquanto não desenrolar desse financiamento não será possível.

DERCY TELES DE CARVALHO CUNHA

Relato concedido em 15/10/2011 na cidade de Xapuri/AC, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri – STR Xapuri. Idade 57 anos.

O meu nome é Dercy Teles de Carvalho Cunha, nasci no dia 28 de junho de 1954. Portanto, estou com 57 anos de idade. Nasci no seringal Boa Vista, colocação Pimenteira, distante aqui da cidade de Xapuri cerca de dezoito horas de caminhada. Nessa colocação eu convivi com os meus pais e dois irmãos. Inclusive, minha única irmã também nasceu nessa colocação. Aos quatro anos mudamos de colocação, saímos da Limoeiro e fomos para colocação Pimenteira. É no mesmo seringal, só que mais próximo da cidade, está situado há 12 quilômetros de Xapuri.

Lá meus pais criaram a família. Eu e meus três irmãos. Inclusive o mais novo nasceu lá em 1961. Até hoje a gente ainda mora lá. Eu digo a gente, porque ultimamente eu tenho tido pouco tempo para morar lá, mas quando eu tenho tempo eu vou lá, de vez em quando, para passar o final de semana.

E a nossa vida, a minha vida, não foi diferente da vida da população tradicional (população que mora na floresta), fui educada pela minha mãe, uma mulher simples e analfabeta. Ela só conseguia desenhar o nome dela. Meu pai dominava mais a leitura e a escrita. Sabia fazer as quatro operações. Ele ensinou a gente a ler em casa. Eu não digo alfabetizar, pois minha compreensão de alfabetização é que a mesma é um processo completo. Você domina vários conhecimentos, no decorrer da alfabetização. Meu pai simplesmente ensinou a gente a ler e escrever. Ensinou aos quatro filhos.

Nossa vida no cotidiano do seringal era da seguinte forma: os meninos cortavam seringa, caçavam e trabalhavam nos serviços que nosso pai trabalhava. As meninas trabalhavam junto com a mãe nos afazeres domésticos, na roça, roçando (capinando, brocando) estradas de seringa. Fazíamos um pouco de cada coisa. Agora cortar seringa eu só cortei para experimentar o meu potencial. Eu sempre fui meio atrevida. E um dia, por mais de uma vez, eu cortei uma estrada de seringa sozinha para testar. Queria saber se um dia fosse necessário eu viver do extrativismo, viver da seringa, se teria essa capacidade. Provei que sim, mais nunca fui uma seringueira profissional. Sempre trabalhei em tarefas domésticas. Ajudava meu pai e meus irmãos também nos afazeres fora do lar (na roça, na roçada da estrada de seringa, pescando, cuidando dos animais). Isso a gente sempre fez em casa. Porque as mulheres na zona rural sempre têm dupla ou tripla jornada de trabalho. Além dos afazeres

domésticos, ainda tinha esses afazeres extras. Ajudávamos na roça, na colheita. Na época da borracha defumada tinha um período de inverno, aí ajudávamos muito a colher. Para fechar a colheita mais cedo em função das chuvas. Para as chuvas não atrapalharem o processo. E nessa vida eu vivi até os meus 20 anos.

Com 20 anos meu pai faleceu e ficou a minha mãe e os quatro irmãos. Cinco, pois tinha um irmão adotivo. Minha mãe adotou um afilhado dela. Ela adotou ele com oito anos e criou até ficar adulto. Então éramos seis, com o irmão dela. Nós éramos seis. Eu já tinha vinte anos e meu irmão mais velho vinte e quatro. O meu irmão caçula e esse adotivo tinham doze anos, eles são da mesma idade. A gente continuou lá, na colocação Pimenteira tocando a vida como era desde o tempo de meu pai. A diferença era que ele não estava lá. Ele morreu em 1974, e em 1977 foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Em 9 de janeiro de 1977. Na época o sindicato era um departamento exclusivo dos homens, e as mulheres entravam somente nos casos de viuvez. De serem a chefe do lar. Só assim poderiam ser filiadas. Era um mundo extremamente masculino o sindicalismo rural.

Em 1978 inicia a Teologia da Libertação em Xapuri e os padres começam a fazer visita às comunidades fundando grupos de evangelização. Que naquele tempo não eram comunidade, se chamavam seringais mesmo. Os padres fundavam os grupos de evangelização que eram aglomerados de pessoas da vizinhança para refletirem sobre a vida em torno do evangelho. Para rezar, e também fazer uma discussão a respeito de tudo o que estava acontecendo naquele momento. Nós não chamávamos de discussão política, apesar de ser política. É que não entendíamos essa palavra.

Em 1978 o Padre Cláudio Avalone fez uma visita ao nosso seringal. Passou pela nossa casa e foi até o seringal Barra. Fez um ciclo. Ele entrou pelo seringal Boa Vista, passou pelo seringal Sibéria, seringal Barra, e saiu pelo Boa Vista e pelo São João do Guarani, fazendo essa discussão e fundando os grupos de evangelização.

Figura 36 - Padre Claudio Avalone

Iniciou a Teoria da Libertação em Xapuri. Fundou os primeiros grupos de evangelização nos Seringais da região.

Fonte: Acervo a Igreja São Sebastião em Xapuri/AC

Nessa viagem, eles fizeram uma reunião na nossa casa e fundaram o grupo de evangelização. Fui indicada pela comunidade para ser responsável pela animação daquele grupo, fiquei com essa responsabilidade. Fiz algumas capacitações promovidas pela paróquia e acho, se não me falha a memória, que uns seis meses depois volta o Padre novamente. Nessa segunda visita veio acompanhado de uma pessoa do sindicato. Nessa visita foi fundada uma delegacia sindical e as pessoas da comunidade, novamente, me indicaram como delegada sindical, já que eu era animadora de grupo.

A gente foi ampliando as informações em torno da questão política, e em 1981, em agosto de 1981, eu fui eleita para concluir o mandato do Presidente fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, o seu Luiz Damião do Nascimento. Eu fui eleita a concluir o 2º ano de mandato dele, já que na época o mandato da Diretoria era de apenas dois anos. O Sr. Luiz Damião estava tendo um comportamento que a maioria dos associados considerava inadequado e traidor. Portanto, afastaram ele, destituindo-o do mandato. Elegeram uma Diretoria com mandato de um ano, da qual eu fui Presidente. Foi uma situação atípica. Primeiro porque o sindicato era um mundo masculino e eu tive que enfrentar duas oposições: a da ditadura militar e a dos homens.

Eram duas ditaduras: a masculina e a dos militares. Foi uma experiência que valeu porque quebrou paradigmas, ou seja, até aquela época as mulheres eram muito excluídas, como eu já falei anteriormente. A participação delas se dava nesse campo só quando não tinham marido. Do contrário, era o homem que participava do sindicato e as mulheres não. Nessa gestão de conclusão de mandato éramos apenas duas mulheres. Eu na Presidência e tinha outra que era membro do Conselho Fiscal.

Foi difícil, porque além das oposições citadas, ainda tinha a questão do aprendizado. Era tudo muito novo e eu tinha que enfrentar essas situações. Aprender e exercer ao mesmo tempo a função. Foi uma experiência complicada, mais hoje faço uma avaliação positiva, partindo do ponto de que ajudou a quebrar esse paradigma da exclusão da mulher no convívio da sociedade.

As próprias mulheres faziam questão de manter essa divisão. Era uma tradição. Quando a gente chegava nas casas nos seringais, a dona da casa vinha na sala e chamava a mulher que vinha junto pra conversar na cozinha. Os homens conversavam na sala, os homens só entravam na cozinha na hora da refeição, para fazer as refeições. Era dividido: mulher conversava com mulher e homem com homem.

No meu caso como Presidente, o meu diálogo tinha que ser com os homens. Porque eram os homens os associados. Era com eles que eu tinha que discutir a política do Sindicato. Então sentia muito preconceito por parte das nossas colegas mulheres, que achavam muito estranho esse meu posicionamento. O posicionamento de uma mulher na direção do Sindicato, já que era uma coisa vista como um departamento de homem. Mais isso foi bom, eu avalio como positivo. A partir daí a gente foi quebrando isso, e a participação das mulheres aumentou bastante no campo do movimento sindical, mesmo ainda sendo tímido do ponto de vista da participação, de fornecer opinião, de participar dos debates. Hoje a gente tem um número bem significativo de mulheres participando do movimento sindical. Inclusive na direção atual do Sindicato tem mais mulheres do que homens.

Eu trabalhei um ano da direção do Sindicato e ao concluir o mandato tive resistência em aceitar uma reeleição. Eu acho que reeleição é uma concentração de poder, e isso não é bom para sociedade nenhuma, porque tira a oportunidade de outras pessoas exercerem, exercitarem essa experiência. Também cria vícios, que na maioria dos casos são nocivos à sociedade.

A experiência de repetir mandatos tem nos provado que não é benéfica, as pessoas não conseguem ter a mesma desenvoltura que tiveram no 1º mandato. Eu observo isso, apesar

de estar no segundo mandato, um atrás do outro. Na verdade estou no terceiro, com a experiência dos anos oitenta. Não por uma vontade minha, mas em um processo democrático a gente tem que respeitar a decisão da maioria.

Saindo do Sindicato eu fui trabalhar no Projeto Seringueiro, que foi um projeto responsável em levar a educação para os seringais. Quando eu ainda estava como Presidente do Sindicato de Xapuri inauguramos a 1ª escola em um seringal que fica doze horas de distância aqui da cidade: o seringal Nazaré, colocação Jácomfome. Se eu não estou enganada foi no dia 18 de maio de 1981, ano da minha primeira eleição para Presidente do Sindicato.

Em seguida abrimos mais umas escolas no seringal São Pedro, aí foram ampliando essas escolas. Trabalhávamos na alfabetização de jovens e adultos com base na metodologia de Paulo Freire, foi um trabalho extremamente interessante. Inclusive contribuiu para dar destaque ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Como a metodologia era a do Paulo Freire, a gente discutia não só a questão da alfabetização em si, mas também discutia a vida. Os porquês de tudo aquilo que estava acontecendo.

Assim conseguimos fortalecer o sindicato com números de associados e com pessoas com certa qualificação política para enfrentar os embates da época. Enfrentar a ocupação dos seringais do Acre pelos novos donos, que foram apelidados de paulistas, independente de onde vinha era todo mundo paulista. Era assim que e a sociedade via.

Então a gente fez esse trabalho de agosto de 1982 até 1985. Em todo esse período eu trabalhei no Projeto Seringueiro. Trabalhávamos a questão da alfabetização que eu já citei, mas também a experiência do cooperativismo, para viabilizar a questão econômica dos seringueiros. O projeto também tinha uma preocupação com relação à assistência em saúde.

Trabalhávamos a questão dos primeiros socorros. Inclusive, nessa época, a gente conseguiu formar os primeiros agentes comunitário de saúde, que não chamávamos de agente não, tinha outro nome, pois essa palavra ainda não era do nosso cotidiano. Conseguimos montar alguns postos de saúde equipados dentro dos seringais para amenizar os sofrimento e fazer os primeiros socorros. As pessoas foram capacitadas por alguns profissionais de saúde, entre eles Pascoal Muniz. O professor da UFAC Pascoal Muniz fez parte desse trabalho e conseguimos fazer sucesso com esse trabalho realizado nesse período.

Em 1985, em outubro de 1985, ajudamos a realizar e organizar o 1º encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília. A partir desse encontro começou a se pensar na criação das reservas extrativista na Amazônia. Com a criação do Conselho Nacional do Seringueiro, tínhamos uma entidade para cuidar com exclusividade das propostas de políticas

públicas para esse setor do extrativismo da seringa. Haja vista que o Sindicato é dos trabalhadores rurais do Município, então qualquer pessoa que trabalha no setor rural pode ser membro do sindicato, não só extrativista.

Levando em consideração que o extrativismo estava cada vez mais em baixa, precisávamos de certa exclusividade, um tratamento particular para esse setor. Então, em 1985, foi criado e institucionalizado o Conselho Nacional dos Seringueiros que eu vou logo emitindo a minha opinião sobre ele. Foi a partir daí que começou os novos rumos, ou seja, começou a fragmentação da organização dos trabalhadores. Porque a partir da criação do Conselho, o mesmo começou a receber recursos externos, de algumas ONG's. Daí iniciou-se a disputa do poder, porque quando entra o dinheiro a coisa muda. Todos aqueles discursos muitas vezes vão para debaixo do tapete, o comportamento das pessoas passa a ser outro. O que, muitas vezes, me surpreende.

A partir da institucionalização do Conselho Nacional dos Seringueiros, aliás, a partir da organização do encontro nacional dos seringueiros iniciou essa infiltração de ONG's ambientalistas, inclusive bancando os custos da realização do encontro. Então, em 1985 quando começou essa disputa de poder eu me retirei do trabalho, da equipe que eu trabalhava aqui, por não concordar com a condução que estava sendo dada. Inclusive fui acusada de uma forma muito vulgar. Eu fiquei muito ofendida naquele momento.

Na viagem em que fomos para Brasília começou os empecilhos, nessa viagem o público maior era do Acre. De quatro ônibus, dois eram somente para levar os delegados do Acre e os outros dois levaram o pessoal do Pará, de Rondônia e do Amazonas. Nessa viagem começou a surgir os empecilhos, os desvios de recursos no decorrer da viagem. E em função disso, começou a existir uma fragmentação e uma disputa de poder.

Em 1985 eu saí daqui e passei um ano morando em Rio Branco, fazendo outras coisas. Em 1987 eu fui para o interior do Amazonas a convite de um padre, para uma paróquia do Município de Caruarí. O padre convidou eu e meu marido na época, pai da minha filha, para ir trabalhar lá. Meu marido foi trabalhar no departamento do movimento de educação e base. Um trabalho igual o que fazíamos aqui no Projeto Seringueiro. Só que o MEB - Movimento de Educação de Base, é ligado a CNBB. É uma instituição de educação popular ligada CNBB.

Lá ficamos três anos, também fazendo esse trabalho de educação popular com ribeirinhos. Lá é mais com os ribeirinhos. Algumas pessoas cortam seringa, mas a maioria

vive da produção agrícola, e da pesca. Passamos três anos lá. Somente em abril de 1990 eu retornei para o Acre.

De volta ao Acre trabalhei quatro anos no governo do PMDB. Na época estava no auge da questão ecológica e a Fundação Cultural abriu vários departamentos, entre os quais a Casa do Seringueiro. Então eu fui convidada a trabalhar na Casa do Seringueiro por conhecer a história. Eu fui convidada pelo professor Gregório Filho e lá eu trabalhei por quatro anos, até 1994. Em 1994 eu retorno para Xapuri a convite da Cooperativa Agroextrativista para trabalhar em um projeto de educação cooperativista com os associados.

Nesse projeto eu trabalhei até 1997, quando retornei para minha colocação e fiquei lá até hoje. Construí uma casa e voltei a trabalhar na roça. Em 2003 o Júlio Barbosa foi eleito Prefeito de Xapuri. Então me convidaram para compor a equipe. A princípio eu não aceitei, mas já no final do mandato eu resolvi aceitar, porque era uma experiência que eu ainda não tinha. Eu trabalhei no Governo do Estado no setor da cultura. Fui coordenadora da Casa do Seringueiro, mas faltava essa experiência do Município. Por isso fiz parte da equipe do Júlio, na Secretaria de Bem Estar Social e Cidadania.

Eu considero uma das piores experiências de trabalho da minha vida, porque uma coisa que eu não suporto é mentira. Eu não consigo ter duas caras, trocar o certo pelo errado. Por isso que eu digo que foi uma experiência muito ruim, inclusive essa é minha análise de segundo mandato de Júlio. Porque o Júlio, no 1º mandato, fez um bom trabalho. Tanto que teve aquela unanimidade para se reeleger. Mas, infelizmente, no 2º mandato foi aquilo que já eu mencionei. A pessoa se acomoda ou tá cansada. Então, ao invés de construir, destrói tudo o que construiu no primeiro. Eu considero uma coisa negativa. Depois dessa participação na equipe do Júlio eu voltei pra minha colocação, isso porque eu nunca perdi a prática de trabalhar, voltei para lá e toquei com a roça novamente.

A partir dessa eleição do Júlio, aliás, desde a morte do Chico Mendes, o movimento sindical em Xapuri tomou novos rumos. As pessoas passaram a viver de uma história de recursos a fundo perdido. Então isso criou uma série de vícios, uma série de desagregação da organização, que não levou a nada, só ao prejuízo das bases.

Desde 1994 eu recebia propostas para voltar e participar do movimento sindical, mas eu recusava porque achava que já tinha dado minha contribuição. Eu tinha que deixar o espaço livre para outras pessoas viverem essa mesma experiência. Eu não concordo em concentrar o poder, porque estamos aqui de passagem, e se concentro todo o poder em torno de minha pessoa, na hora em que a gente morre, volta tudo para a estaca zero. Aí vai ser um

novo processo para se reconstruir. E isso não é mais uma teoria, é uma verdade. Porque foi o que aconteceu aqui em relação ao Chico Mendes.

Chico Mendes, apesar de ser um gênio nessa estratégia de reunir, de mobilizar, não tinha organização. Existia mobilização, mas organização eu discordo que ela existisse. Porque se existisse, não tinha acontecido tudo o que aconteceu.

Em 2006 eu fui convidada várias vezes para compor uma chapa e concorrer contra o grupo da situação, que estava com dezessete anos fazendo rodízio no sindicato de Xapuri. As pessoas, quando não estavam aqui no Sindicato estavam na Cooperativa, quando não estavam na Cooperativa estavam no Sindicato. Fazendo um giro, sempre as mesmas pessoas. Em 2006 eu fui convidada para fazer parte de uma chapa, então resolvi aceitar, até para dar uma contribuição, para fazer a diferença. Porque não tinha ninguém que quisesse encabeçar. Tinha pessoas que queria participar mais ninguém queria encabeçar, tinham receio. Isso porque enfrentar o grupo que estava com dezessete anos fazendo rodízio era complicado. Dezessete anos fazendo rodízio depois que o Chico morreu.

Montamos uma chapa e no dia 1º de junho aconteceu a eleição. Nós ganhamos. A princípio teve toda uma retaliação, porque não queriam que a gente concorresse. Quando viram que não tinha como nos evitar, porque era um direito nosso e, afinal, estamos em um estado democrático, partiram para trabalhar uma unificação. Mas depois de ter baldeado a água não dá para beber né. Recusamos a unificação e fomos para a concorrência. Ganhamos.

Em 2009 foi a nossa reeleição. Aí o jogo foi duro, foi pesado. Mas ganhamos de novo, com uma diferença de seis votos. Mesmo que fosse por um, ainda era vitória. Porque a desigualdade de poder foi grande. Só tínhamos a proteção de Deus e a coragem de quem não deve nada a ninguém. O pessoal do Governo do Estado jogou pesado, com toda a infraestrutura. Inclusive com interferência judicial. Eles entraram na justiça e conseguiam uma liminar para garantir os votos dos inadimplentes. Mesmo assim, perderam. Depois da eleição foram tentar anular, porque não aceitavam a derrota. Mas como Deus existe e está do lado da verdade, eles não conseguiram.

Porque teve um juiz que deu a liminar para eles, e eu não sei por qual motivo. Mas em seguida ele entrou de férias e quem julgou o mérito do pedido de anulação que eles impetraram foi um juiz substituto, que deu um parecer que, na linguagem popular, digo que ele chamou de cachorro e pisou no rabo. Como não tinham mais para onde ir tiveram que aceitar a derrota.

Em 2006 quando assumi o Sindicato o mesmo só tinha o nome. Apesar dos investimentos que eram feitos. Inclusive existia um convênio com o INCRA de R\$ 150.000,00. Mas eles não tinham movido uma vírgula no sentido de executar o projeto. Do conjunto, tinham gasto R\$ 2.000,00 de forma aleatória. Assumimos também uma prestação de contas de R\$ 83.000,00 e isso queimou vários de nossos neurônios, porque não existia a documentação necessária para fazer a prestação de contas. O prazo estava vencido desde março de 2006. Em julho fomos notificados pelo Ministério do Meio Ambiente e não conseguimos encontrar a documentação. A documentação estava em tudo quanto era lugar, menos no lugar que deveria: no Sindicato. Apesar da assessoria de dois técnicos do governo que assessoravam a execução desse convênio com o Ministério. Mas graças a Deus conseguimos sanar as pendências.

Os encargos sociais dos funcionários estavam todos atrasados. Tinham R\$ 15.000,00 de encargos sociais pendurados. Conseguimos resolver internamente e hoje o Sindicato está com sinal verde, com todas as suas contas quitadas e, internamente, tudo está resolvido.

Agora, externamente, é uma situação muito complicada. Não sabemos nem como e nem por onde começar, em função daquilo que eu falei antes de iniciar a conversa. Ou seja, que hoje é difícil identificar quem são eles e quem somos nós. No passado tínhamos como inimigos os latifundiários e os trabalhadores estavam unidos. Hoje você tem os trabalhadores fazendo discurso de sindicalista, mas são governo. E não dá, em nenhum lugar na vida de ninguém dá para assumir duas funções tão divergentes, que é ser governo e ser trabalhador.

Na verdade eu digo que isso, mas do que enfraquecer, praticamente eliminou o movimento sindical. Pois eu não considero Sindicato atrelado a governo, seja Estadual ou Municipal. Eu não considero Sindicato porque ele não tem como exercer sua função. Porque é divergente.

Na medida em que eu reivindico condições para a classe trabalhadora estou incomodando o governo. Mas se eu estou agradando o governo é obvio que eu não estou contemplando a classe que represento. Então, na minha concepção, não dá para ser as duas coisas ao mesmo tempo, ou você é governo ou você é trabalhador. Os interesses são divergentes.

O governo governa para todos, mais particularmente para quem detém o poder econômico. Na verdade o governo só homologa, porque quem dá às cartas é poder econômico. São os poderosos que decidem o que deve ser feito e o que não deve. Eu não

acredito na possibilidade de um sindicato servir as suas bases com seu quadro social sendo atrelado ao governo.

Da morte de Chico Mendes para cá mudou muita coisa na floresta. Mudou significativamente. Primeiro, o extrativismo se desvalorizou a um ponto que em 2009 Xapuri não possuía um comprador de borracha. Esta ausência, quando avalio sou mal interpretada de propósito.

Em 1990 a Reserva Extrativista foi institucionalizada por um decreto, e como Reserva Extrativista, no decorrer de todos esses anos, pouco foi feito no sentido de alternativas que garantissem a sobrevivência dessa população extrativista, sobrevivendo do extrativismo. O extrativismo entrou em uma decadência profunda, tanto a borracha quanto a castanha, e isso levou essa população a buscar novas alternativas. E qual foi a nova alternativa? Foi a pecuária.

A pecuária é a segunda atividade econômica que veio para o Estado, inclusive com todos os incentivos, e também é uma atividade que não depende de muitas condições para você desenvolvê-la. O extrativismo foi substituído pela pecuária, primeiro porque a pecuária é um produto de ponta no mercado. Segundo, porque é um produto que não depende de ramais. O boi não precisa de estradas tráfegáveis, de pontes, de carros, ele se autoescoa.

Então, a pecuária foi alternativa que a população extrativista viu mais adequada à realidade que estava vivendo. Por isso que em 2008 os próprios representantes dessa população, como os Sindicatos e os representantes das Associações dos Moradores da Reserva, e também o próprio Conselho Nacional dos Seringueiros, elaboraram um documento onde todos assinaram e encaminharam ao Ministério Público Federal pedindo providências no sentido de conter o desmatamento e a pecuarização da reserva.

Em 2008 entra em operação a Resex Legal, uma operação composta pelo IBAMA e a Polícia Federal aterrorizando as pessoas em suas casas. O único Sindicato que se posicionou, inclusive emitiu a nota repúdio foi o de Xapuri. Porque era a única direção que tinha autoridade e não estava comprometida com o documento encaminhado. Deu toda aquela confusão, mais graças a Deus a operação foi freada. Daí o governo instituiu uma comissão multidisciplinar para estudar saídas para a reserva.

Muita coisa mudou na floresta, no sentido do empobrecimento. Mudou no sentido de ampliar às necessidades, porque à medida que chega o ramal e a rede de energia, isso cria uma nova onda de consumo que até então não existia. Com a energia vem a televisão que estimula mais esse consumo. Quem tinha o cavalo passa a desejar uma bicicleta. Depois não é mais a

bicicleta, é uma moto. Agora não é mais moto, é um carro, e assim, sucessivamente, vai aumentando a onda de consumo. Junto com essa onda de consumo se amplia a degradação do ambiental na busca de subsidiar esse consumo. Porque para consumir tem que ter dinheiro, e para se ter dinheiro hoje, tem que ter o boi. Para criar boi tem que ter pasto, então foi isso o que aconteceu.

Mesmo assim, eu ainda faço a seguinte avaliação: no tempo do patrão a situação do seringueiro era melhor e vou te dizer o porquê. Hoje falamos de uma liberdade que é tão propagada, mas não sabemos como exercer essa liberdade sem ter condições. Porque eu não preciso só ser livre para ir para onde eu quiser, eu preciso ser livre e também preciso ter condições para exercer essa minha liberdade. Então, hoje, isso é uma coisa que eu coloco e sou má interpretada. Mas a má interpretação é de propósito. Eu não consigo compreender que liberdade é essa que eu não posso exercer.

No tempo do seringalista, e olha que eu tenho 57 anos, eu vivenciei nitidamente isso na companhia do meu pai, os seringueiros que produziam não precisavam sair de casa para ter tudo que queriam. Tinham o varadouro limpo, tinham o comboieiro (pessoa que transportava a produção de borracha e as mercadorias entre as colocações) que levava as mercadorias, os gêneros de primeira necessidade, e transportavam o produto. Tinha o mateiro que passava na tua porta perguntando o quê você precisava para o mês. Você fazia a relação e, depois, o comboio vinha trazer.

Então, em relação ao trabalho despreocupado, naquele tempo eu avalio que era melhor. Porque para quem trabalhava lá no barracão do seringalista tinha tudo. Eu sempre brinco que tinha da Brilhantina para amaciar os cabelos dos homens ao óleo Glostol para os cabelos das mulheres. Tinha tudo o que você pudesse imaginar. Da farmácia ao sapato Vulcabras, que era o sapato social da época. Sapato de couro chique. Então, tudo isso estava disponível.

Hoje eu tenho liberdade para vender o meu produto para quem eu quiser, mas eu não tenho quem me garanta o fornecimento do básico, daquilo que eu preciso para me manter no dia-a-dia. Se eu não tiver dinheiro, não tenho ninguém que me financie. Quando chegava a época da entressafra da produção de borracha, você tinha o barracão garantindo até retornar a produção. Hoje não temos isso.

Para garantir esse básico foi preciso substituir com outras atividades complementares, como a criação de pequenos animais e a agricultura. Antes a borracha garantia tudo isso. Hoje, mesmo tendo uma fábrica de preservativo em Xapuri (NATEX), isso

não está garantido, porque eles só compram no período da safra. Agora mesmo, com a intensidade das chuvas as pessoas ficam ao Deus dará. Porque não tem ninguém preocupado em garantir esse abastecimento do gênero de primeira necessidade, nesse período de entressafra.

Hoje tem uma cooperativa chamada Cooperacre, inclusive eu já vi discurso de pessoas da administração municipal de Xapuri endeusando essa cooperativa. Que de cooperativa só tem nome. Porque o conceito que eu tenho de cooperativa é que a mesma deve está preocupada com o bem estar de todos os associados, diferente de uma empresa privada. Cooperativa não é somente para comprar o produto final não. A cooperativa deve ter uma ambição bem ampla, para garantir o bem estar e trabalhar na busca desse bem estar. Exatamente o que não acontece.

No decorrer de toda essa história as entidades que foram construídas com muita dificuldade, com muito sacrifício pelos trabalhadores, com essa ascensão do Partido dos Trabalhadores foram destruídas. Os dirigentes, na maioria, foram cooptados. Estão todos lá, no ar condicionado. Com cargos comissionados e atrapalhando a reorganização dos trabalhadores.

E como essa compreensão não foi trabalhada no conjunto dos trabalhadores, fica difícil você afirmar para os seringueiros que o Raimundão (Raimundo Mendes de Barros, primo de Chico Mendes, ex-sindicalista, atualmente trabalha para o Governo do Acre) hoje não defende mais os interesses dos trabalhadores, que o Assis do Targino não está mais a serviço dos trabalhadores, e que o Daú, que é o presidente da Cooperfloresta, da cooperativa que negocia madeira, não está mais a serviço dos trabalhadores. Que ele está em uma cooperativa que tem como sócio o Senador Jorge Viana e o Jandir da empresa Laminados Triunfo (verificado no sitio da Receita Federal, não se observou o nome de Jorge Viana como sócio da empresa).

Daú não faz mais parte do meio dos trabalhadores. Está numa posição confortável. E por não ter características honestas, irá ceder para qualquer situação para garantir a permanência dele lá numa situação cômoda. Porque no fundo, no fundo, a missão dele é só presencial, para ilustrar. Quem decide são eles. Ele é só para assinar, para ilustrar, pois é uma pessoa que veio do meio, portanto os trabalhadores devem acreditar naquilo que estar sendo proposto, porque tem uma representação que veio do meio deles.

É uma situação muito complicada para que possamos fazer o discernimento na atualidade. Porque são pessoas que fazem discurso de sindicalista, ou seja, são lobos que estão

incrustados em pele de ovelha. Aí é muito difícil conseguir avançar no sentido organizacional. Por exemplo: eu vou lá na comunidade e faço toda uma discursão, aí eles vão atrás de mim e desfazem tudo, com muita facilidade, porque eles representam o governo, o governo tem o que oferecer, eu não tenho. A única coisa que eu posso oferecer é a informação, mais ninguém tá preocupado em receber informação, as pessoas estão preocupadas em ter solução para aquilo que eles tão vivendo no momento, então é uma situação extremamente difícil de ser resolvida.

Como na colocação Pimenteira não tem mais seringueiros eu indicaria o Viriato para você entrevistar, que é seringueiro, mas é puxa saco (risos). Eu te indicaria o Zé Gaudino. Mas você vai sabendo que ele é PT de carteirinha.

As pessoas não aprenderam que eu fui fundadora do Partido dos Trabalhadores no primeiro momento em 1981. Aliás, participei da primeira discussão que foi feita para fundar o PT no Acre, com o Lula e outras pessoas. Eu era única mulher na mesa, lá na Delegacia da CONTAG, com o João Maia e outras figuras. Um dia desses, encontrei o Pedro Castilho, que era o Presidente do Sindicato de Rio Branco, eu não sei se é qualidade ou se é defeito, mas acho que os bons amigos são aqueles que quando observam o erro, criticam.

Naquele dia, da história da audiência da ponte (referia-se ao dia que agendei a entrevista), aquele deputado Jonas Lima estava sentado do meu lado e o Manelão (Deputado Estadual Manoel Moraes, do PSB) do outro. Ele olhou para mim e disse assim: porque ela não tá no teu partido Manoel? Ele respondeu: porque ela não quer. Aí ele me perguntou: e porque mesmo você não quer ir para o partido dele? Eu disse: a questão é a seguinte, para mim a política e as pessoas são duas coisas distintas. Eu, enquanto cidadã, enquanto pessoa, eu não tenho nada contra o Manoel Moraes, agora, politicamente, o partido dele não corresponde às minhas expectativas, porque as minhas expectativas é de oposição constante, porque eu acredito que não pode ficar todo mundo do mesmo lado. Quando isso acontece não tem quem veja os erros, e erramos com a melhor das intenções, achando que dará certo. Se não tiver ninguém do lado de fora que observe para dizer, irão continuar errando. Por isso eu faço questão de está do lado oposto, para ajudar (risos) nessas situações.

Faz tempo que eu venho falando que a política que o governo vêm desenvolvendo ao longo desses anos e de extermínio da classe, da classe das populações tradicionais. Não porque vai eliminá-los matando, mais vai eliminá-los enquanto classe porque vai tirar o espaço dessas pessoas exercerem as suas atividades. Atividades que só elas sabem fazer.

As políticas estão encurralando essa população. E se eu não estou enganada em 1964, com o estatuto da terra, tivemos a garantia da conquista da posse da terra, mas esse direito está sendo retirado na atualidade a partir da política atual de desenvolvimento do Estado. Hoje tudo é concessão, e nessa história de concessão tem uma série de quesitos que se o cidadão não cumprir, propiciará margem para ser expulso da sua moradia. Então, se nada for feito no sentido de propor uma nova forma de desenvolvimento que garanta a continuidade, que respeite essas situações, eu tenho muita dúvida.

Na minha concepção, vamos ser extintos. Porque à medida que o uso do fogo está proibido para se fazer roçado, não poderemos usar o fogo e nem teremos alternativa, que nos garanta produção da agricultura de subsistência, que garanta nossa vida na floresta. Que sentido teria permanecer nas florestas? Na zona rural? Porque uma das coisas que nos faz ficar lá, é a certeza de que se trabalharmos não passaremos fome. Essa é a garantia essencial de se viver na zona rural. Porque outra vantagem não se tem. Levamos anos e anos e poucas pessoas são bem sucedidas. A maioria nasce, cresce, e permanece até o fim de seus dias naquele estágio.

Que se tem comida temos o essencial, e esse essencial está ameaçado quando não se disponibiliza alternativas. As políticas do governo para os pequenos representam só discurso. É só no lançamento. Se você entrar no entorno de Xapuri e perguntar onde foi que mecanizaram não encontrará nada. Não tem nada mecanizado. Onde foram construídos açudes para criar o peixe, não tem nada. Não tem açude nenhum construído, e isso é geral no Estado. A semana passada estive em Cruzeiro do Sul, inclusive participei do grito da terra de Cruzeiro do Sul, os trabalhadores rurais foram para a rua denunciar esse descaso da Secretaria de Produção.

JÚLIO BARBOSA DE AQUINO

Relato concedido em 19/01/2012 na residência do colaborador localizada na cidade de Xapuri/AC. Idade do colaborador: 57 anos.

Eu sou Júlio Barbosa de Aquino, nascido em Xapuri, no Seringal Cachoeira. Tenho 57 anos de idade. Com quatro anos meu pai mudou para Xapuri junto com minha mãe e meus irmãos. Morávamos aonde hoje é uma propriedade do Marcílio (um morador de Xapuri).

Nessa propriedade, a antiga Penha do senhor Deumar, foi onde eu e meu irmão mais velho tivemos a oportunidade de estudar um pouco.

Quando completava treze anos, tivemos que mudar mais uma vez para outro seringal pela dificuldade de meu pai, sozinho, sustentar muitos filhos trabalhando com minha mãe. Meu pai resolveu mudar para o seringal Palmari, no começo do ano de 1968. Ficamos no seringal Palmari até o final de 1978. Em janeiro de 1979 mudamos para o seringal Dois Irmãos aonde eu vivi até 1988, exatamente até o dia 22 de dezembro, dia em que aconteceu o assassinato de Chico Mendes. Nesse período no seringal para mim foi muito importante, pois tive a oportunidade de estudar e de aprender a trabalhar.

Eu aprendi a cortar seringa, aprendi a fazer todo o serviço que chamamos de serviço braçal, aprendi a fazer tudo. E, ao mesmo tempo, também comecei a me envolver no movimento sindical. Trabalhando como seringueiro fui reconhecido na região como um dos que mais produziu borracha. Ao mesmo tempo em que trabalhava na seringa, militava no movimento sindical.

Antes de entrar no movimento sindical, em 1978, eu passei a fazer parte das Comunidades Eclesiais de Base. A minha militância propriamente dita no movimento sindical foi nas Comunidades Eclesiais de Base. E logo em seguida, no mesmo ano de 78, eu me associei ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Em 1979 eu passei a fazer parte da organização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri lá na minha comunidade, que era uma comunidade do seringal Dois Irmãos. Até hoje eu tenho uma colocação no seringal Dois Irmãos, a colocação República.

Nós moramos primeiro na colocação Jacomeça, que hoje é de meu primo. Então, a minha militância do movimento social foi através das Comunidades de Base e através da organização do Sindicato nas bases. Começou em 1978/1979 esse processo, e foi extremamente importante porque começamos a nos organizar. Iniciamos como um grupo de evangelização, a primeira organização daquela comunidade, mas além da evangelização tínhamos a preocupação de trabalhar o processo de organização relacionado ao modelo de desenvolvimento da nossa região. O modelo existente estava extremamente equivocado.

Em 1972, quando começou de fato a chegada dos grandes pecuaristas vindo do sul, aqui para a nossa região, foi um momento extremamente difícil. Foi um momento onde, primeiro, não tínhamos sindicatos organizados, não tínhamos os seringueiros organizados, estávamos vivendo totalmente sobre a tutela dos patrões que tinham abandonado os seringais

falidos. Seringais que passaram a ser ocupados por outro tipo de organização, ocupados por aqueles que desejavam implantar suas fazendas.

Então, essa relação, esse primeiro momento, foi extremamente difícil. Lembro que de 1971 a 1974 não tinha Sindicato organizado e a única instituição que os seringueiros quando se sentiam ameaçados procuravam era a Prelazia. Na época não era nem Diocese, o bispo era o Dom Giocondo, não era nem Dom Moacir. Mais logo em seguida, em 1972, o bispo passou a ser Dom Moacir.

Dom Moacir veio para o Acre e começou a inserir um grande desafio, que era de fortalecer o movimento e a consciência dos seringueiros contra aqueles que iam transformar seringais em grandes fazendas de gado. Eu vivi esse processo, no início inserido no grupo de jovem da igreja, que em Xapuri, inclusive, tinha entre os participantes o ex-prefeito Vanderlei Viana, que era o grande militante do grupo de jovem. Ele resolveu tomar outros caminhos na sua vida e na sua concepção de luta, e nós continuamos lutando e se organizando partidariamente sobre outra concepção. Estou falando do início dos anos 80, que era a época em que Chico Mendes foi vereador em Xapuri.

Ele foi eleito pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB, e quando no restante do Brasil Lula começou a trabalhar a criação do Partido dos Trabalhadores, o Chico comandava, como vereador do MDB, a criação do PT aqui no Acre e em Xapuri. Eu fiz parte de todo esse processo. Além disso, eu passei a trabalhar na organização da delegacia sindical do Sindicato de Xapuri lá da comunidade Dois Irmãos.

Em 1981/82, nós começamos um movimento aqui em Xapuri que poucos se lembram, até porque têm poucos registros. Foi um movimento de oposição à Diretoria do Sindicato de Xapuri, que era dirigido por uma pessoa que na minha concepção não era um pelego, mas não tinha muito pulso para enfrentar a opressão, a truculência do sistema. Então nós criamos em 1980, após a morte do Wilson Pinheiro, o movimento chamado Oposição ao Sindicato de Xapuri.

Foi um movimento importante do qual eu, Raimundo Barros, Pedro Telles e outras pessoas nos inserimos direto nesse movimento. O objetivo era ganhar o Sindicato de Xapuri e dar uma nova direção, um novo direcionamento ao Sindicato. Porque naquele momento os seringueiros estavam tendo muitas derrotas relacionadas com aquilo que nós chamávamos de pressão dos pecuaristas, relacionado à necessidade que eles tinham de vê as áreas dos seringais desocupadas para poderem demarcar e derrubar. E a direção do nosso sindicato não tinha muito pulso naquela época, não tinha muito pulso para esse problema.

Então, nós criamos a oposição sindical. Criamos a oposição sindical e, graças a Deus, em 1982 conseguimos ganhar a direção do Sindicato. A nossa primeira direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri foi uma mulher. Na luta de organização da oposição uma mulher se destacou, essa mulher é a Dercy Teles que hoje é Presidente, novamente, do Sindicato. Hoje ela faz oposição a nós. Faz oposição, isso é interessante frisar, ao projeto do Governo do Estado, o projeto do PT.

Ganhamos o Sindicato e ficamos de 1982 a 1983 com a Dercy. Observo que foi uma eleição transitória porque ainda não tinha acabado o mandato de Luiz Damião. Fizemos uma pressão para mudar a direção do Sindicato. Quando terminou em 1983 o mandato de Dercy, fizemos uma votação definitiva e Chico Mendes foi eleito Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Na eleição de 1982 o Chico, que era vereador, foi candidato a deputado estadual pelo PT e perdeu a eleição. Por isso não concorreu a eleição do Sindicato em 1982.

O Chico foi candidato a deputado estadual em 1982 e perdeu. Então, nós começamos a trabalhar aqui em Xapuri e em 1983 o Chico foi candidato a Presidente do Sindicato e nós ganhamos a eleição. O Chico dirigiu o sindicato como Presidente de 1983 até 1988, foi um período de cinco anos que ele dirigiu o sindicato e, naquele momento, eu também fui eleito secretário do sindicato. Ele era Presidente e eu Secretário, foram cinco anos que ele foi Presidente do Sindicato.

Estou dizendo isso porque quando ganhamos a eleição, em 1983, fizemos duas coisas interessantes: reforçamos a luta de resistência contra o desmatamento em nossa região e começamos a construir uma proposta alternativa para um modelo de reforma agrária para nossa região. Isso foi extraordinário, foi aí que surgiu a ideia do debate sobre a questão da Reserva Extrativista.

O conceito da Reserva Extrativista veio ligado a outros dois componente importantes: 1º nós criamos, em 1983, um programa de educação voltada para os seringais e um programa de saúde voltado para os seringais. O programa de educação era o Projeto Seringueiro e o programa de saúde eu não lembro o nome, é o que hoje chamamos de agente de saúde. Naquela época um leigo treinado orientava a comunidade de como fazer os 1º socorros, de como receitar. O Chiquinho meu irmão, o Zé meu irmão, foram treinados. Não tinham formação profissional na área de saúde, mas essa turma era uma turma que trabalhava. Tinha uma farmácia para atender a demanda. Na época não tinha SUS, não tinha nada. Então

o Projeto Seringueiro e o programa de saúde são trabalhos que tinham uma vinculação direta com o Sindicato e com o Chico Mendes.

Com o debate sobre a proteção da floresta e sobre o conceito novo de reforma agrária, surge o debate da questão da Reserva Extrativista. Isso começou exatamente em 1985, com a realização do Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros. O encontro foi realizado no mês outubro, em Brasília, na UNB. Então, quando o 1º encontro nacional foi realizado, além de fazer uma avaliação geral e de fazer um debate sobre a problemática da Amazônia, se discutiu também o modelo de reforma agrária ideal pra nossa região: a Reserva Extrativista.

A reserva começou a ser discutida nesse período. De 1985 até 1988 nós começamos a aprofundar os debates para saber mais, para definir claramente esse conceito. Fizemos vários seminários, assembleias sindicais. E, ao mesmo tempo, discutíamos outra coisa interessante, o Sindicato fazia discussão sobre a Assembleia Nacional Constituinte. Aqui na assembleia do Sindicato de Xapuri discutíamos sobre a Assembleia Nacional Constituinte, especificamente sobre a importância de se colocar na Constituição, no capítulo da reforma agrária, a importância de tratar a Amazônia de forma diferenciada. Chico Mendes tinha esse pensamento na cabeça em 1987.

O Chico Mendes tinha a noção de que era preciso garantia jurídica. Esse debate hoje é o debate do Código Florestal. Naquela época o Chico já tinha claro essa importância, de ir buscar garantia jurídica. O tema da reforma agrária para Amazônia deveria ser garantido, ou seja, o tema da Reserva Extrativista deveria ser garantido dentro da Constituição Brasileira.

O Sindicato já teve e tem um simbolismo importante, o Sindicato está interligado com essa história do Chico Mendes. Então, isso foi o trabalho até 1988. Até 1988 eu considero que foi um momento bem diferente do que aconteceu de 1989 em diante. Porque até 1988, foram momentos de muita resistência, de muita luta e de muita elaboração sobre os desafios postos para a população, para o povo da região. O desafio era grande, tínhamos o enfrentamento da resistência propriamente dita. Depois da morte do Chico passamos para outro momento. Depois da morte do Chico tivemos a criação da primeira Reserva Extrativista, a Reserva Chico Mendes em 1989.

Nos anos de 1989 e 1990 criaram as Reservas Chico Mendes, a do alto Juruá no Município de Marechal Thaumaturgo, e a de Ouro Preto, na cidade de Guajará Mirim, Rondônia, e, ainda, a do Cajari no Estado do Amapá. Esses quatro primeiras reservas foram criadas depois da morte do Chico, porque a partir dali, com a repercussão da morte dele, a

grande maioria do mundo e da mídia começaram a perceber que alguma coisa estava errada no Brasil. Começaram a perceber isso, então foi criada a primeira Reserva Extrativista.

Estamos falando de um processo de vinte e dois anos atrás, dos anos de 1989 e 1990. Da criação das reservas extrativistas até agora o cenário real dessas comunidades mudou drasticamente. Antes o povo brigava exclusivamente para ter o direito de permanecer na terra. O seringueiro brigava violentamente para ter o direito de permanecer na sua colocação. Na medida em que o seringueiro conquistou esse direito, o segundo passo foi transformar aquele seu local de trabalho em um ambiente produtivo para garantir a melhoria de vida. Então esse foi o desafio depois da morte do Chico e depois da criação da primeira reserva.

Antes o seringueiro carregava o produto nas próprias costas, passou para um período de carregar no lombo de um burro, depois deixou de carregar no lombo de um burro para carregar numa caminhonete, em um caminhão. Então, o processo foi avançando porque as lutas foram crescendo. As necessidades e as reivindicações passaram a ser outras. Antes a reivindicação era pelo direito à terra, conquistamos a terra. Aí as reivindicações mudaram para o direito da valorização do produto. Nessa luta pela valorização do produto veio toda uma cadeia de tecnologias, de investimentos na infraestrutura, transporte, comunicação, e até de garantia de mercado para os produtos da floresta.

Antes era o barracão do seringalista, depois veio o marreteiro, depois a Cooperativa em parceria. As parcerias público-privado-comunitárias, que envolvem o poder público, que envolvem a Cooperativa, e que envolvem a iniciativa privada que é a consumidora que compra o que é produzido dentro da Reserva Extrativista.

Por isso é que você vê na Reserva Extrativista hoje, por exemplo, como um local onde o seringueiro não anda mais de pés, substituiu a mula pela moto ou pela bicicleta. A comunicação que antes era feita através de um bilhetezinho, agora você fala pelo telefone celular. Por exemplo, eu estou aqui em Xapuri, na colocação Dois Irmãos não tem ninguém hoje por causa da festa do 20 de Janeiro, mais se você ligar amanhã falará com uma pessoa lá, falará com o meu sobrinho.

Quando chegamos lá, em 1969, passávamos uma vez só por ano na cidade. Organizávamo-nos para uma vez só por ano vir até a cidade. Passávamos o ano inteiro planejando para vir no dia 20 de janeiro, para festa de São Sebastião. As pessoas ficam dizendo que a festa do São Sebastião está se acabando. Não está se acabando não, acontece que quem está morando no seringal hoje pode sair no dia 20 de manhã cedo para vir para a procissão. Naquela época não, eu tinha que sair no dia 18 para poder ter a garantia de, no dia

20, está aqui para assistir a procissão. Daí observávamos uma aglomeração na cidade, uma multidão de gente. Então, a realidade hoje é outra. É outra porque nesses últimos anos muitas políticas públicas foram investidas na nossa região. Por exemplo, o sistema habitacional do seringueiro tradicional era uma casa de paxiúba coberta de palha, fechada pela parte do quarto, na cozinha às vezes tinha uma parede, que pegava a parte do fogão. A casa era aberta.

Hoje todo mundo tem casa, e muitos deles tem casa igualzinha a essa onde estamos, casa de alvenaria, construída lá dentro do seringal. Então, durante esses vinte anos mudou completamente a qualidade de vida da população que mora dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes. Na medida em que muda a qualidade de vida da população, a sua condição de vida, muda também a concepção das pessoas, eles começam vê a zona rural em outra lógica, em outro formato, em outro desenho.

O sistema de comunicação que era através do rádio, através da mensagem via rádio, passou a não ser mais importante. Porque eu estou lá em Rio Branco e ligo para o meu peão, que esta lá na colocação, falo com ele pelo telefone a hora que quero. É muito melhor do que eu passar mensagem pelo rádio. Então, essas mudanças todas aconteceram nesse período de vinte anos. Eu diria pra encerrar esse momento: tivemos uma fase até a morte do Chico, uma fase extremamente difícil, foi tão difícil ao ponto que ele foi assassinado. E tivemos uma fase depois da morte dele, nesses últimos vinte anos. Ainda não conquistamos a metade daquilo que nós sonhamos mas a realidade da vida da população de hoje é completamente diferente, a qualidade de vida da população de hoje, em relação a vinte e cinco anos atrás, é uma realidade extremamente diferente.

Eu queria lembrar aqui uma coisa: como eu comecei a cortar seringa e fui morar no seringal, até hoje não me arrependo. Para mim a coisa mais gostosa, a coisa mais gratificante que meu pai fez foi levar toda a família para o seringal, para cortar seringa. Porque eu estudei aqui em Xapuri. Eu fiz parte de uma turma que admiro, a turma do Andrias Sarkis (xapuriense, foi superintendente do Banco da Amazônia no Acre) e de outras pessoas que têm minha idade, que são mais velhos que você. Minha reflexão sobre está estudando na cidade e ter que ir trabalhar no seringal, trabalhar e aprender a cortar seringa e, ao mesmo tempo, me inserir no movimento social, para mim foi extremamente gratificante.

Então, quando eu faço essa comparação daquela época em que fui seringueiro por 20 anos, fui dirigente sindical por 20 anos, mais também fui Prefeito de Xapuri, fico pensando nos colegas de sala de aula como o Pingo Sarkis, o Andrias Sarkis, que estudaram comigo aqui em Xapuri e foram administrar banco. Eu e eles fizemos parte de história de um

Município, então isso me gratifica muito, não sou doutor, não tenho mestrado, pretendo um dia também ter meu mestrado.

Tivemos esse processo todo e temos hoje uma situação, uma realidade, que é a realidade aonde você não vê muita diferença e nem muita contradição entre os que estão na zona rural com aqueles que estão na cidade, eu acho que isso se deve às conquistas que a gente teve nessa história de Chico Mendes, de 1988 para cá. A morte de Chico foi um divisor de águas, diminuiu a diferença extremamente profunda entre aqueles da zona rural, do seringal, e aqueles da cidade. Com esses vinte anos modificou muito, então, hoje, a integração entre quem é da cidade e quem é da zona rural é uma coisa muito forte, é muito integrado. É isso aí que eu queria colocar dentro desse processo todo, da minha interpretação.

Qual sua opinião sobre as ONG's ambientalistas ?

Sobre as ONG's existem duas teses. E eu acho que nem uma tese nem outra estão erradas. Nem a tese da contribuição das ONG's, nem a tese que as ONG's utilizaram os trabalhadores de Xapuri para seus propósitos. Aconteceram as duas coisas. Eu não sei como é que você vai poder sintetizar isso, como vai ficar depois, mais eu vou tentar vê se eu consigo esclarecer essa questão. Primeiro, e isso eu não falei na minha explanação inicial, em 1985 nós realizamos o Primeiro Encontro Nacional do Conselho Nacional dos Seringueiros e a partir daí, em 1986 e 1987 foram anos para nós aqui em Xapuri muito tensos. Então, em 1986 começou no eixo Rio-São Paulo e Rio Grande do Sul o chamado movimento ecologista. Eles criaram até um movimento chamado Salve a Amazônia. Nesse movimento tinha o Ministro Carlos Minc, o Alfredo Sirkis, o Fernando Gabeira e uma turma de São Paulo, ligada a USP de Piracicaba. Também uma turma ligada à Universidade Federal de Rio Grande do sul.

Essa turma criou o movimento ecologista. Mas esse movimento não foi criado vinculado ao movimento do Acre. É interessante recapitular e relatar sobre isso. Foi o seguinte: o Chico Mendes fazia a luta aqui em Xapuri, mas o Chico saía daqui de Xapuri onde era Presidente do Sindicato e também discutia lá em Brasília. Ia discutir em Sena Madureira, em Feijó, em Tarauacá. Ele foi até para Cruzeiro do Sul e Boca do Acre no Amazonas, para colocar a discussão sobre a necessidade de organização e resistência dos seringueiros contra o desmatamento da floresta. O Chico tinha essa questão.

Quando começou aquela discussão lá do movimento dos ecologistas no eixo Rio São Paulo e no Rio Grande do Sul, o que é que o Chico percebeu? Ele percebeu que aquele movimento poderia ser um grande aliado nosso, e isso é interessante lembrar, ele viu que eles poderiam ser um grande aliado da luta dos seringueiros aqui. Porque ele percebia que essa

luta aqui era um luta muito desigual, isso porque o governo, a justiça, todo mundo estava do lado dos pecuaristas, então era lutar, lutar, lutar, lutar e sempre perder.

Nós perdemos muitas guerras, perdemos muitas lutas para a fazenda Bordon, perdemos contra a fazenda Nova Esperança, perdemos lá no seringal Cachoeira, no Equador, ali naquela região toda, porque éramos muito sufocados pela justiça sempre ao lado dos fazendeiros. Na hora de tomar uma decisão, tomavam a decisão para o lado deles. Foi quando o Chico começou a vê que era importante procurar esse movimento que estava acontecendo no Rio de Janeiro, em São Paulo, para buscar apoio, e foi isso o que ele fez.

É por isso que quando se olha os escritos, os noticiários, as revistas, observamos que teve um período em que Chico Mendes começou a viajar. O Chico foi para Washington e isso foi a primeira coisa, foi o primeiro impacto grande, positivo, que aconteceu. Em 1987 ele participou da assembleia anual do BID, eu participei em 1989, já sem a menor dificuldade, como dirigente do Sindicato de Xapuri. Eu participei de uma assembleia do BID em Amsterdam. O Chico, para conseguir participar em 1987, para ele entrar lá, só conseguiu entrar porque o Steven Swartz, um dirigente de uma ONG ambientalista americana, conseguiu colocar no Chico um crachá de jornalista. Ele não entrou com um crachá de dirigente sindical não, ele entrou com um crachá de jornalista. Ele entrou para entrevistar, e quando ele entrou para entrevistar, ele levou uma carta onde denunciava as atrocidades que estavam acontecendo no Brasil com financiamentos do BID e do Banco Mundial, que era a pavimentação da BR-364. Por isso que a pavimentação da BR-364 de Rio Branco para frente só foi viabilizada depois que o Jorge Viana ganhou o governo.

A BR-364 não conseguiu andar por causa disto, e foi Chico que conseguiu fazer essa denúncia e, a partir da denúncia dele, não durou uma semana e os bancos suspenderam todos os contratos que tinham com o governo brasileiro para fazer esses investimentos na região da Amazônia. Então, aquilo ali foi o primeiro evento. Então, a imprensa começou a bater forte e o Chico, com apoio do Steven Swartz, começou a construir esta aliança com as ONG's ambientalistas. O Chico do Acre, com o apoio da Mary Alegretti do IEA de Curitiba, começou a ser convidado para fazer debates em várias universidades. Eu estou dizendo isto para afirmar que, naquele momento, o movimento ecologista e os ambientalistas desempenharam um papel extremamente importante por tudo isso que está acontecendo não só em Xapuri, ou no Acre, mais na Amazônia inteira.

No segundo momento, após a morte do Chico, muitos ecologistas e outras não extremamente comprometidos com a causa começaram também a se envolver, começaram a

querer inserir propostas, começaram a querer participar de um processo. E isso levou a uma situação que, inclusive, um determinado momento o movimento se dividiu. Então, isso foi extremamente grave, não podemos dizer que o movimento ambientalista não quis se aproveitar de uma situação de Xapuri, quis sim. E querendo se aproveitar só atrapalhou, não ajudou em nada. No primeiro momento o movimento ambientalista foi extremamente útil para chegarmos aonde chegamos. Essa é uma situação posta.

Os livros, vou agora falar de literatura, muitos livros foram escritos que falam sobre a nossa luta. Alguns falam indiretamente o que o Chico Mendes fez, outros falam diretamente. Muitos livros não tem nada a ver com a realidade. Veja: se nós pegarmos o filme que foi feito de Chico Mendes não tem nada a ver com o que aconteceu. Eu assistir o filme por muitas vezes, e em nenhum momento eu consegui identificar aquilo que de fato era a luta do Chico Mendes.

As escolas hoje possuem uma importância muito grande na floresta, porém na minha avaliação o processo praticado possui uma ausência de conectividade com a realidade. Porque eu estou dizendo isso? Porque a educação sempre foi uma bandeira do sindicato de Xapuri desde 1982. Quando nós ganhamos o Sindicato implantamos um programa de educação para tirar o seringueiro do analfabetismo que ele era submetido. No entanto, a educação que nós pensávamos, e que pensamos até hoje, deve está integrada. No caso dos extrativistas tem que está integrada com o modo de vida das comunidades.

Uma educação que tenha um vínculo muito forte com o processo organizacional comunitário. Se não tiver, você forma um jovem, faz um ensino fundamental, faz o ensino médio, faz a faculdade, e não adianta nada. Tem muito jovem que já concluiu faculdade e que mora na reserva, mais a gente observa que a cabeça não está aberta para um entendimento melhor do que significa aquele projeto. Isso falta, e nesses treze anos, entrando para os catorze de governo da florestania, do projeto da florestania do Acre, nós temos esse desafio que é muito grande. Não podemos esperar muito tempo, acho que o movimento social como um todo passou a ser confundido demais com o papel das políticas públicas do governo.

É por isso que estamos vendo, por exemplo, nosso sindicalismo cada dia se fragilizando mais. Porque na medida em que fazem investimento direto nas comunidades, esses investimentos não vêm acompanhados de uma concepção de que aquilo tudo é resultado de uma história de lutas. Fragiliza o sindicalismo e todo movimento social. A tendência é que a política como um todo também seja fragilizada. Conseguimos chegar num conceito numérico: aumentar o número de escolas nas comunidades. Mais há ausência de qualidade na

formação política desse povo. Então, eu acho que para nós que somos governo, de concepção progressista, eu acho que qualquer ação deveria ser instrumento fundamental para fortalecer cada vez mais o movimento social. Fortalecer o movimento social significa o que? Significa ter sindicato forte, associações fortes.

Hoje existe uma demanda para as lideranças sindicais ocuparem cargo no governo. Chega ao governo uma demanda para as lideranças ocuparem cargo no governo. Eu estou falando da própria casa, pois minha esposa é da equipe do governo. O sindicalista Raimundo Barros que tem uma história no Sindicato também é do governo, está no governo há cinco anos, a partir de uma demanda apresentada pelo próprio movimento. Essas lideranças vão ocupar cargos importantes dentro do governo e o espaço por eles ocupados ficam vagos. Isso é extremamente ruim, porque estamos avançando na educação, mas estamos com fragilidade de quem produza a organização nas comunidades.

Os seringueiros mais velhos ainda contam para as crianças as histórias das lendas da floresta como o Mapinguari?

A tradição de contar histórias não parou nos seringais, isso é uma cultura muito tradicional. Ou seja, contar história, esperar (caçar), etc. A vida cotidiana na floresta não mudou. Isso não mudou, o que mudou, na minha avaliação, foi a qualidade de vida das populações a partir da renda. A renda aumentou bastante, a comunicação também, ninguém vive isolado como vivia antes. Hoje, por exemplo, se você me perguntar se ainda existe gente que adoce no seringal e que é transportado em rede diria que ainda existe. Só que é muito pouco.

Se você me perguntar se ainda existem mães de família, mulheres, que chegam a morrer de parto nos seringais. Do meu conhecimento não existe mais, às vezes elas morrem de parto aqui na cidade, por negligência médica, mas no seringal não morrem. Mas antes, acontecia muito isso. A própria mãe do Chico Mendes morreu de parto no seringal. Então essa realidade mudou completamente. Agora a tradição, a cultura da população, isso não mudou.

A cultura de esperar, das festas, dos compadres, aquelas coisas. O adjunto, que a gente chama de mutirão continua até hoje. Essa tradição, essa cultura é muito mais. Para quem mora no seringal esse negócio do adjunto, esse negócio da festa de São João, da festa de Santo Antônio, da festa de São Pedro. Isso é uma tradição que não vai acabar tão fácil.

Perguntado se devo chamá-los de seringueiros, respondeu:

Você pode chamá-los de seringueiros. É seringueiro mesmo, não vá chamá-los nem de extrativistas. Chame-os de seringueiros.

3.1 Mudanças nos modos de viver

Como já se anunciou em outros momentos, este capítulo tem por proposta básica identificar e problematizar as principais mudanças acontecidas após 1988 no viver dos seringueiros de Xapuri/AC (algumas já sinalizadas no capítulo anterior). De outro lado, também procura mostrar a intensificação dos processos de modernização na floresta no período acima apontado, o que o ele causou e, ainda suscita, como também as maneiras pelas quais os seringueiros passaram a lidar com as novas possibilidades que se estabeleceram. Modernidade que, muitas vezes, sobrepõe-se à cultura local, em detrimento da autonomia dos próprios sujeitos, na forma de esmagamento de usos e costumes.

Para refletir sobre algumas dessas questões é fundamental apropriar-se do diálogo e dos relatos coletados na floresta, como principal ponto de partida. A partir deles, definiu-se que os elementos chaves foram a chegada da energia elétrica; a pavimentação dos “varadouros”, então transformados em ramais trafegáveis no verão, encurtando as distâncias; as melhorias na oferta de educação, e a chegada da televisão na comunidade.

Logicamente, esses novos elementos, postos à disposição de uma comunidade, conduzem a mudanças e transformações. Ressalte-se que esse conjunto de aparatos, ditos “modernos”, estão fortemente relacionadas ao conjunto de investimentos realizados pelo “Governo da Floresta”. Por isso mesmo o diálogo com as vozes seringueiras indicou que no período pesquisado (1988-2012) as modificações mais significativas, nos modos de vida desses sujeitos sociais, aconteceram a partir do ano de 2000. Entretanto, mesmo com essa constatação, não se deve perder de vista que as bases para tais modificações iniciaram-se a partir da morte de Chico Mendes (e mesmo antes).

Ao abrir a escala de observação descobre-se que alguns dos pilares que viabilizaram muitas das mudanças são realmente anteriores e, ainda, que outros elementos estavam (e ainda estão) presentes no contexto. Um bom exemplo dessa afirmação relaciona-se com os financiadores da maioria dos investimentos realizados pelo “Governo da Florestania”, ou seja, o Banco Mundial e outras organizações multilaterais de crédito. Tudo realizado com o apoio de grandes ONG’s ambientalistas.

Desse modo, antes de colocar em relevo as mudanças percebidas nos modos de vida, apresenta-se uma primeira aproximação sobre o contexto maior que as envolveu, para, no capítulo seguinte, detalhar possíveis riscos que podem se esconder por trás de todo o processo.

Como já sinalizado, com a chegada da “Frente Popular do Acre”, ao poder estadual, iniciou-se nas terras do “Aquiry” a disseminação de um discurso desenvolvimentista, adjetivado de “sustentável”. As falas apontavam como saída para o desenvolvimento estadual o aproveitamento “racional da única vantagem comparativa que o Acre possuía: sua floresta”. Coincidentemente (ou não), discurso semelhante também era encontrado em documentos e recomendações apresentados, no período, por organizações como o Banco Mundial/Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e por ONG’s ditas ambientalistas. Os mesmos que, como já mencionado, tornar-se-iam os principais apoiadores e financiadores do governo que se elegeu em 1998. Foi assim que no Acre, principalmente pós 1999, uma palavra se tornou chave: floresta. Tudo passou a girar em torno da “florestania” e, nesse bojo, a imagem de Chico Mendes foi “usada e abusada”⁴⁶.

Analisando o Plano de Governo da Frente Popular do Acre (1999-2002), intitulado “A vida vai melhorar” (primeiro governo Jorge Viana), verifica-se, de forma explícita, a afirmação anterior, ou seja, o compromisso de que o Acre deveria se desenvolver a partir da exploração “racional e sustentável” de seus recursos naturais, sendo este o meio para “fazer crescer a produção, criar emprego e gerar renda”. Neste documento (ACRE, 1998), fica também evidente que deveria acontecer uma espécie de reestruturação da economia, em torno do “agroextrativismo” e da “agroindústria”. Para isso, seria necessário “modernizar” e diversificar as atividades extrativistas tradicionais (modernização conceituada como “neoextrativismo”), além de desenvolver uma agricultura baseada em “sistemas agroflorestais” de frutas e essências.

Assim, o plano de Governo do Acre “A vida vai melhorar” deixava claro o alinhamento do discurso oficial com o das grandes agências, bancos e ONG’s internacionais. Nele, também, verifica-se a priorização do “manejo sustentado de madeira” como atividade econômica principal, atividade que deveria ser incentivada (entre as demais), inclusive em áreas extrativistas protegidas, com a presença de seringueiros (PAE Cachoeira e Reserva Extrativista Chico Mendes, no caso de Xapuri/AC).

Uma conclusão possível é, portanto, que o “Governo da Floresta” soube, com bastante habilidade, reproduzir, em nível local, um discurso criado externamente que adjetivava o desenvolvimento (“sustentável”) e que tinha como lema: “*use it or lose it*” (use-o ou perca-o). Em outras palavras, para preservar os recursos biológicos da floresta a alternativa

⁴⁶ Sobre isso, ver mais no artigo “Usos e abusos da imagem de Chico Mendes na legitimação da economia verde”, no Dossiê Acre (2012).

seria utilizá-los comercialmente, incluindo-os em processos produtivos. O mesmo entendimento é destacado no trabalho de Schmidlerhner (2012).

Ressalte-se, ainda, que a “nova” onda “modernizante” também se fazia presente nos processos de gestão pública. O governo acreano apontava que precisaria de “eficiência e eficácia” para o atingimento de seus objetivos e, juntamente com outras ações da “florestania”, iniciava, em 1999, a implantação de ferramentas ditas “modernas” em seus processos de gestão. Ferramentas geralmente utilizadas na iniciativa privada. Para isso, foi necessário criar toda uma estrutura legal (legislação) e administrativa.

Foi a partir de então que o manejo “sustentado” de madeira começou a ser priorizado e incentivado. Entretanto, existia um risco elevado de os seringueiros não aceitarem tal proposta (seringueiros que possuíam um passado recente de lutas intensas em defesa da “floresta em pé” - como visto no capítulo 1). Dessa maneira, talvez visando eliminar esse possível risco, muitas das evidências coletadas nessa pesquisa mostraram que o discurso oficial procurou massificar uma ideia (principalmente através de uma rede de comunicação estadual criada no período - a Rede Aldeia de Comunicações) de que as políticas do “Governo da Floresta” (com destaque para o manejo madeireiro) estavam alinhadas aos sonhos de Chico Mendes (massificar entre os seringueiros e também entre a população em geral). Outra estratégia foi “convidar” muitas das antigas lideranças do “movimento dos seringueiros” para trabalhar no governo, transformando-as em assessores. No fragmento do relato de Júlio Barbosa de Aquino, apresentado abaixo, pode-se constatar a afirmação.

Chega ao governo uma demanda para as lideranças ocuparem cargo no governo. Eu estou falando da própria casa, pois minha esposa é da equipe do governo. O sindicalista Raimundo Barros que tem uma história no Sindicato também é do governo, está no governo há cinco anos, a partir de uma demanda apresentada pelo próprio movimento. Essas lideranças vão ocupar cargos importantes dentro do governo e o espaço por eles ocupados fica vago. Isso é extremamente ruim, porque estamos avançando na educação, mas estamos com fragilidade de quem produza a organização nas comunidades [grifo nosso].

Observa-se no Acre, a partir de então, um esforço grande visando impregnar “nos corações e mentes acreanas” que “eles” (governantes) eram os seguidores de Chico Mendes e estavam (ou afirmavam estar) realizando o que Mendes um dia sonhou em ações concretas. A fala de Anibal Diniz, Assessor de Comunicação do Governador, na época, é bastante esclarecedora a respeito dessa afirmação.

Quando a gente fez essa opção pela floresta, a gente identificou que precisava dar uma atenção muito especial ao meio radiofônico de comunicação. Isso porque nós precisávamos levar às localidades mais distantes as informações alusivas ao Governo e também a multiplicação desse conhecimento próprio dos povos da floresta. E essa preocupação se fez de cara quando a gente percebeu que a Rádio Difusora Acreana era o nosso principal veículo de comunicação, mas era um instrumento pouco potencializado. Quando nós assumimos o Governo a Rádio Difusora Acreana funcionava com um quilo de potência, o que é muito pouco para uma rádio AM que pretende chegar ao Estado todo. A gente fez, então, imediatamente, uma solicitação ao Ministério das Comunicações, elevando a capacidade da rádio para dez quilos de potência. Eu creio que essa foi uma das providências mais importantes tomadas naquele momento. Passado algum tempo a gente percebeu que a audiência da Difusora era muito forte na Zona Rural e que nós tínhamos um vácuo muito grande em relação ao público da área urbana, que ouvia menos a Difusora e ficava mais ligado às FMs comerciais. E aí a gente fez um projeto para implantação de uma rádio educativa em Rio Branco. Mas depois a gente percebeu que vários outros Municípios também tinham essa carência, que não tinham nenhum veículo de comunicação para suprir as suas necessidades básicas, como, por exemplo, para veicular uma campanha de vacinação etc. Com base nisso, a gente fez uma argumentação muito forte para o Ministério das Comunicações e eles nos deram uma concessão especial para a gente abrir seis rádios FMs no interior do Estado. E aí veio, num segundo momento, a dificuldade na elaboração a programação, porque, sendo educativa, nós tínhamos que elaborar essa programação levando em conta a qualidade, com preocupação cidadã, com a linguagem, com o conteúdo, onde não poderia entrar o sensacionalismo das rádios comerciais. E culminou também que a gente resolveu fazer uma programação em rede, onde todas as seis rádios FMs, em Cruzeiro do Sul, Rio Branco, Tarauacá, Sena Madureira, Xapuri e Brasiléia veiculam uma única programação, via satélite, a partir da capital. Quando nós assumimos o governo, em Cruzeiro do Sul, que é a segunda cidade do estado, e uma das mais distantes da capital, nós tínhamos uma programação de televisão que só recebia sinais gerados no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Amazonas. E hoje nós temos a TV Aldeia, que é outro projeto desenvolvido no nosso Governo, que agora chega a todos os Municípios, levando a programação gerada em Rio Branco. Em toda a programação, a ênfase é o jornalismo e os serviços. Quando a gente vai discutir sobre pauta procura-se estabelecer a busca por uma notícia que contribua para a melhoria da qualidade da vida das pessoas. E nas coberturas todas, a gente optou por não trabalhar com noticiário policial, porque temos o entendimento que isso, de certa forma, contribui para realçar o estado de espírito negativo das pessoas. A gente procura trabalhar sempre com boas notícias, com notícias elevadas. E tomando sempre o cuidado para não criar estados mentais alterados, de sensacionalismo, como se o mundo estivesse acabando. Não, nada disso. Quando se tem um problema a tratar, procura-se tratá-lo de maneira bem serena, dando a devida importância aos personagens envolvidos, mas nunca partindo para a tentativa de qualquer tipo de destruição. A ideia é, permanentemente, construir. **Nós construímos um sistema de radiodifusão e televisão públicas no Acre, realmente, a serviço da ideia da florestania. A gente construiu essa rede com esse foco. Era preciso fazer isso.** Inclusive porque havia uma mentalidade muito arraigada de que a cultura da floresta não era cultura. Aliás, se falava muito por aqui que cultura são somente as manifestações artísticas ou o conhecimento adquirido na academia. E os veículos de comunicação que estão hoje a serviço do Governo da Floresta têm sido instigados a trabalhar fortemente com a ideia de que a cultura é tudo aquilo que faz parte do modo de vida, do modo de agir diante de situações de um determinado povo. A gente tem procurado fazer com que o caldo de cultura que perpassa o povo acreano seja visto como a cultura da florestania. E a gente tem colocado, sim, os nossos veículos de comunicação a serviço dessa ideia. Educação, comunicação e cultura a serviço da florestania. (Fonte: MOURA PINHEIRO, 2009). [grifo nosso].

Utilizando as próprias palavras do assessor, poder-se-ia afirmar que a ideia central estava na construção de “um sistema de radiodifusão e televisão públicas no Acre, realmente a serviço da ideia da florestania”. Ou seja, era necessário controlar as mentes e o discurso e, neste sentido, a criação de uma rede de comunicação que veiculasse uma única programação, via satélite, a partir da capital tornava-se primordial. A ação remete ao que escreveu Van Dijk (2010, p.43) quando afirmou que “[...] uma condição importante para o exercício do controle social por meio do discurso é o controle do discurso e a sua própria produção”.

Uma análise crítica do recorte do relato apresentado conduz também a apreender que os veículos de comunicação oficiais do “Governo da Floresta” passaram a divulgar um discurso único, com mensagens de otimismo e notícias “positivas”. Iniciativa que se tornou fundamental para a implantação da ideologia do “desenvolvimento sustentável” no Acre. Ideologia como proposta de um tipo de sociedade. Uma sociedade cuja única opção para se desenvolver seria a utilização da floresta em bases mercadológicas.

Sobre todo arcabouço legal criado e apontado, anteriormente, e que também comprova a priorização do manejo madeireiro como atividade a ser incentivada, pode-se citar a Lei nº 1.420, aprovada em 2001, na Assembleia Legislativa do Estado do Acre (ver anexo). Esta Lei, a partir de sua entrada em vigor, autorizou o “Governo da Floresta” a contratar empréstimos com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a realização do seu programa de desenvolvimento, cujo eixo fundamental centrava-se, exatamente, na atividade madeireira: o “Programa de Desenvolvimento Sustentável do Acre” (Projeto BID BR 0313).

Mas deve-se salientar que as influências e apoios (inclusive financeiro) de agências multilaterais e organizações defensoras do tal “desenvolvimento sustentável”, em terras acreanas, não se iniciaram com a chegada ao poder estadual do “Governo da Floresta”. O movimento já se fazia presente desde o assassinato de Chico Mendes (para a colaboradora Dercy Teles, desde antes)⁴⁷. Por isso mesmo, é possível inferir que a “Frente Popular do Acre”, quando assumiu o poder estadual, em 1999, já encontrou uma base instituída na esfera da sociedade civil. Base de legitimação do mercado como orientador de suas políticas e estratégias.

⁴⁷ Segundo Dercy, desde 1985, por ocasião da criação do CNS, as ONG's ambientalistas já influenciavam o movimento social no Acre. Inclusive, no entender da mesma, a intermediação de recursos financeiros externos por essas organizações não governamentais pode ser considerada variável estratégica para a “fragmentação da organização dos seringueiros”. Em seu relato afirmou que foi isso que a motivou sair do “movimento”.

No Acre (como em toda Amazônia Brasileira), as políticas neoliberais, no período, buscavam, entre outras questões, uma estruturação de novas formas de disciplinar o território. Isso pode ser comprovado, por exemplo, na leitura de documentos relacionados com o Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais (PPG-7), programa implementado no Brasil a partir da “RIO 92”. Nessas fontes é possível encontrar, além de outras questões, abundantes ofertas de linhas de financiamentos dirigidas para as reservas extrativistas da região.

Observa-se que o PPG-7 tratou de uma iniciativa conjunta dos sete países mais industrializados da época (G-7), Países Baixos, Banco Mundial e do Governo do Brasil, cujo intento era conciliar o desenvolvimento econômico “sustentável” com a conservação das Florestas Tropicais⁴⁸.

Dessa maneira, nesse trabalho defende-se que a “Frente Popular do Acre”, quando chegou ao Governo Estadual e implantou o discurso da “florestania”, na verdade, orientou a política pública acreana para uma espécie de “esverdeamento da economia”. E, nesse processo, passou a adotar o receituário neoliberal que estava posto. Qualquer problematização sobre mudanças no viver dos seringueiros da região, nesse período, devem necessariamente considerar essas relações (maiores detalhes no capítulo 4).

3.1.1 Os seringueiros em movimento: mudanças recentes nos modos de viver

Os relatos concedidos, bem como as vivências durante o trabalho de campo, propiciaram oportunidades para perceber importantes modificações no viver dos seringueiros nas últimas décadas. Algumas delas, conforme relataram, melhoraram suas vidas no interior da mata. Outras, nem tanto.

Ficou evidente, por exemplo, o sumiço de algumas “tradições” (o gosto pelo “forró” foi substituído pela “música sertaneja”) como também observou-se algumas permanências (a prática do adjunto, ou ajuda mútua entre os seringueiros para a realização de alguma tarefa). Portanto, pode-se afirmar que após a morte de Chico Mendes os seringueiros continuaram em movimento como sempre fizeram (com importantes mudanças a partir do “Governo da Floresta”).

⁴⁸ De acordo com De Antoni (2010, p.299) “... o PPG -7 foi lançado para reduzir a taxa de desmatamento na Amazônia. Na Cimeira de Houston, em 1990, o G-7 lançou o programa que foi acolhido favoravelmente pelo Brasil”.

A memória dos colaboradores entrevistados reconstituiu, com riqueza de detalhes, as principais modificações acontecidas em suas vidas. Uma importante foi o rompimento com o isolamento que até então as famílias seringueiras eram submetidas, como muito bem ilustra o relato já apresentado de Raimundo Souza Nascimento, morador da Resex Chico Mendes. Raimundo, com ares de contentamento, devido à melhora de sua situação nos últimos anos, relembrou das dificuldades que tinha para chegar até à cidade “na época do varadouro”. A voz deste seringueiro deixa bastante claro como era difícil sua vida quando tinha que caminhar “no meio dos igarapés” mais de doze horas na mata, até a cidade de Xapuri. Essa voz também sinaliza para novos desejos a partir do encurtamento das distâncias: “não tenho meu transporte próprio, meu mesmo”.

Da mesma forma que Raimundo, o isolamento e as dificuldades experimentadas antes das “melhorias no varadouro” são reconstituídas pelo seringueiro José Ribamar da Silva Batista da colocação Maloca Queimada, localizada na Resex Chico Mendes. Ribamar, com uma descontração bastante peculiar e gestos significativos, concedeu sua entrevista sem camisa e permaneceu assim até o final. Embaixo de uma laranjeira, em frente de sua casa, concedeu sua fala desviando o olhar, ora para a esposa que apareceria na janela, ora para uma moto qualquer que passava no ramal poeirento. Relatou sobre como era viver na Reserva Extrativista antes do ramal chegar. Falou também das dificuldades que as pessoas possuíam quando a doença aparecia e, ainda, das muitas vezes que foi obrigado a “tirar o pessoal (doente) em riba de uma rede”. Para ele, tudo era “muito difícil, difícil, difícil”.

As falas de Raimundo Nascimento e José Ribamar, como a de muitos outros colaboradores da pesquisa (ver nos anexos outros relatos completos), evidenciaram que no interior das matas xapurienses, antes dos anos de 2000, os seringueiros viviam dificuldades significativas provocadas pelo isolamento. As idas para a cidade exigiam esforços muitas vezes extraordinários, principalmente pelas longas caminhadas na mata. Dificuldade minimizada para uma parte deles, principalmente a partir da inauguração da fábrica de preservativos NATEX, um dos investimentos do “Governo da Florestania” na região de Xapuri.

O Governo do Estado, algumas vezes em parceria com a Prefeitura Municipal, após a instalação desse empreendimento, passou a realizar, anualmente, trabalhos de abertura e manutenção de ramais na região, conforme relataram os seringueiros. Principalmente naqueles “varadouros” onde existia uma maior concentração de fornecedores do látex para a fábrica. Afinal, era necessário fazer a matéria-prima chegar à porta da unidade de produção

com qualidade. Fábrica essa muitas vezes destacada como outro sucesso no discurso da “florestania”. As figuras apresentadas a seguir ilustram o transporte do látex.

Figura 37 - Carro da NATEX coletando o látex no Ponto de Recolhimento (PR)

Fonte: Arquivo pessoal de Cesar Doto/Ex- diretor da Fundação de Tecnologia do Acre/FUNTAC

Figura 38 - Caminhão da SEAPROF coletando o látex para a NATEX no PR – Ponto de Recolhimento

Fonte: Arquivo pessoal de Cesar Doto/Ex-diretor da Fundação de Tecnologia do Acre/FUNTAC

Observa-se que antes das melhorias nos ramais, o caminhar pelas trilhas na mata (pelos “varadouros”) era medido não em quilômetros, mas em horas de andanças. Na verdade, pelo observado “no mato”, todo o tempo era mensurado pela natureza e em ligação direta com os afazeres diários (tempo das chuvas, da estiagem, da coleta de castanha, do corte da seringa, tempo de “brocar” as estradas). Tempo esse, de certa forma, sincronizado com valores que no momento presente (2012) estão em transformação. Afinal, as distâncias foram diminuídas e agora, em “duas horas, é possível ir até Xapuri e retornar, de moto”. Não a toa o seringueiro Raimundo Nascimento sonha em adquirir seu “transporte próprio”.

Maria Luciana, uma seringueira residente no PAE Cachoeira, a mesma que quando foi informada que gravaria em vídeo sua fala solicitou um tempo para “se arrumar”, também lembrou em seu relato como fazia para se locomover na floresta há dez anos e como faz agora. Segundo ela, antes, “era só de cavalo ou a pé. Agora, você pode andar de moto e até de carro”.

Do relato do colaborador Júlio Barbosa de Aquino, apresentado de forma completa, no início desse capítulo, também é possível coletar fartas evidências sobre a questão do isolamento que os seringueiros eram submetidos, bem como sobre as mudanças que se processaram (“na Reserva Extrativista hoje o seringueiro não anda mais de pés, substituiu a mula pela moto ou pela bicicleta”). Também se percebe nessa fala outras modificações importantes trazidas pela “modernidade florestânica”. Mudanças que segundo o colaborador melhoraram “completamente a qualidade de vida da população que mora dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes”.

No caso de Júlio Barbosa é necessário ponderar que ele foi Prefeito de Xapuri, eleito pelo PT (como já apontado). Dessa maneira, em muitos momentos falou como político militante, apoiador do “Governo da Floresta”. Inclusive, é possível dizer que em seu relato, muitas vezes, a voz que fala é a voz do Governo, ou do grupo político dominante. Por isso a crítica é necessária, como nos alertou Teun A. Van Dijk em *Discurso e Poder* (2010). Na verdade, não somente no relato de Júlio uma leitura crítica foi efetivada, mas em todos os relatos dos colaboradores⁴⁹.

A abertura de novos ramais e as melhorias nos poucos que já existiam foram tão importantes para os seringueiros que a falta de conservação/manutenção preocupava de forma

⁴⁹ Nesta pesquisa, todo material coletado necessitou de uma crítica do discurso para que pudesse desenvolver a argumentação. Sempre através de perguntas feitas aos textos transcritos. Textos estes que sempre serão verdadeiros e falsos, simultaneamente. A análise crítica às fontes é importante na medida em que o ofício do intelectual também é denunciar o discurso que manipula a mente a seu favor, conforme apreende-se em Van Dijk (2010).

significativa muitos deles em 2012, conforme falou o seringueiro José Barbosa de Lima, um simpático senhor que recebeu o pesquisador de forma bastante carinhosa, em sua colocação:

Deveriam olhar como nós estamos fazendo para sair e comprar os alimentos, o ramal está se acabando e não tem jeito de passar. Não podemos andar seis horas com a mercadoria nas costas. Tendo ramal, tem condições de ir para todo canto. Se não ajeitarem fica complicado, pois estamos em uma ilha sem poder sair. Essa é uma das coisas que está fazendo a maior confusão. Vou trazer mercadoria em uma moto? Como é que a gente faz, numa casa que tem cinco pessoas. Vai tudo numa moto? Como fazer para ir tomar um remédio? Deixar um documento. Se não ajeitarem pode-se dizer que estamos ilhados aqui. Estamos presos. O resto não, Deus ajuda e a gente vai levando.

As fotos apresentas a seguir também podem servir de documentos do que aconteceu nas florestas de Xapuri com o início dos investimentos da “florestania” em abertura e manutenção dos ramais.

Figura 39 - Reserva Chico Mendes. Situação dos “varadouros” antes da implantação da NATEX.
 onte: Arquivo pessoal de Cesar Doto/Ex- diretor da Fundação de Tecnologia do Acre/FUNTAC

Figura 40 - Reserva Chico Mendes. Situação dos “varadouros” depois da implantação da NATEX
 Fonte: Arquivo pessoal de Cesar Doto/Ex- diretor da Fundação de Tecnologia do Acre/FUNTAC

Além dos ramais, também nos anos de 2000 a energia elétrica começou a ser implantada na floresta⁵⁰ e, com ela, apareceu a televisão. Iniciava-se nas matas de Xapuri um tempo onde o “sono passou a chegar mais tarde”. A luz elétrica substitui a lamparina, uma transformação que Maria Luciana avaliou como “muito maravilhosa”, mesmo trazendo consigo também “muito bicho” (carapanã, catuki - transmissor da leishmaniose, borboleta). Segundo essa colaboradora, na colocação onde mora no PAE Cachoeira agora todos dormem mais tarde devido a televisão. Só não seus filhos: “pois tem aula no dia seguinte”.

Entretanto, é importante assinalar que a energia elétrica não é uma realidade para todas as localidades das regiões pesquisadas. Maria Luciana, inclusive, fez sua crítica ao conceder seu relato: “só não é mais legal, pois eles disseram que a luz era para todos, mas aqui no Cachoeira, que tem 85 famílias, a metade não tem luz”.

Para Marivaldo Franco de Lima, morador da Resex Chico Mendes, a chegada da energia elétrica na floresta propiciou facilidades que até então não possuía. Inclusive esta fala confirma outra informação dita pelo Seringueiro Dico Barão, o primeiro contactado no início da pesquisa durante uma audiência pública realizada em Xapuri, no ano de 2011, com a presença grande de seringueiros (nessa audiência foi marcada a maioria das entrevistas). Seu Dico, na ocasião, informou que celular “pegava na floresta, mas não em todo canto”.

⁵⁰ O Governo Federal lançou em novembro de 2003 o desafio de acabar com a exclusão elétrica no país através do Programa “LUZ PARA TODOS”, com a meta de levar o acesso à energia elétrica, gratuitamente, para mais de 10 milhões de pessoas do meio rural até o ano de 2008. Em 2005, este programa chegou em partes das florestas de Xapuri/AC.

Com a energia a gente tem a geladeira para tomar uma água fria, colocar uma carne quando matar uma caça. Tem a televisão para vê o jornal e saber das coisas que acontecem. Antes da energia, a comunicação era através do rádio. Hoje é difícil uma casa que tenha rádio hoje. Para se comunicar com Xapuri usamos o celular (Marivaldo Franco de Lima, da Resex Chico Mendes)

Analisando as falas dos seringueiros entrevistados percebe-se que as mesmas ainda são carregadas de expressões típicas de seu mundo (“colocação”, “embiara”, “carapanã”, “esperar o bicho”, “beijo do ramal”, etc.). A linguagem utilizada no olhar, nos gestos, nas expressões de mãos e faces, também continuam denunciando uma maneira peculiar de ser. Entretanto, mudanças são visíveis. Percebe-se claramente como a modernidade foi chegando e mudando suas vidas. São novos gostos musicais (predomínio do estilo dito “sertanejo”, como já assinalado), novas gírias, e também novos desejos.

São ricas as evidências relacionadas com desejos por “coisas da cidade”, por exemplo. Desejos que na visão da Presidente do STTR de Xapuri, Dercy Teles, foram potencializados por influência da televisão e dos estímulos que a mesma provoca. Para esta colaboradora, nos últimos anos tem aumentado significativamente os desejos dos seringueiros de consumirem produtos industrializados “modernos”. Na avaliação de Dercy Teles:

[...] o ramal e a rede de energia criaram uma nova onda de consumo que até então não existia. E a televisão estimulou esse consumo. Quem tinha cavalo passou a desejar uma bicicleta. Depois não é mais a bicicleta, [...] é uma moto. Agora não é mais moto, é um carro.

O relato de Dercy parece comprovar alguns argumentos apresentados por C. Tucker em seu livro *Sociedade excitada* (2010). Nesta obra Turcke destaca uma tese apontando que hoje se vive em uma sociedade da excitação. Segundo o autor as pessoas são viciadas nas pequenas descargas de adrenalina causadas pelos produtos midiáticos, televisão inclusive. Os seres humanos são submetidos a um verdadeiro bombardeio de notícias cada vez mais espalhafatosas. E, dessa maneira, ter-se-iam acostumado de tal forma com uma torrente de estímulos cotidianos que se vai, paulatinamente, perdendo a sensibilidade para o que não se anuncia, para o que não prende o olhar. A sensação seria então o paradigma da sociedade.

No caso dos seringueiros de Xapuri/AC as evidências sugerem fortemente que os mesmos passaram a ser borbadeanos com estímulos que antes da televisão não aconteciam. Ou aconteciam em menor intensidade. Estímulos que, provavelmente, estão colaborando na modificação de seus comportamentos. Não à toa, como bem relata a seringueira Arlete Ferreira da Silva, os seringueiros de Xapuri não querem mais calçar “o sapato de seringa”.

Seus objetivos e desejos, agora, são “[...] possuir um tênis, uma sandália importada, uma coisa chique”.

Na fala da colaboradora Arlete Ferreira é possível encontrar outros aspectos da suposta “modernidade se aproximando” dela e de sua família. Inclusive de uma forma que a confunde e que não a deixa perceber “nem como está vivendo”.

De quando eu nasci até 2009 a coisa era bem precária, de lá para cá as coisas estão evoluindo muito. **De uma tal maneira que a gente não tá vendo nem como tá vivendo. Porque as coisas estão se aproximando da gente [grifo meu].** Hoje você chega numa casa e não tem mais aquele seringueiro calçado com o sapato de seringa. Ninguém quer calçar o sapato de seringa aqui, agora só o tênis, a sandália importada, só coisa chique, ninguém quer calçar o sapato de seringa. Menino vai calçar o sapato de seringa. Mãe, vão rir de mim (risos). Ninguém quer calçar o sapato de seringa. Essa minha filha aqui é todo dia praticamente na manicure (Arlete Ferreira da Silva, moradora do PAE Cachoeira)

Observa-se que para realizar os novos desejos os seringueiros passaram a necessitar, a cada novo dia, do acúmulo de maior quantidade de dinheiro. Dinheiro que passou a ser obtido de forma mais rápida, principalmente através da criação de gado (“é mais fácil fazer dinheiro” com a pecuária). As formas utilizadas de fazer dinheiro (entre elas a criação de gado) serão melhor detalhadas no capítulo 4 apresentado a seguir.

Ainda sobre a questão da energia elétrica, vale comentar uma experiência vivenciada na colocação de nome Guarani, onde foi coletado o relato do seringueiro Paulo Jorge. Na ocasião, percebeu-se como os seringueiros se afligem quando a luz falta na floresta (no inverno, devido a queda de muitas árvores, a rede elétrica é costumeiramente danificada). Em um momento dessa entrevista a esposa do seringueiro apareceu na porta e ofereceu um copo de leite. Recebido o copo e feito um rápido agradecimento, ela, de pronto, comentou em tom de reclamação:

No ano passado, no inverno, ficamos seis meses sem luz. Mas estamos no verão desses daí. Se fosse inverno eu ficaria até calada, mas estamos nesse verão, nessa poeira, e essa luz faltando. Está com mais de cinco dias que falta. Eles ligaram e logo apagou. A gente manda recado e eles não ligam. A gente precisa para a geladeira. Tem a televisão, a caixa de som. Mas minha preocupação maior é com a geladeira. Com essa luz indo e voltando eu queimei até minha caixa de som. No dia que tem energia é bom demais, a gente se enterte vendo uma novela, um filme. Os meninos gostam de desenho. Meu marido foi esperar (caçar) na quarta-feira e pediu para eu ligar a caixa de som bem alta. Caso a energia voltasse, ele escutaria e voltaria para assistir o futebol na tv.

Outra questão importante que merece ser destacada, neste ponto, também resultado da chegada da televisão na floresta, refere-se ao sumiço de uma “tradição” antiga dos seringais: a “contação” de histórias para os menores (“antes do sono bater”). Hábito que era muito comum nos seringais acreanos no “tempo em que se dormia mais tarde”. Entretanto, depois que a televisão chegou este costume praticamente desapareceu. Foi convivendo e brincando com as crianças que pode-se comprovar essa afirmação. Os mais jovens não conhecem histórias dos “bichos visajentos”⁵¹, a maioria das crianças nunca ouviu sequer falar sobre o “caboquinho da mata”, sobre a “mãe da mata”, ou das outras “visagens” que, por muitos anos, assombraram aqueles que transgrediam as regras do “reino do caboquinho, como caçar nas quintas-feiras” (ALBURQUERQUE, 2005, pag.59).

Na estadia na casa de Marivaldo Lima, morador do seringal Rio Branco, colocação Floresta, enquanto ele era aguardado para a entrevista decidi-se contar para suas filhas uma das muitas histórias da mata, história que o colaborador Joaquim Vidal Chefe da FUNASA, em Xapuri, havia “lembrado” quando concedeu seu relato. Com entusiasmo foi dito às filhas de Marivaldo que as pessoas, quando matavam os bichos da floresta sem precisão (as caças), costumavam ser visitadas pelo “caboquinho da mata”, que aparecia para puni-las. Era só um seringueiro matar um animal sem necessidade que o “caboquinho” se apresentava. A “visagem” costumava agarrar a pessoa pela cabeça e a prendia embaixo de uma raiz qualquer. Muitas vezes, a “coisa” deixava o seringueiro preso, outras vezes, poderia até açoitá-lo. Também costumava dá “pisas” nos cachorros (sempre fiéis companheiros dos seringueiros). Todas ouviram atentamente a história. Após a conclusão, a filha maior falou: “eu prefiro mais as novelas da televisão”.

⁵¹ Sobre esse tema ver mais em GALVÃO (1976).

Figura 41 - Filhas do Seringueiro Marivaldo Lima. Foto: Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012
Essa foto foi realizada por solicitação das menores que encontravam-se na companhia de seus pais. Sendo sua divulgação neste texto, autorizada pelos mesmos, por ocasião da assinatura do termo de aceite da entrevista

Analisando alguns formulários da FUNASA, em Xapuri, foi possível perceber outras consequências provocadas pela mudança no horário de dormir nas colocações. Nestes formulários, os técnicos da FUNASA costumam cadastrar seringueiros que recebem uma espécie de mosquiteiro impregnado de veneno, distribuído pelo governo para ajudar no combate ao mosquito causador da malária (e também da leishmaniose). O utensílio serve para matar o mosquito/vetor. Observou-se, no cabeçalho dos formulários, um campo onde é solicitado o horário que os seringueiros costumam ir deitar. Ali foi possível comprovar que nas localidades onde não existe televisão as pessoas dormem no máximo vinte horas. Entretanto, onde há antena parabólica, onde existe a TV, o horário informado é, em média, vinte e três horas. Ou seja, depois da novela.

Indagando sobre o assunto, o Coordenador da FUNASA, em Xapuri, Joaquim Vidal informou:

[...] mudou o jeito, os hábitos das pessoas da mata. E até para nós que distribuimos os mosquiteiros complica. Fica ruim para eles mesmos, porque quanto mais tempo eles passarem lá fora dos mosquiteiros estarão expostos a serem picados pelo mosquito que transmite a doença. É tanto que nessas localidades onde distribuimos o mosquiteiro e tem televisão estão se repetindo alguns casos. E onde não tem TV estamos observando que estão diminuídos bastante os casos da leishmaniose.

Figura 42 - Antena parabólica da residência de Paulo Jorge, da Resex Chico Mendes
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

Uma outra mudança provocada pela chegada da energia elétrica refere-se à possibilidade de conservar os alimentos de uma forma diferente do que acontecia (antes, as carnes eram salgadas e expostas ao sol). Entretanto, como não existe luz (“para todos”) em muitas localidades o processo de salgar e expôr as carnes ao sol ainda permanece. Este é o caso ilustrado na figura 43. Neste local⁵², como não existe energia elétrica, a técnica ainda é bastante praticada.

⁵² No caso da figura 43, optou-se pela não identificação da “colocação” e do seringueiro entrevistado, apesar do mesmo ter autorizado. Isso se deu pelo fato de a caça de animais silvestres ser considerada crime pela Legislação Brasileira.

Figura 43 - Carne salgada e exposta ao sol para conservação
Foto: Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

A convivência com os seringueiros no período da pesquisa de campo também abriu possibilidades para afirmar que hoje existe uma integração maior deles com os trabalhadores que vivem na cidade de Xapuri (e os ramais possuem relação com isso). Entretanto, as experiências narradas também sugerem que se mantêm uma forte identificação de suas existências com o seringal e com as colocações, enquanto sujeitos sociais. Os entrevistados, principalmente os maiores de 30 anos, veem a cidade como local “barulhento”, sem “oportunidades de trabalho”, “sufocante”, “quente”, “sem espaço”, local onde “se sentem presos”. Ou seja, avistam a cidade dissociada do mundo em que foram criados, das suas formas de vida, e do modo como se constituíram como trabalhadores seringueiros. Isso pode explicar o porquê de não desejarem morar na cidade mesmo desejando coisas dela.

Eu gosto de morar na floresta. Meu costume é morar na zona rural. Em Xapuri não moro. Sou mais na floresta. Porque me costumei na zona rural. Desde criança moro na floresta. Mas vou a Xapuri nos finais de semana. Vou fazer compras. Quando não tem um racho em casa compro o sal, o açúcar, o óleo, compro o café, compro quase tudo (fragmento do relato de Jorge Monteiro da Silva, morador da Resex Chico Mendes)

Entretanto, com relação aos mais moços a situação é bastante diferente. Entre os jovens o desejo de morar na cidade foi uma evidência que se repetiu nos relatos coletados.

Como pode ser visto na fala do seringueiro João Batista Ferreira da Silva, apresentada de forma completa no início desse capítulo. João Batista, que é pai de oito filhos, destacou de forma clara como seus filhos sonham em morar fora da floresta. Apontou também pistas de outra variável que, junto com os estímulos da televisão, pode estar contribuindo com a potencialização desse desejo: a maior oferta de educação. A voz de João é de orgulho ao ver todos os seus filhos estudando, “tudinho, tudinho, tudinho”. Por ele, até gostaria que ficassem na floresta, mas tem clareza que teriam poucas alternativas “na mata”, por isso mesmo aceita que procurem “seus rumos”.

As evidências possibilitaram inferir que a educação, devido a forma como é ofertada atualmente, pode estar provocando estímulos de não valorização do território. Valorização do modo de viver na/da floresta. Foi comum seringueiros falarem sobre a resistência dos jovens em aprenderem a “função” dos pais, o que pode significar que a “tradição” de aprender cedo com os mais velhos a “sangria da seringueira” está também desaparecendo. O relato de José Eduino morador, do PAE Cachoeira, é bastante esclarecedor a respeito desse assunto.

Cortei uma faixa de 12, 15 anos. Eu cortei seringa na Bolívia, no Brasil, em todo canto, às vezes eu digo até brincando para muita gente que diz que é soldado da borracha, porque tem soldado da borracha aqui que nunca nem riscou uma madeira. Se perguntar como é que risca, como é que divide uma madeira, eles não sabem. Eu cortei 15 anos, quase 20 anos de seringa e não sou soldado da borracha. Eu sou filho de um soldado da borracha, meu pai era soldado da borracha, então tem muitos que recebem a aposentadoria de soldado da borracha e nunca cortaram uma madeira. Se perguntados como é que se corta, como é que dá um risco, eles não sabem. E hoje nós temos dificuldade na seringa, porque as pessoas antigas, mais velhas, que eram acostumados com a seringa, que cortavam, ninguém aguenta mais cortar. Estão todos velhinhos, já cansados, e os meninos novos de hoje não querem mais saber disto. É difícil, é muito difícil alguém querer cortar uma seringa. Os mais jovens não tem garra para a seringa. Muitos deles não sabem nem como é. Hoje você tem uma estrada de seringa ali, mas quando você acha uma pessoa pra cortar é um velho que nem eu, que está já cansado. É difícil um menino novo interessado para cortar seringa, principalmente hoje que as pessoas estudam. É o que eu sempre digo para o menino mais novo daqui. Meu neto, aqui e acolá diz: “vô arruma um terçado para mim cortar seringa”. Eu falo: menino teu trabalho não é esse, sair de manhã e só chegar de tarde, tem que estudar. O futuro dos meninos hoje, das crianças, é estudar. Não é que nem nós, que naquela época não estudava. É difícil encontrar uma pessoa que estudou até o quarto ano hoje, pessoa daquela época. Mas eles chegam no mato e sabem como é que cortar a seringueira. Naquela época o pai ensinava a cortar seringa, matar um veado, limpar um roçado. Agora, na nossa época, é até proibido por lei botar uma criança para trabalhar. Naquele tempo, eu com 7, 8 anos acompanhava meu pai para todo canto, para o roçado, para cortar seringa, o que fosse. Hoje, se tu pegar um menino teu, com 8 anos 10 anos e botar ele pra trabalhar é proibido.

O contato dos filhos dos seringueiros com a internet (mesmo que eventualmente, nas idas até Xapuri) e com o celular, os estímulos da televisão e, ainda, as maiores possibilidades de estudar que antes não existiam⁵³ são fatores que estão abrindo novas perspectivas e novos sonhos. Principalmente em tempos onde muitos percebem que a sobrevivência no interior das colocações praticando o extrativismo tradicional é cada dia mais difícil. Percebem também que mesmo praticando outras atividades como o tão incentivado manejo “sustentado” de madeira, não conseguem retornos financeiros suficientes para consumirem o que agora desejam.

Os mais velhos (acima dos 30 anos) afirmam querer continuar na floresta, pois estão acostumados e gostam de viver no mato. Também porque percebem que não teriam muitas alternativas de sobrevivência na cidade com dignidade (por terem estudado pouco), como bem ilustra a fala do seringueiro João Batista e a de outros entrevistados (ver abaixo o que fala Jorge Monteiro da Silva).

Já os mais jovens querem sair (estão saindo). Então, se se considerar que os mais velhos morrerão em um prazo não muito longo estar-se-ia diante de um problema sério para os territórios de reserva e assentamento extrativistas na região. Ou seja, a floresta poderá ser esvaziada de pessoas (ficando à disposição para exploração de suas riquezas no futuro). Considerações sobre essa questão também serão apresentadas no capítulo seguinte.

Eu não vou ensinar a minha função para os meus filhos. Eles estão estudando. Um está estudando em Rio Branco, ele está estudando para ser padre. Ele não quis pegar a minha função. Ele já quis procurar outro ritmo de vida. Ele pediu minha permissão e eu dei. Foi procurar outro meio de vida. Essa outra aqui, que está dentro de casa comigo, estudou e pegou esse cargo de gerente do Posto de Recebimento (da NATEX). Então, só ficou eu mesmo na seringa. Na luta de sempre. E imagino que vou findar minha vida desse jeito. É o meio que achei, pois tenho costume desse serviço pesado. E para sair do que é meu para ir lá no Xapuri trabalhar no pesado do jeito que trabalho aqui, pois eu não tenho saber, prefiro trabalhar aqui no que é meu. Eu sei que aqui é Reserva Extrativista e que ninguém é dono, todo muito sabe que não é da gente, mas temos a posse. Então, eu prefiro trabalhar aqui no que eu já construí. Já derramei muito suor aqui. Então imagino ficar aqui no meu canto, cuidando da floresta. Protegendo. Não deixando fazer derrubada da madeira (fragmento do relato de Jorge Monteiro da Silva, da Resex Chico Mendes)

⁵³ Como pode ser visto no relato do seringueiro José Ribamar, morador da Reserva Chico Mendes, a escola chegou até onde morava somente quando tinha 19 anos (em 2012 tinha 42). Por isso, só sabe assinar o nome. Estudou somente até a quarta série. Teve que parar para trabalhar, se não “... morria de fome”. Para o futuro de seus filhos espera que estudem, “... para que possam ter um futuro melhor. Para eles se tornarem bons professores, para se tornarem alguém na vida”. Não deseja que se tornem seringueiros, como ele: “... porque seringueiro, como diz o ditado, só vive com uma cangalha nas costas...”.

Os sonhos de fazer uma universidade, de “se formar”, de “obter um diploma”, é compartilhado entre pais e filhos. Foram muitas as evidências observadas a esse respeito. Os pais querem formar os filhos, e os filhos querem o diploma para “trabalhar na cidade”. Diferente do que acontecia nos tempos de Chico Mendes (e antes), agora é possível estudar até o segundo grau nas matas de Xapuri, possibilidade essa também relacionada com investimentos realizados pelo “Governo da Floresta”. Essa maior oferta de educação corresponde a outra mudança importante que a pesquisa detectou.

Os relatos coletados não deixam dúvidas acerca da importância das escolas na floresta no tempo presente. Porém, é necessário considerar outras questões a esse respeito. Uma delas (diga-se a mais importante) refere-se a já citada não integração da educação oferecida atualmente com o modo de vida dos moradores. Integração que havia se tornado marca registrada no início dos anos de 1980, por ocasião do “movimento de resistência” contra os “paulistas”, quando Chico Mendes e seus companheiros criaram uma iniciativa de educação e saúde denominada “Projeto Seringueiro” (exatamente o momento em que a escola começou a chegar na floresta).

Na avaliação do colaborador Júlio Barbosa, apesar dos avanços no processo educacional nos seringais de Xapuri, nos últimos anos, o mesmo não possui conectividade alguma com a realidade dos principais envolvidos. Para esse entrevistado, desde as primeiras lutas do STTR de Xapuri, no início dos anos de 1980, a proposta de Chico Mendes e do “movimento” sempre foi a de tirar o seringueiro do analfabetismo, oferecendo um tipo de educação integrada com o modo de vida das “comunidades”. Uma educação que propiciasse vínculos dos seringueiros com a vida nas colocações. Para Barbosa, sem esse propósito o “jovem faz o ensino fundamental, faz o ensino médio, faz a faculdade, e não adianta nada”.

O relato de um dos principais assessores de Chico Mendes, nos anos de 1986 a 1988, confirma a afirmação de Júlio Barbosa de Aquino. Gomercindo Rodrigues informou que nas suas conversas com Chico Mendes, nos finais de tarde em Xapuri, geralmente em frente da sede do sindicato, Chico sempre levantava essa preocupação, ou seja:

[...] ele dizia que tínhamos que criar perspectivas para os filhos dos seringueiros estudarem. Mas um estudo que os mantivessem lá dentro. Que estudassem alguma coisa que pudessem utilizar no seringal, para que se sentissem úteis na floresta. Para que não se sentissem tentados a sair da floresta. Pois como não era possível aumentar a área territorial dos seringais, seria preciso adensar a floresta. Criar alternativas de exploração não madeireira no interior da floresta. O cultivo de algumas coisas. De outros produtos da floresta. Para que os filhos dos seringueiros fossem treinados nisso. Fosse capacitados para reproduzir essas tecnologias lá dentro, esses avanços. É que ele percebia que os jovens iam casando e tendo filhos, e como o território é o mesmo, não teria estrada de seringa para todo mundo cortar

(recorte do relato concedido por Gomercindo Rodrigues, assessor de Chico Mendes de 1986 a 1988)

Como observado, antes dos anos de 1980 a escola praticamente não existia nas florestas de Xapuri. Isso porque nos tempos do “patrão”, do “barracão”, alfabetizar os seringueiros não era interessante. Os “patrões” sempre acharam que se fossem alfabetizados os seringueiros poderiam se organizar e adquirir, de forma mais rápida, consciência da exploração que eram submetidos. Talvez por isso Chico Mendes não cansasse de falar que o analfabetismo constituía-se em um dos principais obstáculos para o processo de mobilização contra os “paulistas”, como pode ser constatado no fragmento de uma de suas palestras proferida na Universidade de São Paulo - USP, em junho de 1988, promovida pelo Departamento de Geografia. Nesta fala, Chico Mendes também explica o significado e os objetivos do “Projeto Seringueiro”:

Voltando um pouco na história, se os seringueiros eram analfabetos, como se poderia organizar esses seringueiros para se chegar ao que chegamos hoje? Ora, nós sabíamos em 1980 - apesar de todo este movimento que nós criamos - que seria muito difícil porque a pessoa sem saber ler e escrever fica difícil ela colocar na sua cabeça, criar uma consciência a curto prazo, ter uma consciência do seu dever de lutar em defesa dos seus interesses, porque foi exatamente isso que o patrão fez para que o seringueiro não se organizasse. O que nós fizemos? Começamos a articular uma forma de criar um método de educação popular. No final de 1979 nós construímos uma escola no meio da mata e com o apoio de algumas entidades e de pessoas aqui de São Paulo, ligadas ao Paulo Freire, essas pessoas fizeram uma equipe, elaboramos uma cartilha denominada PORONGA. Mas por que PORONGA? Porque a PORONGA é um instrumento que os seringueiros usam para caminhar na selva à noite. É um instrumento que ele usa na cabeça, uma lamparina, um foco que tem um flandê por detrás para proteger e com aquilo ele caminha durante a noite na selva. A cartilha, a PORONGA, seria mais uma luz que iria indicar os rumos da caminhada do seringueiro a partir daquele momento. Nós criamos com muita dificuldade a primeira escola, deu certo e as escolas foram se expandindo e, na medida que foram dando certo, o movimento começou a se fortalecer muito mais, porque a consciência dos companheiros começou a crescer muito mais rápido. A cartilha ensinava não só a ler e escrever, mas ela vai muito mais além. Ela ensina como se dá o ligamento do homem com a natureza, do amor que ele deve ter com a floresta, pela sua sobrevivência, a forma como ele deve descobrir alternativas para sua sobrevivência na selva e ensina ao mesmo tempo a lutar em defesa daquela floresta. Então isto começou a dar certo e hoje nós temos 19 escolas em toda região. Os professores são pessoas escolhidas e preparadas pela própria comunidade. Os professores são seringueiros, porque as pessoas da cidade - não se adaptam nunca à realidade do seringal, e mesmo estas pessoas iriam colocar na cabeça dos alunos os mesmos métodos oficiais de ensino, e para nós não adiantaria nada. Daí o porquê desta cartilha e o porquê dessas pessoas serem preparadas. Elas são eleitas pelas comunidades, tem que ser pessoas comprometidas com a luta da comunidade, com a luta em defesa da floresta, com a luta em defesa da Amazônia, e com a luta pela organização da sua própria comunidade. Ela tem como função também contribuir para ajudar nas outras comunidades. Então foram formados os grupos e, entre as 19 escolas, temos mais de cinquenta lideranças preparadas, que por sua vez estão sendo enviadas para outras regiões para levar estas experiências para que este mesmo trabalho seja realizado em outras regiões da Amazônia. Bem, este é o trabalho que nós desenvolvemos até hoje. (Fonte: MENDES, Chico. “A luta dos povos da floresta” In: Geografia: Pesquisa e Prática Social. Editora Marco Zero. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Terra Livre. Número 7, 1990).

Como visto no fragmento da fala de Chico Mendes, foi através do “Projeto Seringueiro” que a escola começou a chegar nos seringais. Uma escola diferente, construída para a tomada de consciência dos seringueiros - ver figura 44 (livros didáticos e paradidáticos construídos no coletivo e de forma participativa, adequado a linguagem, a cultura e a realidade do seringal). “Projeto” que na opinião do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA) tinha como objetivo principal:

[...] alfabetizar adultos visando preparar quadros para a diretoria da Cooperativa em fase embrionária, militância de base para o Sindicato dos trabalhadores Rurais/STR e monitores da Igreja Católica para atuarem como professores leigos, com a primeira escola funcionando no ano de 1982. O Projeto era gerenciado pelo Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia- CEDI/AM e CEDOC/Acre. No ano de 1983, o Centro dos Trabalhadores da Amazônia foi fundado para abrigar ações do projeto. Resultou desta experiência: a abertura e permanência de 24 escolas no Município de Xapuri, formação inicial e continuada a mais de 100 seringueiros, dentre estes, formou quadros para atuar como monitores/ ”professores leigos” oferecendo cursos de formação que unia o aprender conteúdos das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental a práticas didático-pedagógicas para atuação em sala de aula (Fonte:<http://www.cta-acre.org/pg_acoes2.htm>. Acessado em 25/09/2012)

O “Projeto Seringueiro” alfabetizou pessoas e, principalmente, formou lideranças importantes para o “movimento”. Entretanto, depois de 26 anos de existência, foi finalizado no ano de 2007, quando as últimas escolas administradas pelo “projeto” foram entregues ao poder público. A partir de então, a oferta de educação nas florestas de Xapuri ficou totalmente sob a responsabilidade do Governo do Estado do Acre e da Prefeitura do Município. A quantidade de séries ofertadas aumentou significativamente, provocando melhorias importantes como evidenciado pelas fontes (principalmente as orais). Entretanto, como o tipo de educação oferecida passou a não ser mais de forma integrada com o modo de vida, pode-se inferir que está reforçando sonhos diferentes daqueles que Chico Mendes e seus companheiros visualizavam no tempo dos “empates”.

Figura 44 - Livros didáticos e paradidáticos do “Projeto Seringueiro”

Fonte: <http://www.cta-acre.org/pg_acoes2.htm> . Acessado em 25/09/2012

Os relatos de Raimundo Souza do Nascimento (Resex Chico Mendes) e Claudiana Pereira de Lima (PAE Cachoeira), apresentados anteriormente, corroboram com a afirmação anterior. Na fala de Raimundo, que aprendeu a cortar seringa cedo por ter sido “criado trabalhando”, percebe-se que as crianças “devido o estudo, não estão mais aprendendo a função”. Não sabem e não querem mais cortar seringa. Na mesma linha, Claudiana deixa claro que hoje os mais jovens possuem oportunidades que ela não teve, na medida em que era obrigada a repetir “a terceira série três, quatro anos seguidos, porque não tinha como evoluir”. Não a toa seu filho de 15 anos deseja fazer faculdade e sair da floresta. Fato que a preocupa e a chateia, pois preferiria tê-lo próximo. Entretanto, afirma saber que saindo da floresta seu filho “poderá ter maiores oportunidades”.

Boa parte das entrevistas realizadas são importantes para observar os aspectos destacados acima, relacionados com a educação e os estímulos aos novos sonhos. Como no trecho da fala do seringueiro Mario Honorato de Souza, de 72 anos, apresentada a seguir. Sobre essa fala, vale observar que o colaborador ao concedê-la apresentou um ritmo de voz que assemelhou-se ao balançar das árvores em frente de sua residência. Voz que, em muitos momentos, sincronizou-se com o canto de um pássaro que, teimosamente, cantou durante toda a entrevista pousado em uma laranjeira próxima.

Aqui tem escola, só não estuda quem não quer. E os pequenos aqui, não tem nenhum que saiba o que é cortar seringa. Nenhum está aprendendo mais cortar seringa. Não tem nenhuma pessoa, desses novos, que saiba o que é cortar seringa. Porque tem uma lei que diz que menor não pode trabalhar, se colocar para trabalhar é escravidão. E outra lei diz que tem que estudar. Aí pronto. Começa as aulas e ninguém trabalha mais. Então com quatro anos os meninos estão estudando. Aqui tem até o segundo grau. Então, no futuro ninguém vai saber cortar seringa.

Pode-se afirmar que a fala desse seringueiro é de uma larga abrangência à proporção que possibilita uma leitura não apenas das questões relacionadas com a maior oferta de educação, mas também por apresentar uma visão sobre o futuro na floresta, onde, em sua opinião, ninguém mais “vai saber cortar seringa”.

Como visto, diversas transformações e mudanças aconteceram nos seringais de Xapuri/AC nos anos que se sucederam ao assassinato de Chico Mendes, sendo as principais após a chegada do “Governo da Floresta” ao poder estadual. Entretanto, além das modificações, a pesquisa detectou que aconteceram também algumas permanências como as experiências dos “adjuntos” e da solidariedade quotidiana entre os seringueiros. Fatores que ainda se constituem em elementos importantes nas suas identidades sociais, bem como estabelecem parâmetros para a compreensão de suas formas de luta pela sobrevivência e garantia de dignidade. Parte do “tradicional” teimando em permanecer na “modernidade”.

Maria Luciana, do PAE Cachoeira, relatando sobre suas experiências adjuntórias evidencia que em sua “comunidade” os seringueiros ainda se ajudam muito uns aos outros. No seu caso, sempre que necessitou foi “só abrir a boca, que muitos vieram ajudar”. E por isso, afirmou ser “feliz na floresta”.

Verdadeiramente existe muita colaboração entre as famílias seringueiras de Xapuri, como falou Maria Luciana e outros, mas também observou-se a existências de conflitos. Desavenças que são coloridas por egoísmos individuais, intrigas familiares e, também, provocadas por acordos não cumpridos. Além de desapontamentos com o setor público (Municipal e Estadual), como pode-se observar no relato do seringueiro José Barbosa de Lima, morador do PAE Cachoeira.

Quando eu cheguei aqui já era Reserva Extrativista, não tinha mais patrão. Aqui eu vivo da castanha e do leite de seringa. Vivo de cortar seringa e vender o leite (látex) e de coletar e vender a castanha. É o meio melhor que tem para nós mesmo. Quando eu cheguei já tinha estrada, já tinha ramal. Agora tá ruim. Os ramais acabaram. O Prefeito de Xapuri deveria ajeitar os ramais. Tem ramal, mas não passa carro. O que estamos mais precisando é ramal.

O recorte do relato do seringueiro José Barbosa de Lima permite falar de diferentes perspectivas, interesses, e maneiras que os seringueiros se relacionam com o meio em que vivem. Afirmativa também comprovada no relato de Raimundo Nonato Correia Dias, apresentado no início desse capítulo, onde o mesmo afirma ter uma “vizinhança danada, que algumas vezes o ajuda, mas outras vezes não”. Inclusive, segundo esse seringueiro, foi por falta de colaboração que perdeu um roçado inteiro quando ficou dois meses doente em função de “uma injeção mal aplicada por uma enfermeira de Xapuri”.

A voz de Raimundo Nonato também conduz a refletir sobre as condições de saúde desses sujeitos. Essa fala, como a de muitos outros, deixa claro que quando a doença aparece a preferência atual (2012) é o deslocamento até a cidade de Xapuri, ou mesmo para a cidade de Cobija, no país vizinho, Bolívia. Possibilidade que resulta das melhorias nos ramais (ver abaixo recorte da fala da seringueira Arlete Ferreira da Silva, do PAE Cachoeira).

Observa-se que essa possibilidade de ir “se tratar na cidade” era muito difícil na época de Chico Mendes. Por isso mesmo os seringueiros tinham que fazer uso de ervas da própria floresta, como também de “rezadeiras”. Somente nos casos considerados muito graves retiravam o doente da mata “carregado em uma rede”, como assinalou José Ribamar da Silva Batista.

Sobre nossa saúde, quando adocece e é grave a gente liga para a ambulância vir buscar. Quando não está muito grave a gente freta um carro e leva até Xapuri. Quando está mei lá mei cá, a gente vai até a Bolívia (país vizinho) consultar que é mais rápido. Hoje a gente pega um carro de manhã e vai em Cobija/BO, faz a consulta, e antes de 14:00 já está de volta. Antes, em 1988, para ir até a Bolívia era preciso ir primeiro até Xapuri e pegar um ônibus, tinha que dormir lá, ficava três dias para voltar. Hoje a gente vai lá e volta no mesmo dia, leva a pessoa no dentista, faz a limpeza do dente, e volta no mesmo dia (Arlete Ferreira da Silva, moradora do PAE Cachoeira)

José Ribamar também apontou que nos tempos atuais existe um programa do Governo chamado “Saúde Itinerante” que, de mês em mês, auxilia os moradores levando remédios e propiciando assistência médica. Iniciativa que ele avalia como muito boa, principalmente ao comparar aos anos anteriores “quando tudo era muito difícil. Muito difícil, difícil, difícil”.

Sobre as condições de saúde nas matas de Xapuri é problemático afirmar que melhoraram de forma significativa, até porque os relatos e as outras fontes escritas consultadas não possibilitam tal afirmação, mas é possível dizer que aconteceram avanços. Por exemplo: depois das melhorias nos ramais dificilmente morre uma seringueira de parto. Já com relação às moléstias que acometiam/acometem os seringueiros e seringueiras, como já

destacado, a pesquisa sugeriu uma redução na incidência da malária, mas com manutenção (com tendência de aumento) para os casos de leishmaniose. Também aconteceu o aparecimento de problemas que, “antigamente”, os seringueiros sequer conheciam: colesterol, pressão alta, diabetes (com as implicações que são peculiares).

Alguns dados relacionados com as condições de saúde das pessoas residentes nos locais pesquisados podem ser visualizados na tabela 01 apresentada a seguir.

Doenças / Anos	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005
Malária	*	5	3	20	101	94	68
Leishmaniose	81	124	84	*	*	*	*

Tabela 01 - Casos de malária e leishmaniose na região pesquisada em Xapuri/AC.

Fonte: Funasa/Xapuri-AC

Obs: Informação não disponível para os anos marcados com *

A pesquisa possibilitou, ainda, condições de afirmar que as facilidades de “ir para as cidades se tratar ” está fazendo desaparecer muito do “conhecimento tradicional” adquirido pelos seringueiros em anos de convivência na mata. Principalmente das ervas, encontradas na própria floresta, que os mesmos tinham que fazer uso. Talvez por isso, nos quatro meses de pesquisa no “mato”, não foi encontrada sequer uma “rezadeira”.

Essa questão é preocupante, principalmente quando se considera que na biodiversidade da Amazônia pode se esconder a cura de inúmeras doenças, além de infinitos outros saberes. Depreende-se, então, que esse outro tipo de conhecimento, o tradicional, é capaz de perceber, e mesmo antecipar, descobertas da ciência hegemônica moderna. Mas que, infelizmente, nas matas de Xapuri do tempo presente pode está se perdendo. Sem falar nos outros muitos saberes que essas populações locais têm de cada detalhe do seu entorno, do ciclo anual de plantas da floresta, das espécies animais, da sustentabilidade da caça, dos solos, etc.

Como conclusão do capítulo, onde procurou-se destacar e colocar em relevo mudanças no viver dos seringueiros, dando voz aos próprios sujeitos da ação histórica, pode-se afirmar que a qualidade de vida nas florestas de Xapuri/AC melhorou (principalmente a partir dos anos de 2000), especificamente nas localidades próximas da cidade e/ou que estão na área de influência da NATEX. Entretanto, essa melhoria não aconteceu no sentido da criação de formas de pensar o bem-estar que tenta desligar-se do padrão de consumo presente na sociedade contemporânea (uma das propostas surgidas com a criação das reservas

extrativistas). Em verdade, a pesquisa sinalizou que as necessidades de fazer dinheiro, e de consumir, foram potencializadas.

Por outro lado, é preciso ter confiança e solidez em saber se essas melhorias poderão se sustentar em um prazo mais longo, como também o que pode se esconder por trás de todo o processo que as fomentou (riscos). No capítulo a seguir, procura-se responder essa e outras questões. Bem como problematizar uma temática frequente nos relatos dos seringueiros: o manejo “sustentado” de madeira.

CAPITULO 4: INSATISFAÇÕES, RESISTÊNCIAS, RISCOS E PREJUÍZOS DA “MODERNIDADE FLORESTÂNICA”

A Amazônia é o jardim do quintal (Raul Seixas).

Neste capítulo um dos objetivos relacionou-se com a problematização de um tema que apareceu, com certa frequência, nos relatos coletados em Xapuri/AC: o manejo “sustentado” de madeira. Assunto que, à luz das vozes consultadas, possui relação direta com muitas das mudanças observadas nos modos de se viver na floresta, no período escolhido para o estudo e confecção da tese, principalmente na região do PAE Cachoeira, onde a atividade de extração de madeira “certificada” é praticada.

Foram frequentes as citações dos seringueiros da região do PAE Cachoeira sobre a exploração madeireira. Falas com diferentes visões e opiniões acerca da atividade, e também de sua importância. Nas colocações pesquisadas na Reserva Extrativista Chico Mendes, onde a atividade ainda não acontece (mas já existe projetos), muitos seringueiros também se manifestaram a respeito. O que parece demonstrar, de alguma maneira, que o manejo “sustentado” de madeira possui alguma importância na vida dessas pessoas. Tanto entre os que aceitaram praticá-lo, como entre os que ainda não o praticam.

Entretanto, as problematizações realizadas, nesta parte do trabalho, acerca do tema, não tiveram como meta questionar a viabilidade (econômica) desse tipo de exploração em áreas protegidas e com presença de seringueiros. As questões trabalhadas se configuraram mais como estratégias na busca de respostas para a questão central que norteou a investigação. Ou seja: mostrar os impactos que os processos de modernização estão provocando nos modos de vida das famílias, bem como apontar alguns riscos envolvidos no processo.

Além de lançar reflexões sobre o manejo “sustentado” de madeira, nesta parte final, também procurou-se fechar algumas questões sinalizadas nos capítulos anteriores. Entre elas, vale destacar o avanço da pecuária nas áreas pesquisadas (uma das atividades que os seringueiros estão utilizando com bastante intensidade atualmente para “fazer dinheiro”), como também apontou-se considerações acerca do crescimento das igrejas evangélicas na região. Crescimento que, de forma semelhante ao manejo de madeira, também parece possuir relação com algumas mudanças percebidas na vida dos seringueiros.

Foi a partir do “Governo da Floresta”, como já visto, que modificações significativas passaram a acontecer de forma mais visível nas matas de Xapuri/AC. Modificações vinculadas pelos colaboradores da pesquisa, algumas vezes de forma direta, aos investimentos realizados na região por esse mesmo governo (muitos feitos para incentivar/viabilizar o manejo “sustentado” madeireiro). Como detalhado em capítulos anteriores, foi com o “Governo da F” que os “varadouros” transformaram-se em ramais trafegáveis; que se ampliou a oferta de educação nos seringais; que unidades industriais de produção foram pensadas e implementadas em Xapuri/AC. Além da chegada da energia elétrica na floresta, neste caso, através de um programa federal denominado “Luz para Todos”.

No que se refere às unidades de produção industrial, além da NATEX, uma fábrica para processamento de madeira foi implementada nas margens da BR-317, distante 10 km da cidade de Xapuri. Unidade apelidada pela população como “Fábrica de Tacos”, cujo investimento inicial foi financiado com recursos do BNDES. Esta unidade merece ser citada porque foi planejada para utilizar matéria prima (madeira) originária de “manejo sustentado”, manejo esse que seria desenvolvido, inicialmente, em áreas da Reserva Extrativista Chico Mendes⁵⁴.

Essas duas fábricas (NATEX e “Fábrica de Tacos”), juntamente outros investimentos efetivados na região, ilustram bem o que aqui se denominou de modernidade. Na verdade, uma reconfiguração das ideias de modernização e de progresso que, inclusive, também estavam presentes nas estratégias elaboradas para a região Amazônica pelos militares do golpe de 1964.

No caso dos militares, o desenvolvimento era sinônimo de abrir estradas e povoar suas margens. O país era concebido como “do futuro”, e o modelo modernizador, vindo de cima para baixo, caracterizava-se por um forte controle do Estado sobre a economia. No Acre, essa modernização torna-se sinônimo de desmatamentos via transformação das florestas em pastos pelos “paulistas”, no início dos anos de 1970. Como já assinalado, o movimento trouxe problemas sociais diversos, mortes, e concentração de terras.

Na última década do século XX a configuração muda e, diferente do “modelo dos militares”, a manutenção das florestas é que passa a ser símbolo de um mundo dito “civilizado” (MAIA, 2009). Nesta tese defende-se a ideia que teve início, nesse período, outro

⁵⁴ Como será visto neste capítulo, quando o manejo “sustentado” de madeira chegou à região de Xapuri a ideia era implantá-lo na Reserva Extrativista Chico Mendes. Entretanto, os seringueiros moradores do local não aceitaram a proposta e o projeto foi deslocado para regiões do PAE Cachoeira.

processo de modernização, com diferenças significativas do “modelo” anterior, mas ainda articulado numa lógica desenvolvimentista.

Este “novo” processo, levado a cabo em terras acreanas, principalmente após 1999, provocou, como visto, várias mudanças nas vidas dos seringueiros. Algumas “boas e outras nem tanto”. As vozes entrevistadas sinalizaram para impossibilidades de trocas; intensificação de mudanças em processos produtivos; alterações das formas de uso da terra e modificações nos sonhos e desejos (principalmente dos mais jovens, que passaram a desejar morar na cidade), entre outras questões, como já assinalado.

A pesquisa realizada na floresta detectou influências provocadas pelas novelas (nas crianças principalmente); evidenciou que a música estilo “sertaneja” está substituindo o gosto dos seringueiros pelo velho forró (herança nordestina vinda com os primeiros cearenses que se tornaram seringueiros); constatou novas atitudes e compreensões com relação à pecuária e os pecuaristas/fazendeiros (compreensões bem diferentes das que os seringueiros possuíam no tempo dos “empates”), etc. Mas entre as muitas modificações observadas, duas despertaram atenção especial: 1) os sonhos das crianças e jovens em saírem da floresta (para morar na cidade); 2) o fato de não desejarem mais aprender a principal função dos pais (cortar seringa).

Deve-se dizer que, desde o princípio, desde que se perceberam essas evidências nas falas, os novos sonhos foram considerados perfeitamente legítimos. Sendo aceitos incondicionalmente. O movimento foi, simplesmente, de tentar compreendê-los. Até mesmos porque sinalizavam, a todo o momento, que aquela “identidade” construída pelos seringueiros, que havia sido preservada ao longo de muitos anos, e que, de certa maneira, vinculou esses homens e mulheres à floresta, aos bichos, e à seringa, estava em plena transformação. “Identidade” relacionada a uma espécie de identificação cultural com o espaço da mata, um sentimento de pertencimento àquela dimensão territorial.

Talvez essa questão também tenha provocado um direcionamento de parte do esforço realizado nesta pesquisa para tentar buscar respostas não só para as mudanças em si (figura), mas também sobre o que poderia se esconder por trás delas (fundo). Esforço que também pode ser considerado como um dos objetivos neste capítulo.

Feitas essas considerações, aponta-se que esta parte é iniciada da mesma forma que as anteriores (a partir do capítulo 2), ou seja, apresentando relatos completos de colaboradores. Neste caso, os de Gomercindo Rodrigues (assessor direto de Chico Mendes entre os anos de 1986 a 1988); Jorge Monteiro da Silva (seringueiro morador da Reserva Extrativista Chico Mendes); Mario Honorato de Souza (seringueiro, também morador da

Reserva Chico Mendes), Maria Mendes do Nascimento (seringueira, moradora da reserva Chico Mendes) e José Barbosa de Lima (seringueiro, morador do PAE Cachoeira).

O relato de Gomercindo Rodrigues foi coletado no ano de 2013, após o processo de qualificação no Doutorado e por indicação de um dos professores membros da banca. Indicação que reforçou uma intenção já existente de ouvir esse colaborador. Colaborador que aqui foi considerado como “especialista”, em razão das muitas experiências que teve com os seringueiros da região. Acredita-se que o resultado tenha sido positivo, principalmente porque Gomercindo Rodrigues apresentou uma narrativa que confirma muitas coisas ditas pelos seringueiros e, também, porque destacou versões diferentes do que algumas vozes afirmaram. Ou seja, o relato propiciou outras experiências e novas histórias.

Nos casos das falas seringueiras vale um pequeno comentário sobre a entrevista com José Barbosa de Lima, um simpático senhor, possuidor de uma típica qualidade dos moradores das matas xapurienses: a cordialidade.

No dia de sua entrevista o seringueiro foi encontrado trabalhando em frente a sua casa acompanhado de uma criança. Após as apresentações, o seringueiro, para conceder sua fala, resolveu cancelar uma ida ao roçado mesmo tendo muito trabalho a fazer. Antes, fez o convite para “saborear uma merendinha”, com “café fresquinho”. Seu neto e a sua esposa acompanharam sua entrevista. Sendo que a esposa permaneceu durante o tempo todo sentada ao lado de seu José com uma bíblia na mão.

Após ouvir com atenção a proposta do trabalho, o seringueiro, timidamente, começou a falar sem esperar que o gravador fosse ligado. Voz sempre baixa, quase inaudível em muitos momentos. Entretanto, durante a entrevista, parou por diversas vezes esperando ser indagado. Decidiu-se destacar a experiência dessa entrevista porque este procedimento (de esperar ser perguntado) foi bastante semelhante ao observado com outros colaboradores seringueiros.

Com o objetivo de não direcionar a fala para as hipóteses estabelecidas, sempre que o senhor José silenciava, seu silêncio era acompanhando pelo pesquisador. Mas, apercebendo-se que não era isso que ele esperava, decidiu-se estabelecer um diálogo perguntando algumas coisas. A partir de então, sempre que era indagado, o seringueiro se motivava e respondia de forma mais assertiva.

O relato de Maria Mendes do Nascimento foi um dos últimos coletados. Também no ano de 2013, após o processo de qualificação. Observa-se que esta entrevista havia sido agendada em 2012, durante o trabalho de campo na reserva Chico Mendes, quando a

seringueira foi encontrada fazendo atividades voluntárias em uma escola localizada na colocação Guarani. Entretanto, no dia marcado para a coleta de seu relato ela não foi localizada, estava, por certo, na labuta. Mas Maria não esqueceu o compromisso. Em 2013, durante uma ida sua até a cidade de Xapuri, ela concedeu sua fala e contou a sua história.

GOMERCINDO CLOVIS GARCIA RODRIGUES - “GUMA”

Entrevista concedida em 30/07/2013. Em Rio Branco/AC, no escritório do colaborador.

Data de Nascimento: 30/11/1959

Eu não sou acreano de nascimento, sou do Mato Grosso do Sul, chequei aqui no dia 06 de abril de 1983. Portanto, já tenho mais da metade de minha vida no Acre. Sou formado em Agronomia pela Faculdade de Agronomia da antiga UFMS, que hoje é UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). Lá era membro do movimento estudantil na época e, por isso, em 1982, sai candidato a deputado federal pelo PT, em Mato Grosso do Sul. Tive uma votação pífia, pois naquele momento os votos tinham que ser em candidatos do mesmo partido (Governador, Prefeito, Vereador etc.). Daí, na minha cidade, por exemplo, só tive quatro votos, de meu pai, minha mãe e meus irmãos. Terminei o curso de Agronomia e a maiorias dos meus colegas se empregaram em órgãos do Governo Estadual. O PMDB havia ganho a eleição lá e precisava de técnicos, tinha emprego para todos, mas não para mim.

Por isso um amigo meu me convidou para vir para o Acre. Então, recém-formado, aceitei. De abril de 1983 a maio de 1985 trabalhei em órgãos públicos no Acre. Primeiro na COLONACRE onde ajudei implementar o Projeto Redenção, onde hoje é a cidade de Acrelândia. Saí de lá quando estavam fazendo o desmatamento para implantar a cidade. O primeiro rabisco, o mapa, que depois virou as divisões da cidade, as ruas largas, é um trabalho meu e de Milton Huck (também agrônomo). Acrelândia é uma das poucas cidades acreanas planejadas e os primeiros rabiscos eu ajudei a construir.

Depois, por questões políticas... É que os caras queriam que eu me comportasse como funcionário do governo e não como funcionário público, pois quando os colonos, os parceiros, vinham reivindicar melhorias (ramais, escolas, etc.) eu ficava sempre do lado deles e confirmava as dificuldades. Daí o pessoal dizia que eu não poderia fazer isso, pois era

o homem deles lá dentro. Mas eu confirmava que realmente os colonos precisavam do que reivindicavam. Por isso me colocaram de escanteio na COLONACRE.

Pedi então para me colocarem à disposição da EMATER-AC, aceitaram, mas me impediram de trabalhar onde a COLONACRE tivesse trabalho. Eu aceitei e decidi ir para Tarauacá, mas o então presidente da COLONACRE, Alberto Furtado, exigiu que eu não fosse para o campo. Então, pedi para ser devolvido para a COLONACRE, pois o expediente era corrido e eu poderia fazer trabalho de voluntário com os colonos na parte da tarde.

Foi quando me convidaram para ir fazer um curso em Manaus com outras pessoas. A Solange Riberio, a Vania (esposa do Mauro Ribeiro), o Bira, enfim, fomos 11 pessoas fazer esse curso. Fiz o curso e voltei. Como tinha 10 dias de licença depois do curso, e era final de ano, pedi a licença e juntei com o recesso de final de ano e fui visitar meus pais em Mato Grosso do Sul. Era final de 1984. Quando voltei, continuava a vedação para eu trabalhar no campo. Aí teve um concurso para Agrônomo da EMATER-AC, resolvi fazer e passei. Ia assumir o escritório de Plácido de Castro. No dia que eu ia fazer a mudança para lá chegou o carro do Hélio Pimenta que era o presidente da EMATER e o motorista disse-me que o presidente queria falar comigo.

Cheguei lá e encontrei o Monteiro, o Cardoso, o finado Cesário, o Cacá, e outros. Daí o Hélio falou que o pessoal do PMDB (da tendência Popular) tinha acabado de sair de lá. O Pacífico, o Pascoal Muniz, o Alberto Furtado da COLONACRE. Eles informaram que se eu fosse mandado para Plácido de Castro eles se aliariam com o grupo de Geraldo Fleming e com o grupo do João Maia e tirariam o Professor Hélio Pimenta da EMATER, e depois me tirariam de Plácido de Castro.

O Hélio me informou disso e disse que não tinha como segurar. Disse que estava me chamando para eu escolher para onde eu queria ir. Disse-lhe que queria ir para Plácido de Castro. Ele então me ofereceu para eu trabalhar em Porto Acre, mas argumentei que o Geraldo Fleming (Deputado do PMDB) dominava aquela área, daí eu não aceitei. Falou então o Hélio para eu ir para o Quinari (cidade do interior do Acre), mas eu disse que também lá tinha a influência do João Maia. Eu sempre ficaria na dependência de um político, de alguém.

Então decidi pedir afastamento não remunerado. Fazia um mês e pouco que eu tinha sido aprovado. Fiz o requerimento e fui para Plácido de Castro. Depois de um tempo eles me chamaram e disseram que eu não poderia ser afastado porque era recém-contratado. Apresentaram um parecer da Procuradoria. Ofereceram novamente para eu ir para o Quinari, mas eu não aceitei. Então resolvi pedir demissão. Estava dentro dos 90 dias.

Fui para Plácido de Castro para trabalhar como agricultor numa terra que adquiri de uma pessoa que estava voltando para São Paulo. Comprei o lote dele com o dinheiro que tinha economizado da COLONACRE. Então fui morar lá dentro, como agricultor. Onde os caras não queriam que eu fosse trabalhar como agrônomo. Então comecei a participar do Sindicato e fiquei de maio a dezembro de 1985 em Plácido. Foi nesse tempo que conheci Chico Mendes. Peguei duas malárias lá em Plácido.

Foi quando apareceu uma oportunidade de trabalhar na FUNTAC, que na época se chamava LATEMAC (Laboratório de Tecnologia de Madeira), tinha duas vagas para engenheiro florestal e uma vaga para agrônomo. Mandeí meu currículo junto com o do Jorge Viana, que acabara de se formar em Engenharia Florestal e voltava para o Acre para arrumar o emprego. O outro curriculum era do Engenheiro Florestal de nome Tibério, lá do Rio de Janeiro.

Como tinha o Jorge Viana, e o pai dele era Deputado do PDS, mandaram os curriculum para o Governador Nabor Junior avaliar. Na reunião com o Governador, o Nabor aprovou o de Jorge Viana, cujo pai estava indo para o PMDB, aprovou também o de Tibério, que ninguém conhecia. Mas no meu caso, o Governador indagou ao Dr. Gilberto: “mas esse rapaz não é aquele agrônomo lá de Plácido de Castro?”. “Esse dá um trabalho”. “Você tá querendo colocar uma pedra no meu sapato Gilberto”. O Chefe de Gabinete, Professor Geraldo Gonçalo também foi contra. Daí o Nabor Junior mandou contratar outro agrônomo.

Esse fato, de ser vetado pelo Governador, abriu a perspectiva fantástica de ir para Xapuri. É que ia ter uma reunião lá para avaliação do Projeto Seringueiro, que tinha duas linhas de atuação naquele momento: a da educação e a do cooperativismo. A linha da educação estava indo bem, mas as das cooperativas não. Chamaram-me então para participar dessa reunião com a equipe toda do Projeto Seringueiro, estava lá a Mary Alegretti, o Manoel Estébio, o Armando, a Fátima, todo mundo. Eu fui convidado por ser agrônomo, para fazer uma avaliação na experiência das cooperativas que eles tentaram montar, mas não conseguiram.

Nessa reunião, a primeira confusão foi que o Chico Mendes não havia ficado para participar. Ele sabia da reunião, mas foi para a estrada velha de Brasiléia. Fiquei o dia inteiro e só ouvi, pois não conhecia nada. Mas de tudo que eu ouvi senti que não era a ideia que estava errada, mas a metodologia. Os seringueiros falavam assim: “a cooperativa do projeto” e não a cooperativa deles. Dei a ideia de fazer uma avaliação de campo, um diagnóstico. Para ter uma ideia melhor.

Então eu, o Manoel Estébio e o Armando realizamos essa avaliação em seis seringais, três que tinham tido a experiência de montar cooperativas e três que não tinham. Consegui um guia para andar comigo, pois não conhecia a região. Montamos um questionário de dez páginas, contento todo tipo de informação. Mas nunca conseguimos tabular esses dados, nem com a ajuda da UFAC, da Professora Heloisa Winter. Depois dessa experiência, voltei convicto que o pessoal não tinha ideia do que era cooperativa. Aquilo não era uma proposta que havia saído deles. Tinha sido uma proposta vinda de fora.

Naquela época vinha dinheiro de uma entidade chamada Oxfam, da Inglaterra, para o Projeto. Mas os seringueiros não tinham consciência de muitas coisas. Os seringueiros não tinham consciência que não eram apenas os donos da cooperativa para se beneficiar do dinheiro. Das compras que eram feitas. Não tinham consciência que tinham que repor o dinheiro com a venda da borracha. Tinha muitas brigas internas. Eles não tinham a menor ideia de Cooperativa. Então voltei e falei para o Chico Mendes, disse que não era a ideia de cooperativa que estava errada. Mas a metodologia que estava incorreta. A primeira experiência de associação tinha vindo de fora para dentro. E a ideia era fazer uma coisa construída de dentro para fora. Primeiro, construir com eles a ideia de cooperativismo, depois construir a cooperativa com eles.

Então, fiquei indo e vindo de Xapuri por todo o ano de 1986, trabalhando nisso. Ficava dormindo no sindicato e as pessoas colocavam gasolina na minha moto para eu ir para Xapuri, faziam vaquinha. Ficava dependendo de amigos. Aí, quando já pensava em voltar para Mato Grosso do Sul, a Mary Alegretti me chamou para ir para Curitiba, para passar um tempo lá no Instituto que ela tinha lá, o IEA – Instituto de Estudos Amazônicos. Enquanto ela arrumava um projeto para financiar meu trabalho em Xapuri. E eu fui para lá. Ela conseguiu um projeto e eu voltei para Xapuri.

Voltei para Xapuri desta vez para morar. Passei a fazer reuniões com os seringueiros sobre cooperativismo. Passei a ser uma espécie de problematizador. Eles perguntavam: como vou comercializar a borracha? Como vou transportar a borracha? Eu respondia: não sei, é com vocês. A cooperativa é de vocês. Pode transportar até de helicóptero, se vocês comprarem um. Mas se comprarem terão que pagar. Na cooperativa tem que ter cooperação. Fiz inúmeras reuniões, em toda zona rural de Xapuri, até em Capixaba. Enfim, passei um ano todo assim.

Em setembro daquele ano fizemos uma reunião grande, uma reunião geral, para discutir mais, para avaliar. Inclusive levamos o pessoal da UFAC para falar sobre outras tecnologias da borracha. O pessoal do curso de Heveicultura da UFAC foi falar sobre outras

perspectivas tecnológicas, de melhorias da qualidade. Desse encontro, foi tirada uma comissão para elaborar um estatuto para uma cooperativa, foi formado um grupo e eu fiquei assessorando.

Pedi então aos amigos de outros estados que trabalhavam em cooperativas que me encaminhassem modelos de estatutos. Eles mandaram e eu percebi, logo no primeiro artigo, que o associado tinha que ser proprietário da terra. Então tivemos que fazer todo um trabalho de adaptação, de transformação para um linguajar mais simples. E para ser sócio do que estávamos planejando não podia ter essa cláusula da propriedade, pois o seringueiro não era proprietário da terra.

Colocamos também que o marreteiro não poderia ser sócio, além de outras reivindicações deles. Então elaboramos o trabalho e fomos debater nas comunidades. Fizemos toda uma discussão. Então, em 30 de junho de 1988 fizemos a assembleia para fundar a CAEX. Tinha mais de 300 pessoas participando da reunião, mas somente 33 integralizaram a quota parte. Para ver o nível de desconfiança que havia. Essa cooperativa só encerrou as atividades este ano (2013). Durou de 1988 até 2013, embora de uns cinco anos para cá não vinha mais funcionando. Enquanto as experiências das cooperativas do Projeto Seringueiro não tinham dado certo, a CAEX funcionou. Ela durou muito, mas depois teve problemas de injeção de dinheiro e envolvimento com a Empresa Tauamanu da Bolívia. Teve dinheiro que a CAPEB de Brasileia não podia pegar e a CAEX pegou para eles, e aí na prestação de contas deu problemas. Mesmo assim durou muito.

No começo, quando começou a dar certo, quando conseguimos duplicar o preço da lata da castanha muitos se associaram. Para você ter uma ideia, quem comprava da gente era o Jorge Moura, aqui de Rio Branco, ele pagava melhor, pois ele sabia que nossa borracha era de qualidade. Tinha um trabalho de conscientização do seringueiro para não colocar sujeira dentro da pela, colocar barro, pedaço de madeira. Isso melhorou as condições. Eliminamos a influência do marreteiro.

Com o assassinato do Chico, em 1988, aumentou as possibilidades de apoio para a CAEX. Houve o projeto de montar a usina de castanha. A Cultural Survival, lá dos EUA, se propôs a comprar castanha beneficiada da gente. A gente puxava o preço para cima. E pagávamos mais para o associado. Então, muitos seringueiros quiseram entrar. E muitos entraram. Chegou a inchar a cooperativa. Teve um momento que a CAEX era a maior empregadora de Xapuri. A maior conta corrente do Banco do Brasil em Xapuri. Era a maior força lá mesmo. Depois os problemas administrativos começaram. Trouxeram pessoas sem

experiência para administrar, um economista recém-formado da UFV. O cara não tinha feeling, era muito burocrático e afastava a CAEX dos seus associados. Então essa é minha história de como cheguei lá. A CAEX foi meu primeiro trabalho importante lá. Eu fiquei trabalhando com o Chico Mendes até seu assassinato. Ele ia muito para fora do Acre e eu levava as mensagens dele até os seringais.

A CAEX continuou depois do assassinato do Chico e eu fiquei em Xapuri até 1992. Inclusive, depois do assassinato de Chico, ainda fizemos vários empates. Em 1994, por exemplo, fizemos um empate no Seringal Nova Esperança. Teve gente presa. Inclusive eu fui processado devido esse empate. Não pela participação do empate, mas é que eu estudava o segundo ano de direito e ia fazer uma reunião lá dentro do seringal. Em 1994 o IBAMA havia me contratado para falar sobre Reserva Extrativista, lá dentro da reserva Chico Mendes, em toda ela. E eu tinha marcado uma reunião lá no seringal Sibéria, em um sábado, mas devido o empate tinham prendido um companheiro na quinta-feira. Aí eu antecipei a viagem e fui para Xapuri na sexta-feira de manhã, para tentar tirar o companheiro da cadeia.

Eu tentei convencer o delegado a fixar uma fiança, mas ele não queria. Dizia que o promotor não deixava. E vai, e tal. Eu vi que não ia sair nada. Tentamos um *habeas corpus* que o pessoal de Rio Branco minutou e me passou via fax. Eu redigitava. Um trabalho danado. Terminamos umas onze horas da noite. Como eu tinha que ir para o Seringal de manhã falei com o Emanuel que assessorava a gente e ele indicou para ir à casa da juíza à noite mesmo. Afinal era um *habeas corpus*. Então fomos eu, o Chiquinho Barbosa e a Amine. Ficamos na frente da casa da Juíza batendo palmas. Batíamos palmas e ela não vinha atender.

Daí chegou uma vizinha, a Cleonice, e disse que ela estava, pois o marido tinha chegado de Rio Branco. Só queríamos entregar o *habeas corpus*, pois tinha um companheiro preso. A juíza era a falecida Doutora Tapajós. Toca o telefone lá dentro. Depois chega a polícia. Perguntaram o que estávamos fazendo ali. Explicamos. E eles disseram que não podia. Explicamos que só queríamos entregar o documento. Que a liberdade do companheiro era mais importante que o sono da Juíza. Mas não foi possível entregar.

Então, deixei o documento com os companheiros para eles entregarem pela manhã. Em função disso, o promotor me denunciou por invasão de domicílio. Mas quem invade não bate palmas. Respondi o processo até 1996. Quando fui absolvido. Esse promotor inclusive, hoje é juiz federal em Roraima. Coitado.

Ele tinha denunciado o “Paulista”, outro companheiro, por crime contra a segurança nacional. Nesse caso citou um decreto 501 da ditadura militar que elencava os crimes contra a

segurança nacional. Que já tinha sido revogado por outro Decreto posterior. O Paulista morava ali no “Buraco do Rato” - uma república - e tinha um rifle papo amarelo encostado na parede, descarregado. Na verdade, o rifle era do Pedro Teles, que morava no quarto em frente. O Pedro tinha uma criança pequena e, por medo do rifle cair na cabeça da criança passou a arma para o quarto do “Paulista”. O dono da casa não aceitava que pregassem prego na parede. Depois do “empate”, a polícia realizou uma busca lá e encontrou o rifle. De acordo com a denúncia do Promotor, isso era crime contra a segurança nacional pelo Decreto citado por ele. Na verdade, tudo era crime contra a segurança nacional por esse Decreto, só que, no caso, o Decreto já havia sido revogado e a situação já não configurava mais crime.

Mas como disse houve vários empates depois do assassinato do Chico, houve na Boca do Lago, no Independência, vários outros empates contra os desmatamentos. Acho que o último foi esse de 1994, aquele que citei. Então, depois da morte do Chico criaram a Reserva Extrativista. Antes, logo depois do assassinato do Ivair Higino, criaram o PAE Cachoeira. Na verdade PAE Chico Mendes. Ainda com Chico vivo foi criado esse Projeto de Assentamento Extrativista. Foi o Presidente do INCRA, aquele que faleceu em um acidente em Carajás, o Raduan. Ele adaptou a discussão que fazíamos e criou a figura jurídica do Projeto de Assentamento Extrativista. Mas até hoje os técnicos do INCRA não conseguem entender essa ideia. Eles só sabem cortar a terra. Até hoje o INCRA não consegue entender.

O São Luiz do Remanso, que também é um PAE, foi seguro por muita luta do Raimundão, pois os técnicos do INCRA iam para lá e falavam que as pessoas deveriam cortar a terra, que assim teriam seu título. O Raimundão ia e fazia reunião falando outra coisa. Foi uma luta segurar o Projeto lá, pois os técnicos do INCRA nunca entenderam a ideia. O São Luiz do Remanso foi seguro na árdua batalha do Raimundão, brigando com os técnicos do INCRA.

Então a criação da reserva fez com que os conflitos na região diminuíssem. Mas aconteciam empates em áreas fora da reserva. Em Boca do Lago, que fica do lado de cá do rio, no Independência, no São Francisco, como falei. E os companheiros da reserva iam ajudar. Continuou a luta ainda por algum tempo. Mais depois diminuiu o conflito pela terra, pois a reserva eliminou parte do conflito pela terra. Infelizmente, hoje, tem áreas dentro da reserva que os seringueiros desmataram mais, estão arrendando para fazendeiros, infelizmente está acontecendo isso. Não em todas as partes, mas principalmente em áreas próximas das fazendas. Como os fazendeiros não podem mais desmatar ficam fomentando, pagam renda para os seringueiros.

Bem, a CAEX teve sempre altos e baixos, os seringueiros ficavam em busca de alternativas para sobreviverem. A parte das escolas foi fortalecida através do Projeto Seringueiro. As escolas se fortaleceram muito. A parte de saúde já foi mais devagar. Mas as escolas se fortaleceram. Por muito tempo doze escolas funcionaram muito bem. A lá da Fazendinha, do Caboré, a União, do Rio Branco, a da Pimenteira. Os professores dessas escolas, alguns deles, inclusive, hoje, estão graduados. O Assis graduou-se em Geografia, o Jorge “Roxo” Pinheiro tem pós-graduação e mora em Capixaba hoje. São caras que começaram lá dentro bem jovens. Isso é uma concretização dos sonhos que, muitas vezes, eu e o Chico ficávamos conversando ali na frente do Sindicato no final das tardes.

Nessas conversas o Chico levantava sempre a preocupação, ele dizia que tínhamos que criar perspectivas para os filhos dos seringueiros estudarem. Mas um estudo que os mantivessem lá dentro. Que estudassem alguma coisa que pudessem utilizar no seringal, para que se sentissem úteis na floresta. Para que não se sentissem tentados a sair da floresta. Pois como não era possível aumentar a área territorial dos seringais, seria preciso adensar a floresta. Criar alternativas de exploração não madeireira no interior da floresta. O cultivo de algumas coisas. De outros produtos da floresta. Para que os filhos dos seringueiros fossem treinados nisso, fossem capacitados para reproduzir essas tecnologias lá dentro, esses avanços. É que ele percebia que os jovens iam casando e tendo filhos, e como o território é o mesmo, não teria estrada de seringa para todo mundo cortar.

Com a chegada de Jorge Viana ao Governo, veio a proposta do Manejo Madeireiro como uma espécie de alternativa. Criaram toda uma estrutura de apoio ao manejo. Criação de cooperativas para reunir os manejadores. Tudo isso que se viu. Mas é uma coisa que eu, particularmente, acho insustentável no longo prazo. É mais ou menos como as pirâmides financeiras que estamos vendo aí. No início o ganho é grande, mas em um tempo maior não é sustentável. Quem entra primeiro ganha.

Muitos seringueiros que entraram no manejo ganharam renda, nos primeiros anos eles aumentam sim a renda. Por isso, muitos compraram motos. Alguns possuem até duas motos. Então, no início eles ganham aumentos de renda com o manejo. Mas esse aumento da renda também se deve ao fato de que alguns exerceram outras atividades na floresta, são professores nas escolas, técnicos de campo que foram aproveitados pelo Governo do Estado.

Vieram os programas federais que possibilitou levar a energia. O Governo do Estado abriu muitos ramais, junto com o Governo Municipal, do Júlio Barbosa. Trechos que eu caminhava 15 horas, hoje demora uma hora e meia de moto ou carro. Hoje eu sei que um

trecho que fiz em 12 horas de caminhada possui 72 km. Sei por causa do ramal. Falo do trecho de Xapuri até o Caboré. Eu sabia que era longe porque todo mundo falava que dava 18 horas de caminhada.

Os ramais facilitam a retirada da borracha. Tem também a NATEX que aumentou muito o preço do látex. Muitos voltaram a cortar seringa. Embora muitos dos mais jovens não dominem a técnica mais. Eu não tenho tido tempo para andar por lá atualmente, para observar melhor isso. Neste momento, o que sei é que há uma grande pressão para o manejo madeireiro, que eu acho que é insustentável no longo prazo, e também no curto, pois se você começa agora não tem como parar.

Eu acho também que faltam algumas coisas. Principalmente por parte dos órgãos de pesquisa. Falta pesquisa para buscar tecnologias para o aproveitamento de resinas, de fármacos. Se você andar com ali no PAE Cachoeira, com o Nilson, rapidamente ele te mostra mais de 100 plantas com diferentes propriedades medicinais. Em quinze minutos ele te mostra. Embora sempre tenha pesquisadores ali nunca volta nada. Mostrando alguma coisa sintetizada. Isto aqui dá para fazer aquilo, enfim (silenciou). Portanto, falta criar respectivas de uso da floresta, sem destruí-la. Esse era o sonho de Chico Mendes. Sem tirar a floresta.

É que quando você tira a floresta, mesmo uma árvore grande, com aquelas copas enormes, quando ela cai, por mais que digam que existe toda uma técnica para cortar e retirar, que vai causar menor dano, quando a árvore cai ela quebra os filhotes, acaba com as árvores menores que estavam germinando ali. Pronto, está perdido de forma definitiva. Muitas vezes, entram com trator para puxar a árvore derrubada, aí quando faz o araste vai sulcando o solo. Acaba com uma cobertura de plantas que existe ali. Até mesmo quando puxam de carroça existem problemas. Tem toda uma agressão, e isso não está resolvido. Os caras só conseguiriam resolver com aquilo que se observa, muitas vezes, em filmes americanos, quando helicópteros puxam a árvore. Mas no nosso caso, pelo tipo de árvores, é impossível.

Eu vejo isso como extremamente danoso, e não vejo perspectivas. Ou melhor, vejo perspectivas extremamente negativas, danosas. Então, falta muita pesquisa por parte da UFAC, EMBRAPA, IFAC, por parte de todas as universidades brasileiras. Pelo INPA, enfim, pelos órgãos de pesquisa científica. Pesquisas sobre o potencial não madeireiro da floresta. Ou seja, daquele potencial que é mais fácil de se renovar. Tem alguns avanços, como seringueiros criando abelhas urucu, abelhas sem ferrão, abelhas que produzem um excelente mel. Mas são iniciativas muito pequenas para o tempo que já transcorreu.

Eu digo até hoje: se não tivesse havido a CAEX não existiria mais seringueiros em Xapuri. Nem para criar a reserva. Se não fosse a CAEX não existiria mais seringueiros. Ela foi fundamental. Pois mesmo com a criação da Reserva Extrativista não havia perspectivas. Mesmo com todos os problemas que a CAEX teve. De gestão, principalmente. Se não fosse ela não teria ficado seringueiro em Xapuri. Depois da morte de Chico, sem a CAEX, haveria uma verdadeira debandada. Com a CAEX, eles tinham um motivo para ficar unidos, para segurar a floresta, pois havia uma perspectiva econômica. Veja, a criação da Reserva foi positiva por um lado, mas desmobilizou os seringueiros, pois não era mais necessário lutar pela terra, brigar. Tirou aquela coisa de “opa, vamos nos reunir”. Então, depois da morte de Chico, a CAEX foi importante, pois os manteve unidos. Se não fosse a CAEX não haveria mais seringueiros em Xapuri.

Digo que hoje ficou muito mais fácil fazer reuniões com os seringueiros, fazer reuniões de mobilização, mas o sindicato de Xapuri se transformou em um cartório. Só serve para dar declaração para aposentadoria de trabalhador rural. É impressionante isso. Cobram taxas e coisas. Isso é um cartório, não é um sindicato. É cruel isso, pois é negar a História. Eu tenho diferenças políticas com a Dercy, mas a grande questão é que a Dercy (atual presidente) tinha diferenças pessoais com o Chico Mendes. E ela levou isso para dentro da administração dela no Sindicato, com os apoios externos que teve. Ela deu outra direção, e o sindicato deixou de ser o que era na época de Chico. De organizar e mobilizar para a reivindicação.

Ela fica o tempo todo denunciando que os seringueiros estão em situação miserável, mais não os mobiliza. Não há uma organização para chamar as autoridades, a partir da mobilização. Porque não interessa para ela mobilizar os seringueiros. Se ela mobilizar ela pode cair. Pois ela tem uma linha de atuação muito diferente do movimento histórico do sindicato de Xapuri.

Porque hoje existe um problema sério no Sindicato. Quando você observa o Darlzinho, o Oloci, os filhos do assassino do Chico votando na eleição do Sindicato (silenciou). Mesmo se eles fossem pequenos produtores, mas existe uma questão ética aí. Os assassinos do Ivair Igino - e o Oloci foi condenado como um dos executores dele, que era uma liderança ligada à Igreja Católica e ao Sindicato - não poderiam participar do Sindicato. É uma questão ética. Quando você caça um CRM de um médico? Quando ele age contra a ética. Como eu disse, o Oloci foi condenado pelo assassinado do Ivair Igino, um companheiro nosso. E agora o cara tá associado ao sindicato. Dá licença (visivelmente irritado).

Mesmo se eles fossem produtores familiares, que não são, teria uma questão ética aí. O filho do Darly, os filhos desse cara associados ao sindicato e não existe problema ético nisso? Isso é grave. São questões que o movimento enfrenta. E a oposição só se reúne em épocas de eleição. Nessa agora, por um problema técnico no registro da chapa, os companheiros históricos não puderam participar e a eleição foi com chapa única. Foram eleitos com um número mínimo de votos, porque ninguém vem mais votar.

Existe uma desmobilização geral dos seringueiros, tá todo mundo desmobilizado. Meio acomodado, usufruindo dessas políticas do governo que, momentaneamente, proporcionam algum benefício. Algumas comunidades estão até muito bem. Em termos de desenvolvimento. Como a do Cachoeira. Mas lá tem uma pousada construída. Tem toda uma estrutura lá dentro. As pessoas são guias, trabalham de alguma forma ligadas a essa estrutura, ou seja, conseguem de alguma maneira outra atividade que propicia rendimentos.

Mas isso não acontece lá no Boa Vista, no São Pedro, lá no fundão do seringal. Onde hoje é até fácil chegar. Lá eles vivem outra realidade. Até porque hoje as políticas do Governo estão centralizadas no Cachoeira, no Rio Branco. Também no Dois Irmãos, onde o Júlio morava e quando foi prefeito de Xapuri e deu uma olhada. Por isso, quando alguém me procura dizendo que quer fazer algum projeto na floresta eu digo: faz lá no São Pedro, lá na Itapissuma, lá no Fundão onde os companheiros estão mais longe. Digo: criem outras perspectivas para os companheiros que estão mais isolados. Pois até para trazer a madeira desses lugares é difícil. E o manejo não chegou lá. Ainda bem.

Acho que é preciso criar para eles perspectivas, para os filhos ficarem lá. Se não for assim não irão ficar. Irão para Xapuri. E olha que tem aumentado a criminalidade em Xapuri nos últimos anos. O uso de drogas tem aumentado drasticamente. Muita gente veio do seringal querendo melhorar de vida, e quando chegou na cidade acabou perdendo o filho, a filha, para a droga, para a prostituição. Por isso, acho que ainda não é tarde, pois ainda tem muita gente no seringal. Mas é preciso começar a criar perspectivas logo. Mas essa discussão não vem sendo feita. Porque os sindicatos estão desmobilizados, não se propõem nenhuma política para o Governo do Estado. Só querem a energia e acham que com ela resolvem o problema, mas não resolvem. Só tá aumentando o custo deles de manutenção. Pois precisam comprar a geladeira, etc. Aí colocam gado, que é a maneira mais fácil de fazer dinheiro.

Acho que houve fantásticos avanços, negar isso não é possível. Você pode não concordar com o conteúdo ideológico do que foi feito. Com a melhora que teve. Mas não pode negar os avanços. Eu, por exemplo, discordo profundamente do manejo madeireiro, mas

não discordo que a qualidade de vida melhorou entre os seringueiros de Xapuri. Mesmo sendo uma coisa muito momentânea. Inclusive isso é minha preocupação. Agora, eles podem matar um porquinho e ficar um tempo sem caçar, pois podem conservar a carne na geladeira.

O que eu acho que precisa ser feito apontei ainda em 1994 quando fui contratado pelo IBAMA para fazer aquele trabalho em toda a reserva, falando aos seringueiros sobre o que era a reserva, escrevi inclusive minha proposta em um relatório resultado desse trabalho. Veja, lá no fundo da reserva, lá no Alto Iaco, em uma área distante de tudo, cerca de 5 a 6 dias de distância. De lá para Assis Brasil são seis dias, é muito distante. Lá não tem seringueiras nem castanheiras. Lá eles são agricultores, estão dentro da reserva há muito tempo. Desde o início do século. Nessa área tem muita caça, é impressionante a quantidade. Então, eu propus que nessa área fosse criada uma área de reprodução de animais silvestres aproveitando o potencial genético. Pode-se cercar a área e deixar os animais dentro soltos, e começar a trabalhar os animais dentro, fazendo todo o cadastramento.

Faz a reprodução dos animais. E para cada seringueiro manda uma trinca, uma quina. E eles se responsabilizariam pela cria. Em cada dois, um ele teria que soltar na floresta. Fazendo o repovoamento. Nessa área você encontra ainda anta, queixada. O Estado monta uma estrutura para chegar lá, um aeroporto pequeno quem sabe, para os pesquisadores. Monta um centro de pesquisa lá. É uma possibilidade. Atrai idealistas para lá. Alguém que está começando. Para descobrirem a cura do câncer. Sei lá. Aí precisa que haja investimento do Estado nisso. Inclusive, já teve uma pista lá no Icuriã, para o pessoal que vinha da Itália a convite de Dom Moacir, o pessoal da Igreja. Abriram na enxada uma pista de 400 metros.

Eu acho que existe muita coisa para fazer. Por exemplo, ali na comunidade Rio Branco já existe condições de montar uma escola técnica. Então, quem está lá no fundão poderia estudar lá dentro. Mas uma escola técnica voltada para a floresta, para valorizar o uso da floresta, para o aprendizado da floresta, para valorizar o modo de vida de lá. No Cachoeira também já existe estrutura para uma escola técnica. Depois coloca lá mais dentro, lá no São João do Guarani, no caminho do Espalha. Para atender o pessoal de lá, do Barra, do Espalha. Lá no meio do São Pedro. Para pegar o pessoal do Fronteira, lá do rumo do Iaco. Mas algo que valorize a floresta.

Veja só, o Seringal Tabatinga era um seringal que na época áurea produzia 160 toneladas de borracha/ano. Tinha oitenta colocações. Quando eu passei lá em 1994, tinha só quatro colocações ocupadas. As seringueiras estavam todas virgens. Totalmente recuperadas. Do São Pedro para a margem do Tabatinga, na margem do rio Iaco, dá uns três dias de

caminhada. Só tem tabatinga. Nessa região, são regiões ricas de fauna e flora, quase ninguém vai. Chequei na casa de um seringueiro e a família foi toda para o mato, não tinham roupa. Mulher, filhos. É longe de tudo. Você só vai ter alguma condição se o Estado criar alguma estrutura nesses lugares. Aí atrai um cara lá da ESALQ, um veterinário que se interessa por reprodução de animais silvestres, um biólogo que se interessa em pesquisar pássaros, para pesquisar nesses lugares. Cria uma estrutura, e atrai, com controle, para não vir picaretas, que picaretas sempre tem.

Então eu acho, realmente, que houve conquistas e avanços. Que o pessoal hoje está melhor do que estava lá atrás. Que a qualidade de vida melhorou, mas os sonhos são outros e é preciso que seja criada, para eles, a possibilidade de viabilizarem seus sonhos lá dentro da floresta. Se não acontecer isso, eles virão para as cidades e aqueles que não conseguirem realizar seus sonhos certamente cairão na marginalidade. Eu acho que ainda é possível sim.

Uma vez eu fui participar de uma reunião que era para o Chico ter ido, e lá se discutiu sobre a UFAC. Dizíamos: cadê o trabalho da UFAC voltado para a floresta? Do ponto de vista de pesquisa, de investigação científica. Se existe é algo que fica guardado nas teses. Não tem em lugar nenhum uma pesquisa da UFAC com os filhos dos seringueiros. A EMPRABA também não tem. Não tem nada de tecnologia voltada para a floresta, para explorar a floresta, que poderia gerar enorme renda. Se fala em óleos, resinas, essências etc. Mas não se vê ações concretas. Não precisa ser doutor em nada. É só vir alguém para trabalhar com os mais velhos, com o Nilson. Ninguém está sistematizando esse conhecimento, para passar para gerações futuras.

Efetivamente falta uma política mais preocupada com o futuro das populações seringueiras, com o futuro dos filhos dos seringueiros enquanto defensores da floresta. Pois enquanto houver seringueiros haverá floresta. Porque a relação dos seringueiros com a floresta é bem diferente da relação do agricultor com a terra. Para o agricultor, a floresta é empecilho, é atravanco, tem que desmatar para desenvolver. Já a terra para o seringueiro é bem diferente. A propriedade não interessa muito. A terra não tem nenhum valor sem a floresta. O que importa para o seringueiro é o que está sobre a terra. A terra é o sustentáculo da floresta.

Penso que se o Chico fosse vivo colocaria muito mais exigências ao Governo do Acre no que se refere a outras alternativas. Outras alternativas de políticas para os seringueiros. O Chico diria: vamos devagar com o manejo. Não sei se ele seria totalmente contra o manejo de madeira. Mas com certeza, brigaria por outras alternativas. Com relação a

esse negócio de carbono, de serviços ambientais, penso que é uma coisa que até pode ter perspectiva, mas é algo muito distante dos seringueiros. É algo muito apropriado por corporações, grupos fechados, que visam lucros extremos. Já vi contratos, que analisei como advogado, contratos de 100 anos, em que todos os riscos são do proprietário da floresta. E todos os lucros são do intermediário da venda.

Esse negócio funciona mais ou menos assim: existem empresas que funcionam como os empresários dos jogadores de futebol, que não fazem nada e ganham muito. São empresas criadas para intermediar. Chegam aqui e fazem um contrato, de garantia de tantas mil toneladas de carbono/ano. Aí querem fazer um contrato, de 100 anos, com todas as responsabilidades para o dono da área. Do faturamento da venda para os grandes grupos, na melhor das hipóteses, serão divididos 50 a 50. Sendo que os 50% do proprietário servem para bancar os custos dos proprietários da floresta. De proteger contra queimadas etc.

Os seringueiros até poderiam ser beneficiados disso, mas precisariam entender esse mecanismo. E como não são proprietários, poderiam ser remunerados pela proteção que fazem da floresta. Aí o manejo madeireiro não interessaria para muitos. Pois saberiam que tirando uma árvore da floresta, seriam tantos metros cúbicos a menos de carbono. Mas eles precisariam conhecer. Para chegar até eles a remuneração pelo trabalho que efetivamente fazem. Mas é uma coisa que acho complicado. Uma coisa é a remuneração hoje, daqui a 50 anos seria outra, pois os contratos são de 100 anos. Você faz um contrato agora, todo amarrado, dando todo o poder para esses intermediários realizarem a negociação lá fora. E quem me garante que o intermediário não levará algum por fora. Pois quem vai comprar isso vai comprar nos EUA, na China. É a mesma coisa que acontece com negociações de jogador de futebol.

Sobre a questão das ONGS e a aproximação dos seringueiros com a questão ambiental, eu diria que existem ONG's e ONG's (aqui o colaborador respondeu a única pergunta feita durante o relato). Da mesma forma que existem desonestos em todo canto. Algumas se aproximaram por interesses econômicos e ou de projeção, isso principalmente depois da morte do Chico Mendes. Mas antes, na época que a Oxfam ajudou com financiamentos o movimento, colocou dinheiro, favoreceu as escolas, não tenho nenhuma informação que essa organização levou algum benefício. Mas devemos considerar que os técnicos dessas entidades ganhavam dinheiro, porque nos projetos tinha muito dinheiro para os técnicos e nem tanto para fazer trabalho de campo. A organização Cultural Survival, por exemplo, que comprou castanha da CAEX, pode ter ganho dinheiro vendendo a castanha que

comprava de nós. Compravam a US\$ 1.20 e, possivelmente, vendia mais caro, pois era a castanha da terra de Chico Mendes.

Veja só, quando o Chico Mendes viajava sempre tinha alguns que queriam aparecer nas fotos. Mas o fato é que os ambientalistas perceberam o tanto quanto era profunda a proposta das reservas extrativistas. Pois até 1985, no encontro de Brasília, só existia um projeto de desenvolvimento para a Amazônia, o da ditadura. Era o modelo. E aí os ambientalistas ficavam gritando que deveríamos preservar a Amazônia. O Governo Brasileiro tinha um discurso e um projeto de financiamento daquele modelo, via Basa, SUDAM etc. A ideia era “integrar para não entregar”. Davam terra para desmatar. Esse era o modelo.

Os ambientalistas gritavam contra, mas era só grito, não tinham uma proposta. E os ambientalistas também sempre foram defensores de conservar, de preservar, sem população, pois o homem é um predador natural. Aí teve o encontro em Brasília, eu não estava lá, pois não participava do movimento ainda. Criou-se o Conselho Nacional dos Seringueiros. Que foi criado, inclusive, porque os seringueiros queriam participar de outro conselho que existia, o Conselho Nacional da Borracha, onde só participavam membros do Governo e dos empresários. Mas não permitiram. Então surgiu a proposta do Conselho Nacional dos Seringueiros.

Nas discursões o pessoal queria algo parecido com as terras indígenas, para ninguém encher o saco dos seringueiros lá dentro. Aí alguns assessores estavam lá e falaram, mas vocês são extrativistas. Dai surgiu o nome de Reserva Extrativista. Acho que por parte dos assessores que estavam lá. O Chico Mendes foi quem fez a leitura final do documento, pois a convocação para o encontro foi do sindicato de Xapuri. O Chico havia ido para a abertura, depois retornou para Xapuri, pois era candidato a prefeito, depois foi para o encerramento do encontro onde fez a leitura do documento final.

Lançaram naquele encontro a ideia, ou seja, a Reserva Extrativista seria onde existe população tradicional que usa de forma sustentável os recursos. Este era o conceito básico. Ele era tão básico, e tão amplo, que hoje existe Reserva Extrativista para uma série de coisas, para coletores de caranguejo etc. Uma vez, em férias com a família, vi no delta do Parnaíba uma placa de um local que era uma Reserva Extrativista de caranguejos. Inclusive expliquei para os turistas como tinha surgido a ideia de reserva na Amazônia. Isso foi em 2010.

A ideia era essa: primeiro área pública. E aqui tínhamos uma coisa que arrebenta com um dos sustentáculos da nossa sociedade que é a propriedade privada. Segundo, teria o direito de uso para a população tradicional. Já isso era uma coisa complicada para a cabeça

dos ambientalistas. Mas eles foram convencidos, pois o exemplo era que os seringueiros viviam desde o início do século sem destruir a floresta. E onde existia seringueiro a floresta estava preservada. Os ambientalistas acharam interessante a proposta. Aí a coisa foi se ampliando.

Um documentarista preocupado com a questão ambiental, o Adrian Cowell, jogou a ideia para fora do Brasil. Foi assim que passamos a ter dois modelos de desenvolvimento para a Amazônia. O Governo dizia: temos que desenvolver a Amazônia. Aí os ambientalistas passaram a dizer: nós concordamos, mas desde que seja como os seringueiros estão propondo. Agora existia uma proposta concreta. A grande questão é que os ambientalistas se aproximaram da ideia porque ela era boa.

Na verdade, isso influenciou muito no assassinato de Chico Mendes, pois ele se tornou o principal porta voz dessa proposta. Mesmo não sendo dirigente do CNS. Chico passou a fazer palestras e a falar sobre isso em todos os lugares. O pessoal da universidade, o Ariovaldo, o Carlos Walter, que se preocupavam com a questão dentro das universidades, confirmavam que a proposta era interessante. Afinal, ninguém tinha falado nisso antes, ou seja, de que era possível desenvolver sem destruir. Tínhamos então dois modelos para contrapor. Então os ambientalistas se aproximaram porque a ideia era boa para eles. A ideia de preservar com as populações. Aí a coisa foi se ampliando para quebradeiras de babaçu no Maranhão, para outras atividades. O pessoal foi fazendo seus modelos próprios.

E o Chico era um excelente porta voz disso tudo, com aquele jeito bonachão dele. Porque até então ninguém olhava para as populações. Aí começou a se propagar a ideia e muitas ONG's se aproximaram para apoiar. Porque a ideia era boa. Tanto era que muitos pesquisadores se empenharam para mostrar que a proposta não era viável. O Homa, da EMBRAPA, foi um deles. O cara se empenhou ao extremo para mostrar que não era viável.

Para muitos era preciso desfazer a ideia. Pois ela se contrapunha ao modelo que eles tinham. Eles precisavam dizer que o modelo não prestava. Por isso o Homa se dedicou muito a isso, sem olhar para as pessoas. Preocupou-se demais com os preços, com o mercado etc. E pouco com o que a proposta era capaz de gerar de economia para o país, economia causada pela não expulsão dessas populações para as cidades. Veja: aqui no Acre o êxodo para as cidades aconteceu e acontece, mas com uma velocidade menor depois das reservas. Diferente do que aconteceu em Rondônia. Aqui houve uma organização forte e não conseguiram fazer o que fizeram em Rondônia. Aqui essa questão da identidade é muito forte, que tem relação com os seringueiros. Hoje, inclusive, tem muito fazendeiro que desmatou arrependido, depois

dessa história do crédito de carbono. Têm vários que estão plantando árvores para pegar créditos nas áreas que eles desmataram. Tem gente fazendo isso pensando que é um filão.

Mas não só ONG's se aproximaram. Porque você acha que a Universidade da Flórida veio para o Acre fazer pesquisas? Porque ela tem como vender que está trabalhando na Amazônia. Uma vez uma pesquisadora de lá, mestranda, chegou em Xapuri e distribuiu no Cachoeira sacos para os seringueiros coletarem castanhas das melhores árvores, para que ela pudesse fazer uma pesquisa para a tese dela. O pessoal de Xapuri me contou e eu lembrei a eles a história das sementes de seringueiras que roubaram e levaram para a Inglaterra. Ela estava querendo fazer isso. Porque ela não pediu para pegar de qualquer castanheira? Ela quer das melhores. Aí o pessoal ficou assustado e ninguém colaborou. Depois ela me encontrou e me esculhambou, que eu era contra o desenvolvimento. Eu falei: você tem como garantir que sua pesquisa, que vai ficar lá no computador da Universidade da Flórida, vai ficar só lá mesmo. Que ninguém vai pegar para usar. Porque você tem que levar a castanha para lá? Desenvolve aqui. Ela justificou. Mas eu disse que tinha alguma coisa estranha.

Passando um tempo ela me pediu desculpas, disse-me que eu tinha razão. Falou que as pesquisas feitas lá, o pesquisador não tem o controle, a Universidade pode vender para quem ela desejar. Então é muito provável que ONG's tenham se aproveitado do movimento. Mas muitos também eram mais aliados. O Chico percebeu isso. Tinha muita gente séria que nos deu apoio.

Dia 07 de dezembro de 1988 o Chico foi convidado pelo Prof. Valverde para fazer palestra no Rio e na ESALQ. As duas no mesmo dia. Aí ele pediu que eu fosse para o Rio no lugar dele, que ele iria para São Paulo. Disse-me que era preciso ampliar os aliados. No Rio o Chico tinha excelente relacionamento com o Carlos Walter do PT, com o Minc do PV, com o Sirkis do PV. Com o Professor Valverde, que não era de partido nenhum, que eu acho que era um nacionalista e que fora, como oficial da marinha, mandado para a reserva pela ditadura militar. Ele tinha relacionamentos com pessoas de várias tendências ideológicas e tinha consciência que elas poderiam ajudar. Ele percebia isso. Os caras correram na rua com faixas, lá no Rio, e saía nas revistas, no Jornal Nacional. Ele era um cara que percebia que era necessário ampliar o leque de aliados.

Nos Estados Unidos, por exemplo, conversou com um Senador Republicano Robert Karsten, que no outro dia do assassinato dele publicou um artigo duríssimo. E esse Senador era ultraconservador, de direita. O cara se manifestou duramente pedindo justiça, contra a impunidade. O Chico dialogava com todos. Então eu acho que da mesma forma que muitas

peessoas podem ter se aproximado para obter benefícios, o Chico ia conseguindo espaços, para abrir horizontes, por isso é que quando ele foi assassinado deu no que deu, e essa repercussão os caras não contavam. Achavam que ia acontecer o que aconteceu quando mataram o Wilson Pinheiro: desmobilizar o Sindicato.

O Chico conseguia entender bem o momento. Inclusive, recebeu um convite do Governo de Israel, da embaixada de Israel, para conhecer tudo lá. Mas se recusou, alegando que não iria, mandou uma correspondência dizendo que enquanto os irmãos palestinos estivessem sofrendo perseguições lá não iria. Mantendo sua coerência. As pessoas percebiam e diziam, esse cara é coerente.

MARIA MENDES DO NASCIMENTO

Entrevista concedida em 31/08/2013 na cidade de Xapuri/AC. Colaboradora reside na colocação Montevidelezinho, no seringal Equador. Data de Nascimento: 09/01/1959

Eu nasci e me criei no seringal. Lá eu me casei e tive cinco filhos, dois homens e três mulheres. Aí minha filha começou a estudar, ela tinha oito anos. A escola que ela estudava era uma escolinha de palha de ouricuri e o teto era o chão mesmo. Os banquinhos eram feitos de paxiúba. Quando ela fez a 4ª série disse queria estudar aqui na rua. Eu pensei e vim com eles.

Quando cheguei em Xapuri comecei a trabalhar na casa das pessoas. Dois de meus filhos estudavam de manhã e dois estudavam de tarde. Eu me preocupava muito deles viverem na rua. Quando eu chegava em casa eles não estavam, estavam na rua. E eu me preocupava muito com isso.

Então decidi voltar para o seringal, pois sabia trabalhar e me garantia. Deixei a minha filha mais velha morando na casa da Dona Graça, estudando (moradora de Xapuri). Falei para ela que ela tinha que ficar. Disse que lá no seringal para mim era melhor, pois eu podia plantar e criar, e poderia ficar com meus filhos menores do meu lado. Então, lá a gente tem um diálogo melhor. Se tiver que sair para trabalhar eles vão comigo. Aqui na rua eles vão crescendo e querendo coisas que eu não poderia dar.

Lá no seringal nós mesmos vamos fazer os alimentos. Aqui a gente tem que comprar. A gente tem o peixe, a carne de caça e a farinha. Também quando adoecia na cidade tinha que

comprar remédio, pois remédio do posto era difícil. Agora (passou a falar da atualidade) no seringal tem postos e os médicos vão. Quando eles vão levam remédio. Levam vacinas. Tão cuidando da nossa saúde e das nossas criações. Leva a vacina do nosso gado, o pessoal do IDAF (Instituto de Defesa Agroflorestal) vai lá verificar. Então, a gente tem uma assistência das pessoas conforme tá precisando. Não é dizer que a gente tem tudo, mas a maioria das coisas a gente tem. Então, no seringal hoje a gente vive melhor do que na cidade.

Tem o auxílio moradia, o Governo dá o crédito. A gente faz o crédito para construir a casa. Eles dão a casa pronta para a gente morar. O crédito já vem para o extrativista. Nós, como eu, que sou seringueira, nasci e me criei no seringal, me orgulho em dizer que sou seringueira. Pois eu nasci e me criei lá no seringal e criei meus filhos cortando seringa. Tenho todas as notas fiscais de onde eu vendi minha borracha e minha castanha. Eu me orgulho em dizer que sou seringueira e tenho hoje filhos que são professor, mas eles estudaram lá dentro do seringal e trabalham lá dentro.

A nossa administração que nós temos, Graças a Deus, olhou demais para nossa saúde e nossa educação. Então eu vinha aqui na cidade trabalhar pela diretoria da reserva, para levar o conhecimento que eu tinha aqui na cidade para os seringueiros. Eu fui secretária geral da AMOPREX (Associação dos Moradores da Reserva Chico Mendes/Xapuri), e com o conhecimento que tinha levava para os seringueiros na minha comunidade. Eu vinha e participava do meu rodizio na Diretoria, que fui Secretária Geral. Com o conhecimento que eu tinha na Associação eu levava para lá para os seringueiros. A gente discutia o manejo na Associação.

E até hoje, lá onde moro, a gente não aceitou trabalhar com o manejo. Pois o manejo madeireiro que nós temos precisão de trabalhar é o leite da seringa, a castanha, a farinha e o arroz que nos vendemos. Então, esse é o manejo sustentável que a gente tem que fazer. Porque se a gente fizesse e não vendesse, mas a gente vende. O quilo da farinha a gente vende a R\$ 4,00 aqui em Xapuri. O quilo de feijão tá R\$ 7,00. Esse é o manejo sustentável que a gente tá fazendo, e tá se alimentando. Estamos vendendo e se alimentando com nossa família.

Por isso que eu falei que o manejo madeireiro não tem como a gente trabalhar, pois vai prejudicar nós depois. Eu não, que já estou na idade e conheci muitas coisas. Mas meus netos e meus bisnetos? Eu moro dentro da reserva, lá dentro da minha colocação, e não quero que meus filhos saiam de lá. Pois eles trabalham lá. Se eu morrer eles vão ficar lá. E lá a gente faz esses financiamentos do Governo. Tem o apoio da saúde. Então não tem precisão nenhuma da gente sair de lá e vir passar fome aqui em Xapuri. Aqui é passar fome mesmo,

viver uma vida aperreada, pois até quem tem dinheiro vive no sufoco. Imagine pobre que quando chega aqui colocar a mão na cabeça no sufoco. Sem saber o que fazer. No seringal não. Lá não, se tem a luz a gente vai assistir a televisão só com a família, ver a novela sem barulho de nada, sem zuada de bêbado. Sem fofoca de vizinho. Sem gente batendo na sua porta.

Terminou a novela a gente deita na rede, na cama e vai dormir. É um silêncio tão bom. Eu dou graças a Deus. Quando venho na cidade fazer alguma coisa fico doida para voltar. Peço a Deus para ir para casa. Chego em casa tomo um banho na minha fonte, aquela água tão geladinha. Depois, vou para casa e durmo que me esqueço. Na cidade não. Por isso eu digo para meus filhos: isso aqui é de vocês. Então cuidem. Sair da floresta não quero tão cedo. Pois eu gosto demais de lá. Pois é (silenciou longamente).

Perguntar como entrou na Associação, respondeu:

O pessoal me escolheram para participar da diretoria da Associação, pois eu tinha bom conhecimento assim com as pessoas. Então eu participava e viajava muito para Rio Branco, para Sena Madureira. Para fazer trabalho sobre a reserva. Discutir planos. Um financiamento que eles iriam fazer para dentro da reserva. Eu ia para poder está informada sobre o que eles queriam fazer, para levar para a comunidade. A gente ia para Brasília para participar com todos os diretores das associações da reserva (na Resex Chico Mendes existe uma Associação em cada Município abrangido pela mesma). Para fazer reuniões e discutir sobre os projetos, sobre as prioridades. Como aplicar os recursos que vinham para a reserva. Tudo tinha que ter várias reuniões. A gente viajava muito.

Em uma dessas reuniões, lá em Rio Branco, no Amazônia Eventos, eu perguntei para uma mulher sobre o manejo de madeira. Tinha um curso para as pessoas aprenderem a subir lá no alto para colher a semente das arvores lá em cima, pois se a semente cair a gente não acha. Lá em Rio Branco eles faziam um cordão com as sementes. Preste atenção: eles vendiam um colar por R\$ 60,00 reais lá em Rio Branco. Colar com caroço de jarina, patoá. A jarina serve para cobrir as casas e produz uma semente branca. Eles compravam o quilo por R\$ 4,00. Cada semente eles colocavam em um cordão. E vendiam por R\$ 60,00. Por isso abri os olhos de muita gente. Disse: pessoal abram os olhos, eles vendem por R\$ 60,00 e compram um quilo de semente por R\$ 4,00. Como é que os nossos filhos, nossos netos, nossos bisnetos vão comprar um cordão desses. Só vamos ver no pescoço dos ricos. Se a gente vende essa semente que a gente junta, as mães vão morrer com certeza, as mães desse patoá, dessa jarina,

desse açaí, dessa bacaba vão morrer, e se a gente vende para fora as sementes não vão nascer filhos.

Por isso perguntei para a mulher do curso que fala de manejo de madeira. Perguntei como e quando a gente vai ter outro reflorestamento? Ela disse: só Deus saberá. Pois é por isso minha preocupação do manejo madeireiro dentro da reserva. Porque eu sei, eu conheço a semente, conheço a mãe da semente porque tenho essa idade. Mas meus filhos, meus bisnetos, não irão saber. E se elas se acabarem? Porque elas vão se acabar se a gente tirar a semente para fora, com certeza. Aí ele não me respondeu.

Por isso eu falei lá em Rio Branco, falo para meus filhos, e falei aqui na Associação de Xapuri. Falei por várias vezes: minha gente, a gente não tem precisão desse manejo. Desse jeito eu dizia como estou dizendo para o senhor. Nós seringueiros não temos precisão. Lá onde nós moramos a gente pode plantar de tudo num pedacinho de terra. Para que vender a floresta? Porque vai acabar. Aí uma pessoa lá de Rio Branco uma vez me disse: “a senhora é contra o manejo porque deve ter muito dinheiro”. Eu disse: tenho não minha filha, tenho não. Se você quiser saber vá lá na minha casa. Eu tenho um bujão de gás e uma caminha de solteiro. Mas é assim trabalhando, vendendo galinha, trabalhando, vendendo arroz, vendendo castanha. Banana eu não vendo porque é difícil de trazer, mas tem fartura de banana. Meu neto até estraga banana. Aqui na cidade não vejo banana. Nem para comprar para meu neto.

Então, para que então a gente vai acabar com a mata, destruir a natureza. Onde temos um ar tão bom de respirar. Você respira outro ar dentro da mata, se sente outra pessoa. Toma aquela água geladinha do igarapé e se sente outra pessoa. Quando vem de Xapuri e caminha pelo ramal no sol quente entra na mata e sente a frieza, aquele ar gostoso. Aquele vento frio. É bom demais. A gente sente que a gente muda quando entra na mata. Então porque eu vou vender isso (novamente silenciou. Foi perguntada se criava gado).

Eu tenho algumas vaquinhas. Só dez porque sou sozinha. Eu morro com a minha mãe, pois sou separada de meu marido há 17 anos. Meus filhos são casados. Eu não quis casar de novo e criei meus filhos sozinha. Então, eu tenho dez cabeças de gado porque sou sozinha. Quando aumenta, eu logo vendo. Porque está dentro da reserva e não aceito derrubar para colocar mais gado. Se não aceito derrubar para o manejo, não aceito também para fazer pasto. Então, só tenho dez cabeças porque preciso. Quando a gente tem alguma precisão de dinheiro eu já tenho o bezerro para vender. Se preciso de alguma coisa de última hora, pois a gente adoce, eu tenho um bezerro para vender. Por isso tenho algumas vaquinhas (silenciou parecendo desconfortável com a pergunta. Perguntou-me então se eu gostaria de saber mais

alguma coisa, pois já era tarde e seu neto estava cochilando no sofá da sala e precisava ir. Pedi que falasse sobre o que mudou na floresta depois da Morte de Chico Mendes).

Pois é. Teve muitas coisas que mudou para melhor. Antes dele morrer não tinha projeto da gente fazer esses financiamentos. Esses créditos do governo. Ele deixou isso encaminhado antes de morrer. Porque ele viajava muito para fora e tinha um dom dado por Deus. Uma curiosidade, uma criatividade para fazer projetos. Fazia aquelas reuniões nas comunidades e falava o que estava pensando em fazer. A gente assinava uma ata. Ele levava e quando voltava dizia que a gente ia ver acontecer. Por isso digo que ele morreu, mas os projetos dele já estavam longe. Por isso, ainda hoje aparece um recurso dentro da reserva. Mas eu tenho certeza se ele fosse vivo, ele não aceitava esse manejo madeireiro. Pois ele foi uma pessoa que brigou muito pela floresta. Se ele fosse vivo não aceitava, pois ele perdeu a própria vida por causa dos fazendeiros que estavam acabando com a floresta. Porque os fazendeiros vinham com aquele monte de dinheiro e davam para os seringueiros em troca da terra. E os seringueiros nunca tinham visto aquele monte de dinheiro, e achavam que não ia se acabar nunca. Daí vendiam.

Eles vendiam e os fazendeiros queimavam para criar gado. Por isso Chico pensou: se todos os seringais fossem queimados iam se acabar. Por isso ele fez os empates. Eu fui a dois. A gente ia com as famílias, com as crianças, brigar com os fazendeiros, com a polícia. Porque eles tinham dinheiro e a polícia ficava sempre do lado deles. Mas a polícia respeitava a gente devido às mães, e as crianças.

Por isso teve seringal que não foi mais derrubado. Pois os fazendeiros não tiveram mais esse direito de derrubar e ficar com tudo. Se Chico Mendes não tivesse feito esses empates a gente não tinha mais mata aqui não. Por isso eu tenho certeza que Chico Mendes seria contra esse manejo madeireiro. Porque ele era uma pessoa que pensava muito pelo lado da gente. E a gente ver que isso não tem futuro para o seringueiro. Pois a gente vai vender pelo preço que eles quiserem. Nós, que não entende de madeira, vamos vender pelo preço que eles quiserem. E eles vão vender lá por um preço bem maior. E nós vamos ficar sem a madeira e sem a floresta. E sem dinheiro. Porque agora temos como trabalhar com a borracha e a castanha e não precisamos de manejo.

Lá perto da onde eu morro ninguém estava mais cortando seringa, mais depois da fábrica NATEX o pessoal voltou a cortar. Não cortavam porque não tinha como vender esse leite. Mas como falei, o Chico Mendes tinha muitos projetos que ele deixou. Um era dessa fábrica de camisinha. Por isso muitos voltaram a cortar seringa. E eles dão todo o material

para a gente cortar. Tem um tempo de cortar diferente do patrão, agora a gente corta no inverno também, pois a gente coloca um hormônio no vaso, daí o leite não coalha. E no verão a gente cuida do roçado.

O Chico também arrumou um dinheiro para vir todos os anos para a Cooperativa comprar a nossa castanha. Chegou o tempo da castanha o pessoal vai coletar. No tempo da seringa a gente vai cortar e entrega depois para a fábrica. Depois eles entregam o dinheiro. No verão eles dizem que o leite fica grosso, daí eles pedem para parar e ir cuidar do roçado.

Perguntada sobre as dificuldades que enfrenta, respondeu:

A dificuldade maior é o ramal, porque tem época que o caminhão não vai. Aí nos temos que entregar o leite nos animais da gente, até onde o caminhão consegue chegar. Então o ramal é a dificuldade. Agora com o ramal todo mundo tem uma moto. Pois a gente possuindo moto sai na hora que quer, e chega na hora que quer. Vem de moto até Xapuri e coloca uma caixinha de compras e volta no mesmo dia.

Também mudou a alimentação, pois antigamente o pessoal se alimentava muito mal. Era só uma farinha e uma carne de caça. Hoje o pessoal tem a bolsa família, o salário maternidade, sempre tem um ou dois aposentados nas casas. Então hoje as pessoas tem mais dinheiro e comem melhor. Por isso adoecem de pressão alta, colesterol. Eles sabem que vão receber aquele dinheirinho todo mês, daí vão comprar mesmo. Comem muita gordura. Não sabem que podem prejudicar a saúde deles.

Outa mudança é que tem muitos evangélicos, o pessoal tá mudando mesmo. Lá no seringal tem áreas que existe mais crente do que católicos. Tem a Assembleia de Deus, o Adventista do Sétimo Dia, tem outro que não sei.

JORGE MONTEIRO DA SILVA

Relato concedido no dia 23/07/2012 no seringal Boa Vista, colocação Bonfim. Reserva Extrativista Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. No momento da entrevista o colaborador possuía 38 anos.

Bem, meu nome é Jorge Monteiro da Silva e eu estou interagindo os 39 anos. Eu vivia lá dentro do outro seringal.

Aqui dentro da reserva, para nós tem sido melhor. Nosso alimento ficou melhor. E o Governo está ajudando muito a população aqui dentro. Então é uma força para nós. Também

o transporte melhorou. Esse ano foi dado uma melhoria no ramal. Logo que chegemos aqui era um sofrimento para nós. Outra melhoria foi a implantação da fábrica de Xapuri. Que empregou muita gente daqui, gente que foi para a cidade. E para nós que trabalhamos no leite da seringa (o látex) o preço está melhor. O preço melhorou em comparação ao quilo de borracha que a gente vendia aqui antes. Hoje em dia, cortando seringa, uma vez por dia, o menor preço que obtenho está numa faixa de R\$ 70,00. Então, eu acho que é uma melhoria de vida. Também o nosso alimento melhorou. A gente aqui planta arroz, feijão, o milho, planta roça de macaxeira. A gente colhe esses legumes para sobreviver. Quando sobra um pouco a gente vende. Quando não sobra, só dá para o consumo, mas existe o dinheiro da seringa. Quando não está na safra da seringa tem a safra da castanha. Então, eu estou do lado desse governo. Nós temos o direito de apoiar esse governo, pois ele enxerga o nosso lado.

Figura 45 - Seringueiro Jorge Monteiro da Silva em sua cozinha concedendo a entrevista
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo, 2012.

Nós aqui levantamos para trabalhar umas quatro horas da madrugada, saio para cortar (seringa) umas cinco horas, e quando dá umas três da tarde estou de volta. No outro dia é a mesma coisa. Mas na seringa tem dia que a estrada (estrada de seringa - onde ficam as árvores) se torna menor em madeira (uma quantidade menor de seringueiras para extrair o

látex), e noutro dia se torna maior. Então, não tem um horário certo. Mas tenho que sair cedo para dá conta. De manhã é obrigatório sair naquele horário certo. Quando chego em casa, uma ou duas hora da tarde, eu vou direto para o roçado. O almoço é lá na estrada de seringa mesmo, aquela farofinha fria mesmo. Então, corto as árvores (extraí a seringa) e depois almoço, aí eu volto na estrada de seringa colhendo o leite (látex). Depois trago tudo para cá e despejo no vaso que tem. Aí é que vou para o roçado trabalhar nas roças, em outros serviços. No roçado fico até cinco, cinco e meia. Quando a noite vem chegando a gente vem para a casa, para tomar um banho e tirar um cochilo, pois no outro dia tem de novo.

Durmo cedo, mas tem dia que não durmo cedo não, pois vou para a mata esperar para matar algum bicho para se alimentar no outro dia. Muitas vezes volto de madrugada. Vamos supor, às duas horas. Tem dias que nem durmo, pois chego da espera e já tenho que ir para a estrada cortar seringa. Não dá para a pessoa ter aquele sono. A dificuldade aqui é isso. É o alimento. Pois a pessoa tem que se esforçar.

Porque para conseguir o alimento a pessoa tem que se esforçar mermo, se não se esforçar vai passar dificuldade. Tem o bolsa família, mas o bolsa família é uma intera (um complemento de renda). Todo mundo sabe que o bolsa família é para complementar. Porque tem os filhos da gente que estuda, e esse programa é para manter os filhos da gente na escola. É uma força do governo. Então é isso.

Perguntado se tem filhos, respondeu:

Eu tenho três filhos, mas comigo aqui só tem dois. Eu sempre morei aqui na floresta. Desde criança. Eu aprendi a cortar seringa (fica pensativo). Deixa eu vê aqui (pensativo): eu tinha cinco anos de idade quando meu pai me ensinou a cortar. Eu tinha oito irmãos quando a minha mãe faleceu. Nós ficamos tudo criança com meu pai. Ele foi se batendo, criando a gente, aí arrumou outra mulher. É a mulher que é a mãe dessa menina aqui (apontou para sua irmã, que estava acompanhando o relato). Ela é minha irmã por parte de pai. Foi a mãe dela que criou todos nós. Mas nós sofremos muito para chegar até esse ponto de hoje. Para chegar com nossa idade, para cada qual tomar de conta de sua própria pessoa mermo.

Cada qual cortava em suas estradas quando se formemos. Mas eu só saí da casa de meu pai depois que eu arrumei família. De lá para cá, venho tocando minha vida com essa mulher (apontou), que é justamente essa daqui. Nós estamos já com dezenove anos de casado e acho que somos felizes. A gente já tem dois filhos formados. Tem esse daqui, que também já está estudando (apontou para o filho). Já tem certa idadezinha, já boa, também. Então para mim estamos felizes (silenciou).

Perguntando se gosta de morar na floresta, respondeu:

Eu gosto de morar na floresta. Meu costume é morar na zona rural. Na cidade de Xapuri não moro. Sou mais na floresta. Porque me costumei na zona rural. Desde criança moro na floresta. Mas vou para Xapuri nos finais de semana. Vou fazer compras. Quando não tem um racho em casa, vamos supor, vou comprar o sal, o açúcar, o óleo, compro também o café, compro quase de tudo. E vendo também lá o que produz aqui, lá por Xapuri. Nós vendemos farinha, arroz, feijão. O que sobra do meu consumo eu vendo. Pego o dinheiro e compro essas outras coisas. Minha renda maior é a do leite de seringa.

Nesse momento essa minha filha maior é a Gerente do PR (Posto de Recebimento de látex da fábrica de camisinha NATEX). Entrego o leite lá e a fábrica manda buscar, de quinze em quinze dias. Eles pagam de quinze em quinze dias. Mulher interrompe: “mais eles atrasam. Muitas vezes atrasam”.

Eles atrasam mais é só um pouquinho. É pouco tempo.

Figura 46 - Utensílios da cozinha da casa do seringueiro Jorge Monteiro da Silva
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/ 2012

Antes eu defumava a borracha, mas defumei muito pouco tempo. Na faixa de uns dois anos eu defumei. Mas meu pai sofreu muito na fumaça. Eu não sofri muito não. Defumei pouco porque quando comecei a defumar, logo passou para aquele modo de leite coalhado. E

essa função não vou ensinar para os meus filhos. Eles estão estudando. Um está estudando em Rio Branco, ele está estudando para ser padre. Ele não quis pegar a minha função. Ele já quis procurar outro ritmo de vida. Ele pediu minha permissão, e eu liberei ele. Foi procurar outro meio de vida. Essa outra aqui, que está dentro de casa comigo, estudou e pegou esse cargo de gerente do PR. Então, só ficou eu mesmo na seringa. Na luta de sempre. E imagino que vou findar minha vida desse jeito. É o meio que achei, pois tenho costume desse serviço pesado. E para sair do que é meu, para ir lá no Xapuri trabalhar no pesado do jeito que trabalho aqui, pois eu não tenho saber, prefiro trabalhar aqui no que é meu mesmo. Eu sei que aqui é reserva e que ninguém é dono, todo muito sabe que não é da gente, mas temos a posse. Então, eu prefiro trabalhar aqui no que eu já construí. Já derramei muito suor aqui. Então imagino ficar aqui no meu canto, cuidando da floresta. Protegendo. Não deixando fazer derrubada da madeira.

E o senhor trabalha com madeira?

Aqui veio o manejo, veio o pessoal e colocaram as propostas para a gente. Mas eu não quis isso, nem eu nem meus vizinhos. Eu não quis porque destrói a mata. Vamos supor: onde essas máquinas entram destroem a mata toda, elas acabam com nosso alimento porque espantam a caça. Uma mata dessa que o senhor está vendo aí, uma mata boa de andar por dentro. Então, se entrar uma máquina dessas aí, uma skida, um trator, então esculhamba tudo. Se uma máquina dessas passa por cima de uma vertente, aí entope tudo de pau. Esculhamba tudo. Aí nós vamos ficar sem a nossa água, que é muito importante para nós aqui. E aí esculhamba tudo, por isso nós não aceitamos. Devido isso. Acabam com nossas matas. Então, se depois a gente precisar de uma madeira boa para fazer uma casa ou outra coisa não vai ter mais, porque a gente terá vendido tudo, aí não vai ter. E o dinheiro não é bom. O dinheiro que nos pagam pela venda da madeira não dá quase nada, como dizem por aí. Quem vendeu inclusive não recebeu. Então, porque vou me meter numa coisa dessas, sabendo que não é coisa boa.

E como o senhor se diverte aqui?

Sobre o divertimento que o senhor falou eu me divirto nos finais de semana, porque eu fiz um campo de futebol. Tem muita gente aqui por perto, daí o pessoal vem e a gente fica brincando de bola no final de semana. O pessoal aqui gosta muito de futebol. Mas quando a gente não quer ficar em casa, a gente vai para a casa dos outros vizinhos. Tem muita gente por aqui e uns ajudam os outros para sobreviver. Os vizinhos nos ajudam, e nós ajudamos eles. Quando eles precisam de mim estou pronto para socorrer. E quando eu preciso deles, eles

estão prontos para socorrer. Porque é difícil trabalhar aqui só. Somos unidos, porque se a pessoa não for unida não vai. Aqui nós somos unidos, por isso as coisas correm melhor. Nós todos precisa uns dos outros. Quase todo mundo faz isso. Vamos supor, eu sou aqui um compradorzinho de castanha. Eu compro para a Associação. Comecei isso já faz dois anos. Eu compro para eles. Então, assim, o pessoal vem aqui precisando de um dinheirinho e eu pego e arrumo para eles. No final, eles me devolvem a castanha, eu pego e já devolvo para o homem lá da Associação de Rio Branco. Assim nós vamos levando nossa vida, uns ajudando os outros. Graças a Deus tem melhorado muito. Principalmente com a força desse ramal pra nós aqui.

O ramal melhorou, apesar de no inverno ser mais complicado. Ave Maria, vou contar como era minha situação quando eu morava no outro seringal, mais lá para dentro da mata. A gente tinha quatro animais de carga. Aí a gente cortava a seringa e colocava a carga nos bichos, para chegar até aquele Xapuri. Rapaz, você não acredita. Para chegar lá era quatro dias dentro da mata. Os animais chegavam lá e quando a gente tirava a carga eles se arriavam no chão de tão cansados. Antes mesmos de tirar a carga eles se deitavam. Era um sofrimento danado. Depois de dois dias a gente carregava de novo aqueles coitados, com os mantimentos para voltar. Era mais três, quatro dias até a colocação. E nas alagações era muito perigoso.

Então, agora, aqui para mim está numa boa, e para eles também que ficaram lá dentro. Eu vim para cá para o beijo do ramal (para a beira do ramal). Ficou muito mais perto para quem mora mais lá dentro também porque o ramal passa até o Igarapé Espalha, e para eles ficou mais perto. Então, esse governo fez essa melhoria para nós. O governo foi muito bom. E muita gente que está em Xapuri está querendo vir para cá. Mas não é possível. Aqueles que venderam o lugar deles e foram para Xapuri estão arrependidos e querem voltar. Mas agora não dá mais. Não tem mais o que fazer. Fica lá trabalhando no braçal, no manual do mesmo jeito que trabalhava aqui, porque não possui saber. É um sofrimento para eles.

Também melhorou porque quando adoece aqui tem serviço médico. As pessoas adoecem aqui de febre, de espinhaço com dor (dor na coluna), pois trabalham muito baixados. O bicho ferra também na pele da gente. Doença de pele. Eu pequei uma doença na pele porque trabalhava demais no sol. Eu pipoco o corpo todinho. Eu pegava sol demais, das seis até meio dia. Era trabalhando com interesse de arrumar alguma coisa na vida, logo que cheguei e comprei esse lugar aqui.

Então, quando cheguei aqui peguei um serviço na diária na casa de um professor ali. Trabalhava muito, trabalhava mesmo, sabe como é trabalhar? Para acabar com a história eu

arrumei foi essa doença. Ainda hoje quando pego no sol pipoca meu corpo todinho. Mas só trabalhando a pessoa arruma as coisas melhor para o futuro.

Perguntado sobre o que pensa do futuro, respondeu:

Eu sonho em arrumar alguma coisa melhor no futuro. Quero que venha mais uma força para nós aqui. Quanto mais esperança, maior é. Mas a gente tem esperança de ser mais daqui para frente.

Sua mulher interrompe: “meu sonho mesmo é ter um carro. Um transporte, porque a gente gasta muito com transporte quando vai até Xapuri. A gente tem uma moto, mas não está funcionando. Tem o transporte das crianças até a escola”.

João retoma sua fala: pois é, amanhã vou participar de uma festa aqui do São João lá no Guarani. Eu sou católico e vou participar. Era para ser hoje (sábado), mas o Padre Chagas veio aqui e conversou pedindo para ser amanhã (domingo). O senhor venha amanhã, para nós conversar mais e olhar o movimento (convidou-me para retornar).

Mas tem outras igrejas aqui. Ali pra mesma linha depois do Guarani quase todo mundo é crente. O pessoal da linha (ramal) mudou rápido de uma religião para outra. Acho que foi um pastor que fica andando de casa em casa. Daí eles passaram para outra religião. Eles tiveram aqui convidando, conversando. Mas eu tive imaginando, desde pequeno estou nessa religião (católica), era a religião da minha mãe, do meu pai. Além disso, ninguém sabe qual e a certa mesmo. Então prefiro ficar nessa mesmo que estou. Só quem sabe da vida da gente é Deus mesmo.

Mulher termina de preparar um porco e coloca na panela. Jorge percebe e fala: Esse porco eu matei hoje. Me levantei cedo e tinha uma roça ali que não tive tempo de limpar porque estava na castanha. Pensei em ir lá, mas o caminhão da Cooperativa estava aí, então tive de liberar logo a castanha e deixei a roça para lá. A castanha era mais importante porque o transporte é meio difícil. Depois imaginei em ir lá na minha roça e fui lá na roça. Cheguei lá os porcos estavam todos dentro da roça. Correram uns dois. Um estava com a batata na boca. Ficou me olhando e eu atirei nele. E os outros correram. Daí eu trouxe esse cara para casa, a gente se alimenta mesmo deles, pois carne de boi é difícil e eu tenho que viver. Vamos supor, a gente até tem umas cabeças de gado, mas se for matar toda semana a gente perde até a semente. Então, só mata um boi de mês em mês. E quando alguém vai no Xapuri trás uma carne de boi para interar mais (completar). Porque na mata falta também. Tem época que é difícil arrumar caça no mato. E é preciso a gente se alimentar direito para aguentar o trabalho.

A carne complementa melhor o feijão e o arroz, aí dá aquele farofão. Então tenho que esperar a caça na mata. Mas eu tenho medo de esperar sozinho.

Porque o senhor tem medo?

Já vi coisas estranhas. Já apareceu uma coisa balançando o pau da rede. Eu fiquei lá em cima sem descer de tanto medo. Mas o medo é que faz a pessoa ficar mais nervoso. Mas o senhor acredita que eu já tive um tempo tão assombrado na mata quando cortava seringa com meu irmão. Meu irmão ia cortar sete madeiras (cortar sete seringueiras), e eu ia cortar mais na frente. Aí eu estava cortando e vi um arremesso feio no mato. Isso era de dia, uma base de oito horas do dia. Aí falei para meu irmão. O nome dele é Raimundinho. Meu irmão, quando estou cortando tem uma coisa me acompanhando. Quando tu vai para aquele canto e eu fico só, tem um negócio querendo me acompanhar. Mas como ele é meio duvidoso não acreditou. Ele pensava que eu estava mentindo.

Em outro dia fomos novamente para aquela mata, aí quando eu estava só, cortando uma madeira, bateu aquele vento, um vento forte na mata. Aquele vento, rapaz! E eu olhava para o tempo e estava um tempo limpo. Mas aquele vento, rapaz (espantado). Aí apareceu um monte de passarinho cantando, era tanto passarinho ao redor de mim cantando que doía no ouvido. Eu fiquei com tanto medo que soltei a cabrita (instrumento para sangrar/cortar a árvore de seringa). Eu saí correndo e senti aquela reboada nas minhas pernas. Aí eu caí no chão e saí rolando pelo chão. Levantei de novo e saí na carreira. Corri, mas faltou o fôlego e eu caí. Meu irmão escutou e veio me acudir (socorrer). Me levantou e me deu água. Daí nós fomos para a casa. Eu estava quase morrendo. Por isso saí desse lugar, dessa colocação. Eu precisava sair de lá. Por esse caso é que eu mudei para cá.

Acontece muita coisa com a gente aqui dentro. A vida da gente é muito perigosa dentro da mata. Uma vez uma onça quase me pegou dentro da mata. Se ele me pega, a minha família nunca ia descobrir que era longe daqui. Esse caso é depois que estou aqui. Esse já é outro caso. Eu fui até um barreiro, onde os bichos comem. Senti um cheiro forte, achei que era um jacú, mas era uma onça, a bicha estava dentro de um buraco, procurando também o alimento para ela. Ela estava bem perto de mim. Eu esqueci até que estava com uma arma de tanto medo. Essa onça saiu e eu fiquei me tremendo no meu canto, rapaz, sem coragem de pegar na arma. Ela pulou e fiquei olhando onde ela tinha pulado. Era cheio de buraco. Só vi quando outra onça meteu a cabeça do lado de fora. Pensei em atirar na cabeça dela, mas o chumbo poderia não furar a cabeça. A bicha tem uma quina no meio da cabeça e o chumbo

podia não romper a cabeça dela. Ela aproximou e eu vi o pescoço, daí atirei. A bicha era uma monstra.

Aqui dentro é bom, mas tem umas coisas muito difíceis. Uma coisa boa é que não temos preocupação com negócio de marginal. A vida é, vamos supor: sossegada. Posso sair de casa e quando chego está tudo do mesmo jeito. Na cidade não é assim. Tem esse negócio de marginal, e eu não tenho costume. Quando fui comprar uma motozinha lá em Rio Branco me tremia de medo de andar com o dinheiro. Por isso deixei o dinheiro na casa de um amigo meu e fui até a loja. Falei para o vendedor que tinha esse dinheiro, mas que não estava comigo. Porque eu não tenho costume de fazer isso. Aqui não, aqui em tenho costume. Meu costume é tá aqui na mata. Eu gosto de ser seringueiro, e eu gosto de seringueiro, de ser trabalhador. Aquele meu companheiro meu, o Raimundão (Raimundo Mendes de Barros, seringueiro, primo de Chico Mendes, foi sindicalista e hoje é Assessor do Governo Estadual. Mora na floresta), ele é um trabalhador aqui pela gente. Eu não tenho é estudo para falar assim na entrevista. Eu falo assim meio embolado porque não tenho estudo. O estudo é muita coisa, faz falta. Nosso estudo é da mata. Se perguntar da mata eu sei mesmo. Aí eu conheço. Ando tudo aí onde nunca andou ninguém. Mas dentro de uma cidade eu não sei para onde vou.

Da mata conheço tudo, a casca de catuaba, o vinho do jatobá, o óleo de copaíba, a casca de castanheira, que serve para azia, para uma série de coisa. O cumaru de cheiro. A casca da quina-quina. Tem muito remédio bom na floresta. Para combater as doenças. Tem muita árvore que curam muitas doenças. Vem muita gente da cidade pegar remédios da floresta. As cascas das árvores. Por isso a gente precisa preservar a mata, é o nosso alimento e o alimento dos bichos. Se a gente derruba uma castanheira é claro que ela vai fazer falta para nós. Se a gente derruba uma seringueira, ela é nossa mãe, porque foi ela que me criou. Meu pai tirava o leite dela para alimentar os filhos. Então é isso aí. A gente tem que prevenir a nossa reserva.

MARIO HONORATO DE SOUZA

Data da entrevista: 23/06/2012. Local: seringal Boa Vista, colocação São João do Guarani. Reserva Extrativista Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. Idade do colaborador no momento da entrevista: 72 anos.

Meu nome é Mario Honorato de Souza, sou filho da terra mesmo, nascido aqui no Acre. Nesse lugar eu cheguei em 1995. Quando eu cheguei aqui não tinha nada, só tinha uma casinha velha ali e mais nada. De lá para cá eu vim trabalhando e a coisa vem mudando, mudando sempre para melhor. Graças a Deus.

Figura 47 - Mario Honorato de Souza, momentos antes de conceder seu relato
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

Não tinha nada aqui, só um varadouro velho. Não tinha nem promessa de ramal, só um varadouro (espécie de trilha na mata que liga uma colocação a outra e a sede do seringal) muito do ruim. Tudo era difícil. Quando fazia uma borracha, levava nas costas de animais para Xapuri. Eu passava um dia todo lutando na viagem. Era um dia todo de viagem, de cinco as cinco. Mas vencemos. No ano de 2000 eu me aposentei por idade. Minha idade é 72 anos. De lá para cá melhorou mais um pouco. Minha mulher também é aposentada, ela tem 64 anos e o nome dela é Francisca Pereira da Silva. Nós estamos aqui e, graças a Deus, esse ramal melhorou bastante. A gente não vive melhor, pois no inverno aqui é difícil. No inverno o ramal costuma fechar. Mas esse ano (2012) funcionou de inverno a verão. Foi o primeiro ano que funcionou com carro de inverno a verão.

Depois teve essa luz, esse energia, mas é um sofrimento também porque a gente nunca tem nada do jeito que quer porque ela (energia) não ajuda. Quando a gente quer fazer algo, quer ter uma geladeira para ter água gelada, uma coisa, para tomar um refrigerante, a luz nunca é definitiva. Um dia tem luz, outro dia não tem. Quando não tem a gente precisa se alumiar com vela, com combustol, com lamparina (pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível - azeite, querosene etc.).

A gente não pode fazer mais porque nós moramos numa reserva. Não pode derrubar, você sabe (silêncio). Mas está bom, dá para a gente ir vivendo. A gente tem assistência médica aqui, de dois em dois meses. Temos um acompanhamento. Tem também uma escola aqui. Eu morava mais lá para dentro da floresta, mas eu vim para este local devido que tinha a escola. Queria que os meninos estudassem. Lá onde morava não tinha. Graças a Deus, deu certo. Depois que cheguei aqui já fizeram as escrituras (referia-se aos filhos, que estudaram) que não tinha. Como disse não tinha nada aqui, só umas casinhas. E lá tinha aquela capelinha (referiu-se a capela do São João do Guarani). Não tinha aquela igreja. E é isso.

Digo que melhorou porque antes, quando eu cheguei aqui, tinha muita bebedeira de álcool né. Até as reuniões que o monitor fazia, eles (os bêbados) acabavam com a reunião puxando faca, brigando. Cortavam até a bíblia de faca. Aí construímos aquele campinho de futebol ali. Aí a violência mudou, tem arenga ainda, aqui acolá o pessoal se estranha, esquentando, aquele negócio né? Mas com o campinho melhorou muito. Meus meninos já fizeram o segundo grau, os quatro. Tem um que gostaria de fazer a universidade, mas não tem oportunidade, aí fica difícil.

O futebol aqui é a diversão. Aqui praticamente é futebol, esse é o lazer. Principalmente no inverno que nós passamos isolado aqui. Tem as festas, mas o lazer, o passatempo, é o futebol. No inverno só dá para ir para a cidade sofrendo. No mínimo são três horas caminhando até o Taquari, sabe onde é o Taquari? Se alguém adoecer tem que sair na rede.

Como eu tenho uma casa na Sibéria (bairro na cidade de Xapuri), no inverno eu fico com minha mulher lá. Deixo os filhos aqui que são mais novos. Eu tenho duas filhas e oito filhos homens. Uma das filhas mora em Rio Branco e a outra em Mato Grosso. A que mora em Mato Grosso trabalha como agente da saúde lá, e a que está em Rio Branco trabalha na farmácia do pronto socorro.

Três dos meus filhos são seringueiros, cortam seringa aqui. Um trabalha na fábrica de preservativos em Xapuri como gerente de posto de recebimento, um é professor, um é agente de saúde, os outros só estudam. Os que trabalham com seringa vendem o leite para a fábrica de camisinhas aqui mesmo. Antes a gente fazia a borracha e levava para Xapuri em animal. Aí a gente vendia para marreteiros, ou para a Casa Zaire. Quando o Guilherme Zaire não comprava tinha que vender para marreteiro mermo. A gente vendia para marreteiro e ficava a semana toda sem dinheiro, e muitas das vezes eu voltava sem dinheiro, que eles não pagavam. A gente comprava os mantimentos deles fiado, e muitas vezes voltava sem dinheiro para o seringal. Hoje não, hoje melhorou. Hoje a gente entrega o leite e já recebe, já vai para a rua com dinheiro no bolso. Mas castanha aqui tem pouco. Se colher direitinho dá umas 200 latas de castanha, só. Mas é isso. No mais é isso (silenciou).

Perguntado sobre os alimentos que consome, respondeu:

E sobre nossa alimentação aqui é na base do arroz, feijão, carne de caça, e criações. Aqui ainda é bom de caça. Os meninos vão esperar (caçar). Eu nunca mais matei nada porque meus filhos não deixam. Quando eu quero ir, meus filhos vão primeiro (risos). Eu já matei muita caça. Já esperei muito. Mas na mata nunca vi nada de esquisito não, de assombração, mas já ouvi muitas histórias. Tinha um homem aqui que foi para uma colocação aqui para dentro, que tinha uma estrada (de seringa) que era mal-assombrada. Nessa estrada, ninguém cortava porque tinha medo. Mas o homem foi cortar nessa estrada, roçou ela e foi cortar. Aí um dia perguntaram se ele já tinha visto alguma coisa, pois a estrada era assombrada. Ele disse: não, nunca vi nada, só vi um velho com um saco de lata nas costas, só isso (risos).

E o senhor já viu onça?

Onça também nunca encontrei no mato. Onça pintada. Mas onça vermelha eu já vi quando uma vez fui caçar. Até de três eu vi.

Quais as dificuldades vocês enfrentam aqui?

Aqui só tem dificuldade mesmo é no inverno, pois ficamos isolados. Por isso no começo do inverno já compro um estoque de alimentos para passar o menos uns dois meses. Para mim e para a mulher é difícil, pois temos que ir todo mês receber a nossa aposentadoria. Eu vou, pois não deixo procuração para ninguém. Até penso em fazer outra casinha lá em Xapuri, no futuro, para os meninos, para vê se facilita alguma coisa. Mas futuro de velho, sabe como é, não tem muito não, já passou (risos).

Mais um projeto que eu ainda queria fazer era criar gado, mas não pode aqui na reserva. Não pode derrubar. Não pode derrubar nada aqui. Eles não deixam. É limitado.

E madeira?

Ainda não tem manejo de madeira aqui nesta área, mas tem um projeto que ainda não chegou aqui. Eu não acho muito futuro nesse negócio de manejo não. Não acho muito futuro. Só que eu tenho que vender a madeira se sair esse projeto, se eu não vender, outro vai vender. Eu não queria fazer, pois fico pensando nos meus filhos. Pois manejo, você sabe, é uma exploração, acaba com tudo mesmo. Não tem esse negócio de dizer que é manejado, que não vai acabar. Isso não existe. Manejo é uma quebradeira e a mata vira uma cacalhadeira. Mas eu penso assim, eu não vou ficar aqui toda a vida, e quando eu for eles vão vender mesmo. Então eu vou vender logo. Porque aqui eu tenho uma base de 10 hectares de madeira. Meus filhos possuem 20 hectares. Então são 30 hectares de madeira. Eu acho que dá para tirar alguma madeira. Porque aqui já tiraram muita madeira.

Neste momento a entrevista é interrompida por um grupo de alunos de Xapuri que chegam ao local acompanhado de um professor querendo entrevistar o senhor Mario. Mas o colaborador informa que já está falando e não falará mais. Os alunos decidem seguir para outra colocação. Ao reiniciarmos, ele começa a falar sobre educação, pois foi perguntado sobre as escolas.

Aqui tem escola, só não estuda quem não quer. E os pequenos aqui, não tem nenhum que saiba o que é cortar seringa. Nenhum está aprendendo mais cortar seringa. Não tem nenhuma pessoa, desses novos, que saiba o que é cortar seringa. Porque tem uma Lei que diz que menor não pode trabalhar, se colocar para trabalhar é escravidão. E outra Lei diz que tem que estudar. Aí pronto. Começa as aulas e ninguém trabalha mais. Então, com quatro anos os meninos estão estudando. Aqui tem até o segundo grau. Então, no futuro ninguém vai saber

cortar seringa. Antigamente com oito anos os meninos já cortavam seringa. Era mermo. Hoje não. No futuro deverá existir outra coisa por que (pausa) você sabe (pausa longa), até onde o senhor estudou eles querem também chegar. Todo mundo quer se formar. Pobre ou rico. E se eles se formarem não vai ter onde trabalhar, e também não irão cortar seringa porque não sabem. O senhor deve saber mais do que eu que tem um bocado de doutor aí formado sem ter local para trabalhar.

Até aqui trabalhar tá difícil. Ninguém está colocando roçado mais, pois o IBAMA, o IMAC, esse pessoal aí não deixa queimar na época certa, na época que é para queimar. Daí a maioria não está produzindo nada por aqui. Estamos comprando tudo na cidade. É quase todo mundo aqui na área. Onde era para exportar, estamos comprando. Pois não deixam colocar fogo. Só deixam depois que chove, mas quando chove encharca e aí não pega direito. E como a gente vai produzir se não temos o roçado? Também não pode criar nada que dê para vender. Até criação para comer não existe. A gente quer comprar e não tem. Um dia desses eu precisava de milho para umas galinhas aqui e ninguém tinha milho para vender, nem um quilo. E não tinha na rua. Daí, para elas escaparem, a gente ia dando uma macaxeirinha do roçado. Daí vamos vender as galinhas. É mais futuro vender as galinhas do que comprar milho. Já pensou o cara comprar milho a 45 contos o saco para criar galinha? Não é para todos não. Vamos vender para os compradores de porco que passam aqui.

Vendo a criação para os marreteiros, mas o leite (de seringa) a gente vende para a fábrica, que paga R\$ 7,00 pelo quilo do leite (látex). R\$ 7,20 é o preço quando eles fazem um teste. Pagam isso pela borracha seca. Eles estão atrasando um pouco os pagamentos agora, mas pagam. Dá muito dinheiro isso. Mas eles têm pisado na bola com os baldes. Não estão conseguindo trazer o estoque de baldes que a gente precisa. Eles não estão conseguindo trazer. Estão atrapalhando bastante.

Qual sua religião?

Eu digo que sou católico. Quando nasci já foi na católica, meu pai e minha mãe eram católicos. Então todos os temas da igreja católica eu fiz: o batismo, a primeira comunhão, a crisma, o casamento. Tudo foi feito assim. Batizei meus filhos na Igreja Católica. Aqui tinha um movimento grande de católicos, mas as pessoas se afastaram e foram para as evangélicas. Essa linha aqui (linha é um ramal onde se localizam várias colocações) é tudo evangélico. Muitos se afastaram daqui da capela, o movimento maior de católicos na romaria do São João do Guarani é os quem vem da rua. Pois a maioria do pessoal daqui é evangélica agora. Até que alguns participam da festa. Um evangélico mesmo colocou uma banca o ano passado.

Mas a maioria não participa. Antes, nos festejos do São João do Guarani não tinha festa de dança não. Inventaram em 2005 a festa dançante. Pois a maioria vem da cidade, não é mais o pessoal daqui não.

E o senhor gosta de morar aqui?

A vida boa é na floresta, até para dormir tem uma diferença grande. Eu vou para a cidade porque é o jeito. A gente adoece e lá fica mais fácil. A gente não tem dia para adoecer não. Então lá fica mais fácil. Mas eu gosto é daqui. Quando vou para lá fico preocupado com os filhos que ficam aqui. Vou mais pela minha idade. Quando estou lá na cidade, no inverno, não tenho comunicação com os que estão aqui. De lá para cá ainda tem o rádio, mas daqui para lá não. Já tentei colocar um telefone aqui, mas a antena deve ter 20 metros. É muito complicado.

Figura 48 - Pared decorada da residência do seringueiro Mario Honorato.
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

Figura 49 – Cozinha da residência do seringueiro Mario Honorato.
Foto de Carlos Estevão Ferreira Castelo/2012

E o rádio só escuto quando a televisão não está funcionando. Pois na hora das mensagens está passando a novela. E eu gosto de novelas (risos). Eu gosto também de futebol na TV. Fico doente quando a luz falta no dia de jogo. Meu time é o Vasco do Rio de Janeiro. Eu já joguei futebol em 1964, lá em Rio Branco. Jogava pelo Vasco, lá em Rio Branco. Mas queria saber sobre o resultado do jogo do Boca Junior na Copa Libertadores. O senhor sabe? Respondi: “O time do Boca Junior se classificou”. Então vai dá Boca Júnior contra o Corinthians. O senhor vai passar o dia por ai é? Respondi: Sim vou. Então vamos conhecer meu lugar.

JOSÉ BARBOSA DE LIMA

Relato concedido em 19/05/2012 no PAE Cachoeira, colocação Pontão 2. Município de Xapuri/AC. Data de nascimento: 16/12/1942.

Quando eu cheguei aqui já era Reserva Extrativista, não tinha mais patrão. Aqui eu vivo da castanha e do leite de seringa. Vivo de cortar seringa e vender o leite (látex) e de coletar e vender a castanha. É o meio melhor que tem para nós mesmo. Quando eu cheguei já tinha estrada, já tinha ramal. Agora tá ruim. Os ramais acabaram. O Prefeito de Xapuri deveria ajeitar os ramais. Tem ramal, mas não passa carro. O que estamos mais precisando é ramal.

Quando é época da castanha eu me levanto cedo, faço meu café, bebo, como uma merendinha e vou coletar a castanha. Quanto estou cortando seringa acordo também cedo, seis horas da manhã, faço meu café, como uma merendinha e vou corta seringa. Tirar o leite. Fico até quatro horas da tarde direto trabalhando. Quatro horas eu venho embora. Existe muito trabalho aqui. E minha diversão é pouca aqui, ninguém tem tempo de diversão aqui não. O senhor não viu quando chegou que eu estava saindo para trabalhar? Trabalho direto aqui. Passeio eu quase não faço, só no trabalho mesmo. Passeio, essas coisas, quase ninguém faz isso não. É só trabalho mesmo. Quando cheguei aqui já era Reserva Extrativista. Olhe, eu não vou lhe contar nada do tempo do patrão não.

Moro aqui com minha esposa, e meus dois filhos moram ali em cima, em outras colocações (referia-se aos dois filhos homens, não citou a filha, que chegou depois no local da entrevista com o marido). A dificuldade que tenho é sair daqui, o ramal não permite. Minha carroça está ali na subida da ladeira, pois não tem condições de passar para cá. (silenciou)

Qual sua alimentação aqui?

Aqui tem caça, mas quase não mato. Minha alimentação é feijão, arroz, galinha e carne de boi, que compro. A gente compra de um, compra de outro (carne de boi). Caça do mato, eu não mato. Deixo os bichinhos viverem. Também já vendi madeira de manejo, mas não quero mais não, estraga a mata, faz muito pisseeiro (estrago) na mata. Eu vendia para a Cooperativa de Rio Branco. Parei, não quero mais isso não. (silenciou)

Perguntado sobre religião e sobre doenças respondeu:

Sobre esse negócio de religião eu lhe digo que vou a quase todas as igrejas. Eu acho errado é ficar no boteco bebendo. Ir nas igrejas não faz mal não. Então eu vou em todas, na católica, na de crente. E sobre as doenças, lhe digo que quando adoece alguém aqui a gente

tira no carro para Xapuri. A gente corre para Xapuri. Se for grave tem que ir para Rio Branco. Mas o pessoal tem mais é gripe e febre. Quando ataca forte, tem que ir para a cidade tomar remédio lá. Graças a Deus aqui todo mundo tá com saúde.

O senhor gosta daqui?

Meu sonho é continuar aqui, pois o futuro está na mata, no lugar da gente. Para trabalhar e viver. A mata deve ficar para os netos, para os tataranetos (risos). Eu não quero vender não. Aqui a gente vive na borracha e na castanha. Todo mundo. Como eu já lhe disse. De quinze em quinze dias o caminhão da fábrica vem buscar o látex. Principalmente no verão (silenciou).

O senhor conheceu Chico Mendes?

Eu conheci o Chico Mendes quando eu chequei aqui. Ele estava em Xapuri. Quando mataram ele eu estava com pouco tempo aqui. Alguns meses. Antes eu morava em uma colônia em Rio Branco, era na colônia Aquidabã. Desde que chequei o que mais mudou aqui nesses anos, para mim, foi a borracha que passou a ser leite (látex). Antes eu tinha que defumar, com o leite melhorou. O preço da castanha também melhorou. O preço agora está R\$ 23,00 a lata. Antes era R\$ 1,00. O leite era R\$ 7,80 quando terminamos a safra o ano passado. Vou saber quanto está o preço do quilo do leite quando voltar a cortar agora no verão. Não sei se aumentou.

Melhorou porque também chegou luz, mas essa luz aqui falha que só. Pelo menos quando ela chega, a gente se preparar e coloca muita água no freezer para, pelo menos, beber uma água gelada. Chegou energia, que não tinha, veio a televisão, que a gente assiste. Tem ramal, mas só falta zelar o ramal. Tem muito ramal, mas falta zelar o ramal. Pois o senhor sabe que tudo que não zela se acaba, se não cuida se acaba. O que o pessoal daqui precisa é ramal. Vocês sofreram para chegar até aqui. Vocês viram por onde vocês passaram. Deve tá ruim por aí onde vocês passaram. Tem ramal, mas é tudo assim esburacado.

Todo mundo, quando quer ir para a rua, tem que esperar o caminhão da feira ali na frente, pois não entra mais aqui dentro. É uma das coisas principais que quem está na frente deveria olhar. Olhar como a gente está de ramal, como fazemos para vender o produto e comprar o alimento, pois nas costas não dá para tirar o alimento que a gente produz.

Deveriam olhar como nós estamos fazendo para sair e comprar os alimentos, o ramal está se acabando e não tem jeito de passar. Não podemos andar seis horas com a mercadoria nas costas. Tendo ramal, tem condições de ir para todo canto. Se não ajeitarem fica complicado, pois a gente tá numa ilha sem poder sair. Essa é uma das coisas que está fazendo

a maior confusão. Vou trazer mercadoria em uma moto? Como é que a gente faz? (silenciou parecendo irritado) Numa casa que tem cinco pessoas, vai tudo numa moto? Como fazer para ir tomar um remédio? Deixar um documento. Se não ajeitarem pode dizer que estamos ilhados aqui. Estamos presos. O resto não, Deus ajuda e a gente vai levando (silenciou novamente).

Perguntado se gosta do que faz respondeu:

Cortar seringa eu gosto, é um serviço tranquilo. Vai devagarzinho por ali. No tempo que era defumado era pior. Agora no leite é bom. Meus filhos todos cortam, o mais novo ali de cima está com três estradas prontas para iniciar o corte, agora no verão. Aqui na mata é tranquilo, nunca vi nada estranho. Graças a Deus. Numa mata dessa não tem assombro para ninguém, nem onça tem. Agora cobra é que pode ter, mas é muito difícil. É muito difícil encontrar cobra aqui. Ando na mata há anos e nunca vi nada de assombro. Pois é rapaz.

Pois é, meus filhos todos moram aqui por perto e trabalham com seringa e castanha. Meus netos estudam numa escola que fica a quatro quilômetros daqui. O ônibus levava os alunos, mas agora não passa. Então eles vão e vêm de pés (caminhando). Os alunos daqui estão indo de pés, até onde o carro pode entrar. Daqui de Altamira e de mais quatro colocações.

4.1 Compreendendo contextos: relações do “Governo da Floresta” com a ideologia neoliberal de “esverdeamento da economia” e o manejo “sustentado” de madeira no PAE Cachoeira

Como já observado em outras passagens deste trabalho, modificações importantes nos modos de vida dos seringueiros nas regiões pesquisadas começaram a acontecer, de forma mais intensa, a partir de investimentos realizados pelo “Governo da Floresta”. Investimentos efetivados com o objetivo, pelo menos no discurso, de modernização do extrativismo, por meio do que ficou conhecido no Acre como “neoextrativismo”. Em sua grande maioria, as intervenções realizadas na região foram financiadas através de organizações internacionais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Banco Internacional para a Reconstrução do Desenvolvimento (BIRD), entre outras instituições de crédito internacionais (e também nacionais como o BNDES). Tudo com o expressivo apoio de organizações não governamentais ambientalistas (ONG’s).

Inclusive, esses financiadores se mantêm praticamente os mesmos até hoje (2013), conforme é possível observar na figura 50, extraída do Plano Plurianual elaborado no

Governo de Tião Viana (PT), intitulado “Desenvolver e Servir” (2011-2014). Nesta mesma fonte, encontram-se, ainda, outras importantes referências acerca da importância que o Governo Estadual Acreano atual, da mesma forma que faziam os anteriores, desde 1999, atribui a esses financiamentos e as instituições financiadoras.

[...] a obtenção de recursos através de operações de créditos internas e externas, que vêm com apoio técnico-institucional de instituições como: BIRD, BNDES, CAIXA, BID e KFW por meio de suas expertises em áreas sociais, de infraestrutura e preservação ambiental. Estes investimentos são da ordem de R\$ 1,62 bilhão (34,4%), impactando de forma positiva e direta no desenvolvimento do Acre (ACRE, 2011, p.13)

Figura 50 - Portfólio de Investimento do Estado do Acre 2011 - 2014

Fonte: Plano Plurianual. “Desenvolver e Servir”: 2012-2015 (ACRE, 2011)

De acordo com Porfírio da Silva (2009), quando o Governo da “Frente Popular do Acre” assumiu os destinos do Estado, em 1999, o Estado possuía sérias restrições de financiamento interno. Então, talvez em busca dos recursos necessários para realizar o que havia sido prometido em campanha, aproveitou uma situação favorável do momento. Ou seja, adotou uma estratégia de assimilação de um discurso, construído no exterior, principalmente,

que adjetivava o desenvolvimento. O Acre entrava, para valer, na era do “desenvolvimento sustentável”.

É importante notar que as questões ambientais estavam na cena no Brasil desde o final da década de 60 (com destaque maior em meados dos anos de 1980). Mas no Acre, este discurso aparece com maior força no início da década de 1990, inclusive na academia. Qualquer pesquisa rápida no banco de dados de teses e dissertações da UFAC é possível perceber que foi a partir dos anos 90 que a pauta do debate acadêmico acreano direcionou-se para essa rota. E, nesse movimento, muitos pesquisadores dessa importante Universidade passaram a concentrar seus esforços de pesquisa na tentativa de produzir e contribuir com o dito desenvolvimento “sustentável”.

Em 1999, com a chegada do “Governo da Floresta” ao poder, o discurso se consolidou. Isso pode ser evidenciado através do plano de governo apresentado à sociedade acreana no primeiro mandato da “Frente Popular do Acre”. Neste documento, informa-se de maneira clara esta opção. O discurso anunciava que o “desenvolvimento sustentável” “[...] seria capaz de conciliar crescimento econômico com a preservação dos recursos naturais”.

O governo da Frente Popular no Acre, que assumiu em 1999, passaria a despertar fortes expectativas internas e externas no que diz respeito ao conjunto de inovações anunciadas na esteira do desenvolvimento sustentável. Dada as restrições de financiamento interno, o governo estadual procurou valer-se da “onda ambientalista” para promover captação de recursos externos. Para se adequar às exigências de potenciais fontes como o BID e BIRD, foi colocado em marcha um conjunto de ações voltadas para o saneamento das finanças, “modernização administrativa”, modificações na legislação estadual, particularmente no que diz respeito ao uso das florestas e, alavancagem das obras de infraestrutura. (PORFIRIO DA SILVA, 2009, p.7)

Maia (2009), de certa maneira, concordando com o pensamento de Porfirio da Silva (2009), destacou em sua tese de doutoramento que a adoção do “desenvolvimento sustentável” pelo “Governo da Floresta”, a partir de 1999, possuía uma relação direta com à necessidade de se adequar às exigências dos organismos internacionais de financiamento. Que defendiam não só a promoção do “desenvolvimento sustentável”, bem como uma preocupação com a temática mais geral do ambiente. Ressalte-se que tudo isso ocorria dentro de um contexto político específico da economia global, “[...] caracterizado pelo crescimento do capital transnacional garantido por novas formas de produção introduzidas pela globalização do mercado” (DE ANTONI, 2010, p. 301).

Analisando o plano do Governador que assumiu a administração do Acre em 1999, percebe-se, com clareza, o alinhamento do discurso oficial com o das grandes agências, bancos, e ONG's internacionais, como, de fato, aconteceu. Como também aconteceu, nesse primeiro momento, a priorização do manejo “sustentado” de madeira como atividade econômica a ser incentivada. Para muitos, as preocupações com o ambiente e com a conservação da floresta em pé (no sentido de uso da natureza não humana respeitando seus limites) se transformavam, a partir de então, em ações concretas de governo. Para outros, como Paula (2003), intensificava-se a “mercantilização da natureza”.

O discurso do “desenvolvimento sustentável” que passou a ser disseminado no Acre, nesse período, afirmava que a única possibilidade de preservar os recursos biológicos das florestas seria usá-los comercialmente. Em outros termos, incluí-los em processo produtivos. Na visão de Schmidlehner (2012, p.30) “o Governo passa a oferecer o Acre para as grandes agências e bancos como laboratório e vitrine do desenvolvimento sustentável”.

Um relato escrito pelo Jornalista Antônio Alves, em parceria com o então candidato ao governo nas eleições de 1990, Jorge Viana, encaminhado à direção do Partido dos Trabalhadores e publicado na revista “Teoria e Debate”, constitui-se em importante evidência sobre o que pensavam os idealizadores da “florestania” acerca das alianças com os organismos e as agências internacionais. Escreveram os autores:

[...] Entendemos que o PT deve conhecer e compreender o debate internacional sobre a Amazônia. Não pagar a Dívida Externa, por exemplo, não seria um dogma que nos impede de conhecer as propostas de conversão da dívida em projetos de proteção ambiental? Quem poderá fazê-lo, sem participar do debate de alternativas atualmente apresentadas, no qual estão se construindo novas relações internacionais? Os interlocutores deste debate, além de governos e bancos, são organismos que trabalham com programas de cooperação em desenvolvimento econômico, meio ambiente, ciência e tecnologia. Estabelecem relações capazes de criar novas linhas de comércio, mercados para novos produtos, recuperação de áreas degradadas, apoio às populações marginalizadas, enfim, elementos de uma nova ordem internacional, cujo nascimento deve interessar a quem tenha pretensão de governar o Brasil. Ampliar a compreensão das relações em que se constrói um novo internacionalismo, exige, em contrapartida, a ampliação do número de interlocutores nacionais. (ALVES, Antônio e VIANA, Jorge. A República do Acre. In. ALVES, Antônio. Artigos em geral. Rio Branco s/d *apud* MAIA, 2009, p. 269)

Isto posto, visando propiciar elementos para uma compreensão mais detalhada de uma versão desses acontecimentos e, principalmente, as relações dos mesmos com a vida dos seringueiros de Xapuri, no tópico a seguir amplia-se a escala de observação. Nesse movimento, apontam-se algumas considerações cerca de um contexto maior que não pode deixar de ser considerado. Contexto onde o capital internacional conseguiu aumentar seu

acesso e controle sobre a Amazônia Brasileira, como também adquiriu maiores condições de influenciar políticas Federais e Estaduais (inclusive no Acre).

Em seguida, a escala é reduzida para problematizar algumas experiências dos seringueiros com o manejo “sustentado” madeireiro (notadamente no PAE Cachoeira). Como bem recomendou E. P Thompson em *Senhores e Caçadores*: “os acontecimentos e seus contextos são sempre importantes para o conhecimento histórico”.

4.1.1 Ampliando a escala de observação: O Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7)

Pode-se afirmar que desde o governo de Geraldo Mesquita (1975-1979), sucessor imediato de Wanderley Dantas (Governador que propagandeou as terras acreanas “férteis e baratas”, no centro sul, na década de 1970), a questão dos desmatamentos e dos problemas ao ambiente daí decorrentes já mereciam importância dos governantes acreanos. Isso é apontado por Palza Silva (2012) que destacou a existência dessas preocupações desde esse período. Entretanto, para essa mesma autora, as preocupações e receios não conseguiam se transformar em “políticas de governo”.

Na gestão do Governador Flaviano Melo (PMDB), iniciada em 1987, a problemática ambiental começou a aparecer no dia a dia dos acreanos, de forma mais frequente, principalmente por conta da liberação de recursos para o asfaltamento da BR-364, no trecho Porto Velho (RO) - Rio Branco (AC). Entretanto, deve-se marcar que isso ocorreu devido à atuação de Chico Mendes que, nesse período, junto com seus companheiros seringueiros, participava dos “empates” e denunciava fortemente os desmatamentos provocados pela expansão da frente agropecuária na Amazônia. Nessa luta, como já visto, as reservas extrativistas foram apontadas como uma alternativa diferente para o desenvolvimento da região. Inclusive, Gomercindo Rodrigues, no relato apresentado no início desse capítulo, chegou a afirmar que Chico Mendes teria sido assassinado por ter se tornado o principal porta voz dessa “proposta nova”, considerada a “reforma agrária dos seringueiros”.

Como pode-se perceber, o processo de implementação das bases para uma redefinição da exploração dos bens naturais no território acreano e, por conseguinte, de novas formas de disciplinar o território (intensificado a partir de 1999), teve origem anterior à “florestania”. Ou seja, desde a morte do líder seringueiro Chico Mendes, em 1988, ou mesmo antes. Processo que, segundo os argumentos aqui apresentados, impactou diretamente na vida

dos seringueiros, trazendo consigo muitas mudanças. Por isso também, se fez necessário olhar para além delas.

Foram ricas as evidências encontradas nas fontes consultadas mostrando que, após a morte de Chico Mendes, uma intensificação da chamada “onda verde” passou a acontecer em terras acreanas. Intensificação fortemente relacionada com a atuação das agências e organizações não governamentais que, inclusive, no caso do Acre, passaram a exercer fortes influências e também a pautar os movimentos sociais (referência, principalmente, ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri - STTR e ao Conselho Nacional dos Seringueiros - CNS). Nesse processo, acredita-se merecer destaque a atuação do Banco Mundial.

Muitas das leituras realizadas sinalizaram que foi este banco a organização que atuou de forma mais forte e decisiva como uma espécie de núcleo estruturante dessa nova forma de disciplinamento do território. Não só no Acre, deve-se assinalar, mas em toda a Amazônia Brasileira. Exatamente a mesma instituição que se tornaria, a partir de 1999, um dos principais financiadores do “Governo da Floresta”.

O Banco Mundial já havia efetivado intervenções importantes na Amazônia, através do Programa de Desenvolvimento da Região Noroeste (POLONOROESTE) e do Programa Grande Carajás - PGC (DE ANTONI, 2010), entretanto, havia se retirado temporariamente (referência à suspensão de alguns financiamentos motivados por críticas de ambientalistas). Mas, no início década de 1990, o banco volta novamente suas atenções para a região (e com eles todos seus parceiros ocidentais). Agora, com um discurso que (re)considerava a importância do ambiente e das população locais, na implementação das políticas que recomendava. Observa-se que nesse mesmo tempo a ideologia da globalização começava a dominar fortemente a cena internacional.

Em 1990 lança-se a iniciativa denominada Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7). Um programa concebido na cúpula do G-7, em Huston, cujos formuladores buscavam demonstrar certa determinação dos ditos “industrializados”, na eliminação da destruição das florestas tropicais, respeitando a soberania nacional dos países “em desenvolvimento” que possuísem grande biodiversidade (segundo o discurso apresentado pelos agentes da época).

Esse suposto forte compromisso em favor das florestas, na visão de De Antoni (2010, p. 304), “[...] era inspirado e projetado dentro do quadro político-econômico dominante”. Ou seja, a saída apresentada baseava-se na “economia de mercado”, como não poderia deixar de

ser. Saída que constituir-se-ia, segundo o que se anunciava, na melhor solução para o problema da destruição do ambiente e, também, para sua conservação.

Em realidade, defende-se nessa tese que a proposta apontada apenas tentava dar outra coloração para um conjunto de ações que na Amazônia (e no Acre), desde o pós segunda guerra, marcaram profundamente o modo de vida constituído, imprimindo o que Aníbal Quijano e outros autores chamam de “colonialidade”. Não se considerava (ou se considerava apenas no discurso), que a preservação e/ou conservação da biodiversidade poderiam também ser possível através de formas alternativas ao quadro político-econômico dominante. Através de formas alternativas e com uma verdadeira valorização dos conhecimentos camponeses, seringueiros e indígenas. Conhecimentos que, “[...] paradoxalmente, se encontram ameaçadas pela intervenção crescente da ciência moderna” (SANTOS & MENESES, 2009, p. 49).

O PPG-7 iniciou sua operacionalização no Brasil em 1994. Teve uma primeira fase concluída em 1999, mas continuou atuando até 2009 (DE ANTONI, 2010). No bojo das diversas propostas apresentadas por esse programa é possível encontrar iniciativas como a disponibilização de financiamentos dirigidos para a região Amazônica. Dessa maneira, exatamente para aproveitar essas “ofertas”, foi que o “Governo da Floresta” fez uma política harmonizada com os organismos internacionais, como bem afiança Porfirio da Silva (2009) e Maia (2009), ao sustentar que o Governo adotou a estratégia de assimilação do discurso do “desenvolvimento sustentável”.

O Banco Mundial, o BID (e consequentemente o G-7) passam então a conduzir e a disciplinar, de forma mais intensa, as maneiras de exploração e uso do território acreano, através da influência e dos financiamentos das políticas públicas estaduais. Tudo regido pela “batuta” da economia de mercado.

Como evidência das inferências realizadas acima, apresenta-se a seguir uma figura encontrada na contracapa de um documento construído pelo “Governo da Floresta”, documento, inclusive, considerado como principal ferramenta de orientação das políticas públicas estaduais: o Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre - ZEE (instituído por meio do Decreto nº 503 de 06 de abril de 1999). Vale observar entre as logomarcas dos principais apoiadores e realizadores do ZEE a participação do PPG-7, como também das agências de “cooperação” estrangeiras.

Figura 51 - Apoiadores e financiadores do Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre

Fonte: ACRE (2010)

Conforme salientou Teixeira da Silva (2011, p. 228), “[...] o Brasil configurava-se (e ainda configura-se) como uma das maiores potências ambientais do planeta, concentrando um banco genético estratégico pela sua biodiversidade, notadamente pelas suas extensas florestas tropicais localizadas na Amazônia”. Portanto, seria até ingenuidade acreditar que iniciativas como a do PPG-7 tratou-se, apenas, de um gesto altruísta dos “desenvolvidos” em favor dos “em desenvolvimento”.

Por isso não parece absurdo dizer que no período considerado para análise no presente trabalho, novas possibilidades e interesses da economia mundial pela Amazônia Brasileira são apresentados. Interesses cujas origens são longínquas, como já visto no capítulo primeiro. Nesses tempos, no caso do Acre, pode-se afirmar, concordando com Paula (2003), que intensificou-se na região o que esse autor chama de “mercantilização da natureza”. Argumentos a esse respeito são apresentados pelo mesmo em seu trabalho de 2003 (e em publicações posteriores). Não significando dizer com isso que, antes, a Amazônia não era (ou havia sido) mercantilizada. Até porque, desde os momentos iniciais de expansão do modo capitalista de produção se privatizava a terra e mercantilizam-se os “bens naturais”.

Deve-se notar que o que Paula (2003) chama de “mercantilização” refere-se a um processo mais acelerado que leva ao limite a exploração para fins mercadológicos dos chamados “bens naturais”. Inclusive os bens imateriais como o conhecimento via patentes. Talvez seja por isso que nas andanças realizadas pelas florestas de Xapuri, durante o trabalho “de mato”, muitos “pesquisadores” estrangeiros foram encontrados coletando informações de moradores, coletando dados, folhas, frutos e outros produtos da floresta.

Sobre o interesse do conhecimento técnico/científico nos conhecimentos tradicionais, Laymert Garcia dos Santos informa em artigo publicado no livro *Povos Indígenas no Brasil 2001 a 2005 - ISA* que:

[...] dentro do regime de propriedade intelectual vigente, há um desequilíbrio muito grande entre o valor que se confere ao conhecimento tecno-científico e o baixíssimo valor que se confere aos outros tipos de conhecimentos, que lhe servem de matéria-prima, como o conhecimento tradicional [...] e para se tornarem conhecimentos reconhecíveis pela propriedade intelectual, os conhecimentos tradicionais têm de deixar de ser tradicionais. No entanto, ninguém está interessado em transformar realmente os conhecimentos tradicionais em tecno-científicos. O que, evidentemente, não significa que se queira deixá-los em paz nas comunidades. O que se quer é acessar as propriedades das plantas, animais, etc. através do conhecimento tradicional para produzir pequenas alterações que serão escritas em linguagem tecno-científica, e obter então uma patente específica baseada nessas pequenas modificações, afetando, entretanto, aquilo que o conhecimento tradicional descobriu. [...] Nesse contexto, o conhecimento tradicional passa, então, a ser um instrumento para uma operação de apropriação que, através da tradução de um tipo de conhecimento em outro, transfere um poder [...] para a comunidade científica e para o capital que ela está cada vez mais disposta a servir. E aqui cabe lembrar que a tecno-ciência e o capital, em aliança, vêem na tradução do conhecimento tradicional e moderno em conhecimento informacional uma ótima oportunidade de negócio⁵⁵.

No caso do Acre, são ricas as fontes escritas sinalizando que todo esse processo foi fortemente influenciado pela atuação de ONG's e agências diversas como a *World Wildlife Fund* (WWF) e a Fundação Ford, entre outras. Organizações que, mesmo antes do “Governo da Floresta” assumir, já se faziam presentes na região.

Um exemplo dessa presença anterior são os financiamentos realizados para a Cooperativa de Xapuri (CAEX), como evidenciado por Gomercindo Rodrigues. Em seu relato, esse entrevistado citou organizações como a *Oxfam* e *Cultural Survival* como colaboradores da CAEX de primeira hora. Quanto à primeira, o colaborador afirmou não possuir “informação se levou algum benefício”. Quanto à segunda, avaliou que a mesma pode sim “[...] ter ganho dinheiro vendendo a castanha que comprava a US\$ 1.20 e vendia mais caro, pois era a castanha da terra de Chico Mendes”.

De acordo com Schmink *et. al.* (2007) a Cooperativa de Xapuri/AC realmente recebeu apoio e financiamento de ONG's e entidades governamentais, entre elas a *Cultural Survival*; a Fundação Ford; Fundação Inter-Americana; WWF; BID; Novib; Ecotec; BNDES, e IBAMA. Esses recursos financiaram, por exemplo, a construção da “Usina de Beneficiamento de Castanha Chico Mendes”, fundada em 1990, como também proporcionaram assistência técnica aos seringueiros.

⁵⁵Fonte:<http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/Saber_tradicional_saber_cientifico.pdf>. Acessado em 28/02/2014.

Sobre a questão das ONG's, Camely (2009) aponta que na Amazônia Ocidental muitas delas atuaram (e continuam atuando) como verdadeiros “[...] agentes do imperialismo”. Em sua tese de doutoramento, essa autora procurou mostrar que as ONG's atuantes na região são muito bem articuladas com as organizações imperialistas. Organizações que, inclusive, determinam a estratégia de ações das mesmas nos “países dominados”.

Para esta autora, “[...] as ONG's funcionam como agentes táticos da estratégia para apropriação de recursos da biodiversidade” (p. 275). Em sua análise, escreveu que:

[...] as articulações destas grandes ONGs com organizações imperialistas, por sua vez, determinam a estratégia que as ONGs devem colocar em prática. Ou seja, as ONGs principalmente em sua ação nos países dominados, são os agentes táticos da estratégia para a apropriação de recursos da biodiversidade; para isto atuam na delimitação de áreas de preservação e em projetos nas comunidades dos países em áreas de florestas tropicais. A vinculação das ONGs com uma das principais organizações do imperialismo, a USAID, é definida ainda em 1994, dois anos depois da Eco-92, onde também ocorreu o fórum das ONGs. A USAID traçou programas e políticas de preservação ambiental para todos os locais de floresta tropical e elegeu grandes ONGs, como a WWF, CI, TNC, AWF e a WCS como seus principais “agentes”. Suas atividades são encontradas no Brasil e em vários países da América Latina e Caribe, além de atuarem no Quênia, Tanzânia, Madagascar, Filipinas, Indonésia, Mongólia, Nepal, Vietnã, Moçambique e em outros. O Brasil recebe 33% de todos os recursos destinados para projetos de preservação da biodiversidade, cifra que corresponde ao dobro do segundo colocado, o México. Isto se deve ao fato de as imensas riquezas da Amazônia brasileira terem sido alvo do saque e pirataria do colonizador há séculos. (CAMELY, 2009, p.275)

As falas coletadas dos seringueiros, bem como outras fontes escritas utilizadas para essa tese, sinalizaram na mesma direção de Camely (2009) e Paula (2003). Ou seja, no caso das organizações (governamentais e não governamentais), as mesmas atuaram (e continuam atuando) em um processo de mediação que tenta transformar os seringueiros em produtores para o mercado. Processo esse intensificado a partir de 1999, com a chegada do “Governo da Floresta” ao poder estadual e a natureza de seus investimentos. Por isso, tem-se a firme convicção que as modificações nos modos de se viver nas florestas de Xapuri/AC (principalmente a partir de 1999), possuem fortes relações com todo esse contexto internacional.

Em entrevista concedida para o jornal online “ac24horas.com” o seringueiro e sindicalista Osmarino Amâncio Rodrigues, um dos atuantes companheiros de Chico Mendes na luta contra os “paulistas” durante o processo de expropriação das terras nos anos de 1970 e 1980, foi bastante taxativo a respeito do que aconteceu. Para ele, os seringueiros do Acre sofreram um “golpe muito grande com a chegada dos Vianas ao Governo”, pois tudo foi “privatizado em nome de uma economia verde”:

Com a vinda dos Vianas para o governo nós sofremos um golpe muito grande. Eles se estruturaram no Estado com o discurso de florestania, mas na verdade ajudaram um grupo muito pequeno de empresas no nosso Estado, sem ter noção do projeto que eles estavam implementando. [...] hoje o governo implementa a economia verde, mas o manejo tá expulsando o seringueiro de sua colocação, tirando a dignidade dos extrativistas, dos índios, tirando a biodiversidade. Isso vem acontecendo em Santa Quitéria, no Antimary. Você vai lá, o povo não ficou rico, está recebendo uma bolsa verde, a bolsa família. A economia estagnou e a pobreza continua. [...] é a privatização do ar, dos meios naturais. Tão privatizando a água, a abelha, o beija-flor, a floresta. Todos os meios naturais estão sendo privatizados em nome de uma economia verde, com apoio do ITTO, Banco Mundial, Comunidade Econômica Europeia, BNDES; é uma economia que representa um golpe para os moradores dessa região. A Lei de Florestas Públicas que a Marina criou, tirou do Estado toda a floresta pública e garantiu a logística desse investimento do grande capital. [...] No Acre já estão aprovando na Reserva Extrativista Chico Mendes, no Cachoeiro, aqui já tem mais de um milhão de hectare de floresta sofrendo o golpe do manejo madeireiro. Esse comercial da economia sustentável é uma fraude. Estão destruindo árvores com 120 anos dizendo que ela se recompõe. Claro que daqui a 30 anos o estrago já estará feito. Na minha colocação eu plantei cumaru e sumaúma e com vinte anos elas não engrossaram 20 cm de diâmetro. Como é que fazem esse discurso de recomposição? No nosso projeto era proibido derrubar árvores que tivessem menos de 40 cm, tinha que ter mais de 40 cm de diâmetro. Hoje eles estão tirando varinha, tão fazendo corte raso. Eles começam com quatro, oito espécies e terminam com oitenta. No Antimary, por exemplo, fizeram corte raso que desvalorizou a colocação. [...] Quem está ficando rico é somente a madeireira Triunfo, a madeireira Canãa, a Ouro Verde, os exportadores e dos irmãos Viana. Não é o seringueiro que está fazendo a exploração. Sem bagagem de conhecimento ele perde toda a possibilidade dele opinar do plano de manejo. Querem que a nossa sociedade seja sem cabeça. Não podemos usar a cabeça. É um assalto a mão armada.⁵⁶

Portanto, a partir da adaptação e reprodução, na política local, do discurso do “desenvolvimento sustentável”, propagado pelo “Governo da Florestania”, se passou a observar no Acre uma forte influência ideológica que só conseguia conceber a conservação da natureza através de critérios mercadológicos.

Nesse contexto, um aspecto bastante importante merece ser destacado, ou seja, foi a partir desse período que um conjunto de agentes passou a atuar substituindo os principais sujeitos. Vale dizer: a partir de então, quem falava pelo Acre sobre as florestas, e sobre a vida nas florestas, eram as ONG's e os políticos. Era a Marina Silva e o Jorge Viana. Pouco ou quase nada se ouvia da voz do líder indígena ou do líder seringueiro. A comunidade estava, acredita-se diante de uma tremenda perda de protagonismo. Perda essa que, neste trabalho, também se considera como consequência importante do processo modernizante que ocorreu.

Dona Cecilia Teixeira do Nascimento, seringueira mãe de 19 filhos (sendo 15 “criados”), que morava no PAE Cachoeira (morava, pois morreu em junho de 2013), ao

⁵⁶ Fonte: Osmarino desabafa e pede o fim da política de manejo que tira o seringueiro da floresta. Disponível em < <http://www.ac24horas.com/2011/10/08/4050/>>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

conceder seu relato na varanda de sua casa simples na colocação Fazendinha falou sobre como era sua vida na floresta. E com enorme sabedoria, sinalizou sobre a inferência feita acima. Sua voz potente, apesar da idade, deixa transparecer, claramente, a fragilidade e a perda do protagonismo dos seringueiros e seringueiras na região do Acre. Perdeu protagonismo no campo econômico e político, bem como a capacidade para fazer ouvir e ecoar as vozes da floresta.

O fragmento abaixo, do relato de Dona Cecilia, configura o discurso ideológico e a subjugação das pessoas aos discursos dominantes:

Como é a vida de hoje? A vida de hoje é por umas partes boa e por outras não [...] **Agora é ruim porque tudo que a gente faz tem que ter uma pessoa mais do que a gente. Para a gente se colocar, para a gente arrumar um lugar para a gente fazer qualquer coisa. Tudo é preciso de outra pessoa tá no meio, né? [grifo meu]** Antigamente não era assim, antigamente você morava aqui e dizia: eu vou abrir um lugarzinho ali, eu vou fazer em outro lugar. Aí já metia o terçado, abria, e fazia um paiolzinho, uma choupana, ia para debaixo. Ou então fazia uma casinha. A vida era assim. Agora não, tudo tem que ter uma reunião, tem que ter uma palestra, tem que ter um negócio. Por isso eu não acho bom não, acho ruim.⁵⁷

A influência ideológica e o conjunto de políticas voltadas para aprofundar a mercantilização dos bens naturais implicaram na perda de representatividade das organizações dos seringueiros e, com isso, procedeu-se uma fragilização considerável do projeto original de Reserva Extrativista. Perda de autonomia que, como visto no capítulo 1, já estava presente desde o Sistema Nacional de Unidades Conservação (SNUC).

A pesquisa conduz a que todas essas questões, sem dúvida, provocaram (ainda provocam) influências significativas nos modos de agir dos sujeitos pesquisados em Xapuri/AC, até porque ficaram mais fragilizados, principalmente do ponto de vista político. Por isso, também é razoável pensar que podem ter sido “forçados” a aceitar fazer coisas que nem gostariam, como por exemplo, a introdução do manejo “sustentado” de madeira em suas colocações.

Em uma entrevista do seringueiro e sindicalista Osmarino Amâncio Rodrigues, publicada por Paula & Silva (2006), são apresentadas pistas importantes a esse respeito. Destaca Osmarino o carisma dos governantes e o poder de persuasão dos assessores do “Governo da Floresta” no processo de convencimento dos seringueiros.

[...] só que hoje nós estamos nos deparando com algumas políticas que na época nós combatemos, as grandes madeireiras, o latifúndio, o grande latifúndio improdutivo, combatemos a garimpagem na Amazônia, combatemos as políticas de substituição

⁵⁷ Depoimento gravado pelo autor da tese.

agrária que a gente chamava que era a colonização. **O movimento se deixou levar pela simpatia e o carisma desses governantes, porque eles colocam pessoas lá com muita capacidade, você conversa com um secretário ou algum assessor político e se você não tiver participado do movimento, se você não tiver tido de início acompanhado, você jura que o cara tá certo** [grifamos].

Nos primeiros anos das ações da “florestania”, portanto, o manejo “sustentado” de madeira tornou-se prioridade, como será detalhado no tópico a seguir. Prática que Gomercindo Rodrigues, um dos assessores mais próximos de Chico Mendes, afirmou ser totalmente contrário. Na voz em muitos momentos emocionada desse colaborador, percebe-se, inclusive, uma provável posição crítica que Chico Mendes teria, e faria se vivo fosse, acerca da exploração madeireira em áreas de reserva e assentamento extrativistas. A mesma percepção possui a seringueira Maria Mendes do Nascimento quando, assertivamente, afirma em seu relato possuir certeza que se Chico fosse vivo seria contra o manejo de madeira.

[...] **eu tenho certeza que Chico Mendes seria contra esse manejo madeireiro.** [grifo meu] Porque ele era um pessoa que pensava muito pelo lado da gente. E a gente ver que isso não tem futuro para o seringueiro. Pois a gente vai vender pelo preço que eles quiserem. Nós, que não entende de madeira vamos vender pelo preço que eles quiserem. E eles vão vender lá por um preço bem maior. E nos vamos ficar sem a madeira e sem a floresta. E sem dinheiro. Porque agora temos como trabalhar com a borracha e a castanha e não precisamos de manejo.

Os diálogos travados com a fala de Gomercindo e com a de outros colaboradores seringueiros propiciaram condições para inferir que os sonhos de Chico Mendes, muitas vezes confidenciados (no caso de Gomercindo) nas conversas de final de tarde, nas proximidades do STTR de Xapuri, eram verdadeiramente diferentes daqueles que o “Governo da Floresta” apregoa ainda hoje em seu discurso.

Chico Mendes sonhava em “[...] criar perspectivas para os filhos dos seringueiros”, mas de forma que “[...] **não se sentissem tentados a sair da floresta**”. Para Gomercindo Rodrigues, portanto, o que Chico Mendes verdadeiramente desejava era “[...] criar alternativas de exploração **não madeireira** [grifos meu] no interior da floresta”. Pois “[...] percebia que os jovens iam casando e tendo filhos. E como o território é o mesmo, não teria estrada de seringa para todo mundo cortar”.

4.1.2 Reduzindo a escala de observação: o manejo “sustentado de madeira”

O foco principal dessa proposta de desenvolvimento para o Acre é a promoção de alternativas fundamentadas em uma economia de base sustentável, com uso múltiplo da floresta e da inclusão social com a utilização de quatro instrumentos: **o manejo florestal** [grifo meu], a infraestrutura, a economia com base florestal e a atividade

econômica com bases legais (apresentação feita pelo Governador Binho Marques no documento Acre certificado: o setor Florestal contribuindo para tornar o Acre, o melhor lugar para se viver na Amazônia Brasileira. ACRE, 2009).

A extração madeireira em áreas extrativistas protegidas e com presença de seringueiros sempre foi problemática desde as primeiras experiências no caso do Estado do Acre. Nesse campo, os projetos iniciais (ditos experimentais e utilizando técnicas de baixo impacto ou impacto reduzido - EIR) ocorreram no PAE Porto Dias e no PAE São Luiz do Remanso, sob a supervisão do Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA). Mesmo sofrendo críticas, as experiências de manejo madeireiro ou do “Manejo Familiar Comunitário - MFC”, chegaram à região de Xapuri no ano de 1999, na lógica do “use-o ou perca-o”, inicialmente no PAE Cachoeira (SCHMINK *et. al.* 2007).

Como já destacado, nos anos que se seguiram à morte de Chico Mendes (de 1988 até os anos finais da década de 1990) os preços dos produtos extrativistas apresentaram significativa desvalorização. Conjuntura que havia levado muitos seringueiros de Xapuri a migrarem para as cidades. Os que ficaram no “mato”, procuravam aumentar as alternativas não extrativistas de sobrevivência (fazer o que era possível fazer). Inclusive, Gomercindo Rodrigues destaca que, nesse período crítico a CAEX teve uma relevância significativa. Sua fundação, de certa forma, criou alguma esperança diante da total falta de perspectivas do momento. Para Gomercindo, se a CAEX não tivesse aparecido “[...] não existiriam mais seringueiros na região” (de Xapuri). Todos teriam migrado para as cidades, mesmo com as reservas extrativistas e PAE’s.

A vida, a cada dia, tornava-se mais difícil nas matas xapurienses. Foi quando o “Governo da Floresta”, como já assinalado, apresentou-se aos seringueiros como continuador das ideias de Chico Mendes. E, com o apoio de ONG’s, começam então a apontar o manejo “sustentado” de madeira como a alternativa que resolveria os problemas.

O discurso da “florestania” apresentava, de forma intensa, o manejo de madeira como a possibilidade concreta de preservar a floresta obtendo renda dela. Ou seja, exatamente o que os formuladores do discurso do “desenvolvimento sustentável” apregoavam. Mas não somente ONG’s apoiaram a ideia, deve-se acrescentar. No processo inicial de convencimento dos seringueiros, foi decisiva a colaboração de antigas lideranças do próprio “movimento” (lideranças que haviam sido transformadas em funcionários do Governo⁵⁸).

⁵⁸Alguns autores falam sobre um processo de “cooptação das lideranças” para a máquina pública. Processo que enfraqueceu a capacidade de mobilização dos seringueiros, como também de todo o movimento social acreano. Sobre isso ver mais em Dossiê Acre (2012), e no relato de Júlio Barbosa de Aquino concedido para essa Tese.

Os técnicos e assessores da “florestania” passaram a massificar a ideia da exploração madeireira entre os seringueiros, apresentando-a como alternativa importante para melhorar a situação da crise e, também, como uma possibilidade de viabilizar economicamente a Reserva Extrativista (no fragmento de relato de Osmarino Amâncio apresentado no tópico anterior essa questão é evidenciada). Para muitos, mesmo com desconfianças, foi difícil resistir.

Neste processo dois outros aspectos parecem importantes e merecem ser destacados: a) O governador Jorge Viana era engenheiro florestal; b) A madeira constituía-se no produto da floresta com maiores possibilidades mercadológicas e com possibilidades de produção em escala (o que não acontecia com os produtos não madeireiros, que também apareciam na proposta inicial da “florestania” como importantes na ideia de desenvolver o Estado).

O relato do seringueiro Adelcir Ferreira da Silva, do PAE Cachoeira, não deixa dúvidas que a chegada do manejo “sustentado” de madeira, em áreas habitadas por seringueiros em Xapuri/AC, foi uma iniciativa da “florestania”. Segundo ele, uma “invenção” do governo.

O governo também inventou esse manejo florestal para melhorar a renda da gente, com a madeira. Pois a gente não pode criar muito gado aqui, só 10 cabeças, se for gado leiteiro. A gente não pode criar mais. Até um roçadinho, segundo a regra, a gente não pode mais colocar. Eu estou impedido de colocar um roçadinho pequeno mesmo. Não pode mais derrubar, segundo a regra. Dizem que já tem muito desmate aqui dentro (Recorte do relato do seringueiro Adelcir Ferreira da Silva, morador do PAE Cachoeira).

No caso específico da região pesquisada, a proposta de “Manejo Familiar Comunitário - MFC” começou a caminhar de forma mais apressada durante a primeira gestão (1997-2000) do então Prefeito Júlio Barbosa de Aquino (PT). Exatamente no momento em que se articulou em Xapuri a implantação de um “Polo Moveleiro”. Articulação promovida por esse Prefeito, por um Deputado Estadual chamado Ronald Palanco Ribeiro (também do Partido dos Trabalhadores - PT) e, ainda, com a colaboração de um padre católico italiano. A ideia era aparentemente simples: a Prefeitura cederia o terreno; a SUFRAMA financiaria as instalações; o Governo Estadual providenciaria outros apoios necessários, e a cidade italiana de Como capacitaria os profissionais e doaria os equipamentos⁵⁹.

⁵⁹ Essas informações foram obtidas em conversas informais com moradores de Xapuri/AC que participaram de alguma forma do processo. Entre elas destaco Leônidas “Badaró” (que foi gerente de uma empresa no “Polo Moveleiro” e um dos profissionais capacitados pelos italianos). Também Estevão Pereira Castelo, meu pai, que era Diretor da Associação Comercial de Xapuri na época e participou como convidado de reuniões para criação do “polo moveleiro”, entre outros. Também Júlio Barbosa, que concedeu relato para esse trabalho, confirmou as informações em conversas informais que tivemos durante minhas idas até Xapuri durante a realização da pesquisa de campo.

Criar-se-ia, então, o “polo” e a madeira, principal matéria prima que as movelarias utilizariam, deveria ser proveniente de áreas (manejadas) da Reserva Extrativista Chico Mendes. Dessa forma, pensavam os idealizadores que empregos seriam criados na cidade e alguma renda monetária poderia ser obtida pelos seringueiros que aceitassem vender as árvores de suas colocações. Entretanto, os moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes rejeitaram a proposta. Talvez por isso, os articuladores tenham direcionado a iniciativa para o PAE Cachoeira. Evidências sobre os motivos dessa não aceitação podem ser observadas no relato de Maria Mendes do Nascimento, apresentado no início desse capítulo.

Observa-se que o PAE Cachoeira, ou PAE Chico Mendes, do ponto de vista locacional, era próximo da cidade e possuía certa infraestrutura de acesso. Fatores que poderiam facilitar o processo. Além disso, possuía moradores seringueiros fortemente vinculados aos políticos idealizadores da proposta de MFC e ao Partido dos Trabalhadores (que acabara de assumir o Governo Estadual). Outro aspecto a considerar, era que neste PAE moravam (ainda moram) muitos familiares de Chico Mendes, fator que também poderia facilitar a inserção da atividade na região devido a forte ligação de alguns deles com os idealizadores da proposta (observa-se que Júlio Barbosa, na época Prefeito de Xapuri, foi amigo de Chico Mendes e havia participado das lutas no período dos “empates”).

Portanto, não por acaso que o discurso governamental passou a relacionar de forma bastante forte o manejo madeireiro com as ideias defendidas por Chico Mendes. Segundo SCHMINK *et. al.* (2007, p.15), o MFC foi implantado no PAE Cachoeira após:

[...] realizadas três ou quatro reuniões em Xapuri e na reserva a fim de que a associação de Cachoeira (Amppae-CM) votasse a execução do inventário ecológico das parcelas florestais. Representantes do STTR de Xapuri, a ONG CTA e um engenheiro florestal, que servia como coordenador científico participaram dessas reuniões com os políticos. No final, dez famílias de Cachoeira, todas com acesso à estrada principal da reserva, ofereceram-se como as primeiras voluntárias. Essas famílias e a Amppae-CM determinaram que a decisão de implantar o projeto de MFC, de fato seria tomada somente após a execução dos inventários e a sua discussão detalhada.

Desde seu início a experiência do MFC no PAE Cachoeira recebeu apoio técnico e financeiro de ONG's e do BID, conforme também comprovou SCHMINK *et. al.* (2007). Dado que corrobora com muitas das afirmações realizadas no tópico anterior. E depois de iniciado, o MFC do Cachoeira passou a ser constantemente destacado pelo discurso do governo como uma das experiências exitosas da “nova forma de desenvolvimento” que defendiam. Inclusive, foi na construção desse discurso que os seringueiros residentes nas colocações onde a madeira era retirada passaram a ser denominados como “produtores” (SCHMINK *et. al.*, 2007).

Enfatiza-se que na sua fase neoliberal o capitalismo está implementando, como nunca, na sua história, a mercantilização das coisas (dos espaços sociais, da natureza, etc.).

Com o objetivo de promover a atividade madeireira entre os seringueiros, dois aspectos eram comumente destacados. Um relacionava-se com possíveis aumentos nos rendimentos obtidos por aqueles que aceitavam participar da atividade e, outro, já apontado, procurava mostrar a existência de uma espécie de sintonia da atividade com o que Chico Mendes defendia. Sobre a sintonia com as ideias de Chico, o relato de Maria Mendes do Nascimento (apresentado no início do capítulo), como também o de vários outros seringueiros entrevistados nesta pesquisa, apresentam informações diferentes do discurso governamental. Vejam-se as falas de José Eduino, José Barbosa de Lima e Aldecir Ferreira, seringueiros moradores do PAE Cachoeira.

O morador daqui era o Demétrio, ele tinha aí um projeto de manejo, mas andou queimando um mato por aí e suspenderam ele do manejo. Já vieram aqui e já conversaram comigo, mas eu disse que não vou mexer não, pois dá problema para a seringa, derrubam muitas castanheiras, vira tudo espraizal. E, por enquanto, eu não vou mexer não, depois que eu andar no chão direito, conhecer os extremos bem, aí eu até posso vender essa madeira, pois de qualquer maneira nós não podemos cerrar para levar para outro canto, até para beneficiar para a própria pessoa, para fazer uma casa, dá problema (José Eduino, do PAE Cachoeira)

Vendi madeira de manejo, mas não quero mais não, estraga a mata, faz muito pisseeiro (estrago) na mata. Eu vendia para a cooperativa de Rio Branco. Parei, não quero mais isso não [...] (José Barbosa de Lima, do PAE Cachoeira)

Quando entra o verão, o IMAC libera para a gente tirar um pouquinho de madeira manejada. Vamos dizer assim, de cada três tipos de árvores tira um. Eles falam pai, mãe e filho. Se têm três cedros, tira um, três cerejeira, tira, um, três cumaru ferro, tira um. Mas isso daí dá um pouquinho, nessa nossa área aqui que tem muita gente agregado que come com a gente. Daí fica difícil. Aí quando chega o final do ano a gente já tá por aqui (pareceu mostrar sentimento de raiva), a renda acaba e a gente não sabe mais como sobreviver. A renda fica pouquinha. Também têm muito ramais para o Governo cuidar, tem muitos lugares. Aí quando chegar o inverno a gente fica com essa dificuldade de ramal. Fica tudo esburacado devido às máquinas que passa (referia-se aos caminhões da empresa que compra a madeira dos seringueiros, máquinas/tratores). Não tem condições de arrumar. Aí a gente fica com dificuldade [...] (Adelcir Ferreira da Silva, do PAE Cachoeira).

As palavras proferidas pelos seringueiros (destacadas acima) são significativas porque expõem dimensões de um cenário diferente do que anunciava (e ainda anuncia) o discurso oficial acreano. Nas vozes, o que se constata é um quadro de preocupações, expectativas e mesmo de arrependimentos (por parte de alguns). Quadro bastante semelhante ao encontrado nos relatos de outros moradores deste PAE como o da seringueira Maria

Luciana. Na voz de Maria Luciana, inclusive, pode-se perceber mais que uma posição contrária à atividade de extração de madeira, em sua voz encontram-se evidências que talvez reforcem uma inferência realizada anteriormente, ou seja, de que desde 1999 (principalmente) existe um movimento que procura transformar os seringueiros acreanos em produtores para o mercado.

O pessoal aqui também faz manejo. Manejo florestal. Mas no meu caso o manejo não era para existir. Não é porque não tenho colocação, mais não era para existir. O manejo é bom porque as pessoas vendem a madeira e pegam no dinheiro, mas derrubam as árvores. E para mim isso não era para existir. E quando for daqui uns tempos (pausa longa). Os filhos dos filhos vão viver de que? No manejo todo ano pode tirar 10 árvores, e se for tirando todos os anos 10 árvores, como vai ficar no futuro? Vai indo, vai indo (silêncio) e se acaba a floresta. Mas para os **produtores** [grifo meu] eles acham bom, porque é um dinheiro fácil.

De acordo com a fala dessa colaboradora é também possível sugerir que no curto prazo a atividade madeireira realmente propiciou (e ainda propicia) aumentos nos rendimentos dos seringueiros (mesmo não sendo muito significativos). Entretanto, Maria Luciana deixa claro que sua posição contrária ao manejo de madeira relaciona-se não com dinheiro, mas com o futuro da floresta. Sua preocupação atrela-se à sobrevivência de sua família em um tempo mais distante. Para ela, com o manejo de madeira retira-se a floresta, e sem a floresta não existirão seringueiros (“os filhos dos filhos vão viver de que?”).

Da mesma forma parece pensar outra Maria, moradora da reserva Chico Mendes (“por isso que eu falei que o manejo madeireiro não tem como a gente trabalhar, pois vai prejudicar nós depois. Eu não, que já estou na idade e conheci muitas coisas. Mas meus netos e meus bisnetos?” - fragmento do relato de Maria Mendes do Nascimento).

Também preocupado com o futuro, Gomercindo Rodrigues afirmou em sua entrevista que “enquanto houver seringueiros haverá floresta”. Em seu relato, além dessa informação, destaca-se outra importante questão que acredita-se merecer reflexão. Ou seja, que a “relação dos seringueiros com a floresta é bem diferente da relação do agricultor com a terra”. Isso significa que, para o agricultor, a floresta apresenta-se, na maioria das vezes, como um empecilho. Daí a necessidade de desmatar para desenvolver o que os mesmos sabem fazer. Já para os seringueiros, a relação com a terra é outra. Nas palavras de Gomercindo: “a propriedade não interessa muito. A terra não tem nenhum valor sem a floresta. O que importa para um seringueiro é o que está sobre a terra. A terra é o sustentáculo da floresta”. Talvez resida aí a preocupação que muitos seringueiros apresentaram quanto ao futuro da floresta, a partir da exploração da mesma através da extração madeireira.

Portanto, ao se considerar como relevantes as vozes de Gomercindo Rodrigues, de Maria Luciana, de Maria Mendes do Nascimento, bem como de outros seringueiros entrevistados, poder-se-ia afirmar que o discurso de que Chico Mendes apoiaria a extração madeireira em Reservas e Projetos de Assentamento Extrativistas, como ainda quer fazer crer o “Governo da Floresta”, não se sustenta.

Como reforço desse argumento, apresenta-se, abaixo, um recorte da própria voz de Chico Mendes, retirada de uma entrevista concedida por ele ao Jornalista Edilson Martins, e que foi publicada no Jornal do Brasil em 25/12/1988. Nesta entrevista, Chico Mendes fala o que realmente pensava sobre o aproveitamento “racional” da floresta. Sobre o quê comercializar e o quê industrializar. Na entrevista é possível ver quão distante estava o seringueiro socialista daquilo que se chamou, depois de sua morte, de “florestania”.

Veja bem: até 1984, a gente realizava os empates, mas não tínhamos muita clareza do que queríamos. Sabíamos que o desmatamento era o nosso fim e de todos os seres vivos existentes na selva. Mas a coisa terminava aí. As pessoas falavam: "Vocês querem impedir o desmatamento e transformar a Amazônia em santuário? Intocável?". Estava aí o impasse. A resposta veio através da Reserva Extrativista. Vamos utilizar a selva de forma racional, sem destruí-la. Os seringueiros, os índios, os ribeirinhos há mais de 100 anos ocupam a floresta. Nunca a ameaçaram. Quem a ameaça são os projetos agropecuários, os grandes madeireiros e as hidrelétricas com suas inundações criminosas. **Nas reservas extrativistas, nós vamos comercializar e industrializar os produtos que a floresta generosamente os concede. Temos na floresta o abacaba, o patoá, o açaí, o buriti, a pupunha, o babaçu, o tucumã, a copaíba, o mel de abelha, que nem os cientistas conhecem. E tudo isso pode ser exportado, comercializado [grifo meu].** A universidade precisa vir acompanhar a Reserva Extrativista. Estamos abertos a ela. A Reserva Extrativista é a única saída para a Amazônia não desaparecer. E mais: essa reserva não terá proprietários. Ele vai ser um bem comum da comunidade. Teremos o usufruto, não a propriedade. (Fonte: Quero ficar vivo para salvar a Amazônia. Jornal do Brasil, 25/12/1988)

Além da destruição da floresta e dos ramais pelas máquinas e caminhões da empresa que explora a atividade madeireira na região do PAE Cachoeira (“vira tudo esperaizal”, “estraga a mata, faz muito pisseeiro” “quando chegar o inverno a gente fica com essa dificuldade de ramal. Fica tudo esburacado devido às máquinas que passa”) os seringueiros que apresentaram considerações a respeito da atividade destacaram outra preocupação: o “afastamento da caça”. Prática que ainda representa, muitas vezes, o viver ou o morrer (de fome).

[...] A gente vive de criação. Todos os anos a gente mata um boiinho para tirar à castanha, porque **a caça já está difícil**. Fugiu muito já, porque teve muita exploração ao redor do Cachoeira. **As caças saíram muito da área [grifos meu]**. Mas a gente cria. Cria uma galinha, cria um pato, compra carne de boi dos amigos.

Aqui no seringal todo mundo cria um pouco. Assim a gente vive (Marlene Teixeira de Oliveira, moradora do PAE Cachoeira)

[...] **A caça aqui é difícil [grifo meu]**, a gente para arrumar um rancho cria muito né, cria galinha, cria pato, cria porco, cria gado. A gente come mais é carne de boi. Aqui caça não tem mais mesmo [...] (Francisco Teixeira Mendes, do PAE Cachoeira)

[...] A alimentação aqui (pausa), caça não pode exagerar. **Mas aqui quase não tem caça. Só essas caças pequenas, que chamam de embiara (caça pequena). Não tem caça grande, veado capoeiro aqui é difícil. [grifo meu]**. Só tem caça no fundo da reserva (Fragmento do relato de Adelcir Ferreira da Silva, morador do PAE Cachoeira)

É importante destacar que o MCF, realizado no PAE Cachoeira, propiciou e ainda propicia aumentos nos rendimentos daqueles que se envolveram com a atividade, como alguns relatos sinalizaram. Aumentos principalmente no curto prazo. Entretanto, esse aumento, de acordo com as experiências durante a pesquisa de “mato” e de acordo com as evidências coletadas nos relatos, parece não ser significativo. Gomercindo Rodrigues considerou em sua fala que a atividade é “insustentável no longo prazo”. Inclusive chegou a comparar o manejo “sustentado” de madeira com as modernas pirâmides financeiras presentes no Acre atual (2013). “No início o ganho é grande, mas em um tempo maior não é sustentável”.

Deve-se ainda assinalar que os seringueiros envolvidos (ou que se envolveram com esse tipo de exploração madeireira) pouco falaram sobre valores e ou rendimentos obtidos. Entretanto, em conversas informais com os próprios colaboradores e/ou seus familiares⁶⁰, também em conversas realizadas com funcionários da empresa que compra a madeira, bem como consultando diagnósticos avaliativos disponíveis na internet (DE AZEVEDO & ASSREUY, 2012), constatou-se que, em média, o ganho obtido com a venda do metro cúbico de madeira “manejada” pelos seringueiros de Xapuri varia entre R\$ 50,00 a R\$ 90,00. Se se comparar com os preços praticados na cidade de Rio Branco, pela única empresa que comprava a madeira proveniente do PAE Cachoeira em 2012, pode-se facilmente concluir quem verdadeiramente ganha com a atividade. Em média, esses preços chegam a R\$ 1.200,00/m³ (DÔSSIE ACRE, 2012).

⁶⁰ Por ocasião da entrevista com Marlene Teixeira de Oliveira, por exemplo, em conversa com seu filho, que, segundo ela, ele trabalha “[...] ali na madeira certificada e ganha um dinheirinho.”

As famílias são, em realidade, subjugadas ao domínio monopolista na medida em que só podem vender a madeira para uma empresa denominada “Laminados Triunfo”, através da intermediação de uma outra empresa, travestida de Cooperativa, chamada Cooperfloresta. Segundo a colaboradora Dercy Teles, a Cooperfloresta não está a serviço dos trabalhadores. Em seu relato inclusive afirmou que a Cooperfloresta “de Cooperativa só tem nome”.

Porque o conceito que eu tenho de cooperativa é que a mesma deve está preocupada com o bem estar de todos os associados, diferente de uma empresa privada. Cooperativa não é somente para comprar o produto final não. A cooperativa deve ter uma ambição bem ampla para garantir o bem estar e trabalhar na busca desse bem estar. Exatamente o que não acontece (Dercy Teles, presidente do STTR de Xapuri).

Observa-se que a mesma situação também é percebida por muitos seringueiros entrevistados, como é o caso de Maria Mendes do Nascimento.

E a gente ver que isso não tem futuro para o seringueiro. **Pois a gente vai vender pelo preço que eles quiserem. Nós, que não entende de madeira vamos vender pelo preço que eles quiserem. E eles vão vender lá por um preço bem maior.** E nos vamos ficar sem a madeira e sem a floresta. E sem dinheiro (grifo meu).

Outra evidência que pode reforçar as afirmações relacionadas com ganhos não tão significativos, por parte das famílias seringueiras envolvidas com a exploração de madeira em Xapuri, é o fato da maioria dos que vivem atualmente no Projeto de Assentamento Extrativista Chico Mendes estarem cadastradas no programa “Bolsa Família” do Governo Federal, mesmo praticando o manejo comunitário de madeira há quase uma década (DÔSSIE ACRE, 2012). Portanto, o resultado do MFC na região, na verdade, ao invés de gerar renda e melhorar a vida dos seringueiros, pode estar se traduzindo no aumento da degradação ambiental, da concentração de rendas, e do agravamento da pobreza.

A afirmação acima remete a uma preocupação apresentada no início da pesquisa pelo seringueiro Antônio Cândido da Silva (do seringal Nazaré, colocação Rio Branco). Este seringueiro relatou, em conversa informal, na porta do STTR de Xapuri, por ocasião da realização de uma audiência pública sobre a construção de uma ponte na cidade, que a obra, se concretizada, iria “tirar seu sossego”. Que “acabaria com sua calma”. E que, por isso mesmo, “era contra”.

Somente dialogando com os relatos coletados no PAE Cachoeira tempos depois essa preocupação foi verdadeiramente compreendida. O receio do seringueiro, sem dúvida, relacionava-se com a exploração madeireira em sua região. Seu Cândido é sabedor, como

outros moradores da Reserva, que caso a ponte seja construída certamente facilitará a entrada de caminhões na área e, como consequência, a exploração da madeira será facilitada levando embora “seu sossego”.

Como ilustração da presença do manejo madeireiro no PAE Cachoeira apresentam-se as fotografias a seguir. Em uma delas, pode-se observar a máquina bastante citada pelos seringueiros operando: o trator “*skid*”. Citada pelo barulho que espanta o “de comer”, e pela destruição que provoca nos ramais que agora cortam a floresta. Também pela destruição da própria floresta (quando o “*skid*” arrasta as árvores derrubadas).

Figura 52 - Placa informando existência de extração florestal no PAE Cachoeira
Foto de Carlos Estevão Castelo/2013

Figura 53 - Trator tipo *skid* em operação no PAE Cachoeira
Foto de Carlos Estevão Castelo/2013

No caso da Reserva Extrativista Chico Mendes (região onde o manejo madeireiro ainda não chegou) o conjunto dos relatos coletados não permite afirmar, categoricamente, se a maioria dos moradores é contrária ou a favor⁶¹ de tal política. Mesmo assim, pode-se sugerir, com base na opinião daqueles que se manifestaram a respeito do tema, que a ideia possui fortes resistências. Como bem resumiram os seringueiros Maria Mendes do Nascimento, Jorge Monteiro da Silva e Raimundo Souza Nascimento.

Aqui veio o manejo, veio o pessoal e colocaram as propostas para a gente. Mas eu não quis isso, nem eu nem meus vizinhos. Eu não quis porque destrói a mata. Vamos supor: onde essas máquinas entram destroem a mata toda, elas acabam com nosso alimento porque espantam a caça. Uma mata dessa que o senhor está vendo aí, uma mata boa de andar por dentro. Então, se entrar uma máquina dessas aí, um skide, um trator, então esculhamba tudo. Se uma máquina dessas passa por cima de uma vertente, aí entope tudo de pau. Esculhamba tudo. Aí nos vamos ficar sem a nossa água, que é muito importante para nós aqui. E aí esculhamba tudo, por isso nós não aceitamos. Devido isso. Acabam com nossas matas. Então, se depois a gente precisar de uma madeira boa para fazer uma casa ou outra coisa não vai ter mais, porque a gente terá vendido tudo, aí não vai ter. E o dinheiro não é bom. O dinheiro que nos pagam pela venda da madeira não dá quase nada, como dizem por aí. Quem vendeu inclusive não recebeu. Então, porque vou me meter numa coisa dessas, sabendo que não é coisa boa (Jorge Monteiro da Silva, morador da Resex Chico Mendes em Xapuri/AC).

Aqui não entrou aquele negócio de plano de manejo não (manejo madeireiro). Eles falam que tem um projeto para as bandas de cá. Mas ainda não chegou até aqui não.

⁶¹ Talvez devido à atividade ainda não acontecer na Reserva, muitos dos colaboradores não tenham falado a respeito em seus relatos.

Eles falam que virá. Mas eu sou contra. Eu acho uma coisa muito errada. **Como eles querem proibir da gente derrubar para plantar um pouquinho, para nossa sobrevivência, e vão permiti derrubar a mata para vender a madeira [grifo meu].** Alí para o Seringal Cachoeira, onde já fizeram plano de manejo, o pessoal diz que a mata virou só quiçaça (terra árida, chão ruim, cuja característica dominante é uma vegetação de mato baixo e espinhoso, espécie de capoeira). Aí eu acho muito errado. A caça vai embora, se muda dali, porque vai entrar o trator skide para puxar essa madeira, vai entrar caminhão. Só arranca madeira maior. Porque no roçado não, o cara coloca seu roçado e tira o legume com um dois anos e a mata fica lá. Ela volta da mesma forma, com quatro anos a mata já está da mesma forma para você trabalhar com ela de novo. O sistema aqui é esse, a gente planta um ano, dois anos e isola ela, com quatro anos já está boa de novo para plantar. Dessa forma não mexemos na mata virgem. Só no capoeirão para o roçado. Mata virgem não mexemos, fica só naqueles quatro hectares trabalhando (Raimundo Souza Nascimento, morador da Reserva Extrativista Chico Mendes)

Esta pesquisa, portanto, propiciou informações que permitiram inferir que nos locais onde o manejo “sustentado” de madeira ocorreu houve aumentos do poder aquisitivo de alguns seringueiros no curto prazo, mas também provocou diminuição da caça, destruição de ramais e preocupações acerca do futuro. Nas regiões onde ela ainda não aconteceu há uma espécie de esperança potencializada pelo “discurso oficial” de que poderia trazer uma vida melhor. Mas existe também muita desconfiança, ou simplesmente desinteresse de quem prefere retirar seu sustento da floresta em pé. Em outros termos, o manejo “sustentado” de madeira envolve um conjunto de entendimentos distintos.

Como não era objetivo principal problematizar a viabilidade econômica do manejo madeireiro, não foram aprofundadas aqui questões relacionadas com a economia. O interesse maior centrou-se, como já apontado, em verificar as possíveis relações da atividade com as mudanças no viver dos sujeitos pesquisados, bem como descobrir o que pode se esconder por trás de todo esse processo (não só do manejo madeireiro, mas de todo movimento modernizador implantado na região, principalmente a partir de 1999).

Desse modo, pode-se afirmar que nas áreas onde o mesmo foi implantado em Xapuri (notadamente no PAE Cachoeira) as vias de acesso (ramais) melhoraram significativamente. Também são as áreas onde grande parte das famílias possuem energia elétrica (“Luz para Todos”), e a infraestrutura de saúde/educação são mais satisfatórias, entre outros fatores. O que parece demonstrar, de fato, que aconteceu uma priorização dos investimentos públicos em serviços de infraestrutura, a fim de garantir o bom andamento da atividade na região. Comprova ainda, que muitas das mudanças observadas na vida dos seringueiros, como se pensava, possuem relações com esse contexto.

Esse mesmo raciocínio pode ser também aplicado às áreas de influência da fábrica de preservativos NATEX (neste caso, tanto no PAE Cachoeira como na Resex Chico Mendes).

Entretanto, nas regiões afastadas da fábrica e onde não se pratica o manejo madeireiro a realidade é bastante diferente.

Como conclusão desse item, vale lembrar que o manejo “sustentado” de madeira foi (e continua sendo) viabilizado nas florestas do Acre por organizações multilaterais de crédito, como se pode observar na informação abaixo, encontrada em documentos do BID, e citado por Schmidlehner (2012, p.30).

No Acre, espera-se leiloar 300.000 hectares de florestas estaduais em licitações fechadas para o manejo florestal sustentável. [...] O projeto prevê um aumento da contribuição do setor florestal para o crescimento econômico em 6 por cento (Inter - American Development Bank *apud* SCHMIDLEHNER, 2012)

4.2 Insatisfações, resistências, tentativas de “fazer dinheiro” e outras lutas

Como visto, o manejo “sustentado” de madeira de certa forma está provocando entre os seringueiros de Xapuri/AC um conjunto de entendimentos distintos (com predominância para a rejeição). Tanto entre os que praticam essa atividade (ou já praticaram), como entre aqueles que ainda não tiveram contato com ela. Fato que não ocorre com outro problema desvendado pelos relatos coletados na floresta, onde a reclamação e o descontentamento são uma espécie de unanimidade. Refiro-me ao excesso de burocracia e da fiscalização “exagerada” realizada pelos órgãos florestais na região às atividades exercidas pelos seringueiros.

Entretanto, antes de problematizar essa questão, vale neste ponto destacar e reforçar algo que possui relação direta com a mesma, ou seja, a mudança no discurso do “desenvolvimento sustentável”. Vale observar que o discurso do “desenvolvimento sustentável” não permaneceu estático, ele evoluiu. E a grande comprovação disso ocorreu no ano de 2007, quando a ONU introduziu uma nova produção discursiva sobre a questão ao lançar o Programa Economia dos Ecossistemas e da Biodiversidade (TEEB, na sigla em inglês). A partir de então, a proposta não era mais usar os recursos naturais para não correr o risco de perdê-los. A nova ideia passou a centrar-se em precificá-los, visando mantê-los intocados. Iniciava-se na região acreana (inclusive no próprio discurso) outro período de mudanças. Agora era a vez dos serviços ambientais, dos REDD ou REDD+ (Redução de Emissões por Desmatamentos e Degradação Florestal).

Especificamente no Acre, o marco de transição para o novo discurso é a aprovação, na Assembleia Legislativa, de uma Lei criando o Sistema Estadual de Incentivos a Serviços

Ambientais (SISA). Através dessa Lei (Nº 2.308 de outubro de 2010), o “Governo da Florestania” novamente adaptava, na política local, as propostas das organizações multilaterais, como também “autorizava a si mesmo, por meio da criação de institutos, comissões e uma agência, a criar e a alienar créditos resultantes de serviços ambientais” (SCHMIDLEHNER, 2012, p.31).

Voltando a problemática das insatisfações dos seringueiros com os órgãos florestais, na opinião da Presidente do STTR de Xapuri, Dercy Teles, relacionam-se, principalmente, com o impedimento dos seringueiros praticarem o modo tradicional de vida nas colocações. Segundo essa colaboradora, as proibições dos órgãos ambientais colocam em risco a própria existência dos seringueiros. Na sua concepção, os seringueiros poderão até desaparecer “[...] porque à medida que o uso do fogo está proibido para se fazer roçado, eles não terão alternativas que garantam a produção da agricultura de subsistência, que garanta a vida na floresta”.

Abaixo se destaca o que algumas vozes seringueiras relatam a respeito dessa situação:

Para a gente brocar (capinar o roçado para o cultivo) é um sacrifício, para queimar é outro. **É uma dificuldade para manter a família da gente. Para manter a família tem que plantar o arroz, o feijão, a macaxeira, mas o Governo, o pessoal do IBAMA não deixar a gente queimar.** Não temos um arado, um trator para preparar a terra, para brocar e queimar. E é isso. Essa é a nossa dificuldade. As outras coisas a gente vai levando devagarzinho. [...] **Aqui na minha colocação o tamanho é 300 hectares. Aqui quem manda é o IBAMA. Tudo o que é para fazer aqui tem que o IBAMA assinar [grifos meu].** Se o IBAMA não assinar não é possível fazer nada. Só a casa que eu fiz o ano passado foi o INCRA que assinou (José Ribamar, da colocação maloca queimada – Resex Chico Mendes)

O máximo que faço por mês com a borracha é R\$ 300,00. Corto até no inverno, pois vendo a borracha coagulada. Também tem castanha. Às vezes eu quebro castanha aqui e acolá, umas 100 latas, quando dá preço eu faço uns R\$ 2.000,00 de castanha. Aí dá para fazer um dinheiro. **Madeira não corto, o pessoal não deixa. O IBAMA não deixa, pois aqui é reserva. Aqui você não pode vender uma tábuia [grifo meu].** Aqui ainda não tem manejo. Eles só deixam tirar madeira para a casa, mas desde que não seja aguano (mesmo que mogno). Essa madeira eles não deixam derrubar não. (Raimundo Nonato – Resex Chico Mendes)

Aqui na minha colocação eu tenho um roçado, mas só para consumo da família. Poucas vezes vendo alguma coisa. Tenho macaxeira, milho, arroz, feijão. Só quando sobrar eu vendo. Mas é difícil sobrar. **Pois só temos direito de derrubar para plantar quatro hectares, então não dá para ampliar a produção, daí não sobra [grifo meu].** Eles proíbem derrubar mais. O IBAMA proíbe. Só permitem derrubar aquele limite (Raimundo de Souza Nascimento, morador da Reserva Chico Mendes)

Meu esposo fica trabalhando aqui e ali. Uma diária aqui e outra acolá. Não pode fazer o roçado, pois não tem o cartão. **Se a pessoal for brocar e colocar fogo eles vem e multam. Principalmente se não for o dono. É uma multa grande. Eu fico pensando como eles podem proibir, se é disso que o seringueiro vive. Eu penso que eles não podem proibir. Como vamos viver? Porque o feijão hoje tá caro. O arroz também. Tá tudo caro. Hoje em dia tá ficando difícil comprar. Não são altas queimadas, é só para plantar e tirar o ano, para viver [grifo meu].** O feijão tá caro porque não tem mais ninguém plantando. Antigamente era tudo barato porque tinha muita gente plantando. Daqui uns dias será o arroz. Aqueles que teimam colocam seu roçadinho e vão levando. Aqueles que têm emprego vão passando (Maria Luciana, do PAE Cachoeira)

Quem administra a terra aqui é o IBAMA e o INCRA. Eles que fazem tudo. Eu não tenho documento. O meu pai tem um documento, mas a gente sabe que não é dono mesmo. **Quem manda é o IBAMA [grifo meu].** O crédito habitação só sai se eles autorizarem. (Paulo Jorge, colocação guarani, Resex Chico Mendes)

Nos fragmentos de relatos apresentados pode-se observar a percepção que muitos seringueiros possuem acerca de alguns expedientes utilizados pelos órgãos ambientais, notadamente o IBAMA. Fica claro que as estratégias de sobrevivência tradicionais utilizadas pelos “madrugadores das florestas”, como a prática dos roçados de subsistência, criam formas de conflitos com esses órgãos.

No imaginário dos seringueiros, guardadas às devidas proporções, o IBAMA parece representar o que foi o IBDF nos anos setenta e oitenta. Órgão que agia com repressão, desrespeito, intransigência e muitas vezes com indiferença. Nesse aspecto, chama a atenção uma passagem do relato do seringueiro Raimundo Souza Nascimento, quando questionou a posição do IBAMA que o proíbe de desmatar para “[...] plantar um pouquinho para a sobrevivência”, mas permite que “[...] a mata seja derrubada se for para vender a madeira através de manejo”.

O seringueiro José Eduino, morador do PAE Cachoeira, também sinaliza sobre o excesso de burocracia. No caso, não somente dos órgãos públicos ambientais, mas também das Associações existentes na localidade onde mora que “costumam arrumar um direito de não sei o quê, não sei de onde”.

Caça o pessoal diz que aqui tinha muito, mas agora a gente não vê. Só vê alguns veadinhos roxos. Onça eu vi uma vez, os meninos viram uma ali. Dizem que tem muitas também, mas aqui não vi. Aqui tinha muito jaboti mais também ninguém vê. Só achei dois até agora, e a vida é essa, continuando trabalhando. Arrumando uma coisinha para comer, porque derrubar aqui a gente não pode derrubar muito. Tem que ser autorizado pelos Presidentes de Associações, que arrumaram um direito de não sei o quê, que não sei de onde. Que o IBAMA não quer dar um hectarezinho para plantar para comer, ou mata bruta, ou capoeira (José Eduino, morador do PAE Cachoeira)

Sem dúvida a chancela dos órgãos ambientais permite uma maior fiscalização e monitoramento das atividades dos seringueiros. Entretanto, os relatos indicam que esse tipo de ação necessita ser melhor avaliada, principalmente com relação às proibições relacionadas com práticas vitais para a sobrevivência dessas pessoas (notadamente das que moram no “fundo da mata”, longe da influência da NATEX e dos investimentos do “Governo da Floresta”).

Deve-se também considerar nesse processo a pressão financeira exercida pelos bancos financiadores da “florestania”, pressão para manutenção da floresta em pé que, como visto, configura-se na nova lógica discursiva do “desenvolvimento sustentável”. Pressão que, de acordo com as evidências coletadas no interior da mata, se traduzem em repressões dos seringueiros. Não só pelos órgãos ambientais federais, como também pelo próprio Governo Estadual através de seus consultores e presidentes de associações de moradores (em sua maioria também funcionários do governo). Não é à toa que o seringueiro José Eduino relatou que os “presidentes de associações arrumaram um direito de não sei o quê, de não sei de onde”.

Os seringueiros, desde que se “libertaram” do controle do “patrão seringalista”, passaram a intensificar atividades agrícolas nos roçados. Essa prática (de fazer roçados) tornou-se comum entre as famílias desde esse período, sem que maiores prejuízos fossem causados para a floresta, como bem apontou Raimundo Souza Nascimento (“a mata nunca virou quiçá”).

Os roçados aumentaram depois que o extrativismo (borracha e castanha principalmente) não conseguiu mais manter “o básico”. E os seringueiros, pela necessidade, movimentaram-se em direção de outras atividades. De acordo com a Presidente do STTR de Xapuri, antes, a borracha garantia, mas hoje, mesmo com a fábrica de preservativos (NATEX), “[...] o básico não está garantido”. Então, se esse “direito” lhes é negado, sem dúvida está se condenando muitos a abandonarem a floresta.

As insatisfações e, em muitos momentos, as revoltas, acontecem principalmente pelo fato de os seringueiros não entenderem o porquê das dificuldades e proibições para praticarem um pequeno roçado, ou mesmo retirarem madeira para pequenas construções, em comparação com as facilidades que muitos encontram para derrubar a floresta no caso dos manejos “sustentados” de madeira.

Pode-se concluir, portanto, que a “modernidade florestânica”, tanto através dos investimentos para viabilizar o manejo “sustentado” madeireiro como através das novas

“recomendações” direcionadas para os Pagamentos por Serviços Ambientais (PSA) e Redução de Emissões por Degradação e Desmatamentos (REDD), ao mesmo tempo em que propicia algumas melhorias na vida dos seringueiros de Xapuri/AC (de alguns), também os empurra (os mais jovens principalmente), silenciosamente, para fora do território. Somente aqueles com idades acima dos trinta anos desejam e estão permanecendo no interior das colocações.

4.2.1 “Fazendo dinheiro” com gado

Como visto, a luta diária dos seringueiros de Xapuri/AC, por uma sobrevivência possível desde que Chico Mendes morreu, não foi e não tem sido nada fácil (talvez antes fosse mais complicado). E o período crítico aconteceu, exatamente, nos anos da década de 1990, onde a crise do extrativismo tradicional, como já anotado, forçou muitas famílias a buscarem alternativas de expansão de seus rendimentos (com a chegada da televisão, por motivos já expostos, essa busca ficou mais intensa).

Foi também nesse período que os seringueiros, notadamente aqueles que não migraram para as cidades, descobriram que “criar gado” poderia ser uma alternativa interessante de sobrevivência. Dessa feita, os que viabilizaram as condições necessárias começaram a intensificar esse tipo de criação. Nos relatos coletados em 2012, podem-se perceber alguns dos motivos que tornaram o gado uma atividade interessante.

As pessoas que brigaram por essa reserva agora querem criar boi, querem derrubar, fazer campo. Aí não pode. O INCRA vem e corta. **As pessoas querem boi porque é mais fácil de tirar, vai andando, vai de todo jeito [grifo meu]**. A castanha e a borracha são difíceis de tirar daqui. O boi é mais fácil. Mas se o Governo der as condições de ramal pode ter as mesmas condições e ter sua renda na hora certa também. E ficar mais tranquilo. Antes tirava em burro. Burro não tinha problema. Se caía um pau era só rolar e passar. Agora tirar através de carro no ramal é necessário. (Adelcir Ferreira da Silva, do PAE Cachoeira)

Gado é melhor para fazer dinheiro. Se você tiver cinco sacos de farinha e for lá na rua atrás de pegar o dinheiro, ninguém adianta. Mas se tiver um bezerro os caras já adiantam [grifo meu]. Pode ir lá na rua. Se o bezerro tiver nascido ontem eles pagam o mesmo preço do grande. Aqui já tive gado só para o leite. Quem cria muito é um dinheiro seguro, pode ir lá na rua que tem comprador. Se fizer cinco sacos de milho ou farinha e levar para a rua tem que deixar guardado lá, pois não vende. Eu faço farinha aqui e levo cinco sacos para Xapuri e só vendo dois. A gente anda naquelas bibocas todas em Xapuri e ninguém compra. Mas o bezerro vende até na barriga da vaca (risos). É mais fácil criar o boi. A vantagem do gado é essa. Por isso muita gente insiste em criar. Uma criação normal, um pasto bem dividido que não agride a floresta. Aí ninguém será contra a pessoa criar um pouquinho. É contra

só com aqueles que derrubam a floresta demais. Só planta o capim e não planta nenhum lavoura (João Batista Ferreira da Silva, morador da Reserva Chico Mendes)

Aqui na área nós temos umas 20 hectares de campo, um açude, e água muito boa. Lá em cima a fonte é mineral, é especial. Aqui a água é boa. Tem animais para quando a gente precisa. Tenho umas quarenta cabeças de gado, que criamos para o leite e para quando aparecer uma necessidade. **Com gado é mais fácil. Com gado é mais fácil fazer dinheiro [grifo meu]**. Um bezerro, quando nasce, se for macho, na hora que nasce já vale quase trezentos contos, é bom de vender. Com três meses é quase 500,00 contos. Outra coisa boa é criar porco e galinha, tem muito comprador aqui na porta direto. Eu vendo. Assim que eu vivo. Quando estou apertado, eu vendo. A criação que tendo ajuda a fazer dinheiro (Paulo Jorge, morador da Reserva Chico Mendes)

Não existem muitas dúvidas que os fatores explicativos para o aumento da pecuária em áreas extrativistas, do Município de Xapuri/AC, estão relacionados com questões de sobrevivência dos habitantes. O gado, para muitos seringueiros, é considerado uma espécie de poupança, ou seja, quando necessitam “fazer dinheiro mais rápido” essa alternativa é a mais atraente (um filho pode adoecer, por exemplo). Algo que se apresenta como uma questão paradoxal na região, principalmente quando se considera quem eram os “inimigos” nos anos 70 e 80 (os seringueiros, como apresentado, lutaram contra os pecuaristas/“paulistas”).

Muitos procuraram a criação de gado para conseguirem uma liquidez⁶² que não era possível adquirir com as atividades tradicionais. Dessa maneira, da mesma forma que faziam na época dos patrões, passaram a transgredir as recomendações (no tempo presente, aumentando as criações).

⁶² Capacidade de transformar em dinheiro um ativo qualquer. Considerando o dinheiro em espécie no ativo mais líquido existente.

Figura 54 - Criação de gado na Região do PAE Cachoeira
Foto de Carlos Estevão Castelo/2013

Analisando informações coletadas no banco de dados de um projeto de pesquisa desenvolvido na UFAC, denominado Análise de Sistemas de Produção Familiar (ASPF), foi possível comprovar o crescimento da pecuária. Segundo essa fonte, em 10 anos, o crescimento dessa atividade na reserva extrativista Chico Mendes, na região de Xapuri, alcançou o patamar de 10,24% (1996 a 2006). Essa mesma fonte também sinaliza que a participação percentual da criação de gado nos rendimentos brutos das famílias seringueiras subiu, no mesmo período, de 11% para 17%.

A queda nos preços da borracha na década de 90; o aliciamento de seringueiros por parte de grandes fazendeiros que estão em volta das áreas extrativistas estimulando-os a criarem gado em suas colocações (gado dos fazendeiros); os desejos (cada vez mais forte devido os estímulos da televisão) por coisas “da cidade”, etc., são fatores explicativos que devem ser considerados. Inclusive a revolta de algumas famílias contra os órgãos ambientais, citadas anteriormente, também possui relação com a proibição de expandir a criação de gado “para mais de 30 cabeças”. Vale notar que aumentar criações significa desmatar a floresta, e desmatar não é interessante na nova lógica do capitalismo neoliberal de mercantilizar a natureza. Como visto, agora a proposta é mantê-la em pé, devido os “serviços ambientais”.

Talvez por isso Schmidlehner (2012, p.31) tenha afirmado que “[...] os impactos negativos da ação antrópica precisam ser minimizados. Por isso, as pessoas que vivem nas florestas precisam ter suas atividades controladas, ou mesmo suspensas”.

Esta pesquisa detectou que, a cada dia, os seringueiros de Xapuri/AC, que ainda estão na mata, continuam a procurar alternativas na luta pela sobrevivência. Sobrevivência que, para muitas famílias (principalmente as que não estão sob a área de abrangência da NATEX), é garantida basicamente pela produção para autoconsumo e, ainda, através de bolsas concedidas pelos governantes (bolsa família, bolsa verde).

Os relatos também sinalizaram que os que conseguem maiores ganhos (principalmente os que moram mais próximos da cidade), têm utilizado o dinheiro para saciar necessidades de consumo por “coisas da cidade”. Necessidade (de prosperar) que também aumentam devido o crescimento das igrejas evangélicas, como será melhor detalhado a seguir.

4.2.2 Sobre o crescimento das igrejas evangélicas

O aumento das igrejas evangélicas tem sido significativo na região rural de Xapuri. Principalmente quando se compara com a quantidade de “crentes” que existiam no final dos anos de 1990⁶³. As informações coletadas no campo permitiram afirmar que, hoje (2012), o número de evangélicos já se aproxima de 50% dos habitantes. Evangélicos pertencentes, principalmente, às igrejas ditas “neopentecostais” como a “Deus é Amor”.

Figura 55 - Sede da Igreja Evangélica “Deus é Amor” (PAE Cachoeira)
Foto de Carlos Estevão Castelo/2013

⁶³ Em pesquisa realizada em 1998/1999 detectou-se que a 95% dos seringueiros da região eram “católicos” e 5% “protestantes” (CASTELO, 1999, pág. 75). Observa-se, ainda, que maioria dos seringueiros da região utilizam a expressão “crentes” para designar aqueles que praticam religiões protestantes ou evangélicas.

As igrejas neopentecostais, de acordo com o que foi possível observar “no mato”, estão potencializando os desejos de consumo devido às pregações realizadas por seus pastores que, muitas vezes, de casa em casa (ou de colocação em colocação), costumam na “leitura da palavra” prometerem que as famílias poderão contar com Deus na realização de qualquer sonho de consumo. Ou seja, diferente do discurso que acontecia há um tempo não tão distante, onde os evangélicos de Xapuri (principalmente os da cidade, pois na mata a maioria pertencia à Igreja Católica) pregavam uma ética de afastamento do mundo com sérias restrições ao consumo. Agora, principalmente através da adoção da “teologia da prosperidade”, a visão/imagem do dinheiro está em plena transformação, inclusive na floresta. O princípio de que o dinheiro se tratava de coisa “do diabo” parece ter sido completamente abandonado.

Eu sou católica e frequento o evangelho ali na Colocação Fazendinha. Mas aqui tem muita igreja evangélica. Aqui tem a Assembleia de Deus, e lá na Colocação Altamira tem a Deus é Amor. Isso tudo foi já foi coisa que aconteceu depois que cheguei aqui no Cachoeira. Por isso que eu digo que hoje é tudo mais importante. A vida no seringal hoje é muito importante porque antes o seringueiro não conhecia nada. Hoje, graças a Deus, conhecemos muita coisa (Marlene Teixeira, seringueira do PAE Cachoeira)

A maioria dos neopentecostais encontrados nas áreas pesquisadas são recém-convertidos. Conversões que, em sua maioria, pelo que se observou, tiveram como motivo principal o elo direto com a felicidade e a capacidade de viver bem, parecendo comprovar o que apontou Reginaldo Prada em reportagem do Jornal Folha de São Paulo, em 2013, quando destacou que o pentecostalismo “[...] trocou o discurso do desapego material pela apologia do consumo”⁶⁴.

Mas o que pode se esconder por trás de tudo o que está acontecendo na floresta? Que riscos poderiam ser relacionados às modificações acontecidas nos modos de se viver dos sujeitos sociais pesquisados? Os seringueiros poderão mesmo desaparecer, como afirmou Dercy Teles? Os investimentos realizados pelo “Governo da Floresta” podem estar contribuindo para o esvaziamento do território? Poder-se-ia pensar em interesses maiores do “capital internacional” em viabilizar (com financiamento e apoio técnico) o processo recente de “modernização” no território acreano?

⁶⁴ Fonte: www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/119901-a-conversao-do-pentecostalismo.shtml. Acessado em 22 de julho de 2013.

Como fechamento desse capítulo (e do trabalho) apresentam-se no tópico a seguir algumas problematizações a respeito dessas indagações. Sem a pretensão de apontar certezas definitivas acerca do assunto, até porque a mais clara e convicta conclusão foi que este trabalho está apenas começando. A sensação é de “[...] estar apenas na superfície do rio” (GONÇALVES, 2001) ou como se diz em Xapuri/AC: “bubuiando na flor da água”. Em outros termos, as conclusões destacadas a partir desse ponto são provisórias e é exatamente essa condição que “impôs” o compromisso de continuar na caminhada.

4.3 Riscos, estratégias do capital, e prejuízos da “modernidade”: algumas considerações

Na problematização dos possíveis riscos e prejuízos que a chegada da modernidade/modernização nas florestas de Xapuri/AC provocou (está provocando), principalmente após 1999, duas questões (que possuem relação entre si) pareceram fundamentais. Ou seja, os desejos dos mais jovens de morar na cidade, e o fato de recusarem aprender a principal função dos pais (cortar seringa).

Quanto à primeira questão, a pesquisa evidenciou que os seringueiros com idade acima dos 30 anos gostariam de continuar na floresta, pois estão acostumados e preferem viver “no mato”. Também porque parecem perceber que não teriam muitas alternativas para sobreviverem na cidade com dignidade (“por terem estudado pouco”). Inclusive, ao oporem a permanência no “mato” a uma mudança para a “rua” não retomam a velha dicotomia do rural *versus* o urbano, simplesmente traduzem uma opção de vida. Pode-se afirmar, mesmo diante de muitas adversidades, que permanecerão resistindo até quando for possível, ou mesmo até morrerem. Quanto aos mais novos, os desejos de permanecer na floresta praticamente não existe. Dessa forma, quando se considera que os mais idosos morrerão em um prazo não muito longo, poder-se-ia estar diante de um sério problema: o esvaziamento do território.

Muitos pais entrevistados apontaram que, para eles, os filhos permaneceriam na floresta. Afinal, mesmo não possuindo o título de propriedade do local, onde atualmente moram, a posse da colocação é uma das “poucas coisas” que provavelmente poderão deixar para os sucessores. Mesmo assim, compreendem as decisões dos filhos de buscarem oportunidades fora da mata. Principalmente quando se trata do estudo, ou como eles mesmos falaram: de “fazer uma universidade”, de “conseguir um diploma”⁶⁵.

⁶⁵ Sobre a educação na floresta é necessário considerar que obter formação escolar sempre foi algo muito difícil para a maioria dos seringueiros. Tanto nos tempos de Chico Mendes como (e principalmente) nos tempos do “ouro negro”, onde estudar era quase impossível.

Com respeito à recusa dos mais jovens de aprenderem a função dos pais (também devido ao estudo), a pesquisa evidenciou que este fato está reduzindo, a cada dia, a quantidade de pessoas com as habilidades e competências para sangrar a seringueira. Inclusive, a própria fábrica NATEX se desejar aumentar a produção de preservativos de borracha natural poderá ter dificuldades de encontrar seringueiros que saibam cortar seringa, como bem relatou José Eduino, do PAE Cachoeira.

A NATEX terá dificuldades mesmo tendo provocado melhorias nos ganhos dos seringueiros e, também, melhorias no processo produtivo (com a fábrica, os seringueiros não necessitam mais defumar o látex para comercializar a produção como faziam antes. O cheiro da defumação da “péla”, por ficar impregnado nos corpos, estava sendo bastante utilizado como desculpa por muitos jovens para a recusa em trabalhar com a atividade. Sobre isso ver mais em CASTELO, 1999).

A atitude de uma menina de 13 anos (moradora da reserva Chico Mendes, filha do seringueiro Raimundo Nonato Correia Dias) é bastante reveladora com respeito à recusa em aprender a função dos pais. Durante o relato concedido por seu pai, esta jovem observou atentamente a conversa em um quente dia de junho de 2012. Com olhos escuros e assustados, vestida com uma camiseta azul de algodão e uma saia também azul, meio escondida entre uma passagem que permitia o acesso da cozinha para o quarto de sua casa simples, acompanhou cada palavra, cada gesto, cada movimento do pai contando suas experiências. Parecia esperar o momento certo para se manifestar.

Quando ouviu o pai relatando que ensinaria seus filhos a cortar seringa interrompeu bruscamente: “eu não quero não”. Falou e se retirou apressada, sem escutar a justificativa (“[...] mas meu filho de 10 anos vai cortar sim, eu vou ensinar. Ela não que aprender não, pois ela quer é estudar direto. Eu penso que eles devem estudar para o futuro para frente[...]”).

Além do desejo de continuar os estudos, a cada dia os mais jovens se “embebedam” com desejos de cidade⁶⁶; com a música da cidade; com prováveis oportunidades que possivelmente teriam na cidade. E assim, muitos estão indo embora da floresta. Os mais velhos estão ficando (e querem ficar), entretanto, logo não estarão mais lá. Então, se se considerar uma possível estratégia do capital de limpar territórios na Amazônia, visando a exploração de suas riquezas no futuro, poder-se-ia dizer que a mesma está sendo bastante eficiente. Esse fato justificaria a abundante oferta de financiamentos para os investimentos

⁶⁶ A expressão não possui necessariamente o apelo psicanalítico que insinua, mas, de modo evidente, refere-se aos comportamentos e aos discursos apreendidos em falas coletadas.

realizados na região (já citados). Investimentos que, de forma direta ou indireta, estão colaborando com a saída de muitos da floresta. Uma constatação, vale anotar, bastante diferente do que costuma anunciar o discurso oficial do atual governo acreano.

O movimento de êxodo para a cidade poderia ser minimizado por algo que está potencializando-o: a educação. Poderia, se fosse oferecida de uma forma que propiciasse a valorização do modo de vida na/da floresta como sempre planejou Chico Mendes. Entretanto, como isso não acontece (apesar dos avanços na quantidade de oferta de séries), indiretamente contribui com a saída das pessoas da mata para a cidade.

Mesmo que não se admita uma estratégia “pensada” do capital quando disponibilizou (e ainda disponibiliza) recursos financeiros a baixo custo para a região (estratégia de limpar territórios para futura exploração das riquezas), não é possível deixar de considerar a recente guinada do “desenvolvimento sustentável” rumo à precificação dos bens naturais. Esta nova reconfiguração do discurso está, na prática, se tornando uma grande oportunidade para a reprodução capitalista e abrindo os caminhos para novos mecanismos mercadológicos na região. Caminhos, como já sinalizado, que transformam bens comuns impróprios em mercadorias.

Vale acrescentar que esse e outros argumentos apresentados nesta tese, construídos de forma partilhada com os seringueiros de Xapuri/AC, parecem confirmar denúncias apresentadas em um documento intitulado “Carta do Acre”, divulgado por um grupo de trinta organizações sociais de defesa ambiental e dos direitos humanos na Amazônia. Nesta “carta”, levada a conhecimento da sociedade acreana em 2011, apontou-se que o capital internacional, com um indisfarçável apoio estatal brasileiro (inclusive do Governo do Acre), promove e conjuga atualmente na região:

[...] duas formas de re-territorialização na região amazônica. De um lado, expulsa povos e comunidades do território (como é o caso dos grandes projetos como as hidrelétricas) [...] De outro, tira a relativa autonomia daqueles que permanecem em seus territórios, como é o caso das áreas de conservação ambiental. Tais populações até podem permanecer na terra, mas já não podem utilizá-la segundo seu modo de vida. Sua sobrevivência não seria mais garantida pelo roçado de subsistência - convertido em ameaça ao bom funcionamento do clima do planeta -, mas por “bolsas verdes”, que, além de insuficientes, são pagas para a manutenção da civilização do petróleo (Fonte: Carta do Acre. Disponível em <http://altino.blogspot.com.br/2011/10/carta-do-acre.html>. Acessado em 04/09/2013)

Portanto, de acordo com o que até aqui foi desenvolvido, pode-se afirmar que verdadeiramente muita coisa se esconde por trás das mudanças que estão em processo nas florestas acreanas (notadamente de Xapuri). Sendo a “limpeza do território”, com objetivos

de exploração das riquezas que a floresta pode propiciar no futuro, uma questão que merece atenção especial. É o que essa pesquisa evidenciou. Questão que, inclusive, deveria ser melhor considerada pela sociedade.

O mais paradoxal é que o “Governo da Floresta”, que foi eleito com apoio dos seringueiros, que se diz seguidor dos ideais de Chico Mendes, que intensificou a modernização na floresta com o objetivo de minimizar a crise dos que ali habitavam ou ainda habitam, parece estar contribuindo de forma importante com o processo de esvaziamento do território. Contribuindo principalmente através dos investimentos (financiados pelo capital internacional) que realizou e ainda realiza. Que, como visto, em certa medida até melhoraram a vida dos seringueiros, mas, ao mesmo tempo, também podem ter trazido em seus bojos a semente para o desaparecimento deles enquanto categoria social.

Finaliza-se, então, apontado que as narrativas dos colaboradores seringueiros de Xapuri no Estado do Acre, apresentadas nesta pesquisa, obtidas através de um processo de produção partilhada de conhecimentos, parecem descortinar algumas das diversas e perversas faces da globalização capitalista. Globalização que, atualmente, mantém no mundo milhões de trabalhadores em condições de subcidadania e que, no caso específico do Acre, concentra terras; gera problemas sociais na cidade; transforma seringueiros em produtores para o mercado; limpa territórios para a exploração futura, e transforma a tão propalada “florestania” em “florestaria” (ou floresta para as serrarias).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicia-se essa parte final informando-se que este trabalho, realizada para a obtenção do título de Doutor, permitiu a demonstração da complexidade do objeto de estudo enunciado no projeto da pesquisa. Ao mergulhar na bibliografia de referência e, especialmente na escuta dos sujeitos, percebeu-se que ainda há muito que perscrutar do que foi narrado e das condições de observação que foi possível realizar. Deste modo, uma condição se impôs para a vida acadêmica do Autor: a necessidade do continuar.

Deve-se ainda dizer que o processo de construção da tese não foi tarefa fácil. Principalmente para um economista que, antes do “batelão⁶⁷ zarpar”, acreditava que os modelos matemáticos explicavam o mundo. O esforço realizado foi grande também devido às diversas dificuldades de deslocamentos nas áreas escolhidas para o estudo em Xapuri/AC; os obstáculos enfrentados para a liberação das atividades de ensino e extensão pelo centro de lotação na UFAC (todo o processo de doutoramento foi realizado sem a obtenção da liberação total das atividades docentes no Centro de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas - CCJSA); os problemas de saúde enfrentados durante a jornada; um assalto, onde todo equipamento utilizado na pesquisa foi levado, e mesmo a necessidade, de certo distanciamento, para aos poucos ir compreendendo o modo de pensar e os silêncios desses homens e mulheres que demonstraram sempre muito carinho e sinceridade nos momentos em que abriram suas histórias e desejos pessoais.

As leituras realizadas; as disciplinas cursadas; o acolhimento da orientadora; as amizades construídas nas idas até a USP, em São Paulo e, principalmente, os períodos no interior da floresta, convivendo com os seringueiros, propiciaram os motivos para superar as dificuldades e continuar na ação. O contato com a heterogeneidade de vida daquelas populações, com a cordialidade das famílias que, mesmo enfrentando tremendas dificuldades, muitas vezes paravam a “lida” para concederem a entrevista (inclusive cedendo o alimento que faria, com certeza, falta depois), tudo isso motivou o prosseguir no caminhar.

É também presente a consciência que muitas das questões pontuadas no trabalho ficaram à mercê de uma análise mais detalhada, mesmo assim a convicção é que o esforço realizado fez avançar o conhecimento histórico sobre os seringueiros, sujeitos que desde o princípio do curso de doutoramento tinha-se clareza que o estudo deveria caminhar em

⁶⁷ Espécie de barco ou embarcação, sem muitas acomodações, construído geralmente de madeira e usado para transporte de pessoas e comércio fluvial nos rios da Amazônia.

direção a eles. Portanto, acredita-se que durante o transcorrer do trabalho foi possível mostrar muitas questões que deram (e continuam dando) sentido à existência das famílias seringueiras das florestas de Xapuri, no Estado do Acre.

No primeiro capítulo, na revisão historiográfica apresentada, partiu-se do domínio da empresa extrativista onde os sujeitos que se tornaram seringueiros - base fundamental de exploração estruturada nas relações mercantis - inventaram formas diversas de resistências. Resistências que processavam-se, principalmente, de forma individual nos interstícios do processo produtivo. Um tipo de exploração alicerçada em um sistema de organização da produção (“aviamento”) que gerou riquezas e fez crescer a produção de borracha na região.

Depois, com o advento da crise da “economia gomífera”, muitos que viviam nas florestas acreanas começaram a migrar para as cidades. Outros, talvez antevendo dificuldades que teriam efetivando a saída das matas, decidiram continuar resistindo em busca de uma sobrevivência possível. Como visto também no capítulo 1, resistindo de forma mais “autônoma”.

Com a chegada da “frente pioneira” pecuarista, nos anos da década de 1970, principalmente, o cenário acreano sofreu mudanças significativas. A existência dos seringueiros, como categoria social, ficou bastante ameaçada pelas iniciativas modernizadoras dos militares, forçando-os a buscarem novas formas de resistência. Agora, de forma mais coletiva.

Nesse período muitas famílias foram mortas e/ou expulsas do território. Outras resistiram através da organização sindical, dos “empates”, entre outras estratégias. Os que conseguiram permanecer nas florestas, de certa maneira, preservaram o modo de vida constituído, conseguindo obter, inclusive, conquistas relevantes. No meio das lutas travadas no período uma liderança de destacou: Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes.

Em dezembro de 1988 Chico Mendes foi assassinado, evento que modificou novamente o cenário. Entretanto, as lutas lideradas por Chico Mendes, junto com muitos outros seringueiros havia gerado frutos. Um dos mais importantes foi a criação da Reserva Extrativista que ganhou seu nome.

Mesmo com essa importante conquista, principalmente devido a fatores exógenos, como a queda nos preços da borracha no mercado internacional, a sobrevivência nas matas xapurienses, nos primeiros dez anos após a morte do líder seringueiro era bastante complicada. Dessa forma, novas transformações, novas lutas, novas resistências e tentativas de construção de uma sobrevivência possível marcaram o processo.

Da mesma maneira que observado em períodos anteriores, novamente constatou-se a saída de muitos seringueiros das matas (que migraram para as cidades acreanas e/ou para a Bolívia). Viu-se, também, nesse tempo, famílias substituindo com uma intensidade maior a produção tradicional extrativista (borracha e castanha) por usos mais intensivos da terra. Significativos aumentos da pecuária e nos desmatamentos também passaram a acontecer na região de Xapuri/AC. Como salientou Milton Santos *apud* Maia (2009 p. 18-19):

[...] a história é sem fim, está sempre se refazendo. O que hoje aparece como resultado é também um processo; um resultado hoje é também um processo que amanhã vai tornar-se outra situação. O processo é o permanente devir. Somente se pudéssemos parar a história é que teríamos um estado uma situação permanente. [...] Toda situação é do ponto de vista estático um resultado, e do ponto de vista dinâmico, um processo. Numa situação em movimento, os atores não têm o mesmo ritmo, movem-se segundo ritmos adversos. Portanto, se tomarmos apenas o momento, perdemos a noção do todo em movimento. [...] Os cortes do tempo nos dão situações em um determinado momento. Não captam o movimento, são, apenas, uma fotografia. Já o movimento é diacrônico, e sem isso não há história. Não haveria dialética se o movimento dos elementos se desse de maneira sincrônica.

Em 1999, quando o “Governo da Floresta” chegou ao poder estadual no Acre, novamente as terras do “Aquiry” passaram a sofrer mudanças significativas (na cidade e na floresta). Mudanças provocadas principalmente pela “nova” proposta de desenvolvimento implantada. Perspectiva alicerçada em postulados desenvolvimentistas, como no tempo dos militares, mas com uma nova roupagem. Ou seja, agora, o desenvolvimento apresentava-se adjetivado: “desenvolvimento sustentável”.

A “florestania” (neologismo criado para tentar dar conta do processo), com um discurso que prometia reverter a crise (desmatamentos, baixos rendimentos das famílias, etc.), inicia então a prática de ações que visavam modernizar o extrativismo (conceituaram essas práticas como “neoextrativismo”). Nesse contexto, o Governo Estadual adota e passa a internalizar, nos “corações e mentes” dos acreanos, o discurso do “use-o ou perca-o”. A floresta deveria ser utilizada de “forma racional”, se não fosse assim, a população correria o risco de perdê-la (discurso construído exogenamente, deve-se assinalar). É nesse processo que acontece a priorização da exploração “sustentável” de madeira. Exploração que, a partir das primeiras experiências concretas, provocou repercussões fortes na zona rural xapuriense, como também em todo o Estado do Acre.

A priorização da atividade madeireira impactou no modo de vida daqueles que a aderiram (como em todo tecido social organizativo). Isso porque a estratégia do manejo

“sustentado” de madeira dividiu as representações e movimentos sociais, como também dividiu sindicatos e seringueiros.

No caso de Xapuri, a pesquisa sinalizou que no interior das “comunidades” que aceitaram fazer a exploração aconteceram fortes divergências e divisões. Para uns, o manejo era a legalização do desmatamento. Para outros, uma forma de evitar o predomínio da pecuária. A exploração comercial de madeira dividiu inclusive aliados do ambientalismo. Apareceram alguns seringueiros mais “privilegiados” que outros. Como também apareceram aqueles que, além da venda de madeira, passaram a receber bolsas para difundirem a ideia da venda da madeira.

Na perspectiva da “modernização” do “Governo da Floresta”, além do manejo madeireiro outros investimentos foram efetivados. Na região de interesse, nesta pesquisa, merecem destaque a implantação de unidades produtivas industriais como uma fábrica de preservativos denominada NATEX, e uma indústria de madeira (indústria de “pisos/tacos”). Investimentos realizados com apoio financeiro (e técnico) de organismos como o Banco mundial/BIRD, BID, BNDES, e de grandes ONG’s ambientalistas (no caso das ONG’s, menos financiamento e mais apoio e assistência técnica). A partir desses eventos, como sinalizado neste trabalho, importantes mudanças no viver dos seringueiros xapurienses passam a acontecer. Algumas consideradas por eles como muito “boas”, outras “nem tanto”.

Na observação do objeto estudado, detectou-se que “varadouros” foram transformados em ramais trafegáveis, encurtando as distâncias; a energia elétrica chegou a muitas colocações levando a televisão e outras “modernidades” (o seringueiro passou a dormir mais tarde); melhorias na educação e saúde também foram percebidas. Nesse bojo, novos desejos foram criados e sonhos de morar na cidade também foram potencializados (notadamente entre os mais jovens).

Na busca por alternativas de “fazer mais dinheiro” (afinal, agora com o ramal possuir uma moto, ou mesmo um carro, passou a ser considerado fundamental), além do manejo madeireiro (que na região de Xapuri/AC acontece no PAE Cachoeira, com planos de ampliação para a Reserva Chico Mendes), seringueiros aumentam as criações de gado e passaram a praticar, com mais intensidade, a agricultura comercial (neste caso, tanto no PAE Cachoeira como na Reserva Extrativista Chico Mendes).

Algumas famílias conseguiram aumentar seus rendimentos através da criação de gado e do manejo “sustentado” de madeira, principalmente. Também devido à venda do látex para a fábrica NATEX, notadamente aquelas residentes em colocações sob a área de

influência dessa organização (após entrar em funcionamento, a NATEX passou a comprar o litro de látex de seringueiros da Resex Chico Mendes e do PAE Cachoeira pagando preços superiores ao que obtinham pelo quilo da borracha em “péla”). Mesmo assim, a pesquisa constatou que os ganhos não se mostraram, ainda, suficientes. Talvez por isso muitos passaram a receber complementos através dos programas sociais como o “bolsa família” e/ou “bolsa verde”.

Especificamente no caso do manejo de madeira, ao mesmo tempo que gerou rendimentos no curto prazo para alguns, também espantou a caça, destruiu as nascentes, e danificou os ramais. Fatos que provocaram (e ainda provocam) temores dos seringueiros com relação ao futuro da floresta e a seus próprios futuros (inclusive nas áreas onde a atividade ainda não chegou). Entretanto, mesmo temerosos, desconfiados, e sabedores sobre quem realmente ganha com a atividade (madeireira “Triunfo”), como também conscientes que Chico Mendes dificilmente aceitaria esse tipo de exploração da floresta, muitos aceitaram e continuam aceitando vender a madeira de suas colocações. Neste processo, esta pesquisa evidenciou outra questão importante: a fragilização política que esses sujeitos foram (e estão sendo) submetidos. Não por acaso, muitas das antigas lideranças do “tempo dos empates” foram transformadas em funcionários do governo.

O constante bombardeio de informações sobre a importância do manejo “sustentado” de madeira, levadas por técnicos governamentais e ONG’s, que se dizem, então, apoiadores das lutas dos seringueiros, é outro aspecto que possui relação com a não resistência de muitos ao “manejo sustentado”. Não resistem (muitos) também porque percebem que esta atividade constitui-se em estratégia importante de um governo que ajudaram a eleger. O mesmo governo que, desde o princípio apresenta-se como sucessor das ideias de Chico Mendes (agora transformado em herói) e que, de fato, introduziu melhorias em suas vidas (também os concedem bolsas e créditos para construir suas habitações).

Entre os moradores de colocações mais afastadas (as do “fundo da reserva”), como também entre as famílias que não estão sob a área de influência da NATEX, o estudo permitiu compreender que a situação é bastante complicada. Os seringueiros dessas regiões não conseguem “fazer o básico”, principalmente realizando o que sempre fizeram (extrair produtos da floresta).

Inclusive, depois da assimilação por parte do Governo Estadual do “novo” discurso que, agora, orienta para a precificação dos bens naturais (onde as ações antrópicas precisam ser minimizadas), a situação parece ter se agravado. As atividades que os seringueiros

exerciam, há anos, passaram a ser controladas e/ou suspensas e, nesse movimento, muitos são costumeiramente reprimidos e sofrem represálias. Agora a exigência é que se tornem “guardiões da floresta”⁶⁸.

Os processos educacionais apresentaram avanços a partir de 1999 (notadamente na quantidade de séries ofertadas). Mas como a educação (que poderia contribuir com a reflexão crítica sobre suas próprias realidades) lhes é oferecida de forma tradicional, não está incentivando a formação de novas lideranças e, principalmente, não está propiciando a valorização dos modos de vida na e da floresta.

Como resultado, a cada dia, os mais jovens estão indo embora. Estão saindo da floresta embebecidos com “desejos de cidade” e sonhando com prováveis oportunidades que poderiam ter fora da mata (vale lembrar que, agora, os seringueiros possuem televisão na floresta. Como também, lá mesmo, podem cursar até o segundo grau).

Os mais velhos (acima dos 30 anos), por estarem acostumados e saberem que não teriam muitas perspectivas nas cidades, ainda estão desejando ficar (e estão ficando). Entretanto, logo não estarão mais lá (na floresta), pois irão morrer em um prazo não muito longo. Sendo assim, os sujeitos seringueiros poderão desaparecer enquanto categoria social deixando o território limpo para uma provável exploração dos recursos naturais, num futuro não muito distante. Esse é um risco que mereceria, no mínimo, ser considerado.

Portanto, os seringueiros de Xapuri/AC, sujeitos que resistiram bravamente nas matas após os ciclos e crises da borracha, como também sobreviveram ao movimento de expropriação provocado pela expansão da fronteira agrícola promovida pelos militares, nos anos de 1970/80, em termos de uma perspectiva modernizante, no tempo presente, parecem caminhar para a extinção enquanto categoria social.

E por mais incrível que possa parecer, esse “movimento invisível” que os empurra para fora da floresta é em grande medida promovido através de iniciativas desenvolvidas por um governo que chegou ao poder apoiado por eles e se anunciando como seguidor das ideias do revolucionário Chico Mendes (o governo se diz seguidor do legado do comunista Chico Mendes, mas, paradoxalmente, é financiado por instituições multilaterais protagonistas de um

⁶⁸ De acordo com Schmidlehn (2012, p. 31) “... a nova produção discursiva do desenvolvimento sustentável em contraste com o lema do “clássico” “use-o ou perca-o”, passou a ser a de agregar valor financeiro aos recursos e processos naturais ameaçados ao se comprometer em os manter intocados, ou seja, não usá-los. Dessa forma, os moradores das florestas passam a ser descritos como “guardiões da floresta” e, de fato, privados de seu direito de livre interação com os elementos da natureza, passam a preencher no cenário da Economia Verde a função de imóveis “espantalhos culturais”, tendo a única atribuição de vigilância para que os processos de acumulação de capital, a partir de seu território, ocorram imperturbados”.

modelo de sociedade que prima por uma lógica de expansão incessante do processo de acumulação do capital).

Como fechamento dessa narrativa, destaca-se que as questões principais que este trabalho procurou responder, ou seja, verificar os impactos que a modernidade/modernização está provocando nos modos de viver dos seringueiros de Xapuri, no Estado do Acre, desde 1988 e, também, colocar em relevo o que pode se esconder por trás do processo, podem ser respondidas da seguinte maneira: a cultura urbana (intensificada a partir de 1999), além de estar se sobrepondo e apagando a cultura local (da floresta) em detrimento da autonomia do próprio sujeito seringueiro, está trazendo o “germe” para seu desaparecimento ao provocar um movimento que os empurra para fora da floresta. Está é a tese.

Portanto, contrariando a opinião de muitos pesquisadores da região (e também do atual Governo do Acre), afirma-se neste trabalho que a proposta de nome simpático denominada de “desenvolvimento sustentável”, e que nos últimos anos passou a apresentar-se para a sociedade acreana com uma roupagem ainda mais sofisticada ao procurar precificar e agregar valor financeiro aos recursos e processos naturais ameaçados, e que, em última instância, é responsável pela intensificação dos processos modernizantes na região, pode-se tratar, somente, de uma forma de tentar dar outra coloração (no caso “verde”) para algo que não tem solução. Em outros termos: trata-se, na verdade, de uma resposta para a crise do capital em sua vertente dominante - o capital financeiro - visando dar continuidade ao processo de reprodução.

Observa-se que o discurso do “desenvolvimento sustentável” foi incorporado por diversos atores acreanos, institucionais ou não, públicos e privados, ora valorizando um ou outro de seus pilares (econômico, social, ambiental, territorial). Instituições públicas, organizações não governamentais, empresas, setores produtivos, meios de comunicação garantem estar implantando o “novo tipo de desenvolvimento”, inserindo-lhe a nova qualificação, todavia “as falas seringueiras” nem sempre dizem “sim” ao novo que está destruindo ou apagando os costumes da floresta. É o que se pode concluir através da pesquisa realizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Governo do Estado do Acre. **Frente Popular do Acre: Plano de Governo. A vida vai melhorar (versão preliminar)**. Rio Branco, Frente Popular do Acre, 1998.

ACRE. Governo do Estado do Acre. **Acre certificado: o setor florestal contribuindo para tornar o Acre, o melhor lugar para se viver na Amazônia Brasileira**. Rio Branco, junho de 2009.

ACRE, Governo do Estado. **Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Documento Síntese da Fase II**. Rio Branco: Secretaria do Meio Ambiente do Acre-SEMA, 2010.

ACRE. Governo do Estado do Acre. **Desenvolver e servir – Plano Plurianual 2012-2015**. Rio Branco, 2011.

ACRE. Governo do Estado do. **Acre em números**. Rio Branco, 2011.

AGUIAR GOMES, Valério. **Twenty years after Chico Mendes: extractive reserves expansion, cattle adoption and evolving self-definition among rubber tappers in the brazilian amazon**. A dissertation presented to the graduate school of the University of Florida in partial fulfillment of the requirements for the degree of doctor of Philosophy University of Florida, 2009.

ALBUQUERQUE, Gerson R. **Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras**. EDUFAC: Rio Branco, 2005.

_____. **Espaço, cultura e trabalho no Vale do Juruá – AC**. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: PUC, 2001.

ALVES, Antônio. **Artigos em Geral: arqueologia do recente**. Livro 3. Rio Branco, 2004.

ALLEGRETTI, Mary H. **A Construção Social de Políticas Ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Gestão e Política Ambiental). UNB. Brasília, 2002.

_____. **Reservas Extrativistas: Parâmetros para uma Política de Desenvolvimento Sustentável na Amazônia**. IEA. Curitiba, 1994.

_____. **Uma proposta de desenvolvimento da floresta Amazônica**. IEA, Curitiba, 1987.

ALVES DE SOUZA, Carlos Alberto. **Varadouros da Liberdade: Empates no Modo de Vida dos Seringueiros de Brasília**. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: PUC, 1996.

_____. **15 textos de História da Amazônia**. UFAC/Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários. Rio Branco, 1998.

ANTONACCI, Maria Antonieta. “*Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de empate no Acre*”. In: **Revista Brasileira de História**. ANPUH/Marco Zero, vol. 14, nº 28. São Paulo, 1994.

_____. Reservas Extrativistas no Acre e Biodiversidade: Relações entre Cultura e Natureza. In: **Projeto História**. São Paulo, 1999.

ANDRADE SILVA, Maria de. **A Borracha passada na História: os soldados da borracha durante a Segunda Guerra**. Monografia de graduação. UFSC. Florianópolis, 2005.

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva**. São Paulo. Iluminuras-Itaú Cultural, 2009.

ARAÚJO et. al. “*A invenção do discurso verde na Amazônia*”. In: **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**. Ano: 2009. Volume: 9. Número:16.

BENCHIMOL, Samuel. **Um pouco antes e além depois**. Manaus: Editora Umberto Calderano, 1977.

_____. **O Cearense na Amazônia**. Rio de Janeiro, Seção de Documentação e Relações Públicas. 1965.

BENJAMIM, Walter. “*O Narrador*”. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BOM MEIHY, Jose Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo. Edições Loyola, São Paulo, 1996a.

_____. (org.) **(Re)introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xama, 1996b.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe & HOLANDA F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. Companhia das Letras. São Paulo, 2010.

_____. “*Problemas Ligados à Cultura das Classes Populares*”. In: VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. (orgs.). **A Cultura do Povo**. 4 ed., São Paulo, Cortêz, 1988, p. 28.

BRAUDEL, Fernand. “*História e ciências sociais: a longa duração*”. In: **Revista de História**. São Paulo, 30 (62), abril-junho 1965, p. 261-294.

BROWDER, J.O. **Extractive reserves will not save the tropics**. BioScience, 1990.

CALAÇA, Manoel. **Violência e resistência: o movimento dos seringueiros de Xapuri e a proposta de Reserva Extrativista**. Rio Claro: UNESP, 1993 (Tese de doutorado).

CALDAS, Alberti Lins. “*Transcrição em História Oral*”. In: **Caderno de Criação**. Ano VI, Nº 19. Porto Velho, 1999.

CAMELY, N. C. **A Geopolítica do ambientalismo ongueiro na Amazônia brasileira: um estudo sobre o Estado do Acre.** Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro: UFF, 2009.

CARNEIRO, Eduardo de A. **O capital internacional no aquiry “sangue e lodo” na formação econômico-social do acre.** Monografia (Graduação em Economia). UFAC, Rio Branco, 2012.

CASTELO, Carlos E. F. **O Extrativismo da Castanha do Brasil no Estado do Acre.** Monografia (Graduação em Economia).UFAC/Dep. de Economia, Rio Branco, 1991.

_____. **Avaliação Econômica da Produção Familiar na Reserva Extrativista Chico Mendes no Estado do Acre.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). EPS/UFSC: Florianópolis, 1999.

_____. **Avaliação Econômica da Produção Familiar na Reserva Extrativista Chico Mendes no Estado do Acre.** Cadernos de Pesquisa em Administração. São Paulo: FEA/USP: São Paulo, Vol. 1. Nº 11, Primeiro Trimestre 2000.

CASTRO BARBOSA, Xenia. **Experiências de Moradia: história oral de vida familiar.** Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP, 2009.

CAVALCANTI, Francisco Carlos da S. **A Política Ambiental na Amazônia: Um Estudo sobre as Reservas Extrativistas.** Tese (Doutorado em Economia). Campinas: IE/UNICAMP, 2002. 240 p.

CAVALCANTE, Ormifran P. **A Polêmica em torno do conceito de Reservas Extrativistas enquanto atividade econômica sustentável.** Monografia (Graduação em Economia). Rio Branco: UFAC, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer.** Vol.1. Petrópolis. Vozes. 10ª Ed. 2011.

COOPEAGRO. **Plano de Desenvolvimento Sustentável do Projeto de Assentamento Chico Mendes, Município de Epitaciolândia, Estado do Acre.** Epitaciolândia, Acre. Rio Branco, 2001.

COSTA, Craveiro. **A conquista do deserto ocidental.** São Paulo: Nacional, 1940.

COSTA FILHO, Orlando Sabido da. **Reservas Extrativistas: desenvolvimento e qualidade de vida.** Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1995 (Dissertação de Mestrado).

COSTA SILVA, Adão. **Planejamento e desenvolvimento territorial em ambiente federativo com a participação de entes públicos e privados na Amazônia.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). UFAC/MDR. Rio Branco, 2009.

DA SILVEIRA, Ticiano. **Memória e Representação da Resistência Seringueira (1970-1989).** UFSC. Florianópolis, 2012 (Dissertação de Mestrado).

DE ANTONI, Giorgio. **O Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7) e a Globalização da Amazônia.** Ambiente e Sociedade. Campinas. v. XIII, n. 2. p. 299-313. jul-dez 2010.

DE AZEVEDO, Geiza Gonçalves & ASSREUY, Vitor Borba. **Manejo sustentável da madeira no Município de Xapuri- Ac.** FGV-EAESP e EG-FJP. São Paulo, setembro de 2012.

DOURADO DE SOUZA, José. **Entre lutas, porongas e letras a escola vai ao seringal (re) colocações do projeto seringueiro (Xapuri/acre – 1981 / 1990).** Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011.

DOSSIÊ ACRE. **Documento especial para a Cúpula dos Povos – Rio de Janeiro, 2012. O Acre que os mercadores da natureza escondem.** Conselho Indigenista Missionário. Rio Branco, Regional Acre, 2012.

DUARTE, Élio Garcia. **Conflitos pela terra no Acre: a resistência dos seringueiros de Xapuri.** Rio Branco: Casa da Amazônia, 1987.

EHRINGHAUS, C. **Post-victory dilemmas: land-use, development, and social movements in Amazonian extractive reserves (Brazil).** Dissertation (PhD). Yale University, 2005.

EUCLIDES DA SILVA, Nilson. **Um Governo da Floresta.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais - Política) São Paulo: PUC-SP, 2009.

FEARNSIDE, P.M. **Extractive reserves in the Brazilian Amazonia.** BioScience, Nº 39, 1989.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens.** Brasileira. São Paulo, 1976.

GARCIA MARQUEZ, G. **Viver para contar.** Editora RECORD, 2003.

GATTAZ, A. C. **Lapidando a fala bruta: a textualização em História Oral.** In: MEIHY, J.C.S.B (org.). (Re)definindo a História Oral no Brasil. São Paulo, Ed. Xamã, 1986. p 135-140.

GONÇALVES, Carlos W. P. **Nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a Reserva Extrativista).** Edições IBAMA, 2001.

GUIMARÃES JUNIOR, Isac Souza. **A Construção Discursiva da Florestania. Comunicação, identidade e política no Acre.** Dissertação de Mestrado, UFF. Niterói, 2008.

GURGEL, V. L. Lourenço. **Organização Comunitária no seringal Equador. Visão e expectativas sobre o manejo florestal.** Dissertação de Mestrado. MDR/UFAC. Rio Branco, 2008.

HALBAWCS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HECHT, S. e COCKBURN, A. **Fate of the forest: developers, destroyers and defenders of the Amazon**. Verso: Routledge, 1990.

HOMMA, A.K.O. “*The dynamics of extraction in Amazonia: a historical perspective.*” In: D. Nepstad and S. Schwartzman, eds. **Non-timber products from tropical forests: evaluation of a conservation and development strategy**. Bronx, N.Y.: The New York Botanical Garden, 23-91, 1992.

HUGO, Vitor. **Desbravadores**. Amazonas, Edições da Missão Salesiana de Humaitá, 1959.

INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA (ISPN). **Levantamento Socioeconômico da Reserva Extrativista Chico Mendes**. PNUD. Brasília, 1998.

IOKOI, Zilda M.G. **Igreja e Camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no campo – Brasil/Perú 1964/1986**. Edições Hucitec/Fapesp. São Paulo, 1996.

_____. **Direitos Humanos e Cidadania: Origens Históricas das Injustiças**. s/d. (mimeo)

_____. **Descaminhos da Modernidade: Identidade e Movimentos Sociais no Brasil**. Revista Catarinense de História – nº 3, 1995.

KAINER, K.A., SCHMINK, M., Leite, A.C.P., and SILVA FADELL, M. J. (2003), “**Experiments in Forest- Based Development in Western Amazonia**”. Society and Natural Resources, 16, 869–886.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996.

LOPES PINTO, João Roberto (org). **Ambientalização dos Bancos e Financeirização da Natureza**. Brasília. 1ª edição, 2012.

LOWY, Michael. **A Escola de Frankfurt e a modernidade: Benjamin e Habermas**. Novos Estudos CEBRAP Nº. 32, Março de 1992.

_____. “*A revolução fotografada*”. In: Idem (org.). **Revoluções**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MACIEL, Raimundo Cláudio Gomes Maciel. **Certificação Ambiental: uma estratégia para conservação da floresta amazônica**. Tese (Doutorado em Economia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: IE/UNICAMP, 2008.

MAIA, J. S. da. **A florestania, o desenvolvimento (in)sustentável e as novas fronteiras da sociodiversidade no vale do Rio Acre na virada do século XX: o caso dos trabalhadores extrativistas**. Tese (Doutorado em História). UFRGS, Porto Alegre, 2009.

MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico**. Cadernos da UFAC, Série “C”, n.º 1, Rio Branco-Ac, 1988 (Tese Doutorado).

MARTINS, José de Souza, **Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo. Pioneira, 1975.

_____. **Expropriação e violência : A questão política no campo.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão no Brasil.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 6 (1-2): 1-25, 1994 (editado em jun. 1995).

_____. **O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(1): 25-70, maio de 1996.

MELO DA COSTA, Suely de Souza. **Caracterização ambiental da Reserva Extrativista Chico Mendes (Acre-Brasil): subsídios ao plano de manejo.** Tese (Doutorado em Ciências). UFSCar .São Carlos – SP, 2000.

MELO FITTIPALDY, Márcia Cristina Pereira de. **Reserva Extrativista Chico Mendes: dos “empates” à “pecuarização”?** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) UFAC/MDR, 2012.

MENDES Chico. “*A luta dos povos da floresta*” In: **Geografia: Pesquisa e Prática Social.** Editora Marco Zero. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Terra Livre. Número 7, 1990.

MENDONÇA DA SILVA, Vera. **Estudo de caso: “Fábrica de Pisos” Xapuri/AC.** Monografia (graduação). UFAC/Economia, 2011.

MORAIS, Maria de Jesus. **Invenção e Reinvenção da Identidade Acreana.** UFF. Niterói. 2008 (Tese de Doutorado).

MONDARDO, R. M.; SANTOS, C. A. G. **Frente de expansão e frente pioneira no Brasil: espaços e tempos da migração, do conflito e da alteridade.** Revista OKARA: Geografia em debate, v.1, n.2, p. 1-128, 2007.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. **Senhores das matas: experiência extrativista na RESEX Chico Mendes – Xapuri (1983 – 2002).** Tese (Doutorado em História). São Paulo: PUC, 2003.

MOURA PINHEIRO, Francisco de. “*A invenção da Florestania*”. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Rio de Janeiro – 7 a 9 de maio de 2009.

MOUZINHO NUNES, Gerliano. **Gestão de Cooperativas Agroextrativistas nas regionais do Vale do Acre: bases para planejar o desenvolvimento regional.** Dissertação de Mestrado. MDR/UFAC, 2008.

MULLER, Ricardo Gaspar. **Razão e utopia: Thompson e a história.** FFCLH/USP. Tese de Doutorado, 2002.

MURRIETA, J.R. e RUEDA, R.P. **Extractive reserves.** Cambridge: IUCN, 1995.

NORA, Pierre. “*Entre memória e história: a problemática dos lugares*”. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA DA SILVA, J. e GOMES DA SILVA, R. **Relatório de Pesquisa**. PIBIC/UFAC/BIOMA. Departamento de Economia. Ufac, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Antônio P. **O Sertanejo, o Brabo e o Posseiro: cem anos de andanças da população acreana**. Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 1985.

PAULA, Elder Andrade de. **Estado e desenvolvimento insustentável na Amazônia Ocidental: dos missionários do progresso aos mercadores da natureza**. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA, 2003.

_____. **Seringueiros e Sindicatos: um povo da floresta em busca de liberdade**. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA, 1991.

_____. **O Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais e a Luta Pela Terra no Acre: conquistas e retrocessos**. REVISTA NERA – ANO 7, N. 5 – AGOSTO/DEZEMBRO DE 2004.

_____. “*La doble cara de la destrucción de los bosques tropicales en Latinoamérica y el Caribe: las revelaciones de la “economía verde” en Acre*”. In: **Economía Verde: el asalto final a los bienes comunes**. Alianza biodiversidad (Biodiversidad, sustento y culturas con el Movimiento Mundial por los Bosques Tropicales y Amigos de la Tierra América Latina y el Caribe), 2012.

PAULA, Elder Andrade de & SILVA, Silvio Simione da (orgs.). **Trajetória das lutas camponesas na Amazônia acreana**. Rio Branco: EDUFAC, 2006.

PALZA SILVA, Sheila Maria. **Políticas Públicas e Ambientalismo no Agroamazônico: um estudo de caso do Acre (1999-2010)**. Tese (Doutorado em Ciências). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

PICOLLI, Jacó César. **Sociedades Tribais e a Expansão da Economia da Borracha no Vale do Juruá-Purus**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia) São Paulo: PUC-SP, 1992.

POLANCO RIBEIRO, R. **Os Madrugadores da Floresta: A luta para viver, conservar e industrializar na complexidade seringueira**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Ufac/MDR, Rio Branco, 2008.

PORFIRIO DA SILVA, J. (Coord.). **Arranjos Produtivos Locais no estado do Acre: mapeamento, metodologia de identificação e critérios de seleção para política de apoio**. Projeto: Análise do Mapeamento e das Políticas para Arranjos Produtivos Locais no Norte, Nordeste e Mato Grosso e dos Impactos dos Grandes Projetos Federais no Nordeste. Nota Técnica 02. Rio de Janeiro: BNDES: RedeSist, 2009.

REGO, J. F do *et al.* **Análise Econômica de Sistemas de Produção Familiar no Vale do Acre**. Ufac/Departamento de Economia, 1996.

REGO, J. F. **A viabilidade de um novo extrativismo**. UFAC/ASPF, 1997.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Tramas e Traumas: histórias de vida e identidades em marcha**. Tese (Doutorado em Historia Social). São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

ROCHA, Airton Chaves. **A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco- Acre (1971-1996)**. Tese (Doutorado em Historia Social). São Paulo: PUC, 2006.

SALGADO RIBEIRO, S. L. **Traumas e Tramas: identidades em marcha**. Tese (Doutorado em Historia Social). FFLCH/USP. São Paulo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza & MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da fatura**. Tese (Doutorado em Historia Social). São Paulo. USP, 2002.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800/1920)**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SCHMIDLEHNER, Michael F. “*Os desdobramentos do capitalismo de desastre no Acre - a adicionalidade do medo*”. In: **Contra Corrente: territórios de disputa**. Rede Brasil, número 5, outubro de 2012.

SCHMINK, M *et. al.* **Acompanhamento para o Manejo Florestal Comunitário no Projeto Cachoeira, Acre, Amazônia, Brasil**. CIFOR & IMAZON, 2007.

SILVA, Mauro C. Rocha da. **Representação Política e os Interesses no STR de Xapuri: os conflitos e os desafios dos anos 90**. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais – ANPOCS GT. Trabalhadores, Sindicatos e a Nova Questão Social, Caxambu, 2002.

_____. **O Estado e os Movimentos Sociais no Campo: os anos 90 e a busca do consenso**. Monografia (graduação). DFCS/UFAC, Rio Branco, 1998.

SILVIA, P.V.B. & ROSEMBERG, F. “Brasil: lugares de negros e brancos na mídia”. In: Dijk, Teun, A. (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo, Contexto, 2008.

SIMIONE DA SILVA, Silvio. “*Camponeses da floresta: apontamentos para a compreensão da diferenciação dos trabalhadores seringueiros e da formação do campesinato acreano*”. In: **Terra Livre**. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Ano 22. Volume 1. Numero 26. Goiânia, 2006.

_____. **Resistência camponesa e desenvolvimento agrário: uma análise a partir da realidade amazônica-acreana**. EDUFAC, Rio Branco, 2012.

_____. **A realidade camponesa da produção familiar amazônico-acriana: formação social e expressão territorial**. Contemporânea v. 3, n. 1 p. 19-43 Jan.-Jun. 2013.

SIMIONE DA SILVA, S. & PAULA, E. A. de (org.) **Trajetórias da Luta Camponesa na Amazônia - Acreana**. EDUFAC, Rio Branco, 2006.

SOUZA, Israel Pereira Dias de. **Reformas do Estado e o discurso florestânico no governo da frente popular: entre a epopéia e a tragédia**. 2005. 53 f. Monografia (graduação). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2005.

TEIXEIRA DA SILVA, Alberto. **Governança global na Amazônia: O programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil**. Novos Cadernos NAEA, v.14, n.2, p-219-236, 2011.

TUCÍDIDES. “*Proêmio*” e “*Arqueologia*”. In: **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: ed. UnB, 1986 (p. 19-29).

TUCKER, C. **Sociedade excitada**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

THOMPSON, Edward. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Senhores e Caçadores**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. São Paulo. Paz e Terra, 1992.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP. **Revista de Sociologia**. Número XV, 1953.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e Poder**. São Paulo. Ed. Contexto, 2010.

VIANA, Jorge & ALVES, Antônio. **Nacional: Amazônia: A República do Acre**. Teoria e Debate nº 15 - agosto/setembro/outubro de 1991.

VIOTTI DA COSTA, Emília. **Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823**. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico & Civilização Capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

OUTRAS FONTES CONSULTADAS

Jornais impressos

PORFIRO DA SILVA, José. “*Onde vamos passando? (parte II)*”. In: **A Gazeta**, 5 de dezembro de 1998.

O Verdadeiro Herói é o povo do Acre. **O Estado do Acre**, edição especial, novembro de 2003, p.3.

Índios (ou caboclos) do Acre. **Varadouro**, Ano I. Nº 1, maio de 1977.

O mutirão contra a jagunçada. **Varadouro**, Ano I. Nº 16, outubro de 1979.

315 homens seguiram hoje para o “El-dourado” da Amazônia: aumenta a corrente emigratória impulsionada pela Senta. **Correio do Ceará**, 21 de Abril de 1943.

Quero ficar vivo para salvar a Amazônia. **Jornal do Brasil**, 25/12/1988.

Fontes virtuais (sítios da internet)

BORGES DANTAS, Simone Aparecida. **História e historiografia nos séculos XIX e XXI: do Cientificismo à história cultural**. UFG. Disponível em <[www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(51\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(51).pdf)>. Acessado em 16/10/2012.

BRASIL. **Decreto nº 98. 897, de 30 de janeiro de 1990**. Dispõe sobre as Reservas Extrativistas e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/Antigos/D98897.htm>. Acesso em: 18 de junho de 2012>. Brasília, 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm>. Acesso em 18 de junho de 2012. Brasília, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002**. Regulamenta artigos da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação e da Natureza-SNUC, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4340.htm>. Acesso em 10 de abril de 2012. Brasília, 2002.

FIEAC. **Indicadores Industriais do Acre**. Boletim dezembro de 2010. Disponível em <<https://www.fieac.org.br>> Acesso em 10 de abril de 2012.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. **Saber Tradicional x Saber Científico**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/Saber_tradicional_saber_cientifico.pdf> Acessado em 28/02/2014.

GOMES DE SOUZA, Sergio Roberto. **“Plebeus e descamisados”**. Disponível em <<http://raimari9.blogspot.com.br/2013/03/plebeus-e-descamisados.html>> Acessado em 04/03/2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Esquadrão da Morte no Acre - **Entenda o caso**. Disponível em <<http://www.divulga-mpf.pgr.mpf.gov.br>> Acessado em 21/09/2012.

MORAES FERREIRA, Marieta. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332. Disponível em <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf> Acessado em 27/11/2012.

PAULA, Dilma Andrade de & PAULA, Elder Andrade de. **Agronegócio e Ambientalismo: reconstruindo hegemonia**. ALASRU - ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL. Quito. Grupo de Trabalho 17, diciembre 21, 2011. Disponível em <<http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/12/17-GT-Dilma-Andrade-de-Paula-Elder-Andrade>> Acessado 18/09/2013.

PINHEIRO DE ASSIS, Francisco. **A luta de seringueiros por moradia na cidade de Rio Branco-Acre**. Disponível em <<http://www.revistadaesab.com>> Acessado em 08/08/2011.

SOUZA, Israel Pereira Dias de. **“Chico Mendes, patrono do “capitalismo verde”?** In Insurgente Coletivo, 2011. Disponível em <<http://www.ecodebate.com.br/2011/10/14/chico-mendes-patrono-do-capitalismo-verde-artigo-de-israel-souza/>> Acessado em 27/11/2012.

A conversão do pentecostalismo. Folha de São Paulo. Ilustríssima. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/119901-.shtml> Acessado em 22 de julho de 2013.

Carta do Acre. Disponível em <<http://altino.blogspot.com.br/2011/10/carta-do-acre.html>>. Acessado em 04/09/2013.

Osmarino desabafa e pede o fim da política de manejo que tira o seringueiro da floresta. Disponível em <<http://www.ac24horas.com/2011/10/08/4050/>>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

Localização da Reserva Chico Mendes. Disponível em <http://www.lapa.ufscar.br/portugues/re_c_mendes.htm>. Acessado em 15/09/2012.

Histórico da UDR. Disponível em <<http://www.udr.org.br/historico.htm>> Acessado em 23/09/2012.

Recorte de Jornal. Disponível em <<http://altino.blogspot.com.br/2012/03/recorte-de-jornal.html>>. Acessado em 19/11/2012.

Discurso de Antônio Alves no Prêmio Chico Mendes de Florestania de 2008. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=ckql48HjJ3E>. Acessado em 14/10/2012.

Educação na Floresta: Projeto Seringueiro. Disponível em <http://www.cta-acre.org/pg_acoes2.htm> Acessado em 25/09/2012.

Livros didáticos e paradidáticos: Projeto Seringueiro Disponível em http://www.cta-acre.org/pg_acoes2.htm Acessado em 25/09/2012.

ANEXOS

Reserva Extrativista Chico Mendes

Decreto de Criação

DECRETO Nº 99.144, de 12 de março de 1990.

Cria a Reserva Extrativista Chico Mendes

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981; com a nova redação dada pela Lei nº 7.804, de 18 de julho de 1989, combinado com o Artigo 3º do Decreto nº 98.897, de 30 de janeiro de 1990.

DECRETA:

Art. 1º - Fica criada, nos Municípios de Xapurí, Rio Branco, Brasília e Assis Brasil, no Estado do Acre, a RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES, com área aproximada de 970.570 ha (NOVECENTOS E SETENTA MIL, QUINHENTOS E SETENTA HECTARES) que passa a integrar a estrutura do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, autarquia vinculada ao Ministério do Interior, compreendida dentro do seguinte perímetro:

NORTE: Partindo do ponto 1 de coordenadas geográficas aproximadas de 10°30'38" S e 69°47'57" Wgr; localizada na confluência do Igarapé Samarrã com o Rio Iaco, segue pela margem direita do Rio Iaco, sentido jusante até a confluência de um Igarapé sem denominação; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé sem denominação no sentido montante até o Ponto 2 de coordenadas geográficas aproximadas (cga) 10°17'40" S e 69°10'57" Wgr; localizado na sua cabeceira; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 63°45'49" e distância aproximada 23188,11 m, até o Ponto 3 de cga, 10°12'07" S e 68°59'33" Wgr; localizado na confluência do Rio Espalha, com Igarapé sem denominação; desse ponto, segue pela margem esquerda do Igarapé sem denominação até sua cabeceira, Ponto 4 de cga, 10°5'30" S e 68°57'09" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 120°50'47" e distância aproximada 8386,30 m, até o Ponto 5 de cga, 10°17'50" S e 68°53'12" Wgr; situado na cabeceira de um Igarapé sem denominação, daí, segue pela margem direita do Igarapé sem denominação, no sentido jusante, até sua confluência Igarapé Riozinho; daí, segue pela margem direita do Igarapé Riozinho no sentido jusante até sua confluência com o Igarapé Fundo; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Fundo, no sentido montante, até a sua cabeceira Ponto 6 de cga, 10°16'28" S e 68°38'08" Wgr; desse ponto segue por uma reta de azimuth aproximado 83°39'35" e distância aproximada de 452,70 m, até o Ponto 7 de cga, 10°16'26" S e 68°37'53" Wgr; situada na cabeceira do Igarapé Mambuca; desse ponto segue pela margem direita do Igarapé Mambuca no sentido jusante até a confluência com o Igarapé São Raimundo; daí, segue pela margem direita do Igarapé São Raimundo, no sentido jusante até a confluência com o Igarapé Grande; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Grande, no sentido montante até sua cabeceira, Ponto 8 de cga, 10°15'41" S e 68°26'18" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 55°29'29" e distância aproximada de 1941,65 m, até o Ponto 9 de cga, 10°15'06" S e 68°25'15" Wgr; situado na cabeceira de um Igarapé sem denominação; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé sem denominação, no sentido jusante até sua confluência com o Igarapé Taxi; daí, segue pela margem direita do Igarapé Taxi, no sentido jusante, até sua confluência com o Igarapé Iguatu; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Iguatu, no sentido montante, até sua cabeceira Ponto 10 de cga, 10°17'18" S e 68°17'41" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 150°21'15" e distância aproximada de 2370,65 m, até o Ponto 11 de cga, 10°18'26" S e 68°17'05" Wgr; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé da Taboca no sentido jusante até sua confluência com o Igarapé Jatobá; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Jatobá, no sentido montante até sua cabeceira Ponto 12 de cga, 10°16'05" S e 68°04'43" Wgr.

LESTE: Do ponto 12, segue por uma reta de azimuth aproximado 76°30'15" Wgr; situado na cabeceira do Igarapé Tio Chico; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé Tio Chico, no sentido jusante, até sua confluência com o Igarapé Caipora; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Caipora até sua confluência com o Igarapé Extrema, Ponto 14 de cga, 10°18'40" S e 67°51'31" Wgr; desse ponto, segue acompanhando os limites Leste, Sul e Oeste da Reserva Extrativista São Luis do Remanso/INCRA, até o Ponto 15 de cga, 10°25'07" S e 67°58'13" Wgr; situado na margem esquerda do Rio Acre; desse ponto, segue pela margem esquerda do Rio Acre; no sentido montante, até a confluência com um Igarapé sem denominação, localizado próximo a Fazenda Pau de Mulato; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé sem denominação, no sentido montante, até sua cabeceira Ponto 16 de cga, 10°28'47" S e 68°06'52" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 260°51'30" e distância aproximada de 8.811,92m, até o Ponto 17 de cga, situado na cabeceira do Igarapé Dois Irmãos.

SUL: Do Ponto 17, segue pela margem direita do Igarapé Dois Irmãos, no sentido jusante, até a confluência com o Rio Acre; daí, segue pela margem esquerda do Rio Acre, no sentido montante, até a confluência com o Igarapé São Pedro; daí, segue pela margem direita do Igarapé São Pedro, no sentido montante, até sua cabeceira, Ponto 18 de cga, 10°30'50" S e 68°29'37" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 255°06'49" S e distância aproximada de 8174,35m, até o Ponto 19 de cga, situado na cabeceira do Rio Branco; desse ponto, segue pela margem direita do Rio Branco, no sentido jusante até a confluência com o Igarapé Castanheira, e por este Igarapé, segue pela margem esquerda no sentido montante até o Ponto 20 de cga, 10°20'36" S e 68°39'13" Wgr; situado na cabeceira desse igarapé, segue por uma reta de azimuth 267°09'06" e distância aproximada de 20.124,86m, até o Ponto 21 situado na cabeceira de um Igarapé sem denominação, de cga, 10°30'09" S e 68°50'145" Wgr; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé sem denominação até a confluência com o Rio Xapuri; Ponto 22 de cga 10°33'34" S e 68°50'37" Wgr; daí, segue pela margem esquerda do Rio Xapuri, no sentido jusante até o Ponto 23 de cga, 10°34'29" S e 68°39'22" Wgr; localizado na confluência com um Igarapé sem denominação, desse ponto, segue pela margem esquerda do Igarapé sem denominação no sentido montante até o Ponto 24 de cga 10°36'33" S e 68°40'44" Wgr; situado na cabeceira; desse ponto segue por uma reta de azimuth aproximado 161°33'54" e distância aproximada de 1581,38m, até o Ponto 25 de cga, 10°37'22" S e 68°40'28" Wgr; localizado no Igarapé Riozinho; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé Riozinho, no sentido jusante, até a sua confluência com o Igarapé São João; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé São João, no sentido montante até a confluência com um Igarapé sem denominação; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé sem denominação até sua cabeceira Ponto 26 de cga 10°39'16" S e 68°38'36" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 94°17'21" e distância aproximada de 4.011,23m, até o Ponto 27 de cga, 10°39'25" S e 68°36'24" Wgr; localizado na margem esquerda do Igarapé Santa Isabel, desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 137°46'12" e distância aproximada 8778,38m, até o Ponto 28 de cga, 10°42'57" S e 68°33'10" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 114°26'38" e distância aproximada 1208,31m, até o Ponto 29 de cga, 10°43'13" S e 68°32'33" Wgr; situado na margem esquerda do Rio Acre, desse ponto, segue pela margem esquerda do Rio Acre até a confluência com Igarapé sem denominação; daí, segue pela margem esquerda do referido Igarapé até o Ponto 30 de cga, 10°45'55" S e 68°27'40" Wgr, situado na sua cabeceira; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 195°15'18" e distância aproximada 2.280,35m, até o Ponto 31 de cga, 10°47'07" S e 68°28'00" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 212°09'08" e distância aproximada 4134,00m, até o Ponto 32 de cga, 10°49'01" S e 68°29'12" Wgr; desse ponto segue por uma reta de azimuth aproximada 306°17'07" e distância aproximada 9800,51m, até o Ponto 33 localizado na margem direita do Rio Acre, de cga, 10°45'52" S e 68°33'32" Wgr; desse ponto, segue pela margem esquerda do Rio Acre, no sentido jusante até sua confluência com o Igarapé Bom Jardim, Ponto 34 de cga, 10°45'00" S e 68°31'57" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximada 288°05'00" e distância aproximada de 5.154,61m, até o Ponto 35 de cga, 10°44'08" S e 68°34'38" Wgr, situado na confluência de um Igarapé sem denominação com o Igarapé Santo Antônio; desse ponto, segue pela margem esquerda do Igarapé Santo Antônio; no sentido jusante até a confluência com o Igarapé Monte Branco; daí, segue pela margem direita do Igarapé Branco, até o Ponto 36 de cga, 10°43'16" S e 68°38'03" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth 0°0'00" e distância aproximada de 9.500,00m, até o Ponto 37 de cga, 10°48'26" S e 68°38'02" Wgr, situado no Igarapé das Filipinas; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé Filipinas; no sentido jusante até o Ponto 38 de cga, 10°47'40" S e 68°35'34" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 0°0'00" e distância aproximada de 1.800,00m, até o Ponto 39 de cga, 10°48'38" S e 68°35'34" Wgr; daí, segue por uma reta de azimuth aproximado 90° e distância

aproximada de 2.400,00m, até o Ponto 40 de cga, 10°48'38" S e 68°34'15" Wgr; situado no Rio Acre; desse ponto segue pela margem direita do Rio Acre, até a confluência com o Igarapé Santa Fé; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Santa Fé, no sentido montante até o Ponto 41 de cga, 10°49'47" S e 68°30'28" Wgr; localizado na confluência com um Igarapé sem denominação; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 171°01'38" e distância aproximada 1923,54m, até o Ponto 42 de cga, 10°50'48" S e 68°30'18" Wgr; situado na confluência de um Igarapé sem denominação, com o Igarapé Santa Fé, desse ponto, segue por reta de azimuth aproximado 241°33'20" e distância aproximada de 2.729,47m, até o Ponto 43 de cga, 10°51'31" S e 68°31'37" Wgr; situado na cabeceira do Igarapé dos Paus; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 338°11'54" e distância aproximada 2692,58m, até o Ponto 44 de cga, 10°50'09" S e 68°32'10" Wgr; situado na cabeceira do Igarapé Preto; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé Preto, no sentido jusante, até sua cabeceira com o Rio Acre; daí, segue pela margem esquerda do Rio Acre no sentido montante até a confluência com o Igarapé Pupunha; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Pupunha, até a confluência com um Igarapé sem denominação; e por este segue pela margem esquerda no sentido montante até o Ponto 45 de cga, 10°51'10" S e 68°33'12" Wgr; situado na cabeceira; desse ponto segue por uma reta de azimuth aproximado 189°12'39" e distância aproximada de 3748,33m, até o Ponto 46 de cga, 10°53'18" S e 68°33'32" Wgr; situado na margem esquerda do Igarapé Revolta; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 231°20'24" e distância aproximada de 1920,94m, situado na margem direita do Igarapé Monte Santo Ponto 47 de cga, 10°53'58" S e 68°34'21" Wgr; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé Monte Santo até a sua confluência com o Rio Acre; daí, segue pela margem esquerda do Rio Acre no sentido montante até a confluência do Igarapé Grande; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Grande no sentido montante até sua cabeceira Ponto 48 de cga, 10°52'17" S e 68°44'50" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 27°38'45" S e distância aproximada de 2370,65m, até o Ponto 49 de cga, 10°51'09" S e 68°44'04" Wgr; situado na cabeceira de um Igarapé sem denominação; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé sem denominação, no sentido jusante até sua confluência com o Igarapé Pindacuara; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Pindacuara no sentido montante; até a confluência com um Igarapé sem denominação, e por este segue pela margem esquerda no sentido montante até o Ponto 50 de cga, 10°49'31" S e 68°46'59" Wgr; situado na sua cabeceira; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado 322°25'53" e distância aproximada 2460,18m, até o Ponto 51 de cga, 10°49'02" S e 68°47'12" Wgr; situado na cabeceira do Igarapé Natal; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé Natal até a confluência com o Igarapé Riozinho; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Riozinho no sentido montante, até a confluência com o Igarapé Entre Rios; daí, segue pela margem esquerda do Igarapé Entre Rios, até a confluência com um Igarapé sem denominação e por este margem esquerda, no sentido montante Ponto 52 de cga, 10°46'33" S e 68°56'45" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado de 2952,96m, até o Ponto 53, de cga, 10°47'18" S e 68°58'11" Wgr, localizado na cabeceira de um Igarapé sem denominação; desse ponto, segue pela margem direita do Igarapé sem denominação, no sentido jusante até a confluência com o Igarapé Virtude, Ponto 54 de cga, 10°45'24" S e 68°59'36" Wgr; desse ponto segue por uma reta de azimuth aproximado 306°13'16" e distância aproximada de 28261,81m, até o Ponto 55 de cga, 10°36'20" S e 69°12'07" Wgr; situado na confluência do Igarapé Sindicato com o Rio Xapuri; desse ponto, segue pela margem esquerda do Rio Xapuri, até o Ponto 56 de cga, 10°36'20" S e 69°12'07" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth 185°39'16" e distância aproximada de 10149,38m, até o Ponto 57 de cga, 10°46'01" S e 69°18'09" Wgr; desse ponto segue pelo limite norte do PAD Quixadá e pelos limites norte e oeste da Reserva Extrativista de Santa Quitéria - INCRA, até o Ponto 58 de cga, 10°52'26" S e 69°32'43" Wgr; situado no Igarapé São Pedro, desse ponto, segue pela margem esquerda do Igarapé São Pedro, no sentido montante até o Ponto 59 de cga, 10°51'30" S e 69°39'54" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximado de 0°0'00" e distância aproximada de 11.000,00m, até Ponto 60 de cga, 10°57'28" S e 69°39'55" Wgr; localizado na margem esquerda do Rio Acre; divisa Internacional Brasil-Peru; desse ponto segue pela margem esquerda do Rio Acre, no sentido montante até o Ponto 13 de cga, 10°55'45" S e 69°47'18" Wgr; pertencente a Área Indígena Cabeceira do Rio Acre, definida pela Portaria nº 1.173/88; localizado na margem esquerda do Rio Acre.

OESTE: Do Ponto 13, segue pelo limite leste da Área Indígena Cabeceira do Rio Acre, através das retas 13 - 12, 12 - 11, 11 - 10, 10 - 09, 09 - 08, 08 - 62, com os respectivos azimuths e distâncias aproximadas: 25°49'15" - 6887,67m, 344°44'41" - 1140,18m, 325°11'40" - 781,03m, 34°59'31" - 1830,98m, 332°33'37" - 2929,59m, e 16°41'57" - 1044,03m, até o Ponto 61 de cga, 10°47'24" S e 69°46'06" Wgr; desse ponto, segue por uma reta de azimuth aproximada 349°49'28" S e a distância

aproximada de 3962,32m, até o Ponto 62 de cga, 10°45'21" S e 69°46'28" Wgr; localizada na cabeceira do Igarapé Samarrã, daí, segue pela margem direita do Igarapé Samarrã, até o Ponto 1 inicial da presente descrição perimétrica.

Art. 2º - A Reserva Extrativista Chico Mendes, tem seus limites descritos através das folhas topográficas em escala de 1:100.000, MIR 1603, 1604, 1605, 1606, 1671, 1672, 1673, 1674, 1675, 1676 e 1737, editado pela Diretoria do Serviço Geográfico do Exército, anos 80/81.

Art. 3º - O Poder Executivo deverá proceder às desapropriações das áreas privadas legitimamente extremadas do Poder Público, à identificação e arrecadação das áreas públicas e, nos termos do Art. 4 do Decreto 98.897, de 30 de janeiro de 1990, à outorga de Contratos de Consessão de Direito Real de Uso à População com tradição extrativista.

Párrafo único - Caberá, ainda, ao Poder Executivo, a permanente gestão no sentido de assegurar a eficaz destinação da área descrita no art. 1º desse Decreto.

Art. 4º - A área da Reserva Extrativista ora criada fica declarada de interesse ecológico e social, conforme preconiza o Art. 225 da Constituição Federal, o Art. 9º, inciso VI, da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, com a nova redação dada pela Lei nº 7.804, de 18 de julho de 1989 e Art. 2º do Decreto nº 98.897, de 30 de janeiro de 1990.

Art. 5º - Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 6º - Revogadas as disposições em contrário.

Brasília-DF, 12 de março de 1990; 169º da Independência e 102º da República.

JOSÉ SARNEY
João Alves Filho

JOÃO DO GUARANI, UM SANTO DA FLORESTA

Xapuri, 1906. Um grupo de seringueiros se perde na mata. Apesar do conhecimento profundo da floresta que o grupo possuía, muitas vezes ela é traiçoeira. Principalmente quando a “mãe da mata” ou “caboclinho da mata” estão chateados. No caso, o grupo havia caçado mais do que o necessário. E isso era “motivo mais do que justo para o caboclinho agir”. O grupo de seringueiros voltava da “espera” (caça) no meio da mata e se dirigia para o “beijo do varadouro”. Foi quando depararam-se com uma cruz fincada embaixo de uma castanheira imensa. Estranharam, pois não tinham visto isso na ida. Como a maioria tinha medo de “visagem” (assombração), resolveram se “desviar” da cruz buscando outro caminho. Foi nesse momento que se perderam.

A noite avançou e os seringueiros começaram a andar em círculos, não conseguindo encontrar o caminho de volta. Encontrar o “varadouro” que os levaria em segurança até suas colocações. Já de madrugada, numa aflição medonha, um deles lembrou-se de um certo João, de João seringueiro do Guarani. Estavam em uma situação de total isolamento e com muito receio de uma “pintada” (onça) atacá-los.

João era um seringueiro “dos bons”, “cortava seringa” como ninguém e morava sozinho em uma colocação afastada do “varadouro” principal (existem divergências entre os seringueiros da região sobre o local exato da mesma). João vivia solitário, devido à dificuldade de “conseguir mulher” durante o primeiro “ciclo da borracha”. Nesses tempos, mulher era raridade na floresta. João vivia em companhia, apenas, de um cachorro preto. Seu fiel escudeiro de “esperas” (caçadas).

Certo dia João “caiu de cama” (ou de rede) com febre alta e calafrios. Provavelmente havia contraído malária, doença comum na região nos tempos “do patrão”. Após algumas semanas sem visitar seus vizinhos, os mesmos resolveram procurá-lo. Algo poderia ter acontecido. Encontraram João morto “no fundo de sua rede velha”. Ao seu lado o cachorro montava guarda, muito magro, uma evidência que não se alimentava há certo tempo. O corpo de João já se decompunha. Então, seus amigos resolveram enterrá-lo logo, e ali mesmo. Fizeram um buraco no assoalho de “paxiúba” da pequena cabana e cavaram uma cova rasa. Sepultaram o corpo de João enrolado na própria rede.

O grupo perdido relembrou o sofrimento de João (é provável que tenha sofrido muito antes de falecer sozinho, sem remédios, e sem forças para solicitar ajuda dos vizinhos). Foi aí que resolveram fazer uma promessa. A “graça” seria encontrar novamente o “varadouro”.

Dessa forma, após uma reza fervorosa, pediram a João que intercedesse junto a “Nosso Senhor Jesus Cristo” para que encontrassem o caminho de volta. Passaram-se alguns minutos e um deles avistou o “varadouro”. A graça havia sido alcançada e agora estavam salvos.

A partir de então a tradição ganhou força e João se tornou uma das mais conhecidas almas milagrosas da região de Xapuri, sendo considerado pelos seringueiros locais como o “Santo da Floresta”. Todos os anos, no dia 24 de junho é realizada uma grande festa em sua homenagem na “comunidade do Guarani”, cuja programação reúne atividades religiosas, culturais e esportivas.

Em 2012 durante os festejos* em homenagem a “São João do Guarani”, o seringueiro Raimundo Souza Nascimento e sua esposa me relataram essa história. A história do “Santo da floresta” de Xapuri.

Capela do “São João do Guarani”.

Fonte: do próprio autor (fotografia realizada em junho de 2012).

* Devido o aumento das igrejas evangélicas na região, atualmente a maioria dos participantes da “Romaria de São João do Guarani” não são seringueiros moradores da Reserva. São moradores da cidade de Xapuri que se dizem devotos do santo.

LEI N. 1.420, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2001

“Autoriza o Poder Executivo a contratar operações de crédito e a abrir créditos adicionais para o programa de desenvolvimento sustentável do Estado do Acre, junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, e dá outras providências.”

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ACRE

FAÇO SABER que a Assembléia Legislativa do Estado do Acre decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a contratar com o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, operações de crédito até o limite equivalente a US\$ 132.000.000,00 (Cento e Trinta e Dois Milhões de Dólares Americanos), a serem aplicados no "Programa de Desenvolvimento Sustentável do Estado do Acre - Projeto BID BR0313".

Art. 2º Os prazos de amortização e carência, os encargos financeiros e outras condições de vencimentos e liquidação da dívida a ser contraída obedecerão as normas pertinentes estabelecidas pelas autoridades monetárias federais encarregadas da política econômico-financeira da União, observadas as condições propostas pelo BID, podendo o Estado assumir os encargos decorrentes de variação monetária ou da variação da taxa cambial.

Art. 3º Fica o Poder Executivo autorizado a dar em garantia das operações de crédito de que trata esta lei as quotas próprias a que se refere o art. 159, inciso I, alínea "a" e II, como também o disposto no art. 155, inciso II da Constituição Federal e outras garantias complementares em direito admitidas.

Parágrafo único. No caso da garantia vir a ser prestada pelo Tesouro Nacional, fica o Poder Executivo autorizado a conceder ao mesmo contragarantia mediante a vinculação de quotas próprias a que se refere o art. 159, inciso I, alínea "a" e II da Constituição Federal e outras garantias complementares em direito admitidas.

Art. 4º O Poder Executivo encaminhará à Assembléia Legislativa, dentro de sessenta dias, contados a partir da contratação das operações de crédito, cópia dos contratos destas operações.

Art. 5º Os orçamentos anuais consignarão as dotações necessárias ao atendimento dos encargos decorrentes desta lei.

Art. 6º Fica o Poder Executivo autorizado a abrir créditos adicionais, especiais e suplementares, em qualquer tempo, com cobertura no produto das operações e nos limites mencionados nesta lei.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Rio Branco, 18 de dezembro de 2001, 113º da República, 99º do Tratado de Petrópolis e 40º do Estado do Acre.

JORGE VIANA Governador do Estado do Acre

ENTREVISTAS

ALDECIR FERREIRA DA SILVA

Relato concedido em 26/05/2012 no PAE Cachoeira, Município de Xapuri/AC. Idade do colaborador na ocasião da entrevista: 53 anos.

Eu nasci nesse seringal. Meu pai, na época, era comboieiro (conduzia tropas de mulas entre as colocações levando mantimentos para os seringueiros e trazendo borracha para o barracão) e trabalhava para o patrão. Ele tocava os burros que carregavam os produtos. Quando eu fui crescendo, meu pai achou que não dava mais para viver de empregado e comprou a colocação Altamira I. Nessa colocação, eu trabalhei com meu pai produzindo borracha e castanha. Vivia tranquilo, trabalhando. Até a aposentadoria do meu pai, que passou a colocação para mim. Aí eu passei a ser o dono. Eu fiquei trabalhando sozinho, até meus irmãos voltarem, pois eles tinham saído. Eles voltaram para trabalhar comigo.

Foi quando chegou aquela época dos fazendeiros querendo comprar os seringais (anos de 1970). Aí uma greve aconteceu nesse seringal para a gente pressionar o governo a desapropriar essa terra. Para a gente ficar aqui, sem sair, e sem desmatar. Essa greve demorou quase três meses, até que o governo desapropriou. E nós ficamos aqui até agora.

Só que o INCRA entrou e dividiu as colocações. Aqui era só uma colocação, mas INCRA dividiu para três. Então ficou eu e meus dois irmãos, cada um com um pedaço da colocação. Tinha mais irmãos, mas segundo as regras do INCRA não pode dividir mais. Menos de 200 hectares não pode dividir.

No início, dava para viver tranquilo nesse lugar. Viver de borracha e castanha. Mas de um tempo desses para cá a gente não pode mais derrubar, só pode plantar um pouquinho e derrubar um pouquinho. É área de Reserva, e o INCRA não quer que a gente derrube mais a mata. Aí fica difícil trabalhar. Tem hora que dificulta. O INCRA não quer que tire uma madeira. A madeira só se for manejada. Já tem manejo de madeira aqui dentro.

Fica difícil, pois temos que se aviar na cidade (comprar mantimentos), pois não tem mais patrão para nos aviar. O lugar aqui é pequeno e com muita gente, têm dois agregados (pessoas que moram na colocação, mas não são os posseiros - podem ser parentes ou não) aqui dentro. Aí fica difícil.

Aqui precisa de ramais também. Para retirar castanha, borracha, e a madeira. Aí fica difícil para nós sem ramal. O ramal ruim dificulta muito a vida da gente. No inverno, fica ruim, ruim, ruim. Aí fica difícil. Nesse local já morreu gente à míngua no inverno, pois para tirar é difícil. Então é assim.

O governo também inventou esse manejo florestal para melhorar a renda da gente com a madeira. Pois a gente não pode criar muito gado aqui. Somente 10 cabeças, mas se for gado leiteiro. A gente não pode criar mais de 10. Até um roçadinho, segundo a regra, a gente não pode mais colocar. Eu estou impedido de colocar um roçadinho pequeno mermo. Não pode mais derrubar, segundo a regra. Eles dizem que não posso mais derrubar.

Quando entra o verão, o IMAC libera para a gente tirar um pouquinho de madeira manejada. Vamos dizer assim: de cada três tipos de árvores, a gente retira um. Eles falam assim: pai, mãe e filho. Se tiverem três cedros, retira um. Três cerejeiras, retira um. Três cumaru ferro, retira um. Mas isso daí só dá um pouquinho de dinheiro. Nessa nossa área aqui, que tem muita gente agregado que come com a gente, fica difícil. Aí quando chega o final do ano, a gente já tá com a corda no pescoço (pareceu mostrar sentimento de raiva). A renda acaba e a gente não sabe mais como sobreviver. A renda fica pouquinho.

Também têm muito ramais para o governo cuidar, tem muitos lugares. Aí quando chegar o inverno a gente fica com essa dificuldade de ramal. Fica tudo esburacado devido às máquinas que passam (referia-se aos caminhões da empresa que compra a madeira dos seringueiros, máquinas/tratores). Não tem condições de arrumar. Aí a gente fica com dificuldade. Mas segundo dizem por aí, o governo vai melhora. Vai fazer não sei o quê e tal. Mas não chegou nada ainda.

Mesmo assim, eu que nasci na mata e me criei na mata acho bom morar aqui. Na cidade é aquela zoeira de carro. O ar é poluído e tal, e a gente não tem costume e não gosta. Eu acho bom viver aqui dentro. Mas eu fico pensando nas condições. Pelo menos, de cinco anos para cá, não melhorou nada. Só piora a cada ano. Só piora um pouquinho. Eu fico pensando: será que não vai melhorar? Será que só vai ficar piorando até o fim? Será que não vai melhorar? Será possível?

A gente espera que melhore. Que o governo melhore esses ramais para a gente escoar a produção. Tirar nosso produto direitinho, na época certa. Pois muitas vezes, a castanha fica quebrada dentro do mato e a usina que compra nossa castanha tem um tempo certo para comprar. Se não tirar de dentro do mato, na época certa, eles dizem que aparecem fungos, um problema. Dizem que não podem beneficiar mais a nossa castanha. Aí, se a gente tiver ramais para tirar a castanha na época certa, na hora que quebrar a castanha vai melhorar de vida. Também escoar essa madeira na época certa.

Essa madeira é certificada aqui na Reserva, e o IMAFLORA exige muita coisa. Se tirar madeira aqui no inverno e criar valas nessas estradas, eles vão proibir. E como vão ser as nossas condições aqui dentro? Cada vez vai ficando mais difícil. Então, eu espero que o IMAC, o governo, o INCRA, esses que mexem com a gente aqui, arrumem essas coisas aí para a gente tirar nossas coisas, na época certa. Principalmente o Governo Estadual, que pode arrumar os ramais. Eu acho bom morar dentro da mata, mas se não melhorar fica difícil.

Perguntado como é o seu dia a dia na floresta, respondeu:

Eu trabalho como professor aqui na escola e já tenho 23 anos de contrato com o Estado. Recebo um salário para trabalhar na escola. Então, essa rendazinha ajuda. Pois o agregado que tenho aqui, leva um pouco da renda da colocação. Eu acordo cedo para ir para a escola trabalhar na hora certa. Daqui até lá são seis quilômetros. Então, acordo cinco horas da manhã para fazer o café e depois vou de bicicleta. A luta é grande.

Trabalhei 18 anos cortando seringa nesse local. Agora, quem corta é meu irmão. E o seringueiro, você sabe, levanta cedo. Pois tem esse costume desde pequeno. Desde que eu trabalhava com meu pai, na seringa, levanto cedo. Também sofri um acidente de moto, por isso não posso mais trabalhar no pesado. Arrancou três costelas. Por isso, trabalho mais na escola. E assim vou levando a vida. Se não melhorar, a tendência é piorar.

Perguntado sobre como é a alimentação, respondeu:

A alimentação aqui (pausa longa). Caça não pode exagerar. Mas aqui, quase não tem caça. Só essas caças pequenas que chamam de embiara. Não tem caça grande, veado capoeiro aqui é difícil. Só tem caça no fundo da Reserva. Aqui, quando tem dinheiro, a gente compra uma carne de boi, de franco. Quando tem dinheiro para comprar a gente compra. A gente cria também pato e galinha para comer. Cria um gado. Compra de um vizinho que mata. Quando não tem dinheiro para comprar, come arroz e feijão mesmo. É assim a vida aqui dentro.

Perguntado sobre doenças, respondeu:

Quando alguém adoece aqui, se não tiver condições de fretar um carro a gente vai até a sede e pede um carro lá do hospital. Quando o ramal permite condições o carro chega até aqui. Mas na maioria das vezes o ramal não dá condições. Quando dá condições, a ambulância do hospital de Xapuri, ou o SAMU, chega até aqui. Mas o pessoal aqui adoece mais de febre, gripe e pneumonia. E aquelas doenças que atacam as pessoas mais velhas. Tem aquela dor no peito. A pneumonia é um dor forte, no peito, as pessoas não resistem.

Acontece os acidentes ou uma picada de cobra. Mas a pior doença é a malária. Ano passado deu dengue também, mas foi só uma vez. Já tinha dois anos que não dava malária, mas todo ano dava uns 40 casos de malária aqui dentro. Aí tinha que internar uns dois, três, cinco. As pessoas já conheciam os sintomas e iam lá na SUCAM fazer a lâmina. Já ficavam lá tranquilos. Antes, a SUCAM andava aqui dentro colhendo lâminas, mas não estão vindo mais.

Muitas vezes, as pessoas que já conhecem os sintomas da malária, que é uma dor no corpo e tal, já vai direto lá na SUCAM, em Xapuri. Outras, que não conhecem, não vão. Só quando estão com quatro dias de febre. Aí fica difícil. Aí ela pega você. Ficam se tratando seis meses, um ano. As pessoas não podem comer muito óleo. Mas quando não tem o alimento, como fazer? A malária ataca o fígado da pessoa. Aí vira hepatite. Aí fica difícil, nesse caso. Mas tá com dois anos que não dá malária aqui dentro.

Perguntado sobre o que faz para se divertir, respondeu:

Para se divertir aqui dentro o pessoal que nem eu, que sou evangélico, se diverte na igreja mesmo. Fazemos festas na igreja mesmo. Na Igreja Pentecostal Deus é Amor. Tem muitos evangélicos aqui dentro do seringal. Tem a Deus é Amor e a Assembleia de Deus. Também a Igreja Católica. As pessoas que não são evangélicos matam uma vaca, fazem uma festinha, fazem um churrasco. Gostam de um forró. Pegam a sanfona e fazem um forró. Quem é evangélico, algumas vezes mata um pato, uma galinha, chama os vizinhos e comem. Faz uma oração, lê a palavra de Deus, e se diverte na igreja mesmo, ou nos vizinho. Quem não é evangélico, pega a sanfona, faz uma dança. Esse é o divertimento nosso.

Também tem o futebol. Sempre tem torneio de futebol aqui, para quem gosta de futebol. Isso acontecesse muito. Inclusive vai ter um hoje na casa do meu vizinho no PAE Equador. Aqui é o PAE Chico Mendes, e lá é o Equador (apontou a direção). A satisfação do pessoal aqui no Seringal, para quem não é evangélico, é futebol e a dança.

Perguntado o que espera do futuro, respondeu:

Do meu futuro eu espero (pausa longa). Pessoalmente mesmo, um dia espero conseguir uma estrutura melhor para eu viver mais tranquilo. Ou aqui ou em outro canto. Não viver assim perturbado, e sempre pensando: será que um dia eu vou conseguir fazer minha feira? Será que não vou conseguir?

A pessoa que tem sua família, tem que pensar no alimento de sua família. Pensar em sua feira no final do mês. Se vai ter as condições ou não. Pois vê seu filho passar fome é difícil. Eu penso em ter uma estrutura melhor aqui. Penso em comprar um transporte para mim. Pelo menos um carro pequeno, para fazer o transporte da gente. Muitas pessoas aqui tem transporte e eu não. Também penso que o Governo possa fazer os ramais tudinho, colocar piçarra. Eles passam as máquinas um ano e no outro não aparecem. Se colocar pedra, dura uns cinco seis anos. Se fizer isso vai melhorar, se não fizer a tendência é piorar.

Vivo aqui com cinco pessoas, eu minha esposa e os filhos (um de 4 e outro de 1 ano e meio). Tem um enteado também, esse rapaz aí (apontou). Todos estudam aqui na escola. A

menina de quatro anos já estuda no Asinha da Florestania (programa da Secretaria de Educação do Estado do Acre). O pequeno não estuda não. A professora vai na casa. É duas horas de aula na casa que existe criança. É o projeto Asas da Florestania, do Governo. Agora fizeram o Asinha. É tipo o jardim de infância. Para crianças acima de 4 anos.

Perguntado se é filiado ao Sindicato dos Trabalhadores respondeu:

Aqui, para ter o benefício do INCRA ou do IMAC é preciso ser filiado a Sindicato ou Associação. Aqui no Cachoeira tem duas Associações. Quem quiser os benefícios do INCRA, ou do IMAC, precisa ser associado a uma das duas Associações. A Fé em Deus e a Associação que fica ali na colocação Fazendinha. Quem precisar de alguma coisa do INCRA, ou do IMAC, tem que participar. Se não, não vai ter.

As pessoas que brigaram por essa reserva agora querem criar boi, querem derrubar, fazer campo. Aí não pode. O INCRA vem e corta. As pessoas querem boi porque é mais fácil de tirar. O boi vai andando, vai de todo jeito. A castanha e a borracha são difíceis de tirar daqui. O boi é mais fácil, pois sai andando, sai de todo jeito. Mas se o Governo der as condições de ramal pode ter condições, e ter sua renda na hora certa também. E fica mais tranquilo. Antes a gente tirava em burro. Burro não tinha problema. Se caía um pau, era só rolar e passar. Agora, tira através de carro o ramal é necessário. Precisa de uma estrada mais beneficiada.

Muitos enfrentam dificuldades aqui sem ramal. Eu não, que estou perto do ramal maior (principal), mas os que moram no fundo da Reserva passam dificuldades. São seis horas para sair de lá, a pé. Isso para chegar na beira do Rio Chipamanú, na divisa. Quando o carro chega lá é só depois de março, quando a castanha já está com fungo e não serve mais para vender. Por isso mesmo é melhor colocar o boi, que o boi sai andando.

Por isso é bom o governo melhorar para manter essa Reserva. Se melhorar eu não penso em sair daqui, mas se não melhorar é melhor sair. Mas é sair com as condições seguras. Eu não vou para a cidade sem as condições seguras. Como muitos foram e quebraram a cara. Eu posso até sair, mas só se for seguro. Por isso, o governo precisa criar condições. Isso aqui é herança de meu pai. Então, não saio sem condições seguras de sobreviver na cidade.

AGENOR FERREIRA LIMA

Relato concedido em 19/05/2012 no PAE Cachoeira, Município de Xapuri/AC. Idade do colaborador na ocasião da entrevista: 63 anos.

Colaborador iniciou a fala sem esperar a ligação dos aparelhos de gravação.

Pois é, eu fico aqui fazendo serviços para meu sobrinho que é o dono da colocação. Trabalhando aqui com ele. Para não ficar à toa. Para essa casa não ficar abandonada. Foi assim que eu fiquei aqui. Coloco roçado e meu sobrinho me paga. Crio uma galinhazinha para não ficar à toa. Antes, eu trabalhava com um sobrinho de nome Ademar, na castanha, depois na seringa. Mas larguei.

Esse negócio de ficar cortando seringa (silêncio). Estou aposentado e o que ganho já permite eu viver, vestir, calçar e comer. Hoje sou aposentado. Meu sobrinho já foi Presidente da Associação, agora é o Tesoureiro. Ele sabe de muita coisa. O nome dele é Tatu. É ele que mexe com tudo aqui.

Antigamente aqui era um fracasso. Aqui, quando meu cunhado comprou isso, era uma colocação grande. Isso tudo aqui era mata, muita mata, mata fechada. Quando ele veio para cá nem casa tinha. Não tinha nada aberto, nada de campo. Foi trabalhando com a família, com os filhos, abrindo. Mas ficou velho e entregou o lugar para um dos filhos. Esse filho ficou tocando aqui sozinho. Os outros irmãos não queriam ficar, e foram tudo embora para a cidade. Ele aguentou sozinho. Isso foi na época que o INCRA entrou aqui. Aí ele ficou trabalhando sozinho. Mas os outros irmãos tiveram dificuldades lá para baixo (na cidade) e voltaram. Aí ficaram morando nessas casas, do INCRA, da Caixa Econômica Federal. É tudo misturado, é uma confusão doida, metade de um (INCRA) metade de outro (Caixa Econômica Federal). Eu fiquei aqui.

Foi melhorando devido esse ramal. Antes era tudo no tijuco (pântano, atoleiro). O Estevão, seu pai, conhece isso aqui. Eu conheço o teu pai Estevão e toda a família dele, desde que ele veio do seringal. A família dele todinha. Depois ele se empregou na firma Zaire. Teu pai conheceu isso aqui, antes era um tijucão. Agora ficou bom, pois essa estradona passa aí e vai embora até a Bolívia. Melhorou por essa parte, pois o carro vem busca a gente na porta. Tem a luz também. Isso tudo foi melhorando. A dificuldade por aqui acontece somente quando adocece uma pessoa.

Aqui todo mundo vive tranquilo. Não tem confusão, não tem arenga (briga), não tem nada. Aqui todo mundo vive tranquilo. O caminhão da feira passa aí no dia da feira. Vai buscar e vem deixar. Melhorou muita coisa. Quando adocece alguém é só ligar que o carro vem buscar na porta, conforme as doenças. Mas aqui foi o lugar que eu gozei mais saúde. Graças a Deus. Aí pra fora eu peguei malária. Pequei não, ela me pegou. Aqui até hoje não adoeci.

Aqui o pessoal se queixa de pressão, colesterol, essas coisas. Meu irmão que mora lá na Arlete só vive doente. Bebeu demais. Engordou. Se engordar já viu, aparece doença. Eu tenho uma saúde muito boa. Aqui tem muita gripe. A gripe é uma bicha nojenta, sem vergonha, pegou um sereno e ela aparece. A gripe, muitas vezes, me maltrata muito. Mas eu tenho alguns comprimidos aí dentro. Quando ando nessa poeira eu gripo e fico doente. Mas chego aqui e pego uns galhos de árvores, uns paus, um chá aí doido de casca de pau. Logo fico bom. Nunca tomei uma injeção, viu. Eu gozo de muita saúde em comparação a esses meninos daí. Eu tenho 63 anos e até hoje, que eu me lembro mesmo, só tomei uma vacina. Quando eu fui fazer inspeção para tirar a carteira de saúde. De lá para cá não entrou agulha no meu corpo.

Perguntado o que faz para se divertir, respondeu:

Aqui, quando quero me divertir, pego um carro e vou para a rua. Agora no próximo domingo eu vou. Aqui tudo são crentes. E onde tem crente já viu. A diversão do crente é diferente da nossa. Esse negócio de música, essas coisas, eles não gostam. Às vezes eu vou para a igreja deles. A gente vai levando devagarzinho.

Algumas vezes eu colocava um milho, uma roça, uma macaxeira e um feijão. Mas não vou fazer um bocado de coisa para estragar. Eu não vendo nada aqui. Nem galinha. Nem para comer. Nem criar galinha para comer eu crio. Às vezes, quando estava tomando umas lá (bebendo álcool) na colocação Fazendinha, os meninos vinham me deixar aqui de moto e eu dava um frango, ou dois. Crio só galinha, só para criar mesmo, pois é chato você morar sozinho e não ter um bicho para cantar no terreiro. O bicho que crio aqui é galinha.

Fui casado, fui divorciado. A minha mulher trabalhou para o teu pai, para a D. Aurélia, tua mãe. Trabalhou muitos anos com eles. Mas não deu mais certo o meu casamento, então me divorciei. Tornei a casar com outra, aí morreu, pronto, aí empancou. Não quero mais não. Os meninos que me aperseiam para casar: “rapaz arruma uma mulher”. Mas eu lá quero.

Estou tão bem assim. Me aperto é na lavagem de roupa. Mas aqui eu faço tudo. Eu lavo roupa, cuido das galinhas, do terreiro, dessas fruteiras, aqui tudo é zeladinho. Essas fruteiras (aponta) foi eu que plantei. Fiz um bananal aqui atrás. Tudo aqui encostado de mim. Aqui, se quero comer banana, é só ir alí no paiol. Aqui eu vivo é tranquilo. Graças a Deus, até hoje.

O dono daqui é um homem parado, não mexe com nada. O negócio dele é ir para a igreja e lá para a escola, onde é professor. Ele casou, tem dois filhos. Um não quer fazer nada. É um homem parado. O outro irmão quer, é danado, mas não pode, pois não tem cartão de posse. Faz manejo, tem uma área de manejo de madeira. Tem a seringa, a castanha, mas agora está arreventado de uma queda de moto (motocicleta). Outra minha irmã vive ali, você entrevistou ela? Ela sabe tudo disso aqui. Tem uma casinha na rua. Vocês passaram lá, viram uma véia?

Pois é, agora melhorou isso tudo aqui. A condução melhorou 1000%. Naquele tempo quem via um bichinho desse aqui (apontou para o carro que passava no ramal). Era no burro, no boi. Agora passa carro, passa ônibus, passa tudo. Facilitou tudo dentro da mata. Mas o INCRA se mete pelo meio, pois aqui tudo é assentamento. E essa luz aí apaga muito, cai um pau alí na rede e apaga. Isso tudo era para estar arregaçado (desmatado na beira do ramal) para não cair pau na rede de luz, mas o INCRA não deixa. Mas esse ano nós vamos arregaçar tudo, de foice mesmo, até lá na casa do Duda (parente de Chico Mendes, pessoal influente no PAE Cachoeira). Aí acaba toda a crise.

No verão, o DERACRE dá uma arrumada no ramal. Mas agora no inverno não tem jeito. Antigamente a estradinha era barrela (pouco conservada). Mas o DERACRE enjeitou, colocou piçarra. Aqui é tudo piçarrado. Naquela ladeira (apontou para o ramal), um carrinho como esse não passava não. Agora melhorou. Pois é, é só isso mesmo.

ARLETE FERREIRA DA SILVA

Entrevista concedida em 19/05/2012 na colocação Altamira 3, PAE Cachoeira, Município de Xapuri/AC. Idade da colaboradora no momento da entrevista: 43 anos.

Eu nasci aqui mesmo. E me criei aqui mesmo, nesse lugar. Não tive oportunidade de estudar, mas hoje temos uma grande diferença do tempo passado. Hoje existe muita diferença. Eu tenho 43 anos hoje. Casei e tenho 23 anos de casada. Naquele tempo era muito mais difícil que agora, pois a gente andava de pé e também não tinha escola. Hoje, temos escola. Hoje nós temos várias coisas que ampliaram a nossa vida. Nosso melhoramento foi muito grande. De 1964 para cá as coisas foram melhorando. Hoje temos uma vida diferente do passado.

Hoje temos oportunidades de conhecer muitas coisas, oportunidades que não tinha antes. Nossos filhos são formados aqui, até o segundo grau. Nosso lugar é diferente do que era. Temos criações, nós temos transporte. Eu não tenho carro, ou moto, pois ainda não comprei, mas esse ano, se Deus quiser, vou comprar. A nossa vida aqui é quase como na cidade, bem dizer. Hoje temos televisão, geladeira, freezer. Hoje temos nossa lavoura, temos a banana, a verdura, a mandioca, o arroz, a caça. Nosso alimento é da caça do mato. Aqui tudo tem. Existe paca, tatu, cotia, veado, porco. Aqui só não tem anta, pois a anta não se habitua na mata daqui. Até queixada tem. Então, esse é nosso ramo de vida, nosso melhoramento foi muito grande. Até 1988 carro não passava aqui. A gente tinha que ir a pé até a rua. Hoje, o senhor vai até muito dentro da floresta de carro. O senhor vai conhecer muita coisa aí para dentro. Então, foi um benefício muito grande do governo. As coisas foram evoluindo.

Eu não tive oportunidade de estudar. Eu aprendi em casa mesmo, sem estudar. Nunca sentei em um banco de escola. Minha filha está fazendo o segundo grau e, no próximo ano,

terminará com 17 anos. Termina e vai ter que sair para a faculdade. Minha outra filha estudou, mas desistiu no primeiro grau, quando casou.

A gente hoje vive uma vida saudável. Eu não tenho do que reclamar. Porque antes, de 1988 para hoje, a vida melhorou. O senhor foi alí na escola? Nós temos uma escola com sete salas de aula, nós temos até diretor, temos inspetor de ensino, nós temos merendeiras, nós temos posto de saúde, temos agentes de saúde aqui dentro da reserva. Então, o melhoramento foi grande e espero que melhore ainda mais. Essa é minha filha Maria, tem 16 anos, é essa que está fazendo o segundo grau (filha chega e senta ao lado da mãe). É muito bom para nós.

Perguntada como fazem para se divertir, respondeu:

Aqui o meu divertimento é diferente do dela (apontou para a filha). Ela vai para a festinha alí na Cachoeira. Já eu, vou para a igreja. Nossas festas são na igreja. Sou Evangélica da Assembleia de Deus, mas também tem a Igreja Deus é Amor, logo alí. A igreja Assembleia de Deus fica mais para trás um pouquinho. Então, aos domingos eu vou para as reuniões dominicais. A gente também faz churrasco aos domingos, e futebol. Eles que gostam vão para o futebol jogar bola (aponta para o marido e filha), eu vou para minha igreja. Minha filha não joga futebol, mas vai observar os amigos jogarem (pergunta se a filha gostaria de falar um pouquinho, que responde negativamente).

Então, a vida da gente hoje é feliz. O senhor já esteve aqui antes? Imagine daquela época (referia-se aos anos de 1970/80) para hoje. Naquele tempo, a gente andava a pé e no lombo do boi, com o menino nas costas do boi. Hoje, a gente vai de bicicleta rapidinho. Existe até uma venda alí perto. Então, melhorou para nós. A tecnologia vai evoluindo. Veja: estamos com dois anos com energia elétrica aqui. Se tiver alguém que reclamou, eu não tenho o que reclamar não.

Porque eu tenho 43 anos e em 1988 eu saí a pé daqui até Xapuri com umas 300 pessoas para não deixar o fazendeiro derrubar nossa floresta, para manter nossa floresta em pé. Então isso aqui (floresta) é um futuro que vamos deixar para nossos netos, para nossos filhos, então nós não queremos derrubar. Essa é nossa aventura.

Aqui nos criamos gado para tirar leite e para comer a carne, pois a carne de gado está cara. Quando a gente mata o próprio gado guardamos no freezer. O quilo de carne está R\$ 14,00. É melhor a gente criar. Mas não criamos muito como o fazendeiro, mas é bom criar o nosso gado, pois quando precisarmos de dinheiro é mais fácil. Eu tenho só 26 cabeças de gado. É assim a nossa vida no dia a dia.

Esse ano o Zé (marido) tirou 860 latas de Castanha. O Zé, meu marido, corta seringa e vende para a fábrica. O senhor viu a fábrica lá na estrada? Açaí ninguém vende, mas tem muito. Açaí, patuá, mel de abelha. Aqui a floresta é rica. Aqui tiramos tudo que o senhor possa imaginar. Daqui você pode tirar sua alimentação toda. A farinha, a mandioca, a goma. Só compramos o básico na cidade. As pequenas coisas, a miudeza. Coisas miúdas como a pasta de dente, o sabonete, o açúcar, o óleo. A gente compra só o básico. As verduras a gente tem aqui. Eu tenho uma horta também. Aqui dentro, eu faço 860 latas de castanha a R\$ 23,00. Aí permite viver a vida, não como rico, mas com o básico. Todo ano tem a castanha e a seringa. Aí é onde dá o lucro da gente.

E o que acontece quando adoece alguém?

Sobre nossa saúde, quando alguém adoece, e é grave, a gente liga para a ambulância buscar. Quando não está muito grave, a gente freta um carro e leva até Xapuri. Quando a pessoa se encontra meio lá meio cá, a gente vai até a Bolívia (país vizinho) consultar, que é mais rápido. Hoje, a gente pega um carro de manhã e vai em Cobija/BO e faz a consulta. Antes das

duas horas da tarde já está de volta. Em 1988, para ir até a Bolívia era preciso ir primeiro até Xapuri e pegar um ônibus. A pessoa tinha que dormir lá, ficava três dias para voltar. Hoje, a gente vai lá e volta no mesmo dia. Leva a pessoa no dentista, faz a limpeza do dente, e volta no mesmo dia.

Perguntada o que espera do futuro, respondeu:

Aos 43 anos eu espero melhorar. Observar minha filha se formar, e deixar as coisas organizadas para meus filhos. A gente não sabe o dia de amanhã, então, a melhor coisa é deixar as coisas bem organizadas para os filhos. Só são duas filhas, então a gente tem que deixar as coisas bem colocadas para elas. E para ajudar as filhas a gente tem que ter o cacau (dinheiro) no banco (risos). Tem que ter o gado para fazer o dinheiro, para ajudar minha filha estudar.

De quando eu nasci até 2009 tudo era bem precário. De lá para cá as coisas estão evoluindo muito. De uma tal maneira que a gente não tá vendo nem como tá vivendo. Porque as coisas estão se aproximando da gente. Hoje você chega numa casa e não tem mais aquele seringueiro calçado com o sapato de seringa. Ninguém quer calçar o sapato de seringa aqui. Agora, só o tênis e a sandália importada, só coisa chique, ninguém quer calçar o sapato de seringa. Menino vai calçar o sapato de seringa: “mãe vão rir de mim” (risos). Ninguém quer calçar o sapato de seringa. Essa daqui (apontou para a filha) é todo dia praticamente na manicure.

Hoje a vida do pobre, do seringueiro (pausa longa). Porque eu me orgulho de ser seringueiro. Eu me considero seringueiro. Orgulho-me de morar na mata. Tem gente que não gosta, que não quer mais que chame de seringueiro. Mas eu me orgulho de ser seringueiro. Nós somos seringueiros. Não somos produtores, colonheiros, nós somos seringueiros. Não tenho vergonha de dizer isso. Sou filha de seringueiro, sou seringueira, me orgulho de dizer isso. Tem uma diferença do empresário, do pessoal que mora na rua, mas nós somos seringueiros.

Tive oportunidade de ir para o Rio Grande do Sul e vi muita coisa diferente daqui do Acre. O produtor de lá é diferente, lá eles colhem a uva. Aqui nós colhemos a castanha, a seringa. Somos os seringueiros do Acre. Não somos produtores, somos seringueiros, meu pai foi seringueiro, nós somos seringueiros. Meu esposo corta seringa, trabalha na floresta, é seringueiro. Esse é o seringueiro do Acre. Aí para frente o senhor vai verificar alguns dizendo que são produtores. Eu digo que sou seringueira.

Mas eu tenho cisma só de uma coisa, do governo abrir mão para o INCRA cortar a terra (dividir a terra). Esse é meu medo. Do INCRA dividir a terra e assentar outros produtores. Se o INCRA cortar a terra, vai acabar com nossa vida. Aqui nos temos 86 famílias e vai vir gente de fora. Aí, vão dividir a terra em lotes menores e isso aqui vai virar um problema sério. A terra vai ser dividida entre a gente que já estamos aqui e o pessoal de fora. Por isso, temos que proteger isso aqui, proteger o PAE, ter responsabilidade, segurar nossa reserva em pé, manter a floresta bem cuidada e preservada para trabalhar nela. Manter as cabeceiras de água. A nossa água aqui é do igarapé, mas é boa, é sadia. Nunca deu problema. Então, vamos manter isso aqui.

Aqui só foram vendidas duas colocações, mas de seringueiro para seringueiro. A gente não aceita vender. Cada qual deve cuidar do seu lugar. Os filhos saem, mas alguns voltam. A filha do Nilson, por exemplo, foi estudar. Está cuidando da pousada. Você viu a pousada? Os meninos que trabalham lá são todos daqui. O meu genro trabalha lá. A menina que é gerente saiu daqui para estudar. Ela disse que vai ter um curso que vai começar aqui e irá levar os meninos até São Paulo. Eu digo que é bom, vai fazer eles crescerem. É esse o dia a dia.

Os mais velhos ainda contam as histórias da floresta para as crianças?

Os velhos antigos, os soldados da borracha, gostavam de contar muitas histórias. Meu pai contava muita história quando chegava de noite. Daquele tempo da mata fechada, do tempo que só tinha aqueles paiolzinhos para morar. Mas hoje não tem mais essas coisas não. O curupira, a mãe da mata, essas coisas. Meu esposo vai caçar e nunca viu nada.

Nesse momento, o esposo que acompanhava a entrevista em pé, na sala da cozinha, interrompe e fala pela primeira vez: “De ter, têm. Tem o gogó de sola (trata-se de espécie de macaco pequeno, segundo os moradores, cor de ferrugem e tão traiçoeiro que pode matar. Ele pula no pescoço da pessoa quando se sente ameaçado e ataca nossas articulações com tanta força que pode levar a morte), o janaú (seria uma espécie de animal encantado que anda em bando pelas florestas, embriagando as vítimas com seu fartum para em seguida devorá-las). Mas de ter têm, lá na mata”.

Pois é, essa é a nossa vida. Eu gosto daqui. Tenho orgulho de viver aqui. Não tenho desejo de morar na cidade, de jeito nenhum. Para nós, que não temos saber, é mais difícil viver na cidade. Nós não temos saber para trabalhar na cidade, que nem o jovem trabalha. O que vamos fazer na cidade? Talvez aqui, a gente ganha o que um jovem ganha na cidade de carteira assinada. Se você vende dois ou três bezerros faz R\$ 1.500, se eu for trabalhar na cidade de lavadeira vou ganhar R\$ 500,00 por mês, me matando. Então, aqui é melhor, tenho a galinha, o ovo, o peixe, a caça do mato, nossa alimentação daqui. Só a carne mesmo algumas vezes a gente compra. Então. É só isso que eu tenho que dizer para o senhor.

CECILIA TEIXEIRA DO NASCIMENTO

Relato concedido em 05/05/2012. PAE Cachoeira, colocação Fazendinha, Município de Xapuri\AC. Idade: 86 anos.

Quem era o patrão aqui no seringal Cachoeira era o senhor Lamberto Ribeiro. A gente trabalhou com o seu Lamberto até ele vender o movimento (passar a administração do seringal para outro). Era ele e o senhor Leônidas Ribeiro os patrões mais conhecidos aqui. Mas eles compraram o seringal Bahia e foram embora, e a gente ficou sem patrão. De lá pra cá, ficamos trabalhando assim, vendendo onde era o melhor preço e comprando onde era mais barato, e aqui ficamos o resto da vida.

Quando a gente chegou aqui era cortando seringa direto. Os meninos cortavam a seringa o ano inteiro. Quando era no final do ano a gente quebrava castanha. No outro ano, continuava tudo novamente. Era todo tempo na seringa e na castanha. Aí os meninos foram indo embora e eu fui ficando, só eu e o meu velho. Aí meu velho chegou a falecer em 1991. Meu velho morreu e eu fiquei só com os outros filhos. E é aqui que estou passando até hoje, assim nessa vida. Comprando onde é mais barato e vendendo o produto. O produto hoje em dia é mais a castanha. A seringa falhou muito, aqui e acolá se corta, mas não é mais como era antigamente. Antes, a gente vendia borracha na péla, já feita, agora só vende o leite (látex). Agora eles compram o leite.

Pois é, agora eu não tenho mais produção de nada, nem de roçado, nem de seringa, nem de nada. A produção é só da minha aposentadoria mesmo. Depois que meu marido morreu passei a receber aposentadoria de soldado da borracha, até hoje. Já está com mais de vinte anos que ele morreu. Só isso mesmo. Não temos mais produção de nada, acabou esse negócio de produção. Mas crio pintos, umas galinhas só para a despesa de casa. Nem para

venda não é. Não tem mais nada, só o restinho da vida graças a Deus, que até hoje ainda está me dando esse poder.

Agora, para trás, anteriormente, aí teve muita coisa ruim. Mas aí não adianta nem falar porque já passou muito tempo. Para trás teve muita gente, muita vida boa, e ruim. Porque tinha muita coisa boa, mas também tinha muita coisa ruim. Mas tudo deu para vencer, graças a Deus, até hoje ainda estou pelejando assim mesmo, ainda estou lutando com o restinho da vida. Só em casa com meus filhos, meus netos, bisnetos, tataranetos. Tenho essa família comprida. Minha família é grande.

Eu tive 19 filhos, criei 15. Dos 15, 14 são vivos. Morreu uma filha. Já lá em Xapuri ela morreu. Ela era mãe daquela Marivani, aquela que pegaram e levaram para a colônia penal. Já que vocês são sabedores, eu vou contar: ela é minha neta, e ele é meu neto também. Filha da minha filha, que morreu lá em Xapuri. Tá com oito anos que ela morreu. Netos e bisnetos eu tenho muito, só que eu não vou contar porque se eu contar não termina nem hoje (risos). Eu tenho filho demais, e neto demais, também, no Seringal todo mundo é cheio de filhos. Oh pessoal para espatifar, meu Deus. Credo! (reclamou dos pratos sujos na mesa da cozinha). Pois é (pausa) só isso mesmo?

Perguntada como é a vida de hoje:

Como é a vida de hoje? A vida de hoje é por umas partes boa e por outras não. Agora é ruim porque tudo que a gente faz, tem que ter uma pessoa mais do que a gente. Para a gente se colocar, para a gente arrumar um lugar para a gente fazer qualquer coisa. Tudo é preciso de outra pessoa tá no meio, né? Antigamente não era assim, antigamente você morava aqui e dizia: eu vou abrir um lugarzinho ali, eu vou fazer em outro lugar. Aí já metia o terçado, abria, e fazia um paiolzinho, uma choupana, ia para debaixo. Ou então fazia uma casinha. A vida era assim. Agora não, tudo tem que ter uma reunião, tem que ter uma palestra, tem que ter um negócio. Por isso eu não acho bom não, acho ruim por isso.

Mas por outras partes é melhor a vida hoje. Hoje já tem um transporte melhor, a gente já anda de carro aqui para todo canto. Anda de moto, de bicicleta, conforme puder. Se precisar de alguma coisa, tem como ir na rua comprar. Antigamente, a gente criava uma família socada nessas matas e não conhecia nem rua. Era mermo, porque não tinha nem como a gente sair. Hoje não, hoje já tem facilidade. Existem escolas nos seringais. Tudo isso hoje. Por isso eu digo que por umas partes está bom, por outras eu não acho que está bom. Porque aqui e acolá tem certas passagens que a gente não se dá. Mais tudo fica bem para mim, tudo é bom para mim. Não tem nada ruim (risos). Ainda mais agora que eu não tenho mais o que aspirar. Aspirar só o restinho da vida. Não sei quantos anos ainda eu vou viver. Completei 86 anos dia 1º de janeiro e já estou beirando os 87, se eu alcançar. Pois é (silêncio).

Quando adoece alguém aqui o que vocês fazem?

Aqui, quando alguém adoece a gente só liga para lá (Xapuri), aí já mandam a ambulância buscar. Ou mesmo outro carro. Antigamente, a gente saía numa tal de rede. Era uma agonia sair de dentro da floresta onde vocês andaram hoje, com a rede no ombro, até chegar na rua, até chegar na BR. Para vê se encontrava uma condução. Tinha deles que já morria no meio do caminho, tinha alguns deles que já chegavam quase mortos, pegando chuva, tudo era ruim. Era muito ruim antigamente, tudo era brutal, tudo era manual, no pilão. Era tudo, tudo, tudo (silenciou).

Hoje em dia não, que já está tudo fácil. As donas de casa não vivem mais no pilão pilando arroz, pilando café, essas coisas. Tudo isso se acabou. Acabou-se tudo, graças a Deus. Já tem luz, tem tudo, graças a Deus.

Aqui na sua comunidade tem igreja?

Não, aqui ainda não tem igreja não. De protestante existe. A católica não tem nem uma. Não, esqueci, tem uma igreja lá no seringal do Equador, na casa de meu filho Miguel Lins. Você passou lá? Encontrou um carrinho bem branquinho? É o carro do Miguel, que vai levando a mulher dele. Ela foi lá na rua. Era o encontro da igreja hoje, foi ela e minha filha que está aí, duas filhas e ela. Elas foram para o encontro da igreja.

Sou católica, graças a Deus! Eu não sei qual é a melhor igreja meu filho. Se é a crença (protestante) ou se é a católica. Eu não desfaço da crença dos crentes, mais também não tenho amor para ser crente. Nunca tive vontade. Eles adulam, conversam comigo. Eles me dizem como é, e como não é. Mas eu não me ajeito não, pra mim, se eu não fizer o sinal da cruz não fica bom (risos). Eu sou morta e viva pelo católico. É a dona Aurélia, sua mãe, também é. Ela tem até a igreja dela lá no Entroncamento (local onde a Estrada da Borracha cruza a BR 317), né? Eu tenho vontade de ir um dia de domingo lá, um dia de São Francisco lá (silenciou).

A senhora era parente de Chico Mendes?

Eu era parente do Chico Mendes. Era o seguinte: ele não era do meu sangue, eu era casada com o tio dele. Por isso ele me considerava como tia. Ele gostava mais de mim do que mesmo do seu tio. É isso, ele era o meu sobrinho, por consideração, porque eu era casado com o tio dele. Meu marido era tio legítimo dele, os pais eram irmãos. O pai do Chico era irmão do finado Joaquim.

Tá bom meu filho, eu nem sei mais como conversar. Desculpa meu filho, por eu não ter assunto para conversar.

Dona Cecilia, parecendo emocionada, decide encerrar seu relato.

EMILIA CAMPOS BARBOSA

Relato concedido em 26/05/2012 no PAE Cachoeira, colocação Cachoeira, Município de Xapuri/AC. Idade da colaboradora ao conceder a entrevista: 39 anos.

Meu nome é Emília Campos Barbosa e minha vida é boa aqui no seringal. Eu acho bom morar aqui. Antes era mais difícil, na época do patrão a gente era mais escravizado. No tempo do patrão as pessoas comiam do que faziam. Eu moro aqui há 38 anos e, para mim, é uma felicidade morar dentro dessa floresta. Tem produtos aqui que alimentam todo o povo da floresta. Para mim é bom. E depois que entrou o novo governo melhorou para nós. Tem a luz no campo, tem educação.

Antes, a gente não tinha estudo. Eu, por exemplo, não estudei. Só tenho até a 4ª série. Quando deu para eu estudar foi quando eu tive minha filha. Aí não foi possível. Minha filha já está fazendo segundo grau, e para mim isso é uma vitória. Eu tenho três filhas, e meu esposo já tinha quatro filhas mulheres quando casei com ele, duas gêmeas. Eu criei elas. Todas moram aqui. Tem uma que já está fazendo o segundo grau. Minha vida é essa, amanhece o dia e começo a trabalhar.

A alimentação básica daqui é arroz, feijão, galinha, verdura, tudo produzido aqui. Na cidade só se compra o básico. O açúcar, que não tem como produzir aqui. Para produzir é

preciso desmantar, mas não pode desmatar porque tem uma Lei que proíbe. Aqui o que está desmatado é onde tinha o barracão do seringal. Aqui era a sede do seringal Cachoeira.

Perguntada sobre o que produziam na colocação, respondeu:

Aqui a produção é de borracha e castanha. A castanha a venda é para a Cooperacre e o leite (látex) para a fábrica NATEX, lá de Xapuri. Tem também um gado, que é uma ajuda. Mas crio dentro do que a Associação aceita. Dentro do plano da Associação. O gado é para quando adocece uma pessoa da família, aí temos o dinheiro. Aqui as pessoas adoecem mais de malária. Quando adoecem, as pessoas vão para Xapuri. Agora tem o ramal, tem a energia, tem a televisão. Mas a gente que trabalha muito não tem tempo de assistir televisão não. Os meninos gostam, mas eu que trabalho não tenho tempo. Eu trabalho na escola, e quando chego, trabalho no serviço de casa.

Perguntada sobre o que pensa do futuro, respondeu:

O meu sonho, que eu tenho, que eu espero, é consegui formar minhas filhas. Que elas estudem e se formem. Esse é o meu sonho. Mas gostaria que elas ficassem trabalhando aqui, dentro da floresta. Porque se os filhos da gente vão para a cidade, eles não querem mais voltar. Lá eles acham melhor, mas eu gosto mais daqui. Aqui eu frequento também a Igreja Católica. Tem um grupo de evangelização na colocação Fazendinha. Eu participo.

Eu conheço a tua mãe. Não é a D. Aurélia? Ela construiu aquela igrejinha no Entroncamento (cruzamento da BR-317 com a estrada que permite acesso até Xapuri/AC), não é?

O Marido de Emília chega para almoçar, e ela decide não mais falar.

FRANCISCO TEIXEIRA MENDES

Relato coletado em 05/05/2012 no PAE Cachoeira, colocação Fazendinha, Município de Xapuri/AC. Data de Nascimento: 08/04/1956.

Minha vida é um pouco complicada para contar tudo. Pois você sabe que pobre é um bicho que sofre que nem folha de tabaco, mas é assim:

Eu chequei aqui vindo do seringal Santa Fé. Quando chequei, o patrão era o Guilherme Zaire. Depois eu me ajuntei para cá com o senhor Leônidas e o senhor Lamberto. Então, comecei a trabalhar para eles. Trabalhei muito, um bocado de ano para eles aí. Até que eles foram embora. Isso foi na época que os patrões venderam o seringal. Como eu estava contando para você agora (referia-se a conversa antes de iniciar a gravação).

Eles venderam o seringal junto com os seringueiros das colocações. Então eles vieram para expulsar os seringueiros das colocações e fazer fazendas. Para derrubar. Foi daí que surgiu as questões com os fazendeiros. O Chico Mendes era já delegado sindical nessa época que os fazendeiros compraram. A gente não queria que eles derrubassem para fazer fazenda, pois ia acabar a floresta. Ia se acabar tudo. O Chico dizia que preferia morrer, ele não queria que acabassem com a floresta.

Foi aí que começou. Foi surgindo aí e foi tocando para frente. Foi embora todo mundo e nos ficamos, cada qual tocando por sua conta. Eu fiquei tocando esse lugar por minha conta mesmo. Na época, o PT lutava muito para ganhar, mas não ganhava. Aí venceu e chegou para

tomar conta. E hoje, ainda está no poder. Com isso a nossa vida mudou por causa do Jorge Viana, do Governador Jorge Viana. Então, daí começou a melhorar as coisas para nós.

Antes não tinha estradas, nós não tinha energia elétrica, não tinha água encanada, não tinha nada. Você sabe que todo mundo naquela época (pausa). Seu pai Estevão conheceu muito bem o que era a vida do seringueiro antigamente, pois ele foi seringueiro. E hoje, nos estamos melhor de que era antigamente, pois nós ainda vivemos de seringa. Mas hoje, a gente vende o leite (látex) para a fábrica aqui em Xapuri. A castanha é para uma cooperativa lá de Rio Branco. Tem também o manejo florestal, que é sustentável.

A gente tira a madeira e vende para a fábrica do Jandir (dono da Madeireira Triunfo e um dos arrendatário da “Fábrica de Pisos” em Xapuri). Então, modificou por isso, hoje eu tenho energia na minha casa, tenho uma casa de alvenaria. Já fiz uma casa boa para mim, tenho um monte de coisa que antigamente a gente não podia possuir no seringal, pois não tinha condições para isso. Hoje está tudo tendo acesso.

Para chegar nesse ponto que nós estamos hoje sofremos muito, pois hoje a nossa vida e essa mesmo, como eu estou lhe falando. Viver de seringa, viver de castanha, viver da madeira que a gente tira. É por aí que a gente vive hoje.

Como vocês se divertem aqui?

Aqui no seringal nossa diversão é o futebol, mas tem a sinuca também. Um menino ali tem duas sinucas. Quando a gente está com vontade de jogar vai para lá. Lá também tem um campo de futebol. Tem um campo aqui também. Muitas pessoas de Xapuri vêm aqui tomar banho de açude, andar de barco, fazer de tudo, essa é a diversão. Aqui tem uma tirolesa ali perto da pousada. Os meninos, os meus sobrinhos, quase todos trabalham lá, eles ajudam o povo a subir nas árvores. Andam e avoam 300 metros nessa tal tirolesa. Tem trilha de andar turista, eu sou um dos guias e faço tudo isso.

Aqui têm uma escola onde estudam 150 alunos. As professoras todas são de Xapuri. A escola é na biqueira da minha casa (a poucos metros de sua casa), a minha filha dá uns três ou quatro passos e já está entrando na escola. Tudo isso foi o governo que mandou fazer. E eu doe a terra para fazer. Primeiro fizeram aquela pousada. Depois fizeram o colégio. Tem carro para buscar os alunos e para trazer. Tudo é assim, a vida da gente da floresta agora é deste jeito.

O senhor participa de Sindicato?

Essa questão do Sindicato para nós hoje esta meio decadente. Pois tem uma pessoa lá (pausa), e essa pessoa que esta lá não esta ligando muito para os seringueiros mais. Está ligando para aquele pessoal mais rico. Essa pessoa é a Dercy Teles. Pois hoje nem do partido ela é. Ela não é do PT. Ela é contra, e está no poder no Sindicato. Não sei quanto, mas aumentou demais a tarifa do Sindicato. O pagamento está muito caro. Umas pessoas podem pagar e outras não podem. Todo mês é para pagar R\$ 15,00. Graças a Deus, nessa comunidade que eu vivo, aqui no Cachoeira, não tem ninguém rico não, mas também não tem ninguém pedindo esmola não. Aonde você chegar, você tem de tudo o que você precisar. Não têm que ir até a cidade, porque na cidade as coisas são outras, né? E aqui não, pois é desse jeito.

Aqui tem caça?

A caça aqui é difícil, a gente para arrumar um rancho cria muito, né? Cria galinha, cria pato, cria porco, cria gado. A gente come mais é carne de boi mesmo. Aqui caça não tem

mais, e a caçar era um esporte muito bom. Pois de primeiro (antigamente), eu me alembro, quando o seu Leônidas morava aqui eu só vivia caçando com aquele menino dele, que gostava de caçar mais eu, o finado Guilherme. Nós só vivia no mato caçando, mas hoje ninguém caça. É até proibido ficar falando isso. Não precisa mais fazer isso (caçar), agente come carne de criação de casa mesmo: galinha, porco.

Aqui eu crio um gadozinho, vou economizando tudo e compro o que precisar, depois compro gado de novo, é assim. A gente comprava alimentação na cidade, mas agora, a gente compra desse que chegou no carro aí, ele tem uma mercearia e vende tudo de primeira. Aqui, algumas vezes, a gente compra em Brasília, compra em Rio Branco, compra em Xapuri.

Olha (pausa), aqui o pessoal planta para consumo o feijão, o arroz, a mandioca e o milho, que são produzidos aqui. Mas agora, nem isso a gente está podendo mais fazer, pois eles não estão deixando mais a gente queimar. Proibiram esse negócio de fogo. A gente pega um tratorzinho de esteira por aí, faz uma mexida na terra e planta, essa é a vida.

Esse caminhão e essa máquina que estão aí em riba (em cima) é da Cooperfloresta. Que compra a madeira. O IMAC libera, e o empresário compra. É o Jandir da empresa Triunfo, lá de Rio Branco. É madeira manejada, e com selo verde. Dizem que a madeira agora possui um selo.

Perguntado se existia posto de saúde, respondeu:

Aqui não tem posto de saúde não. Aqui tem umas pessoas que trabalham na saúde, mas só são voluntários mesmo, andando por aí. Tinha um posto médico, mas já acabou, agora é uma casinha que vai entrar doze computadores para os meninos estudarem, mas não tem posto de saúde não. As pessoas adoecem aqui desse negócio de pressão, desse negócio de colesterol alto, essas coisas. O pessoal aqui não pega doença muito não. Naquele tempo, do seu Leônidas, eu não me lembro se existia esse tipo de doença não, eu nem ouvia falar nisso. Hoje em dia foi que o pessoal inventaram isso, esse negócio de colesterol alto, pressão alta, pressão baixa, e parada cardíaca. Antigamente, se dava isso, as pessoas morriam rapidinho. Mas dizem que só quem morria desse negócio era o pessoal rico, aqui a gente morria com malária mesmo (risos).

Malária eu já peguei muito aqui, já peguei 10 malárias. Mas o pessoal da SUCAM veio, naquela época tinha SUCAM em Xapuri, e eliminaram as carapanãs que dava a doença em todo mundo, graças a Deus. Taí minha mãe, com 86 anos, e ainda esta durona, graças a Deus. Olha ela ali conversando (pontou). Pois é.

E eu acho que esses problemas de pressão são da alimentação. Não é coisa do tempo. Mas veja o seu pai Estevão, está novão ainda, é mais velho que eu bem uns vinte anos, e ele mora na cidade. Mas é assim mesmo, meu pai morreu novo, meu pai morreu com 72 anos, mas tem os filhos que ficaram batalhando aí.

Perguntado sobre os filhos, respondeu:

Olha, eu só casado e tenho 3 filhas. Tem uma que trabalha na fábrica de camisinha. Tenho outra que mora em Rio Branco, ela é casada lá. A que trabalha na fábrica é solteira. Tudinho nasceu aqui, mas a lá de Rio Branco tem 30 anos e já me deu um neto, de 10 anos. Ele já tá quase do meu tamanho, ela mora para lá. A outra mora comigo. E a outra é bem nova, ainda tem 14 anos, estuda também. A minha filha estudou e fez o 2º grau aqui. Foi para a escola da floresta e se formou lá em engenharia. Hoje, não trabalha na tarefa que ela se formou, pois é difícil arrumar trabalho mesmo. Os amigos dela convidaram para trabalhar na fábrica, e ela veio aqui perguntar se eu deixava. Eu disse: pode ir. Ela é quem sabe, ela já está

de maior (mais de 18 anos), ela toca a vida dela para onde ela desejar ir. E ela foi trabalha na fábrica. É isso que eu tenho para dizer.

JOSE DE LIMA EDUINO

Entrevista concedida em 05/05/2012 na colocação Pontão 1, localizada no PAE Cachoeira, Município de Xapuri/AC.

José Eduino não esperou a ligação do gravador e começou a falar

... tenho um colega aqui que vendeu a madeira para o governo e até hoje não recebeu, aí tem essa dificuldade. Aqui tem muito transporte, mais tem grandes dificuldades, pois o ramal não é muito bom. Aqui também a gente tem muitos problemas com a Eletroacre. Tem energia, mais fica de oito a dez dias sem luz. A luz chegou até aqui, mas nós ficamos abandonados. Quando a gente liga para lá, dizem que a luz virá amanhã. Amanhã não vem, e a gente liga de novo. Dizem: “tem que ter ordem de Rio Branco”. Aí fica nisso, entendeu? Ninguém vai punir a parte da Eletroacre, é uma dificuldade. Dia desse um rapaz matou um bezerro e eu comprei um quarto do boi, perdi quase a metade, porque a geladeira não funcionava. A luz para, e acabou-se. E fica por isso mesmo.

Aqui a gente trabalha com castanha e com borracha. Também trabalho com banana, com abacaxi, com um pouco de roça: o milho, o arroz, o feijão. Agora mesmo nós estamos tratando feijão. Também tenho um gadinho para vender, vendo um bezerro aqui e acolá. Também tenho umas vacas para tirar o leite para beber e comprar alguma coisa quando preciso. Dois ou três dias por semana eu faço uma linha para Epitaciolândia e levo o pessoal daqui e trago de lá, para Xapuri também. Quando o carro quebra, eu tenho um aqui e faço a linha de Xapuri. Vou deixar lá particulares no meu carro, e a minha vida é essa.

Cortei seringa uns quinze anos. Cortei num lugar chamado Meia Noite, também em um lugar, na Bolívia, chamado Cajueiro. Cortei em outra colocação chamada Bicho, e cortei ali perto dos Três Corações, na extrema do Peru, num lugar chamado Espírita, com o meu pai. Aí depois eu voltei para o 20 (km) da estrada velha. Morei na extrema do Brasil com a Bolívia e lá cortei durante 10 anos na colocação do Hélio, a colocação chamava-se Rio Branco. Depois fui ali para a Tucunduba, e da Tucunduba eu estou aqui agora. Mas todo tempo sempre trabalhei com seringa. Só agora eu não estou trabalhando, pois peguei uma doença nas pernas. Uma doença que faz doer minhas pernas. Eu peguei colesterol, diabetes, pressão. Num tempo desses peguei começo de derrame também, fiquei com as mãos meio dormentes, mais sempre lutando.

Ainda hoje mesmo eu plantei feijão. Já tem feijão florando aí. Vende aqui, vende acolá. A gente come e vai vivendo dessa forma, essa é a vida de quase todos aqui. Essa é a forma, trabalhando assim, direto. Caça o pessoal diz que aqui tinha muito, mas agora a gente não vê. Só alguns veadinhos roxos. Onça eu vi uma vez, os meninos viram uma alí. Dizem que tem muitas, mas aqui não vi nenhuma. Aqui tinha muito jaboti, mas também ninguém vê. Só achei dois, até agora, e a vida é essa, continuando trabalhando.

Arrumando uma coisinha para comer, porque derrubar aqui a gente não pode derrubar. Tem que ser autorizado pelos Presidentes de Associações, que arrumaram um direito de não sei o quê, que não sei de onde. Que o IBAMA não quer permiti um hectarezinho para plantar, para comer. Esse ano passado, eu fui lá e disseram: “não, tu não vai brocar não”. Eu fui lá e falei com rapaz do IMAC e ele disse: “seu Zé, nos fornecemos uma licença, mas essa licença não vai ser válida, e nós vamos tomar, não tem condições mais. O

senhor veio para tirar a licença?” Respondi: foi. Ele falou: “o senhor pode brocar um hectare. Mas não bote mais do quê uma hectare para o senhor plantar. Para capim não. E pode ficar tranquilo, que ninguém vai lhe perturbar”.

Eu disse: é não tem nenhum documento? Respondeu: “Não, mas pode botar tranquilo que ninguém lhe perturbará, isso é a manutenção de cada dia para vocês, você não esta fora do seu limite em sua área”. Então está bom, vim, botei e plantei. E aí por diante, é essa extensão aqui (aponta para o roçado).

Perguntado se tinha escola perto, respondeu:

A escola aqui eu reclamo muito (pausa). Eu trabalhei em vários lugares na zona rural e as escolas tinham qualidade. Se a aula era de manhã, era de manhã. Se era de tarde, era de tarde. Fica muito difícil um dia todo de aula, como é aqui na nossa comunidade. Aqui tem aula dois dias por semana, o dia inteiriço (dia todo). Mas a merenda não e boa, os meninos chegam reclamando. Então, os meninos ficam o dia todinho empalhados, o dia todinho com as crianças presas. Se lá não tem uma merenda boa, para quê então eles vão fazer isso.

A professora (pausa). Tem dia que aluno diz: “tem aula amanhã professora?” Ela responde: “não sei, se o carro for tem”. Mas que horas é a aula? “Ninguém sabe se é de manhã ou de tarde”. Por isso que eu digo: é falta de atenção. O professor tem que dizer o horário da aula. Amanhã terá aula de manhã, mas tal dia será de tarde. E se não tiver aula porque o carro não foi, tudo bem, mas tem dia que ela diz que haverá aula, mas não tem carro, porque não tem combustível para colocar nos carros. Aí se toca as meninadas de pés (caminhando).

Outra coisa que eu sempre tenho reclamado é esses carros de escolas sem a proteção de trás. Eu já estou acostumado a verificar aqui o pessoal passar com os alunos dependurados na bunda do carro. Minha mulher uma vez cobrou do motorista a capota. O motorista falou que estavam fazendo em Rio Branco. Capota que aqui em Xapuri, e em Epitaciolândia, com dois dias eles fazem. Aí fica aquele monte de menino no carro pendurado. E se o carro der um tombo e cair? Se matar um menino ou machucar (parecendo irritado).

O problema é da escola, nem tanto do motorista. O motorista tem que usar a traseira do caminhão fechada. Para não ter esse problema. Que se cair um menino, vai complicar só para o motorista. Já falei para ele, pois quem está na frente não vê quem está vindo lá atrás. E os meninos vivem gritando, empurrando uns aos outros. É aquele problema, tem esse probleminha sempre aqui, direto. No trabalho a gente fica observando. Eu falo, mas o pessoal não dá nem ouvido. Só darão ouvidos quando acontecer o pior. Então, um menino de 4, 5, 6, 7, 8 anos não tem a noção que um grande possui. E hoje, os grandes, de 17 anos, são diferentes da nossa noção de gente.

E essa é a nossa vida de trabalho. E assim se constrói. Com o tempo.

Um dia vendo um bezerro para fazer uma feira, e vou vivendo. O pessoal vive inteiramente da seringa e da castanha, e também vende açaí. Muitos tiram açaí. Tem uns compradores certos, mas não querem que o pé seja derrubado. Então a gente sobe e tira. Eles estão pagando R\$ 12,00, R\$ 15,00 a lata do patoá.

A SEAPROF (Secretaria de Produção Familiar do Governo do Acre) sempre visita, duas vezes por ano, vêm verificar a plantação. Verificar o que estou plantando, o que está faltando, o que pode ajudar, e é assim por diante.

Perguntado como fazem para se divertir na colocação:

Por aqui, rapaz, a diversão é o campo de futebol. Aqui, às vezes, os meninos vão alí no campo de futebol. Tem joguinho de domingo e sábado, e algumas festinhas lá pela escola.

Sempre eles estão indo brincar de bola. Sempre essas coisas assim, é direto isso. É uma meninada doida aí, para todo canto só se observa carro passar lotado de gente, de menino, para cá e para acolá. Quando chove, a dificuldade é grande, os carros ficam enganchados e é preciso outro para desatolar. No lugar deles andarem na estrada, eles andam na beira do barranco, naquelas valas. Tem dia que os meninos chegam de pés, todos enlameados. Os carros ficam atolados até dois dias.

Aqui, como eles não queriam a derruba de mata, eles fizeram a luz e o ramal muito estreito. É só aquele abaloadozinho. Então, quando chove, escorregou já ficou. Se o pau está caído em cima do fio de luz não querem que corte, porque eles não querem que cortem árvores. Cai, e além de quebrar o fio de luz, ainda fica intransitável o caminho. Aí a gente não sabe nem como fazer.

Lá na nossa outra Associação, que era a da Tuncunduba, onde eu morei antes de vir par cá, começou assim, mas juntamos umas quatro, cinco Associações e falamos: “nos não vamos aceitar isso aqui não”. Se multar, multam a Associação. Então, quando caia um pau em cima da luz, era preciso juntar pessoas de umas duas Comunidades, com serras, com foice, com terçado, e a gente limpava tudo. Aqueles paus que vinham para cima a gente derrubava tudo. Hoje, eles têm uma luz quase todo dia, pois já tiraram os paus. É a luta da Associação, né? A gente não vai ficar sem luz por causa de um pau que está caído, entendeu? Aí a gente tirava. Mas aqui, o pessoal tem medo, se hora dessas dá um ventinho e cai um pau, são três ou quatro dias sem luz. Não tem a manutenção do pessoal da Eletroacre e, desse jeito, a geladeira da gente muitas vezes chega a feder. Ontem mesmo ligaram a luz depois de ficar um tempo apagada. Mas umas dez horas não tinha mais luz. Amanheceu o dia sem luz, e até agora não ligaram ainda. Está sem luz é assim.

Tem o nosso amigo Nilson alí que é quase o Presidente da Associação, pois é a mulher dele que é a Presidente. Ele está por ali e por acolá, aqui e acolá ele luta. Outro dia, ele disse para mim: “Zezinho, eu acho que eu vou mandar desligar. Eu vou comprar um motor de luz, porque não tem jeito a gente passar até 15 dias sem luz”. Eu disse: mas você pode reclamar, pois você é quase o Presidente. Ele trabalha para o governo, eu acho que ele é um funcionário deles para olhar essas matas. Não sei se ele recebe um salário ou é um dos incluídos nessas coisas. Deve receber um salário do governo para ficar vigiando.

Perguntado sobre o que produz para vender, respondeu:

Minha renda é todo da propriedade, mas tenho o caminhão que eu faço uma linhazinha (frete). Eu subo duas vezes por semana e trago as pessoas, minha renda é essa daí. Tenho meu bananal. Vocês passaram por ele ali. O Nilson vem com esse pessoal de fora e fala: “olha aqui o trabalho do meu amigo, esse aqui é o pão dele de cada dia, olha aqui como é que ele planta, olha as bananeiras”. Eles filmam, vão lá por dentro, e depois vão embora. É que é difícil eles verem um bananal de mil e poucos hectares de banana.

Eu vendo para eles aqui, de vez em quando. Vendo para Eptaciolândia, para a pousada. Eles vêm aqui atrás de comprar. O pessoal da pousada compram mamão, banana, galinha. As pessoas de Xapuri sabem que a gente tem umas coisinhas aqui. Eles compram. E assim vai, né?

O que fazem quando uma pessoa adoece na Colocação?

Quando alguém adoece aqui é preciso levar para a cidade. Temos um agente de saúde, mas só visita e olha, algumas vezes passa umas coisinhas bestas. Então, temos que procurar a cidade de Xapuri, ou de Eptaciolândia. A gente parte para lá porque não tem posto

de saúde. Lá para a estrada velha já tem posto de saúde, mas aqui ainda não veio nenhum. Se existe está abafado por aí.

Aqui nos temos carros de linha, passa por aqui uns 4 a 5 carros, 3 a 4 vezes por semana, cada um. Um dia para a colocação Chora Menino, outro dia para a colocação Esperaí, outro dia para o Rio Chipamanu, outro dia para o São Miguel, e outro dia para o Equador, não falta transporte. Mas quando está quebrado, fica todo mundo na mão. Não sai ninguém, principalmente no inverno, pois não tem condições de rodar carro. É difícil no inverno, o carro só vem até o Centrinho, e volta. Mas melhorou comparado com o que tinha antes, agora a gente tem de 3 a 4 vezes carro do governo aí, mas eu gosto de andar com o meu.

Umas duas vezes me chamaram. O carro do governo cobra R\$ 5,00, no meu particular eu cobro R\$ 10,00. Eles acham caro. Mas quando eles estão na pior, eles correm atrás de mim para pedir socorro. Aí eu vou, né? Uma coisa que é do governo é diferente de particular, não é? É dessa forma aí.

Qual sua religião?

Sobre esse negócio de religião eu digo que aqui tem uma Igreja Católica e tem também uma evangélica, a Deus é Amor, para esse lado (apontou a direção). Existe outra que é na entrada da colocação Esperaí. Em todo canto tem igrejas aqui. Alí no Miguel existe uma católica, sempre eles dão uma rezadinha. Para cá tem a Deus é Amor, no Esperaí tem outra, na entrada do Chora Menino tem outra, lá no seu Ronaldo existe um cidadão que tem uma igreja grande, bonita, tem culto quase todo sábado. Alí, mais lá na frente, tem outra. Quando eles não estão aqui estão lá, sempre estão falando da palavra de Deus aí pro pessoal. Para quem quer ouvir, né?

Eu frequento alguma vez. A minha mulher é crente e, aqui e acolá, ela vai. Mas é difícil eu ir. Eu mando ela ir e fico em casa. Mas, algumas vezes, eu vou. Essa menina aqui (aponta para a filha) trabalhava lá para o rumo do São João do Guarani, era professora lá, mais largou. É muito difícil para lá, ela achou muito ruim a profissão. Ela está fazendo uma faculdade. Lá tem que atravessar o rio e ir caminhando, ou de moto. Era muito difícil lá, ela foi deixando (pausa). Largou de estudar.

Tenho três filhos, e esse rapaz aqui é meu neto que eu crio. Aqui em casa tem dois netos, três netos ficam comigo direto. Quando é final de semana estão todos aqui, é seis no total.

Aqui só mora nós três: eu, a minha esposa, e esse neto (apontou). Algumas vezes eu chamo um seringueiro para cortar (como não pode trabalhar no pesado, o senhor José Eduino contrata um seringueiro para cortar suas estradas de seringa). Agora, esse ano, ele ainda não veio. Mas vamos fazer uma retirada e começar este mês. A gente vende o leite para aquela usina de Xapuri, a NATEX.

A usina faz camisinhas em Xapuri. Eles vêm pegar o leite aqui, toda quinzena. Ano passado (2011) nos entregamos o leite. Nesse ano, começa agora nesse mês. Entretanto, ainda não passei nem um terçado na estrada de seringa. O seringueiro ainda nem chegou. A castanha tem um bocado por aí, outro bocado já foi. Já pagaram uns bocados, estão para pagar outros.

É a castanha que ajuda muito o pessoal por aqui. Depois da castanha é a seringa, e nesse espaço da castanha e da seringa existe o projeto de manejo de madeira que eles vendem aí. Sempre é 10 hectares no projeto de manejo, cada ano. Significa uma faixa de R\$ 7.000,00. Existe um deles que alcança R\$ 10.000,00, dependendo da madeira que tem naquele período que foi medido, nos 10 hectares. Parece que de cada oito, se tira dois. Se for oito árvore de cumaru eles levam dois. Se for oito árvore de abiu, eles levam dois, e assim vai, mas sempre eles tiram seis, sete, oito mil reais, todo ano.

Só que eu acho muito barato R\$ 60,00 o metro cúbico. Hoje mesmo tem uma reunião, meu caminhão levou todo mundo para lá. Eles andaram picando, esquadrejando o lugar onde vão retirar a madeira. Já picaram um bocado, e hoje pediram uma reunião para explicar alguma tática, uma informação sobre a forma que irão trabalhar para retirar as madeiras.

Esse ano eles não tiveram problema não. Teve um atraso de 30 a 60 dias no pagamento. O pessoal ficou batalhando para receber o dinheiro. Chega hoje, chega amanhã, esperando para vê se o dinheiro entrava na conta. Só sei que 15 de janeiro me chamaram para levar eles para receber essa conta por lá. Eu sei que eles voltaram bem pelo dia 25, passaram de 15 a 20 dias em Xapuri, mas só voltaram quando trouxeram o dinheiro. Aí pagaram todos, estava todo mundo satisfeito.

Esse ano já começou de novo. No Xapuri era quebra jejum, era merenda, era almoço, era não sei o quê, o dia todo de palestras entre eles lá, para discutir o manejo desse ano. Daqui a pouco eles voltam da reunião. Cinco horas da tarde eles voltam com o carro, deixando o povo. Eu não quis ir não, porque eu não conheço nem o mato direito. Eu ainda não andei por aqui. Só andei uma ponta do mato. Estou só com dois anos aqui.

O morador daqui era o Demétrio, ele tinha aí um projeto de manejo, mas andou queimando um mato por aí e suspenderam ele do manejo. Já vieram aqui e já conversaram comigo, mas eu disse que não vou mexer não, pois dá problema para a seringa, derrubam muitas castanheiras, vira tudo esperaizal. E, por enquanto, eu não vou mexer não, depois que eu andar no chão direito e conhecer os extremos bem, aí eu até posso vender essa madeira, pois de qualquer maneira nós não podemos serrar para levar para outro canto, até para beneficiar para a própria pessoa, até para fazer uma casa existe problema.

Eu tive conversando com o rapaz do INCRA quando eu entrei aqui e ele disse assim: “olha, seu Zé, o senhor pode tirar para fazer uma casinha para o senhor na cidade, para uma filha sua, uma coisa assim. Mas sempre terá que ter uma pessoa para acompanhar. Muitas pessoas de fora pediram para fazer a casa, mas vendem para outro. Isso não pode. Na própria hora que o senhor quiser tirar madeira para fazer a sua casa, ou da sua filha, o senhor não deixa de passar aqui para consultar Nós conseguimos uma licençazinha para o senhor tirar com seu trabalho”. Eu disse: está tudo bem. Porque esse ano, no final do ano, eu vou tirar uma madeirinha para tentar fazer uma casa lá na cidade.

Mas pode se beneficiar do patoá, do açaí, da castanha, da seringa. Nessa colocação tem 500 hectares, existem cinco estradas de seringas que o rapaz me passou, e tem essa aberturazinha aqui de campo para o meu gado, que é pouquinho. Só 50, 60, 70 cabeças para ficar batalhando devagar.

Já fiz um sítio aqui perto de casa onde não tinha nada, agora está cheio de coisas. Os cabras chegam, olham, se admiram. Esse pessoal que não gosta muito de plantar. Então, a gente vai levando devagar, vai passando enquanto as coisas melhoram. Os meninos estão estudando e eu estou trabalhando pouco.

Disseram pra mim que eu tinha que fazer umas consultas e entregar um atestado, que era para se aposentar, porque eu fiquei deficiente dessa perna que ficou dormente, com esse braço, devido o derrame e minha pressão. É o colesterol, a diabetes. Faz muito tempo que eu vivo assim, só me tratando. O que a gente ganha é dividido com os médicos, sempre tenho que esta lá, dando assistência.

Eu pergunto: e essa dormência? Eles dizem: “seu Zé, essa doença vai passar, mas por algum tempo o senhor não pode comer salgado, não pode tomar refrigerante”. Um monte de coisa, uma dieta medonha. Galinha, só se for frango novo, mas não pode comer o couro. Não pode comer um monte de coisas. Eles dizem isso, e dizem que, com o tempo, eu vou recuperar, mas eu tenho o quê? Já tem mais de anos. Então eu estava sentindo a mão ruim, os dedos dormentes, coisinha miúda. Da forma que estou, para trabalhar é difícil, por qualquer

coisinha o braço adormece até aqui (mostra no braço). É aquela coceira no braço, aí eu volto para casa.

Eu vou para o roçado de manhazinha cedo, até onze horas eu aguento. De tardezinha só vou quatro, cinco horas, e só volto à noite. Não é possível ficar lá porque o sol me mata. Quando eu pego sol, Deus me livre. E a vida vai continuando: plantando, criando galinha, criando porco, criando uma coisinha aqui e outra ali, e a gente vai vendendo. Aqui não falta comprador, quando dou fé (percebe) chega um. Até banana, que em todo canto existe, de vez em quando chega um e fala: “seu Zé, eu quero um cacho de banana, eu quero dois cachos” É assim, direto. Outro fala: “Eu quero um jerimum”. Esse ano eu colhi muito jerimum. Plantei ali uns trinta pés e eu acho que eu colhi uns 300 ou 500 jerimuns. Ainda existe um monte no pau, tem no roçado, sempre tem fartura, Graças a Deus. A terra é boa aqui para gente trabalhar. Isso é a luta do dia a dia da gente, acostumado a viver neste trampo.

A vida do seringueiro é uma vida boa, só não corto mais seringa aqui por causa disto (da doença). Mas toda vida eu gostei de cortar. Acordava cinco horas da manhã para cortar, só chegava em casa duas horas, três horas da tarde. Voltava para casa, pois naquela época você cortava e tinha que defumar, antes, tinha que tirar cavaca para fazer aquelas pélas de borrachas. Hoje está tudo modificado. Aqui eu entrego o leite. É só ir com o terçado, cortar leite e botar dentro do balde. Eles vêm buscar (NATEX).

Cortei uma faixa de 12, 15 anos. Eu cortei seringa na Bolívia, no Brasil, em todo canto, às vezes eu digo até brincando para muita gente que diz que é soldado da borracha, porque tem soldado da borracha aqui que nunca nem riscou uma madeira. Se perguntar como é que risca, como é que divide uma madeira, eles não sabem. Eu cortei 15 anos, quase 20 anos de seringa e não sou soldado da borracha. Eu sou filho de um soldado da borracha, meu pai era soldado da borracha, então tem muitos que recebem a aposentadoria de soldado da borracha e nunca cortaram uma madeira. Se perguntados como é que se corta, como é que dá um risco, eles não sabem.

E hoje nós temos dificuldade na seringa, porque as pessoas antigas, mais velhas, que eram acostumados com a seringa, as que cortavam, ninguém aguenta mais cortar. Estão todos velhinhos, já cansados, e os meninos novos de hoje não querem mais saber disto. É difícil, é muito difícil alguém querer cortar uma seringa. Os mais jovens não tem garra para a seringa. Muitos deles não sabem nem como é. Hoje você tem uma estrada de seringa ali, mas quando você acha uma pessoa pra cortar é um velho que nem eu, que está já cansado. É difícil um menino novo interessado para cortar seringa, principalmente hoje que as pessoas estudam.

É o que eu sempre digo para o menino mais novo daqui. Meu neto, aqui e acolá diz: “vô arruma um terçado para mim cortar seringa”. Eu falo: menino teu trabalho não é esse, sair de manhã e só chegar de tarde, tem que estudar. O futuro dos meninos hoje, das crianças, é estudar. Não é que nem nós, que naquela época não estudava. É difícil encontrar uma pessoa que estudou até o quarto ano hoje, pessoa daquela época. Mas eles chegam no mato e sabem como é que cortar a seringueira. Naquela época o pai ensinava a cortar seringa, matar um veado, limpar um roçado. Agora, na nossa época, é até proibido por Lei botar uma criança para trabalhar. Naquele tempo, eu com 7, 8 anos acompanhava meu pai para todo canto, para o roçado, para cortar seringa, o que fosse. Hoje, se tu pegar um menino teu, com 8 anos 10 anos e botar ele pra trabalhar é proibido.

Então, as coisas favorecem por umas partes e arruína por outras, não é? Por isso, muitas vezes eu digo para o pessoal: aquela vida de antigamente tinha dificuldades, mas era melhor do que a de hoje. É que nem essa proposta que eu disse para vocês, que o seringueiro cortava o ano todinho, quebrava castanha, e tinha que prestar conta para o patrão. Ele, o patrão, fornecia a você do açúcar ao querosene, fornecia tudo. No final do ano, o patrão ia manejar aquilo (contabilizar), ou seja, o que você entregou e o que você levou, e, no final,

você tinha que verificar se estava devendo. Se estivesse devendo ficava para o outro ano, e se tinha saldo, muitas vezes, o patrão pagava.

Hoje é diferente, você vende isso e aquilo outro, mais só perante o produto. O governo lutou muito para acabar com os atravessadores, mais ficou pior do que era antes. Hoje, você vai fazer um custeio, quem nem eu fui fazer o ano passado, um custeio para a mandioca, aí eles dizem para todo mundo que para os agricultores teria facilidades. Mas eu fui dez vezes. Chegando lá me perguntaram: “você tem conta no banco?” Tenho. “O senhor deve ao banco?” Não. “O que o senhor tem na sua propriedade?” Eu fiz um levantamento com a SEAPROF e levei para o banco. Assinei mais de 30 folhas e eles dizem: “agora o senhor traz um avalista”. Aí eu fui atrás do avalista, cheguei lá com o avalista e me informaram: “rapaz, por incrível que pareça, deu um problema no caixa, lá no centro de Xapuri, o gerente teve que ir, então nós não podemos atender hoje. Teve um problema lá, o senhor volta segunda-feira.”

Segunda-feira eu fui e levei o avalista de novo. Cheguei lá, puxaram no sistema e esperei até tarde, e nada. Fui embora.

Mas é desse jeito, você perde viagem, você reclama muito, e tem lá um atendimento muito ruim, principalmente para o agricultor. O senhor acha que quem mora num lugar que nem esse aqui nosso vai levar um avalista dez vezes lá na rua? Pagar o dia dele e a passagem? No final, não dá para pagar nem o avalista. Se o cara não for seu amigo, que vai numa boa lá com você, você até avalia, mas tem que pagar o dinheiro que perdeu. É dessa forma o atendimento que nós temos aqui.

Você vai para um banco e não é bem atendido. Você fica de manhã até meio dia no banco. O prazo é de 40 minutos até uma hora. Para a gente ficar no banco esperando. Que nem esses em Brasília, em Eptaciolândia. Todos são desse jeito. Tem dia que você nem é atendido. Esses dias mesmo foi uma velhinha de não sei quantos anos, de 80, 90 anos. Botaram na fila e não atenderam. Deu umas horas ela desmaiou, caiu, e morreu. Estava um comentário danado em Eptaciolândia. Não é uma falta de respeito com as pessoas idosas?

Se o senhor é um velhinho, tem de ter prioridade. Aí a gente vive sofrendo com esse tipo de coisa, além de sofrer com a nossa rodagem (ramal/estrada) que não é própria pra gente andar no inverno. A gente anda por dentro das valas, dentro dos buracos, esse caminhão meu já dormiu vários meses aqui, estacionando dentro das valas, não tem trator para puxar. Aí, quando você chega num ambiente para ser atendido, você não é atendido. Pula dentro do carro, empurra, aquele rolo medonho, para ver se chega, porque nós não temos prioridade, uma melhoria de estrada.

Muitas vezes eu tenho reclamado para um monte de gente desse projeto de manejo do Governo, podiam considerar mais o agricultor, o colono que vive no mato. Que num época dessas eles estão metendo carreta, caminhão e trator puxando madeira, arrastando no meio da estrada e fazendo vala. Não ajeita, só esculhamba. Eu falei com o presidente da Associação, o Nilson, disse que tem que parar e só trabalhar no verão, já que nossa estrada não presta. Como é que o Governo mete um pessoal para puxar madeira no inverno. Vêm cinco, seis carretas, e quando cai um sereno se engancham, ficam tudinho aqui paradas.

Mas quando enxuga um pouquinho eles vão rasgando a estrada e vão embora, e quem sofre é nós, que estamos dentro da zona rural, na produção. Eles tiram a madeira vão embora e aí acabou o ramal. Aí eu disse para o presidente aqui que é para nós todos se reunir para chamar o INCRA, chamar alguém responsável para quando chegar o inverno interromper esse projeto de manejo. O manejo é para ser manejado no verão. E mesmo que eles manejem a madeira, é necessário recuperar o ramal. Pois quem vai ficar aqui dentro somos nós.

Aí eles levam a madeira e nos ficamos sofrendo o ano todinho dentro dos buracos. As máquinas é deles, quando saem, vai tudo embora. Se cair no buraco, fica aí dois três dias abandonado, se você não quiser pagar um particular para vir desatolar. É a maior dificuldade que nós temos aqui. É isso o que eu tenho a dizer para você.

MARLENE TEIXEIRA DE OLIVEIRA

Relato concedido em 26/05/2012 no PAE Cachoeira, colocação Boa vista, Município de Xapuri/AC. Idade no momento da entrevista: 58 anos.

O meu nome é Marlene Teixeira de Oliveira. Era Mendes, mas quando casei retiraram o Mendes e ficou o Oliveira. A vida de hoje é muito importante, eu acho. Pois na minha época não tinha escola e hoje meus filhos todos sabem ler e escrever. Antigamente, quem cortava seringa não conhecia escola, nem nada. Hoje, meus filhos, Graças a Deus, todos aprenderam. Na região do Cachoeira todos aprenderam. Tem esse (apontou para o filho) que é o caçula, e que tem 21 anos. Ele já fez o segundo grau, Graças a Deus. Então, eu acho que melhorou muito da nossa época para cá.

Nosso dia a dia aqui é quebrando castanha e cortando seringa. O meu esposo não corta mais seringa, pois já tem 70 anos. Mas meus filhos cortam. Meu esposo, mesmo com a idade que possui, ainda quebra castanha. A gente vive da castanha e da borracha, e de algumas coisas que nós plantamos. Mandioca, um milho, que a gente planta para criar uma galinha, para ofertar para um amigo quando chega, como você (risos).

Eu acho que melhorou muito nossa vida aqui. Eu cheguei aqui no Cachoeira com 13 anos e, desde essa época para cá, eu já vi muita mudança, muita mesmo. A gente aqui hoje já tem um pouco para se divertir. Tem trabalho, tem a pousada (referia-se a uma pousada construída pelo Governo do Estado – “Pousada Cachoeira”) onde minha nora trabalha e tem o ganhozinho dela. Eu acho que melhorou bastante, em comparação ao que a gente vivia antes.

Agora, a gente já pode ter também uma criaçãozinha de gado. Não muita, pois não pode fazer exploração. Mas pelo menos 20 cabeças de gado a gente pode criar. Eu, quando cheguei aqui na colocação Boavista, há 10 anos, não tinha uma fruteira. Hoje eu já tenho, Graças a Deus. Tenho bastante laranja, tangerina, banana e várias frutas. Tudo plantado depois que cheguei aqui. Não tinha nada aqui, só capoeira. Não tinha abertura de nada. Fizemos uma abertura para fazer nosso roçadinho, para plantar nosso alimento, plantar as fruteiras, nossa criaçãozinha. Então, eu acho que melhorou muito daí em diante.

Perguntada como fazem para se divertir, respondeu:

Hoje a gente tem as festinhas da escola, onde a gente se diverte assistindo as quadrilhas dos alunos. É muito divertido. De 15 em 15 dias a gente tem o evangelho no domingo, onde a gente se reúne e se diverte, e também troca ideias. Eu acho isso muito importante.

Perguntada sobre o que produzem, respondeu:

A gente vive de criação. Todos os anos a gente mata um boi para tirar a castanha (precisa de dinheiro para o investimento inicial), porque a caça já está difícil. Fugiu muito já, porque teve muita exploração ao redor do Cachoeira. As caças saíram muito da área. Mas a gente cria. Cria uma galinha, cria um pato, e compra carne de boi dos amigos. Aqui no seringal todo mundo cria um pouco. Assim a gente vive. Fora disso, a gente toma patuá, toma açaí. Agora tem bastante fruta, que eu faço suco. É que chegou a energia (elétrica) em nossa casa, aí eu tomo um suco gelado. Já posso conservar a carne, sem salgar. Aqui e acolá os meninos matam uma paca. Isso já tem muita importância. Já tem uma televisãozinha em casa. Antes a gente não conhecia isso. Por isso que eu digo que melhorou muito.

Indagada se utiliza medicamentos da floresta, respondeu:

As árvores para a gente fazer remédio são várias. Eu tenho pariri plantado, eu tenho a amora, a mangueira, o abacaxi, tudo serve de remédio. A gente faz muito remédio com as plantações da mata. Tudo isso a gente não conhecia e aprendeu. Tudo isso é muito importante hoje. Eu vivo aqui com os filhos, todos moram aqui perto de mim. Todos os três. Os casados moram perto. Um alí naquela casinha que o senhor passou. Outro alí na frente. O solteiro mora com a gente. Terminou o estudo dele agora, ficou parado sem estudar porque nós não deixamos ele ir para a cidade, pois ele faz muita falta para nós fora de casa. Está trabalhando alí na madeira certificada e ganha um dinheirinho que ajuda. É importante, eu acho. Eu também tenho uma hortazinha, onde planto uma cebola, um couve, umas verdurinhas para a gente ir se alimentando, para a gente ir misturando aos alimentos.

Perguntada sobre sua religião, respondeu:

Eu sou católica e frequento o evangelho alí na colocação Fazendinha. Mas aqui tem muita igreja evangélica. Aqui tem a Assembleia de Deus e lá na colocação Altamira tem a igreja Deus é Amor. Isso tudo já foi coisa que aconteceu depois que cheguei aqui no Cachoeira. Por isso que eu digo que hoje é tudo mais importante. A vida no seringal hoje é muito importante porque antes, o seringueiro não conhecia nada. Hoje, Graças a Deus, conhecemos muita coisa.

Eu lembro no tempo do seu Leônidas aqui no Cachoeira, a gente era tudo moçotinha quando ele morou no Cachoeira. Daí para cá, modificou muito (Leônidas Magalhães Ribeiro foi gerente do seringal Cachoeira nos anos de 70 e 80). Passou do patrão para o seringueiro mesmo tomar de conta do seu lugar. É muito melhor, pois cada qual pode seguir o que quer. Uns cortam seringa, outros castanha, outros trabalham de empeleita (vendem sua força de trabalho para fazer um serviço previamente combinado) e assim convivem. Hoje mesmo tá tendo uma festinha alí no Equador. Perto da Fazendinha. Tudo aqui é emendado (ligado). Tomo mundo tá indo para essa festa lá. É aniversário de uma senhora, esposa do Lourenço.

Sempre tem uma festinha. As diversões são animadas. Meu cunhado fez um aniversário um dia desses no lugar dele, no Porto Alegre, última colocação dessa linha. Ele fez um aniversário e a inauguração de uma casa nova. Foi bastante animado. Eu não fui, pois estou ruim das pernas, mas minhas irmãs todas foram. Dizem que foi bastante animado. Até uma irmã de Rio Branco foi para essa festinha. Foi ótimo mermo.

Aqui, sempre a gente tem as diversões. Tem os açudes. Os jovens gostam. Eu não, que na idade que já estou não procuro mais essas diversões, mas os jovens gostam. Tem os patinhos para pedalar alí no açude, que pagam para passear. Tem as trilhas, tem aquilo que eles fizeram agora. Como é o nome meu Deus? A tirolesa, isso, a tirolesa que construíram alí na pousada do Cachoeira. Isso tudo é diversão dos jovens.

Indagada sobre o que espera do futuro, respondeu:

Meu sonho no meu futuro é possuir um banheiro bom, porque eu ainda não tenho. E tinha muita vontade de uma açudezinho para eu pescar. Mas, por enquanto, não tive condições de pagar. Porque eu gosto muito de pescar. Eu gosto de peixe, eu sou mesmo chegada a um peixe. Porque aqui é meio difícil, os igarapés são distantes. E de anzol assim é muito difícil pegar. Mas a gente, aqui e alí, pega um peixinho para misturar no feijão e no arroz. Pois é (pausa longa), para mim, até agora, melhorou muito a nossa vida aqui. Graças a Deus.

Quando a luz chegou melhorou bastante aqui no seringal. O problema da energia no seringal é que sempre falta. Aqui e acolá cai um pau nos fios e a gente fica sem alumiar uns

três ou quatro dias. Mas logo volta. Pelo menos a gente não compra mais querosene. Estava muito caro, a gente estava comprando o litro de querosene por R\$ 7,00. E só um litro não dava para um mês. A gente cresceu em animação e em futuro de vida. A gente cresceu bastante. Eu acho que cresceu.

Perguntada se gosta de morar na floresta, respondeu:

Não penso em ir para a cidade. Até tenho casa lá. Mas não quero sair daqui. Nasci e me criei aqui no seringal e quero que meu filho aprenda estudando, mas conviva no seringal. Porque no seringal é o lugar que a gente convive sossegada. Mas acho que ele não quer. Aqui a gente convive sossegada. Quem mora lá na cidade gosta, mas eu não. Já morei lá um ano e sete meses e não consegui me acostumar. Pedi ao meu homem para voltar. Na cidade eu fico presa. Eu não gosto de festa, de diversão, essas coisas. E você sabe que, na cidade, quem não gosta de diversão fica preso. Não tem para onde sair. Aqui não, eu vou ao roçado, eu vou numa castanheira quebrar uma castanha, vou ao igarapé lavar uma roupa. A gente tem para onde sair. Na cidade a gente fica presa. Eu não me acostumo. Eu gosto mesmo é do seringal.

Minha mãe nunca morou na cidade, sempre morou aqui, e eu quero ficar perto da minha mãe. Era mora li na colocação Fazendinha. Sempre gostei de morar pertinho da minha mãe. Você passou lá? Minha mãe tem 86 anos. É a dona Cecília. Ela conhece tua mãe. Ela conheceu muito a Dona Raimunda, irmã de tua mãe. Era minha irmã Marly que cuidava daquele filho mais novo dela. Quando a Dona Raimunda adoeceu minha mãe sofreu muito. Elas se davam muito. Ela gostava muito do seu Leônidas. Era uma pessoa muito boa. Todos de minha família gostavam dele. Pois é, minha vida mesmo eu conto assim.

Toda vida vivemos da castanha e da borracha. Antes, quando a gente só tinha a castanha e a borracha, a gente passava umas crisezinhas. Mas hoje existe muito trabalho, cresceu muito em trabalho. Graças a Deus. Os meninos trabalham praquí e pracolá. Só sei que hoje em dia todo mundo convive do seu trabalho. Você mesmo diz que prefere vir para o interior, pois tem o silêncio, e é mais frio na floresta. Na cidade, vixe maria! É muito quente, eu não me acostumo. Não tem nem comparação. Essa casa aqui, coberta de brasilit, ainda é muito quente. Eu gostava mesmo era da casa de cavaco, de palha. Era friinha.

Foi meu marido que construiu essa casa. Agora, a gente está querendo mudar ela alí para cima. A chuva cavou muito. As biqueiras estão quase descobrindo os barrote. Estou tentando juntar um dinheirinho para fazer o banheiro. A gente quando fica velho precisa de um lugar para ter mais repouso. Porque a gente não aguenta mais.

Eu já tenho 58 anos e sofro de coluna, de febre reumática. Aí eu já não aguento mais trabalhar, como antigamente quando eu pegava igual a ele (apontou para o marido). É por isso que meu sonho é ter mais um conforto para o final da minha vida.

Quais as doenças que mais atacam as pessoas aqui?

Devido a nossa luta com muito peso, a gente tem muito problema de coluna. Mas aqui a doença que mais acontece é a gripe. Uma gripe forte que Deus me livre. Tinha muita malária aqui também. Na colocação Fazendinha a gente não podia dormir. Pegava uma malária horrível. Agora, Graças a Deus, tem desaparecido. Eles fizeram o tratamento (referia-se a FUNASA). O governo passou os cortinados envenenados, aí melhorou. A gente molha ele de três em três meses.

Eu sofri muito de malária. Na época do Governador Jorge Viana ele se preocupava muito com a gente, aí mandou esses cortinados envenenados. Agora dizem que está dando uma febre tifa. Está atacando muito. Graças a Deus, aqui ninguém nunca sofreu. Mas tem uns

velhinhos que pegaram. Tem um ali na casa da minha cunhada que está ruim. Tem um que quase morre. Por enquanto, o que estou lembrada foi isso mesmo.

LUIZ TARGINO DE OLIVEIRA

Relato concedido em 07/10/2011, na residência do colaborador em Xapuri/AC. Possuía 78 anos no momento da entrevista.

Bem, é o seguinte: o meu nome é Luiz Targino de Oliveira, sou nordestino e nasci no Ceará no lugar que, anos atrás, se chamava Guarani. Depois, passou a ser chamado de Pacajús. O nome do meu pai era Manoel Carolino de Oliveira e o da minha mãe Maria Targino de Castro. O meu pai morreu e eu fiquei com seis anos de idade, o menor de dez irmãos vivos, com a minha mãe.

A nossa convivência no Ceará era trabalhar, naqueles senhores que tinham plantios de algodão, de carnaúba. Trabalhávamos no alugado. Para sobreviver, para tirar o sustento da minha mãe dos meus irmãos. Meus irmãos foram casando. O mais velho casou em 1953, no fim de 53. Tinha um tio meu por nome de Chaga Miguel que veio para o Amazonas umas três ou quatro vezes. Trabalhava, ganhava dinheiro, e voltava para o Ceará.

No fim do ano de 1953 ele veio para o Acre e eu vim junto. Ele era meu tio, era casado com a minha tia. Eu tinha 19 anos de idade. Vim direto em um navio que navegava no oceano, no mar. Um navio de nome Cuiabá. Vim até Belém do Pará. Quando chegamos em Belém nos hospedamos na hospedaria do governo. Para esperar outro navio para o Acre. Com doze dias na hospedaria Tapanã chegou o navio de nome Jacinele. Embarcamos para o Acre. Navegamos nesse navio até o Município de Boca do Acre/AM.

Na entrada do ano de 1954 passamos em Boca do Acre. O navio estava enfeitado de bandeiras para a entrada do ano. No primeiro dia do ano de 1954 saímos de Boca do Acre numa lancha por nome de Evandro Chagas. Até o seringal Iracema. Quando chegamos no seringal, na rampa do Iracema, saímos da lancha para a terra. Fomos verificar se ficaríamos no seringal São Francisco do Iracema. Lá ficaram três pessoas, que vinham conosco. Ficaram duas primas minhas e um primo meu. Ficou também um rapaz casado, por nome de João Aliseu, que era casado com a prima minha. O tio Chagas Miguel também ficou.

Eu e meu tio fomos para Xapuri. Do Iracema para cá (Xapuri). Navegamos em outra chata de nome Itacoatiara. No dia 9 de Janeiro de 1954 chegamos a Xapuri. Eu desembarquei na frente do hospital. Nessa época, na beira do rio só existia o palanque (antigo porto de Xapuri - até hoje existe uma pequena edificação) e uma casa aonde hoje é loja do doutor Marco Leite. Quem morava lá era o Senhor Dima, padastro do seu Guilherme Ferreira, pai do Zé Bobó. Seu Guilherme trabalhava com o Senhor Guilherme Zaire.

De Xapuri fui trabalhar na Bolívia, no seringal Pavilhão. O patrão de lá era o seu Soares, pai do Mario Soares. O Mario Soares era pai do Mirco Soares. Fomos trabalhar em uma colocação por nome 04 de Outubro. Naquela época a gente começava a roçar as estradas de seringa em janeiro para fevereiro. Pelo dia 1º de Abril, por aí, a gente começava a cortar. Naquela época o patrão aviava. O seu Adão, que era o dono do seringal Porvi, aviava o seringal Pavilhão e o seringal São João do Caramano. A gente começava a corta pelo dia 1º de abril e a primeira pesada de borracha era no fim de julho. O patrão aviava a gente para passar seis meses, sem ser preciso comprar nada no barracão. Ele aviava de caixa de sabão, de saco de açúcar, de saco de sal, de caixa de óleo. Naquele tempo não era óleo não. Era banha de porco. Tudo que a pessoa precisava era aviado.

Em agosto, no fim de agosto, o seringueiro já estava muitas vezes sem trabalhar numa colocação que dava muito leite. Tinha seringueiro com vinte pélas de borracha. Ele fazia a primeira pesada e liquidava a dívida que tinha, e que estava anotada na conta corrente. A conta corrente dizia quantos quilos de borracha o seringueiro tinha pesado e quanto era que o seringueiro estava devendo. Se o seringueiro tirasse o saldo, ele pagava o que devia. Naquela época um quilo de borracha custava quinze mil réis. Todo seringueiro trabalhava e tinha produção. A gente recebia, e vinha para Xapuri. Podia sair da mata para os festejos de São Sebastião, no vinte de janeiro.

Do hospital até chegar onde é a loja Marco Leite, no leito do rio, era um par só de borracha. Dava para a pessoa contar de vinte, trinta mil pélas de borracha, tudo sequinha, rachada. A borracha baixava numa balsa. Produzida pelos seringueiros lá do São Pedro, do Apodi (silêncio longo), por esse meio de mundo. A borracha vinha por água enfiada numa corda, e a corda era enfiada no buraco da borracha onde se colocava cem, duzentas pélas de borracha, tudo amarrado. E o cara vinha em cima (silêncio). Era uma balsa feita de borracha. O seringueiro naquela época tinha fartura, tinha muita caça.

A gente tinha muita queixada, tinha todo tipo de planta, tinha porquinho do mato, tinha veado, tinha fartura, tinha de um tudo. Tinha fartura e o seringueiro produzia. Tinha seringueiro que fazia até três mil quilos de borracha. Essa era a convivência do seringueiro. E hoje? Hoje nem seringueiro cortando tem mais. Só querem dizer que as coisas mudaram e que hoje está tudo mais fácil. Que mudou a gente sabe que mudou, pois a população aumentou, né? Em toda a cidade onde a população aumenta as coisas mudam. A cidade vai aumentando, novas casas são construídas. Mas eu tenho que dizer que Xapuri é (silenciou sem completar a frase).

Eu estou com 59 anos de Acre meu filho, eu cheguei com 19 anos de idade e já estou com 78 anos. Não acredito que mudou nada de bom para o trabalhador, como era antes. Porque hoje, essa política que está aí, quem é empregado do governo, funcionário do governo, quem é político diz: hoje as coisas desenvolveram. Eles dizem assim: “você vai num seringal, tem seringueiro que possui carro, tem seringueiro que possui moto, tem seringueiro” (silêncio).

Mas o que eu vejo muito é gente morrendo de acidente, por causa de moto. Eu conheci muito rapazinho aqui (silêncio). Aliás, um filho meu morreu de um acidente muito triste, por causa de moto. Hoje, não tem mais um patrão para vender nada fiado para ninguém, e nem mandar deixar mercadoria na porta do seringueiro. E nem mandar buscar borracha, ou segurar ele com a mercadoria.

Eu me casei com 25 anos de idade, construí nove filhos, eduquei meus filhos. Eu tenho cinco filhos formados: o Manoel, meu filho, é formado é toca a fábrica que beneficia a castanha em Brasiléia. Toca aquele armazém perto do parque Chico Mendes. Toca a fábrica daqui. Toca a fábrica de camisinha. Na fábrica de camisinha ele é o responsável. Ele trabalha numa empresa muito forte, né? E toca uma fábrica de popas de fruta lá na Via Verde, em Rio Branco.

E o mais novo da turma, ele é formado, ele é formado em Contabilidade. E é formado em Economia também. E tem o outro, encostado dele, o mais velho, o João, ele tem três formaturas, e é professor de História. Ele é formado em Educação. Dar aulas pela Prefeitura de Rio Branco. Possui dois empregos do Estado. Ele estudou quatro anos para padre, já ia receber a batina, mas desistiu. Foi quando o Gilson Pescador, que também era padre, aventurou-se de casar com a filha do finado Tico, a Mira. O compadre Izaias também era padre aqui. Desistiu, casou-se também. Ele ainda não tinha sido ordenado de tudo, não quis mais ser padre. Hoje ele mora em Rio Branco e é casado. Ele tem três empregos, ele tem dois empregos do Estado e um da Prefeitura. Essa casa aqui é dele, foi ele quem construiu, e eu vivo aqui sozinho. Meus filhos todos se casaram. Debandaram todos.

O Tião, esse filho que morreu de acidente, era professor. Ele estava fazendo o curso em Brasília e quando terminou o curso lá veio para Xapuri. Quando chegou ali na Fazenda Filipinas um caminhão furgão, que carregava água, pegou ele. Já faz cerca de cinco anos que ele se foi, que faleceu. E eu vivo aqui como aposentado de soldado da borracha morando sozinho.

Acompanhei toda a luta do Chico Mendes no Sindicato. O Chico Mendes ainda vivia na mata trabalhando quando foi criado o Sindicato de Brasília. Em 1973 eu já era sindicalista e ajudei fundar o Sindicato de Brasília. Eu já era sindicalista naquele tempo. Em 1977 foi criado o Sindicato de Xapuri. Veio o Doutor João Maia, de Brasília. Ele já era um doutor, um Engenheiro Florestal, e foi ele que veio fundar o Sindicato de Xapuri. E eu fui fundador do Sindicato também. Acompanhei as lutas, os empates, fui preso junto com Chico Mendes. Hoje o Chico Mendes foi assassinado. Hoje a gente vê a história de Xapuri e tudo se deve a luta dele. Antes dele, não tinha isso.

Hoje você vê a fábrica, isso e aquilo em nome do Chico. Mas existe muita coisa aí que eles fizeram em nome do Chico Mendes e não durou três anos. Faliu, acabou-se, está fechado. Construíram uma fábrica aqui para beneficiar borracha, antes de quatro anos fechou. Já está com cinco anos fechada, acabou. Teve um negócio de uma movelaria aí, para fazer móveis. De uns italianos. Também se acabou. Criaram uma lavanderia comunitária também, falaram que era para reduzir a pobreza da cidade. Nunca funcionou. A história que eu conto é essa. Aqui de Xapuri.

Xapuri se desenvolveu, mas não foi só Xapuri não. Foi o Acre todo. Tem muito prédio aí que foi feito por meio da comunidade. E a Associação dizendo que era para beneficiar o colono, o seringueiro, mas beneficiou meia dúzia. E hoje não tem nada.

Hoje, o que acontece no seringal? Pelo menos lá pelos lados do Cachoeira, Equador, Nova Esperança, não tem mais seringueiro. As colocações foram retalhadas. Colocação que era de um dono só, hoje tem cinco, seis moradores vivendo. Não cortam seringa, pois não tem mais seringa para cortar, já é tudo colônia. Outras viraram fazenda, tirou tudo né?

Ainda ontem tinha seringal intacto, mas aqui para o outro lado do rio, para o lado da Barra, lado de Iracema. Isso porque os fazendeiros não chegaram a derrubar. Mais o senhor pode observar que de Rio Branco até a Assis Brasil, no beijo (nas margens) da estrada destruíram tudo. E hoje, a gente chega aqui em Xapuri, uma cidade dessas que tem muita casa, prédio novo de alvenaria, mais quem está construindo são os próprios moradores. Hoje tem várias casas, prédios bonitos construídos. Mas não é coisa do governo, e o pessoal mesmo que está construindo.

Em Xapuri não tem mais aquela tradição de 20 de Janeiro (festa de São Sebastião). E quando é 20 de Janeiro não é mais como era. O 7 de Setembro aqui acabou (comemorações da semana da pátria). Pois antigamente, quando era no dia 7 de setembro, era animado mesmo, tinha toda formatura. Saía de frente da Prefeitura, hoje eles fazem em qualquer canto. Eu não vejo esse desenvolvimento, o que eu vejo é (silenciou).

Duas senhoras se aproximam vendendo banana.

Veja essas senhoras, elas moram no seringal. Mas coitadas delas. Elas demoram cinco, seis horas trazendo banana para vender. Chegam aqui e a banana chega toda relada, toda queimada. Pois vem batendo dentro do caminhão (referia-se a duas senhoras que chegaram ao local da entrevista oferecendo bananas para vender).

Não existe mais produção de borracha, e o que ainda funciona, onde existe colocação com castanheiras, é a castanha. Pois a castanha deu um bom dinheiro, a castanha chegou até R\$ 20,00 a lata esse ano (2012). Quem mora na colocação e não destruiu a mata, ainda, a castanha produz. Tem gente aí que ganhou dinheiro. Pois uma lata de castanha com R\$ 20,00

é dinheiro, qualquer homem novo que não seja preguiçoso, que tenha a coragem de trabalhar, consegue quebrar 15 latas de castanha por dia. A R\$ 20,00 a lata é dinheiro, né?

Mas eu não vejo diferença. Quem afirmar que hoje quem está lá na mata tá bem eu não concordo. Não é todo mundo que está bem não. Tem gente lá na mata, coitado, que se fizer uma péla de borracha e for pagar animal para trazer, quando chegar aqui na rua só o frete do animal, do carro, comeu o valor.

Aí vem a história do Chico Mendes. Que lutou no Sindicato, que brigou contra o latifúndio para que não houvesse destruição das matas. Com essa história, ele perdeu a vida. Aí hoje tudo que vem para o Acre é em nome do Chico Mendes. E tem um bocado de sugador do pobre do sangue de Chico Mendes. Porque eu só vejo melhorar a vida de meia dúzia, e a pobreza fica na mata. Hoje, o seringueiro que está lá na mata vive sem poder tirar madeira para vender. O seringueiro mesmo não pode colocar roçado grande, não pode criar mais que dez cabeças de gado, que é proibido. Eles dizem que temos que preservar a natureza. Agora eu pergunto: como é que querem preservar a natureza, pois de Rio Branco até perto da Vila (Município de Epitaciolândia) aqui de Brasília tudo é (silenciou sem completar a frase).

Aqui, na reserva Chico Mendes, o governo está vendendo a madeira toda para fora. É caminhão e mais caminhão carregando toras de madeira, para a Bolívia, ou aí para o rumo do sul. E o seringueiro não pode tirar nada, pois eles não querem que o seringueiro broque roçado grande. Não querem que o seringueiro queime roçado, queime campo. Querem que o seringueiro viva lá do extrativismo, só da borracha e da castanha. Mais cadê o incentivo para o seringueiro fazer isso? Pois antigamente (pausa), antigamente a borracha era 15 cruzeiros o quilo, 20 cruzeiros, e o seringueiro produzia. E hoje a borracha está de R\$ 3,40 o kg e ninguém corta, ninguém quer comprar.

Essa é a minha história e a avaliação que eu faço. E quem quiser dizer que hoje melhorou, comparado com antigamente, que diga. Eu num digo não.

ALUISIO TELES

Relato concedido em 23/06/2012 na colocação Maloca, seringal Floresta, Reserva Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. Idade do colaborador no momento da entrevista: 25 anos.

Meu nome é Aluísio Teles, tenho 25 anos, sou junto há dois anos, nasci e me criei aqui mesmo. A vida para sobreviver aqui é bem difícil. Porque trabalho muito. Levanto cinco horas da manhã para trabalhar. Nessa época (referia-se ao mês de junho) eu trabalho com seringa. Tenho três estradas de seringa. Levanto cedo e vou cortar a seringa nas estradas, depois volto para almoçar. Depois do almoço, volto de novo para as estradas para colher o látex (leite da seringa). Consigo fazer 20 litros por dia. Entrego para tudo para a fábrica de camisinhas de Xapuri (NATEX).

Também tenho um roçado aqui (local na mata onde o seringueiro desmata, queima e planta arroz, feijão, macaxeira e fruteiras). Está chegando agora época de feijão. Tenho que colher e bater o feijão. Depois, vendo um pouco e fico com outro. Mas a renda maior é com a seringa mesmo. Essas outras coisas de agricultura, como o arroz e a farinha, é muito pouco. É só para meu consumo. Eu aprendi a cortar seringa com meus tios, eu tinha 14 anos na época. De lá para cá, eu trabalho com seringa todos os anos. No inverno eu fico no roçado. Tem castanha também no inverno, mas é pouca.

Perguntado se gosta de morar na floresta, respondeu:

A maioria das coisas aqui não são boas, eu faço porque tenho que fazer mesmo. Mesmo assim, eu gosto de morar aqui. Mas a questão é que tenho que trabalhar muito. Se eu não trabalhar muito vou passar fome. Aqui na colocação me alimento de arroz, feijão e carne de caça. Eu caço andando na mata e esperando nas comidas, de noite (comidas são locais onde os animais costumam se alimentar geralmente à noite. São árvores cujos frutos maduros - ou sementes - caem no chão e os animais se alimentam dos mesmos. Uma comida muito conhecida na região é o fruto da caxinguba, preferidos pelos veados).

Nunca vi nada esquisito na mata. Não tenho medo da mata não. E eu atiro até bem. Aqui tem muita caça, mas tem dias que fica ruim para a gente encontrar a caça. A gente até encontra muito vestígios da caça, mas não os bichos. Também tem onça por aqui, mas eu mesmo nunca vi.

Depois que a fábrica (NATEX) começou a comprar o leite da seringa melhorou. Antes a gente vendia a borracha bem barato. Não pagava nem o trabalho. Agora está 100% melhor. Hoje, o quilo do leite chega a R\$ 8,80. Antes, o quilo da borracha era R\$ 1,50, R\$ 2,00. Quando estava boa (para fazer a borracha, o seringueiro precisava de trabalho extra, além de coletar o látex, tinha que defumava o látex coletado).

O que faz para se divertir na floresta?

Meu divertimento aqui é somente dia de domingo. Vou alí naquele campinho de futebol brincar. Todo domingo a gente brinca. Meus tios moram perto e vêm para cá. Tem luz aqui, mas falta muito, principalmente no inverno. A gente vive quase sem energia elétrica. Vem um dia, dois dias, e passa quinze sem aparecer. E a gente paga do mesmo jeito. A minha conta de energia aqui é R\$ 15,00.

Essa casa é sua?

Essa casa aqui eu fiz com o Crédito Habitação. Um crédito do governo. O Governo fornece o material todinho. Quem mora no beijo de ramal (às margens do ramal principal) faz com alvenaria, quem mora mais central faz de madeira mesmo, pois o carro não pode ir deixar o material.

Perguntado sobre as condições de saúde e educação, respondeu:

Aqui as pessoas adoecem mais de gripe. Mas gripe não tem remédio, se cura por ela mesma. Também existe escola. Eu, inclusive, estou estudando. Eu prefiro ficar por aqui mesmo. Eu não gosto de rua não. Na cidade as coisas são mais complicadas. É muito barulho, a gente não dorme direito. Se quiser alguma coisa tem que ter o dinheiro. Aqui não. Se tiver a semente e plantar, pouco ou muito, vai produzir. Lá na cidade tem que comprar tudo, o arroz o feijão.

Indagado sobre se possuía manejo de madeira, respondeu:

Sobre isso não vou falar, eu nem sei como explicar. Não tenho opinião sobre isso.

Perguntado sobre qual a religião, respondeu:

Sobre a religião eu diria que sou católico. Sou casado há dois anos, mas não tenho filho ainda. Minha esposa é de outro seringal.

Perguntado sobre o que costuma comprar em Xapuri, respondeu:

Em Xapuri vou comprar as coisas que estão faltando em casa. Açúcar, café, sabão, munição para matar a caça. Tem que comprar essas coisas. Compro uma coisinha pouca de carne bovina também.

Perguntado sobre a energia elétrica na floresta, respondeu:

Quando tem luz aqui eu gosto de escutar música sertaneja, essas coisas assim.

Indagado se possuía animais para consumo, respondeu:

Também crio galinhas e porco na minha colocação. Para consumir e para vender também. Mas gado não tenho não. Vendo pequenos animais aqui na porta mesmo, não levo para Xapuri. Mas minha renda maior é do leite de seringa. Entrego para a fábrica, eles trazem os baldes com o produto para não coagular. Com quinze dias eles vêm buscar a produção. E depois pagam. São baldes de 30 litros. Dentro do balde eles colocam um produto para não coagular o leite de seringa, o produto já vem dentro do balde. Eu costumo entregar três baldes por mês. Quando consigo entregar seis baldes, eu consigo faturar R\$ 600,00. Que utilizo para as despesas de casa e para pagar alguma conta que faço. Para ir à rua tenho que pagar o transporte também, pois não tenho moto.

Observações: Aluísio relutou um pouco em falar. Ficou na dúvida se concederia a entrevista. Aceitou, mas falou pouco. Olhava sempre para baixo e tinha uma aparência triste. Aluísio é jovem e quase não esboçou nenhum sorriso. Não falou dos pais. A impressão é que nunca conheceu seus pais. Afirmou que foi criado pelos tios. Sua casa é bastante confortável. Uma das poucas com piso de azulejo na região. Piso bem limpo, casa toda decorada. Não apresentou sua esposa que, o tempo todo, ficou na cozinha. Concedeu sua entrevista em uma pequena área na frente de sua casa. Diferente de todos os moradores que já haviam sido entrevistados até aquele momento não ofereceu café e não convidou para almoçar. Parecia bastante triste com a vida.

CLAUDIANA PEREIRA DE LIMA

Data da entrevista: 15/06/2012. Local: seringal Floresta, colocação Rio Branco. Resex Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. Idade no momento da entrevista: 31 anos.

Meu nome é Claudiana Pereira de Lima. Eu tenho 31 anos, sou casada, mãe de dois filhos homens. Antes de casar eu morava em outro lugar com meu pai, minha mãe, e minha família. Na realidade minha família era composta de oito irmãos, aí faleceu uma irmã, de parto, e ficou sete. Eu conheci meu marido quando tinha 13 anos de idade. A gente namorou três anos, depois noivamos e, em seguida, me casei. Foi quando eu vim morar aqui nessa

colocação na beira do ramal. Onde eu morava com meu pai, antes de casar, era fora do ramal principal. Para chegar até lá era preciso ir pelo varadouro que entra no Seringal Rio Branco.

Eu gosto de morar no seringal, nasci e me criei no seringal e acho muito bom morar na floresta. Não tenho vontade de morar na cidade não. Aqui a gente tem muita paz. Antes era muito difícil viver na floresta, pois não tinha o ramal para transportar a gente, não tinha energia. Para chegar até a cidade era muito difícil, a gente tinha que ir caminhando, era seis horas de caminhada na floresta. Mas, de uns oito anos atrás, tem chegado muita melhoria aqui. Chegou energia elétrica, chegou o ramal, e cada vez mais está melhorando. Eu acho que está muito bom agora. Se os governos continuarem assim, vai ficar melhor.

Também a educação das crianças melhorou bastante por aqui. Eu estudei 10 anos na comunidade Rio Branco e, quando estudava lá, não tinha a oportunidade que os alunos estão tendo hoje. Eu estudei 10 anos e só tenho a quarta série. Porque não tinha como prosseguir nos estudos. A gente fazia uma vez e repetia a terceira série três, quatro anos seguidos, pois não tinha como evoluir. O aluno tinha que repetir várias vezes a mesma série. Não existia o segundo grau.

Depois eu casei e tive que desisti. Passei cinco anos sem estudar, mas voltei, foi aí que engravidei (silêncio) e tive que desisti de novo. Depois que tive meu filho estudei mais dois anos e desistir, de novo, pois é muito difícil para a dona de casa ir todos os dias para a escola. Foi quando eu desistir de vez.

Mas hoje, aqui na comunidade Rio Branco, tem até o segundo grau e isso é muito bom. E se cada vez mais eles melhorassem a educação dos alunos e comessem essa faculdade seria muito melhor. Os alunos não sairiam daqui para ir fazer curso superior lá em Xapuri. Até porque, muitas pessoas que concluíram o segundo grau e foram morar em Xapuri para continuar estudando. Tem a menina do Raimundo Pereira que já está fazendo a Faculdade lá em Xapuri. O meu filho, que faz 15 anos agora em outubro, diz sempre para mim: “mãe, quando eu terminar o segundo grau quero fazer a faculdade”. Aí eu fico pensando: tem que tirar eles daqui para levar para a cidade fazer a tal faculdade. É chato, ne? Isso me preocupa.

Perguntada como é seu dia a dia, respondeu:

Aqui no seringal a gente vai para o roçado trabalhar todos os dias. Meu marido corta seringa e eu ajudo ele na roça. Quando ele não vai para o roçado, ele corta seringa, pois a gente entrega leite (látex) de seringa para a fábrica de preservativos (NATEX). A gente tem os pontos de entrega, é por quinzena, a entrega no posto é de 15 em 15 dias. O caminhão leva para a fábrica em Xapuri. Antes, a gente tinha que tirar o leite e defumar para fazer a borracha, era bem mais difícil, mas agora melhorou bastante. É um bom preço que eles pagam pelo leite da seringa, além disso, não fede como antigamente. É cheirosinho o leite dentro do balde, você vai lá entregar e não chega fedido. Antigamente era um terror (risos). Mas hoje é bom. Eu gosto de morar no seringal. O senhor quer saber mais o quê?

Você gostar de morar aqui? Como faz para se divertir no seringal?

Aaahh (suspiro), eu gosto mermo. Aqui tem muita festa, aqui a gente chama a festa de piseiro. Nessa época é que é o tempo. O pessoal faz muita festa, faz churrasco aqui no final de semana. Deus o livre. É muito bom. O pessoal é tudo amigo, e a gente se diverte bastante, não tem confusão. Tem uns que, às vezes, não sabem se divertir, sempre tem um que apronta (que faz confusão, que briga). Mas é muito tranquila a diversão aqui. Aqui também tem evangelho. Eu sou católica, e na comunidade Rio Branco tem evangelho de quinze em quinze dias. As meninas que representam a igreja organizam um encontro, de quinze em quinze dias, aí a

gente frequenta. No final de mês tem missa, quando o padre Chagas de Xapuri vem rezar. Eu sempre frequento o evangelho e as missas.

Não penso em morar na cidade, pois na cidade tem muitos problemas como as drogas e os marginais. A cidade trás muito problema para a gente que tem filhos. Fico preocupada com essas drogas. Mas a gente pensa assim: quando você tem que ser uma coisa, você é aquilo. Mas, muitas vezes, tem um ditado que diz que uma ovelha põe um rebanho a perder. E esse jovem de hoje em dia finda caindo. Por isso, tenho receio de ir para a cidade. Eu penso que aqui dentro no seringal fico mais protegida com meus filhos desse tipo de coisa. Eu penso assim, mas não sei se a gente tá protegido mesmo. Porque do jeito que hoje em dia tá, vem muita gente da cidade para cá quando tem festa, essas coisas, e é sempre meio perigoso.

Na cidade a gente compra as coisas. A gente compra a maioria das coisas que consome na cidade: açúcar, café, sabão, temperos. Aqui a gente só planta arroz, feijão e a macaxeira utilizada para fazer farinha. Tem também uma hortinha, para ter um cheiro verde. É assim. Compro mais da cidade. Tenho uma galinha, um porco, mais para comer. Não gosto de vender. É mais para comer. A maioria das coisas compro na cidade.

Perguntada se sobrevivem somente da seringa, respondeu:

Além da renda da venda do leite para a fábrica NATEX, eu tenho Bolsa Família do governo que ajuda nas despesas, também vendo um pouquinho de feijão. Feijão é bom de vender, porque é meio caro. Mas só quando aparece comprador por aqui. O senhor quer saber mais o quê?

Quais as doenças que acontecem aqui? O que vocês fazem quando alguém adoece?

Quando a meninada adoece tem que ir para a cidade, mas agora tem o programa do governo chamado Saúde Itinerante, que faz parte de um programa chamado PróAcre. Eles vêm para a comunidade Rio Branco, de mês em mês, para atender as pessoas. Mas quando não estão aqui e alguém adoece, é necessário ir para a cidade, pois não tem posto de saúde. Isso é uma coisa muito difícil aqui, a falta de um posto de saúde. É um dos problemas maiores que a gente enfrenta aqui. É um problema para todo mundo que mora nessa comunidade. Se precisar de um remédio, tem que ir para a cidade, ou então socorrer com um vizinho mais perto. Nesse ponto é difícil.

Antes tinha um posto de saúde na comunidade Rio Branco, mas acabou. Foi indo, foi indo, e acabou. Quando tinha o posto a gente ia ser atendido lá. Tinha remédio, você levava um golpe, um corte de faca, e ia lá fazer curativo. Tinha um agente de saúde lá. A gente tem hoje uma pessoa que atua como Agente Comunitária, que passa na casa das pessoas para ver quem é hipertenso, aqui têm uns dez hipertensos. Meu tio e minha tia são hipertensos. Minha tia, um dia desses piorou, e tiveram que levar ela para a cidade, pois não tinha o doutor aqui. Mas ela (a agente de saúde) só faz medir a pressão, mas não passa remédio não. Vai fazer o quê, tem que ir para o doutor. Aqui tem muita gripe e também hepatite. Agora tá dando muita hepatite e eu estou com medo, pois fazia muito tempo que não dava isso aqui. Teve até duas criancinhas que pegaram (pausa longa). Pegaram bem rapidinho, estava muito grave, o fígado já estava crescendo (pausa) e tiveram que levar para a cidade bem rapidinho.

O que pensa sobre seu futuro?

No futuro queria mais oportunidade para esses jovens, para meus filhos. O mais velho diz que quer se advogado (risos). Não custa nada sonhar, que sonhando é que a gente

consegue as coisas. Sonho que venha a faculdade aqui para a nossa comunidade, para esses jovens, porque tem muito que já estão terminando o segundo grau. E que continue melhorando para a gente que mora aqui no seringal, porque antes, até a década de 90, a gente era esquecido. Era difícil, e como era.

Não tinha transporte, a gente não podia vender as coisas porque não tinha como transportar a produção. Eu lembro muito bem do meu pai tentando vender as coisas para sustentar oito irmãos. A gente vivia só da borracha. Mas era muito pouco. Com a chegada do transporte as coisas foram melhorando, a gente viu as coisas melhorando. Antes era muito difícil. Quando conto para meu marido que não morava aqui, pois ele era da cidade, ele não acredita e fica rindo de mim. Meu filho também não acredita o que eu já passei aqui. Quando ele nasceu, as coisas já estavam melhores. Meu filho diz: “mãe, então era verdade que você passava por tudo isso mesmo?” Respondo que passava e, que hoje, é muito bom e bem diferente da vida lá atrás. Digo que ele deve rezar para não passar o que eu já passei. O que eu passei você não queira passar não.

Ele está rapazinho, está na sexta série. Tenho outro filho de sete anos. Eu queria um casal, mas Deus mandou dois homens. A gente ama do mesmo jeito. Eles vão estudar todos os dias, até quatro horas da tarde. Antes, eles iam de pés (caminhando) até a escola, na lama. Sofriam tanto no inverno, chegava aqui só lama. Tinha tanta pena dos bichinhos. Daqui para a escola caminhando são duas horas.

Mas o Raimundão (Raimundo Mendes de Barros), que mora ali na comunidade Rio Branco e é ligado ao partido do governo, conseguiu um carro para levar os meninos daqui para a escola. Ele correu atrás e conseguiu um transporte para as crianças estudarem, agora melhorou. Melhorou 100%, as crianças acham muito bom. Mas quando o carro quebra eles vão caminhando mesmo, aí chegam reclamando.

Eu digo: meu filho, a vida não pode ser boa o tempo inteiro não. Acho que contei mais o menos para o senhor como é minha vida aqui. Se eu for contar tudo mesmo é o dia todo. O senhor entendeu alguma coisa, né? (risos) Se o senhor fosse na casa da minha mãe, o senhor ia ver, porque ela é despachada mesmo. Vá até lá entrevistar ela.

MANOEL PANTOJA DA SILVA

Data da entrevista 15/06/2012. Local: seringal Floresta, colocação Taquari. Resex Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. Entrevistado afirmou possuir mais de 70 anos.

Desde que cheguei aqui, eu e a minha mulher, era tudo uma dificuldade. Era só o varadouro. Trabalhei na marra, arrancado pau pela sapata (pelo tronco). Depois, o trator entrou. Mas o esforço foi nosso. Antigamente o negócio era difícil. Hoje em dia tá bom demais. Você vai até Xapuri e volta no mesmo dia. Vai de manhã e quando é doze horas já está aqui. Tá bom demais.

Aqui nem eu nem minha mulher trabalhamos mais. Ela é doente e eu sou doente. Ela é aposentada, mas eu ainda não sou, até hoje. Mas já está passando dois anos que solicitei. Já foi para Rio Branco, ficou naquele rolo, mas não saiu. Vou verificar se ajeito meus papéis.

Indagado sobre qual a alimentação do dia a dia, respondeu:

Aqui a alimentação é feijão, macaxeira e carne. Mas só quando os meninos matam para a gente comer. Tem o mamão, a cana. Eu não posso caçar porque não enxergo direito. Já tenho mais de 70 anos. Não tenho condições de cortar seringa. Eu tenho até vontade. A

coragem ainda está aí, mas não tenho condições. Na mata eu só ando caindo. E tenho essa visão perdida. Eu comecei a cortar seringa com oito anos. Fiquei cortando seringa uns quarenta e cinco anos. Estou com quarenta anos só nesse local. Não sei onde vou morrer, mas acho que será aqui. Vou deixar isso para meus filhos. Não posso vender. Se eu vender vai acontecer confusão.

Luz elétrica aqui não tem. Mas o que mudou mesmo aqui foram os ramais. O que está mudando é isso aí. Só aqui para o meu lugar existe três ramais. Eles estão explorando a mata. O trator vai derrubando tudo. Para fazer o ramal, eles derrubam tudo, mas acho que dava para desviar. A dificuldade maior aqui para mim e minha mulher é o transporte. Pois quando quero sair não tem.

Indagado sobre as doenças, respondeu:

Quando adoeço tenho que ir para o beijo do ramal (beira) para esperar transporte. A doença que tá acontecendo aqui, acontecendo muito, é a leishmaniose. Minha mulher está com leishmaniose. Fomos tirar umas canas ali e ela bebeu o caldo. Estava tudo saradinho, aí voltou tudo. Tem o meu menino que está também com essa doença. A mãe da mulher de meu filho também. Está atacando muito isso aqui. Minha mulher foi um carrapato que ferrou ela (pausa longa).

Aqui não corto seringa, mas trabalho num roçadinho. Tiro uma roça. Mas os porcos comem tudinho. É trabalhar para os porcos.

O que faz para se divertir?

Diversão aqui é só esse rádio. Televisão eu não gosto e ela (esposa) não gosta. Tem meu filho que tem televisão, lá na colocação dele tem energia. Mas não gosto. Então é só esse rádio.

Perguntado sobre sua religião, respondeu:

Eu sou católico. E sou insultado com os crentes (não gosta dos crentes). Da nossa igreja, só tem três lugares de reza. Mas os dos crentes são muitos. O padre só vem aqui de mês em mês, os crentes são todos os dias. Eu não vou lá na festa de São João do Guarani no outro domingo. Mulher interrompe: “não vamos não, pois quando a gente chega lá é aquele jogo de bola, aquela agitação. Ninguém pode pagar as nossas promessas direito. Por isso, é melhor ir depois da festa, aí é uma tranquilidade. A gente leva um racho, a gente pode dormir lá. Acho que isso é importante. Não naquela correria, aquela bebedeira. Não acho certo não. Jogo de bola eu não gosto. Por isso é bom ir antes, ou depois da festa”.

Para todo mundo daqui ir teria que fretar um carro grande, pois é muita gente. Tem muito netos. Um filho mora em Xapuri, ele é empregado no comercial Silva e Sales. Os outros todos moram por aqui por perto. Todos por aí. Vocês passaram pela colocação de um de meus filhos.

Perguntado se na colocação existiam estradas de seringa, respondeu:

Aqui minha colocação tem doze estradas de seringa. E tá tudo no jeito. Meus filhos estão abrindo agora algumas. Meus filhos é que vendem para a fábrica. Tem umas estradas de seringa grandes que pode até fazer duas. Tem bastante castanha também. A gente entrega para a fábrica. Esse ano deu bastante castanha. O senhor que saber mais o quê?

O senhor gosta de morar aqui?

Eu gosto de morar aqui, pois estou com quarenta anos que moro aqui. Só saio quando morrer. Tenho fé em Deus que vou morrer e deixar para eles. A gente vai morrendo e vai ficando para eles, para os netos, para os bisnetos. E tem que ser assim mesmo. Plantei umas fruteiras, mas não sei se ainda vou comer dessas fruteiras. Tem umas laranjas que já estão com dez anos e não carregam. Tem fruta-pão.

MARIVALDO FRANCO DE LIMA

Relato concedido em 15/06/2012. Seringal Rio Branco, colocação Floresta, Resex Chico Mendes, Município de Xapuri/AC. Idade: 40 anos.

Meu nome é Marivaldo Lima, eu moro aqui há 19 anos. Meu trabalho é cortar seringa e quebrar castanha. Trabalhar em roçado. Meu dia a dia é esse. Todo dia é esse trabalho. Acho que melhorou um pouco nossa vida aqui. A gente antes não tinha ramal, agora possui. Não é muito bom, mas existe. Não tinha luz, agora tem, mesmo faltando muito. Tem a fábrica de preservativos NATEX que compra o leite (látex). Isso melhorou bastante o preço da borracha. A borracha não tinha preço, não tinha nem valor. Hoje, a gente ganha um dinheirinho vendendo bem para a fábrica.

Quando estou cortando seringa vou para o mato às cinco horas da manhã. Volto às duas horas, e ainda vou para o roçado fazer outras coisas. No meu roçado eu tenho feijão na época do feijão, agora e tempo de macaxeira. No tempo do arroz, tenho arroz e o milho. Tudo para consumo próprio. Tenho também as galinhas para comer. Minha alimentação aqui é arroz, farinha e carne, quando tem. Aqui e acolá a gente arruma carne. Quando consegue matar, a gente tem carne de caça. Quando não consegue, muitas vezes, compro carne de boi quando aparece. Eu não gosto de caçar, de esperar no mato. Por isso, só mato quando encontro algum animal na estrada de seringa. Sair para ir caça eu não gosto não. Na rua eu compro os temperos, o resto é tudo daqui mesmo.

Perguntado o que faz para se divertir, respondeu:

Quando vou à rua me divirto numa festa, ou por aqui mesmo. Também vou ao futebol aqui. O pessoal aqui gosta muito de futebol. Nosso dia a dia é esse, é quase a mesma coisa. Frequento a comunidade alí, quando o padre vem rezar eu participo. Aqui temos que batalhar muito para conseguir as coisas, mas dificuldade mesmo não tem muito não, como tinha antes. Eu nasci nesse lugar aqui mesmo. Mas já andei em outros lugares e voltei para cá. Dificuldade era ir para a rua quando não tinha ramal. De primeiro (antigamente), a gente gastava cinco horas de viagem até a rua. Agora, com o ramal, como todo mundo já tem moto é 30 minutos, 25 minutos. O que o senhor que mais saber?

O que mudou com a chegada da energia elétrica?

Com a energia a gente tem a geladeira para tomar uma água fria, colocar uma carne quando matar uma caça. Tem a televisão para vê o jornal e saber das coisas que acontecem. Antes da energia, a comunicação era através do rádio. Hoje é difícil uma casa que tenha rádio. Para se comunicar com Xapuri usamos o celular.

E quando alguém adoece aqui, o que fazem?

Por aqui, quando o pessoal adoece, vai logo para a rua. Se for grave. Mas todos os meses tem uma equipe médica que vem para cá. E o pessoal se consulta mesmo por aqui. A maioria da doença é a pressão alta. A maioria aqui sofre disso, e ninguém sabe o porquê. Por aqui é demais essa doença. Se for mais grave, vai para a cidade, tem caro todo dia aí. Se não, espera o médico. O senhor quer saber mais alguma coisa?

O que o senhor produz aqui?

Minha produção de leite (látex) entrego ali na outra casa, onde tem o gerente. Aí eles (fábrica) vêm buscar. Eles pagam de 15 em 15 dias. A gente entrega em um sábado, o gerente de lá só trabalha dia de sábado, e no sábado seguinte eles pagam. Antigamente era mais difícil. Eu cortava seringa com meu pai, e depois meu pai ainda tinha que defumar o leite de seringa para fazer a borracha. Hoje eu só corto, aí coloco nos vasos e é só entregar. A castanha a gente entrega para o caminhão da COOPERACRE (uma cooperativa que compra castanha dos seringueiros). Eles mandam o caminhão buscar. Madeira ninguém pode vender. O IBAMA controla. Aqui é reserva e o IBAMA é quem manda aqui. Nós somos posseiros, não temos papel, não temos nada não. Mas eu gosto de viver aqui.

Para a cidade eu só quero ir para passear. Aqui a gente dorme de janela aberta, lá não, tem que trancar tudo. Tem a quentura lá também. Quem nasceu aqui é difícil se acostumar na cidade. Eu já passei um ano em Rio Branco, mas voltei. Não me acostumo não. Meus filhos eu queria que ficassem aqui, mas eles é que irão decidir. Quando eles terminarem os estudos irão decidir. Essa aqui (apontou para a filha) está estudando. Aqui tem do primeiro ano até o segundo o grau, então só não estuda quem não quer. Não precisa ir para a rua se formar não. Aqui já tem. O meu sonho é melhorar minha vida e de minha família. Pois ninguém vai sonhar para ficar pior.

Perguntado sobre a televisão, respondeu:

Com a TV que chegou melhorou nossa informação. Melhorou por isso. A gente fica sabendo de tudo que acontece no mundo. Antes todo mundo dormia cedo. Quando falta luz, cedo as pessoas estão na cama. Quando tem luz vamos dormir dez e meia, onze horas. Os cabras assistindo novela. Eu assisto tudo, mas o que gosto mais é da bola, do futebol. Assisto novela também, mas o que gosto mesmo é de futebol. Gosto mais da bola. Aqui todo mundo é flamenguista. Essa minha filha aqui dorme cedo, mas no dia que o Flamengo vai jogar ele fica assistindo. Eu tenho cinco filhos, e todos moram aqui. O mais velho tem vinte e dois anos e o mais novo tem seis anos. Sou ligado à Associação daqui e também à AMOREX do IBAMA (Associação dos Moradores da Reserva Chico Mendes em Xapuri), o Tião Daú é que é o Presidente da AMOREX. Eu sou filiado a essas duas associações. Mas meu pai e minha mãe também moram aqui perto. Eu sou filho único. Sempre trabalhei com meu pai como seringueiro.

Não gosto muito não da vida de seringueiro (risos), mas como não tenho saber para arrumar emprego (silêncio). Eu comecei a cortar seringa com sete anos de idade, aprendi tudo com meu pai. Mas meus filhos não querem cortar não. Esse aí (apontou para o filho) já tem 22 anos e nunca cortou. Ele começou a estudar logo, depois de grande passou quatro anos fora de casa empregado nesse negócio da luz (referia-se ao programa Luz para Todos). Quando voltou, não se interessou por seringa não. Ele fica aqui comigo trabalhando um pouco, trabalha na diária, mas seringa não quer não. No tempo da castanha ele me ajuda, todos aqui me ajudam. Na safra todos colaboram. O preço da castanha tá bom. Esse ano eu vendi a lata

por R\$ 22,00. Aqui a castanha que eu vendo é para o pessoal levar para Rio Branco. De lá eu não sei se eles mandam com casca ou descascada para outro lugar.

Perguntado se já viu alguma coisa estranha na mata, respondeu:

Trabalhando na mata só vi animais. Bichos. Outra coisa não. Assombração eu nunca vi. Mas tem outros que já viram. Meu pai conta que, certa vez, quando estava esperando, (caçando) já viu o cabra focando por debaixo das comidas (referia-se às sementes de árvores que os bichos vêm comer a noite. Caxinguba, por exemplo). Por isso eu acredito que tenha. Mas nem quero saber (filha pequena interrompe: “e meu pai nem quer saber disso”).

Veja só, as dificuldades aqui diminuíram muito. Antes uma pessoa doente tinha que sair na rede. No inverno a gente tirava o doente na rede, no meio da lama. Agora, com o ramal, melhorou muito. Nem estou lembrado quando esse ramal chegou. Mas foi depois da morte do Chico Mendes. Não conheci o Chico Mendes, mas vi ele várias vezes. Eu conheço o Raimudão (Raimundo Mendes de Barros, primo de Chico) que mora ali na frente. Na verdade, aqui tudo e colocação Rio Branco, é só um lugar. Foi o Raimundão que arrumou para a gente morar aqui. Tudo isso aqui é a colocação Rio Branco. Só dividiu entre os moradores. Foi o Raimudão que fez isso.

Antes a gente morava no seringal Floresta, perto da rua. Aí fomos para Rio Branco, mas não deu certo. O Raimundão sempre conheceu meu pai, disse que se não desse certo ele poderia voltar. Como não deu certo, o Raimundão deu um pedaço daqui para a gente ficar. Eu arrumei família aqui e o Raimundão permitiu que meu pai me desse uma parte para eu fazer minha casa. Essa minha casa aqui eu ajudei o serrador a fazer.

No meu roçado tenho feijão, tenho roça de macaxeira, tenho seringa plantada. Tenho pupuaçu (cupuaçu) plantado, tenho de tudo plantado. Mas é mais para o meu consumo. Já tentei vender a poupa de pupuaçu em Xapuri, mas é muito sem futuro. Então, só tiro mesmo para fazer suco aqui em casa. Também faço a farinha para o consumo da casa.

Minha renda é da seringa, castanha e também vendo animais. Galinha, porco, pequenas criações. Compro e vendo. Tenho um gado também, mas só para o leite. Minha mulher recebe também a Bolsa Família do governo. Essa é nossa renda. Bem, mas estou indo para a festa da Sibéria (aniversário do bairro da Sibéria em Xapuri), não posso falar mais.

PAULO JORGE SILVA DE SOUZA

Entrevista concedida em 15/06/2013 no seringal Boa Vista, colocação São João do Guarani, Reserva Chico Mendes, Município de Xapuri/AC.

Meu nome é Paulo Jorge e estou morando aqui há três anos. Para mim está mudando muito aqui, pelo menos depois do governo do PT. Aqui as coisas eram difíceis. Para ir até a rua era dois dias na pernada (caminhando). A gente levava os animais carregados de borracha e castanha. Depois que o Jorge Viana ganhou as eleições, começou a mudar. Foi mudando, foi mudando. Quando o Lula ganhou melhorou cem por cento. Só existe uma coisinha que eles fizeram muito esforço, mas não conseguiram ainda: esse ramal. No inverno fica difícil. Também essa energia. Está energia, meu irmão, é um dia sim outro não. Estamos com uns quinze dias sem energia aqui. Eles ganham para isso, mas não dão manutenção. Também quando a gente liga eles não atendem o pedido (quando a luz falta eles ligam para a cidade buscando providências). Eles não fazem isso. O que o senhor gostaria de saber?

Fale como é seu dia a dia na colocação:

Eu praticamente não sou sadio, sou todo quebrado. Então, não trabalho muito. Não posso cortar seringa, vou para o roçado e só trabalho até nove horas, pois não poso pegar muito sol. Mas para mim está bom. Agora se minha mulher quiser dar uma palestra aqui. Fala aí (solicita que sua mulher fale. Mas ela se recusa)

Perguntado sobre a alimentação, respondeu:

Aqui nosso alimento é o arroz, a farinha, o feijão. Carne só quando arrumamos caça da mata. É difícil faltar caça aqui. Quando não tem caça, a gente mata uma galinha do terreiro mesmo. Tem um igarapé onde a gente pesca uns caícos, uns peixinhos. Não passamos necessidade não, tem muita banana, cana, roça. Tudo que a gente pode fazer aqui, a gente faz. Tem bastante caça aqui, é bom de caça aqui. Aqui tem tanta caça que os meninos criam até uma anta (risos). Tem muita colocação imprensada aqui, muita colocação para todo lado, mas ainda é bom de caça. Tem muita seringa aqui também. É muito bom de leite (de seringa). Tiro bastante leite aqui e entrego para a fábrica. A fábrica de camisinhas NATEX é outra coisa boa que aconteceu aqui. Nunca pensei que um quilo de leite (látex) chegaria a R\$ 7,70. Esposa interfere: “a fábrica foi o que mais mudou a vida da gente aqui”.

A gente enche seis tamborzinhos desses daí (aponta) e consegue um salário. Mas isso é só agora no verão. No inverno, a gente ganha um pouquinho de dinheiro coletando e quebrando castanha. Mas é muito pouco. Só é suficiente para passar um mês. No máximo dois. E a gente vai levando devagar. A gente vai levando do jeito que dá (silêncio).

Perguntado o que faz para se divertir, respondeu:

Nosso divertimento aqui é com o futebol, tem uma peladinha de bola aí. Alí em cima tem um campinho de bola, e a gente, vez por outra, faz um jogo. Mas a diversão mesmo é na festa de São João, um festejo lindo, bonito mesmo. Muito falado. Aí todo mundo vem se divertir. Também agora, que é ano de política, o pessoal sempre faz uma festinha aqui e acolá. Aí a gente cai dentro. É muito bom. Esse lugar aqui é bom, mas onde eu me criei mesmo, onde meu pai morava era na beira do Rio Espalha. Você conhece o Rio Espalha? Eu morei lá 16 anos. Lá, as coisas eram mais difíceis. Lá, o negócio era difícil mesmo. Lá, o igarapé alaga no inverno. A gente fazia uma canoinha. O senhor já viu uma balsa de pau? A gente emenda um pau no outro para atravessar. Lá era difícil. Demorava uns três dias para chegar até a cidade com os animais carregados de borracha. Só borracha, porque não tinha castanha. E nessa arrumação meu pai ainda passou 16 anos lá. Como não tinha ninguém para comprar mesmo, nos abandonou a terra lá. Não tinha quem comprasse mesmo.

Lá ele criava um pouquinho. Ele tinha um gado lá, umas 40 cabeças. Ele vendeu tudo e foi para a cidade. Nessa época, era eu e cinco irmãos, todos dentro de casa. Meu pai comprou duas casas na rua, colocou um comércio, mas não deu certo. Então vendeu uma das casas e sobrou outra, foi a que ele trocou por esse lugar. Isso foi há 12, 13 anos. Mas ele mora na rua, quem toma de conta aqui somos nós mesmos. Acho que é isso. O senhor tem alguma pergunta?

O que você compra na cidade?

A gente compra na cidade o que não pode fazer aqui. Açúcar, café (pausa). Mas aqui tem tudo isso. Tem a cana, tem o café, mesmo em caroço, tem pimenta do reino, tem tudo. Alí tem um sítio que tem. Tem outro para ali acolá em cima. Mas como não colocamos muito

roçado aqui, quando vamos na rua a gente compra lá. A farinha a gente compra aqui mesmo. O arroz, apesar de poder produzir aqui, a gente compra na rua. Feijão tem muito aqui.

A gente compra gás também. De primeiro (antigamente) o cabra não podia usar gás de cozinha, mas agora todo mundo usa gás aqui, pois não pode queimar lenha aqui. Eu quero é vê (pausa longa - ficou pensativo). Em toda ida para a rua o carro que trás o pessoal vem carregado com seis botijas de gás. E com esse projeto de crédito habitação, acho que o pessoal melhorou demais. Pois todo mundo tem sua casa boa. Temos tudo dentro de casa. Temos que agradecer o Governo, pois eles fizeram essa coisa boa para a gente.

Perguntado sobre as doenças, respondeu:

Antes, quando adoecia gente aqui tinha que sair na rede. A gente colocava o doente na rede para levar até a rua. Era muito difícil. Hoje não, quando alguém adoece, já vem um na frente e avisa. Aí vai um na rua e avisa. Rapidinho vem um carro buscar, vem a ambulância do hospital, ou mesmo o carro da polícia. Mas aqui é até difícil alguém adoecer. Graças a Deus. Só quando alguém tem um acidente. O ano passado um rapaz foi baleado aqui. Meu irmão foi na cidade de moto avisar e eles mandaram um carro buscar. Também quando um inseto morde alguém, uma cobra.

Um dia desses tinha um senhor meio idoso com uma tosse danada aqui, uma dor nos rins, só sei que o carro veio buscar ele. Nem sei que doença era. Aqui teve dois casos de dengue, mas o rapaz veio da rua doente. Ele trouxe a dengue da rua, aqui dentro mesmo é difícil. Outra doença aqui eu não vejo nem falar. Um irmão meu adoeceu de dengue, mas também trouxe da rua, trouxe de lá.

No inverno fica difícil nossa situação devido o ramal. Aí fica mais difícil. Mas do ano passado para cá deu uma melhoriazinha. O problema, é que tem muito canto onde arromba a bueira e o carro não pode vir até aqui. Temos que ir de pé (caminhando). Levar o que tem que levar. Ano passado, mesmo com uns balseiros que caíram no ramal, deu acesso de inverno a verão. Quando caia um pau no ramal a gente ia lá e tirava. O que o senhor quer saber mais?

Qual sua religião?

Aqui na minha casa nos somos católicos devotos do São João do Guarani, mas aqui nessa linha (apontou) são todos crentes. Tudo é crente alí. Tem três igrejas de crentes. Uma fica distante daqui uma hora, outra com três horas, e outra lá no fundão. Eu não sei nem qual é a igreja dali. Não sei por que eu nunca fui lá. A turma é toda dividida. É a igreja cristã mulher? É o professor Cremilton, aquele que era vereador em Xapuri, quem comanda aqui. O senhor conhece o Cremilton? Ele é quem comanda.

Perguntado sobre as dificuldades que enfrenta na floresta, respondeu:

A maior dificuldade que eu enfrento aqui (silêncio). A maior? (silêncio). Para mim mesmo, para os outros eu não sei, e ninguém tem nada a haver com isso, para mim a maior dificuldade é que eu não posso trabalhar. Não posso cortar seringa para ganhar meu dinheiro para sustentar minha família. Se eu pudesse trabalhar, não tinha nada difícil. O negócio é que eu vivo e faço algumas coisas na marra mesmo. Como não posso cortar seringa, tenho um rapaz aqui que corta minhas estradas de seringa, pois eu não posso trabalhar porque fui acidentado em Xapuri em 2006. Um carro me atropelou, me deu uma bordoadada e quebrou minha cabeça, e quebrou essa perna aqui. Tentei conseguir um auxílio doença, mas não deu. Tenho tudo: o laudo do médico, o boletim de ocorrência, tenho tudo do acidente, mas não consegui. Nunca consegui nada. Daí para mim o difícil é não ter condições de trabalhar como

os outros trabalham. Minha mulher recebe o Bolsa Família. Ele solicitou faz uns quatro anos e só agora recebeu. Recebeu uns dois meses esse ano. Mas é pouquinha coisa.

Esposa interfere: “são 104,00 reais por mês”.

Quem administra a terra aqui é o IBAMA e o INCRA. Eles que fazem tudo. Eu não tenho documento. O meu pai tem um documento, mas a gente sabe que não é dono mesmo. Quem manda é o IBAMA. O Crédito Habitação só sai se eles autorizarem. Fizemos um tal de manejo de madeira para retirar uma madeira, mas eles não assinaram. Até agora não saiu. Nunca veio. Nunca saiu. Acho que saiu ali para o seringal Cachoeira, para o seringal Dois Irmãos. Mas aqui eles não assinaram. Acho que é por isso que eles não fazem essa ponte da Sibéria, para que o pessoal não invada aqui. Mas eles não invadem não. É difícil.

Aqui nossa colocação todinha é 1.200 hectares, mas nós somos seis moradores aqui. Todos filhos do mesmo pai, todos somos irmãos. Nasceram daqui para acolá, os mais velhos nasceram para o Iaco, em Sena Madureira, e os demais nasceram no Remanso, na área de Rio Branco. Só os netos de meu pai nasceram aqui.

Aqui na área nos temos umas 20 hectares de campo, um açude, e água muito boa. Lá em cima a fonte é mineral, é especial. Aqui a água é boa. Tem animais para quando a gente precisa. Tenho umas quarenta cabeças de gado, que a gente cria para o leite e para quando aparecer uma necessidade. Com gado é mais fácil. Com gado é mais fácil fazer dinheiro. Um bezerro, quando nasce, se for macho, na hora que nasce já vale quase trezentos contos, é bom de vender. Com três meses, é quase 500,00 contos. Outra coisa boa é criar porco e galinha, tem muito comprador aqui na porta direto. Eu vendo. Assim que eu vivo. Quando estou apertado, eu vendo. A criação que tendo ajuda a fazer dinheiro.

Esposa entra na conversa. “Eles começaram esse ano até bem, mas eles ficaram de mandar novos baldes e não mandaram (referia-se a fábrica de preservativos NATEX). Com a venda do látex, muitas vezes quando a gente precisa de dinheiro logo o pagamento não sai. Daí a gente tem que pegar emprestado, até sair o dinheiro da fábrica. Agora mesmo estamos precisando pagar R\$ 500,00 lá no fórum e não temos dinheiro, pois o pagamento não vai sair até lá”.

A gente entrega o látex no sábado para a fábrica e com 15 dias vem o pagamento. A gente entrega a primeira vez e, já na segunda entrega, a gente recebe. Eles deixam uma nota de venda. Muitas vezes quando estou aperreado a gente leva a nota até o gerente da fábrica e ele paga, ele encontra um jeito de pagar, até do salário dele mesmo. O gerente é um cabra bom.

Mas é boa essa fábrica aí, foi bom demais para nós. Melhorou a vida de muita gente. A luz também foi bom, melhorou. O problema é que falta muito, se ela não faltasse tanto. Falta muito. Deus me livre.

Esposa entra na conversa novamente: “No ano passado, no inverno, a gente ficou seis meses sem luz. Mas estamos no verão desses daí. Se fosse inverno eu ficaria até calada, mas estamos nesse verão, nessa poeira, e essa luz faltando. Está com mais de cinco dias que falta. Eles ligaram e logo apagou. A gente manda recado e eles não ligam. A gente precisa para a geladeira. Tem a televisão, a caixa de som. Mas minha preocupação maior é com a geladeira. Com essa luz indo e voltando eu queimei até minha caixa de som. No dia que tem energia, é bom demais, a gente se enterte vendo uma novela, um filme. Os meninos gostam de desenho. Meu marido foi esperar (caçar) na quarta-feira e pediu para eu ligar a caixa de som bem alta. Caso a energia voltasse ele escutaria e voltaria para assistir o futebol”.

Eu vou para a mata esperar (caçar), mas não durmo lá. Fico até algumas horas e, quando o bicho não vem, eu volto para a casa. Quando ele vem, aí é que volto cedo. Mato ele e volto. Não durmo na mata. Quando eu era mais novo, uns 12 ou 13 anos atrás, uma onça quase me pegou lá no seringal Remanso. Eu atirei nela e pensei que ela tivesse morrido. Mas ele se levantou e veio com tudo em cima de mim. Minha espingardinha estava engasgada. Daí eu subir na árvore e fiquei lá em cima, até ela ir embora. Vi um nambú lá longe voando espantado, sinal que ela tinha saído e eu fui embora. Morrendo de medo. Estava tremendo de medo. Com três dias, ainda estava tremendo com medo da bicha. Mas assombração na mata eu nunca vi.

Esposa: “Meu tio foi que a onça botou para comer ele umas três vezes. Botou para correr da mata e eles deixaram tudo dentro da mata. Só no outro dia foram buscar a rede e as coisas”.

Mas caboquinho da mata existe. Eu nunca vi, mais existe. Meu irmão viu. O caboquinho deu uma pisa no cachorro dele. O caboquinho não gosta de caça com cachorro. Ele não gosta não. Ele disse que o cachorro pegou uma pisa, ficou bolando e apanhado. Isso foi nos pés dele. Ele ficou mais de dois anos sem ir para a mata com cachorro. Isso aconteceu quando ele morava numa colocação com sua mulher. Ele não tinha espingarda, e só caçava com cachorro. O caboquinho protege a caça. O caboquinho fez essa presepada com ele. Deu uma surra no cachorro. Ele vê quando a pessoa mata sem precisão, quando mata dois três viados de uma vez. Não precisa. Mata só um e volta. O caboquinho não gosta disso. Às vezes o cara atira e a caça foge, o cara vai atrás mesmo sem precisão. Só para matar. O caboquinho está vendo tudo isso. Esse bando de crente aí, se encontrar um bando de queixada eles matam tudo. Sem precisão. Querem matar tudo de uma vez, pensam que nunca se acaba a caça. O caboquinho não gosta que as pessoas judiem com a caça. Matar só por diversão. O cara tem que matar um bicho quando tiver precisão. Não precisa mais de um. Acabam com tudo e ficam chorando atrás de caça e não tem mais.

Esposa: “Eles pensam assim que não se acaba. Uma vez saiu umas queixadas, e foi doze homens matar as queixadas, em tempo de um matar o outro dentro da mata”.

Eu não faço isso. Mato um bichinho e vou embora.

Perguntado sobre o que espera do futuro, respondeu:

Sobre o futuro eu espero que meus filhos se formem, pois essa aula está muito boa aqui. Espero que esse ramal melhore bastante. Que tenham saúde. Que dê tudo certo. Que essa rendinha que tenho melhore. Aqui já tem o segundo grau, e eu já tenho três irmãos formados. Tem outros fazendo o primeiro grau e o segundo. A educação foi uma coisa que melhorou muito aqui. Tenho um irmão formado que é agente de saúde, outro trabalha na fábrica lá em Xapuri.

Perguntado sobre a casa, respondeu:

Essa casa eu reformei com o Crédito Habitação da Caixa Econômica, isso começou há uns oito anos. Era R\$ 4.000,00 quando começou. Agora é R\$ 15.000,00. Quando eu fiz o meu crédito já era R\$ 15.000,00. No outro ano será R\$ 17.000,00. Só que a gente não pega em dinheiro. Eles dão o crédito e as lojas concorrem na licitação, e a gente vai com o documento na loja e eles despacham. Vem entregar na porta o material. A gente só pega no dinheiro se contratar um carpinteiro. Tem muita gente aí que ganhou dinheiro só para fazer essas casas.

Teve carpinteiro que pegou até oito casas. Para essa área aqui saiu 42 casas. É muito bom esses projetos dentro da Reserva, não só dentro da reserva, perto da rua também tem. O que o senhor quer saber mais?

O senhor pensa em morar na cidade?

Não penso eu ir para a cidade. De lá já vim e sei o que passei. Eu não sou analfabeto, mas não tenho nenhum grau. E você sabe se o cara não tiver pelo menos o primeiro grau não arruma emprego não. Nem varrer rua. Trabalhei em Xapuri uns três anos varrendo rua, mas vi que não dava certo e vim para cá. Aqui é bom. A vida aqui é boa. Quando tem energia a gente fica aqui no domingo de perna para cima. Só comendo, bebendo e assistindo TV. Não falta gente aqui prosando com a gente.

Não tem esse negócio de arenga. Tinha por causa de futebol, mas acabou esse negócio de arenga aqui. Principalmente quando esse pessoal tudo virou crente. Vamos para outra Colocação alí do vizinho, que tem um campinho de bola, para apostar um refrigerante. Quando não saio de casa, fico aqui mesmo esperando o jogo começar. Tomara que em 2014 essa energia esteja bem boa, para eu assistir essa copa em casa. Essa seleçãozinha ruim.

Pois é, mudou muito aqui. Melhorou. Mudou 100% em vista do que era. Meu pai e minha mãe estão aposentados, tem casa na cidade, mas eles só vivem aqui. Ficam mais sossegados por aqui. Na rua, tem barulho, cachorro late, eles não gostam.

JOSÉ ALTINO DA CRUZ MACHADO

Entrevista concedida em 09/11/2011, na residência do colaborador localizada na cidade de Rio Branco/AC. Idade do colaborador: 48 anos.

Eu nasci em Cruzeiro do Sul no Acre há 48 anos. Sou filho de funcionários públicos. Estudei em colégio de padres até a 5ª série, depois, no final de 78, mudei para Rio Branco sozinho. Oito meses depois meus pais se deslocaram para cá também.

Em Rio Branco me envolvi com o movimento estudantil, com teatro, e com aquela resistência que já acontecia nos anos 80 contra a presença dos paulistas, dos sulistas, dos pecuaristas. Então, eu fui trilhando esse caminho. Iniciei o 2º grau, mas depois interrompi no último ano. Eu ia fazer dezenove, vinte anos. Pensei: depois eu faço o supletivo. Fiz o supletivo, passei e obtive o diploma do 2º grau. Com a experiência que tinha com o teatro, com poesia, com o movimento estudantil, e com a leitura encontrei espaço para trabalhar como repórter. Não havia exigência de diploma, então comecei a trabalhar como jornalista.

Decidi seguir carreira de repórter. Repórter autodidata. Autodidata é aquele que, dizem, aprende sozinho. Mas penso que não aprendemos sozinho. Eu aprendi mesmo no dia a dia com os companheiros de trabalho. Depois, obtive registro profissional e trabalhei em todos os jornais locais. A partir de 1980 até outubro de 1988 fui correspondente do jornal O Estado de São Paulo.

Veio o assassinato de Chico Mendes e isso deu uma guinada na minha carreira, no meu nome, no meu trabalho profissional. O caso criou uma repercussão internacional. Eu fiz algumas notas para o Jornal O Estado de São Paulo. Lembro-me de uma quando o Chico Mendes acusava o Mauro Spósito (Superintendente da Polícia Federal no Acre, na época) de um complô para assassiná-lo.

Em novembro de 1988 estive na casa do Chico Mendes com um repórter chamado Rubens Santos e fiz uma entrevista longa com ele. Nós não gravamos, mas fiz anotações.

Conversamos longamente. Eu gostava de conversar com o Chico. Recebia muito ele no jornal O Rio Branco. Ele chegava lá e eu fazia uma materiazinha. Chico Mendes já chegava com tudo anotado. Ele tinha o hábito de anotar coisas assim: “cheguei lá no Araxá e tinha um sujeito mal encarado que olhou pra mim. Era amigo do filho do Darly Alves” (Darly foi o mandante do assassinato de Chico Mendes). Coisas assim. Qualquer coisa ele anotava e algumas vezes, passava pelo jornal e começava a contar. Pegava seu bloco de anotações, tirava a folha, fazia anotações e me dava. Então era fácil escrever, porque eu já tinha um relato circunstanciado.

Muitas vezes brinquei com Chico perguntando se ele ainda estava vivo. Realmente, não imaginava a dimensão da gravidade das ameaças que ele recebia. Por isso brincava. Confesso que não acreditava que alguém fosse capaz de matá-lo, ele era um cara muito pacato, embora firme, mas era do diálogo. Um homem conciliador demais, muito simples. Lembro também que ele morreu numa quinta-feira. No domingo anterior estive com ele. Entrei numa banca de revistas da praça e na saída o encontrei à procura do Jornal do Brasil, pois iria sair uma entrevista com ele. Convidei-o então para atravessar a rua. Tinha um pé de acácia ali perto e ficamos embaixo. Chico contou-me que estava vindo de Sena Madureira de uma reunião muito bacana, muito bonita, que o pessoal lá estava empolgado, e ele também. Começou a contar em detalhes. Eu comentei que ele fazia tanta coisa e a imprensa não acompanhava, que ele deveria ter uma pessoa da imprensa que o acompanhasse. Então ele foi logo dizendo: “como vou ter esse negócio de imprensa, não tenho dinheiro nem pra mim, como vou pagar um assessor de imprensa Altino?”. Ficamos ali conversando e depois nos despedimos.

Eu trabalhava em casa naquela época, e pedi ao jornal que instalasse na minha casa um telex. Pois não tinha telex e tinha que usar o que ficava ali onde hoje é a TV Aldeia em Rio Branco/Ac. Uma vez o jornalista Elcio Martins chegou e disse que ele iria lá usar o telex para mandar matéria. Disse-me que eu não poderia mais usar, pois era um aparelho público. Mas ele usava para a empresa que ele tinha, inclusive, os caras que vinham de fora como os redatores do Chico Anísio usavam. Pô! Quer dizer que os teus amigos podem e eu não posso, então tá! Aí, por conta disso, eu pedi para o jornal instalar na minha casa. Eu disse que não poderia ficar dependendo de órgão público. Até utilizei outras vezes o telex da TV Acre (afiliada da Rede Globo). Mas não dava para continuar assim. Aí eles colocaram um aparelho de telex na minha casa. Um cara da Embratel chegou à minha casa umas três horas da tarde, puxou um fio e instalou. Era um Olivetti preto. Eu então mandei uma mensagem informando que o telex já estava positivo e operante. Estava funcionando. Quando anoiteceu, umas sete e meia, oito horas, por aí, meu pai ligou e disse: “você não soube meu filho o que aconteceu?” Meu pai gostava muito dele, eu disse: - não. Meu pai falou: “Mataram o Chico Mendes”. Ai, ai. Eu liguei para alguém, não sei se foi para o Gumerindo Rodrigues. Eu liguei para alguma pessoa e consegui falar e confirmar. Peguei o telex e passei a escrever direto. Contar e falar quem era Chico Mendes. Mandei um copião para o jornal. Eu lembro que no Jornal da Tarde deu a seguinte manchete: “Assassinado o herói da Amazônia”. Manchete no Jornal da Tarde, do grupo Estado de São Paulo. O Estado de São Paulo não deu nada. Pediram para eu ir para Xapuri. Junto com o mesmo repórter Rubens Santos, que tinha vindo. Fomos para Xapuri e comecei a escrever. Era um período em que no Acre havia correspondentes dos jornais Estado de São Paulo, Globo, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Correio Brasiliense. Em Xapuri estavam todos esses correspondentes. Devido esse crime. Isso se manteve até o julgamento em noventa. Depois do julgamento, aí houve uma refluxo. Aquilo foi legal, uma escola, foi um momento marcante para os profissionais. Porque se fez muito network. Eu tive uma visibilidade grande, tinha acabado de entrar no jornal.

Como conceituaria florestania?

Sobre a florestania eu confesso que nunca entendi muito bem o que significa. Acho que se trata de uma expressão que, na origem, foi cunhada por um amigo meu, o Jorge Nazaré. Foi ele que uma vez, numa conversa com Toinho Alves, falando de floresta, de seringueiros, numa certa altura disse assim: “ah! então isso é florestania Toinho”. Eu não estava presente, mas ele teria dito isso.

O Toinho Alves gostou da palavra e desenvolveu o conceito, ou sei lá o que for. Um eufemismo. Não sei como é que isso pode ser designado gramaticalmente ou literalmente. Acho que foi um grande achado. Embora tenha se tornado muito confuso, principalmente os limites do que seja florestania e cidadania. O próprio Toinho disse que a florestania não é apenas a cidadania da floresta, seria algo muito mais amplo e profundo. Mas de qualquer maneira, nos conferiu uma identidade, um discurso.

Quando surgiu isso achei bacana, legal, fiz coisas com isso, escrevi muito. Mesmo sendo muitas vezes difícil explicar para quem estava em São Paulo, New York ou em Londres. Tínhamos sempre que tentar explicar, mas qualquer explicação era sempre insuficiente.

Embora bonito, charmoso, o conceito sempre foi precário. Foi um esforço, uma ousadia naquele momento, de pessoas com um certo luto que estavam naquele movimento que culminou com a vitória do Jorge Viana. Foi uma ousadia do próprio Jorge incorporar isso. Mas logo se revelou um mero artifício de marketing

Esse discurso tem prevalecido. Depois, já recentemente, no governo do Binho Marques (2007 a 2010) essa coisa de florestania saiu um pouco. O governador Binho Marques, que foi um dos protagonistas disso, usou menos.

Florestania foi mais um objeto de marketing, uma coisa exótica. Algo que se vendia para os burocratas das instituições multilaterais, para burocratas dos ministérios em Brasília, da Fazenda, do Meio Ambiente, do Planejamento. Desenvolveu-se uma espécie de moda, um conceito. Uma coisa assim: “ahh, o pessoal do Acre, o pessoal da florestania”. O governo passou a surfar nisso, mas a coisa se desgastou.

O governo de Jorge Viana e os outros da Frente Popular usaram como matriz esse discurso. Costumam afirmar que foi o governo deles que pacificaram as coisas. Eles gostam de dizer que pacificaram, que não há mais conflitos entre os posseiros, ou seringueiros, ou extrativistas. Podem dar o nome que quiserem para quem vive na floresta. Aham que está tudo resolvido e que não há mais conflitos. E que foram eles os pacificadores. Mas também foram eles que trouxeram os fazendeiros para junto deles. E alguns fazendeiros moderninhos dizem-se preocupados com o meio ambiente, mais não estão não. Os caras estão preocupados em fazer essa travessia sem se indisporerem com o governo, devido às benesses que o poder confere, mas em seguida eles vão para a luta.

Se você pegar todos esses financiamentos bilionários do Governo do Estado nos últimos 12 anos, você que é economista pode botar na ponta do lápis, é evidente que tudo foi feito em nome dessa florestania. Para construir estrada, para se explorar de forma predatória ou não a madeira, para investir em infraestrutura. Tudo em nome dessa florestania. Aquilo que era base do discurso de Chico Mendes, ou seja, proteger comunidades, proteger populações, agrupamentos humanos ao longo da floresta, impedir que estradas ou qualquer atividade econômica que interferisse de forma danosa na organização dessas pessoas, isso pouco foi observado.

Fez-se estradas sem relatório de impacto ambiental, empreendimento sem impacto de vizinhança, se maquiou, se mascarou um monte de coisas para dizer que as populações estavam de acordo, estavam participando, que estavam e estão se desenvolvendo. O que não é verdade, muitas pessoas continuam em condições sub-humanas.

Os seringueiros, atualmente, parecem que aumentaram seus desejos de consumo por coisas da cidade. O que você pensa sobre isso?

Estava agora mesmo almoçando aqui com uma amiga, quando outro amigo, que está em Acrelândia (Município do Acre) avisou que lá está sendo organizada uma caravana para conhecer o shopping novo de Rio Branco. Noticiaram na TV Aldeia isso. Então, esse é o referencial que está sendo construído. As pessoas estão sendo apresentadas como pessoas que evoluíram econômica e socialmente. Só porque venderam uma quantidade de madeira tirada de um projeto de manejo, que durante o ano cortaram umas árvores e receberam 2.500 reais e com isso deram entrada numa moto CG 125. Dizem: “agora ele está entrando no ramal, olha aí o fulano, mudou de vida”.

Então esse é o modelo que se estabelece. O modelo capitalista normal já faz uma pressão, que é acentuada por essas intervenções políticas dentro da floresta. As pessoas vão ter como referência o fazendeiro do carrão, na verdade todo mundo vai querer ter uma caminhonete hillux. Não é nem a moto. O êxodo continua acentuado. Inclusive, isso era uma crítica que a esquerda fazia, diziam que se atraíam as pessoas para as cidades. Diziam que era preciso mudar essa realidade. Mas a política deles está incentivando esse êxodo. Essas construções de casas é um exemplo, conjuntos habitacionais precários que você vê por aqui. Eu acho aquele conjunto chamado de Defesa Civil a pior obra de construção civil do Governo Jorge Viana (conjunto habitacional localizado em Rio Branco). As pessoas vão querer se estabelecer na cidade, porque é realmente um lugar onde ainda se tem algum conforto, algum benefício. Que estímulo alguém teria para permanecer em uma propriedade na Reserva Extrativista Chico Mendes em Assis Brasil, Sena Madureira, na cabeceira de um igarapé desses?

Como avalia a relação do Governo do Estado do Acre com as ONG's ambientalistas?

Eu tenho amigos que são do Greenpeace da Amazônia, em Manaus, o Paulo Adário e o André Mugiake. Sempre que encontro com eles em algum lugar, ou mesmo pela internet, sempre cobro: porque vocês não atuam no Acre? Eles respondem: “a gente não daria conta de tudo, e não sei o quê, não sei o quê” Eu acho que existe uma espécie de cumplicidade desmedida de ONG's com o governo local. ONG's como a WWF. Você já viu a WWF fazer alguma crítica, ou mesmo o Greenpeace, ou qualquer ONG ao Governo do Acre, contra esse discurso da florestania? Ou a própria Marina Silva? Isso eu já disse para ela. Porque não se faz a crítica a pretexto de dizer: “não, o pessoal lá do Acre é legal, eles tem uma boa proposta, eles querem salvar a floresta, eles estão com as ideias do Chico Mendes”. A pretexto disso, e em detrimento da realidade, permitem que se faça qualquer coisa. É um erro desprezível. Aqui se faz um projeto para ressuscitar, com dinheiro público, uma usina de etanol, se investe na prospecção de gás e petróleo em terras protegidas na fronteira, onde existe seringueiros, onde temos até índios isolados. Ninguém levanta a voz com essa situação.

Acho que é uma cumplicidade com o governo e ele se beneficia disso. Há também uma relação incestuosa, porque do Governo sai muito dinheiro para ONG's. Não para todas, porque tem organizações com um pé aqui que não dependem do financiamento público, são organizações internacionais que a título de solidariedade desenvolvem alguns projetos no Acre. Financiam, fazem parcerias com o governo. Mas também elas não levantam a voz. E as locais são dependentes, pois muitos membros participam ou participaram do governo e se acham legitimados, iluminados pelos céus, para decidir o que deve ser feito do Acre. Há um processo de cooptação.

Perguntado se existe mesmo a cooptação das lideranças, respondeu:

Sobre esse assunto leia o livro do Luiz, o trabalho de Luiz Venâncio. Ele mostra como morreu o movimento social no Acre. Mas ele publicou e foi considerado como inimigo. Publicar, criticar no Acre transforma-se em desrespeito. Você passa a ser um inimigo. Pensar, reunir, refletir, você passa a receber rabissaca (termo utilizado pelos acreanos para designar desatenção. Quando alguém fala com outra pessoa e ela, para não dar atenção e demonstrar desprezo pela pessoa que fala, sacode a cabeça, vira as costas e sai.). Eles passam a dar rabissaca para você. É perigoso até levar um processo judicial.

E nesse aspecto o Tião Viana (Governador atual do Acre) é o pior do que o Jorge Viana. Eu tenho sempre um exemplo: o Jorge, ele é capaz de passar, desculpa a expressão, de passar merda no nariz da gente e pedir: “cheira aí. Veja que coisa cheirosa, cheira com carinho que não está muito ruim não.” Não, não quero. “Tenta, devagar, com calma. Viu, nem fez cara feia”. A pessoa responde: “É mesmo, tem um buquezinho de rosa lá no fundo”. O Jorge ainda faz isso, já o Tião, se passar merda no teu nariz e você falar que fedeu virou inimigo.

Sobre essa capacidade do Jorge eu vou dar um exemplo: Um dia ele me liga e diz: “Machado, o que você está fazendo?” Eu não tô fazendo nada. “Vamos ali no Parque da Maternidade (obra construída por Jorge Viana no centro de Rio Branco) comigo, para ver a obra lá.” Eu fui. Paramos num lugar e ele disse: “olha, aqui vai ser a concha acústica. Estou querendo um nome, mas não tenho um nome para dar”. Eu disse: rapaz, que tal o Jorge Nazaré. O Jorge Nazaré morava bem aí. Ele disse: “pô, já valeu a nossa vinda aqui. Pô, há dias que estou querendo, buscando um nome e não conseguia”. Das duas uma: ou ele já sabia o nome e me levou ali só para confirmar e eu ter a sensação que participei daquilo, que eu ajudei a dar o nome. Ou então foi uma coisa mesmo dessa abertura que ele possui, abertura um pouco maior do que o Tião Viana. E assim ficou.

E tem mais, isso eu ouvi de assessores do Jorge. Disse-me que usavam um artifício de dizer assim: “Jorge, precisamos furar essa lata de azeite (apontou para o azeite que estava na mesa) para que possamos comer essa salada”. Se você falar assim ele não vai ouvir. Dirá: “Não, não. Hoje eu não quero salada”. Mas se você falar de outro modo, assim: “Jorge se lembra naquele dia que você chegou a furar a lata de azeite?” Se você falar que a ideia é dele, aí ele dirá: “vamos logo, vamos logo comer essa salada, vamos logo. Abre essa lata aí”.

Perguntado como deveria chamar os moradores da floresta respondeu:

A crise do extrativismo é grave, é tão grave que ninguém sabe mais quem está na floresta. Que eu saiba não existe mais ninguém no Acre que viva da produção da borracha. Aquele seringueiro, aquele cara que acordava na madrugada, colocava aquela lamparina na cabeça e saía para cortar seringa. No final do dia voltava para colher a tigela, ia para casa queimar um pouquinho, ou então mandar para a usina, isso não existe mais. Então seringueiro virou uma designação genérica, como era a do caboclo. Diziam caboclo para não dizer que o cara era índio. Chamavam caboclo. Mas o cara era kashinawa. Então, agora, para não dizer que são pequenos pecuaristas dentro da reserva Chico Mendes eles falam povos da floresta. Tem uns duzentos ou trezentos na Resex Chio Mendes.

A renda dessas pessoas não é apenas da borracha. A borracha é uma coisinha ali (a renda com a borracha é pouca). Por isso não se pode dizer que ele não é mais seringueiro. Aí eles dizem: “isso faz parte dessa crise de viabilidade, ou da inviabilidade da economia rural da Amazônia”. É uma crise. Fala-se muito dessa crise. Também permanecem crescentes os recursos com o objetivo de diminuir essa crise. Têm leis, mortes, lutas, e não se vê algo palpável. Algo expressivo na economia. Do ponto de vista da economia, uma crise é uma

coisa que passa na cabeça de todo mundo e ninguém tem uma solução. Então, tem gente que, diante disso, prefere canalizar seus esforços para a pecuária e a madeira.

Nas poucas vezes que entrei nesses lugares, observei que as pessoas estão tirando madeira para grandes madeireiras, que vendem madeira certificada para Europa, África, para os Estados Unidos, Ásia. E o cara ali sentado em um botijão de gás, não tem uma cadeira, uma privada, não tem mesa, não tem uma cama feita com uma madeira legal. Mesmo que seja rústica, uma cadeira, um banco.

Há uma tradição de uma vida simples, mais há também uma pressão das leis, de que você não pode usar, não pode fazer, a pressão é para entregar a madeira para a empresa. O mais importante é você entregar a madeira do que fazer algo daquilo. Eu não tenho assim números, dados, essas coisas de economia. Mas a melhor forma de averiguar, de constatar, é ouvindo as histórias das pessoas. Tendo uma conversa com quem está produzindo borracha, mas não na presença do gerente da fábrica. Você tem que ter uma conversa com ele sozinho. É mais importante isso, do que falar com um secretário importante. Você estará na contramão. Pode-se dizer tanto da economia, quando da história.

JOAQUIM DOS SANTOS VIDAL

Entrevista concedida em Xapuri/AC na sala de trabalho do colaborador. Escritório do Ministério da Saúde, antiga sede da FUNASA, em 19/01/2012. Data de nascimento 16/08/1960.

Eu nasci em um seringal no alto do Rio Xapuri, exatamente no último seringal, na colocação Folha de Natal. Sai de lá quando tinha quatro anos, e vim morar no seringal Bosque, aqui próximo. De Xapuri até lá são mais ou menos uma hora. Vim para a cidade com onze anos. Comecei a trabalhar na antiga SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública) em 1983. Até hoje estou trabalhando nesta organização, que agora se chama FUNASA (Fundação Nacional de Saúde). Praticamente o meu trabalho é realizado todo na zona rural. O que desenvolvemos na cidade é pouco.

Quando comecei tínhamos que andar nos seringais dormindo nas casas dos seringueiros, passando muitas vezes fome, pois a maioria deles vivia em dificuldades. No seringal não era fácil viver. Eu posso falar isso, pois conhecia a vida do povo da floresta. Eles viviam no sofrimento, devido, muitas vezes, à distância. Muitas pessoas moravam em áreas de difícil acesso e no inverno ficava complicado se deslocar até a cidade. Falando de saúde, a SUCAM era o único órgão do governo que visitava as pessoas nos seringais. Todos os anos estávamos lá.

Hoje a agente trabalha de uma forma diferente, antes trabalhávamos com a ideia de erradicar a malária, pois aqui era área de grande ocorrência, principalmente na época que começou a abertura de fazendas na década de 70. O governo abriu o espaço para o pessoal do Sul e do Sudeste. Eles vinham para os seringais para fazer fazendas. Foi quando começou o surto de malária, pois o mosquito, além de ficar na área onde estava sendo explorada a fazenda, se escondia dentro dos seringais.

A agente tinha obrigação de ficar correndo atrás das pessoas que estavam doentes para tratar e borrifar as casas. Íamos de casa em casa. Hoje eu posso dizer que as vidas dessas pessoas têm melhorado bastante em relação do que era logo quando comecei a trabalhar. Naquele tempo a gente andava a pé, daqui da sede da FUNASA até os seringais andávamos 27 horas a pé. Saíamos daqui com todo material nas costas. Saímos da sede com o DDT (sigla de Dicloro-Difenil-Tricloroetano, pesticida moderno largamente usado após a Segunda

Guerra Mundial para o combate aos mosquitos vetores da malária), com a bomba, com tudo. Carregávamos tudo até os fundos dos seringais. Hoje já existem ramais e as pessoas andam de motocicleta. Alguns ramais não permitem acesso de carro, mas é possível ir de motocicleta.

Outra coisa que observo é a questão das escolas. Naquele tempo era muito difícil escolas, a não ser na sede do seringal quando o patrão pagava o professor. Hoje, as escolas estão praticamente em todas as comunidades. Tem uma escola em cada comunidade. Também encontramos unidades de saúde ou Agentes de Saúde. Também nessa questão melhorou bastante a vida dessas pessoas. Até para o nosso trabalho melhorou, pois foi facilitado nosso acesso com os ramais e hoje chegamos rapidamente para desenvolver nossas atividades.

Eu vejo que hoje, devido o acesso, a maioria do povo vem para a cidade. Principalmente para se divertir. Antes isso não era possível. O pessoal fazia um forró lá pela mata mesmo, na casa de um conhecido, essas coisas de reunir o povo na vizinhança para fazer um farozinho. Eu e os outros técnicos da SUCAM, muitas vezes, chegávamos e éramos convidados para participar da festa. Hoje o povo só faz festa na zona rural quando é época de São João.

Na época dos festejos juninos, lá na colocação Guarani eles fazem festa, também no seringal Boa Vista e lá no Sumaúma, mas isso é uma vez no ano. Antes não, era todo final de semana. As pessoas se reuniam nas casas dos conhecidos e faziam lá as festinhas. Como hoje tem mais acesso, o povo vem para a cidade. Naquele tempo, a gente via muitas pessoas dos seringais com dinheiro nas festas do 20 de Janeiro (festejos em homenagem a São Sebastião) em Xapuri porque eles lidavam com a borracha e com a castanha e só vinham uma vez no ano para gastar na cidade. Antigamente só vinham para a cidade em janeiro, para a festa de São Sebastião. Hoje, a maioria das pessoas que moram na zona rural vêm quase todos os meses, porque existe carro que vai lá buscar a produção. Por isso afirmo que as coisas têm melhorado para eles.

O comércio do varejo (camelôs) nas festas do 20 de Janeiro está diminuindo porque o pessoal gasta o dinheiro quase que todo mês na cidade. Mas naquele tempo, vinham uma vez só por ano. O patrão também colocava um limite mínimo de produção, isso para dificultar a vinda das pessoas do seringal para a cidade muitas vezes por ano. Com isso, o seringueiro produzia mais e o patrão lucrava. Para o patrão não era bom o seringueiro se deslocar para a cidade.

Perguntado se atualmente observa mais crentes (protestantes) ou católicos nos seringais, respondeu:

Com relação à religião, tá bem dividido. Antes praticamente 100% da população era católica, muito raramente a gente ouvia falar de alguém de outra religião. Hoje não, em quase toda comunidade tem uma capela ou uma igreja de outra religião, que não seja católica. Tem Assembleia de Deus e Testemunhas de Jeová por todo canto. Então, essa questão está bastante dividido. Em muitos lugares a maioria é evangélica.

Perguntado sobre a situação de saúde dos seringueiros, respondeu:

Com relação a aspectos de saúde houve uma mudança na questão das doenças que a FUNASA é responsável. Antes o problema era a malária. Hoje na área da reserva Chico Mendes e nas localidades vizinhas da reserva temos a leishmaniose como um problema muito grande. É uma doença transmitida por um mosquito silvestre. O mosquito vivia lá no meio da floresta. Mas devido o homem está explorando o ambiente onde esses vetores vivem, eles passaram a migrar da mata para as proximidades das residências. As pessoas criam, dentro da reserva, gado, porcos e possuem animais domésticos. Esses animais são fonte de alimento

para esses vetores. Os mosquitos são atraídos pelos animais e termina por entrar em contato com os seres humanos.

Estamos observando uma grande elevação dos casos da doença anualmente. Esse vai ser nosso desafio: combater essa doença. A agente tem lutado bastante, mas é muito difícil. Fazemos o trabalho de borrifação intradomiciliar e o tratamento das pessoas doentes. O medicamento tem sua distribuição gratuita pelo centro de saúde. A pessoa vai ao médico, faz a coleta do material que vai para análise. Dando positivo, essa pessoa recebe o tratamento. Hoje o tratamento no seringal não é o ideal. O ideal seria que o paciente ficasse na cidade e lá fosse tratado. Mas nem todo mundo tem condições de ficar na cidade para tomar 40 ou 50 ampolas do medicamento.

Eles alegam que o governo não dá condição para ficarem na cidade, e aí eles têm que levar o medicamento para o seringal. Então, não temos condições de acompanhar esse tratamento. Não tem como a gente acompanhar. Fica difícil saber se aquela pessoa doente realmente tomou a quantidade correta para curar e se foi orientada, após o término do tratamento, para retornar e verificar se está realmente curada para, somente aí, ser liberada. Mais de 99% não retorna, e não temos como acompanhar essas pessoas.

Perguntado se os seringueiros ainda caçam, respondeu:

Nas florestas de Xapuri ainda existe caça nas áreas distantes. Entretanto, aqui próximo da cidade não existe mais devido à exploração da natureza, do ambiente. Os animais se afugentaram. Os que não foram mortos foram embora para áreas distantes, para áreas de difícil acesso. As pessoas que vivem em áreas de difícil acesso ainda caçam durante o dia e fazem a espera durante a noite. Com o objetivo de matar o animal para alimentar a família. Mas a maioria dos que moram na zona rural, em locais próximos da cidade, se alimenta como nós. Comem carne de boi e carne de animais do terreiro como a galinha e o porco.

O que eles produzem atualmente?

Tem poucas pessoas que vivem hoje somente da exploração da natureza, sobrevivendo somente dos produtos da floresta, do extrativismo. Onde existem ramais que permitem acesso para o carro da NATEX buscar o látex e trazer pra fábrica de preservativo eles cortam seringa. Entretanto, a maioria não corta mais, vivem lá praticamente da exploração da terra, de pequena agricultura.

A castanha é um produto que só dá uma vez por ano, nesse período agora tá caindo as castanhas, os ouriços. Então o pessoal está colhendo para vender. Mas no começo de fevereiro ou de março já acabou. Das pessoas que moram na reserva poucos cortam seringa regularmente. Vivem da criação de gado mesmo. Existe bastante criação de gado lá, é a sobrevivência deles. Eles vendem um bicho aqui e outro acolá, e assim vão vivendo.

Perguntado como chamar os sujeitos que habitam a floresta hoje, respondeu:

Eu acho que aqueles que moram nas florestas deveriam ser chamados de extrativistas. Pessoas que para sobreviverem utilizam o que natureza produz. Mas como eu estava falando, a maioria vive quase que exclusivamente da agricultura. O interessante é que chamam de povos da floresta, mas boa parte desse povo vive mais na cidade e não na floresta. Hoje é difícil essas pessoas que moram na mata passarem dois meses sem visitarem a cidade. Estão aqui na rua direto. São poucos os que produzem alguma coisa para trazer para cidade. Nós da FUNASA, que vamos de casa em casa, no dia-a-dia, observamos a dificuldade deles e a forma bem precária que vivem, inclusive tem gente que passa necessidade lá do mato. Mas o

Governo do Estado tem dado muita ajuda. Tem muito incentivo para eles pegarem dinheiro e não pagarem nunca.

Tem pessoa que lá no mato vive de Bolsa Família. Mora no seringal e todo mês vem aqui para cidade pegar dinheiro e, ainda, levar arroz ou alguma coisa que deveriam mesmo era está produzindo. Como nasci no seringal vejo muita fraqueza desse povo hoje, porque meu pai plantava bastante na época que eu morava lá, lembro muito bem que tinha muita coisa armazenada, era baú de arroz, saco de feijão, não comprávamos nada disso na rua. Tinha tudo lá no seringal. O que era comprado aqui na rua era querosene e sabão. O açúcar era feito lá mesmo, era moído a cana e feito o açúcar. As pessoas tinham mais saúde, eles produziam um produto natural. Hoje sabemos que a maioria dos produtos dos supermercados é contaminada por agrotóxicos. Tem um bocado de substâncias que prejudicam a gente.

Na floresta hoje, onde não tem energia da Eletrobrás, existe uma placa solar para alimentar a televisão. Além da TV, a maioria tem moto. Antigamente o cara morava no seringal e tinha que ter uma espingarda para tá matando bicho para comer. Entretanto, hoje é necessário possuir uma moto para poder se deslocar até a cidade. Tem uma colocação no seringal do Pupuri, ou do Cachoeira, não lembro, onde eu conheço um morador que vai para a estrada de seringa só para passear. Vai de moto, não para cortar, mas para passear.

A maior parte desse povo cria o gado e tem também aquelas pessoas mais idosas que são aposentados e hoje vivem só da aposentadoria, já não trabalham. Não fazem quase nada, não cultivam o roçado e não cortam seringa, ou colhem castanhas. Moram na mata porque acham bom morar na região. Mas são aposentados. Eu mesmo, se pudesse, morava na mata.

Perguntado se ainda existe muito alcoolismo nos seringais, respondeu:

Os que não são evangélicos bebem muito, bebem tudo. Até o álcool que é utilizado em laboratório. Bebem pinga e todo tipo de bebida. Eles bebem mesmo. Quase em toda comunidade tem um local onde vende álcool. Quase todo local tem um botequim vendendo uma pingazinha, um álcool. Em boa parte dessas comunidades tem alguém que vende. Lá dentro do seringal Cachoeira tem um boteco que vende cerveja e pinga. Tudo tem para vender.

Perguntado o que significa comunidade, respondeu:

Comunidades é um setor, vamos dizer assim. Aqui nos temos a comunidade do Rio Branco, alí no seringal Floresta. O pessoal daquela região, que moram na região, chamam de comunidade: comunidade do Rio Branco, comunidade do Guarani, comunidade do Dois Irmãos.

Antigamente os seringueiros costumavam, contar as histórias da mata para as crianças. Hoje ainda é assim?

Hoje é muito difícil ouvi-los falando das lendas antigas, pelo menos a gente não presencia eles falando disso. Isso era uma coisa que faziam antes. Os mais antigos, os mais idosos contavam aquelas historias que até a gente que é mais velho ficava com medo. Ouvindo as histórias, ficávamos com medo, principalmente quando tínhamos que ir de uma Colocação para outro lugar sozinho na mata. Depois de ouvi as historias eu ficava pensando: rapaz, será que não vai aparecer aqui ou isso é só lenda.

Isso é tudo lenda, existem pessoas que falavam no caboquinho da mata. Diziam que era uma pessoa bem pequena e que mandava nos animais. As pessoas, quando matavam os bichos da floresta, as caças, sem precisão, eram punidos pelo caboquinho. Às vezes o cabra ia

para mata e ele se apresentava. Pegava o seringueiro pela cabeça e colocava debaixo da uma raiz. Deixava o seringueiro preso lá. Poderia bater no seringueiro, contavam que o caboquinho dava pisa nos cachorros. Isso eu ouvi contar muito, mais hoje não se ver falando muito disso não. Apareceram as novelas na televisão.

Veja, no nosso trabalho na FUNASA entregamos o mosquiteiro impregnado de veneno para matar o mosquito da malária e todos os outros vetores. Na entrega, eles precisam preencher um formulário. No formulário é solicitado o horário que as pessoas costumam deitar para dormir. Nas localidades onde não tem televisão as pessoas dormem oito horas, sete horas. No máximo às oito horas já estão deitados. Mas onde tem antena parabólica, onde tem a televisão, o pessoal diz para a gente que só vai dormir depois da novela, lá pelas dez horas, dez e meia. Então, mudou o jeito, os hábitos das pessoas da mata. E até para nós que distribuimos os mosquiteiros complica. Fica ruim para eles mesmos, porque quanto mais tempo eles passarem lá fora dos mosquiteiros estarão expostos a serem picados pelo mosquito que transmite a doença. É tanto, que nessas localidades onde distribuimos o mosquiteiro e tem televisão estão se repetindo alguns casos. Onde não tem TV, estamos observando que estão diminuídos bastante os casos da leishmaniose.

O mosquito que transmite a leishmaniose aqui na nossa região é conhecido por catuki, o povo chama de catuki. Mas ele tem vários nomes populares: andalía, birigui, catuquíra, asa branca. Ele pica no mesmo sistema da malária, que é de manhãzinha e de tardezinha. Ele começa ao entardecer e vai até o amanhecer, durante esse período ele está agindo.

Na zona rural de Xapuri não é em todo lugar que tem o mosquito, mais aonde existe você está sujeito, porque existem em torno de 700 e poucas espécies e, destas, quase 200 transmitem. O transmissor da família da malária só tem 54 espécies no Brasil e somente 6 transmitem. Se já temos um problema bem grande com malária, já imaginou com a leishmaniose, que são bem mais indivíduos.

A maioria das pesquisas que nós temos feito capturando esses insetos na natureza tem demonstrado um grande índice de transmissor positivo da doença. Então, é uma coisa preocupante. É por isso que Xapuri hoje é o campeão na região Amazônica em leishmaniose. Pelo menos no Acre não tem quem ganhe não. Nós temos o maior índice dessa doença. Registrado, só nesse ano, 46% em crianças menores de 10 anos. Mas de três anos para cá, a doença tem sido 50% a 51% em crianças menores de 10 anos.

Após o mosquito picar, sugando o sangue da pessoa, ele passa por um período de incubação que demora em torno de 7 a 14 dias. Mas pode até demorar 20 anos para a doença se manifestar. Aqui na nossa região existe a leishmaniose americana, que é uma ferida braba. A ferida braba, como o pessoal chama, aparece no rosto, pernas, nos membros, em todo o corpo. Em algumas regiões do Brasil existe a visceral, essa é interna e quando a pessoas descobre não tem mais cura.

Graças a Deus que essa ferida não mata, mais deixa a pessoa com problemas. Com cicatrizes. Nas moçoilas a maioria dá no rosto. Elas ficam se sentindo muito ruim para o resto da vida. Por que aquilo lá não vai apagar, então é difícil. Temos lutado para diminuir esse índice, o que nos falta é o apoio por parte dos governantes.

RAIMUNDO CLÁUDIO GOMES MACIEL

Relato concedido em 05/10/2011, na Universidade Federal do Acre (UFAC), na cidade de Rio Branco/AC. Idade do colaborador: 42 anos.

Eu comecei a pesquisar os seringueiros quando terminei a graduação. Meu interesse pela agricultura familiar, pela produção familiar e por extensão, pelos seringueiros, aconteceu justamente quando eu ainda estava concluindo a graduação. Pensava já na monografia e numa disciplina fiz uma visita ao projeto RECA, que é um projeto referência sobre Sistemas Agroflorestais localizado na divisa do Acre com Rondônia. Foi lá que eu decidi ser um pesquisador, fazer trabalho com a população rural, devido às dificuldades da região, a falta de estudos, a falta de interesse de pesquisadores pelo tema. Eu fiz minha monografia em 1996, quando eu conheci a Rejane (esposa) e tive o primeiro contato com pesquisa nessa área rural. Nesse momento me identifiquei com pesquisa.

Em 1996, justamente quando eu terminei a monografia, começou o projeto ASPF (Análise Econômica de Sistemas de Produção Familiar no Vale do Acre – projeto de pesquisa de um grupo de professores do antigo Departamento de Economia da Ufac). Foi em novembro de 1996 que o ASPF foi criado pelo professor José Fernandes do Rego que, naquele momento, buscava montar uma equipe de pesquisadores dentro do Departamento de Economia. Eu estava fechando a graduação e fui convidado para fazer parte da equipe, inicialmente para trabalhar como estagiário, pois ainda não tinha concluído o curso. Mais logo depois concluí, em janeiro de 1997. Então, comecei a fazer parte da pesquisa e comecei a trabalhar não somente com sistema agroflorestal, mas também com seringueiros, com colonos, com agricultores, com ribeirinhos. Esse ainda é o objetivo principal do ASPF até hoje.

Dado minha experiência no projeto RECA, passei a coordenar a equipe de estagiários e fazia entrevistas em todo o Estado. Foi uma experiência riquíssima, pois consegui conhecer vários produtores familiares, dentre eles os seringueiros. Os seringueiros representam um mundo à parte em relação aos demais sistemas de produção familiar. São diferentes. Você olha o seringueiro e percebe que possuem um sistema próprio, um ambiente próprio, um deslocamento próprio, muito diferente de uma área de colonos. Percebo isso, pois vou muito ao campo. A partir desta época, a cada dia me interessei mais em estudar essa população, esse público.

Na pesquisa do ASPF, nós aprofundamos o estudo fazendo diagnósticos socioeconômicos. Até hoje existem poucos estudos sobre as diversas áreas da região rural acreana, principalmente sobre os extrativistas. E mais ainda, sobre o extrativista do Juruá (a mesorregião do Vale do Juruá é uma das duas mesorregiões do Acre. É formada pela união das microrregiões de Cruzeiro do Sul e Tarauacá), que é uma área onde não tem tanto estudo. A reserva Chico Mendes é bastante estudada, mas mesmo assim, é uma área ainda carente de pesquisadores. E mais, há uma coisa que me motivou muito nesse período todo: conseguir mais economistas que queiram ir para a floresta, porque isso é um grande tabu.

Às vezes a gente vai conversar com os seringueiros e com outros produtores rurais e eles perguntam se nós somos engenheiros florestais, se somos agrônomos, ecólogos. Quando a gente diz que é economista eles falam: “o que é que você está fazendo no meio do mato?” Isso é muito legal, a gente tá tentando quebrar alguns tabus. Então, desde 1996, trabalho com esse público, já fazem 15 (quinze) anos. Eu me interessei muito por seringueiros dado algumas particularidades.

Trabalhei com algumas pesquisas em 1996, 97 e 98. Comecei a trabalhar com um projeto chamado Ilhas de Alta Produtividade, basicamente em 1997. Trata-se de um projeto que foi trabalhado pelo pesquisador da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

(ESALQ), uma unidade da Universidade de São Paulo (USP), chamado Paulo Kajiama. A partir daí me interessei mais pela população seringueira, tanto é que fiz a minha dissertação de mestrado e minha tese de doutorado na Reserva Extrativista e com os seringueiros.

Você os chama de seringueiros ou extrativistas?

Existe uma discussão teórica grande que a gente vem trabalhando nela ao longo desses últimos 15 anos. Essa discussão foi posta com o trabalho do professor Orlando Sabino (professor da UFAC) na dissertação dele. Ele utilizou a teoria de Chayanov, justamente para explicar a discussão e o desenvolvimento do modo de vida seringueiro, do ponto de vista de reprodução social.

Em alguns momentos ele chama os seringueiros de camponeses. Entretanto, hoje isso é uma discussão pacífica. Ao invés de chamar seringueiros, eu chamo de extrativistas, pois o seringueiro deixou de ser um seringueiro *per se*. Ele passou a ser um extrativista porque não somente extrai seringa. Hoje ele extrai seringa, coleta na floresta castanha, alguns óleos de vegetais como a copaíba. Mas você têm outros produtos extrativistas, até mesmo o açaí que hoje é um produto extrativista.

Então, o extrativismo representa muito melhor esta população. Em termos conceituais, nós trabalhamos com outra discussão teórica, ou seja, o seringueiro, em última instância, pode ser enquadrado na categoria de agricultor familiar rural. Isso é uma discussão teórica que parte desde Chayanov. Obviamente não dar para a gente chamar o produtor rural brasileiro, o agricultor, de camponês, pois é outro modo de vida, outra forma. Diferente da concepção pensada em Chayanov, ele pode ser trabalhado como um camponês típico e no Brasil, hoje, há uma grande corrente teórica que chama de agricultor familiar.

O extrativista pode ser considerado hoje, inclusive por lei, como agricultor familiar. Porque é uma categoria ampla. E o que seria agricultor familiar? É aquele tipo de produtor que é o proprietário dos meios de produção, onde a própria família empreende os esforços produtivos. Esse é o agricultor familiar. Então, isso se enquadra com o extrativista de forma geral. Por isso, ao invés de chamar seringueiro, nos chamamos extrativistas, por mais que tenha o termo agricultura.

Observo que agricultura é uma concepção de um tipo de produtor. Não quer dizer que ele vai produzir só agricultura. Então, dentro do ASPF, ao invés de agricultor familiar, encontramos um termo muito mais adequado: produtor familiar rural. Que seria um termo muito mais adequado do que agricultura familiar.

É interessante porque percebemos que eles se definem como extrativistas e não como seringueiros, e aí tem muito a ver com a politização desse público. Mais isso é um processo de politização, pois eles entenderam que como extrativistas eles terão uma outra discussão do ponto de vista das políticas públicas. O seringueiro que vai produzir castanha é um castanheiro. Seringueiro ou castanheiro? Na realidade eles são extrativistas. Então, muitos deles, pela observação e conversa, efetivamente se consideram extrativistas. Mais uma vez importante: pelo processo de politização. E isso é importante desde o movimento seringueiro, na segunda metade do século 20 (vinte).

Perguntado sobre as mudanças que tem percebido nos últimos anos em suas andanças na floresta, respondeu:

Sobre mudanças na floresta, uma primeira questão que dar para identificar é o tipo de moradia. Isso é fundamental. Hoje, dificilmente você vê casa com ripa de paxiúba. Isso está relacionado com políticas públicas recentes. Onde os seringueiros conheceram o crédito habitacional do INCRA, que é uma reivindicação antiga dos seringueiros. Nos últimos quatro

anos começaram a fazer novas casas. Na última pesquisa que fizemos, observamos o pessoal carregando madeira para construir essas casas. Isto é impacto das políticas públicas chegando lá, e é um fruto do movimento iniciado lá atrás. Esse é um primeiro aspecto.

Um outro aspecto é a politização dos seringueiros. Podemos dizer o seguinte: tem um lado bom dessa parte de politização, mas às vezes gera uma discussão interna dentro da própria comunidade, que divide a comunidade, do ponto de vista de algumas questões políticas conflitantes. Vou dar um exemplo: hoje, uma coisa que divide muito o movimento e que impacta na vida deles é a adoção ou não do manejo florestal madeireiro. Porque tem extrativistas a favor e extrativistas contra. E isso tem muita discussão política, obviamente, dada a politização, não poderia ser diferente.

Outro aspecto que é fundamental nesse processo, que a gente vem identificando ao longo do tempo é, justamente, a mudança no hábito de consumo dessas famílias, isso é decisivo. Nós temos que entender bem isso. Nós fizemos uma pesquisa sobre a produção do lixo rural, esse estudo surgiu justamente quando a gente viu a mudança no hábito de consumo, ou seja, o produtor está cada vez mais dependente do mercado, do ponto de vista da aquisição de suas necessidades (bens, serviços, mercadorias). Foi isso que observamos.

Hoje têm seringueiro, ou extrativista, que ao invés de produzir galinha caipira, está comprando frango congelado. Isso é resultado também, obviamente, da chegada da luz no campo, que é um processo interessante. Então, essa mudança no hábito de consumo está relacionada a uma série de coisas, uma mudança cultural efetivamente, do ponto de vista de criar hábitos de consumo do meio urbano, dado a proximidade de algumas localidades, dado a urbanização de algumas áreas. Essa é uma discussão muito recente, que tem se aprofundado.

Nós tentamos discutir um pouco isso no debate sobre o lixo rural, mas não somente essa questão, há vários outros processos que estão ocorrendo. Estas questões todas, justamente com a interferência da televisão. Por exemplo: a televisão é fundamental em muito desse processo, entendeu?

E isso tem que ser estudado melhor, porque tem interferido na vida produtiva, na vida afetiva. Tem alguns estudos recentes que tentam apreender essa discussão, e assim nós estamos aqui buscando novos pesquisadores para avançar nessa área, porque nós temos poucos, pouquíssimos, estudos no Brasil. Imagina na Amazônia. Nós não conhecemos isso direito.

Muito bem, observo algumas outras mudanças. Do ponto de vista produtivo, as mudanças ainda são tímidas, e esse é um ponto importante que merece ser destacado. Porque se a gente observar hoje, o principal produto extrativista ainda é a castanha. Isso não quer dizer que seja ruim. Mas quando eu estou falando de uma área de Reserva Extrativista aí têm uma outra lógica produtiva. Então, na minha tese, eu justamente identifiquei que hoje, somente agora, final da primeira década do século XXI, é que a reserva está conseguindo cumprir com seu papel de fortalecer o extrativismo e as populações extrativistas.

E mais ainda, nós estamos trabalhando num estudo recente agora que eu fiquei muito surpreso. Tem um orientando que vai defender uma monografia agora, sobre pobreza e desigualdade de renda na reserva Chico Mendes. É um estudo inédito, eu não conheço outro estudo sobre pobreza e desigualdade de renda na reserva. Esse é o primeiro estudo que mostrou o seguinte: nos últimos 10 (dez) anos, a pobreza diminuiu na reserva, isso é um negócio fantástico, é um negócio impressionante, ou seja, a reserva está cumprindo com seu papel, que é fruto do movimento seringueiro.

Como a reserva foi fundada em 1990, vinte e um anos depois, vinte e um não, se a gente considerar os dados de 2007 (referia-se aos dados da primeira pesquisa do projeto ASPF), quinze anos depois. Somente quinze anos depois é que você tem os primeiros resultados disso, é um negócio interessante. O que tem de bom? O que é que tem de ruim nesse processo todo?

Um primeiro aspecto da mudança é justamente que a população seringueira tem uma necessidade crônica. Toda reunião que fazemos com eles é o seguinte: “Doutor, nós precisamos fazer dinheiro”. Isso é impressionante, quase toda reunião eles dizem: “doutor, o que dar para gente produzir para fazer dinheiro?”

A fábrica de Xapuri, a NATEX, surgiu justamente como alternativa para eles fazerem dinheiro. E fazer dinheiro com o que? Com aquilo que eles já sabem fazer, obviamente. Eles produzem o látex, de uma nova forma, mais não é tão diferente da forma que eles produziam. Além disso, o mais primordial nesse processo é que eles conseguem fazer e vender látex a um preço muito bom. Tanto pelo preço do látex de mercado, quanto pelo subsídio da borracha (Governo do Acre concede subsídio aos produtores desde 1999).

Então, eles veem que é possível ganhar alguma coisa vendendo látex. Tem uma questão que eu acho que merece ser pontuado: infelizmente a NATEX é muito restrita, está muito restrita a alguns seguimentos de extrativistas e isso é um ponto ruim. Então, na última vez que eu conversei com gestores da área eles falaram que iriam fazer investimentos só num raio de 30 km da fábrica. Isso aí eu chamo de política burra, eles estão pensando igual a Álcool Verde (fábrica de etanol localizada em Rio Branco). O que eu esperava era uma política que beneficiasse todos, não para beneficiar só um grupo de privilegiados que moram próximos da NATEX. Isso pode futuramente causar conflitos internos, pois algumas famílias ganham e outras não. Então, só porque eu moro longe eu não posso me beneficiar desta fábrica. Isto pode gerar conflitos. Mas se for bem trabalhado, a NATEX é uma política interessantíssima do ponto de vista de fortalecimento dessa população.

Existe diferença entre os seringueiros no tocante às distâncias de moradia da cidade de Xapuri. É uma diferença do ponto de vista da geração de necessidades. Isso é interessante, quem está próximo da cidade é muito mais dependente do mercado. É o cara que compra o frango congelado e não produz a galinha caipira, não são todos obviamente. Mas eles preferem comprar arroz agulhinha do que produzir arroz. Então essa é uma diferença básica. Hábitos de consumo, além disso, como estão próximos do mercado, tem outro processo que é a diversificação produtiva.

Então, muitas vezes, eles deixam de cortar seringa para produzir o gado, produzir outro tipo de produto dado à proximidade do mercado. Até mesmo não produzir produtos extrativistas, buscando fazer coisas para o mercado, que está do lado. Porque você sabe que nessa região tem problema de transporte, então, às vezes, o cidadão que está lá a 10 (dez) horas de viagem para o centro do seringal não tem diversificação produtiva. Não é porque ele não quer, mas por está longe do mercado. Eles estão longe da fábrica NATEX, não conseguem vender nem para NATEX. E isso é um problema que eles não podem resolver. É um problema de política pública, que tem que chegar lá de uma forma ou de outra.

Eu achei muito estranho da última vez que conversei com o Secretário de Floresta. Disse-me que hoje tem uma política em andamento no Acre de plantar seringueira. Principalmente em Xapuri. Mais qual é o problema? Vão plantar a seringueira em um raio de 30 km da NATEX, ou seja, vão privilegiar poucos. Mas porque não plantar na reserva inteira? Quando perguntei e achei um absurdo a resposta. Um absurdo um gestor falar assim: “É que só tem velho na floresta.” Eu disse: como assim, só tem velho?

Nossa pesquisa mostra que a quantidade de jovens é imensa nessa região, muitos adolescentes. Então, temos um gestor que não sabe o que está acontecendo na floresta, isso impacta diretamente. Por exemplo: voltando um pouco à fábrica de preservativos. Os jovens dos seringais pararam de produzir borracha, eles não queriam seguir a profissão do pai, ou seja, ser seringueiro. É interessante que um dos motivos alegados era que fazer a borracha, o CVP, que é o cernambi prensado, é muito fedorento. Só que com o látex eles voltaram. Porque o látex não deixa cheiro, isso está relacionado a quê? Obviamente há um hábito. A um

padrão de consumo daqueles de antigamente, os novos querem ir para as festas e não querem ir fedorento.

Informado que faria a transcrição de sua fala e precisaria da autorização depois, respondeu:

Eu acho que o papel do pesquisador é disseminar as informações que está levantando. Então, não só autorizo você utilizar tudo que falei na tua tese, como acho que você deve utilizar (risadas). Utilize, porque nós temos um pouco de experiência para repassar. Eu tenho duas sugestões, se você quiser uma entrevista com seringueiros profissionais, sindicalistas profissionais, que tem muitos, ele vai dizer o que você quer ouvir. Infelizmente é isso. É bom você conversar com seringueiro que nunca foi sindicalista.

Eu sugiro no PAE Cachoeira entrevistar, além dos parentes de Chico Mendes, os seringueiros mais afastados. Qualquer um deles. Eu acho que é legal você pegar alguém que ninguém conhece. Você vai ter uma opinião mais isenta. Tem um cara que eu acho que você deveria entrevistar. Eu gosto muito de conversar com ele, é o seu Moisés, lá do Seringal Floresta, não sei se você conhece? Ele tem um filho que participou do movimento dos seringueiros algum tempo, o João. Chamam ele de João do Moisés, você conhece né?

O João é um cara que vale a pena conversar. Ele andou muito com a gente, andou muito com pesquisadores. E tem algumas percepções. O pai dele é legal de conversar. Outro cara bom de conversar é o seu Antônio Pinto, do Seringal Independência. Você pode chegar pelo Seringal Dois Irmãos ou subindo pelo rio Xapuri. Você vai pelo rio, passa do Dois Irmãos, é do lado, logo depois. Você pode ir andando ou pode ir pelo rio direto, aí é só atracar no porto dele, ele é o primeiro do porto, seu Antônio Pinto, ele é um cara legal.

Pode ir lá pela fazenda dos padres, desce no porto lá e vai até o seu Antônio Pinto. A última vez que eu conversei com ele notei que têm uma visão muito clara das coisas. Por exemplo, ele pegou o crédito para produzir pupunha para palmito. E não usou o pacote todo, deram um monte de fertilizante, ele disse: “não precisa na minha terra”. Sabe, ele é um cara legal de conversar e não está tão dentro do movimento (político), entendeu?

Os filhos já estão adultos, não sei como ele está, faz tempo que eu fui na sua casa, foi em 2007. Ele é um cara legal de conversar, porque se não você vai bater nos mesmos, entendeu? Acho que não vale a pena. Eles já vão dizer o que você quer ouvir. Possuem um discurso de acordo com o cliente, infelizmente é assim.

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 17/12/2012

Eu, ALVIZIO TELES, RG N° 1044315-9 SSP/AC, residente e domiciliado (a) SERINÓPOLIS FLORESTA COLONIZAÇÃO MARCOA, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 23/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Alvizio Teles

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 26/04/2013

Eu, AGENOR FERREIRA LIMA, RG Nº 95633, SSP/ AC,
residente e domiciliado (a) COLATON ATAMIRA 2,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 19/05/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Agenor Ferreira Lima
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 29/04/2013

Eu, ALDECIR FERREIRA DA SILVA, RG Nº 132598SSP/AC,
residente e domiciliado (a) COLOCAÇÃO ALTAMIRA 1,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 26/05/2013 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Aldecir Ferreira da Silva
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Rio Branco/Acre 30/09/2013

Eu, **GOMERCINDO CLOVIS GARCIA RODRIGUES**, RG Nº 1.189.516-0 SSP/AC, residente e domiciliado (a) na Rua Chile, 213, Rio Branco/Acre, CEP 69.905-092 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 30/07/2013 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Rio Branco/Acre 09/11/2011

Eu, JOSE ACTIVO DA CRUZ MACHADO, RG Nº 113719, SSP/ AC,
residente e domiciliado (a) ESTRADA RAIMUNDO IRINEU SILVA, 3420,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 09/11/2011 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros.

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 24/06/2013

Eu, JOÃO BATISTA FERREIRA DA SILVA RG N° 0241166 SSP/ AC
residente e domiciliado(a) SEM VILA FLORISTA COLONIAS TAVARES
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 15/06/2013 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das imagens e
citações a terceiros.

João Batista Ferreira da Silva
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 16/12/2012

Eu, JORGE MONTENHO DA SILVA, RG N° 38.489/1 SSP/AC, residente e domiciliado (a) SARINHAZ BOA VISTA COLOMIA BOA FIA declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 23/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Jorge Montinho da Silva
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 19/04/2013

Eu, JOAQUIM VIDAL, RG Nº 0119268, SSP/AC, residente e domiciliado(a) RUA 24 DE JANEIRO S/N - CENTRO, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 19/01/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das imagens e citações a terceiros.

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 24/06/2013

Eu, JOSE RIBAMAR SILVA BATISTA, RG N° 213153, SSP/Acre, residente e domiciliado(a) QUADRA PROPOSTA EDUCACAO MAPUCA QUEIMADA, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 15/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das imagens e citações a terceiros.

Jose Ribamar Silva Batista
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 26/04/2013

Eu, JOSE BARBOSA DE LIMA, RG Nº 86294 SSP/SP,
residente e domiciliado (a) COLOCAÇÃO PONTÃO 2 SEMINHA CALHOREIRA
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 19/05/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Jose Barbosa de Lima

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 24/04/2013

Eu, JOSE DE LIMA EDVINO, RG Nº 92905, SSP/AC,
residente e domiciliado (a) COLOCAÇÃO PONTO 1,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 05 maio/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

JOSE de Lima Edvino
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 20/07/2013

Eu, MANOEL PANTOJA DA SILVA, RG Nº —, SSP/ —,
residente e domiciliado (a) SERINHAL FLORESTA, COLOCAÇÃO TAQUARI,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 15/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Manoel Silva

Assinatura do colaborador

OBS: NÃO POSSUI RG.
NÃO SABE INFORMAR COM CERTEZA SUA
DATA DE NASCIMENTO

CARTA DE CESSÃO

Rio Branco/Acre 19/04/2013

Eu, JÚLIO BARBOSA DE AQUINO, RG N° 076.142, SSP/AC, residente e domiciliado (a) Rua Dr. Batista de Moraes, S/N, cidade de Xapuri/AC, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 19/01/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 15/12/2013

Eu, MARIA MENDES DO NASCIMENTO, RG N° —, SSP/ —,
residente e domiciliado (a) COLOCAÇÃO MONTEVIDEL ZINHO SENHOR NA VISTA
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 31/08/2013 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

carolina estevão do nascimento

Assinatura do colaborador

OBS: COLABORADORA INFORMOU QUE NÃO POSSUI
RG

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 27/04/2013

Eu, MARIA LUCIANA GOMES VERCOSA RG N° 361582 SSP/ AC
residente e domiciliado(a) COLOCAÇÃO BOA VISTA / DAE CHICO MENDES
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 26/05/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros.

Maria Luciana Gomes Vercosa
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 15/12 2012

Eu, MARIO HONORATO DE SOUZA, RG N° 38993, SSP/ AC,
residente e domiciliado (a) SARINEM BOA VISTA COLUACA SASTRE DO EVANGELI
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 23/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Mário Honorato de Souza

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 20/07/2013

Eu, PAULO SORLE SILVA DE SOUSA, RG N° 0180237 SSP/SSP/AC
 residente e domiciliado (a) SEMINHOS BOO VISTA EULOGIOPI S&S,
^{5005 JO GUARANI}
 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
 dia(s) 15/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
 Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
 usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
 presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
 para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
 terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
 escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Paulo Sorle Silva de Sousa

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 30/04/2013

Eu, MARIVALDO FRANCO DE LIMA, RG Nº 441132 SSP/AC,
residente e domiciliado(a) JAMINGA PROMESTA COLOCAÇÃO NO BRANCO,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 15/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das imagens e
citações a terceiros.

Marivaldo Franco de Lima

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 28/04/2013

Eu, MARLENE TEIXEIRA DE OLIVEIRA, RG N° 101475, SSP/ AC,
residente e domiciliado(a) SENADOR CACHOEIRA LOBOCHAS 309 VISTA,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 26/03/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros.

Marlene Teixeira de Oliveira
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 21/07/2013

Eu, RAIMUNDO NONATO CORREIA DIAS, RG Nº 1127814-5 SSP/ AC, residente e domiciliado (a) SERINHAL FLORESTA, COORDAÇÃO PRIMAVERA declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 23/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Raimundo Nonato

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Rio Branco/Ac
Xapuri/Acre 20/11/2011

Eu, RAMUNDO CLAUDIO GOMES MATEL, RG Nº 144602, SSP/Ac,
residente e domiciliado(a) em RIO BRANCO NA VITORIA, 63 CEP 68911-940
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 05/10/2011 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo ainda a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros.

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 22/07/2013

Eu, RAIMUNDO SOUSA DO NASCIMENTO, RG Nº 229949, SSP/ AC, residente e domiciliado (a) SERINBAZ BOA VISTA, WLOCAIP IANINDE II, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 23/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

RAIMUNDO SOUSA DO NASCIMENTO
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 14/06/2012

Eu, LUIZ TARGINO DE OLIVEIRA, RG N° (não possui), residente e domiciliado (a) Rua Dr. Batista de Moraes S/N – Xapuri-AC, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 07/10/2011 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 25/04/2013

Eu, ARLETE FERREIRA DA SILVA RG Nº 357419 SSP/ AC,
residente e domiciliado (a) COLOCAÇÃO ATAMIRA 3,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 19/05/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Arlete Ferreira da Silva Costa

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 23/04/2013

Eu, CECILIA FERREIRA DO NASCIMENTO, RG N° NÃO POSSUÍ, SSP/_____,
residente e domiciliado (a) LOBOCAMP FAZENDINHA / PNE CACHOEIRA,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 05/05/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Cecilia Ferreira do Nascimento

Assinatura do colaborador

OBS: COLABORADORA NÃO POSSUÍ RC.

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 30/04/2013

Eu, CLAUDIANA PEREIRA DE LIMA RG Nº 303014, SSP/ AC,
residente e domiciliado (a) SEMINAR FLORESTA COLOCADO
Sem Futuro 2,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 15/06/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Claudiana Pereira de Lima

Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Rio Branco/Acre 19/04/2013

Eu, DERCY TELES DE CARVALHO CUNHA, RG N° 150.214, SSP/AC, residente e domiciliado (a) Rua Dom Giocondo, 61 na cidade de Xapuri/AC, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 15/10/2011 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como a utilização das imagens gravadas sem restrições.

Dercy Teles de Carvalho Cunha
Assinatura do colaborador

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 23/04/2013

Eu, FRANCISCO TEIXEIRA MENDES, RG Nº —, SSP/ —,
residente e domiciliado (a) NA COLOCAÇA FAZENDINHA,
declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada
dia(s) 05/05/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade
Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser
usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito,
para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a
terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto
escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Francisco Teixeira Mendes

Assinatura do colaborador

OBS: COLABORADOR INFORMOU QUE NÃO DEU RG

CARTA DE CESSÃO

Xapuri/Acre 29/04/2013

Eu, EMILIA CAMPOS BARBOSA, RG N° 1123303-6 SSP/ AC, residente e domiciliado (a) SENAC CACHOEIRA COLOMPO CACHOEIRA, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada dia(s) 26/05/2012 para Carlos Estevão Ferreira Castelo, Professor da Universidade Federal do Acre/UFAC, aluno do Doutorado em História Social da USP, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo a transcrição da gravação para texto escrito, para uso sem restrições. Autorizo a audição da gravação e o uso das citações a terceiros. Autorizo ainda a transcrição da gravação em vídeo da entrevista para texto escrito, bem como utilização das imagens gravadas sem restrições.

Emilia Campos Barbosa

Assinatura do colaborador